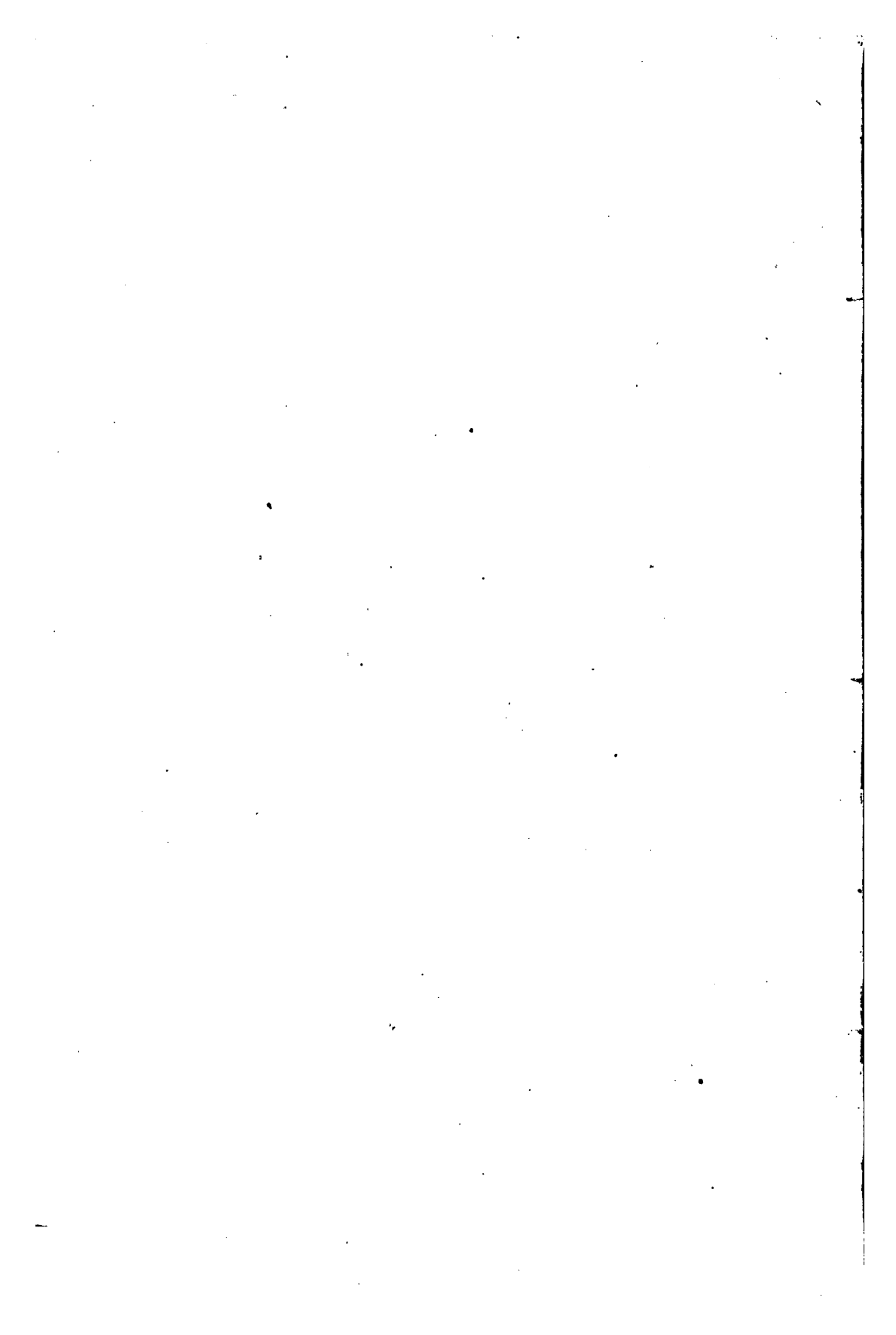
HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY.

HISTORIA

DA

GUERRA DO BRASIL

CONTRA

AS REPUBLICAS DO URUGUAY E PARAGUAY

CONTENDO

CONSIDERAÇÕES SOBRE O EXERCITO DO BRASIL E SUAS CAMPANHAS
NO SUL ATÉ 1852.
CAMPANHA DO ESTADO ORIENTAL EM 1865.
MARCHA DO EXERCITO PELAS PROVINCIAS ARGENTINAS.
CAMPANHA DO PARAGUAY.
OPERAÇÕES DO EXERCITO E DA ESQUADRA.
ACOMPANHADA DO JUIZO CRITICO SOBRE TODOS OS ACONTECIMENTOS QUE
TIVERAM LUGAR NESTA MEMORAVEL CAMPANHA.

Le vrai moyen d'eloigner la guerre et de conserver
une longue paix, c'est de cultiver les armes.
FÈNELON.

VOLUME II.

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE A. G. GUIMARÃES & C. — RUA DO SABÃO N. 26.

1870.

Nov. 13, 1923 —
Charles Lyon Chandler,
Philadelphia.

Typographia — PERSEVERANÇA — rua do Hospicio n. 91.

INDICE

DAS MATERIAS QUE CONTÉM ESTE VOLUME.

LIVRO I.

LIVRO II.

Continuação do exercito imperial em Montevidéo. —Ordem do dia do marechal J. P. Menna Barreto despedindo-se do exercito.— Recebimento na côrte da noticia do convenio de 20 de Fevereiro. — Demissão do conselheiro José Maria da Silva Paranhos. — Justificação do governo. — Reflexões sobre este acto. —Artigo extrahido do *Jornal do Commercio* de 12 de Março de 1865, em relação á guerra.— Parte interessante de um discurso do conselheiro Paranhos, extrahido da sua defeza. —Reflexões sobre os actos do governo.—Carta do general D. Venancio Flôres a Sua Magestade Imperial.—Carta de Sua Magestade Imperial ao general D. Venancio Flôres.— Protocollo addicional ao convenio de 20 de Fevereiro.— Continuação de um discurso do conselheiro Paranhos, extrahido da sua defeza.—Officio do governo de Montevidéo, com data de 14 de Março de 1865, ao conselheiro Paranhos sobre a sua exoneração.— Reflexões a este respeito. — Officio do governo imperial ao consul brasileiro em Montevidéo. — Despedida official do conselheiro Paranhos ao governo argentino. — Resposta do governo argentino. — Despedida ao governo oriental, e resposta d'este. — Carta do conselheiro Paranhos aos seus compatriotas.—O governo do Paraguay reclama do argentino a passagem para o seu exercito pelas provincias argentinas. —Resposta d'este governo.— Extracto do relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros de 1865, sobre a pretenção do governo do Paraguay.— Manifesto do conselheiro Paranhos.—Reflexões a este respeito.

LIVRO III.

Missão especial mandada ao Rio da Prata em Março de 1865.— Apresentação do novo ministro ao governo da Republica Oriental. —Apresentação do mesmo ministro ao governo da Republica Argentina.—Reflexões sobre os actos do ministerio de 31 de Agosto de 1864, em relação á alliança.—Tratado de alliança de 29 de Maio de 1851.—Analyse de comparação d'este tratado com o de 1865.— Convenção entre Inglaterra e França, para fazerem a guerra á Russia.—Tratado de alliança de 1865, entre o Brasil e a Republica Argentina.—Analyse das suas disposições.—Reflexões sobre os inconvenientes que resultaram d'aquelle tratado.—Art. 4.º das instrucções que deram os governos de Inglaterra e França aos generaes

que commandaram na Criméa.— Officio do ministro da guerra de França ao general Saint-Arnaud, sobre a campanha na Turquia e na Russia.—Acertadas medidas do governo francez.

LIVRO IV.

Invasão da provincia de Corrientes.—Marcha do exercito imperial para a margem do rio S. Francisco.—Estado sanitario do exercito n'este ultimo lugar.—Officio do general Manoel Luiz Osorio sobre a marcha que devia seguir o exercito.—Marcha do exercito imperial para Entre-Rios.—Operações navaes no rio Paraná. —Reflexões sobre estas operações.—Nota do ministro inglez em Buenos-Ayres, Thornton, dirigida ao Conde Russel, sobre o mesmo objecto.—Diario do chefe de divisão Barroso, dos movimentos da esquadra no rio do Paraná.—Ataque á cidade de Corrientes pelo general argentino Paunero e a esquadra brasileira.— Abandono d'aquella cidade.—Combate do Riachuelo.—Considerações sobre este combate.—Extracto do relatorio do ministerio da marinha sobre o mesmo combate.—Instrucções que se diviam ter dado antes,

LIVRO V.

Informações do exercito acampado em Daiman.—Officio do ex-ministro da guerra (Ferraz) ao general Manoel Luiz Osorio, exigindo informações sobre as faltas que havia no exercito.—Officio do general Manoel Luiz Osorio de 4 de Julho de 1865, sobre as difficuldades que encontrou na marcha.—Correspondencia de Buenos-Ayres sobre a demora da organisação do exercito imperial, e suas primeiras operações.—Marcha do general D. Venancio Flôres commandando uma divisão das tres armas para a margem direita do Uruguay.—Situação da esquadra no Paraná.—Estado do exercito no acampamento da Concordia.— A esquadra brasileira no Chimboral bloqueada pela bateria de Cuêvas.—Passagem da esquadra por baixo da bateria paraguaya de Cuêvas a 12 de Agosto de 1865.— Parte official do chefe da esquadra brasileira, da passagem por Cuêvas.—Reflexões sobre estes acontecimentos.

LIVRO VI.

Batalha de Yatay commandada pelo general D. Venancio Flôres

—Partes officiaes d'este combate.—Considerações sobre a batalha de Yatay.—Ordem do dia do ex-ministro da guerra (Ferraz) sobre este combate.—Estado da provincia do Rio Grande do Sul, considerada militarmente.—Correspondencia official dos chefes militares da provincia.—Aviso do ex-ministro da guerra (Ferraz) dando ordem para se defender a fronteira de Missões.—Officio do presidente ao ministro da guerra, dando conta do que tinha feito.—Officios do presidente da provincia ao ministro da guerra, sobre a approximação do exercito paraguayo, e da sua entrada na provincia.

LIVRO VII.

Continuação dos documentos officiaes.—Avisos do ministerio da guerra de Março, Abril e Maio, dando ordens que não se cumpriram.—Reflexões sobre estes acontecimentos.—Informações ministradas ao ministro da guerra pelos coroneis João Manoel Menna Barreto e Barão de Jacuhy sobre a possibilidade de se embaraçar a invasão paraguaya no Rio Grande.—Informação que deu o general João Frederico Caldwell, porque se não atacou o exercito paraguayo quando marchava na provincia.—Reflexões sobre estes acontecimentos.—Officio do ministro da guerra de 29 de Julho de 1865 ao Barão de Jacuhy.—Officios do mesmo ministro de 30 de Julho e 12 de Setembro de 1865, para remediar as faltas que achou no exercito em Uraguayana.

LIVRO VIII.

Documentos officiaes da invasão paraguaya no Rio Grande.—Reflexões que elles suggerem.—Officio do ex-ministro da guerra de 30 de Junho ao presidente do Rio Grande, sobre a entrada do exercito paraguayo n'aquella provincia.—Officio do general Caldwell ao ministro da guerra com as partes dos commandantes da 1.ª divisão e das 4 brigadas que deviam atacar o exercito paraguayo.—Reflexões sobre estes acontecimentos.—Relação da força armada existente na provincia do Rio Grande a 13 de Junho de 1865, assignada pelo secretario do presidente.—Officios do ex-ministro da guerra datados do Rio Grande, sobre differentes objectos.—Parecer das commissões de engenheiros sobre a possibilidade de se defender a provincia, e anniquilar o exercito paraguayo.

LIVRO IX.

Invasão paraguaya na fronteira brasileira do Uruguay desde seu principio até seu fim, pelo conego João Pedro Gay, vigario collado da freguezia de S. Borja.

LIVRO X.

Continuação do mesmo objecto até ao fim.— Acontecimentos interessantes na rendição de Uruguayana, e reflexões que os acompanham.— Apresentação do ministro inglez, Eduardo Thornton, a Sua Magestade Imperial.— Aviso do ex-ministro da guerra com data de 27 de Setembro da Uruguayana, mandado publicar em ordem do dia ao exercito, contendo a invasão do exercito paraguayo na provincia.— Reflexões sobre o que motivou este aviso.

LIVRO XI.

Marcha do exercito pela provincia de Corrientes.— Extracto do relatorio do ministerio da guerra de 1866, sobre a marcha do exercito.—Officios do ministro brasileiro no Rio da Prata ao governo imperial, sobre a campanha que devia principiar. — Correspondencia official do general Ozorio, sobre diversos objectos, e accordo dos generaes alliados.— Continuação da marcha do exercito pela provincia de Corrientes.— Retirada do exercito paraguayo da provincia de Corrientes, extrahida da correspondencia de Buenos-Ayres.— Posição da esquadra no Rio Paraná, extrahida da mesma correspondencia.— Entrada da vanguarda do exercito alliado e da esquadra em Corrientes.— Continuação da marcha do exercito alliado. — Reflexões sobre estes acontecimentos.— Movimentos da esquadra no Rio Paraná.— Chegada do exercito ao Riachuelo.— Comportamento do governo oriental com soldados brasileiros, no mez de Dezembro de 1865.— Officio do general Ozorio ao governo imperial, sobre a marcha do exercito.— Considerações sobre a marcha do exercito.

LIVRO XII.

Vapor paraguayo parlamentario com officio do presidente Lopez.— Diversos acontecimentos.— Sorpreza dos paraguayos ao exer-

LIVRO XIII.

LIVRO XIV.

LIVRO PRIMEIRO.

BLOQUEIO DE MONTEVIDÉO.

O marechal João Propicio Menna Barreto estabeleceu o seu quartel-general na Villa da União, onde esperou alguns corpos de infantaria que estavam em caminho para augmentar a força do exercito. O conselheiro José Maria da Silva Paranhos veio tambem residir n'aquella Villa, para estar proximo da praça que se devia cercar, e corresponder-se com o corpo diplomatico de Montevidéo. O commandante da esquadra brasileira alli fundeada communicou aos chefes das forças navaes estrangeiras no Rio da Prata, que ia ser bloqueado aquelle porto; o que fez pela circular com data de 2 de Fevereiro de 1865.

CIRCULAR AOS COMMANDANTES DAS ESTAÇÕES ESTRANGEIRAS.

« Commando em chefe da força naval do Brasil no Rio da Prata.—Bordo da corveta *Nitherohy*, 2 de Fevereiro de 1865.

« Transmittindo a V. Ex. cópia das notas que o enviado extraordinario de Sua Magestade o Imperador do Brasil, meu augusto soberano, em missão especial junto ao governo da Republica Argentina, acaba de dirigir ao mesmo governo e

aos seus collegas do corpo diplomatico residentes em Buenos-Ayres, julgo do meu dever occupar a attenção de V. Ex. por alguns momentos com uma exposição franca e succinta dos factos, que crearam a situação em que se acha actualmente o meu governo em relação ao de Montevidéo.

« Foram tantos e tão successivos os insultos e violencias que soffreram os Brasileiros estabelecidos em grande numero na campanha do Estado Oriental, que o governo imperial, para pôr termo a essa situação, já intoleravel, vio-se impellido a mandar uma missão especial fazer um ultimo appello amigavel ao governo oriental.

« Esta missão esforçou-se, como é publico e notorio para restabelecer a paz na sociedade oriental, que se dilacerava em uma lucta civil, tão perniciosa a ella como aos neutros, e principalmente ao Brasil, pelas circumstancias de ser uma nação limitrophe, e possuir radicados no solo da Republica valiosos interesses, e uma grande e rica população.

« Assegurada esta paz, seria facil chegar a uma solução, da questão internacional que foramos obrigados a levantar, honrosa e digna para os dous paizes, cujo interesse é cultivar as mais estreitas relações, pela reciproca vantagem que disto resulta para ambos.

« Tódo o nobre empenho do illustrado enviado brasileiro, naufragou de encontro á obstinação e cegueira do Presidente da Republica e de seu governo, que não queria senão o triumpho exclusivo das suas idéas, e de seus partidarios, negando toda a attenção ás justas reclamações de um governo amigo, que se de alguma cousa póde ser accusado, é de longanimidade e paciencia, por não querer logo lançar mão das medidas extremas, a que o obrigavam, para salvar sua honra e dignidade offendidas.

« Desenganado por fim de chegar a um accordo com esse governo que vivia criando-se illusões, o enviado brasileiro apresentou o seu *ultimatum* em que declarava solemnemente que se o Brasil não recebesse as satisfações a que tinha incontestavel direito, far-se-hia justiça por suas proprias mãos, encarregando as suas forças de mar e terra de fazer represalias, e mesmo de augmentar a gravidade das medidas que iam ser autorisadas, se a attitude que assumia fosse insufficiente para alcançar tudo quanto em nome d'elle solicitara pela nota de 18 de Maio.

« Nem a discussão nem a ameaça produziram effeito algum no animo apaixonado do governo de Montevidéo, que tomou a grave resolução de devolver aquelle *ultimatum* com uma nota ousada; razão porque o enviado brasileiro se retirou, expedindo as ordens a que acabo de alludir á esquadra e ao exercito, encarregados da ardua missão de empregar medidas coercitivas contra o dito governo; e conscío do pensamento do meu governo, que queria que só elle soffresse as conse-

quencias penosas d'estas medidas, exigi primeiro quo o vapor de guerra *General Artigas*, que estava n'este porto, e que se empregava na conducção de tropas e artigos bellicos ficasse n'elle immobilisado.

« Levada esta exigencia ao conhecimento do presidente Aguirre, pelo ministro residente do Brasil, S. Ex. annuio promptamente a ella, e até agradeceu a benevolencia do que eu dava provas. Animado por esta acquiescencia, de que me parecia indicar um movimento approximativo e um desejo de proceder rasoavelmente, exigi que se expedisse ordem a todas as autoridades para dar aos Brasileiros a protecção que lhes garantem as leis da Republica; e ao mesmo tempo reclamei que se desse baixa a todos aquelles que estivessem violentados no serviço do exercito oriental.

« Obtive promessas de que se dariam logo estas providencias; mas tive o dissabor de reconhecer que eram illudidas com futeis pretextos que revelavam o intento de se ganhar tempo para desmoralisar a acção do Brasil, que se não fazia sentir com aquelle vigor necessario. E tanto era este o empenho que a propria imprensa official o revelou, declarando que não nos animavamos a pôr em execução as nossas ameaças.

« Era conveniente obrar com mais vigor, e declarei então que queria tambem que o vapor *Villa del Salto*, que se achava no rio Uruguay, fretado para serviço do governo, ficasse inutilisado em um de seus portos. Tive uma recusa a esta exigencia, e vi-me na forçosa obrigação de o mandar apprehender, na conformidade do aviso que previamente mandei fazer ao proprio presidente Aguirre.

« Sabe-se perfeitamente qual foi a causa d'esta recusa, de proposito planejada pelo circulo exaltado, que ia-se apoderando da direcção do governo, para ver se por meio d'ella, e do conflicto que resultaria com a nossa esquadra, se manifestara o pronunciamento das provincias argentinas de Corrientes e Entre-Rios, que occultamente se promovia, e o da Republica do Paraguay.

« Não obstante, porém, o incendio desnecessario d'este vapor e a deliberação do governo de Montevidéo, de dar os passaportes ao ministro residente do Brasil, cassar o *exaquatur* aos agentes consulares, e cerrar os portos da Republica aos navios de guerra brasileiros, nem o Paraguay se moveu então, limitando-se a renovar as suas ameaças, nem as ditas provincias que se conservaram fieis á autoridade nacional. Entretanto a situação se complicava, cada vez mais, e exigia que as medidas coercitivas se fossem aggravando conforme o governo imperial tinha annunciado.

« Até então o governo de Montevidéo pouco tinha soffrido por effeito das represalias, e além das mesmas offensas que nos irrogava, nos provocava inimigos por toda a parte, pertubando a paz d'este continente de uma maneira deploravel,

e preparando por suas tenebrosas machinações uma conflagração geral que envolveria quatro dos principaes Estados da America do Sul. Já não se podia abrigar a esperança de chamar á razão e á justiça este governo, inteiramente allucinado e se tornava indispensavel o recurso ás armas. Por força d'estas considerações, foi resolvido o ataque das praças do Salto, e Paysandú, para d'ellas desalojar as autoridades dependentes do dito governo.

« Desejando evitar que n'estes pontos se accumulassem recursos de guerra, que tornassem esta operação mais difficil, e causassem um inutil derramamento de sangue, tive a honra de dirigir aos Srs. agentes diplomaticos em Montevidéo, com cuja imparcialidade devia contar, uma circular confidencial, pedindo a cada um d'elles que no interesse de todos prohibisse o transporte de artigos bellicos nos navios mercantes da sua respectiva bandeira, assim o de tropas, visto que eram os unicos que se occupavam então n'este serviço. Por esta occasião lhes annunciei a resolução do governo imperial.

« Mal comprehendido por elles o meu pensamento, talvez porque não fui assaz explicito em minha nota, tive o desgosto de receber uma resposta negativa, na qual se me emprestava a intenção de querrer arrogar-me o direito de visita, e vi-me obrigado a empregar um meio mais forte para chegar ao mesmo resultado. Este meio foi o bloqueio dos portos do Salto e Paysandú, notificado por circular de 26 de Outubro ultimo.

« Todos conhecem os effeito benignos d'este bloqueio, em que não se fez uma só presa, e em que houve da parte da esquadra brasileira toda a indulgencia e contemplação para neutros, como testémunharam os navios de guerra das diversas estações que se achavam no centro de sua acção, por me convir mesmo que estivessem presentes.

« Chegada a occasião opportuna de tomar a praça de Paysandú, todos sabem qual foi o procedimento das forças imperiaes, alliadas ás do general Flôres, que partindo de um caminho mui differente, se achava pelo curso dos acontecimentos ligado comnosco no fim commum de hostilisar o governo de Montevidéo.

« Antes de disparar um só tiro contra aquella praça o general Leandro Gomes, que a commandava, e contra o qual tinhamos então as mais vivas queixas, não só por ter alli mesmo mandado surrar publicamente um brasileiro que forçara ao serviço das armas, como por capitanear elle mesmo os bandos que vinham ao porto quasi todas as noites insultar-nos com uma musica á frente; recebeu uma notificação do commandante do exercito libertador, propondo-lhe a entrega d'ella com a condição de ser concedida a elle e a todos os officiaes as honras da guerra.

« A resposta que aquelle general deu a esta humana e digna proposição, foi mandar disparar dous tiros sobre o inoffensivo parlamentario.

« Esgotado o praso concedido ás familias para a evacuação da praça, começaram as operações da guerra, nas quaes todo o meu empenho, e o do general do exercito libertador, foi causar o menor mal possivel á povoação.

« Ainda depois de reforçadas as forças alliadas com uma divisão do exercito imperial de 7,000 homens, novas propostas com as mesmas condições honrosas foram apresentadas ao chefe orgulhoso e pertinaz que commandava em Paysandú, que não seenvergonhava de confessar em suas partes officiaes que tinha recebido os parlamentarios á bala, e que havia passado pelas armas os prisioneiros que tinham tido a infelicidade de cahir em seu poder. Fôra longo enumerar os actos de barbaridade praticados durante o sitio de Paysandú, por este homem que fazia alarde em desrespeitar as leis da guerra, tão solemnemente observadas pelos seus adversarios cujo procedimento humano e compassivo formava com o d'elle um perfeito contraste. Basta citar um que dá a medida de todos os outros, e que revela a sorte que teriam os sitiadores, se por uma fatalidade a victoria coubesse a um adversario tão cruel.

« Um tambor da canhoneira *Ivahy*, que fazia parte da guarnição da bateria de marinha estabelecida na Boa-Vista, extraviou-se e cahio em poder dos sitiados. No dia seguinte se via na bateria a cabeça d'este infeliz em cima de um poste, collocado em uma posição da qual se podia perfeitamente reconhecel-o, pela pequena distancia em que se achava aquella bateria dos postos avançados do inimigo. E' difficil descrever o horror e a indignação dos companheiros d'aquelle desgraçado, que protestaram vingar-se dos assassinos que tinham em frente.

« Todavia era tão intenso o desejo de poupar maior effusão de sangue, e de diminuir as desgraças da guerra, que todas as tentativas de mediação que appareceram encontraram sempre benevolo acolhimento da parte dos chefes das forças alliadas. Estes esforços generosos, porém, não aproveitaram á guarnição de Paysandú por causa da tenacidade criminosa de seus chefes, unicos responsaveis por todos os males que ella soffreu.

« Foi preciso tomar a praça a fogo e sangue, com perdas bastante dolorosas para os sitiadores, que ainda n'este momento supremo de exasperação mostraram a grandeza dos principios pelos quaes combatiam, e a nobreza do seu caracter.

« Numerosos officiaes e muitos soldados, aprisionados com as armas na mão, foram generosamente postos em liberdade pelos vencedores, que tiveram um momento de bem vivo prazer, quando ouviram as exclamações de ardente reconhe-

cimento e gratidão que elles publicamente manifestaram a seus magnanimos adversarios, de que muitos já se esqueceram calumniando-nos em partes officiaes, que correm impressas, para vergonha dos seus autores, ou tomando novamente as armas contra aquelles.

« O governo de Montevidéo, entretanto que abandonara aquelles seus defensores á sua sorte, entregava-se na capital aos maiores excessos contra o Brasil, e os Brasileiros n'ella residentes, aos quaes tem pretendido obrigar a tomar até as armas contra sua patria.

« Todos estes actos justificam as hostilidades que o Imperio faz actualmente ao mesmo governo, que alliando-se á Republica do Paraguay, e impellindo-a a declarar-nos a guerra, é responsavel pela invasão barbara que as forças d'aquella Republica acabam de operar na indefeza provincia de Matto Grosso, que repousava tranquilla na fé dos tratados subsistentes entre os dous paizes.

« Taes são, Sr. contra-almirante, as razões fortes e ponderosas que obrigam o governo imperial a vir tomar um desforço digno de uma nação civilisada, de um governo que assim o tem provocado constantemente, e que se tem constituido em uma ameaça permanente para todos os interesses plantados n'estes paizes por sua alliança com todos os elementos do crime e da barbaria de que se cerca, e com que conta para sua defeza.

« E' não só uma reparação nacional que exigimos hoje com as armas na mão, como um acto de humanidade e civilisação a guerra que sustentamos contra um governo que queima tratados publicos, commissiona bandos de salteadores para incendiar, pilhar e assassinar povoações brasileiras da fronteira, e que publicamente espolia os estabelecimentos bancarios, e a população nacional e estrangeira.

« A missão, pois, do exercito e marinha imperial, unidos ao exercito libertador, ao apresentar-se em frente a Montevidéo, unico ponto da Republica Oriental que ainda não se submetteu á autoridade do distincto chefe da revolução oriental, que representa os principios de ordem e de liberdade para sua patria, está bem definida.

« No exercicio dos direitos da guerra que a lei das nações nos concede, temos a intenção de fazer o menor mal possivel aos interesses particulares, quer dos nacionaes, quer dos neutros, sem prejuizo, porém, das operações necessarias, que se hão de levar a effeito, para fazer o maior damno possivel ao inimigo, nos pontos que escolheu para sua defeza no centro da cidade; o que julgo conveniente levar ao conhecimento de V. Ex. com antecedencia, para tomar a resolução que lhe parecer mais util em relação aos seus compatriotas residentes na praça, que não póde resistir ás forças superiores que a vão atacar por terra e por mar.

« Devo ao mesmo tempo prevenir a V. Ex. que de hoje em diante fica bloqueado o porto de Montevidéo, e marcado o praso de sete dias, que serão contados desde já, para se retirarem os navios do ancoradouro interior e se pôrem em franquia, em posição que não embaracem as operações, podendo n'este ponto permanecer o tempo que precisarem para completar seus carregamentos, se tiverem de receber estes fóra da praça.

« Preenchido o fim a que me proponho, ao dirigir a V. Ex. esta communicação, que se dignará dar d'ella conhecimento, ao seu governo, aproveito a opportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos de minha subida consideração e apreço.

« Ao Sr. contra-almirante, commandante das forças navaes de....—*Barão de Tamandaré.*

CIRCULAR AOS AGENTES DIPLOMATICOS ESTRANGEIROS.

« Commando em chefe da força naval do Brasil no Rio da Prata.— Bordo da corveta *Nitherohy*, em Montevidéo, 2 de Fevereiro de 1865.

« Sr. Ministro.— Tenho a honra de communicar a V. Ex. para que se digne fazer constar aos seus compatriotas, que este porto se acha bloqueado desde hoje, em execução das ordens do governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil, e de accordo com o que acabo de declarar aos Srs. commandantes das forças navaes estrangeiras.

« Os motivos que justificam este acto de guerra, assim como os que se lhe vão seguir, acham-se amplamente explanados no manifesto que aos Srs. agentes diplomaticos residentes em Buenos-Ayres dirigio o Sr. enviado extraordinario do Imperio, conselheiro Paranhos, pedindo que dessem d'elle conhecimento aos seus respectivos collegas residentes em Montevidéo, e na nota que passei aos referidos commandantes. Em consequencia, aos navios que se acham fundeados no ancoradouro, concedo o prazo de sete dias, que será contado d'esta data, para se pôrem em franquia, em posição que não embaracem as operações que a esquadra do meu commando tem de fazer contra a praça, nem soffram algum damno do fogo d'ella, podendo n'este ponto permanecer o tempo que precisarem para completar seus carregamentos, se tiverem de receber estes fóra da mesma praça em pontos não occupados pelo inimigo, pois que a communicação com ella fica inteira e absolutamente vedada.

« E' meu intento só hostilisar aquellas posições que estiverem occupadas pelo inimigo e das quaes este faça fogo sobre nossas tropas. Todavia deve-se prever o caso de que elle se veja obrigado a refugiar-se no centro da cidade, e que haja necessidade

de desalojal-o d'esse ultimo refugio, fazendo uso de todos os meios permittidos na guerra.

« Attendendo a esta probabilidade, que rogo a V. Ex. faça observar aos seus compatriotas, julgo conveniente que V. Ex. lhes aconselhe que evacuem a praça quanto antes, não me sendo possivel marcar prazo, porque a situação presente já de ha muito é conhecida e esperada por todos os habitantes d'essa capital, e as operações não podem ser demoradas.

« Em todos os lugares occupados pelos alliados, encontrarão elles protecção e segurança para suas pessoas e bens. Escusado é certificar a V. Ex. que as forças alliadas tem as mais terminantes e positivas ordens, que hão de ser cumpridas, para respeitar as vidas dos nacionaes e estrangeiros que não estiverem em armas a favor do inimigo, e as propriedades não occupadas por elle; assim como para guardar a residencia de V. Ex. a cuja disposição tenho a honra de pôr um navio da esquadra do meu commando; se V. Ex. quizer retirar-se da mesma praça. Finalmente, devo declarar a V. Ex. que o general Flôres abrio o porto do Bucêo ao commercio nacional e estrangeiro, e que alli naturalmente se estabelecerá um mercado de aprovisionamento para todos que a elle concorrerem.

« Saúdo a V. Ex. com os meus protestos de consideração.

« A' S. Ex. o Sr.... — *Barão de Tamandaré.* »

Achando-se bloqueado o porto de Montevidéo desde 2 de Fevereiro pela esquadra brasileira, o commandante das forças navaes francezas, requisitou ao Barão de Tamandaré que espaçasse até ao dia 15 d'aquelle mez o prazo para os navios estrangeiros poderem sahir do ancoradouro; o que pedia tambem em nome do corpo diplomatico.

O Barão de Tamandaré annuio áquella requisição, attendendo aos interesses geraes do commercio e á conveniencia de salvar da praça o maior numero de familias possivel.

Para proseguir na descripção do bloqueio e sitio de Montevidéo, não achamos melhor documento do que a exposição que faz o conselheiro Paranhos a pag. 55 do seu primeiro discurso no senado.

« O bloqueio e sitio de Montevidéo não se tinham estreitado.

. . . .

« O nosso almirante reconhecia a conveniencia de evitar-se o bombardeamento de Montevidéo, se por outro modo podessemos obter uma solução honrosa. Na intimação do bloqueio comprometteu-se elle a não fazer fogo senão para os pontos d'onde fossemos atacados; e esta promessa, que era

aconselhada pelo grande interesse que havia em poupar o mais possivel a cidade de Montevidéo, não foi desapprovada pelo governo imperial, posto que alguns agentes estrangeiros, ao que parece, entendessem que renunciavamos ao direito de fazer algum desembarque, para collocar o nosso inimigo entre dous fogos. Pelas suas relações com os chefes das forças navaes estrangeiras, o nosso almirante concebeu desde o principio a esperança de um arranjo pacifico, e desejava-o. Todas as prorogações do prazo do bloqueio foram concedidas por elle, de seu proprio arbitrio, sem que eu podesse ser ouvido, porque estava a principio na cidade de Buenos-Ayres, e depois na Villa da União, onde a minha communicação com a esquadra era demorada. O sitio tambem não se estreitou, porque o exercito imperial não estava ainda inteiramente preparado, e o nosso general de terra, sempre prudente, receiava que a approximação dos sitiadores troxesse-lhes alguma provocação da parte da praça, que precipitasse o ataque. Quem estava nas avançadas do lado dos sitiadores eram pela maior parte forças do general Flôres.

« Depois de 20 de Fevereiro aqui se disse, e era muito facil dizel-o, que a praça de Montevidéo não era como a de Paysandú, que não poderia resistir. A verdade, porém, é que da praça sahiam todos os dias guerrilhas, que por mais de uma vez puzeram em movimento o nosso exercito. Havia em Montevidéo um partido disposto a resistir a todo custo; elles tinham estabelecido depositos de polvora em varios pontos da cidade, para produzirem explosões á medida que fossem recuando das posições mais avançadas. A guarnição de Montevidéo era numerosa, dirigida por chefes habeis, e composta de homens fanaticos excitados pelo odio da guerra civil, e pelo odio á invasão estrangeira. O ataque de Montevidéo, ouvio mais de uma vez ao bravo general Osorio, não nos custaria menos de 2,000 homens. Venceriamos sem duvida alguma, mas com esta effusão de sangue.

« Taes eram as circumstancias quando nos primeiros dias de Fevereiro fui chamado a toda a pressa de Buenos-Ayres pelo nosso almirante, para ouvir as proposições de paz que se annunciavam como muito proximas. Entretanto eu não julgava provavel que Montevidéo chegasse a um accordo sem trocar os primeiros tiros. Era esta a minha convicção, quando no dia 16 de Fevereiro, já estando em nosso acampamento militar, em companhia do general Flôres, do nosso almirante e do general Barão de S. Gabriel, recebi uma carta do ministro de Sua Magestade o Rei de Italia, fallando-me em propostas de paz.

. . . .

« — Particular.— Montevidéo, 16 de Fevereiro de 1865.

« — Sr. Conselheiro.—Tomo a liberdade de dirigir-me a V. Ex. para pedir-lhe uma entrevista com a maior brevidade possi-

vel. Estou encarregado de fazer a V. Ex. communicações que no meu pensar, poderiam ter as mais felizes consequencias, para todos. Em attenção ás importantes mudanças que acabam de verificar-se em Montevidéo, espero que V. Ex. fará suspender por emquanto todo e qualquer acto de hostilidade. O novo presidente acaba de ordenar que não se dispare um só tiro de fuzil, e que o porto e a cidade sejam abertas a todos indistinctamente, para entrarem e sahirem. Creio que a nossa entrevista, se V. Ex. não achar n'isso inconveniente, poderia verificar-se a bordo de um navio neutro, quer argentino, quer francez, quer inglez, ou italiano, como approuver a V. Ex. Por terra haveria muito estrepito.

« No entretanto aproveito esta occasião para renovar a V. Ex. a segurança dos sentimentos de minha mais alta consideração.

« —A S. Ex. o Sr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos.—*R. Ulysses Barbolani.*— »

« Depois de ouvir o parecer do general Flôres e dos nossos generaes, respondi a essa communicação nos seguintes termos.

« — Particular. — Villa da União, em 16 de Fevereiro de 1865.

« — Sr. Ministro.—Apresso-me a responder á carta particular que V. Ex. se dignou dirigir-me hoje, e que n'este momento, 6 horas da tarde, me foi entregue por um subdito italiano, segundo a declaração do mesmo portador. V. Ex. diz que está encarregado de fazer-me communicações que poderiam ter, no pensar de V. Ex., consequencias as mais felizes, para todo o mundo. Pede-me que faça suspender todo o acto de hostilidade em attenção ás mudanças importantes que acabam de ter lugar na cidade de Montevidéo, e ás ordens dadas pelo novo presidente, para que se não dispare um só tiro de fusil, e se permitta a todos a livre entrada e sahida por mar e por terra. Finalmente V. Ex. propõe-me que nossa entrevista tenha lugar a bordo de qualquer navio neutro, por que em terra o desejado encontro causaria muito estrepito.

« — Sinto não poder prestar-me aos desejos de V. Ex. nos termos precisos que me prescreve. V. Ex. não me diz por quem se acha encarregado das communicações a que allude; e eu ignoro tambem as mudanças que se operaram em Montevidéo, e o caracter que ellas podem ter com relação ao estado de guerra, ém que se acha o Brasil com o governo de Montevidéo. As declarações officiaes do meu governo não podiam ser mais francas, nem os motivos mais graves, nem os seus legitimos propositos mais explicitos.

« — O Brasil, faz hoje guerra ao seu inimigo, em alliança com o illustre general Flôres, que representa a grande maioria da nação oriental. V. Ex. não attendendo a esta importante consideração, parece prescindir do concurso d'aquelle general,

no momento em que nos solicita uma suspensão de todo o acto de hostilidade. V. Ex. representante de uma nação amiga do Brasil, exclue para a nossa entrevista, assim o territorio brasileiro representado por qualquer de nossos navios de guerra como aquelle em que se acha esta legação.

« — Espero que V. Ex. ha de reconhecer que eu não posso em taes circumstancias, prometter-lhe uma suspensão de hostilidades, com quanto saiba que os generaes das forças alliadas não projectam usar de suas armas de hoje para amanhã. A entrevista com que V. Ex. me quer honrar póde entretanto verificar-se; mas eu devo rogar a V. Ex. que se digne vir a minha residencia na villa da União, para onde V. Ex. poderia dirigir-se com toda a segurança, acompanhado por um piquete do exercito imperial, que eu poria á sua disposição.

« — Cumprindo d'este modo o dever em que me collocou a carta de V. Ex. aproveito a opportunidade, para renovar-lhe os protestos de minha mais alta consideração.

« — A S. Ex. o Sr. R. Ulysses Barbolani, ministro residente de Sua Magestade o Rei da Italia. — *José Maria da Silva Paranhos*. — »

« A esta carta em que vê o senado não mostrei soffreguidão por evitar o ataque de Montevidéo, por chegar a um accordo pacifico; a esta carta em que fallei linguagem muito digna do Brasil, respondeu o ministro italiano em data de 17 de Fevereiro.

« — Particular.— Montevidéo, em 17 de Fevereiro de 1865.

« — Sr. Conselheiro. — Sinto extremamente que, por causa da precipitação com que escrevi a carta que tive a honra de dirigir a V. Ex. em data de hontem, e de que nem mesmo guardei cópia, não tivesse explicado bem as minhas intenções. Acreditava que V. Ex. sabia da cessação do governo do Sr. Aguirre, e da nomeação do Sr. Villalba, o que tem uma significação muito importante nas actuaes circumstancias.

« — As communicações que terei a honra de fazer a V. Ex. são por parte do Sr. Villalba, e dos meus collegas do corpo diplomatico. Não podia estar nas minhas intenções fazer abstracção do Sr. general Flôres, pois que elle deve ser parte essencial nas negociações; o meu primeiro cuidado teria sido pedir a sua intervenção desde a nossa primeira entrevista. Representante de uma potencia amiga do Brasil, e guardando as melhores recordações da minha residencia no Rio de Janeiro, não era por mim que eu teria desejado encontrar-me com V. Ex. em um terreno neutro.

« — Era sómente por consideração por este governo junto ao qual estou acreditado, e que está infelizmente em estado de guerra com o governo de Sua Magestade o Imperador. Todavia acceito com prazer o amavel convite de V. Ex. e á 1 hora pôr-me-hei a caminho para a villa da União. Entre-

tanto rogo a V. Ex. aceite a segurança de minha mais alta consideração.

« A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos. — *R. Ulysses Barbolani.* — »

« Depois o mesmo ministro italiano dirigio-me a seguinte communicação.

« — Particular.— Reservada.— Montevidéo, 17 de Fevereiro de 1865.

« — Sr. Conselheiro.— Expeço o Sr. Minelli que gosa de toda a minha confiança, e que dará verbalmente esclarecimentos a V. Ex. O meu objecto principal é fazer constar a V. Ex. que amanhã de manhã cedo chegará á União o Sr. Juan Ramon Gomez, como commissionado do Sr. Villalba para regular as bases.

« — Rogo a V. Ex. aceite as seguranças de minha mais alta consideração.

« — A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos. — *R. Ulysses Barbolani.* — »

« Estas aberturas de paz, annunciadas pelo ministro de Italia, tem uma explicação que devo dar desde já. O corpo diplomatico residente em Montevidéo, parecia prevenido contra o Brasil; e este seu procedimento, que tomamos como hostil, tinha alguma razão plausivel, como antes observei, nos factos que precederam a nossa declaração formal de guerra, além do pendor que é natural da parte dos agentes diplomaticos, para favorecerem em taes circumstancias aos governos junto aos quaes estão ha muito tempo acreditados, em cuja sociedade se acham muito relacionados.

« Desde, porém, que definimos franca e precisamente a posição do Brasil relativamente ao governo de Montevidéo, e collocamos a questão no terreno largo do direito das gentes, os agentes diplomaticos comprehenderam quaes eram as disposições do Brasil, viram que tudo nellas era confessavel, e as julgaram justificadas. Desde esse momento deixaram de dar ao governo de Montevidéo o apoio moral que lhe haviam prestado, ou o foram retirando pouco a pouco; de sorte que no desenlace da questão esse mesmo corpo diplomatico, sem divergencia, servio-nos de util auxiliar.

« O Sr. Barbolani fez-me as seguintes aberturas, participando-me da parte do Sr. Villalba as disposições pacificas em que este se achava: declarou que o novo presidente de Montevidéo desejava evitar nova effusão de sangue em seu paiz, e as calamidades de que a capital da Republica se achava ameaçada; que desejava abrir as portas da cidade a seus sitiadores, uma vez que honrassem este seu procedimento.

« O Sr. Barbolani deu-me a entender, que o Sr. Villalba esperava ser reconhecido como governo legal da Republica, pelo Brasil e pelo general Flôres; que esta era a base da

sua solução pacifica. Ouvio, porém, do ministro do Brasil e do general Flôres, que sobre semelhante base não havia accôrdo possivel, e retirou-se nesta convicção.

« No dia seguinte o Sr. Villalba enviou dous commissarios os Srs. Juan Ramon Gomez, actual ministro da fazenda da Republica, e Miguel Martinez, senador da Republica; dous cidadões orientaes muito respeitaveis pelo seu caracter e pelos seus principios de ordem, amigos particulares do general Flôres, e tambem meus conhecidos desde 1852.

« Estes dous commissarios não vinham para negociar, mas para manifestar as disposições do governo de Montevidéo, e sondar as dos alliados. N'essa conversação particular confirmaram elles a pretenção do reconhecimento do Sr. Villalba como presidente legal da Republica, e discorreram muito n'este sentido, invocando os principios de ordem e respeito á constituição; ficaram tambem desenganados de que não era possivel semelhante concessão; não pela pessoa do Sr. Villalba, que era digno de toda a consideração, mas porque a sua eleição tinha uma origem viciosa; elle era governo de facto, como o general Flôres, e nós estavamos na posição de vencedores e não de vencidos.

« E' evidente que o reconhecimento do Sr. Villalba como Presidente da Republica, pareceria aos olhos de todos um triumpho do partido blanco, e não dos alliados. Depois d'estas aberturas confidenciaes, o Sr. Villalba enviou outro commissario, o Sr. Dr. Manoel Herrera y Obes, senador da Republica, munido de poderes e instrucções para chegar a um accordo com o general Flôres e commigo. D'essas conferencias resultou o acto de 20 de Fevereiro.

. . . .

« Convencido de que não podia ser reconhecido no caracter de Presidente da Republica, elle encarregou ao seu negociador de obter as seguintes condições:

. . . .

« Depois d'essa proposta e das recusas dos alliados, o Sr. Villalba collocou-se na posição de vencido, e aceitou-a de bom grado; não pedio senão que fossemos generosos; que honrassemos a missão de paz, a que elle se tinha dedicado, dando garantia de vida e de propriedade aos vencidos, e assegurando logo que as circumstancias da Republica o permittissem, o restabelecimento da sua ordem constitucional. E tanto importa o que se acha estipulado no convenio de 20 de Fevereiro.»

Antes do dia 15 de Fevereiro, em que o senado elegeu outro presidente, o governo de Aguirre estava ou fingia estar resolvido a combater até ao ultimo homem, apesar das representações do corpo diplomatico, e dos subditos francezes

e inglezes, para que não se sacrificassem vidas e propriedades n'uma resistencia inutil; exigio que o corpo diplomatico auxiliasse a defeza da praça, no caso de ser atacada por mar; teve em resposta que as estações estrangeiras não podiam impedir a acção do Brasil; então mandou aquelle governo destruir os caes de desembarque: a policia perseguia os Orientaes que não eram do partido do governo, e os obrigava á defesa.

A imprensa publicava que um exercito paraguayo de 20 mil homens vinha em soccorro do governo e invadir a provincia brasileira do Rio Grande; que não fazia sahir as suas tropas da praça, porque esperava que o exercito paraguayo se approximasse; esse exercito que esperavam, foi o que mais tarde invadio Corrientes.

Para aquelle governo entreter a opinião publica da gente que o sustentava, mandou arrastar a bandeira brasileira pelas ruas de Montevidéo no dia 9 de Fevereiro, como já mencionamos. Entretanto conservava-se o bloqueio.

— E' digno de nota e talvez sem exemplo nos annaes maritimos (disse um correspondente de Montevidéo), fazer-se dous bloqueios sem tomar uma só preza. E' um progresso realisado no direito maritimo que satisfaz as aspirações do Brasil, que a propriedade no mar seja tão respeitada como em terra.

A nossa marinha de guerra executando esse penoso serviço, em um porto como o de Montevidéo, com tanta delicadeza e attenção, juntou mais um louro ao que já adquirio n'esta luta no campo da batalha, e mostrou-se apta para todos os deveres da sua profissão.—

Da conferencia, na Villa da União, entre o nosso ministro, o general Flôres e o Dr. Manoel Herrera y Obes, resultou chegar-se a um accordo, como se vê do protocollo que se segue:

PROTOCOLLO DA NEGOCIAÇÃO DE PAZ, NA VILLA DA UNIÃO.

« Havendo S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, como presidente reconhecido por um dos belligerantes, manifestado a

S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres como chefe reconhecido pela outra fracção dos Orientaes, e a S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, como representante diplomatico do Brasil, seus desejos de fazer cessar quanto antes a guerra interna e externa em que se acha a Republica, evitando-se, se é possivel, nova effusão de sangue e novas desgraças entre irmãos, e uma nação vizinha, cuja amizade deve ser um empenho honroso e grato para ambos os governos.

« E tendo S. Ex. o Sr. ministro residente de Italia, Raphael Ulysses Barbolani, ao annunciar esses pacificos, illustrados e patrioticos sentimentos de S. Ex. o Sr.. D. Thomaz Villalba, declarado que o fazia por encargo d'este e em nome de todo o corpo diplomatico de Montevidéo, o solicitado para a negociação de paz uma suspensão de armas como reciprocidade do que por parte de um dos belligerantes já se havia ordenado á guarnição da praça de Montevidéo.

« Foi esta medida ordenada por parte de S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, e de SS. EEx. os Srs. vice-almirante Barão de Tamandaré, e marechal João Propicio Menna Barreto, generaes em chefe da esquadra e exercito do Brasil, e se manifestou ao mesmo tempo pelos orgãos competentes dos belligerentes alliados, que as aberturas de paz feitas por parte do outro belligerante seriam acolhidas com o mais sincero desejo de evitar á capital da Republica, se fosse possivel, as tristes consequencias de um assalto.

« Verificando-se no dia seguinte ao d'aquellas aberturas de paz, que tiveram lugar em 16 do corrente mez de Fevereiro, a enviatura de S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, como orgão e negociador autorisado por S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, para propôr e ajustar as condições de paz que ambos os belligerantes desejavam celebrar antes de um novo recurso ás armas; reuniram-se n'esta Villa da União SS. EEx. os Srs. brigadeiro general D. Venancio Flôres, conselheiro José Maria da Silva Paranhos e D. Manoel Herrera y Obes, para entenderem-se sobre tão importante assumpto.

« Entre S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, e S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, foram ajustados os seguintes artigos de reconciliação e de paz, pelo que toca á dissidencia entre os Orientaes.

« Art. 1.° Fica felizmente restabelecida a reconciliação entre a familia oriental, ou a paz e boa harmonia entre todos os seus membros, sem que nenhum d'elles possa ser accusado julgado nem perseguido por suas opiniões ou actos politicos e militares, praticados na presente guerra. Por conseguinte, desde esse momento, fica em vigor a igualdade civil e politica entre todos os orientaes; e todos elles no pleno goso

das garantias individuaes, e direitos politicos que lhes concede a constituição do Estado.

« Art. 2.° São exceptuados das declarações do artigo precedente, assim os crimes e delictos communs, como os politicos, que possam estar sujeitos á jurisdicção dos tribunaes de justiça, por seu caracter especial.

« Art. 3.° Emquanto não se estabelece o governo e perfeito regimen constitucional, o paiz será regido por um governo provisorio presidido por S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, com um ou mais secretarios d'estado responsaveis, livremente escolhidos pelo mesmo Sr. general e demissiveis *ad nutum*.

« Art. 4.° As eleições, tanto para deputados e senadores, como para as juntas economico-administrativas, terão lugar o mais brevemente possivel, e logo que o estado interno do paiz o permitta, não devendo em caso algum deixar na época designada na lei.

« Em ambas as eleições proceder-se-ha pelo modo e fórma que as leis especiaes tem determinado, afim de assegurar-se a todos os cidadãos, as mais amplas garantias para a liberdade de seus votos.

« Art. 5.° Ficam reconhecidos todos os gráos e empregos militares, conferidos até a data em que seja assignado o presente convenio.

« Art. 6.° Todas as propriedades das pessoas compromettidas na contenda civil, que tiverem sido occupadas ou sequestradas por disposições geraes ou especiaes, das autoridades contendoras serão immediatamente entregues a seus donos, e collocadas sob a garantia do art. 144 da constituição.

« Art. 7.° Immediatamente depois de concluido o presente convenio, todos os guardas nacionaes que se acham no serviço activo de guerra serão licenciados, e suas armas recolhidas e depositadas, na fórma do costume nas repartições competentes.

« Art. 8.° O presente convenio se considerará definitivamente concluido, e terá immediata e plena execução, logo que conste de uma maneira authentica, sua aceitação por parte de S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, a qual será dada e communicada dentro de 24 horas depois de firmada pelos negociadores.

« Ouvido o Sr. ministro de Sua Magestade o Imperador do Brasil, a respeito dos sobreditos artigos, declarou S. Ex. que o accordo celebrado pelo alliado do Imperio não podia ser senão applaudido pelo governo imperial, que n'elle veria bases razoaveis e justas para a reconciliação oriental, e solida garantia dos legitimos propositos que obrigaram o Imperio á guerra que felizmente ia cessar.

« Tendo sido antes offerecida ao Brasil por S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres como seu alliado, a

justa reparação que o Imperio havia reclamado anteriormente á guerra, e confiando plenamente o governo imperial no amigavel e honroso accordo constante das notas de 28 e 31 de Janeiro ultimo, espontaneamente iniciado pelo illustre general que vai assumir o governo supremo de toda a Republica; o representante do Brasil declarou, que nada mais exigia a esse respeito, julgando que a dignidade e os direitos do Imperio ficam resalvados sem menor quebra da indipendencia e da integridade do da Republica, e de harmonia com a politica pacifica e conciliadora que se ia inaugurar n'este paiz.

« S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes declarou, que lhe era grato ouvir os sentimentos moderados justos e benevolos, que S. Ex. o Sr. ministro do Brasil tem expressado a respeito da nação oriental; que folgava de reconhecer que no accordo contido nas notas a que se refere o Sr. ministro, e cujas copias authenticas lhe agradecia, nada ha que não seja honroso para ambas as partes, e que sendo este accordo um compromisso, cuja satisfação caberá ao governo provisorio, do qual será chefe o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, elle não podia offerecer a menor difficuldade á celebração da paz entre os Orientaes, e entre estes e o Brasil.

« E achando-se todos concordes no presente protocollo, lavraram tres exemplares, que foram firmados pelos negociadores.

« Feito na Villa da União, aos 20 dias do mez de Fevereiro de 1865.—*Venancio Flôres.*—*José Maria da Silva Paranhos.*—*Manoel Herrera y Obes.* »

O GENERAL D. VENANCIO FLÔRES PROCLAMADO GOVERNADOR PROVISORIO.

De accordo com estas condições contidas no convenio, o general Flôres foi logo proclamado governador provisorio da Republica, e por elle foi autorisado para referendar os despachos seu secretario D. José Candido Bustamante.

Para principiar a executal-as, Villalba mandou desarmar o 1.° batalhão da guarda nacional, que era o mais exaltado, e o da marinha; demittio o coronel Palomeque, que fugio levando a bandeira da capitania do porto. No dia 21 entrou na praça o general Caraballo com 400 homens das forças de Flôres; guarneceu os postos militares e ficou como governador.

Villalba antes de entregar a autoridade a Flôres, publicou o seguinte decreto:

« Resultando de todos os antecedentes relativos á missão

diplomatica junto do governo do Paraguay, que ella não deu resultado algum nem tem objecto de utilidade publica, contribuindo, pelo contrario, para entorpecer as boas relações do governo da Republica com outros governos.

« Resultando dos mesmos antecedentes que não existe pacto nem compromisso formal entre o governo da Republica e o do Paraguay, que os obrigue a seguir uma linha de conducta estabelecida; e considerando que o erario publico tem que attender a necessidades de interesse vital e de outra importancia, do que a que tem a missão diplomatica indicada, não autorisada além d'isso pelo poder legislativo. O poder executivo decreta :

« — Art. 1.º Cessa em suas funcções de agente diplomatico junto do governo do Paraguay o Dr. D. José Vasques Sagastume.

« — Art. 2.º Supprime-se a legação que o dito agente desempenhava. — »

Um correspondente de Montevidéo tratando do convenio disse :

— O Sr. conselheiro Paranhos approveitou-se habilmente da situação, e com o seu tino e notavel talento completou a obra encetada e tão adiantada no terreno militar, realizando uma paz honrosa e digna para o Imperio, e prestando-lhe assim um relevantissimo serviço, porque livrou-nos do inimigo mais perigoso que tinhamos, não tanto por sua força como pela perfidia e audacia. Este triumpho pacifico é mais uma prova da importancia do sitio e tomada de Paysandú. As operações militares que alli cobriram de gloria aos bravos do nosso exercito e da armada ainda não disseram sua ultima palavra, e iremos apalpando as suas benignas consequencias para a nossa causa, a par e passo que formos progredindo n'esta difficil campanha.

— O nosso distincto alliado não queria assumir o poder supremo. Foi quasi forçado a isso pela necessidade de dar garantias aos seus amigos. —

No dia 21 de Fevereiro o forte de S. José içou a bandeira brasileira e salvou com 21 tiros, a cuja salva respondeu a corveta *Bahiana* com a bandeira oriental no mastro grande.

Esta salva foi a satisfação que o governo de Montevidéo deu pelo insulto feito á bandeira brasileira nas ruas d'aquel-

la cidade no dia 9 de Fevereiro, procedimento do governo de Aguirre.

ENTRADA DE UMA BRIGADA NA PRAÇA DE MONTEVIDÉO.

No dia 22 entrou na praça uma brigada do nosso exercito, dos batalhões 4.° 6.° e 12.° commandada pelo coronel Sampaio. A entrada da força brasileira foi uma verdadeira ovação; homens e senhoras se disputavam a primasia em festejar os alliados, que trouxeram com a paz externa o fim da guerra civil, que dilacerava os Orientaes. As janellas das casas por onde passou a nossa tropa estavam ornadas de colchas, algumas verdes e amarellas; as flôres cahiam de todos os lados, ao som de vivas ao Brasil. No dia 15 tinham desembarcado no porto do Bucêo 1,400 homens de infantaria, em tres corpos, que foram reforçar o nosso exercito.

O general Flôres entrou no dia 23 e a ahi foi muito bem recebido por Orientaes e estrangeiros, que encheram as ruas por onde passou até chegar á casa do governo. Não podemos deixar de mencionar que os almirantes e agentes diplomaticos das differentes nações, houveram-se de maneira louvavel no desenlace da questão oriental, prestando ao presidente Villalba o seu apoio moral, e o de suas forças de desembarque, que guarneceram a casa do governo e varios estabelecimentos publicos e particulares.

ORDEM DO DIA DO MARECHAL MENNA BARRETO.

No dia 21 de Fevereiro o marechal Menna Barreto, commandante do exercito brasileiro, publicou a seguinte ordem do dia:

« Quartel general do commando em chefe do exercito do Sul, em operações no Estado Oriental.—Villa da União, 21 de Fevereiro de 1865.

Ordem do dia n. 24.

« Com viva satisfação communico ao exercito que hontem 20 de Fevereiro de 1865, concluio-se e firmou-se a paz entre

os Orientaes, e o Brasil e a Republica do Uruguay marcharam unidos na senda do progresso e do engrandecimento.

« Aceitas hontem mesmo pelo novo governo de Montevidéo, personificado no districto patriota oriental Sr. D. Thomaz Villalba, as condições ajustadas no documento diplomatico sobre o grande successo da paz interna e externa d'esta Republica, entrou na ordem dos factos consummados.

« A causa do Imperio e dos seus alliados obteve o desejado triumpho. Os inimigos depuseram as armas e entregaram o primeiro cargo da Republica ao distincto general Flôres, nosso alliado e companheiro no glorioso combate de Paysandú.

« Aquelles que nos insultavam grosseiramente, que nos provocavam á guerra mais cruenta, reconhecendo que a victoria dos alliados era aqui infallivel, como foi brilhante no unico combate que se atreveram a sustentar, desappareceram da scena politica d'este paiz ante o aspecto e firme resolução dos exercitos alliados, prestes a cumprirem o seu dever e compromisso de honra.

« Vencemos em Montevidéo sem derramar o sangue dos nossos soldados, e o de irmãos e visinhos, a quem homens tresloucados pelas paixões dos partidos concitavam a uma resistencia impossivel.

« Congratulemo-nos com nossos dignos alliados por este novo e incruento triumpho, que abre as portas da capital da Republica a todos os Orientaes e Brasileiros, e entrega os destinos d'este bello paiz ao magnanimo general Flôres, centro de união para toda a familia oriental, e baluarte da independencia de sua patria, como é e será tambem a melhor garantia da paz do Brasil com este Estado visinho.

« Já não temos inimigos no solo oriental. Os que hontem existiam desappareceram, e em seu lugar acha-se hoje um governo amigo e alliado, que nos prestará toda a cooperação possivel contra o feroz e detestavel governo do Paraguay.

« Este resultado de nossos sacrificios, de nosso sangue valentemente derramado, é immenso e deve ser grato a todos os Brasileiros, como o é aos bons Orientaes. As nossas reclamações serão satisfeitas, a amnistia concedida pelo illustre general Flôres não comprehende os roubos, assassinatos e outros crimes communs, pelos quaes antes e durante a guerra se assignalaram alguns dos ferozes sequazes do partido vencido. Taes crimes serão punidos, porque a moral, a civilisação e a justiça assim o reclamam.

« As armas e a diplomacia brasileiras não podiam ser mais felizes, nem mais generosas em seu triumpho. O Brasil inteiro o ha de reconhecer e applaudir.

« Nossa missão, porém, não está terminada; preparemo-nos para outra não menos gloriosa: santa é a crusada que vamos emprehender, na qual nos acompanharão diversas nacionalidades.

« O desaggravo da nossa dignidade, nossos direitos desconhecidos, e a redempção de um povo inteiro, que geme sob o mais brutal despotismo, exigem do exercito brasileiro novos sacrificios, e elle os fará por certo. Descansai um momento em meio dos Orientaes, nossos companheiros d'armas, mas sem affrouxar em vossa dedicação ao Imperador e ao Brasil, que nos contemplam com amor e confiança. Velemos agora com mais escrupulo, se é possivel, o bom nome de que gosamos entre os nossos alliados e todos os estrangeiros de boa fé, que tem podido apreciar o brioso comportamento do exercito que me desvaneço de commandar. — *João Propicio Menna Barreto,* marechal de campo. »

PROCLAMAÇÃO DO GENERAL D. VENANCIO FLÔRES.

Pela sua parte tambem o general Flôres publicou a seguinte proclamação:

« Companheiros de armas! Chegámos ao feliz termo de nossas nobres e legitimas aspirações.

« Depois de dous annos de sacrificios e abenegações, conseguimos por meio de uma paz, sem humilhação para o adversario, o restabelecimento dos santos principios, que garantem a todos os direitos civis, estabelecendo a igualdade perante a lei. Mostrai-vos tão grandes na manifestação da magnanimidade como fostes bravos e perseverantes nas privações e nos sacrificios.

« Orientaes todos! Contemos este dia como o precursor de uma nova éra de felicidade e ventura para a familia oriental; que a paz que allumia não seja, como outras vezes, uma tregoa, para voltar de novo com mais rancor á peleja, que rompe os queridos vinculos da familia, separando os pais dos filhos, o esposo da terna esposa e o amigo do companheiro da infancia; que fecha as veias da riqueza da nossa patria, e nos apresenta aos olhos do mundo civilisado eternamente possuidos das más paixões.

« Honra a todos que contribuiram com o seu esforço para a obra da paz; porém sobretudo honra ao bravo exercito e armada imperial que, confundindo seu sangue com o sangue dos Orientaes, soube depôr justos resentimentos para ajudar-nos a cimentar o triumpho das instituições sem nova effusão de sangue.

« Compatriotas! Viva a patria! Viva o povo oriental! Viva a união sincera dos orientaes! Viva o nobre povo brasileiro! Viva o Imperador do Brasil.— *Venancio Flôres.* »

APPROVAÇÃO DO CONVENIO POR D. THOMAZ VILLALBA.

« Presidencia da Republica.—Montevidéo, 20 de Fevereiro de 1865.

« Tenho a honra de participar a V. Ex. que prestei a minha approvação e ratifiquei as condições ajustadas entre V. Ex. e o Sr. general Flôres para a pacificação da Republica por intermedio do meu commissionado *ad hoc* o Dr. D. Manoel Herrera y Obes.

« Ao fazel-o, é-me grato manifestar a V. Ex. o meu reconhecimento pela parte importante que tomou na celebração d'essa convenção, que põe termo ás calamidades porque a Republica estava passando, assim como pela valiosa garantia que o Imperio do Brasil dá ao ajustado por intermedio de V. Ex., que tão dignamente o representa.

« Approveito a opportunidade para manifestar a V. Ex. as seguranças de minha mais alta consideração.

« A S. Ex. o Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos, representante de Sua Magestade o Imperador do Brasil.—*Thomaz Villalba.* »

OFFICIO DO MINISTRO BRASILEIRO AO PRESIDENTE VILLALBA.

« Missão especial do Brasil.—Villa da União, em 21 de Fevereiro de 1865.

« Tenho a honra de accusar a communicação que V. Ex. dirigio-me com data de hontem, e que hoje, ás 9 horas da manhã, acabo de receber.

« Por esta communicação fico inteirado de que V. Ex. acceitou o convenio de paz firmado hontem n'esta villa por seu commissionado *ad hoc*, o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes.

« Congratulo-me com V. Ex. pela paz que desde este momento fica restabelecida entre o Brasil e a Republica do Uruguay, assim como pela reconciliação dos Orientaes, que a V. Ex. devem o reconhecimento de um acto de acrysolado patriotismo n'esse accôrdo pacifico.

« Aproveito com summo prazer esta occasião para offerecer a V. Ex. os protestos de meu mais alto apreço.

« A S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba Presidente da Republica de Montevidéo.—*José Maria da Silva Paranhos.*»

INVESTIDURA DO GENERAL D. VENANCIO FLORES NO MANDO SUPREMO DA REPUBLICA.

NOTA DO GENERAL FLORES Á MISSÃO ESPECIAL DO BRASIL.

« Governo provisorio.—União, em 21 de Fevereiro de 1865.

« Sr. Ministro.—Tenho a honra de dirigir-me a V. Ex. com o fim de participar-lhe que, pacificada a Republica e restabe-

lecidas as idéas e principios que o exercito libertador sustentou, fui investido com o mando supremo da Republica, até que, constituidos os poderes publicos, possa eleger-se a pessoa que tem de reger seus destinos,

« Ao fazer esta communicação a V. Ex., cumpro com prazer o grato dever de consignar aqui, que ao apoio leal e desinteressado de Sua Magestade o Imperador do Brasil e de seu digno exercito e armada, se deve, em grande parte, o feliz acontecimento que hoje enche de jubilo a todos os bons filhos da Republica.

« Rogo a V. Ex. queira transmittir ao governo de Sua Magestade Imperial o conteúdo d'esta nota, e os protestos de meu mais sincero desejo de encontrar a occasião em que possa mostrar lhe todo o interesse que me anima para com a briosa nação brasileira, e muito especialmente para com o digno monarcha que com tanta illustração a rege.

« Julgo escusado, Sr. ministro, assegurar a V. Ex., para que se sirva transmittir esta segurança ao governo de Sua Magestade o Imperador, que um dos meus primeiros e mais gratos deveres, será dar inteiro cumprimento aos compromissos que espontaneamente contrahi para com o Imperio do Brasil, e que se acham consignados em minha nota de 28 de Janeiro ultimo.

« Rogo a V. Ex. queira aceitar pessoalmente minhas mais sinceras felicitações, pelo acerto e distincção com que V. Ex. interpretou os generosos sentimentos do governo de Sua Magestade em relação á Republica.

« Saúdo a V. Ex. com a minha mais alta e distincta consideração.

« A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos.— *Venancio Flóres.—José Carlos Bustamante.* »

NOTA DA MISSÃO ESPECIAL DO BRASIL AO GENERAL D. VENANCIO FLÔRES.

« Missão especial do Brasil.—Montividéo, 25 de Fevereiro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil, em missão espicial, teve a honra de receber a nota de 21 do corrente, pela qual S. Ex. o Sr. governador provisorio se dignou communicar-lhe a organisação temporaria do poder executivo d'este Estado, reiterando ao mesmo tempo as nobres expressões de seus sentimentos amigaveis para com o Imperio e seu augusto monarcha.

« O abaixo assignado felicita a S. Ex. o Sr. governador provisorio pelo prospero acontecimento da paz da Republica, que tão merecida gloria reflete sobre a pessoa de S. Ex., e tes-

temunha-lhe mais uma vez quanto serão gratos ao Imperador e ao povo brasileiro as manifestações que se contem na referida nota.

« O abaixo assignado assegurando ao Exm. Sr. governador provisorio que se deu pressa em transmittir o dito documento ao governo de Sua Magestade, aproveita tão honrosa occasião para renovar a S. Ex. os protestos de seu profundo reconhecimento e mais alta consideração.

« A S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay.— *José Maria da Silva Paranhos.* »

Por decreto de 23 de Fevereiro mandou o governo provisorio da Republica restabelecer nos seus empregos aos agentes consulares do Imperio do Brasil, ficando desde então no exercicio de suas funcções; o que o dito governo communicou ao conselheiro Paranhos, e este respondeu com a nota seguinte:

NOTA DA MISSÃO ESPECIAL DO BRASIL, AO GENERAL D. VENANCIO FLÔRES.

« Missão especial do Brasil.— Montividéo, em 25 de Fevereiro de 1865.

« O abaixo assignado, enviado do extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil, em missão especial, teve a honra de receber a nota que S. S. o Sr. D. José Candido Bustamante, secretario geral do governo provisorio da Republica, lhe dirigio com a data de 24 do corrente.

« Inteirado pela referida nota do teor do decreto que declara sem effeito o do governo anterior que cassou o *exequatur* aos agentes consulares brasileiros, agradece ao Sr. secretario geral esta amigavel communicação ; e aproveita a opportunidade para offerecer a S. S. os protestos de sua mais distincta consideração.

« Ao Illm. Sr. D. José Candido Bustamante.—*José Maria da Silva Paranhos.* »

Por decreto de 28 de Fevereiro, o governo provisorio annullou outro do governo de Aguirre de 13 de Dezembro de 1864, que ordenou se queimassem os tratados com o Brasil; o que com a mesma data foi communicado ao conselheiro Paranhos, que respondeu, em data de 2 de Março, que tinha levado tudo ao conhecimento do governo imperial.

NOTA DA MISSÃO ESPECIAL DO BRASIL AO MINISTRO DE RELAÇÕES EXTERIORES DA REPUBLICA ARGENTINA.

« Missão especial do Brasil.—Montevidéo, em 6 de Março de 1865.

« Sr. Ministro.—A celebração de paz no Estado Oriental é um acontecimento já conhecido, e de certo cordialmente applaudido pelo governo argentino.

« Os sentimentos de V. Ex. e do seu governo a esse respeito não podem ser objecto de duvida para quem, como eu, pôde apreciar o concurso que a Republica Argentina prestou, e se mostrou sempre disposta a prestar, afim de minorar os males da guerra, e facilitar um accordo que puzesse termo a essa luta, cujo desfecho seria dos mais tristes, se as paixões freneticas de nossos inimigos dominassem em Montevidéo até ao ultimo momento.

« E' meu dever n'esta occasião, e dever que cumpro com o mais espontaneo reconhecimento, agradecer mais uma vez ao governo argentino, e pessoalmente a S. Ex. o Sr. general Mitre, Presidente da Republica, e a V. Ex., seu digno ministro de relações exteriores, os bons officios que lhe mereceu o Brasil, e as constantes provas que deram de sua confiança ao governo de Sua Magestade o Imperador.

A par d'este reconhecimento o governo imperial abriga a persuasão de que todos os seus actos corresponderam largamente á todas as suas promessas de moderação e de respeito á independencia e integridade da Republica Oriental do Uruguay.

« A boa harmonia e reciproca estima que tem até hoje presidido ás relações do governo imperial com as da Republica Argentina asseguram que uma nova era de paz e de progresso se vai abrir para esta parte da America. A missão é digna dos governos que estão chamados a preenchel-a, e os seus resultados futuros não podem ser menos certos, nem menos brilhantes, do que os que hoje festeja o Estado Oriental do Uruguay.

« Tenho a honra, Sr. ministro, de offerecer a V. Ex. os documentos juntos da solução do conflicto entre o Brasil e o governo de Montevidéo que deixou de existir no dia 20 de Fevereiro ultimo.

« Aproveito outrosim a opportunidade para renovar a V. Ex. os protestos de minha perfeita estima e alta consideração.

« A S. Ex. o Sr. D. Rufino de Elizalde.— *José Maria da Silva Paranhos.* »

NOTA DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPUBLICA ARGENTINA Á MISSÃO ESPECIAL DO BRASIL.

« Ministerio de relações exteriores da Republica Argentina. —Buenos-Ayres, em 13 de Março de 1865.

« O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, tem a honra de responder á nota de 6 do corrente de S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil, em missão especial junto do governo argentino, communicando-lhe o convenio que pôz fim á guerra na Republica Oriental do Uruguay.

« O governo argentino, que tão ardentes votos tem feito pela paz d'este paiz visinho e irmão e que não omittio meio algum para que se conseguisse tão grande bem, não poude ver se não com grande satisfação a celebração dos ajustes que fizeram cessar a guerra.

« Esta satisfação foi maior ainda quando vio que o governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil, em harmonia com suas reiteradas declarações solemnes, levou sua moderação e respeito á independencia da Republica Oriental do Uruguay até onde podia e devia esperar-se.

« O governo argentino agradece sinceramente as demonstrsções de amizade que V. Ex. teve a bem fazer-lhe, e espera confiadamente que a estreita união de ambos os governos ha de ser benefica em resultados para o futuro dos povos do Rio da Prata.

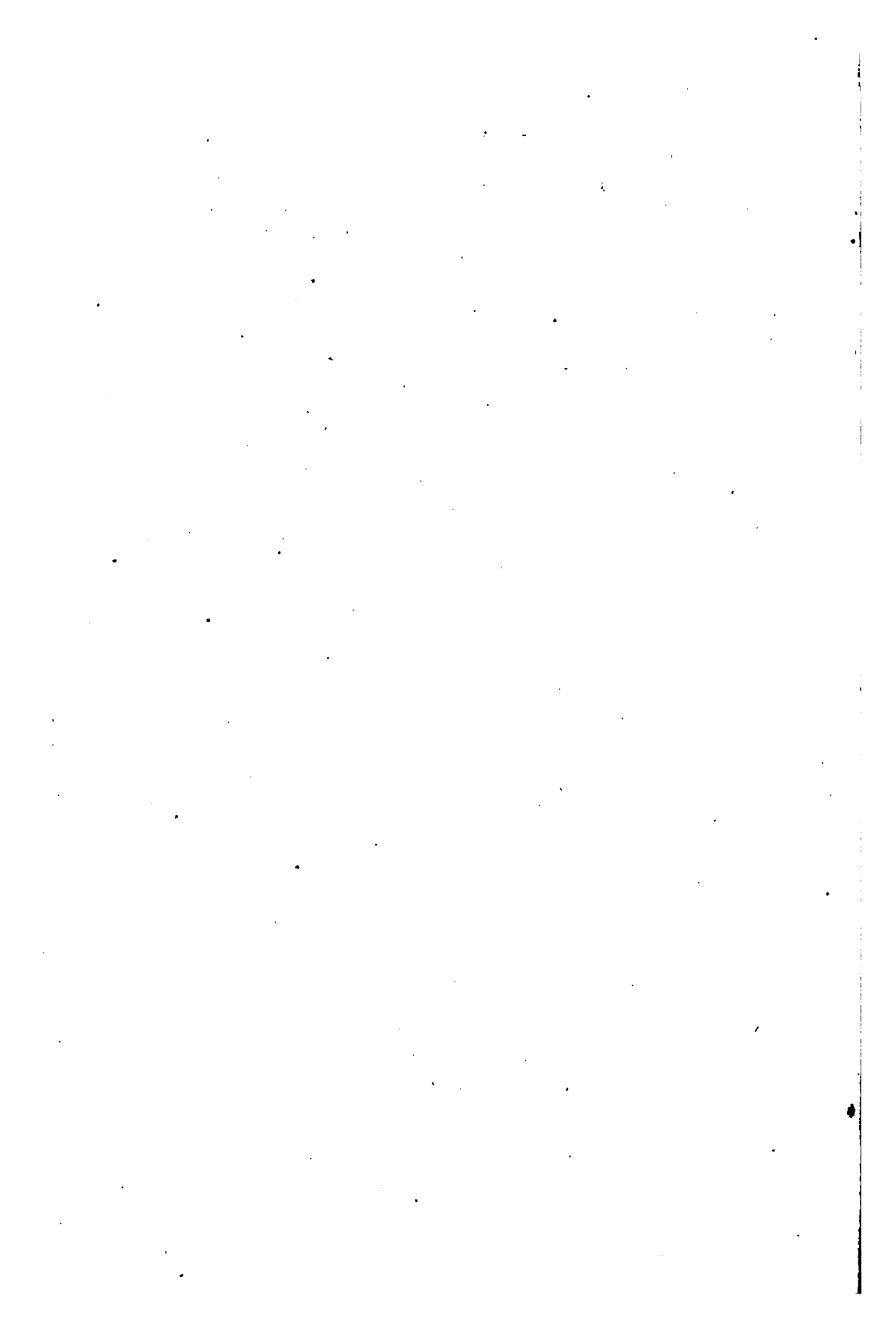
« S. Ex. o Sr. Presidente da Republica compraz-se em retribuir a V. Ex. o conceito com que o favorece, desejando ter occasião de mostrar o quanto são firmes seus propositos de harmonisar sua politica com a do governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil, no que diz respeito á independencia, á paz e ao bem estar do Estado Oriental do Uruguay, e estreitar os vinculos de amizade que unem e devem unir sempre ambos os paizes.

« O abaixo assignado aproveita esta opportunidade para manifestar a S. Ex. o Sr. Paranhos, que o governo argentino crê firmemente, que em grande parte se deve o feliz ajuste que fez cessar os males que produzia a guerra na Republica Oriental do Uruguay, á illustração e nobre empenho de V. Ex., e apresentando-lhe seus agradecimentos pelos termos lisongeiros que lhe dirige, reitera-lhe a expressão dos sentimentos de sua mais alta consideração e apreço.

« A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos.—*Rufino de Elizalde.* »

Vencermos em Montevidéo sem gastar polvora e sem perdermos gente, deu-nos muita força moral no rio da Prata; e uma prova d'isso é o officio acima, que o governo argentino dirigio ao encarregado da missão especial do Brasil, que acabamos de transcrever.

As expressões do governo argentino exaradas no officio

acima, mostram a satisfação que teve em vêr cessar a guerra civil no Estado Oriental, esta satisfação foi ainda maior quando vio que o governo imperial pela sua moderação e solemnes declarações respeitou como devia os direitos da nação oriental. E' de esperar que d'ora em diante o governo argentino confie inteiramente na boa fé e lealdade do governo imperial, e nos sentimentos do povo brasileiro para com os interesses das Republicas do Sul.

LIVRO SEGUNDO.

CONTINUAÇÃO DO EXERCITO IMPERIAL EM MONTEVIDÉO.

O conselheiro José Maria da Silva Paranhos e o general D. Venancio Flôres foram recebidos pela população de Montevidéo, de nacionaes e estrangeiros, com as maiores demonstrações de regosijo publico. Principiou logo a voltar para a cidade toda a gente que tinha emigrado com receio do bombardeio.

Para assegurar a tranquillidade dentro da cidade, a brigada que entrou no dia 22 de Fevereiro, de tres batalhões brasileiros, alli se conservou aquartelada alguns dias; retirou-se quando as tropas do general D. Venancio Flôres vieram da campanha, onde tinham ficado por causa das guerrilhas de Aguirre, que ainda existiam espalhadas.

Mandou-se bloquear o rio Uruguay pelas canhoneiras *Belmonte*, *Mearim* e *Itajahy*, para embaraçar que Munhoz e a sua tropa passassem para a provincia de Entre-Rios. Isto não teve lugar, porque, sendo perseguido por Nicacio Borges e pelo general Netto, submetteu-se ao governo do general D. Venancio Flôres.

O marechal João Propicio Menna Barreto, achando-se doente, terminada a campanha no Estado Oriental, pedio ao governo imperial exoneração do commando do exercito. O ministro da

guerra Henrique de Beaurepaire Rohan, respondeu-lhe que entregasse o commando ao official a quem competia por sua graduação, até que fosse nomeado quem lhe devesse succeder. Accrescentava o officio que o governo imperial sentia que um motivo tão poderoso não lhe permittisse continuar a prestar seus valiosos serviços.

ORDEM DO DIA DO MARECHAL MENNA BARRETO.

O marechal de campo João Propicio Menna Barreto publicou a seguinte ordem do dia ao exercito:

« Quartel-General do commando em chefe do exercito do sul, em operações no Estado Oriental.—Villa da União, 1.º de Março de 1865.

Ordem do dia n. 27.

« Servindo-me da autorisação que Sua Magestade o Imperador houve por bem conceder-me, faço hoje entrega do commando em chefe do exercito ao Exm. Sr. brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, cuja aptidão e antecedentes são por demais conhecidos dos nossos companheiros d'armas.

« Ao separar-me de tantos e tão distinctos camaradas, cumpro um grato dever agradecendo-lhes a lealdade, dedicação e patriotismo de que deram exuberantes provas, durante o tempo que serviram sob o meu commando. Resignação nos soffrimentos, bravura nos combates, sublime magnanimidade com os vencidos, escrupuloso respeito ás propriedades, ordem e subordinação, nada faltou ao valente exercito do sul.

« Quando a historia imparcial commemorar os grandiosos resultados da campanha, que terminou com a paz de 20 de Fevereiro de 1865, hade registrar no grande livro gloriosas paginas para a nossa patria.

« Faço votos para que, restabelecido dos meus incommodos, possa ainda partilhar comvosco as fadigas da guerra, os perigos dos combates e o jubilo ruidoso da victoria. Qualquer que seja o vosso destino acompanhar-vos-hei com o meu pensamento, esperando que os vossos triumphos sejam o fructo de tantos esforços, sacrificios e abnegação.—*João Propicio Menna Barreto*, marechal de campo. »

Sendo dispensado por molestia este general, que commandou o exercito brasileiro no Estado Oriental, succedeu-lhe o brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, que até então commandava a cavallaria.

Entregue a praça de Montevidéo pelos meios diplomaticos, ficou o exercito desembaraçado para principiar a campanha que já se annunciava contra o Paraguay; mas como ainda não se tinha feito o tratado de alliança, ficou acampado onde estava, á espera que o governo imperial lhe ordenasse a marcha e a direcção que devia seguir: entretanto alli se lhe encorporaram os corpos que marcharam de diversas provincias.

Dous mezes esteve o exercito nas immediações de Montevidéo. Este tempo empregou o general Manoel Luiz Osorio, em organisal-o, para poder entrar em campanha; foi preciso que este general fizesse com a sua actividade e genio militar de um ajuntamento de homens, um exercito de bons soldados, capazes de rivalisar com os melhores da Europa. Todos os batalhões que se formaram depois da declaração da guerra, foram de homens que não conheciam a disciplina militar; n'este estado iam reunir-se ao exercito. Aqui principiou o general Osorio a prestar muitos serviços, organisando, disciplinando e exercitando a soldados novos, que deviam em pouco tempo entrar em campanha.

O exercito que o Brasil devia ter prompto quando principiaram as desintelligencias com o Estado Oriental, organisou-se durante a sua demora n'esta Republica. Depois de se fazer a paz ou a convenção de 20 de Fevereiro, ficou o exercito dous mezes no acampamento proximo a Montevidéo, até ter ordem de seguir para a margem do Uruguay, como logo veremos.

Por decreto de 28 de Fevereiro nomeou o general D. Venancio Flôres o seu ministerio. O governo argentino e o corpo diplomatico em Montevidéo responderam logo á nota que lhes annunciou a elevação do general Flôres á suprema magistratura da Republica em virtude do convenio de 20 de Fevereiro de 1865. Esta participação não declarou que foram o ministro do Brasil e a presença do seu exercito que pacificaram o Estado Oriental.

Diz o conselheiro Paranhos, a pagina 107 da sua defeza:

« Digam os nobres ministros o que quizerem a respeito do acto diplomatico de 20 de Fevereiro, não poderão arrancar-me esta grata convicção: que por aquella solução salvei a vida de dous mil de meus compatriotas, evitei as ruinas

de uma capital importante, e attrahi as sympathias geraes do Rio da Prata para o meu paiz. Este resultado compensa-me sobejamente do desar que me lançou o gabinete passado. Hoje ainda mesmo que a camara dos Srs. deputados não tivesse applicado aos nobres ministros a pena de Talião) eu não desejava tanta severidade), não me resta senão pedir a Deus que não volva algum dia contra os autores do decreto de 3 de Março, as armas da colera popular que elles procuraram manejar contra mim. »

No dia 25 de Fevereiro houve em Montevidéo uma grande manifestação popular de nacionaes e estrangeiros, em que se deram as maiores demonstrações de sympathia ao governo do general D. Venancio Flôres, ao exercito brasileiro e aos cidadãos Thomaz Villalba e Manoel Herrera y Obes, que tinham salvado a cidade de uma ruina eminente.

Alguns dias depois de empossar-se o general D. Venancio Flôres do governo, dirigio o ministro das relações exteriores da Republica o officio seguinte ao ministro brasileiro:

« Ministerio das relações exteriores da Republica.—Montevidéo, 12 de Março de 1865.

« Sr. Ministro.— Submettidas á consideração do governo provisorio as manifestações que V. Ex. servio-se fazer-me, relativamente ao procedimento de D. Bazilio Munhoz, S. Ex. o governador, apezar de haver já expedido suas ordens, para que aquelle individuo seja trasido a esta cidade, afim de responder sobre os factos que se lhe imputam; attendendo aos novos desejos manifestados por V. Ex., renova n'esta data as ditas ordens, mostrando assim a sinceridade com que quer satisfazer aos justos desejos de V. Ex., com quanto os factos que parecem condemnar o citado Munhoz tenham tido lugar em territorio brasileiro, e por tanto fóra de jurisdicção da Republica; mostrando assim por outro lado, que está disposto a cumprir os deveres que a justiça e a moral publica reclamam.

« Saúdo a V. Ex. com a minha maior consideração.

« A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos.—*Carlos de Castro.* »

RECEBIMENTO NA CORTE DA NOTICIA DO CONVENIO CELEBRADO EM MONTEVIDÉO A 20 DE FEVEREIRO.

No dia 3 de Março chegou ao Rio de Janeiro o vapor de guerra *Recife* com a noticia da entrega de Montevidéo.

No dia seguinte o *Jornal do Commercio* publicou o seguinte artigo:

« A população fluminense recebeu hontem com os transportes do mais vivo jubilo a noticia que nos trouxe o vapor de guerra *Recife* da capitulação de Montevidéo.

« Apenas se espalhou a boa nova, apinhou-se o povo defronte da praça do commercio, de onde muitos negociantes e correctores, reunindo-se á multidão e precedidos pela banda de musicos allemães, sahiram ao encontro de Sua Magestade o Imperador, que fora visitar o hospital militar, Descia pela ladeira do Castello, quando o povo o encontrou. Então o Sr. Francisco Antonio de Faria, corrector de fundos, dirigindo-se a Sua Magestade disse-lhe que, sciente da agradavel noticia, o corpo do commercio corria a felicitar a Sua Magestade por tão fausto motivo.

« O Imperador agradeceu, e dispunha-se a seguir a pé, mas não o consentindo o povo, entrou no seu coche, e seguio a passo para o arsenal de marinha, rodeado de milhares de cidadãos que, alçando o estandarte nacional e ao som de girandolas, saúdavam a Sua Magestade á sua Augusta familia, ao exercito e armada brasileira.

« Tinham-se embandeirado todos os consulados, navios de guerra nacionaes e estrangeiros, e a praça do commercio; fecharam-se as repartições publicas, e a bandeira nacional fluctuava em varios estabelecimentos.

« Era uma hora da tarde quando Sua Magestade com esse longo sequito que enchia meia rua Direita, entrou no arsenal de marinha e embarcou na galeota a vapor que alli o esperava, e em cuja camara recebeu a commissão encarregada de annunciar-lhe a capitulação de Montevidéo. Compunha-se esta commissão do chefe de divisão Francisco Pereira Pinto, e 1.os tenentes Antonio Carlos de Mariz e Barros Helvecio de Souza Pimentel e José Lamego Costa, os quaes foram tambem incumbidos de entregar a Sua Magestade uma bandeira oriental.

. . . .

« Até á noite cresceu o enthusiasmo e regosijo; numerosas bandas de musica, militares e particulares, precedendo columnas de povo, que hasteavam o pavilhão auri-verde, passeiavam pelas principaes ruas victoriando os defensores da patria.

« Houve illuminação geral na cidade, primando entre outras a da fabrica do gaz.

« Convicto da grandeza e justiça da causa que sustentamos, o povo applaude d'esse modo o seu desfecho, e nas puras manifestações de sua alegria não se esquece dos que ainda tem de empunhar as armas em desaggravo de pungentes affrontas.

« Possam demonstrações iguaes festejar cedo o nosso triumpho sobre as hordas selvagens do Paraguay. »

EXONERAÇÃO DO MINISTRO EM MISSÃO ESPECIAL.

Depois de chegadas estas noticias, no meio do regosijo publico, o governo imperial entendeu que devia exonerar o conselheiro José Maria da Silva Paranhos da missão em que se achava no Rio da Prata, pelo seguinte decreto :

« Hei por bem dispensar o conselheiro José Maria da Silva Paranhos da missão especial de que foi encarregado no caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Republica Argentina, por decreto de 9 de Novembro do anno proximo passado.

« João Pedro Dias Vieira, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, o tenha assim entendido, e faça executar expedindo os despachos necessarios.

« Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Março de 1865, 44.° da Independencia e do Imperio.

« Como a rubrica de Sua Magestade o Imperador. — *João Pedro Dias Vieira.* »

CARTA DO MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS AO DEMITTIDO.

« Rio de Janeiro, 7 de Março de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. conselheiro. — Cumpro o penoso dever de communicar a V. Ex. que o governo imperial resolveu dispensal-o da missão diplomatica de que o encarregára no Rio da Prata.

« A deficiencia do convenio de 20 de Fevereiro, em relação aos ultrajes commettidos contra a dignidade do Imperio pelo governo de Montevidéo, no ultimo periodo da administração Aguirre, foi parte para que o mesmo convenio não merecesse do governo imperial plena approvação.

« Nas circumstancias graves do nosso paiz, cumpria ao governo imperial manifestar com franqueza, e desde logo o seu pensamento sobre tão importante acontecimento, e d'ahi a necessidade para o serviço publico da desoneração de V. Ex.

« No entretanto permitta que me prevaleça do ensejo para agradecer a V. Ex. o auxilio que nos prestou, e os serviços que fez á causa do Imperio que não ficam esquecidos pela deficiencia do accordo celebrado na Villa da União.

« Sou com perfeita estima de V. Ex. — *João Pedro Dias Vieira.* »

Poucos dias depois da exoneração do conselheiro Paranhos, o governo imperial pretendeu justificar o seu acto em artigo inserto no *Diario Official*, publicação que não podia preencher

e não preencheu o seu fim; mesmo assim passamos a extratal-a.

JUSTIFICAÇÃO DO GOVERNO IMPERIAL.

« O governo imperial resolvendo dispensar o Sr. conselheiro Paranhos da missão diplomatica de que o havia encarregado junto ás Republicas do Rio da Prata, foi a isso levado unicamente pela circumstancia de não haverem sido attendidas, tanto quanto cumpria, no convenio de 20 de Fevereiro algumas considerações a que o governo imperial devia necessariamente ligar muita importancia, tratando de não deixar sem completa satisfação todas as graves offensas contra a dignidade do Imperio, praticadas pelo governo de Montevidéo, no ultimo periodo da adminstração Aguirre.

« Essas dolorosas offensas já as exemplificamos n'este jornal; consistiram no vilipendio ao symbolo da soberania nacional, nas atrocidades do Jaguarão e na traição dos prisioneiros de guerra em Paysandú, depois de livres por um dos actos da mais rara magnanimidade, sob palavra de honra de não tomarem armas contra o Imperio.

« Não importa que em nota de 28 de Janeiro o Sr. general Flôres manifestasse seus sentimentos amigaveis e justos para com o Brasil, e contrahisse em nome da nação oriental, como seu orgão fiel e competente, no caracter de autoridade suprema e despcricionaria de que se achava revestido, o compromisso solemne de satisfazer ás reclamações do *ultimatum* brasileiro de 4 de Agosto, enumerados na supracitada nota, e de fazer respeitar todas as estipulações vigentes entre o Imperio e a Republica.

« Não importa ainda que no convenio de 20 de Fevereiro declarasse o mesmo general, que os respectivos artigos haviam sido estipulados entre elle e o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, para reconciliação e paz, pelo que tocava á dissidencia entre os Orientaes.

« Desde que o plenipotenciario brasileiro tomára parte n'este convenio; desde que o Sr. general Flôres apenas comprehendêra em seu compromisso de 28 de Janeiro a declaração de que os tratados celebrados com o Imperio, e cujos autographos haviam sido entregues ás chammas do furor dos dominadores de Montevidéo, continuariam a ser fielmente respeitados como leis da Republica, a que está ligada a sua palavra honrada, e que ambos os paizes tem o dever de sustentar e cumprir, é claro que nem o plenipotenciario devia deixar de exigir satisfação por semelhante desacato, e á qual o Sr. Villalba não podia razoavelmente negar-se, nem esquecer-se dos outros attentados acima especificados.

« Infelizmente assim não aconteceu. Ao contrario o pleni-

potenciario brasileiro, sendo ouvido a respeito dos sobreditos artigos, declarou que nada mais exigia depois do accordo constante das notas de 28 e 31 de Janeiro; e todavia as ultimas e graves offensas contra a dignidade do Imperio, praticadas no derradeiro periodo da administração de Aguirre, reclamavam do governo do Sr. Villalba a mais completa satisfação.

« Comtudo o governo imperial não deixa de reconhecer o benefico influxo do accordo que poz fim á guerra tanto civil como estrangeira, abrindo-nos as portas de Montevidéo sem derramamento de sangue, e entregou o governo provisorio da Republica ao nosso alliado e amigo o Sr. general Flôres, ao qual acha-se o Brasil ligado por solemnes compromissos de reciproca utilidade e conveniencia.

« Assim o governo imperial, apezar da deficiencia notada, bastante para indicar que todo o seu pensamento não fôra comprehendido pelo plenipotenciario brasileiro, e para aconselhar a sua dispensa da missão de que estava encarregado, manterá lealmente o accordo ajustado.

« A exoneração, portanto, do Sr. conselheiro Paranhos em nada póde influir sobre a fiel execução do referido convenio, nem sobre a politica seguida pelo governo imperial nos negocios do Rio da Prata, que continuará como anteriormente, sempre desinteressada e *amigavel*; muito menos póde autorisar o juizo de que a falta de homogeneidade de pensamento entre o governo imperial e o seu representante no Rio da Prata, torna esse convenio pouco honroso para o Imperio. »

REFLEXÕES SOBRE ESTE ACTO.

O ministerio de 31 de Agosto não achou sufficiente o convenio de 20 de Fevereiro, em razão dos ultrajes commettidos contra a dignidade do Imperio pelo governo de Montevidéo no ultimo periodo da administração Aguirre: é o que diz o ex-ministro João Pedro Dias Vieira, na carta que dirigio ao conselheiro Paranhos.

Entendeu o ministerio que na presença de um exercito de 6,000 homens podia-se exigir ainda mais do que conseguio o enviado brasileiro, sem o ministerio calcular as difficuldades que houve, e as consequencias que podiam resultar senão se marchasse com prudencia.

O Barão de S. Gabriel, commandante do nosso exercito, fez ver ao conselheiro Paranhos o verdadeiro estado das cousas,

e declarou positivamente que com os elementos de que dispunha não podia tomar á viva força a praça. Se o exercito tivesse tomado a praça de assalto, após longo bombardeamento, o governo imperial tinha-se compromettido muito com as nações neutras.

Entretanto um facto de grande alcance deu-se em Montevidéo. Expirado o praso da administração Aguirre, passou a presidencia para as mãos de Villalba, homem moderado, que lamentava os infortunios de sua patria, e que reprovava os excessos praticados pela facção que dominava em Montevidéo. Este homem illustrado procurou chegar a um accordo, pondo termo á luta em que via empenhado seu paiz natal. Procurou o ministro italiano e pedio-lhe que se entendesse com o conselheiro Paranhos.

O procedimento que o nosso diplomata teve no Rio da Prata, os passos acertados que deu tinham feito desapparecer completamente as prevenções que contra nós nutriam os representantes das potencias estrangeiras residentes em Montevidéo, prevenções que, cumpre confessar, antes de nossa formal declaração de guerra, eram justas. Graças ao conselheiro Paranhos todo o corpo diplomatico de Montevidéo deixou de dar a Aguirre o apoio moral que antes lhe dava, servindo-nos, no desenlace da questão, de util auxiliar.

Em 16 de Fevereiro o ministro italiano, Raphael Ullysses Barbolani, escreveu ao conselheiro Paranhos pedindo-lhe uma entrevista e fallando-lhe em propostas de paz. O conselheiro Paranhos respondeu-lhe sem mostrar soffreguidão, e declarando que não podia concordar na suspensão de hostilidades, que se o ministro italiano se achava autorisado a fazer essas aberturas, elle estaria prompto a recebel-o em sua residencia na Villa da União.

Sobre a suspensão das hostilidades, é preciso notar que ellas não tinham começado ainda. O general Barão de S. Gabriel, como dissemos, não tinha forças para iniciar o ataque, e o almirante não as tinha principiado tambem, prorogando constantemente o prazo marcado para o começo do bloqueio.

O ministro italiano. dirigindo-se á Villa da União, declarou ao conselheiro Paranhos que o novo presidente Villalba desejava evitar outra effusão de sangue, mas que para tratar esperava ser reconhecido como governo legal da Republica. Sobre esta base, respondeu o conselheiro Paranhos que não havia accordo possivel, retirando-se o ministro italiano n'esta convicção.

No dia seguinte mandou Villalba dous commissarios para sondarem a opinião dos alliados, mas o conselheiro Paranhos deu-lhes a mesma resposta que antes déra a Barbolani.

A eleição de Villalba, disse o ministro brasileiro, tinha uma origem viciosa: ella era governo de facto como o general Flôres, e nós estavamos na posição de vencedores e não de vencidos. Foi então que Villalba decidio-se a nomear o Dr. Manoel Herrera y Obes para entender-se com o nosso ministro e com o general Flôres, resultando das conferencias que tiveram a convenção de paz de 20 de Fevereiro.

Sobre o convenio de 20 de Fevereiro, diz o conselheiro Paranhos a pag. 30 da sua defesa, em referencia ás intenções de Villalba:

« Com as declarações do presidente de Montevidéo, o Sr. Villalba, mostrei perante o senado que o proposito d'aquelle cavalheiro não era passar pelas forcas caudinas do vencedor; e que sim tivera em vista, confiando na magnanimidade e sabedoria do Brasil, obter uma paz que fosse gloriosa para o Imperio, sem ser degradante para a nação oriental, victima innocente dos desvarios dos seus governantes. »

Um artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 12 de Março de 1865, com o titulo — Capitulação de Montevidéo — diz o seguinte sobre o comportamento do ministerio de 31 de Agosto, relativamente á guerra contra o Estado Oriental e o Paraguay.

« A questão de decidir até que ponto é condemnavel ou justificavel o convenio, está em saber se existiam necessidades reaes e indeclinaveis que attender, contingencias provaveis e desastrosas que evitar, necessidades e contingencias nascidas de recommendações do governo, de obstaculos esperados da parte do Paraguay, de Urquiza, de Buenos-Ayres, dos diplomatas européos, e sobre tudo da nossa mingoa de força e de meios, para tomar-mos Montevidéo com presteza; sem nos cansar-mos alli de aguardar os tardios reforços de nosso indolente governo; para rematar-mos assim rapidamente o

negocio oriental, para reduzir-mos a uma só as duasquestões do Uruguay e Paraguay; para poder-mos bloquear esta ultima Republica, e encetar a campanha contra o governo de Lopes na quadra precisa.

« Quem souber que Montevidéo já resistio nove annos a um exercito numeroso; que a nossa infantaria era sem duvida insufficiente, que ainda não tinha recebido o pequeno reforço transportado pelo *Oyapock*; que não era ainda este vapor, chegado a Montevidéo dias depois da capitulação, o que levava a necessaria artilharia de sitio, que fallecia ao nosso exercito, artilharia que foi prestada pela repartição de marinha, e não pela da guerra.

« Quem souber ou quem se lembrar que o bombardeamento pela esquadra não fôra empregado com todo o vigor em Paysandú, por ser insufficiente e inefficaz, ou por qualquer outro motivo, a ponto de se preferir a suspensão das hostilidades.

« Quem recordar-se das restricções sobre o bombardeamento de Montevidéo pela nossa marinha, declaradas nas circulares do proprio Visconde de Tamandaré.

« Quem conhecer que um mez depois da data em que se fez o convenio deviam começar a baixar as aguas do Paraguay.

« Quem souber que a inercia do ministerio retinha batalhões nas provincias do norte por falta de transporte, a ponto de os particulares tomarem a si o dever do governo, fretando e offerecendo-lhe vapores que elle não descobria; e que a falta de plena confiança do governo em sua força e no patriotismo dos Brasileiros, conserva n'esta côrte preciosos contingentes, que em Montevidéo podiam tanto fortalecer a influencia do nosso exercito e a acção do nosso diplomata.

« Quem quer colher rapidos e brilhantes resultados na guerra, reforça o mais possivel o exercito, dá-lhe a tempo todo o material necessario, habilita-o para grandes e immediatas victorias; não lhe manda tropa aos punhados; não o soccorre com ligeireza propria de tartaruga. »

Este artigo, que acabamos de transcrever, continha proposições que não eram inteiramente exactas, e por isso as supprimimos. Os amigos do gabinete Furtado esforçaram-se em demonstrar, que o convenio permittia que os que tinham offendido a honra do Brasil pudessem ser punidos pelos crimes que commetteram, mas não assegurava a sua punição.

Diz o ex-ministro dos negocios estrangeiros, a pag. 27 do seu relatorio de 1865:

« Assumindo o Sr. general D. Venancio Flôres o supremo poder da Republica, organisou logo um gabinete inteiramente

destinado a dar ao convenio a mais leal execução. O primeiro acto do governo provisorio foi considerar irrito e de nenhum effeito o decreto de 13 de Dezembro, que havia condemnado ás chammas os tratados celebrados com o Brasil.

« N'essa mesma occasião prohibio a exportação de artigos bellicos, ou qualquer outro auxilio directo ou indirecto por parte dos habitantes da Republica ao governo do Paraguay. Restabeleceram-se os consulados brasileiros na Republica. Foi dispensada a missão enviada á Europa pelo governo decahido de Aguirre. Expediram-se as necessarias providencias para tornar-se effectiva a submissão dos caudilhos Munhoz e Apparicio, e a averiguação dos factos de que eram elles e outros scelerados accusados, para serem processados administrativa e judicialmente. Mandou-se igualmente syndicar para o mesmo fim, do insulto feito por Susviêla, Palomeque e outros á bandeira brasileira.

« Quanto aos caudilhos Munhoz e Apparicio fizeram-se logo effectivas aquellas providencias, tendo-se submettido e deposto as armas; restabelecendo-se assim completamente a paz na Republica. »

DISCURSO DO CONSEHEIRO PARANHOS.

Diz o conselheiro Paranhos a pag. 84, do seu primeiro discurso no senado:

« Eis, pois, segundo confissão do proprio governo imperial, os attentados das forças de Munhoz sujeitos ao art. 2.° e o governo oriental procurando punil-os.

« Estas informações, que o nobre ex-ministio deu no seu relatorio foram tiradas dos meus officios e cartas; porquanto o governo, demittindo-me precipitadamente em 3 de Março, ao que parece, para significar que havia perigo em que eu continuasse na gestão de nossos negocios diplomaticos no Rio da Prata, não teve todavia pressa em mandar-me a demissão; deixou que ministro tão perigoso continuasse a comprometter a dignidade e interesses do Brasil, desde 3 de Março até 14, quando chegou a noticia; e entretanto foi recebendo os meus despachos, e extrahindo d'elles noticias para o *Diario Official*, que então abundava em expressões benevolas para com o governo oriental.

« O convenio ia-se tornando excellente depois da minha demissão, e dando tudo quanto o governo imperial pudera desejar: e isto por obra do Espirito Santo, porque em Montevidéo ainda não constava o desagrado do governo imperial!

« Senhores, eu achava-me em grande difficuldade no ajuste da capitulação da praça de Montevidéo, porque não tinha instrucções precisas do governo imperial a este respeito. Se

eu exigisse muito, expunha-me a que se dissesse: — deslustraste a victoria do Brasil, desconhecestes os sentimentos generosos da nação brasileira —; se exigisse menos, poder-se-hia dizer: — não zelastes como devieis, a dignidade do Brasil.— Collocado n'esta alternativa, entendi que devia seguir os dictames de minha consciencia. Não mostrei rancor para com os vencidos, mas resalvei no art. 2.° quanto pudesse razoavelmente exigir o governo imperial. Nunca me passou pela mente, que o governo imperial não visse o alcance d'aquelle artigo, e hoje ainda não posso comprehender, como põe elle em duvida que os attentados das forças de Munhoz estejam alli previstos!

« Não reflecte o governo imperial que quando considera os actos do governo oriental, como favores do general Flôres, compromette a causa que pretende defender melhor do que o ex-plenipotenciario brasileiro.

« De duas uma: ou o art. 2.° comprehende os factos em questão, ou não os comprehende. Se não comprehende, o general Flôres applicando o art. 2.° a taes factos, falta á sua palavra para com os vencidos; e falta com a complicidade do Brasil, que é garante d'esse ajuste!

« Que desespero de causa, que arrasta a semelhantes subterfugios! que desespero de causa que induz a dizer que o general Flôres violenta a verdade quando assegura ao governo imperial, pelo orgão do seu ministro, que o art. 2.° é applicavel áquelles factos, pela sua letra e pelo seu espirito, que assim foi estipulado com o ministro do Brasil.

« Não reflecte o governo imperial que d'esse modo attribue ao general Flôres uma perfidia, não só para com os vencidos, mas tambem para o seu digno compatriota o Sr. Villalba, ampliando uma excepção tão grave a factos e a individuos que ella não podia abranger, e isto só para ser agradavel ao governo imperial, que nada exigio! Sim, o governo imperial nada exigio; demittio-me, fazendo essa imputação ao convenio de 20 de Fevereiro, porém não apresentou reclamação alguma perante o governo oriental.

« Pretendeu o governo imperial fazer crêr que o seu delegado não soube zelar a dignidade nacional, e que os Srs. ex-ministros seriam capazes de conseguir muito mais, do que esse seu delegado; e entretanto o procedimento do governo imperial foi vergonhoso para o nosso paiz!

« Se no acto de 20 de Fevereiro barateou-se a dignidade nacional, foram esquecidos interesses essenciaes, ao cabo de tantos sacrificios, porque não teve o governo imperial a coragem da sua convicção, porque o aceitou? Quem o obrigava a isso? Tinha eu acaso poderes que tornassem o meu acto independente da approvação do governo de Sua Magestade o Imperador? Não; a minha negociação, no que tocava ao Brasil, devera ser considerada *ad referendum*. Tal é o

principio corrente, desde que os plenos poderes não excluiam o direito que tinha o governo imperial de approvar ou rejeitar o estipulado pelo seu ministro.

« Com a minha demissão quiz o governo imperial mostrar profundo desagrado pelo desenlace de nossa questão no Estado Oriental, e, lançando o facto á responsabilidade do seu negociador, fazer sentir aos governos do Prata o seu descontentamento, dizendo-lhes: —Se a dignidade do Brasil não foi sufficientemente desaggravada, attribuam-o ao negociador brasileiro, que não soube comprehender o pensamento do seu governo. Mas então devia fallar perante o governo oriental, e ao argentino, uma linguagem séria, propria de quem se julgava ferido em sua dignidade. Não lhe ficava bem n'esse caso a linguagem das satisfações. O seu despacho reservado, porém, o que significava a não ser medo? (*)

« O governo imperial quiz destruir a impressão do seu proprio acto, e por isso apressou-se a mandar dizer pelo nosso consul ao governo oriental: — Não se inquietem; o negociador foi demittido, porque faltou a certas considerações; mas o acto está aceito, e ha de ser plenamente executado, os seus effeitos devem de ser beneficos; apreciamos muito o Sr. general Flôres e a sua alliança, contamos com ella, e esperamos viver em muito boas relações com o novo governo da Republica.—E' este o transumpto fiel do despacho reservado.

« Ainda mais, não só o governo imperial exprimio-se n'estes termos pelo orgão do Sr. ex-ministro dos negocios estrangeiros, mas até em uma carta de Sua Magestade referendada pelo mesmo Sr. ex-ministro, em resposta á communicação feita pelo general Flôres da organisação do novo governo da Republica, abundam as expressões da maior satisfação. Podia o monarcha do Brasil exprimir-se em taes termos, se o governo imperial julgasse a dignidade do paiz compromettida pelo acto de 20 de Fevereiro?

« O meu successor, chegando a Montevidéo, declarou que as relações de perfeita amizade estavam felizmente restabelecidas; que não se podia já receiar desintelligencia alguma pelas questões que motivaram a guerra; reconheceu-se no general Flôres um alliado fiel, e, finalmente, congratulou-se por tudo quanto tinha resultado do acto de 20 de Fevereiro.

« Em Buenos-Ayres o governo imperial julgou tambem necessario communicar immediatamente, pelo intermedio do nosso ministro residente, o facto da minha demissão; fallando perante o governo argentino a mesma linguagem (os nobres ex-ministros permitam-me que eu use do termo proprio), a mesma linguagem de humilhação a que havia recorrido para com o governo oriental. Não foi a linguagem de

(*) Desculpa de um advogado quando sustenta uma causa perdida.

um governo que se sente offendido em sua dignidade, e que podia exigir alguma cousa para desaggraval-a. Mandou dizer ao governo argentino que não désse importancia ao decreto de 3 de Março, nem á apreciação que o governo imperial fizéra do acto de 20 de Fevereiro, porque tudo continuaria do mesmo modo, não os perturbaria a harmonia existente entre so tres governos.

« As posições trocaram-se singularmente depois de 20 de Fevereiro. O Brasil era estimado, respeitado por todos os nossos alliados, dos quaes recebia protestos de gratidão e lealdade; o governo imperial, querendo ser mais patriota do que o seu delegado, vio-se na necessidade de ser elle quem fosse fazer protestos de boa-fé, de lealdade e reconhecimento ao general Flôres! Como se zela a dignidade do Brasil.

« Tive, pois, razão para dizer, que hoje, depois de tudo quanto tenho exposto, e que está ha muito no conhecimento dos nobres ex-ministros, só o capricho poderá sustentar que o art. 2.º do convenio, não é applicavel aos attentados do Jaguarão. »

O conselheiro Paranhos justifica-se ainda sobre o artigo 2.º do convenio, do modo seguinte:

« Demais eu tenho demonstrado que o artigo 2.º comprehende os crimes de que se trata, e já ponderei no meu primeiro discurso que fôra impolitico ou desairoso á Republica especificar taes factos, ainda quando a 20 de Fevereiro tivesse eu prova plena de sua existencia. A unica communicação que eu tinha então era essa, que se acha registrada no relatorio do nobre ex-ministro dos negocios estrangeiros.

« Dias depois de 20 de Fevereiro, o general Ozorio recebeu um officio do commandante militar do Jaguarão, do marechal de campo graduado Lopo de Almeida, e n'esse officio, escripto a 22 d'aquelle mez, se diz o mesmo que consta da communicação confidencial do presidente da provincia, a respeito dos attentados do Jaguarão.

« Eis textualmente a informação a que acabo de referir-me:

«— Com effeito, no dia 27 foi a cidade (Jaguarão) atacada, mas defendida com bravura, e o inimigo rechaçado denodadamente em tres cargas que fez, mandando depois Munhoz a intimação junta por cópia sob n. 2, á qual respondeu o coronel, que podia continuar a execução do plano de ataque áquella cidade, porque a guarnição de seu commando jámais se entregaria rendendo á força suas armas, e que o commandante das forças seria o responsavel do sangue que corresse e dos males supervenientes á Republica.

«— No dia seguinte (28 de Janeiro) pela manhã retirou-se o inimigo, roubando pela fronteira algumas casas, e levando algumas cavalhadas que pôde encontrar, e alguns escravos, cujo numero ao certo ainda me não foi possivel saber, mas

que, segundo informações a que dou credito, não excedeu de 40, dos quaes me consta já se ter apresentado grande parte.—»

Continúa o conselheiro Paranhos:

« De sorte que o governo imperial censurou-me, e praticou um acto de inaudita severidade para commigo, porque lhe pareceu que os assassinatos e offensas ao pudor praticados pelas forças de Munhoz ficaram fóra do alcance do art. 2.º, e nem as informações officiaes fallam em taes attentados, nem o mesmo governo imperial cuidou de averigual-os, de colligir as provas necessarias para que os invasores do nosso territorio fossem punidos pelo governo oriental, a cuja autoridade estão sujeitos?

« E como é, senhores, que os nobres senadores imparciaes como os considero n'esta questão, porque fôra improprio de SS. Exs. o contrario, ao passo que me distribuem tantas censuras, não repartem tambem algumas com os Srs. ex-ministros do gabinete de 31 de Agosto? Os nobres senadores que censuram o acto de 20 de Fevereiro vêm todos á carga cerrada sobre o negociador, e entretanto poupam absolutamente os Srs. ex-ministros, aos quaes estou aliás ligado n'este negocio por mais de um vinculo de solidariedade? »

Conclue-se do que fica expendido pelo conselheiro Paranhos, que a sua demissão foi porque o ministerio de 31 de Agosto entendeu que os attentados de Jaguarão e o insulto á bandeira brasileira não estavam incluidas no art. 2.º do convenio de 20 de Fevereiro.

Sobre os officiaes prisioneiros em Paysandú escreveu o ex-ministro dos estrangeiros ao conselheiro Paranhos o seguinte:

« Não foi prudente soltar os prisioneiros, deveram ficar presos, sendo tratados durante a guerra com a benevolencia que nos caracterisa, dando-se-lhes a liberdade só depois de terminado o conflicto. »

« Quando o nobre ex-ministro dos negocios estrangeiros se exprimia assim (continúa o conselheiro Paranhos) a respeito do facto de Paysandú, e nada recommendava relativamente ao nosso ulterior procedimento em Montividéo, podia eu exigir o contrario?

« Que bella doutrina a do Sr. ex-ministro dos negocios estrangeiros (diz o conselheiro Paranhos em outro lugar). O almirante podia ser generoso, o diplomata não! Onde já se vio semelhante principio, que os generaes podem ser generosos a seu bel-prazer, e que os diplomatas não o podem ser, ainda quando a humanidade e a politica o aconselhem.

« Mas eu não pretendo contestar que o nosso almirante pudesse fazer o que fez. Observo sómente que tendo-se procedido assim em Paysandú, não podia eu prever que o governo imperial quizesse cousa muito diversa em Montevidéo, depois da paz obtida sem o emprego da força, e quando o nobre ex-ministro dos estrangeiros me havia dito (o que já foi referido acima:) « Não foi prudente soltar os prisioneiros, etc. »

Referindo-se aos prisioneiros de Paysandú disse ainda o conselheiro Paranhos em seu primeiro discurso:

« E quem assegurou aos nobres ex-ministros que esses prisioneiros estavam em Montevidéo? O governo imperial deixou-se levar sempre pelas declarações de um coronel Albertastim que referia factos de Paysandú sob aspecto desfavoravel ao nosso honroso procedimento. Perguntei ao general Flôres se aquelles prisioneiros haviam estado em Montevidéo, e a resposta do general foi que a maior parte se não todos não haviam regressado a Montevidéo, assim como que ignorava se elles tiveram a intenção de empunhar de novo armas contra nós.

« Mas, senhores, para cortar de todo esta questão, e provar a leviandade do nosso governo, devo dizer ao senado que aquelles prisioneiros *não haviam dado palavra* de não servir mais na guerra contra o Brasil. Fui autorisado pelo general Flôres para fazer esta declaração. Os nobres ex-ministros levantaram-me essa accusação sem perfeito conhecimento dos factos: »

Estes trechos do discurso do conselheiro Paranhos explicam perfeitamente e com toda a clareza a questão.

Para nós o chefe legitimo da Republica era o general Flôres, Com elle, pois, era que nos deviamos entender a respeito das reclamações que faziamos. A questão interna devia ser resolvida entre o nosso alliado e Villalba, sob a inspecção do Brasil, porque, tratando-se de collocar no governo o general Flôres, o Imperio não podia figurar n'esse ajuste sem violação flagrante dos tratados vigentes entre as Republicas do Prata e o Brasil.

As bazes apresentadas pelo commissario de Villalba foram repellidas. Villalba não foi reconhecido como governador legitimo; a primeira condição por elle proposta, concernente á organisação do novo governo, foi regeitada; a amnistia plena que pedio, foi restringida; a retirada immediata do exercito imperial, não foi concedida; a prohibição de se fazerem quaesquer mudanças, que não fossem conformes ás leis vigentes,

nos tribunaes e repartições tambem não foi aceita, e não foi attendendo-se á necessidade, por algum tempo, de um poder dictatorial capaz de satisfazer ás exigencias supremas da ordem publica, e ás reclamações brasileiras, que entendiam com militares e com membros do primeiro tribunal judiciario.

A noticia do convenio de 20 de Fevereiro chegou a esta côrte no dia 3 de Março. O jubilo da população foi immenso, mas os adversarios do conselheiro Paranhos puzeram mãos á obra e conseguiram desvairar o governo. Uns fizeram-no de má fé, antes mesmo de conhecerem com particularidade os factos e os documentos, outros, por um mal entendido patriotismo, entenderam que não podia ser gloriosa uma solução que não tinha sido obtida pelas armas.

Depois de uma paz prolongada, os espiritos estavam exaltados com os recentes successos de Paysandú, e só ardiam pelos combates e batalhas. Julgava-se facillima a luta em que nos achavamos empenhados, e os nossos guerreiros de casaca entendiam que não se devia poupar o sangue precioso de nossos soldados. Os que estavam no theatro dos acontecimentos, e todos os homens sensatos e experimentados pensavam de outro modo. Tinhamos diante de nós uma campanha gigantesca, a do Paraguay, e não podiamos perder tempo inutilmente diante de Montevidéo.

Já dissemos acima que, segundo o proprio general em chefe Barão de S. Gabriel, o exercito que tinhamos diante da praça inimiga era insufficiente para tomal-a á viva força.

Já mostramos no primeiro volume como devia ter sido feita a campanha do Uruguay, sem atacar Paysandú, onde perdêmos muita gente, que não seria sacrificada se, mesmo assim, essas operações fossem feitas conforme prescrevem as regras da sciencia militar; porém isto ninguem censurou, pois desde as primeiras disposições para a campanha oriental tudo se fez com pouca reflexão.

Está demonstrado que o ministerio de 31 de Agosto considerou os dous cercos póstos a Paysandú operações de guerra muito regulares, e deu pouca importancia á liberdade concedida aos officiaes prisioneiros.

Entretanto o convenio de 20 de Fevereiro, que entregou aos alliados a praça de Montevidéo sem gastarem um cartuxo, que poupou as vidas de 2,000 Brasileiros, além de outras vantagens immediatas, foi julgado tão deficiente pelo gabinete presidido pelo senador Furtado, que demittio o ministro que o fez.

O ministerio de 31 de Agosto não aquilatou bastante as vantagens obtidas com a celebração d'esta convenção.

Supponha-se que não se tinha feito o convenio de Fevereiro. O exercito brasileiro, que era ainda pequeno para atacar praças, encetaria as hostilidades contra Montevidéo com os poucos elementos de que então dispunha, sem se poder calcular o tempo que duraria o cerco nem quaes seriam as perdas do exercito. A população nacional e a estrangeira tinham soffrido muito em suas vidas e interesses; n'este caso quantas reclamações e protestos não teria recebido o enviado brasileiro dos agentes diplomaticos estrangeiros residentes em Montevidéo?

Se a resistencia e o sitio se prolongassem, Lopes podia mandar um exercito á Banda Oriental e as cousas teriam tomado aspecto ameaçador. Nosso pequeno exercito e o de Flôres aniquilados, o partido blanco consolidado no poder e a Republica Oriental unida contra nós, Corrientes e Entre-Rios, tendo á frente Urquiza, fazendo parte d'essa alliança, taes seriam as consequencias da invasão paraguaya. Era com effeito esse o plano de Lopes, que ficou destruido graças ao desenlace brilhante de 20 de Fevereiro.

O convenio de Fevereiro desconcertou todos os projectos do dictador, que se preparava activamente para soccorrer seus alliados de Montevidéo. Ao receber essa noticia fez elle com que o seu exercito, que occupava as Missões da margam esquerda do Paraná, atravessasse de novo este rio, e ficou por muito tempo sem saber que partido tomar. Só mais tarde, em Junho, passados os primeiros momentos de indecisão e de desanimo, atreveu-se elle a destacar sobre o Rio-Grande e Uruguay o exercito de Estigarribia.

Voltemo-nos agora para a Republica Argentina.

Os esforços que fez o conselheiro Paranhos para alcançar a intervenção argentina, foram baldados.

O govêrno argentino fazia votos pelo triumpho da revolução, e estava de relações rotas com o governo de Montevidéo. A imprensa de Buenos-Ayres excitava-nos á guerra, e os proprios orgãos dedicados ao presidente Mitre instigavam-nos á luta. Mitre, porém, queria colher todas as vantagens da luta sem compromettes n'ella o seu paiz. O mesmo procedimento teve quando á questão do Paraguay, declarando positivamente que só reputaria *casus belli* a violação do territorio argentino. Com essa politica habil pretendia elle fazer a grandeza de seu paiz e livrar-se, á nossa custa, dos blancos e de Lopes.

Quanto ao Paraguay sabe-se que elle não pôde fazer tudo quanto quiz, porque Lopes invadio Corrientes e apoderou-se de tres vapores de guerra argentinos, obrigando-o assim á alliança.

N'estas circumstancias, que eram provaveis darem-se, a nossa situação no Rio da Prata tinha sido muito critica; o convenio de 20 de Fevereiro evitou todas estas complicações e calamidades.

O ministerio que dirigio como mostramos a campanha do Estado Oriental, achou deficiente a convenção que entregou a praça de Montevidéo sem o exercito brasileiro dar um tiro, não se lembrando que não podiamos alcançar maiores vantagens que os compromissos contrahidos pelo general, chefe da revolução, já reconhecido nosso alliado, como consta das notas reversaes de 28 e 31 de Janeiro de 1865.

A convenção de paz foi assignada no dia 20 de Fevereiro, ficando attendidas todas as nossas reclamações. A Republica Oriental alliou-se ao Imperio contra o dictador do Paraguay, e, em um momento, sem effusão de sangue, vimo-nos desembaraçados dos perigos que nos cercavam, transtornando completamente os planos de Lopes.

Com uma precipitação incrivel, e antes mesmo de receber do conselheiro Paranhos todos os esclarecimentos necessarios, o governo o dispensou da missão diplomatica que desempenhava no Rio da Prata, declarando deficiente (foi o termo official) o accordo de 20 de Fevereiro.

CARTA DO GOVERNADOR PROVISORIO DA REPUBLICA ORIENTAL A SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRASIL.

« Venancio Flôres, governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay, a Sua Magestade D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.—Salve.

« Senhor. — Cumprimos o grato dever de communicar a Vossa Magestade Imperial que esta Republica, graças aos esforços dos bons Orientaes, e á generosa cooperação do Brasil, festeja hoje a cessação da guerra civil, ao mesmo tempo que applaude com enthusiasmo o restabelecimento de suas boas relações com o Imperio vizinho.

« Instituido no dia 22 do corrente um governo provisorio, de que me cabe a honra de ser chefe, em consequencia d'aquelle grande e feliz acontecimento, elle deve reger os destinos deste paiz até que, de conformidade com a nossa lei fundamental, seja eleito o seu presidente constitucional.

« Os Orientaes reconhecem que a paz de que hoje começa a gozar a Republica, e as esperanças de prosperidade e de ordem que renascem com a nova situação politica, são em grande parte obra da alliança que Vossa Magestade Imperial se dignou mais uma vez conceder-nos.

« Em nome dos Orientaes, Senhor, agradecemos ao Brasil e ao seu excelso Monarcha tão grande beneficio e honroso concurso, protestando igualmente que nossa gratidão será sem limites.

« Pedimos a Deos que vos tenha, mui alto, poderoso e excelso principe, em sua santa guarda. — *Venancio Flôres.*

« Montevidéo, 24 de Fevereiro de 1865. »

CARTA DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRASIL AO GOVERNADOR PROVISORIO DA REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY.

« D. Pedro II Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, etc., Envia muito saudar ao grande e bom amigo o general D. Venancio Flôres, governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay, a quem muito estima e préza.

« Com a maior satisfação recebi a carta de 24 de Fevereiro ultimo, pela qual me communicaes a grata noticia de ter cessado a guerra civil que dilacerava esse paiz, e a installação do governo provisorio de que sois chefe, e que deve reger a Republica, até que, de conformidade com a lei fundamental do Estado, seja eleito o presidente constitucional.

« Agradecendo-vos esta mui grata communicação, e ainda mais as expressões amigaveis que manifestaes na dita carta, sobre a parte que attribuis ao Imperio na realisação de tão importantes acontecimentos, dos quaes resultou o restabeleci-

mento das boas relações entre o Brasil e o Estado Oriental, apresso-me a congratular-me comvosco pela paz da Republica, fazendo sinceros votos para que seja perpetua a união do povo oriental e constante a sua prosperidade.

« Illustre general D. Venancio Flôres, governador provisorio da Republica, Nosso Senhor vos haja em sua santa guarda.

« Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, em 7 de Março de 1865.

« Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.—*João Pedro Dias Vieira.* »

Depois d'este documento, que se acaba de lêr, não se póde duvidar de que o governo imperial considerou terminada a questão com o Estado Oriental, e que o convenio havia de ter fiel execução.

O governo que achou deficiente o convenio, contentou-se com demittir o negociador, descuidando-se de mandar instrucções sobre os meios de preencher-se a deficiencia do acto de 20 de Fevereiro.

Vejamos agora o protocollo reservado e addicional ao de 20 de Fevereiro, que devia satisfazer o governo imperial.

PROTOCOLLO ADDICIONAL AO CONVENIO DE 20 DE FEVEREIRO.

« Reunidos SS. EEx. os Srs. brigadeiro general D. Venancio Flôres e conselheiro José Maria da Silva Paranhos, ministro do Brasil, por uma parte, e Sua Ex. o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes por outra parte, para concluirem os ajustes relativos ao restabelecimento da paz interna da Republica e de suas boas relações com o Brasil; convieram em que fosse objecto de um accordo reservado a satisfação que se exigia por parte do Brasil; pelo insulto feito ao seu pavilhão, nas vesperas d'esta negociação de paz, e nas ruas de Montevidéo, por alguns altos funccionarios da Republica.

Sua Ex. o Sr. ministro do Brasil declarou que o referido insulto, cujos pormenores não desejava e não devia recordar n'esta occasião, parecia ter sido calculado para estorvar todo o temperamento generoso da parte do Brasil; mas que o mesmo Sr. ministro, fazendo justiça aos sentimentos elevados do seu governo, se limitava a reclamar que, além da demonsção de honra e amisade, que S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, por si e em nome da nação oriental, havia promettido á bandeira brasileira, segundo os estylos dos povos cultos, como são o Brasil e a Republica Oriental, fossem obrigados a sahir do paiz por algum tempo os autores d'este triste feito.

« Annuindo a esta proposição S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, e lamentando S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes que as paixões da guerra houvessem dado lugar a um facto que elle foi dos primeiros a reprovar em sua consciencia e em seu coração, propunha não obstante que os sentimentos de moderação do Brasil, não exigissem mais do que é necessario para o seu desaggravo.

« O insulto, disse S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, não póde ser considerado como feito pela nação oriental e é por esta inteiramente obliterado com a demonstração que offerece dar S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres; a exigencia n'estes momentos de fazer sahir do paiz dous homens importantes da defeza de Montevidéo, póde levantar resistencias que hoje não encontra o patriotismo de S. Ex. o Sr. D. Thomaz Villalba, para conseguir a paz sem mais effusão de sangue; generoso como se mostra e se tem mostrado sempre o governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil, em suas relações com o Estado Oriental, espera que o digno representante do Brasil, desistirá da segunda parte da sua exigencia, que demais será satisfeita pela ordem natural dos acontecimentos que se vão desenvolver : as pessoas compromettidas n'esse feito, e com ellas outras que mais tarde devem receiar de odios que só o tempo faz esquecer, por acto proprio ausentar-se-hão do seu paiz.

« S. Ex. o Sr. ministro do Brasil, attendendo ás considečões de S. Ex. o Sr. D. Manoel Herrera y Obes, e para condescender tambem com outras proprias dos sentimentos consiliadores de S. Ex. o Sr. brigadeiro general D. Venancio Flôres, conveio em que ficasse convencionado, que os mais compromettidos no referido desacato á bandeira brasileira, seriam obrigados a sahir temporariamente da Republica, se o não fizessem espontaneamente ao tempo de proclamar-se a paz.

« Sendo aceita esta proposta de sua S. Ex. o Sr. ministro do Brasil, deu-se por finda a conferencia, da qual lavrou-se o presente protocollo em tres exemplares que vão assignados pelos tres negociadores. Feito na Villa da União aos 20 de Fevereiro de 1865. »

« Julguei, porém, que até novas ordens do governo imperial (diz o conselheiro Paranhos) devia satisfazer-me com a demonstração de honra e respeito á bandeira brasileira e a expatriação dos compromettidos.

« O Brasil interessado na conservação da ordem constitucional n'aquelle Estado, e que até foi ouvido em 1828 sobre o seu pacto fundamental, não podia fazer semelhante exigencia; e demais eu não tinha instrucções expressas, achava-me sempre n'esta alternativa se exigisse muito, a opinião publica no Brasil poderia dizer :—Deslustrastes com o vosso rancor a

victoria do Brasil; se existe pouco :—Deixastes sem desaggravo sufficiente a dignidade do nosso paiz. (*)

« O *Diario Official* declarou que o Brasil devera exigir a expatriação de todos os homens do governo de Aguirre, de todos os chefes do partido blanco, isto é, uma expatriação em massa. »

O que acabamos de transcrever da defesa do conselheiro Paranhos, mostra que o ministerio de 31 de Agosto não tinha principios fixos a seguir sobre a politica que devia adoptar no Rio da Prata, e por esta razão quasi tudo quanto fez n'este sentido foi incompleto ou imperfeito.

« Depois da minha demissão (continúa o conselheiro Paranhos a pag. 81 do seu primeiro discurso no senado), apressou-se o governo imperial a escrever um despacho reservado, para ser lido pelo nosso consul geral em Montevidéo ao governo da Republica, explicando o facto d'essa inesperada demissão. E' documento digno de ser analysado, mas por ora limito-me a ler a resposta do governo oriental, pela qual se vê que, segundo declarações solemnes do governo da Republica, o art. 2.° do convenio é applicavel aos attentados do Jaguarão, não por vontade sómente do governo oriental, mas pela força da letra e espirito d'esse artigo. »

OFFICIO DO GOVERNO DE MONTEVIDÉO, AO CONSELHEIRO PARANHOS.

« —Ministerio de relações exteriores.—Montevidéo, em 14 de Março de 1865.

« —O abaixo assignado, ministro e secretario de estado no departamento de relações exteriores da Republica Oriental do Uruguay, tem a honra de dirigir-se a S. Ex. o Sr. ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros de Sua Magestade o Imperador do Brasil, para manifestar-lhe de ordem de S. Ex. o Sr. governador provisorio da Republica, que á vista da nota reservada de S. Ex. o Sr. ministro, de que lhe deu conhecimento o Sr. consul geral do Imperio, relativa á exoneração do Sr. csnselheiro Paranhos da missão que lhe estava confiada; o governo da Republica lamenta esse facto, que lhe causou um sincero pezar, mas o respeito, sem permitir-se formar o mais insignificante juizo, porque talvez informações, até certo ponto equivocadas, lhes tenham podido dar origem.

« —De certo, o Sr. conselheiro Paranhos, a quem por seu leal e acertado procedimento estão gratos o governo e todo o paiz, não fez outra cousa mais do que cumprir fielmente a missão de que estava encarregado, tendo sempre por norte os interesses, o decoro e a dignidade da nação brasileira.

(*) Vejam-se os artigos sobre o convenio publicados no *Jornal do Commercio* de 26, 29 e 30 de Março de 1865.

« —Verificado o rendimento da praça de Montevidéo, os termos da capitulação talvez não tenham sido sufficientemente apreciados. No seu art. 2.° deve o governo imperial ver a mais plena garantia de que os seus direitos e os deveres do governo oriental estão perfeitamente resalvados, pois que se deixa á acção da justiça o reconhecimento dos crimes civis ou politicos, em que tenham podido incorrer os individuos a que elle se refere.

« —O governo provisorio, de accordo não só com as manifestações e desejos do Sr. conselheiro Paranhos, mas tambem com os seus proprios e espontaneos compromissos, expressados na communicação que com data de 28 de Janeiro dirigio ao Sr. conselheiro Paranhos, e, além, d'isso, com o estipulado nas clausulas secretas da capitulação, a respeito dos insultos irrogados ao Imperio pelo desacato á bandeira brasileira, e a respeito dos tratados existentes entre ambos os paizes, já havia expedido ordens para que a pessoa de D. Basilio Munhoz fosse conduzida a esta cidade debaixo de guarda, afim de ser submettido a julgamento pelo procedimento que teve em suas correrias; procedimento que, embora se verificasse em territorio brasileiro, fóra portanto da jurisdicção da Republica, deseja não obstante o governo provisorio ver esclarecido, afim de tornar effectivo o castigo que possa merecer, justificados os actos vandalicos que lhe são imputados: e com data de 12 do corrente renovou aquellas ordens, attentas as justas reclamações do Sr. conselheiro Paranhos, a quem se fez saber isso mesmo, transmittindo-se em seguida ao Sr. consul geral do Imperio, para seu conhecimento.

« —No proposito, pois, de que o governo imperial possa ter um conhecimento exacto de todos estes factos, e uma explicação conveniente da actualidade em suas relações e compromissos para com o Imperio, que lhe faça apreciar em toda a sua justiça o procedimento do Sr. conselheiro Paranhos, e os propositos do governo provisorio de tornar effectivos os seus espontaneos e devidos compromissos, resolveu o governo provisorio enviar proximamente uma missão especial junto ao governo de Sua Magestade Imperial, afim de que, com o exacto e cabal conhecimento da politica e tendencias do governo provisorio, explique e desvaneça qualquer interpretação equivocada que tenha podido dar-se aos successos e ao estado actual dos negocios da Republica em relação ao Imperio.

« —Este passo julga o governo provisorio que é tanto mais necessario, quanto no estado presente dos successos no Rio da Prata, e especialmente no que respeita á questão paraguaya, deseja sinceramente desvanecer toda a desintelligencia que desgraçadamente possa surgir.

« —Rogando a S. Ex. se sirva dar conhecimento da presente nota a Sua Magestade o Imperador, o abaixo assignado

offerece a S. Ex. as seguranças de sua alta e distincta consideração.

«— A S. Ex. o Sr. ministro dos negocios estrangeiros do Imperio do Brasil.—*Carlos de Castro.*—»

« Ainda será licito, senhores (continúa o conselheiro Paranhos, a pag. 83), á vista d'esta declaração solemne do governo oriental, duvidar de que o art. 2.º tem applicação aos attentados commettidos pelas forças ao mando de Munhoz?

« O nobre ex-ministro dos negocios estrangeiros, tendo a pag. 26 do seu relatorio asseverado que aquelles attentados não estavam comprehendidos no art. 2.º do convenio, e articulados os outros pontos da accusação que o governo imperial fez ao seu ex-delegado e quer ainda sustentar, posto que contradizendo-se a cada passo, disse a pag. 26 o seguinte:

« — Comtudo o governo imperial julgou o convenio de 20 de Fevereiro deficiente, por não haver devidamente attendido a graves offensas commettidas no ultimo periodo da administração Aguirre, taes como as inqualificaveis correrias do general Munhoz e coronel Apparicio, que mandados pelo governo de Aguirre para exercer actos de vandalismo contra a população inoffensiva rio-grandense, depois de um ataque infructifero sobre a cidade de Jaguarão, commetteram em suas immediações os mais horrorosos attentados; o insulto á bandeira nacional, e o insolito procedimento dos prisioneiros de Paysandú, que sob palavra de honra, postos em liberdade por um acto generoso do chefe brasileiro, recolhendo-se a Montevidéo empunharam de novo as armas contra o Imperio. »

REFLEXÕES A RESPEITO DO OFFICIO DO GOVERNO DE MONTEVIDÉO.

O officio acima transcripto do governo provisorio do Estado Oriental em resposta ao que lhe dirigio o governo imperial explicando as razões porque demittio o conselheiro Paranhos, contém alguma censura ao procedimento irreflectido do ministerio de 31 de Agosto.

Este ministerio estava tão convencido do acerto de todos os seus actos, que não deu attenção ao que lhe disse o governo oriental sobre os serviços prestados pelo conselheiro Paranhos ao povo oriental e tambem ao exercito brasileiro, ao qual livrou de perder metade dos seus soldados nas trincheiras de Montevidéo.

Aquelle officio diz: — Que ao Sr. conselheiro Paranhos estão gratos o governo oriental e todo o paiz, pois que não

fez outra cousa mais do que cumprir fielmente a missão de que estava encarregado, tendo sempre por norte os interesses, o decóro e a dignidade da nação brasileira. Estes sentimentos nobres do governo oriental manifestados ao governo do Imperio, mereceram approvação de todos os homens sensatos e imparciaes.

Com aquella demissão pareceu mostrar o governo imperial que não confiava nos ajustes contidos no convenio de 20 de Fevereiro, e que exigia do governo oriental outras clausulas que n'elle se não continham, ou condições de vencedor; quando o ministerio de 31 de Agosto devia ter ficado agradecido ao conselheiro Paranhos pelo serviço que prestou na conclusão da paz com o Estado Oriental sem novo derramamento de sangue.

A nota que o ministro dos negocios estrangeiros, João Pedro Dias Vieira, mandou ao consul geral do Brasil em Montevidéo para a communicar áquelle governo e a resposta acima transcripta, não se publicaram no relatorio d'aquelle ministerio.

Finalisaremos a missão do conselheiro Paranhos com transcrever os documentos que lhe dizem respeito, principiando pela nota dirigida ao consul brasileiro em Montevidéo sobre a demissão do conselheiro Paranhos, a qual foi lida no senado pelo ex-ministro seu autor.

« Ao consulado geral em Montevidéo.—Secção central.—Reservado.—Em 8 de Março de 1865.

« O governo imperial resolveu dispensar o Sr. conselheiro Paranhos da missão diplomatica de que o havia encarregado junto ás Republicas do Rio da Prata.

« Este acto foi determinado pela circumstancia de não haverem sido attendidas, tanto quanto cumpria, no convenio de 20 de Fevereiro, algumas considerações a que o governo devia ligar a maior importancia, pois que se tratava de não deixar sem a mais completa satisfação as graves offensas contra a dignidade do Imperio, praticadas pelo governo de Montevidéo no ultimo periodo da administração Aguirre.

« No entretanto o governo imperial não deixa de reconhecer o benefico influxo de um accordo que pôz fim á guerra, tanto civil como estrangeira, abrindo-nos as portas de Montevidéo sem derramamento de sangue, e entregou o governo provisorio da Republica ao nosso alliado e amigo o

Sr. general Flôres, ao qual acha-se o Brasil ligado por solemnes compromissos de reciproca utilidade e conveniencia. Assim que o governo imperial, apezar da deficiencia indicada, manterá com toda a lealdade e boa fé o accordo ajustado.

« A exoneração do Sr. conselheiro Paranhos em nada influe sobre a fiel execução do referido convenio, nem sobre a politica seguida pelo governo imperial nos negocios do Rio da Prata, que continuará como anteriormente.

« Não podendo seguir n'este vapor á legação imperial em Montevidéo, e por outro lado, não querendo o governo de Sua Magestade demorar esta communicação ao governo provisorio d'essa Republica, cumpre que Vm. para este fim dê conhecimento d'este despacho a S. Ex. o Sr. ministro das relações exteriores, entregando-lhe cópia authentica, se assim o exigir.

« Reitero a Vm. os protestos de minha estima e consideração.—*João Pedro Dias Vieira.*

« Ao Sr. Melchior Carneiro de Mendonça Franco. »

DESPEDIDA OFFICIAL DO MINISTRO DO BRASIL EM BUENOS-AYRES.

« Sr. Ministro.—A missão especial que eu desempenhava junto ao governo argentino está terminada, tendo o governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil resolvido dispensar-me d'esse tão honroso quanto difficil encargo

« Regressando ao meu paiz e ao seio de minha familia, eu levo, Sr. ministro, a convicção de que, quanto em mim cabia, procurei cultivar as boas relações que felizmente existem entre o Brasil e esta Republica, considerando-as sempre estas unicas bases duradouras,—boa fé, benevolencia e respeito reciproco, a mais perfeita harmonia dos interesses de uma com os da outra nação.

« N'este empenho tive tambem muito em vista merecer a estima e consideração pessoal do governo argentino, e creio, Sr. ministro, que não é infundada a grata convicção que nutro de o haver merecido. As repetidas provas de benevolencia do illustre chefe d'este Estado, e de V. Ex. como seu digno orgão e cooperador, assim m'o asseguram, e ficarão indeleveis em meu reconhecimento.

« Digne-se V. Ex. acolher por sua parte este sincero testemunho de minha gratidão, e esta homenagem do meu respeito ao seu elevado merito; dignando-se outro sim significar a S. Ex. o Sr. general Mitre a emoção que sinto ao recordar-me das relações pessoaes com que elle distinguio-me e que fizeram-me admirador dos raros dotes de intelligencia e de coração que ornam o seu espirito e o seu caracter.

« Na côrte do Rio de Janeiro, onde resido, e para onde

partirei brevemente, logo que tenha preenchido em Montevidéo deveres iguaes aos que acabo de cumprir, V. Ex., Sr. ministro, encontrar-me-ha sempre prompto e desejoso de mostrar-lhe praticamente os sentimentos com que sou de V. Ex. muito attento e seguro servidor.

« A S. Ex. o Sr. Dr. D. Rufino de Elizalde, ministro e secretario de estado das relações exteriores da Republica Argentina. — *José Maria da Silva Paranhos.*

« Buenos-Ayres, em 18 de Março de 1865. »

RESPOSTA DO GOVERNO ARGENTINO Á CARTA DE DESPEDIDA DO MINISTRO DO BRASIL.

« Ministerio de relações exteriores. — Buenos-Ayres, 20 de Março de 1865.

« O abaixo assignado, ministro e secretario de estado de relações exteriores, teve a honra de receber a nota de 18 do corrente de S. Ex. o Sr. conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil, na qual annuncia que sua missão junto ao governo argentino terminou, por ter resolvido o governo de Sua Magestade o Imperador dispensal-o de tão honroso quanto difficil encargo.

« E'-lhe muito satisfactorio poder declarar a S. Ex. o Sr. Paranhos, por encargo do governo argentino, que não teve senão motivos para apreciar os nobres sentimentos e especiaes esmeros que revelou no desempenho de sua missão, para estreitar as mais sinceras e amigaveis relações entre a Republica e o Imperio do Brasil; concorrendo poderosamente para a pacificação do Rio da Prata, e para consolidar a politica internacional que felizmente mantém ambos os governos, e que ha de produzir os mais beneficos effeitos para estes paizes.

« S. Ex. o Sr. Presidente da Republica agradece sinceramente as demonstrações de apreço que V. Ex. lhe tributa e não póde deixar de encarregar ao abaixo assignado o fazer saber quanto as aprecia, e quão agradavel lhe será ter motivos para provar a V. Ex. a amizade e consideração que lhe professa.

« Por sua parte o abaixo assignado roga a S. Ex. o Sr. Paranhos queira aceitar a sincera manifestação de seus sentimentos de estima e apreço, e as seguranças de que sempre recordará, que na difficil missão que desempenhou, nunca teve senão razões para apreciar sua alta intelligencia e elevadas vistas, e os nobres esforços que empregou a bem dos interesses que lhe foram confiados, e que teve de tratar ante o governo argentino.

« Aproveito esta opportunidade para reiterar a V. Ex. minha alta consideração e estima.
« A S. Ex. o Sr. conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil. — *Rufino de Elizalde.*

DESPEDIDA DO MINISTRO BRASILEIRO EM MONTEVIDÉO.

« Sr. Ministro. — Como V. Ex. está já informado desde o dia 14 do corrente, Sua Magestade o Imperador do Brasil, meu augusto soberano, houve por bem dispensar-me da missão diplomatica que eu desempenhava junto aos Estados do Prata.
« Ao retirar-me d'este bello paiz, levo o mais profundo reconhecimento pelas demonstrações de apreço que o governo da Republica, e toda a população de Montevidéo, nacional e estrangeira, me testemunharam desde o feliz acontecimento de 20 de Fevereiro ultimo, e com mais expansão depois que separei-me d'aquelle cargo official.
« Queira V. Ex. manifestar a S. Ex. o Sr. governador provisorio da Republica, que jámais olvidarei as suas constantes provas da mais honrosa confiança e que em quaesquer circumstancias da minha vida publica serei admirador das eminentes qualidades que o distinguem, e farei os mais sinceros votos pela gloria de S. Ex. assim como pela prosperidade da nação oriental.
« A V. Ex. Sr. ministro, e aos seus dignos collegas, devo tambem muitas attenções pessoaes, que confesso com desvancimento, e conservarei sempre vivas em minha gratidão.
« Tenho a honra de ser com a mais perfeita estima e a mais alta consideração. De V. Ex. attento e seguro servidor.
« A S. Ex, o Sr. Carlos de Castro, ministro e secretario de estado de relações exteriores da Republica Oriental do Uruguay.—*José Maria da Silva Paranhos.*
« Montevidéo, em 23 de Março de 1865. »

RESPOSTA DO MINISTRO DE RELAÇÕES EXTERIORES DE MONTEVIDÉO.

« Ministerio de relações exteriores.— Montevidéo, em 28 de Março de 1865.
« Sr. Conselheiro.—Recebi e levei ao conhecimento de S. Ex. o Sr. governador provisorio, a carta de despedida que V. Ex. fez-me a honra de dirigir com data de 23 do corrente, e em resposta tenho a satisfação de manifestar a V. Ex. que S. Ex. o Sr. governador agradece intimamente as expressões de amisade que V. Ex. professa á sua pessoa em a nota a que

respondo, encarregando-me de sua vez retribuil-os a V. Ex. com as seguranças do alto apreço que merecem os distinctos serviços que em sua qualidade de representante de Sua Magestade o Imperador do Brasil prestou recentemente a esta Republica, concorrendo com a sua influencia e bons conselhos para o convenio de paz celebrado no dia 20 de Fevereiro ultimo.

« Depois d'esse fausto acontecimento teria sido certamente muito agradavel ao governo da Republica poder continuar suas communicações com o de Sua Magestade Imperial pelo intermedio de uma pessoa tão sympathica como V. Ex.; mas havendo seu augusto soberano julgado conveniente exoneral-o da missão diplomatica que se servio conferir-lhe junto aos Estados do Prata, a S. Ex. o Sr. governador provisorio sómente resta expressar a V. Ex. por meu conducto o sincero pezar que experimenta ao vêl-o afastar-se d'este paiz, onde deixa tão gratas recordações, acompanhando o com fervorosos votos ao Altissimo por sua prosperidade pessoal e pela do seu illustre soberano, o Imperador do Brasil.

« Associando-me aqui com os meus honrados collegas aos sentimentos manifestados por S. Ex. o Sr. governador provisorio, tenho a honra de offerecer a V. Ex. as seguranças de minha particular consideração e apreço.

« Ao Sr. conselheiro de Sua Magestade o Imperador do Brasil, Dr. José Maria da Silva Paranhos.—*Carlos de Castro.*»

CARTA DO CONSELHEIRO PARANHOS AOS SEUS COMPATRIOTAS, PUBLICADA NO JORNAL DO COMMERCIO DE 21 DE MARÇO DE 1865.

« Aos meus concidadãos.

« O decreto de 3 do corrente, que exonerou-me da missão especial de que eu estava encarregado, é uma d'essas injustiças que raros exemplos encontram nos annaes das fraquezas humanas.

« Decretar-se a minha demissão sem ouvir-me, por ter sacrificado a dignidade nacional, já era muito; mas mandar-se a demissão pelos jornaes a um homem que, até conseguir os fins que se propunha o Brasil (eu o provarei, espero em Deus), não mereceu do governo de Sua Magestade se não plena approvação ao que elle praticou sob sua grave responsabilidade, a um homem que occupa uma posição altamente considerada no seu paiz, e que aqui estava recebendo demonstrações das mais honrosas pela felicidade com que servio a nação que representava, é um acto que sorprendeu aos proprios inimigos do Brasil.

« Sacrifiquei a dignidade do Brasil no acto da capitulação de 20 de Fevereiro! Deus de Misericordia! que erro, que ingratidão!...

« A verdade ha de apparecer, e com o seu reconhecimento ficarei satisfeito; porque nunca aspirei, nem aspiro, se não a legar a meus filhos o nome que devo a uma vida sempre laboriosa e honrada.

« O raio com que resolveu fulminar-me o governo do meu paiz, e que estrondou em Montevidéo quando eu solemnisava o anniversario natalicio de Sua Magestade a Imperatriz, ferio o cargo, mas, mercê de Deus, não alcançou a pessoa que o exercia.

« A tranquillidade de minha consciencia assim m'o diz; as sympathias e considerações de que fui hoje rodeado por todos os membros do governo oriental e do corpo diplomatico, pelos almirantes francez e inglez, por muitas outras pessoas de distincção, entre as quaes conto muitos Brasileiros, me dão certeza de que o patriotismo de meus concidadãos foi illaqueado em sua boa fé, ou não pôde apreciar em sua verdadeira luz o brilhante triumpho do Brasil.

« Eu mesmo concorri para excitar os resentimentos nacionaes; e, pois, seria para mim uma consolação se o golpe, que me foi atirado da alta posição do governo do meu paiz, fosse devido unicamente a um excesso de amor proprio nacional.

« Mas não; o acto de 3 de Março não é simples effeito do patriotismo nacional extremamente excitado, é mais do que uma injustiça, é uma gravissima falta, que póde ser-nos fatal, se a defesa do demittido, e a contestação que ella suscitar, não puzerem bem patentes os fins legitimos a que sempre se propoz, e ainda hoje se propõe a politica externa do Brasil, em relação aos seus visinhos.

« Essa defesa ha de apparecer; e posto que eu não deva imitar a inexorabilidade do acto de 3 de Março, porque acima do ministerio do Brasil está o Brasil, espero que ella justificar-me-ha plenamente perante o juizo desapaixonado de meus patricios.

« Não posso partir immediatamente no paquete que sahe amanhã, como exigia o acto do governo imperial, porque ainda que demittido por uma maneira tão estrepitosa, porque ainda que a minha carta revocatoria fosse enviada, contra todos os estylos, pelo intermedio do nosso consul geral, devo não obstante attenções pessoaes e de etiqueta official aos governos junto aos quaes coube-me a honra de representar o Brasil na época talvez a mais critica de suas complicações externas.

« A não ser este ponderoso motivo eu partiria em continente, embora chegasse quando ainda a allucinação de que fui victima pudesse ver em mim, não o que sou, mas o que a malevolencia ou o erro figurou aos olhos de uma parte do brioso povo brasileiro.

« Que coincidencia notavel! Os inimigos do Brasil corriam espavoridos de Montevidéo quando ahi entravam as nossas

forças, e procuravam quem lhes désse um asylo seguro: pelo mesmo facto, minha pobre familia tambem careceu no Rio de Janeiro, no juizo do governo imperial, de que a policia a protegesse com os seus guardas.

« Cousa singular! O partido vencido em Montevidéo, os inimigos do Brasil, acharam tão admiravel o nosso triumpho, que o attribuiram á traição do honrado Sr. Villalba, por elles accusado de se ter vendido ao Brasil; na côrte do Rio de Janeiro se entendeu que o ministro do Brasil tinha sacrificado a dignidade nacional.

« Por honra da verdade deve-se confessar que esse triumpho não foi o fructo de uma seducção, o Sr. Villalba é digno da estima de todos os homens honrados; e se eu sacrifiquei a dignidade do Brasil, a discussão e o tempo o demonstrarão.

« Não tenho expressões com que agradecer a defesa generosa e brilhante com que fui honrado nas paginas do *Jornal do Commercio* e no *Correio Mercantil* de 9 do corrente. A causa do Brasil e o credito de seus leaes e dedicados servidores não podem perigar quando ha juizes tão illustrados e rectos, sem todavia terem penetrado no segredo de todos os actos officiaes. E' uma divida sagrada que fica para sempre registrada em meu coração.

« Protesto desde já contra o communicado do *Jornal do Commercio* d'aquella mesma data: é inexacto, grosseiramente inexacto, dizer-se em defeza do acto do governo imperial, que os attentados perpetrados pelas forças do general Munhoz, e os que deram lugar ás reclamações anteriores á guerra, ficaram impunes. O art. 2.° da capitulação de 20 de Fevereiro declara justamente o contrario em sua letra, e o seu espirito é manifestado em mais de um documento, de que o governo imperial tem sciencia. A nota de 28 de Janeiro ultimo, assignada pelo Sr. general Flôres, á qual se refere o acto de 20 de Fevereiro, assegura a punição dos factos mencionados no *ultimatum* de 4 de Agosto.

« Assim como já tinha apparecido um decreto do governo oriental, dando-nos plena satisfação pelo insulto da queima dos tratados, o mais grave que commetteu o furor de nossos inimigos, assim estava accordado que dentro em poucos dias apparecia outro, sujeitando ao processo legal os feitos vandalicos perpetrados contra o povo brasileiro do Jaguarão.

« Cumpre porém notar que estes ultimos attentados não constam de um modo positivo, e que sendo praticados em territorio brasileiro d'ahi são necessarios esclarecimentos que eu, sem ordem de quem me demittio, havia já solicitado directamente do presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul.

« Terão chegado esses esclarecimentos á côrte do Rio de Janeiro? A' legação de Montevidéo, até este momento, ainda não.

« Rogo aos meus concidadãos que não me condemnem sem ouvir-me; é impossivel que um acontecimento considerado em ambas as margens do Prata como brilhante triumpho do Brasil, possa justificar a severidade com que fui publicamente tratado pelo governo do Brasil.

« O Paraguay já retirou as suas forças de Corrientes, e recolheu-as ao seu territorio d'além do Paraná: porque seria? Pelo mesmo facto que tanto irritou o governo imperial! — *José Maria da Silva Paranhos.*

« Montevidéo, 14 de Março de 1865. »

O pouco conhecimento que tinha o gabinete de 31 de Agosto dos nossos negocios politicos com as Republicas do Prata, foi a principal causa d'elle ter dirigido tão mal a guerra contra o Estado Oriental, sem lh'a declarar formalmente; pois que ordenar represalias não é declarar guerra áquella nação da qual se tem recebido offensas, mas é sempre o principio de hostilidades que constituem a guerra no seu começo.

Pela mesma razão a demissão do conselheiro Paranhos na occasião em que acabava de prestar um serviço tão grande e em circumstancias tão criticas, foi porque aquelle ministerio não conheceu bem a sua importancia.

A este respeito, diz o conselheiro Paranhos, a pag. 147:

« O governo allegava que eu não tinha comprehendido o seu sublime pensamento, e eu tinha plena consciencia de haver observado á risca esse pensamento, eu estava intimamente convencido de que a nossa contenda com o governo de Montevidéo terminára do modo mais satisfatorio; era tambem este o sentimento geral dos Brasileiros que se achavam no theatro dos acontecimentos; não fallarei da opinião publica estrangeira que é bem conhecida. »

Lopes tinha promettido ao governo de Aguirre que o mandaria soccorrer e invadir a provincia do Rio Grande; isto se soube em Montevidéo no fim de Dezembro de 1864. O ministro britannico o communicou ao seu governo. Entretanto ainda em Abril do anno seguinte o exercito brasileiro se conservava acampado nas immediações de Montevidéo, esperando que se ajustasse o plano da campanha do Paraguay, quando já devia e podia estar no Rio Grande do Sul, para repellir a annunciada invasão paraguaya, pois já eram passados dous mezes depois de celebrada a paz com o Estado Oriental,

O governo imperial já a esse tempo, isto é, em fim de Abril

de 1865, devia saber da nota que o governo paraguayo dirigio ao argentino com data de 14 de Janeiro d'esse anno, na qual lhe diz o governo de Lopes:

« Que se vê obrigado a aceitar a guerra a que o provocou o Brasil, pelo despreso do seu protesto de 30 de Agosto. Pede consentimento para que os exercitos da Republica do Paraguay possam transitar pelo territorio da provincia argentina de Corrientes, no caso de que a isso fosse impellido pelas operações de guerra em que se acha empenhado com o Imperio do Brasil. »

O governo argentino respondeu-lhe em 9 de Fevereiro:

« Que propoz-se observar a mais extricta neutralidade n'essa guerra, que nada pôde fazer para evitar. Coherente com este proposito, respeitará por sua parte os legitimos direitos de ambos os belligerantes, cumprindo para com elle os deveres de amizade e boa visinhança como lhe cumpre fazer, e solicitará por seu turno que se respeitem os direitos da soberania e da neutralidade do povo argentino. Portanto o governo argentino fiel a seus deveres de neutro e consultando os interesses da nação, não considera conveniente acceder ao pedido do governo do Paraguay.

« Se bem que o direito do governo argentino, para não declarar os motivos d'esta negativa seja incontestavel, e que basta só enuncial-a para que seja acatada, com tudo a consideração em que tem o governo do Paraguay, e o desejo de remover ainda a mais remota causa que possa alterar suas boas relações, obrigam ao abaixo assignado a manifestal-ós a V. Ex. amigavelmente.

« Não existe nenhuma das causas que, segundo os principios do direito das gentes, podiam influir na opinião do do governo argentino para conceder aos belligerantes o transito pelo territorio da provincia de Corrientes. Este transito não é absolutamente necessario, não ha motivo imperioso que o torne unico e indispensavel. Pelo contrario, os belligerantes tem uma extensa e larga fronteira por onde pódem exercer hostilidades sem passar por territorio argentino, e o governo do Paraguay já o fez, invadindo e tomando parte do territorio brasileiro da provincia de Matto Grosso. Tem além d'isso livre e desembaraçado, pelos tratados vigentes e pelos principios de navegação dos rios, especialmente para os ribeirinhos, o transito por agua para os navios mercantes e de guerra de ambas as nações.

« A concessão que se solicita, tem pelo contrario todos os inconvenientes que justificam uma negativa segundo as doutrinas e praticas constantes admittidas pelas nações cultas. Concedido o transito ao governo do Paraguay, ficaria elle livre igualmente ao do Brasil, e então o territorio neutro

argentino viria a ser o theatro da guerra, e d'este facto surgiriam males e complicações mui graves, que é do dever do governo evitar e precaver.»

. . . .

RELATORIO DO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS.

« O governo de Buenos-Ayres communicou ao nosso enviado, em data de 10 de Fevereiro, que o governo do Paraguay solicitára licença do governo argentino, para passar pela provincia de Corrientes o seu exercito, para vir fazer a guerra ao Brasil; e a resposta que lhe deu, negando esta passagem.

« O nosso enviado respondeu ao governo argentino em data de 4 de Março, depois de fazer algumas reflexões sobre a guerra que o governo do Paraguay declarou ao do Brasil, e sobre a neutralidade que queria conservar o governo argentino; termina assim a sua nota:

«— A pretenção paraguaya de querer transito livre por toda a provincia de Corrientes, e sua contestação ao perfeito direito que tem o Brasil, pelos pactos vigentes, á livre navegação do rio Paraná, sem excepção da sua marinha de guerra, é uma nova prova dos principios que regulam a politica do governo paraguayo, em suas relações com os outros Estados. O governo de Assumpção a exemplo do transito fluvial assegurado ao Brasil por tratados que elle conhece perfeitamente, pretendia faculdade, não sómente para descer até ao Uruguay pelo territorio que occupa na extrema da provincia de Corrientes, mas ainda para converter em theatro de suas operações de guerra todo o territorio argentino d'aquella provincia. Este estranho pedido autorisa illações que não pódem ter escapado á perspicacia do governo argentino, em cuja solicitude e leal amizade, o governo de Sua Magestade o Imperador deve confiar, e confia plenamente.—»

Logo que constou ao nosso enviado em missão especial no Rio da Prata, que o governo do Paraguay tinha pedido permissão ao argentino para passar o exercito paraguayo pela provincia de Corrientes, dirigio ao governo argentino e ao corpo diplomatico em Buenos-Ayres um manifesto em nome do governo imperial com data de 26 de Janeiro de 1865, no qual faz a exposição do comportamento do governo do Paraguay, particularmente com o Brasil.

O conselheiro Paranhos teve de incumbir-se até mesmo d'esse trabalho. O gabinete de 31 Agosto nem se quer o

manifesto de guerra quiz fazer, como nos parece que lhe competia, tudo deixou ao diplomata que devia advinhar quaes eram as intenções dos membros d'aquelle ministerio.

MANIFESTO DO GOVERNO IMPERIAL.

CIRCULAR DO MINISTERIO BRASILEIRO EM MISSÃO ESPECIAL AO GOVERNO ARGENTINO E AO CORPO DIPLOMATICO DE BUENOS-AYRES.

« Missão especial do Brasil. — Buenos-Ayres, em 26 de Janeiro de 1865.

« O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil, acreditado em missão especial junto á Republica Argentina, recebeu ordem para dirigir ao Sr.... ministro de.... o manifesto que faz objecto da presente nota.

« O governo da Republica do Paraguay, sorprendendo a boa fé e moderação do Brasil declarou-lhe guerra, em alliança com o governo de Montevidéo, e já levou suas armas a povoações quasi indefesas da provincia de Matto-Grosso.

« O governo imperial deseja que as potencias amigas possam apreciar em seu imparcial e illustrado juizo, quanto ha de injusto e inaudito n'esse temerario procedimento de um governo com quem o Brasil se esforçava por cultivar as mais benevolas relações de visinhança.

« A Republica do Paraguay, Sr. ministro, vivia sequestrada do commercio das outras nações e ameaçada em sua existencia pelo ex-governador Rosas, quando entre ella e o Brasil se estabeleceram as mais estreitas relações de amizade e reciproca confiança. O interesse que o governo de Sua Magestade tomou pela independencia do povo paraguayo foi reconhecido pelo proprio governo da Assumpção, e póde ser testemunhado por varios gabinetes da Europa e da America.

« Em 1852, alliando-se o Brasil ao Estado Oriental do Uruguay e a uma importante fracção da Republica Argentina, contra os seus oppressores e inimigos do Imperio, os generaes Rosas e Oribe, o governo imperial convidou logo o do Paraguay para essa crusada de honra e de interesse commum, não pela necessidade de sua cooperação, mas como garantia do futuro reconhecimento de sua independencia pela nação argentina. O governo paraguayo, porém, obrigado por pactos prexistentes entre elle e o do Brasil, a tomar parte activa n'aquella triplice alliança, apenas prestou-lhe uma adhesão nominal: poupou-se a todos os onus, reservando-se, todavia, o direito de participar dos beneficios que resultassem e effectivamente resultaram dos esforços do Imperio e dos seus alliados.

« Abertos os affluentes do Rio da Prata á navegação dos ribeirinhos e de todo o mundo civilisado, o governo paraguayo foi o primeiro a utilisar-se da concessão dos alliados, mas por sua parte conservou o Alto Paraguay fechado a todas as bandeiras, mesmo ás do Brasil, da Republica Argentina e do Estado Oriental, ás quaes não permittia passar além da Assumpção. Esta denegação do Paraguay não era uma simples falta de reciprocidade, era a postergação de principios estipulados entre o Brasil e a Republica por um tratado solemne, o de 25 de Dezembro de 1850.

« A provincia brasileira de Matto Grosso, que encerra em si elementos de grande prosperidade, continuou privada da navegação exterior, como antes estivera a Republica do Paraguay, não já pelo poder ominoso do governador Rosas, mas pela vontade arbitraria do governo da Assumpção. Assim permaneceu aquella provincia desde 1852 até 1856, quatro longos annos depois de franqueada a navegação do Prata e de seus affluentes por todos os outros ribeirinhos.

« Tão injusto e irritante procedimento do governo paraguayo esteve a ponto de provocar uma guerra com o Brasil; este, porém, a soube evitar pela sua moderação, não obstante os custosos preparativos que já tinha feito para sustentar pelas armas o seu direito. Em 1856 assignaram-se na côrte do Rio de Janeiro duas convenções que puzeram termo áquella conjunctura.

« Uma d'estas convenções adiava a questão de limites, causa principal da contenda, porque o governo paraguayo já não admittia nenhuma das soluções que antes propuzera, nem outra mais vantajosa á Republica, que então lhe offerecia o governo imperial. A segunda assegurava á bandeira brasileira o livre transito pelo rio commum, com esta restricção a que o Imperio accedeu por amor da paz: — que só dous navios de guerra poderiam passar pelas aguas da Republica para o territorio brasileiro do Alto Paraguay.

« Apenas promulgado o referido accordo amigavel, o governo paraguayo annullou-o de facto, sujeitando a navegação commum a regulamentos que eram a negação do estipulado e tornavam impossivel todo o commercio exterior com a provincia de Matto Grosso.

« E' facil conjecturar o effeito que a nova provocação devia produzir no animo do povo e do governo brasileiro. A guerra tornou-se mais uma vez imminente, o Brasil foi obrigado a novos armamentos, ms ainda n'esta emergencia o Brasil preferio a paz, e pôde pela sua prudencia evitar decorosamente aquelle recurso extremo.

« O governo imperial propoz e assignou de inteira boa fé o accôrdo que se contém na convenção fluvial de 20 de Fevereiro de 1858. Esta convenção não foi para o Brasil uma tregoa, á sombra da qual pudesse preparar-se com mais vantagem para rompel-a logo que assim lhe conviesse.

« Não; o governo imperial, conscio de seus direitos, e certo do civismo do povo brasileiro, nunca quiz ver nos excessivos armamentos paraguayos mais do que o triste resultado da politica meticulosa d'esse governo, e do regimen anormal em que ainda permanece a Republica. Esperou sinceramente que o tempo e suas benevolas intenções determinassem por fim a conversão d'aquelle governo aos dictames da razão, da justiça internacional.

« N'estas disposições confiava o governo imperial, quando lhe sobreveio o conflicto com o de Montevidéo, e vio-se com espanto no Rio da Prata o governo da Assumpção apresentar-se como o mais zeloso defensor da independencia da Republica Oriental do Uruguay, que ninguem sériamente podia julgar ameaçada pelo Brasil, que a defendêra contra o poder de Rosas, e sem o concurso a que o governo paraguayo se obrigára no citado pacto de 25 de Dezembro de 1850.

« Depois de numerosos actos, pelos quaes o governo imperial tem dado provas inequivocas do seu respeito á independencia d'aquelle Estado limitrophe, quando o governo argentino, que tem com o do Brasil estipulações especiaes a esse respeito, fazia justiça ás intenções d'este, a simples duvida da parte do governo paraguayo era por si só uma offensa immerecida; mas esse governo foi mais longe, erigindo-se em arbitro supremo entre o governo imperial e o da Republica Oriental, dirigio ao primeiro uma notificação ameaçadora, que nada menos importava do que coartar ao Brasil uma parte dos seus direitos de soberania no conflicto em que se achava com o governo de Montevidéo.

« O abaixo assignado refere-se aqui á nota paraguaya que corre impressa com data de 30 de Agosto ultimo, pelo qual pretendeu o Presidente d'aquella Republica ingerir-se na questão a que era de todo extranho, sob o pretexto de perigo para à independencia do Estado Oriental. O governo da Assumpção não definia a natureza e alcance da sua ameaça; envolveu-a em mysteriosa reserva, e tornou-a dependente de uma clausula — a occupação do territorio oriental por forças do Brasil —, que se não verificou, e que o governo imperial havia declarado estar fóra do seu intento de medidas coercitivas contra o governo de Montevidéo.

« A resposta a semelhante pretenção e ameaça não podia ser outra se não a que lhe deu a legação imperial na Assumpção, fazendo sentir ao governo paraguayo que o Brasil exercia um direito inherente a todas as soberanias, e que nenhuma consideração poderia detêl-o no justo e honroso empenho de defender a sua dignidade e proteger as pessoas e propriedades dos numerosos subditos brasileiros residentes no Estado Oriental.

« A entrada de um exercito brasileiro no territorio da Republica do Uruguay, sem que este praticasse acto algum

de occupação, servio, não obstante, de fundamento para que o Presidente da Republica do Paraguay rompesse as suas relações de paz com o Brasil. A ameaça de 30 de Agosto ultimo foi allegada como prévia e solemne declaração de guerra, para justificar um abuso inqualificavel da boa fé internacional, com que governo encetou as suas hostilidades de guerra contra o Brasil.

« O Sr. ministro tem conhecimento da captura insidiosa do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegava, como de costume, pacificamente pelo rio Paraguay com destino á provincia de Matto Grosso, e da prisão afflictiva a que têm sido constrangidos alguns dos inermes passageiros d'esse vapor, entre os quaes se acha um alto funccionario brasileiro, que ia tomar conta da administração d'aquella provincia.

« O governo da Assumpção considerou como prisioneiros de guerra, e trata com extrema severidade a passageiros que simplesmente transitavam pelas aguas da Republica, confiados no estado de paz em que se achavam os dous paizes, e á sombra de um direito incontestavel. Os tempos modernos não offerecem exemplo de attentado igual.

« O conflicto com o governo de Montevidéo foi, como se vê, um pretexto e uma occasião que o governo paraguayo aproveitou para levar a effeito seus projectos de guerra.

« Os factos referidos põem em toda a luz o plano ha muito premeditado por esse governo, e o alvo a que elle se dirige; mas ha outra prova não menos significativa de seus maleficos intentos. Esta prova é a expedição militar que elle enviou ao territorio de Matto Grosso, contando com as vantagens da sorpreza n'aquella remota provincia brasileira, victima a esta hora da devastação e atrocidades que vão praticando os seus invasores.

« A' vista de tantos e taes actos de provocação, a responsabilidade da guerra sobrevinda entre o Brasil e a Republica do Paraguay pesará exclusivamente sobre o governo da Assumpção. O governo de Sua Magestade repellirá pela força o seu aggressor, mas resalvando com a dignidade do Imperio os seus legitimos direitos, não confundirá a nação paraguaya com o governo que assim a expõe aos azares de uma guerra injusta, e saberá manter-se como belligerante dentro dos limites que lhe marcam a sua propria civilisação e os seus compromissos internacionaes.

« O abaixo assignado tem a honra de renovar ao Sr.... os protestos de sua mais alta consideração. — *José Maria da Silva Paranhos*. »

De que servio ao Brasil sujeitar-se em 1855 a tudo quanto quiz o governo do Paraguay, onde fez uma figura triste perante o mundo, estando presente a sua esquadra, que

devia ter ido para desaggravar a nação pelas offensas recebidas na pessoa do seu representante?

De que servio ao Brasil, pela sua excessiva prudencia, evitar aquelle recurso extremo da guerra ? Evitou então um mal menor, para soffrer depois um maior; evitou então a guerra, para esperar que o Paraguay lh'a declarasse.

O resultado de tanta prudencia, de tanta condescendencia, que pareceu fraqueza, foram as hostilidades que o Paraguay fez ao Brasil, em paga dos serviços que este lhe prestou para consolidar a sua independencia.

Estes factos estão confirmados no documento acima transcripto, assignado pelo conselheiro Paranhos, no qual elle diz: — Tão injusto e irritante procedimento do governo paraguayo esteve a ponto de provocar uma guerra com o Brasil; este, porém, a soube evitar pela sua moderação. — Na circular de 26 de Janeiro de 1865 diz o conselheiro Paranhos; — A guerra tornou-se mais uma vez imminente, o Brasil foi obrigado a novos armamentos, mas ainda n'esta emergencia o Brasil preferio a paz.

— Os factos referidos põem em toda a luz o plano ha muito premeditado por esse governo, e o alvo a que elle se dirige. —

Duas vezes o Paraguay offendeu gravemente o Brasil. O Brasil, pela excessiva moderação de seus governos, compostos quasi sempre de homens de paz, soffreu tudo quanto os dictadores d'aquella Republica, Lopes pai e Lopes filho, premeditaram e realizaram para nos hostilisar de modo descommunal.

A traição d'esta pequena Republica, semi-barbara como foi até agora o Paraguay, está demonstrada na circular que o conselheiro Paranhos dirigio ao governo argentino e ao corpo diplomatico residente em Buenos-Ayres, já transcripta.

Julgamos que fica sufficientemente provado com o que temos escripto até aqui, o que dissemos no principio d'esta historia: — que a benevolencia e moderação do governo do Brasil, que queria manter as melhores relações com os governos dos Estados do Sul, embora não houvesse reciproci-

dade da parte d'estes, fosse a causa de todas as offensas que o Imperio do Brasil tem recebido até agora d'aquellas Republicas.—

Terminamos aqui a missão diplomatica de que foi encarregado o conselheiro José Maria da Silva Paranhos pelo ministerio de 31 de Agosto, para nos occuparmos da que foi fazer o tratado de alliança do 1.° de Maio de 1865.

LIVRO TERCEIRO.

MISSÃO AO RIO DA PRATA.

O ministerio de 31 de Agosto, que nomeou e demittio o conselheiro José Maria da Silva Paranhos de enviado do Brasil no Rio da Prata, nomeou o advogado Francisco Octaviano de Almeida Rosa para o substituir n'aquella commissão.

Esta nomeação foi pouco acertada, o que se mostrará com os factos que occorreram. Aquelle ministerio ou julgou aquella missão de pouca importancia depois de terminada a campanha do Estado Oriental, ou entendeu que o novo ministro podia desempenhar aquella commissão tão bem ou melhor do que o seu antecessor. Parece que o espirito de partido prevaleceu sobre todos os outros motivos para se fazer aquella nomeação.

O novo embaixador partio para o seu destino a 26 de Março de 1865. Não se soube de que natureza eram as instrucções que levou, só mais tarde vio-se o que ellas produsiram; com tudo suspeitou-se logo que o governo imperial ia seguir uma politica differente ou opposta aos interesses do Imperio, uma vez que por actos só seus não procurava os meios de vingar as aggressões que nos tinha feito o governo do Paraguay, e que se ia primeiro pedir a intervenção da Repu-

blica Argentina em negocio de honra da nação, á qual competia desaffrontar-se sem auxilio extranho.

A possibilidade de se fazer a campanha sem auxilio externo vio-se que era uma realidade á vista do exercito que o Imperio mobilisou e com o qual venceu o Paraguay; mas o ministerio resolveu o problema, e mandou o seu enviado fazer o tratado de alliança, pedir o auxilio de 6,000 homens ou pouco mais, que foi a maior força que a Republica Argentina pôde apresentar em campo. Deliberações feitas sem conhecimento do que podia acontecer, e sem saber-se os meios de que o Brasil dispunha.

O novo diplomata brasileiro chegou a Montevidéo no 1.° de Abril, e a sua apresentação não se fez esperar.

MISSÃO ESPECIAL DO CONSELHEIRO FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO MINISTRO BRASILEIRO PERANTE O GOVERNADOR PROVISORIO DA REPUBLICA ORIENTAL NO DIA 4 DE ABRIL DE 1865.

« Exm. Sr. Governador. — Avivando aos olhos severos da historia as tradicções de uma lealdade de longos annos, quiz a Providencia Divina ainda uma vez fortalecer a convicção de todas as nações cultas de que o governo de Sua Magestade o Imperador do Brasil, interprete dos sentimentos de um povo justo e esclarecido, respeita e mantem com a maior firmeza e prazer a independencia e a integridade da Republica Oriental do Uruguay.

« Immenso para os seus destinos no futuro e para a sua actividade no presente, o Brasil não alonga olhos de cubiça pelo territorio das Republicas limitrophes, nem aspira a uma supremacia politica que lhes quebrante a soberania e a liberdade.

« Amigo desinteressado e constante de todas as nacionalidades sul-americanas, deseja sinceramente que ellas prosperem e tenham tal sentimento de dignidade que resguarde da sujeição a qualquer despotismo.

« Os povos escravisados nem se quer dão garantia de paz a seus visinhos. São logo convertidos em instrumentos de governos delirantes, que sonham com a impunidade absoluta e ousam violar o direito internacional.

« E' por isso que o governo de Sua Magestade o Imperador congratula-se com V. Ex. pela restauração da liberdade

constituicional n'esta Republica, e dignou-se de ordenar-me que proseguisse na missão pacifica e amigavel cujo objecto, por acto espontaneo do caracter leal e justiceiro de V. Ex., não póde mais alterar as intimas e cordiaes relações entre os dous paizes.

« Tambem o governo imperial tem o prazer de confessar que o procedimento do governo da Republica, desde que V. Ex. assumio a sua direcção, tem sido o de um alliado fiel e amigo verdadeiro.

« Julgar-me-hei extremamente feliz se no desempenho de minha elevada tarefa eu poder, de accordo com desejos do governo de Sua Magestade o Imperador e com os meus sentimentos pessoaes, alcançar a honrosa estima de V. Ex. e do povo Oriental. »

RESPOSTA DO GOVERNADOR PROVISORIO.

« Sr. Ministro.—Recebo com a mais alta satisfação a carta credencial de Sua Magestade o Imperador do Brasil, que acredita a V. Ex. no caracter de seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial.

« Agradeço mui sinceramente os sentimentos que V. Ex. acaba de exprimir em nome de Sua Magestade, nosso alliado, de cuja lealdade tem tão evidentes provas a Republica, e me é grato esperar que os laços de sincera amisade, e boa harmonia que felizmente unem a nação brasileira e o povo oriental, se hão de estreitar e tornar-se duradouros em beneficio de ambos os paizes.

« Espero com a mais plena confiança que as distinctas qualidades que ornam a V. Ex. contribuirão efficazmente para aquelle fim, em cujo sentido V. Ex. achará sempre o mais franco e decidido apoio em meu governo. »

Finda esta apresentação, o diplomata brasileiro seguio para Buenos-Ayres no dia 15 d'esse mez a bordo da canhoneira *Araguay*, acompanhando-o o vice-almirante Visconde de Tamandaré. commandante da nossa esquadra em operações no Rio da Prata.

Antes de partir, o vice-almirante officiou ao ministro brasileiro residente em Montevidéo, communicando-lhe que, em virtude das ordens do governo imperial, as forças de seu commando passavam a operar contra o governo do Paraguay, em resposta á guerra que iniquamente nos declarou.

BLOQUEIO DOS PORTOS E LITTORAL DO PARAGUAY.

« Bordo da canhoneira *Parnahyba*, em Montevidéo, 10 de Abril de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex. que, em virtude das ordens do governo imperial, as forças sob meu commando passam a operar contra o Paraguay, em resposta á guerra que iniquamente nos declarou e faz a esta Republica.

« Em consequencia vão as mesmas forças bloqueiar e hostilisar os portos e littoral do Paraguay, até que, cedendo á pressão d'ellas, dê completa satisfação de todas as offensas e damnos que haja causado ao Imperio.

« O bloqueio se tornará effectivo desde o dia em que fôr estabelecido pelas divisões da esquadra do meu commando, que presentemente sobem o Paraná.

« Permitte-se que as embarcações estrangeiras, que estão a carregar nos portos do Paraguay, possam d'elles sahir até 20 dias depois de estabelecido o bloqueio.

« Os portos da provincia de Matto Grosso abertos ao commercio, achando-se occupados pelo inimigo, o governo imperial não permitte que para elles transitem embarcações de qualquer nacionalidade que sejam, até nova declaração.

« Fazendo esta communicação a V. Ex. tenho a pedir se sirva leval-a ao conhecimento do governo junto ao qual está V. Ex. acreditado, assim como aos agentes diplomaticos consulares estrangeiros, para que previnam ao commercio de suas nações, afim de evitar que se expeçam navios para o Paraguay, livrando-se d'este modo das despezas de viagem, que façam até os lugares bloqueados.

« Aproveito a opportunidade para apresentar a V. Ex. as seguranças da minha alta consideração e estima,

« Illm. e Exm. Sr. Henrique Cavalcanti de Albuquerque. — *Visconde de Tamandaré.* »

O ministro brasileiro communicou por circular esta notificação de bloqueio aos agentes diplomaticos e consulares estrangeiros alli residentes.

O conselheiro Octaviano chegou a Buenos-Ayres em 16 de Abril. Quatro dias depois foi recebido em audiencia solemne de apresentação pelo Presidente da Republica, general D. Bartholomeu Mitre, e pronunciou o discurso do estylo.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO MINISTRO BRASILEIRO PERANTE O PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA.

« Exm. Sr. Presidente. — Entregando a V. Ex. a carta pela qual Sua Magestade o Imperador do Brasil se digna de acreditar-me como seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial junto da Republica Argentina, sinto o prazer de encontrar-me, representante de um

governo livre, no seio de um povo de nobres aspirações, que com tanto vigor e sabedoria conquistou e mantem a sua independencia e liberdade, e constantemente a fortalece pelos respeitos ás suas leis constitucionaes e ao direito sagrado das nações.

« Dos triumphos que tem assignalado a existencia da Republica Argentina o mais brilhante aos olhos do governo do Brasil é a consolidação da mesma Republica sob o regimen da ordem legal, origem de seu grande e rapido progresso e de sua elevada posição entre os povos regidos pelo systema representativo.

« Os factos vieram destruir o erroneo e funesto preconceito que fazia depender da concentração dos poderes em governos despoticos, a paz e a prosperidade d'estas regiões. Cabe em grande parte á Republica Argentina a gloria de ter demonstrado que é uma e a mesma a lei providencial da liberdade, assim no sul como ao norte da America, e que as virtudes civicas dos fundadores de nossa independencia commum, animam ainda hoje os seus descendentes.

« Orgão dos sentimentos de estima e consideração que o governo de Sua Magestade o Imperador e o povo do Brasil votam á Republica Argentina, e ao digno e illustrado cidadão que a encaminha para seus grandes destinos, nutro a lisongeira esperança de continuar a obra de meus antecessores, mantendo fielmente a alliança entre as duas nações, e procurando grangear as sympathias do governo e do povo argentino.»

RESPOSTA DO PRESIDENTE MITRE.

« Exm. Sr. ministro. — Recebo com verdadeira satisfação a carta de vosso Augusto Soberano, que vos acredita como seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Republica Argentina, e aceito, agradecendo, os generosos e cordiaes votos que haveis exprimido em honra e bem do povo que presido.

« Com as elevadas idéas e nobres intenções que manifestastes, não duvido, Sr. ministro, que vossa missão virá a ser um novo vinculo de união e de amizade entre o Imperio do Brasil e a Republica Argentina, achando-se igualmente interessados ambos os paizes na manifestação da independencia e da paz de seus vizinhos, bem como no predominio da ordem e da liberdade constitucional de todos os povos americanos; e n'estas circumstancias me é grato offerecer-vos de antemão, em nome do povo e do governo argentino, toda a cooperação e sympathia de que é credor vosso illustrado governo.

« Com estes sentimentos e fazendo ao céo os mais ardentes votos pela prosperidade e engrandecimento da generosa

nação brasileira, e pela felicidade do seu Augusto Soberano, Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, saúdo em vossa distincta pessoa o representante de um povo livre, ao qual nos ligam gratas lembranças, interesses identicos e glorias communs, que constituem a base da mais duravel alliança de principios e de intenções, tanto no presente como no futuro. »

O governo argentino tinha declarado positivamente que havia de guardar completa neutralidade na guerra declarada ao Brasil pelo dictador do Paraguay. O governo paraguayo pedio ao argentino permissão para as suas tropas passarem pelas provincias argentinas de Corrientes e Entre-Rios; vinham invadir a provincia brasileira do Rio Grande do Sul.

O Presidente Mitre negou-lhe esta permissão. O governo do Paraguay, porém, não respeitou os direitos da Confederação, e vingou-se d'ella não sujeitar-se á sua exigencia hostilisando-a sem prévia declaração de guerra, como já tinha feito ao Brasil.

No dia 14 de Abril de 1865 navios de guerra do Paraguay aprisionaram inesperadamente no porto de Corrientes dous vapores de guerra argentinos, e logo em seguida um exercito paraguayo de 18,000 homens invadio a provincia do mesmo nome.

Por estas hostilidades declarou o governo argentino guerra ao Paraguay.

A Republica Argentina não tinha exercito nem esquadra sufficientes para repellir a invasão paraguaya, e por esta razão a provincia de Corrientes ficaria muito tempo no dominio dos invasores, quando não invadissem tambem a de Entre-Rios, onde encontrariam elementos para os ajudar a dominar aquelles paizes.

N'estas circumstancias ella logo reconheceu que nada lhe conviria tanto como uma alliança com o Brasil. Vio que não podia repellir a invasão paraguaya sem auxilio do Imperio, porque receiava que sem este auxilio o exercito de Lopes fosse invencivel.

O governo imperial devia esperar que o argentino lhe pedisse um contingente de tropas, pois as forças de que podia dispôr, como vio-se depois, eram 6 a 7,000 homens das

tres armas e dous vapores mal armados. Concorrendo o Brasil com um corpo de exercito de 8,000 homens, que se fosse reunir ás tropas da Republica, tinha o governo argentino elementos para anniquilar o exercito invasor.

Se os nossos negocios politicos marchassem então regularmente, quando a Confederação pedisse auxilio ao Brasil, era occasião do governo imperial, satisfazendo primeiramente aquelle pedido, participar ao argentino que a esquadra brasileira entraria no rio Paraná para hostilisar o Paraguay, cooperando ao mesmo tempo as operações das forças de terra na provincia de Corrientes.

Assim havia reciprocidade entre os dous governos: o argentino prestaria os soccorros que precisasse a nossa esquadra, e a divisão de tropas brazileiras teria augmentado o exercito argentino quanto bastava para derrotar os Paraguayos.

Portanto era a Republica Argentina que devia envidar esforços para repellir a invasão de sua provincia com auxilio externo.

O governo imperial devia saber que a Confederação não tinha forças bastantes para oppôr á invasão paraguaya; logo era provavel que precisasse ser soccorrida pelo Imperio; este, mandando o auxilio pedido, ficava o seu exercito livre para encetar a campanha como lhe conviesse.

Desgraçadamente, porém, os factos não se passaram assim. Pelo contrario foi o governo imperial que fez ao argentino o offerecimento de suas forças, mandando propôr o tratado de alliança.

O governo argentino aproveitou habilmente offerecimento tão vantajoso, que resgatava promptamente a provincia de Corrientes do dominio paraguayo, como aconteceu.

O novo diplomata brasileiro concluio logo o tratado de triplice alliança entre este Imperio e as Republicas Argentina e Oriental.

O tratado ficou secreto, como devia ficar, e com sobeja razão, pois poucas vantagens offerecia ao Brasil.

Infelizmente entregou as forças de terra do Imperio ao Presidente da Republica Argentina, a quem fez commandante em chefe dos exercitos alliados, o que podia fazer suppôr ás nações estrangeiras que no Brasil não havia um general capaz de commandar o seu exercito em occasião de

guerra. E' natural que os generaes brasileiros pensassem como nós, mas a disciplina militar supportou esta imposição.

Isto é uma prova de que no Brasil não são aproveitados os bons exemplos das nações mais illustradas da Europa, sobretudo no serviço militar.

Os generaes brasileiros não foram consultados antes de se mandar fazer o tratado de alliança, nem se quer para dizerem a sua opinião sobre a campanha projectada, pois aquelle ministerio julgava-se habilitado para tudo resolver. O tratado de alliança, como se fez, foi um delirio governamental que appareceu em quem o concluio e em quem o sanccionou.

O ministerio que governou em 1851 fez um tratado de alliança com o governo de Montevidéo e com o general Urquiza, para fazer-se a guerra a Oribe e a Rosas, o qual passamos a extractar integralmente, e é como segue.

TRATADO DE 29 DE MAIO DE 1851.

Convenio de 29 *de Maio de* 1851, *celebrado entre o Brasil, a Republica Oriental do Uruguay e o Estado de Entre-Rios, para uma alliança offensiva e defensiva afim de manter a independencia e de pacificar o territorio d'aquella Republica.*

« Art. 1.º Sua Magestade o Imperador do Brasil, a Republica Oriental do Uruguay, e o Estado de Entre-Rios, se unem em alliança offensiva, para o fim de manter a independencia e de pacificar o territorio da mesma Republica, fazendo sahir do territorio d'esta o general D. Manoel Oribe, e as forças Argentinas que commanda, e cooperando para que restituidas as cousas ao seu estado normal, se proceda á eleição livre do Presidente da Republica, segundo a constituição do Estado Oriental.

« Art. 2.º Para preencher o objecto a que se dirigem os governos alliados, concorrerão com todos os meios de guerra de que possam dispôr em terra ou mar, á proporção que as necessidades o exigam.

« Art. 3.º Os Estados alliados poderão antes do rompimento de sua acção respectiva, fazer ao general Oribe as intimações que julgarem convenientes, sem outra restricção mais do que dar-se conhecimento reciproco d'essas intimações antes de verificadas, afim de que concordem no sentido, e haja em taes intimações unidade e coherencia.

« Art. 4.º Logo que se julgue isso conveniente, o exercito

brasileiro marchará para a fronteira, afim de entrar em acção sobre o territorio da Republica, quando seja necessario; e a esquadra de Sua Magestade o Imperador do Brasil, se porá em estado de hostilisar immediatamente o territorio dominado pelo general Oribe.

« Art. 5.º Porém, tomando-se igualmente em consideração que o governo do Brasil deve proteger aos subditos brasileiros que tem soffrido e soffrem ainda a oppressão imposta pelas forças e determinações do general D. Manuel Oribe, fica ajustado que, dado o caso dos artigos anteriores, as forças do Imperio, além das que se destinam ás operações da guerra, poderão fazer effectiva aquella pretenção, encarregando-se (de accordo com o general em chefe do Estado Oriental) da segurança das pessoas e das propriedades, tanto de brasileiros, como de quaesquer outros individuos que residam e estejam estabelecidos sobre a fronteira até uma distancia de vinte leguas dentro do Estado Oriental; e isto se fará contra os roubos, assassinatos e tropellias praticadas por qualquer grupo de gente armada, qualquer que seja a denominação que tenha.

« Art. 6.º Desde que as forças dos alliados entrarem no territorio da Republica Oriental do Uruguay, estarão debaixo do commando e direcção do general em chefe do exercito oriental, excepto o caso de que o total das forças de cada um dos Estados alliados exceda o total das forças orientaes; ou dado o caso de que o exercito do Brasil, ou o de Entre-Rios passe todo para o territorio da Republica. No primeiro caso as forças brasileiras ou alliadas, serão commandadas por um chefe de sua respectiva nação, e no seguinte caso pelos seus respectivos generaes em chefe; mas em qualquer dessas hypotheses o chefe alliado deverá pôr-se de accordo com o general do exercito oriental, pelo que respeita á direcção das operações de guerra, e para tudo quanto possa contribuir ao seu bom exito.

Art. 7.º Abertas as operações de guerra, os governos dos Estados alliados cooperarão activa e efficazmente para que todos os emigrados orientaes que existam em seus respectivos territorios, e sejam aptos para o serviço das armas, se ponham as ordens immediatas do general em chefe do exercito oriental, auxiliando-os (por conta da Republica) com os recursos de que necessitarem para o seu transporte.

« Art. 8.º Os contingentes com que devam concorrer os exercitos alliados, serão subministrados por simples requisição do general em chefe do exercito oriental, quando e como o requisite, prevenindo com antecipação e pondo-se de accordo com os generaes respectivos, sempre que seja possivel.

« Art. 9.º O artigo antecedente e o art. 5.º não se devem entender de modo que prejudiquem a liberdade de acção das forças imperiaes, quando o accordo e prévia intelligencia com

o chefe das forças orientaes não seja possivel, ou para as operações de guerra, ou para a protecção a que se refere o citado art. 5.°

« Art. 10. O governo oriental declarará roto o armisticio de accordo com os alliados, e desde esse momento a manutenção da ilha de Martim Garcia em poder das forças e autoridades orientaes, incumbirá a cada um dos alliados, (segundo os meios de que possa dispôr) de accordo com o governo da Republica Oriental do Uruguay; sendo principalmente do dever do commandante em chefe da esquadra brasileira proteger a dita ilha, seu porto e fundeadouro, assim como a navegação livre das embarcações pertencentes a qualquer dos Estados alliados.

« Art. 11. Chegando o momento da evacuação do territorio pelas tropas argentinas, terá lugar este acto pelo modo e fórma que se combine com o governo actual de Entre-Rios.

« Art. 12. As despezas com soldos, manutenção de boca e guerra, e fardamento das tropas alliadas, serão feitas pôr conta dos Estados respectivos.

« Art. 13. No caso de que tenham de prestar-se alguns soccorros extraordinarios, o valor d'estes, sua natureza, emprego e pagamento, será materia de convenção especial entre as partes interessadas.

« Ar. 14. Obtida a pacificação da Republica, e restabelecida a autoridade do governo oriental em todo o Estado, as forças alliadas de terra tornarão a passar as suas respectivas fronteiras, e permanecerão ahi estacionadas, até que tenha lugar a eleição do presidente da Republica.

« Art. 15. Comquanto esta alliança tenha por unico fim a independencia real e effectiva da Republica Oriental do Uruguay se por causa d'esta mesma alliança o governo de Buenos-Ayres declarar a guerra aos alliados individual, ou collectivamente, a alliança actual se tornará em alliança commum contra o dito governo, ainda quando os seus actuaes objectos se tenham preenchido, e desde esse momento a paz e a guerra tomarão o mesmo aspecto. Se, porém, o governo de Buenos-Ayres se limitar a hostilidades parciaes contra qualquer dos Estados alliados, os outros cooperarão com todos os meios a seu alcance para repellir e acabar com taes hostilidades.

« Art. 16. Dado o caso previsto no artigo antecedente, a guarda e segurança dos rios Paraná e Uruguay será um dos principaes objectos em que se deva empregar a esquadra de Sua Magestade o Imperador do Brasil, coadjuvada pelas forças dos Estados alliados.

« Art. 17. Como consequencia natural d'este pacto, e desejosos de não dar pretexto á minima duvida, ácerca do espirito de cordialidade, boa fé e desinteresse que lhe serve de base, os Estados alliados se affiançam mutuamente a sua respectiva independencia e soberania, e a integridade dos seus territorios sem prejuizo dos direitos adquiridos.

« Art. 18. Os governos de Entre-Rios e Corrientes (—se este annuir ao presente convenio—) consentirão ás embarcações dos Estados alliados a livre navegação do Paraná, na parte em que aquelles governos são ribeirinhos, e sem prejuizo de direitos e estipulações provenientes da convenção preliminar de paz de 27 de Agosto de 1828, ou de qualquer outro direito proveniente de qualquer outro principio.

« Art. 19. O governo oriental, nomeará o general D. Eugenio Garzon, general em chefe do exercito da Republica, assim que o dito general tenha reconhecido no governo de Montevidéo, o governo da Republica.

« Art. 20. Sendo interessados os Estados alliados, em que a nova autoridade governativa da Republica Oriental tenha todo o vigor e estabilidade que requer a conservação da paz interior, tão commovida pela larga lucta que se tem sustentado; se compromettem solemnemente a manter, apoiar, e auxiliar aquella autoridade com todos os meios ao alcance de cada um dos ditos Estados, contra todo o acto de insurreição, ou sublevação armada, desde o dia em que a eleição do Presidente tenha tido lugar, e pelo tempo sómente de sua respectiva administração, conforme a constituição do Estado.

« Art. 21. E para que esta paz seja proficua a todos, consolidando ao mesmo tempo as relações internacionaes da cordialidade e harmonia que deve existir, e tanto interessa aos Estados visinhos, será tambem obrigação do Presidente eleito, logo que o seu governo se ache constituido, a dar segurança por meio de disposições de justiça e de equidade ás pessoas, direitos e propriedades dos subditos brasileiros, e dos subditos dos outros Estados alliados, que residem no territorio da Republica; e celebrar com o governo imperial, assim como com os outros alliados, todos os ajustes e convenções exigidas pela necessidade e interesse de manter as boas relações internacionaes, se taes ajustes e convenções não tiverem sido celebrados antes pelo governo precedente.

« Art. 22. Nenhum dos Estados alliados poderá separar-se d'esta alliança, em quanto se não tenha obtido o fim que tem por objecto.

« Art. 23. O governo do Paraguay será convidado a entrar na alliança, enviando-se-lhe um exemplar do presente convenio; e se assim o fizer, concordando nas disposições aqui exaradas, tomará a parte que lhe corresponda na cooperação, afim de que possa gosar tambem das vantagens mutuamente concedidas aos governos alliados.

« Art. 24. Este convenio se conservará secreto até que se consigna o fim a que se dirige. »

ANALYSE DE COMPARAÇÃO D'ESTE TRATADO COM O DE 1865.

O art. 6.º declara as circumstancias em que haveria ge-

neral em chefe. Os dous casos marcados no mencionado artigo não era possivel darem-se; a Republica Oriental não podia ter exercito maior do que o do Brasil ou de Entre-Rios, e tambem os exercitos d'estes dous Estados não podiam mandar pequenos contingentes para fazer a guerra a Oribe, que tinha mais de dez mil homens; foi necessario entrarem os dous exercitos no Estado Oriental. Ficaram portanto os dous generaes alliados livres em suas acções, sem obedecerem a um general em chefe oriental. Dado o caso de que Oribe se tivesse fortificado e resistido por algum tempo, os dous generaes alliados teriam feito o mesmo que depois fizeram na Criméa os generaes francez, inglez e turco.

Parece que o ministerio de 31 de Agosto não sabia que o Brasil tinha feito aquella alliança em 1851, porque se soubesse não teria talvez mandado fazer um tratado no qual comprometteu a honra e a dignidade do Brasil, e foi causa de tantos prejuizos entregando todas as forças de terra a um general estrangeiro.

O art. 9.º da convenção de 1851 estabelece ou declara que os arts. 5.º e 8.º não se devem entender de modo que prejudiquem a liberdade de acção das forças imperiaes, quando o accordo e prévia intelligencia com o chefe das forças orientaes não seja possivel ou para as operações de guerra, ou para a protecção a que se refere o citado art. 5.º

Eis aqui mais uma segurança que o negociador d'aquella convenção deu ao exercito brasileiro no Estado Oriental, para conservar a sua independencia de acção.

O segundo negociador mandado pelo ministerio de 31 de Agosto, fez o contrario do que acabamos de mencionar; ficou toda a acção que podia ter o exercito subordinada á vontade de um commandante estrangeiro, ao qual ficou competindo toda a iniciativa da guerra.

Na Criméa não houve general em chefe; cada um dos generaes francez, inglez e turco operavam como entendiam, reuniam-se em conselho quando o general em chefe francez os convocava, por ser o general que commandava maior força ou para ouvir a sua opinião, ou para ajustar algum movimento

importante. Concluio-se aquella campanha com honra para as nações alliadas que a emprehenderam.

Quando a Inglaterra e a França foram forçadas a fazer a guerra á Russia em 1854, concluiram a convenção seguinte :

« Art. 1.º As altas partes contratantes se empenham a fazer o que dependerá d'ellas para operar o restabelecimento da paz entre a Russia e a Sublime Porta, sobre bazes solidas e duraveis; e para garantir a Europa contra as desagradaveis complicações que vem de perturbar tão desgraçadamente a paz geral.

« Art. 2.º A integridade do imperio Ottomano achando-se violada pela occupação das provincias da Moldavia e Valachia, e por outros movimentos das tropas Russas: SS. MM. o Imperador dos Francezes e a Rainha do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda tem ajustado e ajustarão sobre os meios os mais proprios para livrar o territorio do Sultão da invasão estrangeira, e chegar ao fim especificado no art. 1.º

« Art. 3.º Qualquer acontecimento que se produza em consequencia da execução da presente convenção as altas, partes contractantes se obrigam a não acolher proposição alguma tendente á cessação das hostilidades, e a não entrar em contractos com a côrte imperial da Russia, sem ter antecipadamente deliberado em commum.

« Art. 4.º Animados do desejo de sustentar o equilibrio europeu, e não pretendendo algum fim interessado, as altas partes contractantes renunciam de ante-mão retirar alguma vantagem particular dos acontecimentos que poderão seguir-se.— (Banzancourt.—*Campanha da Criméa.*—Vol. I, pag. 4.)

Duas nações que muitos annos foram rivaes, reunindo a sua acção n'aquella guerra, não incluiram um commando em chefe dos exercitos alliados na convenção que fizeram.

TRATADO DE ALLIANÇA DE 1865.

Entre a correspondencia apresentada ao parlamento pelo governo inglez sobre as hostilidades no Rio da Prata, encontrámos (diz a redacção do *Jornal do Commercio* de 4 de Maio de 1866) o texto do tratado de triplice alliança entre o Brasil e as republicas Argentina e do Uruguay.

Não tendo sido publicado ainda o original deste documento, diz a dita redacção, traduzimol-o da versão ingleza.

« O governo da Republica Oriental do Uruguay, o de Sua Magestade o Imperador do Brasil, e o da Republica Argentina :

« Achando-se os dous ultimos em guerra com o governo

do Paraguay, por lhes ter ella sido declarada de facto por este governo, e o primeiro em estado de hostilidade e a sua segurança interna ameaçada pelo referido governo, que violou o territorio da Republica, tratados solemnes e os usos internacionaes de nações civilisadas, commettendo actos injustificaveis depois de haver perturbado as relações com os seus visinhos pelo mais abusivo e aggressivo procedimento.

« Convencido de que a paz, segurança e bem estar de suas respectivas nações são impossiveis emquanto existir o actual governo do Paraguay, e de que é uma imperiosa necessidade exigida pelo maior interesse fazer desapparecer aquelle governo, respeitando a soberania, independencia e integridade territorial da Republica do Paraguay; resolveram neste intuito celebrar um tratado de alliança offensiva e defensiva, e para isso nomearam seus plenipotenciarios, a saber:

« Pela Republica Oriental D. Carlos de Castro, pelo Imperio do Brasil Francisco Octaviano de Almeida Rosa; pela Republica Argentina D. Rufino Elizalde, os quaes concordaram no seguinte:

« Art. 1.º A Republica Oriental do Uruguay, Sua Magestade o Imperador do Brasil e a Republica Argentina unem-se em alliança offensiva e defensiva na guerra provocada pelo governo do Paraguay.

« Art. 2.º Os alliados concorrerão com todos os meios de que puderem dispôr por terra e nos rios, segundo fôr necessario.

« Art. 3.º Devendo as operações da guerra principiar no territorio da Republica Argentina, ou n'uma parte do territorio paraguayo limitrophe com o mesmo, fica o commando em chefe e direcção dos exercitos alliados confiado ao Presidente da Republica Argentina e general em chefe do seu exercito, brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre.

« As forças maritimas dos alliados ficarão debaixo do commando immediato do vice-almirante Visconde de Tamandaré, commandante em chefe da esquadra de Sua Magestade Imperador do Brasil.

« As forças de terra da Republica Oriental do Uruguay, uma divisão das forças argentinas e outra das brasileiras, que serão designadas pelos seus respectivos commandantes superiores, formarão um exercito debaixo das ordens immediatas do governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay, o brigadeiro general D. Venancio Flôres.

« As forças de terra de Sua Magestade o Imperador do Brasil formarão um exercito debaixo das ordens immediatas do seu general em chefe, brigadeiro Manoel Luiz Osorio.

« Embora as altas partes contractantes estejam de accordo em não mudar o campo das operações de guerra, comtudo para manter os direitos soberanos das tres nações, concordam desde já no principio de reciprocidade, para o com-

mando em chefe, no caso de terem estas operações de estender-se ao territorio oriental ou brasileiro.

« Art. 4.º A ordem militar em terra e economia das tropas alliadas dependerão exclusivamente dos seus respectivos chefes.

« O soldo, viveres, munições de guerra, armas, fardamento, equipamento, e meios de transporte das tropas alliadas, serão por conta dos respectivos Estados.

« Art. 5.º As altas partes contractantes fornecerão mutuamente todo o auxilio ou elementos que tiverem e de que os outros precisarem, na fórma que se concordar.

« Art. 6.º Compromettem-se os alliados solemnemente a não, depôr as armas senão de commum accordo, nem antes de haverem derribado o actual governo do Paraguay, e a não tratar separadamente com o inimigo, nem assignar qualquer tratado de paz, trégoas, armisticio, ou convenção alguma para terminar ou suspender a guerra, salvo com perfeito accordo de todos.

« Art. 7.º Não sendo a guerra contra o povo do Paraguay, mas contra o seu governo, poderão os alliados admittir n'uma legião paraguaya todos os cidadãos d'aquella nação, que quizerem concorrer para derribar o referido governo, e lhes fornecerão todos os elementos de que carecerem, pela fórma e com as condições em que se concordar.

« Art. 8.º Obrigam-se os alliados a respeitar a independencia, soberania e integridade territorial da Republica do Paraguay. Conseguintemente, poderá o povo paraguayo escolher o seu governo e dar a si mesmo as instituições que quizer, não se incorporando nem pedindo um protectorado debaixo de qualquer dos alliados como consequencia da guerra.

« Art. 9.º A independencia, soberania e integridade territorial da Republica do Paraguay, serão garantidas collectivamente na conformidade do artigo precedente pelas altas partes contractantes, durante o espaço de cinco annos.

« Art. 10. Fica concordado entre as altas partes contractantes que as isenções, privilegios ou concessões que obtiverem do governo do Paraguay, serão communs para todos, gratuitamente se forem gratuitos, e com a mesma compensação se forem condicionaes.

« Art. 11. Derribado o actual governo do Paraguay, passarão os alliados a fazer os ajustes necessarios com a autoridade constituida para assegurar a livre navegação dos rios Paraná e Paraguay, de modo que os regulamentos ou leis d'aquella Republica não impeçam, difficultem ou onerem o transito e navegação directa dos navios mercantes ou de guerra dos Estados alliados que se dirigem para o seu respectivo territorio, ou dominios não pertencentes ao Paraguay, e exigirão as garantias convenientes para se tornarem effectivas estas estipulações, sobre a base d'esses regulamentos de

policia fluvial, quer tenham de ser applicados aos dous referidos rios, ou tambem ao Uruguay; serem feitos de commum accordo entre os alliados e quaesquer outros Estados ribeirinhos, que no praso que fôr fixado pelos mesmos alliados aceitarem o convite que se lhes dirigir.

« Art. 12. Reservam-se os alliados o concerto das medidas mais convenientes para assegurar a paz com a Republica do Paraguay, depois de derribado o actual governo.

« Art. 13. A seu tempo nomearão os alliados os plenipotenciarios necessarios para celebrar os ajustes, convenções ou tratados que tiverem de fazer-se com o governo que se estabelecer no Paraguay.

« Art. 14. D'este governo exigirão os alliados o pagamento das despezas da guerra, que se viram obrigados a aceitar bem como reparação e indemnisação dos prejuizos e damnos causados nas suas propriedades publicas e particulares e nas pessoas de seus subditos sem expressa declaração de guerra e dos prejuizos e damnos commettidos posteriormente com violação dos principios que determinam as leis da guerra.

« A Republica Oriental do Uruguay exigirá tambem uma indemnisação proporcionada aos prejuizos e damnos que lhe causou o governo do Paraguay, com a guerra em que a forçou a entrar para defender a sua segurança ameaçada por aquelle governo.

« Art. 15. N'uma convenção especial se estipulará a maneira e fórma da liquidação e pagamento da divida proveniente das sobreditas causas.

« Art. 16. Para evitar as discussões e guerras que as questões de limites envolvem, fica estabelecido que os alliados exigirão do governo do Paraguay que celebre tratados definitivos de limites com os seus respectivos governos sobre a seguinte base:

« A Republica Argentina ficará dividida da do Paraguay, pelos rios Paraná e Paraguay, até encontrar os limites do Imperio do Brasil, que na margem direita do rio Paraguay são na Bahia Negra.

« O Imperio do Brasil confinará com a Republica do Paraguay do lado do Paraná, pelo primeiro rio abaixo do Salto das Sete Quédas, que segundo o recente mappa de Manchez é o Igurey; e da foz do Igurey seguindo o seu curso até chegar ás nascentes. Do lado da margem esquerda do Paraguay pelo rio Apa; desde a sua foz até ás nascentes. No interior pelos cimos da serra de Maracajú, pertencendo as vertentes orientaes ao Brasil, e as occidentaes ao Paraguay; e traçando-se linhas o mais rectas possiveis da referida serra ás nascentes do Apa e do Igurey.

« Art. 17. Os alliados garantem-se reciprocamente o fiel cumprimento dos ajustes, convenções e tratados que se celebrarem com o governo que se estabelecer no Paraguay, em

virtude do que fica ajustado pelo presente tratado de alliança, que ficará sempre em plena força e vigor para que estas estipulações sejam respeitadas e executadas pela Republica do Paraguay.

« Para se conseguir este fim concordam elles que, no caso de uma das altas partes contractantes não poder obter do Paraguay o cumprimento do que se ajustar, ou de tentar este ultimo governo annullar as estipulações ajustadas com os alliados; empregarão as outras activamente os seus esforços para os fazer respeitar. Se forem inuteis estes esforços concorrerão os alliados com todos os seus meios para tornar effectiva a execução do que for estipulado.

« Art. 18. Este tratado se conservará secreto até se alcançar o principal fim da alliança.

« Art. 19. As estipulações d'este tratado que não dependem de autorisação legislativa para a sua ratificação, principiarão a sortir effeito apenas approvadas pelos respectivos governos, e as outras depois da troca das ratificações, que será na cidade de Buenos-Ayros dentro do praso de 40 dias da data do referido tratado, ou antes se fôr possivel

« Em fé do que os abaixo assignados de.... Buenos-Ayres 1 de Maio de 1865.—*Carlos de Castro.*—*Francisco Octaviano de Almeida Rosa.*—*Rufino de Elizalde.* »

A este tratado acha-se junto o seguinte protocollo.

« SS. EEx. Os plenipotenciarios da Republica Argentina, da Republica Oriental do Uruguay, e de Sua Magestade o Imperador do Brasil, achando-se reunidos na secretaria dos negocios estrangeiros, concordaram:

« 1.º Que em cumprimento do tratado de alliança d'esta data as fortificações de Humaitá serão demolidas, e não se permittirá levantar outras de igual natureza que possam obstar á fiel execução d'aquelle tratado.

« 2.º Que sendo uma das medidas necessarias para garantir a paz com o governo que se estabelecer no Paraguay não lhe deixar armas nem elementos de guerra, os que se encontrarem serão repartidos em partes iguaes entre os alliados.

« 3.º Que os trophéos e despojos que se tomarem ao inimigo serão repartidos entre os alliados que fizerem a captura.

« 4.º Que os commandantes dos exercitos combinarão medidas para levar a effeito o que fica assim ajustado.

E assignaram este em Buenos-Ayres no 1.º de Maio de 1865. —*Carlos de Castro.*—*Francisco Octaviano de Almeida Rosa.*—*Rufino de Elizalde.* »

ANALYSE DAS SUAS DISPOSIÇÕES.

Antes de analysarmos este tratado de alliança, convém trans-

crever um artigo que a este respeito publicou o *Jornal do Commercio* de 12 de Maio de 1866.

O tratado da triplice alliança.

« O segredo em que se conservava o tratado da triplice alliança já havia sido violado por artigos e correspondencias de gazetas no Rio da Prata e na Europa. O governo britannico acabou com todas as duvidas, publicando como recebido de fonte official esse tratado em sua integra, com seu preambulo, assignaturas e data, acompanhado de um protocollo explicativo, revestido das mesmas solemnidades. Não apparece a ratificação, mas não ha duvida que esta foi trocada.

. . . .

« No tratado não vemos uma só disposição na natureza das que se costumam guardar secretas. Pelo contrario, era clara a vantagem de se fazer conhecer ao povo paraguayo, que a guerra era feita ao seu oppressor e não a elle, e de fazer conhecer ás nações maritimas e commerciantes que a independencia da Republica do Paraguay será mantida, e que tambem o será a liberdade da navegação dos grandes rios.

« Os Presidentes das duas Republicas, tendo já obtido em sessão secreta o assenso de seus corpos legislativos, tinham o maior interesse em mostrar aos seus concidadãos, quão pequenos eram os sacrificios que prometteram, quão grandes as vantagens que obtiveram. Tinham interesse em tornar popular uma guerra que parecia ter sido só provocada por causa da sua politica pessoal, e em que appareciam alliados com o Brasil contra um povo de origem hespanhola. Tinham emfim um interesse de amor proprio em sustentar a superioridade de sua intelligencia, pois conseguiram em proveito de seus paizes a parte do leão, n'uma alliança com uma potencia tão superior em forças e em illustrações, e que goza das vantagens de um governo cujas instituições sempre deram melhores garantias de coherencia e perseverança nas tradicções diplomaticas.

« Só o plenipotenciario do Brasil tinha interesse em adiar a época em que devia ficar exposto á reprovação de seus concidadãos e á zombaria do mundo que nos contempla.

« Mitre guarda silencio como homem prudente, que por um interesse secundario e por vaidade não devia expôr-se a desgostar com a divulgação um plenipotenciario e um governo que lhe entregam o sangue de seus soldados, sua esquadra e seus thesouros para elle promover a grandeza e a força da Republica Argentina.

« Foi o ministro uruguayo que esqueceu a promessa do segredo, e o governo britannico, dando-lhe publicidade, parece ter tido por fim não só tranquillisar o seu commercio e

fazer ostentação de sua influencia no Rio da Prata, mas mostrar ao Brasil que, se d'esta vez o não embaraça e atropella com reclamações como na questão Rosas, é porque o traz bem espiado.

« Antes de entrarmos no exame das clausulas do tratado vejamos em que condições foi elle negociado. Uma provincia do Brasil, longinqua, rica de futuro, mas actualmente comparativamente pobre, e d'onde o Imperio, pelo emquanto nenhuns recursos tira, a provincia de Matto Grosso, estava traiçoeiramente invadida. Um cartel de insolente e brutal desafio tinha-nos sido atirado no apresamento de um vapor mercante, e prisão de empregados de alta gerarchia e confiança do governo. A segurança do Imperio, porém, e a estabilidade do seu governo não corriam o menor risco, que a tanto não chega o poder do Paraguay, ainda que a elle se unissem todas as Republicas do Prata.

« Cartel semelhante de desafio havia sido atirado á Confederação Argentina, no aprezamento de um vapor ancorado em um dos seus portos. Uma sua provincia ou Estado, Corrientes, estava invadida.

« A existencia do seu governo e até a união de seus Estados se achava sériamente ameaçada. Se os Paraguayos têm livre e franco o uso das aguas do baixo Paraná, podia a sua infantaria apresentar-se diante de Buenos-Ayres, sem encontrar em caminho nem ao menos alguns batalhões que lhe demorassem o passo.

« O governo uruguayo estava ameaçado de vêr levantar-se o partido blanco, á noticia da apparição nas suas fronteiras do exercito paraguayo. Estes levantes n'aquellas Republicas significam carnificinas como a de Quinteros.

« Se pois o Brasil tinha a deffender interesses de segurança, e sobretudo de honra, na luta provocada pelo dictador do Paraguay, os interesses de seus alliados eram de vida e de morte. O Brasil para castigar e repellir o inimigo commum, não precisava de soccorro algum das duas Republicas, bastava que lhe déssem o transito por seus territorios, transito que não podiam nem lhes convinha negar.

« Para obtermos, pois, o unico auxilio indispensavel e quasi unico, que nos tem prestado aquellas duas Republicas, nem precisavamos tratado algum. Bastava a licença de passar por seus territorios, que a de passar pelas aguas tinhamos nós.

« A posição do Brasil, na occasião em que se negociou o tratado de triplice alliança lhe dava o poder de dictar aos seus alliados as condições que quizesse. Deus nos livre de aconselhar que as ditasse duras e egoisticas. No Rio da Prata nossa politica deve consistir em mostrar áquelles povos e áquelles governos, que o Brasil é o mais util de seus amigos, e o mais terrivel de seus inimigos, quando o provocam.

Os factos anteriores tem estabelecido esta verdade. Rosas zombou das mais poderosas nações do mundo; quando o Brasil desembainhou a espada, vio o mundo que no Rio da Prata

« Des plus fermes états la chûte épouvantable
« Quand il vent, n'est qu'un jeude sa main redoutable.

« No tratado, pois, deviamos aceitar com reconhecimento e cortezia, os fraquinhos auxilios que para a luta nos offereciam dous povos empenhados em repellir e castigar offensas communs do mesmo tresloucado visinho commum.

« Deviamos mostrar-mos desinteressados, grandes e generosos, e nunca reservar para nós a parte do leão, porque mais nos vale a amisade d'aquelles povos, do que nesgas de terras e previlegios ou monopolios, ou outros quaesquer ganhos materiaes e immediatos.

« Mas ninguem ousará sustentar que se possa explicar como dictado pelo cavalleirismo e generosidade um tratado que esquece a politica secular e tradicional de nossos governos, d'esde os coloniaes, nas questões de equilibrio do Prata.

« Lança sobre nós todo o peso dos sacrificios e dá á Confederação Argentina todas as vantagens.

« Esbulha o Paraguay de terrenos que garantem a sua independencia e liberdade, não para incorporal-os ao Brasil, mas dal-os á Confederação Argentina.

« Põem nas mãos d'esta, todos os meios physicos e de influencia moral e politica, para usurpar a soberania do Paraguay, e dominar aguas de que era nosso interesse afastal-a.

« Dá á Confederação Argentina terrenos que historicamente pertencem e que a nós convém que pertenção á Bolivia.

« Reparte com igualdade por nossos alliados armamentos que tem de ser tomados com tão insignificantes sacrificios de sua parte e com tantos gastos da nossa.

« Uzurpa e annulla attribuições do Imperador para dal-as aos alliados.

« Tudo isto contém este tratado, e é o que passamos a demostrar.

« Declarada no art. 1.º a alliança offensiva e defensiva, nos arts. 2.º e 5.º define as obrigações dos alliados quanto aos meios da guerra com que concorrem. São os de que cada um podér dispôr, segundo fôr necessario; isto quer dizer, o Imperador do Brasil concorrerá com um poderosa esquadra, com 50 mil homens, com 150 ou 200 mil contos de réis, ou mais; a Confederação Argentina concorrerá com 4 a 5 mil homens, e um ou dous vaporezinhos, e nem um vintem; e a Republica do Uruguay com mil, a mil e quinhentos homens, e nem um navio, e nem um vintem; porque a isso se limitam todos os meios de que aquelles dous alliados podem dispôr. Se com a alliança o perigo que d'elles se afasta é o

maior, os meios de afastal-o são todos exclusivamente fornecidos pelo Brasil, nem podia deixar de assim ser.

« Mas a redacção vaga d'este artigo mostra que d'esde ahi começou a ser embaído o nosso plenipotenciario. A nós convinha que se definissem os contingentes com que os alliados deviam concorrer. Elles são limitados, são conhecidos, estão á mão, apresentam-se de prompto, uma vez esgotados não podem ser substituidos.

« Não se marcando o contingente de forças de cada alliado, ficou menos sensivel á primeira vista a desigualdade dos sacrificios de cada um, e portanto a impericia com que o mais poderoso abandonou ao fraco todas as vantagens da victoria, que só pelos seus meios se podia obter.

« No art. 3.º se dá o commando em chefe e direcção de todos os exercitos ao general Mitre; forma-se um exercito com uma divisão brasileira, e outra argentina, para dar ao general Flôres alguma cousa que commandar; e falla-se de forças maritimas alliadas, elevando assim o vaporzinho *Guarda Nacional* á cathegoria de força maritima, que se une á esquadra do Brasil.

« Além do singular motivo que se dá para attribuir ao general Mitre o commando em chefe dos exercitos, o que ha de mais indecoroso, de altamente criminoso, é a usurpação que se faz dos direitos constituicionaes do Imperador do Brasil, para dar aos alliados a attribuição que lhe confere o § 5.º do art. 102 da Constituição.

« Os commamdantes das forças de terra e de mar na guerra do Paraguay não são nomeados e removidos por decreto do chefe do poder executivo do Brasil, mas sim por accordo dos alliados, isto é, dos dous generaes estrangeiros e do plenipotenciario brasileiro no Rio da Prata.

« Qual póde ter sido a intenção com que se distribuiram assim commandos a cidadãos designados, em lugar de deixar entendido que cada governo teria a nomeação dos seus generaes, que é o direito commum e uso uviversal? Quando fosse necessario designar a posição ou attitude de cada exercito, não bastava dizer o general em chefe do exercito brasileiro, o almirante da esquadra brasileira? Os chefes dos Estados alliados designaram-se a si proprios para commandar não renunciram uma só particula de sua autoridade. A do Imperador do Brasil é que ficou limitada.

« Não se contentou o general Mitre com ficar pelo commando e disposição dos exercitos, com segura exclusiva influencia nos espiritos paraguayos, em que bastava a identidade de raça e de lingua para lhe dar vantagem sobre o Brasil; creou-se ainda um instrumento e collocou-se nas suas mãos, para d'elle servir-se depois da victoria. E' a legião de emigrados paraguayos, de que falla o art. 7.º do tratado.

« A todas as luzes é claro que derribado o governo de

Lopes, essa legião vai governar o Paraguay em razão da gloria e serviços com que se mostra adornada a seus concidadãos, que se livram da oppressão de Lopes ao apparecer ella no territorio patrio. E' a historia de todas as emigrações restauradas. Todas se tornam exigentes e imperiosas, todas se apoderam exclusivamente do governo do paiz d'onde a violencia as expatriára. Essa emigração fica á disposição do general Mitre, e até parece que já ha suas queixas do Brasil.

« Não bastava ao general Mitre a influencia moral sobre o governo que deve succeder ao de Lopes, era necessario segurar o limite da independencia do Paraguay, a época da sua provavel incorporação á Confederação Argentina. A independencia, soberania e integridade territorial do Paraguay são garantidas no art. 9.° do tratado sómente por cinco annos; espaço de tempo sufficiente para preparar a sua incorporação na Confederação Argentina.

« Não se diga que estamos fantasiando incorporações e absorções.

« Ha ahi alguem que duvide d'esse proposito firme e constante da Confederação Argentina? Ha alguem que não saiba que desde 1840 o governo do Brasil luta com os poderes que se tem succedido n'aquella Confederação, os quaes tem procurado declarar o Paraguay parte integrante da Confederação, como era do antigo vice-reinado hespanhol de Buenos-Ayres?

« Se alguem já se esqueceu das lutas com o governador Rosas, deve ao menos lembrar-se de uma publicação assignada *H* e conhecida como de um eminente estadista argentino, que appareceu no *Jornal do Commercio* de 26 de Fevereiro, e cuja doutrina a redacção do *Jornal* resumio nas seguintes palavras:

« — Esta paz entende o *H*, que sómente se conseguirá permanentemente consentindo o Brasil na annexação do Estado Oriental e do Paraguay á Republica Argentina, constituindo-se assim, um ao lado do outro, dous Estados fortes que, respeitando-se mutuamente, haviam de receiar aggredir-se, e viviriam em paz. —

« O art. 16 do tratado dá á Republica Argentina, todo o territorio do Chaco, na margem direita do rio Paraguay; são mais 150 leguas que se lhe dá; e o territorio da Republica do Paraguay fica aberto ás hostilidades da Confederação, que da sua margem póde bombardear Assumpção; e á impossibilidade em que fica o Brasil de hostilisar o Paraguay, sem licença ou consentimento da Confederação.

« Tão escandalosa pareceu depois esta concessão no tratado, que consta ter-se concordado na troca de notas reversaes que nos puzessem ao abrigo de pretender a Confederação Argentina a garantia da posse d'aquelles territorios contra a Bolivia; garantia que a Confederação poderia invocar baseada no art. 17 do tratado. »

. . . .

Todas estas reflexões que acabamos de transcrever, sobre o tratado da triplice alliança assignado em Buenos-Ayres a 1 Maio de 1865, parecem-nos muito acertadas. Mas, não basta isto para se conhecer o alcance d'aquella peça diplomatica, e todos os resultados que ella devia produzir contra o Brasil, por causa da guerra a que se vio obrigado a fazer contra o governo do Paraguay.

O Dr. João Baptista Alberdi, escriptor argentino, diz nas suas ultimas cartas sobre aquelle Republica: que a triplice alliança do Brasil com as duas Republicas visinhas é a liga de tres inimigos natos, cada um dos quaes desconfia mais do seu alliado do que do inimigo commum. (*)

Este pensamento do escriptor argentino é verdadeiro. As Republicas do Rio da Prata vivem em boas relações com este Imperio em quanto d'elle dependem para o seu bem estar. Este Imperio tem-nas livrado da anarchia, do despotismo e da crueldade de alguns homens que as tem dominado; tem-nas soccorrido com dinheiro; mas, quando não precisam da sua protecção, esquecem tudo.

São estes os factos que se tem passado ha 60 annos. Cinco campanhas tem feito o Brasil contra as Republicas do Sul, desde 1811 até 1864, em que principiou esta que acabou, sendo sempre provocado pelos seus governos com differentes pretextos; e que vantagens tem o Brasil colhido de tantos sacrificios e despezas que foi obrigado a fazer para sua defesa? Sómente por alguns annos estiveram as fronteiras do Rio Grande livres dos assaltos dos gaúchos orientaes, em quanto a provincia Cisplatina esteve unida ao Brasil; logo que se constituio independente, voltou a experimentar as mesmas commoções politicas que são frequentes n'aquelles Estados, as quaes tem feito sempre mal a este paiz e aos Brasileiros residentes n'aquella Republica. Esta longa experiencia deve bastar para d'ora em diante saberem os governos que dirigirem os destinos d'este Imperio, o que se deve fazer em relação ás Republicas do Sul.

(*) Veja-se a defesa do conselheiro Paranhos, pag. 76.

Pouco mais temos que dizer sobre o tratado de alliança, á vista das reflexões acima expendidas; com tudo diremos ainda o que nos lembra a respeito d'aquelle documento, que não déu gloria a quem o mandou fazer.

O governo argentino aceitou logo a alliança proposta, por estar a sua provincia de Corrientes invadida por um exercito paraguayo muito superior ás forças que aquella Republica podia aprompttar.

O Presidente Mitre, diplomata mais habil do que o enviado pelo governo imperial, soube tirar todo o partido possivel a favor da Confederação Argentina, uma vez que as circumstancias lh'o permittiam.

A primeira vantagem que lhe deu o tratado de alliança, que o Presidente Mitre redigio, foi nomear-se elle mesmo general em chefe dos exercitos alliados: a segunda vantagem foi determinar o mesmo presidente o caminho que devia seguir o exercito brasileiro, para se principiar a campanha pela provincia de Corrientes.

Fazendo-se a marcha do exercito pelas provincias argentinas, a maior parte da despeza da guerra fazia-se em Buenos-Ayres, o que aconteceu. O Brasil, que concorreu com todos os meios de que pôde dispôr, conforme o art. 2.º do tratado, por terra e pelo mar, deu bom lucro aos commerciantes e especuladores da capital argentina.

Sendo o Brasil mais prejudicado do que a Republica Argentina sómente com a occupação e devastação da provincia de Matto Grosso, foi o exercito brasileiro destinado a ir primeiro desalojar os Paraguayos da Republica Argentina do que do territorio brasileiro; por esta rasão a invasão em Matto Grosso, que podia durar um anno se a guerra tivesse sido feita por onde convinha, durou quatro annos, em quanto que a occupação de Corrientes pelos Paraguayos durou seis mezes.

Taes foram as primeiras vantagens colhidas pela Republica Argentina, provenientes do tratado de alliança, assignado pelo diplomata que o ministerio de 31 de Agosto enviou para fazer tão *vantajoso* tratado.

Já está demonstrado que para se fazer a guerra ao go-

verno do Paraguay não era necessario aquelle tratado de alliança com as duas Republicas do Rio da Prata.

O Imperio tinha o direito de fazer a guerra, porque foi offendido; tinha os meios, e os seus generaes sabiam o caminho por onde deviam ir; nestas circumstancias foi uma infelicidade mandar-se propôr aquella alliança ao governo de uma Republica que precisava do nosso auxilio.

Podia o governo imperial ter calculado o caminho por onde convinha fazer a guerra, para durar menos tempo e ser menos dispendiosa. Esta lembrança economica não occorreu, porque n'aquelle tempo não se tratava de fazer economias.

O ministerio de 31 de Agosto abrindo o mappa da America do Sul e vendo que a situação geographica do Paraguay não permittia fazer-se-lhe a guerra, senão com muita difficuldade, pelas provincias argentinas, devia ter escolhido o caminho mais curto para ser a campanha menos dispendiosa. Não entendeu assim aquelle ministerio; com o tratado de alliança preferio o mais longo, dispendioso e trabalhoso.

Ainda admittindo-se que tivesse lugar fazer-se um tratado de alliança com a Republica Argentina, podia-se ter feito só no sentido do auxilio, como já foi explicado acima; mas nunca para entregar as forças do Brasil a um general estrangeiro, que não tinha a quem dar conta dos seus actos por ser Presidente de uma Republica.

No principio de um guerra, em que estava empenhada a honra nacional, que se devia fazer com actividade para livrar a provincia de Matto Grosso da devastação que soffreu por mais de tres annos; quando todo o exercito devia correr em soccorro de seus desgraçados habitantes, manda-se seguir caminho opposto e entregar-se a um general estrangeiro.

Além disto como soube o ministerio de 31 de Agosto que Bartholomeu Mitre era general com as habilitações necessarias para ir fazer a guerra contra o Paraguay? Em que campanhas tinha adquirido nome de general? Nós todos sabemos que na Republica Argentina, exceptuando a campanha contra Rosas, na qual commandou Urquiza, não houve outras campanhas que fizessem generaes, e nas quaes se

habilitasse D. Bartholomeu Mitre; essas guerras civis que representam os partidos politicos em campo e que são frequentes nas Republicas Hespanholas, são brigas com que se perseguem uns aos outros, não são campanhas regulares.

Quem tem lido a historia das Republicas Hespanholas é que sabe como se fazem os generaes n'aquelles Estados; mas quem não está instruido n'estas theorias militares, facilmente é enganado.

Ainda o exercito alliado estava na provincia de Corrientes, conheceu-se que quem o commandava não era general, como mostraremos no lugar competente.

O primeiro inconveniente de tal nomeação, e que foi muito prejudicial ao exercito brasileiro pelas perdas que teve, como mostramos no livro seguinte, foi estar parado nas provincias argentinas á espera que o presidente o fosse commandar, e depois esperou que o dito presidente fosse assistir á campanha de Uruguayana, no que se passaram cinco mezes, do principio de Maio até fim de Setembro: entretanto morriam os nossos soldados de quinze a vinte cada dia no acampamento de S. Francisco. O ministerio de 12 de Maio não deu signaes de conhecer estes inconvenientes; conformou-se comtudo, visto que não modificou o tratado de alliança, como podia fazer.

Entretanto estava a provincia de Matto Grosso sendo devastada pelos Paraguayos desde fim de Dezembro do anno anterior; retiraram-se depois de tres annos de dominação, e á provincia do Rio Grande esteve invadida por tres mezes. Quando o exercito brasileiro devia ter-se empregado na defeza do paiz, estava ás ordens do governo argentino.

Com a morte do vice-presidente da Republica Argentina, vio-se obrigado o Presidente a deixar o commando em chefe dos exercitos alliados, para ir tomar conta do governo da Republica.

Este acontecimento, que não devemos deixar de lastimar, por ser um bom e util cidadão da Republica, produzio um beneficio ao Brasil, porque, tomando o commando em chefe

o Marquez de Caxias, a guerra principiou então a fazer-se não só com actividade, mas a emprehenderem-se operações que até então não se faziam, vencendo sempre o exercito brasileiro os Paraguayos em todos os encontros; o que tudo será descripto no lugar competente.

O estado de saude do seu commandante em chefe, que não podia continuar a campanha atravez das montanhas do interior do Paraguay sem arriscar sua vida, obrigou-o a deixar o commando do exercito.

O governo imperial, ou antes o ministerio de 16 de Julho, teve a feliz resolução de nomear a S. A. o Sr. Conde d'Eu, para substituir o Marquez de Caxias no commando do exercito brasileiro no Paraguay.

Debaixo d'estes dous commandos, as acções heroicas do exercito brasileiro, as batalhas do mez de Dezembro de 1868 dirigidas pelo Marquez de Caxias; as batalhas do mez de Agosto de 1869, nas montanhas interiores do Paraguay, dirigidas por S. A. o Sr. Conde d'Eu, mostraram quanto póde fazer um exercito quando é bem commandado. Seria possivel fazer-se tanto se continuasse o primeiro commando em chefe dos exercitos alliados? Affirmamos que não.

O ministerio de 16 de Julho alterou o artigo do tratado de 1 de Maio de 1865, que dava o commando em chefe dos exercitos alliados ao Presidente da Republica Argentina. O exercito brasileiro no Paraguay ficou commandado pelo seu commandante brasileiro; o mesmo aconteceu aos outros exercitos, argentino e oriental; n'estas posições os generaes das tres nações alliadas auxiliaram-se mutuamente, e a campanha fez-se com gloria para todos.

Está ainda na lembrança dos que tem lido a historia militar dos outros paizes, o exemplo da campanha da Criméa, para que deixasse de ser seguido pelo ministerio de 16 de Julho.

Temos analysado já bastante as disposições que os ministerios passados fizeram para a guerra que terminou, e á vista dos dous grandes erros capitaes que se commetteram, com a nomeação do general em chefe e a passagem do exercito pelas pro-

vincias argentinas, agora os seus autores é que podem julgar o que fizeram: em 1865 não se pôde passar sem um general em chefe para os tres exercitos; em 1869 isso teve lugar.

O Brasil concorreu no primeiro anno da campanha, isto é, em 1865, com 35,480 homens, além dos que foram do Rio Grande, cujo numero exacto não chegou ao nosso conhecimento, mas que não foi menor de 4,000 homens; portanto podemos dizer que o Imperio tinha em marcha atravessando as provincias argentinas um exercito de 40,000 homens, em quanto que a Republica Argentina tinha 5,000 homens, e o Estado Oriental 2,500; é o Presidente da Republica Argentina commandante de 5,000 homens, que foi commandar a 40,000 Brasileiros. Bastava esta desproporção de numero para conhecer o homem menos atilado, que era impossivel ser commandante em chefe aquelle que commandava tão poucos soldados.

Não havia necessidade de general em chefe; era o Brasil que ia fazer guerra ao Paraguay com um exercito de 40,000 homens; a divisão argentina devia figurar como um contingente auxiliar; por consequencia o seu commandante devia-se prestar a auxiliar o exercito brasileiro nas suas operações de guerra, e para esse fim se entendessem os respectivos commandantes.

Quem leu a historia da campanha de Criméa póde vêr o que aconteceu com o exercito turco, que apenas contava 7,000 homens; ajudou, conforme pôde, aos inglezes e francezes; nunca o governo da Turquia se lembrou de pretender que o general commandante de seu exercito fosse general em chefe n'aquella guerra. Semelhantemente no Paraguay a divisão argentina e o seu chefe deviam representar o mesmo papel que fez na Griméa o exercito turco.

INSTRUCÇÕES QUE DERAM OS GOVERNOS FRANCEZ E INGLEZ PARA A CAMPANHA DO ORIENTE.

Acima transcrevemos a alliança ou convenção que fizeram a Inglaterra e a França para fazer a guerra á Russia; agora

copiamos o art. 4.º das instrucções que aquelles governos deram aos seus commandantes que foram fazer aquella campanha:

« Art. 4.º Fica entendido que os exercitos auxiliares conservarão a faculdade de tomar a parte que lhes parecer conveniente nas operações dirigidas contra o inimigo commum, sem que as autoridades ottomanas, civis ou militares, tenham a pretenção de exercer o menor poder sobre os seus movimentos; pelo contrario, essas autoridades lhes prestarão todo o auxilio e facilitárão, especialmente para o seu desembarque, sua marcha, seu alojamento ou acampamento, sua subsistencia e a de seus cavallos, e suas communicações, ou elles operem juntamente, ou em separado.

« Fica mais entendido, de uma e outra parte, que o plano geral da campanha será discutido e convencionado entre os commandantes em chefes dos tres exercitos, e que se uma parte importante das tropas alliadas se achar em linha com as tropas ottomanas, nenhuma operação poderá ser executada contra o inimigo, sem ter sido préviamente combinada entre os commandantes das forças alliadas. »

O governo francez tinha toda a confiança nos seus generaes que foram para o Oriente em 1854, e sobre todos no general Saint-Arnaud, commandante em chefe do exercito; deu-lhe instrucções sobre todos os acontecimentos que pudessem sobrevir em uma campanha que logo se vio, devia ser muito rabalhosa, arriscada e prolongada; feita tão longe da França, onde era difficil levar todos os soccorros, accrescendo a isto o facto que se deu, dos exercitos alliados, depois de estarem na Turquia para marcharem sobre o Pruth, embarcaram e foram fazer a guerra á Russia na Criméa.

Esta mudança do theatro da guerra trouxe grandes difficuldades e preparativos para o transporte de tres exercitos com 64,000 homens; tudo se fez em tres mezes, e os exercitos desembarcaram sem opposição. Não só isto, mas a campanha que se seguio na Criméa mostrou que os generaes francezes são hoje os primeiros entre os de todas as nações. Tambem o governo francez durante aquella campanha soube lhes dar toda a consideração de que elles eram merecedores.

OFFICIO DO MINISTRO DA GUERRA DE FRANÇA AO GENERAL SAINT-ARNAUD.

Estavam os exercitos alliados ainda em Varna, na incerteza

de marcharem para Silistría, cercada por 30,000 Russos, ou embarcarem para a Criméa; n'esta occasião o ministro da guerra mandou um officio ao marechal Saint-Arnaud, no qual, depois de diversas considerações sobre a campanha que ia principiar, disse-lhe o seguinte:

« Tal é a idéa do governo; mas está entendido que estas instrucções não tem nada de absoluto. Vós estais no centro dos acontecimentos; é, pois, a vós, que só podeis julgar, o que os factos e os acontecimentos de cada dia podem vos obrigar a fazer. Eu refiro-me da maneira mais completa á vossa prudencia. »—(Banzancourt.—*Guerra da Criméa.*—Vol. I, pag. 102.)

N'estas disposições, que fez a França para aquella campanha, se revela a superioridade do governo francez n'este ramo do serviço publico, o tino administrativo que mostrou para ajudar aos seus generaes a vencer a guerra, com o unico fim de livrar a Turquia de ser presa da Russia e conservar o equilibrio europeu.

Compare-se o que acabamos de dizer sobre a campanha da Criméa, se é possivel admittir-se comparação, o que fez o governo francez quando emprehendeu a guerra contra a Russia, na sua alliança com a Inglaterra, na organisação e marcha das tropas, sobre o transporte desde os portos de França e de Africa para a Turquia e depois para a Criméa, os fornecimentos de fardamentos, alimentos e dietas, a organisação de hospitaes nos portos onde chegavam os navios que condusiam tropas, para acharem todos os commodos os soldados que adoeciam na viagem; compare-se tudo isto, com o que fizeram os ministerios de 1864, com poucas excepções.

Tendo o enviado do ministerio de 31 de Agosto concluido a principal parte da sua commissão com o governo argentino, publicou-se em Buenos-Ayres o relatorio que o ministro das relações exteriores apresentou ás camaras: eis aqui o que elle diz do conselheiro Paranhos, como nosso diplomata n'aquella Republica.

« Resolveu o governo imperial enviar outra missão especial perante o governo argentino; acreditou para isso o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, no caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Influio

este habil e distincto diplomata poderosamente para estreitar mais as relações e consolidar a politica combinada com a do Sr. conselheiro Saraiva.

« Tendo decidido o governo imperial retirar esta missão, reconheceu o argentino, por todos os meios que pôde, os importantes serviços prestados por tão notavel representante de um governo amigo. »

Devemos observar que, tres mezes depois que o conselheiro José Maria da Silva Paranhos se retirou de Montevidéo, quando já estava acreditada no Rio da Prata outra missão e na presença de outro diplomata, o governo argentino reconhece de um modo tão significativo os importantes serviços prestados em tão pouco tempo por este distincto estadista.

LIVRO QUARTO.

INVASÃO PARAGUAYA EM CORRIENTES.

Como vimos, o governo argentino queria conservar a sua neutralidade, o que declarou ao do Paraguay pela nota que lhe dirigio a 9 de Fevereiro de 1865, em resposta á exigencia que lhe fez o d'aquella Republica, para poder passar o seu exercito pelas provincias argentinas.

O governo do Paraguay á vista d'aquella recusa, resolveu hostilisar a Republica Argentina do mesmo modo como já tinha hostilisado o Brasil, sem prévia declaração de guerra; para este fim foi destinado um exercito de 18,000 homens, para invadir a provincia argentina de Corrientes.

Cinco vapores de guerra paraguayos com 2,500 homens de tropa apoderaram-se da cidade de Corrientes, capital da provincia do mesmo nome, a 14 de Abril de 1865. No porto d'aquella cidade estavam fundeados os vapores de guerra argentinos *Vinte e Cinco de Maio* e *Gualeguay*, os quaes foram tomados de surpresa, matando-lhes os Paraguayos a maior parte das guarnições, quando fugiam para terra.

D'este modo principiaram as hostilidades do governo do Paraguay contra a Republica Argentina, que estava desarmada e tambem desprevenida, sem poder defender-se quando foi atacada.

Ao mesmo tempo que os Paraguayos tomavam a cidade de Corrientes com a tropa que desembarcou, uma divisão de 5,000 homens, a vanguarda do seu exercito, invadio a provincia e seguio sem obstaculo até Bella-Vista, que foi abandonada pela população, como o tinha sido Corrientes. O general Caceres, governador da provincia, retirou-se para o Rincon de Soto, 14 leguas abaixo, por não ter forças para oppôr á invasão.

Em quanto as forças paraguayas de mar e de terra assim procediam livremente na provincia de Corrientes, estava o exercito brasileiro acampado no Cerro de Montevidéo, recebendo os reforços que lhe mandavam da côrte e exercitando-se debaixo do commando do brigadeiro Manuel Luiz Osorio.

Ainda não se tinha feito o tratado de alliança, por tanto ainda não era possivel dar-se ao commandante do exercito instrucções para principiar a campanha; com tudo recebeu ordens para partir para a margem do Uruguay.

MARCHA DO EXERCITO IMPERIAL, PARA A MARGEM DO RIO S. FRANCISCO.

No dia 27 de Abril embarcou a primeira devisão de infantaria do nosso exercito, na força de 3,200 homens, dos batalhões 4, 6, 8 e 12, guarda nacional da côrte, corpo de policia e caçadores da Bahia, e uma companhia de engenheiros; dividida esta força em duas brigadas, sob o commando do brigadeiro Antonio de Sampaio.

Esta divisão foi nos vapores *Oyapock*, *Apa*, *Princeza*, corveta a vapor *Magé*, e uma chata com 8 peças de campanha. No dia 30, á 1 hora da tarde, passaram Paysandú; desembarcaram na barra do rio S. Francisco. A cavallaria foi por terra, quando devia ter ido embarcada, deixando pouca gente para acompanhar os combóios e cavalhada. Chegando a Paysandú poucos e máos cavallos, metade da força de cavallaria ficou a pé.

Não havia ainda um plano de campanha; accumularam-se os corpos em um paiz estrangeiro, tendo falta de muitos objectos indispensaveis para poderem marchar; foi d'este modo

que se principiou a guerra contra o Paraguay; a prova das faltas que soffreram os soldados no Estado Oriental, é o documento que se segue:

« Ministerio dos negocios da guerra.—Rio de Janeiro, em 8 de Abril de 1865.

« Sua Magestade o Imperador, a quem foi presente o seu officio de 28 de Março ultimo, versando sobre o ponto que V. Ex. julga preferivel para estacionamento do exercito, e conformando-se com a opinião de V. Ex., ha por bem determinar que V. Ex. faça estabelecer o deposito de viveres em Paysandú, e que o exercito vá marchando para Dayman.

« Como agora sigam para Montevidéo os vapores *Apa*, *Princeza* e *Imperatriz*, será conveniente que as forças que elles transportam, em vez de desembarcarem em Montevidéo, sigam para Paysandú nos mesmos vapores, uma vez que a força já vá encontrar os precisos generos de alimentação; ficando V. Ex. autorisado a modificar esta ultima disposição, se entender mais conveniente que a força desembarque e siga reunida ao exercito.

« O mesmo Augusto Senhor manda declarar a V. Ex. que ainda a tropa não vai provida convenientemente de equipamento, abarracamento, etc., e então V. Ex. fica autorisado a mandar aprommptar ponches, capotes, moxilas, blusas de panno, de baeta e linho, camizas, calças e barracas; podendo empregar no fabrico d'esses artigos os que o quizerem, pagando-se-lhes o feitio por uma tabella rasoavel que V. Ex. organisará.

« Lembro ainda de ordem de Sua Magestade o Imperador a V. Ex., que os tres corpos que ora seguem, não levando barracas, podem aquartelar-se dentro de Paysandú, ou nas suas immediações, uma vez que não estejam expostos ao rigor da athmosphera; e bem assim que aquelles que existem já no exercito, mas se acham desprevenidos d'esse artigo, deverão ser dos ultimos a deixar o acampamento em frente de Montevidéo.

« Communicando a V. Ex. as imperiaes determinações, cumpre-me declarar-lhe que o governo espera do zelo e intelligencia de V. Ex. que se empregarão todos os meios de conciliar o maior commodo dos soldados com a precisa rapidez nos movimentos do exercito sob o seu commando.

« Deus guarde a V. Ex.—*Visconde de Camamú.*—Sr. Manoel Luiz Osorio. » (*)

O ministro da guerra em officio de 21 de Maio diz ao general Osorio:

« Que o Visconde de Tamandaré, em officio de 14 do cor-

(*) A um general que está em campanha manda-se fazer o fardamento preciso; que bello exemplo de administração militar.

rente, hoje recebido, communicou a este ministerio que o exercito sentia falta de artilharia e munições, inclusive capsulas ou espoletas fulminantes. »

Diz o ministro ao general:

« Que já deve ter recebido algum provimento de semelhantes objectos e de differentes outros; que n'aquelle dia tinha partido um parque de artilharia raiada de calibre seis; que em breve tempo poderia enviar outro de calibre quatro.»

O que ha de notavel n'estas participações, é que mandou-se marchar o exercito em Abril; em Maio tinha falta de artilharia, e quem a pede é o commandante da esquadra, quando devia ser o general Osorio!

ESTADO SANITARIO DO EXERCITO.

Depois de reunidos todos os corpos que formavam então o nosso exercito na margem do rio S. Francisco, o general Osorio tomou a deliberação de transportar pelo rio Uruguay todas as forças que se achavam n'aquelle lugar para 20 leguas mais acima, a um campo chamado Corralito, pouco acima do rio Dayman. O exercito deixou em roda do seu acampamento de S. Francisco alguns centos de sepulturas, e levou mais de 800 doentes.

A maior parte dos soldados que formaram o exercito que foi fazer a guerra contra o Paraguay, vieram das provincias do norte; em pouco tempo soffreram a influencia da mudança rapida do clima quente para outro frio, e isto foi bastante para soffrerem diversas molestias que deram a morte a um grande numero de homens.

Constou, por informações particulares, que um batalhão do Pará de 400 praças, em pouco mais de um mez extinguio-se quasi todo, em consequencia das enfermidades de que foram acommettidas as suas praças, por chegarem áquelle paiz no principio do inverno; além d'isto a qualidade da alimentação, sendo quasi sempre carne fresca, e o uso da agua d'aquelles rios, foram causas muito poderosas para apparecerem taes enfermidades.

Accresce a isto o que desse lugar escreveu um official do 4.° batalhão de voluntarios.

« O aspecto do exercito não é máo, lamentamos que outras providencias não se tenham dado relativamente ao hospital.

« Conta a força aqui acampada mais de 800 doentes, os quaes estão muito mal acommodados, mal medicados, e finalmente, mal adietados: não ha medicamentos proprios para as enfermidades que geralmente acommettem os homens do norte n'este clima frio, e que vem comer só carne verde. A diarrhéa abunda, as bexigas continuam a fazer muito mal, os medicos para 800 doentes são 5: o 4.° batalhão de voluntarios conta mais de 70 doentes aqui, deixou em Santa Catharina 43, em Montevidéo 112: são de menos 225 praças d'este corpo.

« Os corpos trabalham todos os dias em exercicios, á excepção dos sabbados, que o general reserva para a limpeza, e domingos para descançar. Hontem chegou a 3.ª brigada.

« As barracas que recebemos em Montevidéo são tão más que já estão rotas; as rações que a tropa recebe n'este acampamento são as seguintes: um boi para 80 praças, farinha um alqueire para 50 praças, aguardente uma garrafa para 12 praças, bolacha 4 onças, sal 2 onças, fumo 1 onça, assucar 2 onças cada dia. »

Escrevem do mesmo acampamento a 23 de Maio.

« Chegaram alguns medicos, e os doentes que estavam em Montevidéo; faltam-nos medicamentos, enfermeiros, barracas e outras commodidades; o numero de doentes hoje excede a 800; a mortalidade continúa a ser grande.

« Algumas das ambulancias que vieram da côrte, chegaram vasias; não se sabe como ou onde roubaram os medicamentos que deviam trazer; em occasião que faltam para o grande numero de doentes que ha diariamente.

« O governo póde e deve olhar sériamente para este importante ramo de serviço. O vapor de guerra *Magé* chegou hontem com 400 homens de diversos corpos; ficaram no Cerro de Montevidéo dous corpos de artilharia; a cavallaria, pela falta de cavalhada, ainda não chegou; comtudo contamos hoje n'este acampamento quasi 10,000 homens.

« Maio 31. — Chegou hontem o general Osorio, que vem fazer marchar o exercito para o Salto, indo pelo rio; o estado sanitario é muito máo, faltam-nos todos os meios de tratamento, fallecem diariamente de 15 a 20, ha hoje quasi mil praças no hospital; consta que em Montevidéo tambem a mortalidade é grande.

« Os dous corpos de artilharia que estavam no Cerro chegaram hontem no vapor *Princeza.*

« Parece-nos que o plano do general Osorio era ir-se approximando á fronteira do Rio Grande, seguindo a margem esquerda do Uruguay; mas o general Mitre solicitou á passagem

do exercito para a provincia argentina de Entre-Rios, verificando-se pelo passo da Concordia, algumas leguas acima d'este lugar; por tanto breve vamos marchar.

« Dizem que para convencer o general Osorio da necessidade de passar o exercito brasileiro para Entre-Rios, fôra o vice-almirante visconde de Tamandaré ao Cerro conferenciar com elle e remover quaesquer embaraços materiaes que se apresentassem para a passagem. »

A' vista da ultima parte d'esta informação, é para notar que o vice-almirante brasileiro em lugar de estar na esquadra que commandava, para dirigir seus movimentos e operações no rio Paraná, para onde já tinha mandado uma divisão, occupasse-se em indicar ao general commandante do exercito o caminho que devia seguir; entretanto as faltas que houve nas operações da primeira divisão naval que entrou no Paraná, vão ser apontadas.

Sobre o que acabámos de dizer, veja-se o officio do general Osorio ao brigadeiro David Carnavarro, no qual elle declara ter indicado que o nosso exercito devia marchar para a barra do rio Quarahym.

No principio d'esta guerra o governo imperial não fez o que convinha. Devia entregar a sua direcção ao general commandante do nosso exercito, muito competente para a dirigir, não consentindo que outros tivessem ingerencia nas operações; assim não marcharia o exèrcito pelas provincias de Entre-Rios e Corrientes.

Como era possivel fazer-se a guerra com vantagem se as autoridades não faziam o que deviam?

Aprova da pouca ordem administrativa que havia então no Rio da Prata, é o officio do general Osorio ao brigadeiro David Canavarro.

OFFICIO DO GENERAL OSORIO SOBRE A MARCHA DO EXERCITO. (*)

Cerro, em Montevidéo, 17 de Abril de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Remetto-lhe o officio do Sr. Visconde de Tamandaré, que me escreve de Buenos-Ayres e diz-me que amanhã estará aqui para conferenciar sobre o que deve fazer este exercito; elle pretende fazer marchar 3,000 infantes para Corrientes, e o exercito não sei ainda que marcha

(*) Documentos relativos à invasão do Rio Grande, publicados pelo governo m 1866. Pag. 38.

levará ; estou suspeitando que essa ameaça a Corrientes será para chamar alli as forças para a nossa fronteira, ou proteger alguma reacção.

« O nosso governo nada me tem dito sobre marchas em operações, apesar de haver eu indicado a conveniencia de marcharem para a barra do Quarahym estas forças: emfim virá espontaneamente a nossa alliança com os Argentinos para esta guerra. porém, não me agrada que estejam tão divididos.

« Remetto-lhe o incluso impresso, para mandal-o ao Sr. presidente da provincia, ou ao Sr. commandante das armas.

« Deus Guarda a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. general David Canavarro, commandante da fronteira do Quarahym.—*Manoel Luiz Osorio.*

Por este officio do general Ozorio, vê-se que elle era de opinião que o exercito devia seguir para a fronteira de Missões, e d'ahi principiar a campanha.

Em 17 de Abril, diz o general Ozorio ao brigadeiro Canavarro, que não sabe a marcha que levará o exercito; que esperava no dia seguinte o vice-almirante para conferenciar sobre o que devia fazer o mesmo exercito.

Com effeito, no dia indicado, veio de Buenos-Ayres o vice-almirante, e no dia 27 principiou o embarque do exercito para o acampamento de S. Francisco, na margem do Uruguay, conforme determinou o aviso do ministerio da guerra de 8 de Abril, acima transcripto.

Quando o governo imperial mandou propôr o tratado de alliança, já tinha talvez resolvido que a guerra se fizesse pelas provincias argentinas; por consequencia o ministerio de 31 de Agosto não attendeu á opinião autorisada de um bom general rio-grandense, conhecedor do terreno que pisava e pratico das guerras d'aquelles paizes, além de outras circumstancias que concorriam para o considerarem habil general que é: sua opinião não prevaleceu. O ministerio achou que era mais coherente com suas opiniões politicas fazer-se a campanha por outro lado.

O ministerio de 12 de Maio approvou o tratado de alliança do 1.º do dito mez; não constou que lhe quizesse fazer alteração alguma, como já dissemos no livro anterior, porque de certo estava persuadido, como seu antecessor, que não havia melhor

caminho para se fazer a guerra do Paraguay senão passando o nosso exercito pelas provincias argentinas.

MARCHA DO EXERCITO PARA ENTRE-RIOS.

Em principio de Junho marchou o exercito da margem do rio S. Francisco e foi acampar ao norte do rio Dayman, onde se lhe reuniram alguns batalhões de Buenos-Ayres. N'este lugar se conservou até o dia 24, em que principiou a transpôr o Uruguay para a cidade da Concordia, situada na margem direita.

No dia 13 tinda o Presidente da Republica Argentina passado o governo ao vice-presidente D. Marcos Paz, e a 18 apresentou-se no acampamento da Concordia.

CORRESPONDENCIA DE BUENOS-AYRES (*).

« No dia 24 de Junho transpuzeram o Uruguay quatorze batalhões, que foram acampar a um quarto de legua da Concordia, no arroio chamado Juquery-Grande. Apresentando-se ahi o general Mitre, foi recebido com as honras de commandante em chefe.

« A passagem do resto da força, artilharia, bagagens, etc., deve ter-se verificado nos dous ou tres dias seguintes.

« Dizem os jornaes que a força total do nosso exercito é alli de 17,000 homens, sendo 12,000 de infantaria. A do general Mitre deve andar por 6,000 das tres armas.

« No dia 23 de Julho chegou áquella cidade (Concordia) o general Urquiza, que teve um recebimento muito obsequioso, não só do general Mitre, como tambem da população da localidade.

. . . .

« No dia 25 o general Mitre passou revista a todas as forças dos dous exercitos alliados, argentino e brasileiro. O primeiro era composto de 10 batalhões de infantaria (da guarda nacional de Buenos-Ayres e Santa Fé), um corpo de artilharia e um esquadrão de cavallaria, formando ao todo 4,500 homens. Faltava o bello regimento de cavallaria S. Martin, que está com o general Flôres.

« O exercito imperial apresentou em linha como 15,000 homens, inclusive 2,000 de cavallaria, e faltando os batalhões 7.º e 5.º, que tambem vão com aquelle general.

« A linha brasileira occupava mais de uma legua de extensão, e as correspondencias da Concordia dirigidas aos jornaes

(*) Correspondencia de Buenos-Ayres de 28 de Junho, publicada no jornal de 5 de Julho de 1865.

elogiam o porte de nossos soldados, e o bello aspecto que apresentava essa grande serie de batalhões e a numerosa artilharia.

« O general Mitre percorreu a linha acompanhado dos generaes Urquiza e Osorio, este de grande uniforme; Urquiza sem espada.

« O Sr. Mitre recebeu as continencias de general em chefe, depois do que retirou-se para assistir ao exercicio de fogo da tropa argentina.

« O general Urquiza partio logo, embarcara como viera, para a Conceição do Uruguay.

. . . .

« Aqui me achava da presente carta, quando leio em outra correspondencia particular, dirigida á mesma *Nação Argentina*, uma breve discripção do exercito brasileiro na revista do dia 24, e não resisto ao desejo de a transcrever. Eil-a:

« —Compõe-se de 23 batalhões de infanteria, que formam um total de 12,180 soldados.

« —Todos estes corpos levam bandas de musica e um equipamento magnifico, distinguindo-se os batalhões 3, 5, 13 e 6 pelo porte e bizarria da tropa, sua brilhante officialidade e luxo das bandeiras.

« —A artilheria é de primeira ordem. Os soldados escolhidos, as peças e as palamentas do que ha mais aperfeiçoado na arte militar. Consta de 32 peças raiadas e 757 artilheiros.

« —A cavallaria consta de 3,000 homens, formando o exercito imperial um contingente de 15,937 soldados.

« —A officialidade de infantaria marcha a cavallo, e tem um porte marcial que promette muito.

« —A cavallaria é tão boa como a melhor nossa, e as cavalgaduras são bôas e bem manteudas.

« —V. sabe quanto vale e quanto ha que esperar de um exercito assim ! ! (*) »

Em principio de Maio a Confederação argentina tinha na provincia de Corrientes, em frente aos Paraguayos, as milicias d'aquella provincia e de Entre Rios, sendo pequena parte de infantaria e sem artilharia; não tinham instrucção nem disciplina, faltava-lhes fardamento, armamento e munições; o resto dos milicianos não arregimentados estavam armados de lanças feitas de facas amarradas em páos. Isto tambem é uma prova de que a Repnblica Argentina não esperava ser aggredida; por esta rásão não estava armada.

A 25 de Abril embarcou em Buenos-Ayres o general ar-

(*) Correspondencia de Buenos-yyres de 28 de Julho de 1865, publicada no Jornal de 4 de Agosto.

gentino Paunero com 1,000 homens de infantaria em vapores argentinos, com destino para o Paraná.

PRINCIPIO DAS OPERAÇÕES NAVAES DA ESQUADRA BRASILEIRA NO RIO PARANÁ EM ABRIL DE 1865.

Partio no dia 5 de Abril de Buenos-Ayres a 3.ª divisão da nossa esquadra para rio Paraná, com o fim, segundo constou, de ir bloquear o rio Paraguay nas Tres Bocas; foram os seguintes navios a vapor: corveta *Jequitinhonha*, canhoneiras *Araguary*, *Igúatemy* e *Ypiranga*, sob o commando do capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro, á qual se reuniram poucos dias depois mais quatro canhoneiras.

Esta divisão chegou á cidade do Rosario a 16 d'aquelle mez de Abril, que está a dous dias de navegação de Buenos-Ayres, e a 2 de Maio a Bella-Vista; distancia que se andava, muito de vagar, em oito dias.

Emquanto aquella divisão naval esteve parada no Paraná, cinco vapores paraguayos vieram ao porto de Corrientes como já mencionamos, no dia 14 d'aquelle mez, e tomaram os dous vapores argentinos que alli estavam fundeados, mataram-lhes parte das guarnições, que não puderam fugir para terra; desembarcaram a tropa que traziam e apoderaram-se da cidade, fugindo grande parte da população, conhonearam o povo, matando muitas mulheres e crianças; e depois de estarem no porto tres horas, retiraram-se levando os dous vapores de guerra argentinos que aprisionaram.

No dia immediato, 15 de Abril, o exercito paraguayo tomou posse da cidade de Corrientes, tendo sido préviamente abandonada pela população: no fim de Abril o exercito paraguayo occupava o norte da provincia de Corrientes, na força de 18,000 homens. Depois das suas avançadas terem chegado a Bella-Vista, retrocederam, por não terem achado o apoio que esperavam na população.

A nossa divisão naval recebeu a seu bordo em Bella-Vista o general Wenceslão Paunero e a tropa que o acompanhava, e foi desembarcal-o no Rincão do Soto, em razão d'aquella

pequena força argentina não poder oppôr-se ao exercito paraguayo, cujas avançadas já tinham chegado áquella cidade.

Pelos officios que abaixo transcrevemos, vê-se que o general Wencesláo Paunero requisitou os serviços da esquadra brasileira em seu auxilio nos primeiros dias de Maio, quando embarcou em Bella-Vista; mas em que se occupou a esquadra em todo o mez de Abril no Paraná, é o que não achamos demonstrado.

Diz a correspondencia de Buenos-Ayres, de 13 de Maio, o seguinte, sobre a esquadra brasileira no Paraná:

« De posse da cidade de Corrientes e da povoação do Empedrado, 10 leguas abaixo d'aquella, as forças paraguayas dão mostras de alli quererem estabelecer a sua base de operações. Não tratam de avançar, ao contrario, entrincheiram-se entre aquelles dous pontos, e ahi aguardarão sem duvida que as vá procurar o inimigo. E' sobre o Riachuelo, rio bastante caudaloso que corre parallelo ao Paraná e 3 leguas de Corrientes, que se encontram as forças de Lopez, etc.

« As fortificações paraguayas no Riachuelo acham-se guarnecidas de artilharia, que seus vapores, graças á morosidade dos nossos, tem conduzido de Humaitá, para onde até agora navegam livremente.

. . . .

« Com esta actividade contrasta a morosidade da nossa esquadra, que, com um mez de viagem, se achava no dia 5 ainda fundeada em Bella-Vista, onde chegára apenas um dia antes da expedição do general Paunero, que sahira de Buenos-Ayres desasseis dias depois d'ella!

« Essa lentidão tem sido aqui mal vista, e a imprensa a tem julgado severamente. Eis como se exprime a *Tribuna* de 12 do corrente:

« — A 1.ª divisão da esquadra brasileira, que subio ha um mez, acha-se ainda fundeada em Bella-Vista, a poucas leguas do porto de Corrientes, onde a esquadra paraguaya descança tranquillamente ancorada. Que faz ahi essa esquadra? Porque não seguio resolutamente para Corrientes? Porque não se lançou sobre os navios paraguayos impotentes para resistir ao ataque de oito canhoneiras? Enigma é este que o Sr. Gomensoro não explica de uma maneira satisfactoria. —» (*)

A correspondencia de Montevidéo de 28 de Maio, diz ainda o seguinte sobre a esquadra:

« O exercito paraguayo avançou sobre Bella-Vista, que foi

(*) Jornal do Commercio de 22 de Maio de 1865.

logo abandonada pelo general Caceres, que desceu para o Rincão do Soto, 14 leguas abaixo d'este ponto.

« A nossa esquadra, que havia subido quasi ao mesmo tempo com o general argentino Wenceslão Paunero, e a infantaria argentina que elle commanda em numero de 1,200 homens, teve de descer a instancias d'este general, que temia ver o general Caceres cortado.»

DOCUMENTOS, OFFICIAES QUE DIZEM RESPEITO Á 3.ª DIVISÃO DA ESQUADRA BRASILEIRA.

« Bordo do vapor *Jequitinhonha*, em Bella Vista. 2 de Maio de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex. que hoje chegou a este porto a vanguarda da nossa esquadra, composta de oito navios, a cuja testa me collocou o Sr. Visconde de Tamandaré.

« Mui brevemente devem-se reunir a estes alguns outros navios de guerra, trazendo uma brigada do nosso exercito, que se achava em Montevidéo, e cuja vanguarda aqui tambem espero.

« As tropas da Republica estão em movimento. Ha oito ou dez leguas acima d'esta localidade, cerca de 5,000 homens de cavallaria ao mando do general Caceres, buscam impedir o passo aos Paraguayos, que se apoderaram da capital de Corrientes, e chegam até ao Empedrado, em numero, segundo dizem, de 12 a 15,000 homens.

« O governador de Corrientes, actualmente n'esta povoação, espera noticia official de V. Ex. que lhe communique ter já transposto o rio Uruguay.

« Aproveitando a occasião apresento à V. Ex. os meus sinceros cumprimentos e distincta consideração.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. David Canavarro, general commandante do exercito em operações nas margens do Uruguay. — *José Segundino de Gomensoro*, commandante da 3.ª divisão naval. » (*)

Esta communicação ao brigadeiro David Canavarro, foi inutil e sem causa justificavel, porque nem aquelle commandante da guarda nacional nem outro qualquer chefe militar da provincia do Rio Grande podiam ter interesse directo em saber o que fazia aquella divisão naval no rio Paraná, que nada tinha feito até á data d'aquelle officio.

Entretanto é digno de reparo que se publicasse este officio, que não interessa a ninguem, e deixasse de se publicar as

(*) Documentos mandados publicar pelo governo em 1866.

ordens do dia, as instrucções e officios do vice-almirante commandante da esquadra do Rio da Prata aos commandantes da nossa força naval, que esteve estacionada no rio Paraná em 1865.

Em 28 de Abril o commandante da 3.ª divisão da esquadra brasileira no Paraná, dirigio ao chefe politico de Goya a a seguinte nota:

« Bordo do vapor *Jequitinhonha*, 28 de Abril de 1865.

« Illm. Sr.—Conforme as ordens que recebi do Exm. Sr. almirante Visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes brasileiras nas aguas do Prata, começam hoje as forças sob minhas ordens a bloquear e hostilisar os portos do littoral do Paraguay, estendendo-se esse bloqueio a todos os lugares occupados por força da mesma Republica.

« E, como não ha n'esta cidade autoridades officiaes estrangeiras que possam communicar aos subditos das diversas nações que ahi existem, as deliberações que hoje tomo, rogo a V. S. que se digne dar-lhes publicidade, afim de que providenciem convenientemente sobre seus interesses.

« Aproveito a opportunidade para reiterar a V. S. meus protestos de amizade.

« Deus guarde a V. S.

« Illm. Sr. D. Evaristo Lopes, chefe politico de Goya.— —*José Segundino de Gomensoro*, commandante da 3.ª divisão. » (*)

Por esta communicação do commandante da 3.ª divisão naval, é que se soube que teve ordem de ir bloquear e hostilisar os portos do Paraguay; com um mez de navegação essa ordem não se cumprio, porque tanto tempo foi preciso para a 3.ª divisão chegar a Bella-Vista a 2 de Maio; até então navegavam os vapores paraguayos entre Humaitá e Corrientes, onde alguns dias estiveram fundeados.

Este facto mostra a falta que houve no emprego activo da nossa força naval no Paraná, logo que se terminou a questão com o governo de Montevidéo.

Na correspondencia de Londres de 23 de Julho, publicada no *Jornal do Commercio* de 28 de Agosto de 1865, lê-se o seguinte sobre a esquadra brasileira no Paraná:

« Em uma nota do ministro inglez em Buenos-Ayres, o Sr. Thronton, dirigida ao conde Russel em 11 de Maio, diz-lhe

(*) *Diario Official* de 23 de Maio de 1865.

o seguinte:—O movimento das forças navaes brasileiras é extremamente lento, e o Sr. Elisalde disse-me ha dous dias que lhe constava que o chefe Gomensoro, commandante da 3.ª divisão de 8 canhoneiras, ia ser privado do commando e mettido em conselho de guerra, por causa da extrema lentidão dos seus movimentos Esta divisão passou a ilha de Martim Garcia a 12 de Abril subindo o Paraná, e até esta data não ha noticia d'ella se approximar á cidade de Corrientes. »

O ministro inglez em Buenos-Ayres observou o que fez aquella divisão naval, naturalmente porque na marinha ingleza não se dão factos d'estes; mas hoje affirmamos que se aquella divisão naval tivesse tido outro commandante e talvez instrucções mais claras e positivas, os vapores paraguayos que vieram a Corrientes tinham sido anniquilados.

Todos lamentaram que a esquadra brasileira não tivesse tentado conter o exercito paraguayo na margem direita do Alto Paraná, quando dessasombrado atravessou aquelle rio em dias de Abril para invadir a provincia de Corrientes, estando já a 3.ª divisão naval no Paraná.

A operação de guerra então mais necessaria, o emprego da esquadra mais urgente não se fez pela lentidão dos seus movimentos; mas a lentidão dos seus movimentos proveio da falta de um commandante activo e valente, e de instrucções sobre o emprego da força que dirigia.

Podia o commandante de 8 vapores bem artilhados ter destruido os navios paraguayos quando estavam fundeados no porto de Corrientes, assim como a esquadra russa destruio a turca fundeada em Synope, em 1854; que vantagem immensa não tinha resultado de uma operação d'esta natureza para a guerra que principiava?

A destruição d'aquelles 5 vapores paraguayos tinha redusido quasi á nullidade o resto da marinha de guerra paraguaya; devia-se ter aproveitado a occasião de destruir separado o que junto seria mais difficil; o que ficasse da esquadra paraguaya não se animaria a vir encontrar-se com a nossa, não tinha havido o combate do Riachuelo, no qual perdemos tanta gente

Uma pequena divisão naval fundeada, sendo batida por outra muito mais forte em numero de navios e com melhor arti-

lharia, era certo o triumpho dos atacantes; mas quem tinha a força ás suas ordens assim não o entendeu; os vapores, paraguayos, sabendo que se approximava a esquadra brasileira com outro commandante, retiraram-se para Humaitá.

Por estas faltas de commando perdeu a marinha brasileira a primeira occasião de mostrar o seu valor nas aguas do Paraná: aquella divisão naval ficou sem acção a pequena distancia dos vapores paraguayos.

A 28 de Abril de 1865, sahiram de Buenos-Ayres para o Paraná a fragata a vapor *Amazonas*, a corveta *Parnahyba*, a canhoneira *Ivahy*, e vapores de transporte condusindo uma brigada de infantaria commandanda pelo coronel Guilherme Bruce, para se distribuir pelos navios da esquadra no Paraná; esta força foi sob o commando do chefe de divisão Francisco Manoel Barroso.

Em quanto estes navios navegaram no Paraná, devemos referir o que se passou com a 3.ª divisão naval em Bella-Vista.

Diz o *Diario Official* de 2 de Junho de 1865 :

« Carta do correspondente. — O abandono de Bella-Vista, onde se achava a 3.ª divisão da nossa esquadra e os batalhões idos ultimamente de Buenos-Ayres, está explicado nos dous officios que o general Venceslão Paunero dirigio ao chefe brasileiro, e que publicamos por extenso, porque elles justificam a morosidade e a inacção da nossa esquadra tão acremente censurada pela imprensa portenha. »

Eis aqui os ditos officios :

« O commandante em chefe do 1.° corpo do exercito nacional, bordo do vapor *Jequitinhonha*, 4 leguas abaixo do Empedrado, em 14 da Maio de 1865, a S. S. o chefe da 3.ª divisão naval brasileira, capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro.

« Depois do abaixo assignado haver chegado o este ponto com as forças sob seu commando a bordo da esquadra ao mando de S. S. e posto em communicação com o general Caceres, chefe da divisão da vanguarda, foi instruido de que as communicações que decidirão a marcha do abaixo assignado de Bella-Vista, foram inexatas, em consequencia de um movimento simulado do inimigo, o qual longe de retirar-se, avançou n'esse dia até á nossa vista, como o pôde notar S. S., obrigando assim a nossa vanguarda a retroceder.

« N'estas circumstancias e tendo o abaixo assignado summa necessidade de encorporar-se ás forças da vanguarda, para operar sobre o inimigo, cujo numero como sabe S. S., se diz subir a 12 ou 15,000 homens das tres armas; resolveu pedir a S. S., como o faz, que se digne transportal-o novamente a Bella-Vista, ou a outro ponto da costa d'onde possa realisar o desembarque da sua força, sem ser interceptado pelo inimigo, até ao centro das operações do exercito argentino.

« O abaixo assignado compraz-se em reiterar a S. S. etc.— *Wenceslão Paunero.* »

« O commandante em chefe do 1.º corpo do exercito nacional, no quartel general no Rincão do Soto, 19 de Maio de 1865, a S S. o chefe da 3.ª divisão naval do Brasil.

« Depois que o abaixo assignado desembarcou n'este ponto de bordo da divisão naval ao mando de S. S. e reunio-se aos batalhões de linha do exercito nacional, que chegaram de Buenos-Ayres, com euja força e a que conduz o abaixo assignado alcança formar apenas 1,200 homens de infantaria, uma bateria de campanha com 6 peças, e 5,000 homens da guarda nacional mal armados; teve aviso de que o inimigo vem avançando sobre este campo a marchas forçadas em numero de 10,000 homens de infantaria, 19 peças e 6,000 homens de cavallaria, cuja columna é como, S. S. póde notal-o, infinitamente superior á do abaixo assignado, e com a qual sem grande temeridade não poderá comprometter-se em uma batalha.

« Em taes circumstancias e carecendo o abaixo assignado ainda dos meios necessarios de mobilisação para manobrar por terra, tem segunda vez o pezar de incommodar a S. S. pedindo-lhe que se digne permittir o embarque a bordo da divisão a seu mando da infantaria e artilharia do abaixo assignado, sem cujo meio, que o abaixo assignado, considera indispensavel e muito conveniente ás operações da guerra, que tanto o Brasil como a Republica Argentina sustentam contra o Paraguay; ver-se-ha obrigado a dar um combate absolutamente desvantajoso para as tropas argentinas, que ainda cumprindo fielmente o seu dever, seriam talvez suffocadas por um inimigo mui superior em numero e já organisado.

« Persuadido o abaixo assignado de que o governo de S.S. não desapprovará o importante serviço que as circumstancias imprevistas obrigam ao abaixo assignado a solicitar de S.S., lhe é grato offerecer a S.S. a segurança de sua maior distincção e apreço.—*Wenceslão Paunero.*»

Estes officios, que ficam transcriptos, são documentos que mostram que o general argentino requisitou os serviços da 3.ª divisão no mez de Maio, o que já dissemos acima.

O chefe de divisão Francisco Manoel Barroso reunio-se á 3.ª divisão naval em Goya a 20 de Maio.

Do diario d'este chefe extrahimos o que se segue:

« Dia 23 de Maio.—Depois da meia noite passou uma escuna da qual fiz vir a bordo o patrão, o qual disse estarem em Corrientes 1,500 paraguayos e um só navio de guerra, que quando alli chegou a canhoneira ingleza, embarcou no vapor paraguayo o ministro Berges por suppor que o navio era brasileiro, mas desembarcou por conhecer que era inglez.

« Dia 24 de Maio.—Ao amanhecer fez-se signal de despertar os fogos; ás 6 horas e meia appareceu debaixo o vapor inglez *Espigador;* recebi jornaes e officios, e logo seguimos rio acima. A's 9 horas e meia passamos a povoação do Empedrado, e ás 2 horas e meia fundeamos antes de chegar ao Riachuelo, do lado do Chaco.

« Combinamos sobre a maneira de amanhã nos apresentar-mos sobre Corrientes. »

ATAQUE Á CIDADE DE CORRIENTES.

« Dia 25 de Maio.—Ao romper do dia, como se tinha disposto, os navios tomaram os seus reboques, e ao nascer do sol embandeiramos nos topes com a bandeira argentina no mastro grande; os vapores argentinos *Pampeiro* e *Pavon* fizeram o mesmo com a bandeira brasileira no mesmo mastro.

« A's 7 horas e meia seguimos rio acima, dando vista de um vapor que reconhecemos ser paraguayo e que logo que nos vio parou, e conservou-se observando nos a quatro ou cinco milhas de distancia. Conforme nos approximavamos assim fugia, até que ás 9 horas e 20 minutos deu 2 tiros como signal de despedida, e seguindo, perdeu-se de vista.

« A's 10 horas chegamos em frente á columna, deixando todos os reboques fundeados do lado do Chaco, e seguimos a collocarmo-nos em duas columnas em frente á cidade, dando fundo ás 11 horas. Haviam duas bandeiras paraguayas que estavam nos quarteis, e na capitania a argentina, muitas italianas nas sotéas, por serem a maior parte dos commerciantes que alli ha d'esta nação; muita gente nas barrancas, e em alguns lugares se viam paraguayos, os quaes eram conhecidos pelo vestuario encarnado de que usam.

« Collocamos os navios em duas linhas, e fui conferenciar com o general Paunero: este resolveu de se mandar buscar as escunas que tinham tropa, o que se fez indo alguns vapores busca-las, e chegando, ás 2 horas, logo desenbarcaram.

« Fiz collocar em lugar conveniente as canhoneiras *Itajahy, Mearim* e *Araguary,* para protecção. Vieram os vapores *Pavon* e *Pampeiro,* que se encostaram á terra, e duas escunas; de-

sembarcaram a tropa que traziam, que logo se estendeu em linha de atiradores.

« Em quanto isto se fazia, os paraguayos por de traz das casas se dirigiam ao lugar do desembarque, mas a columna de atiradores e os navios fizeram fogo sobre elles, o que os obrigou a retroceder, e intrincheirarem-se em uma casa que lhes servia de quartel, de onde hostilisavam muito a nossa gente; porém as balas de bordo com o avanço que faziam os atiradores já protegidos por mais força que tinha desembarcado, os desalojaram do quartel, saltando elles pelas janellas da retaguarda, e em seguida foram os nossos entrando.

« D'este ponto para a cidade ha uma ponte, que os Paraguayos defendiam do outro lado, foram tambem desalojados; e passando a nossa gente, coadjuvou n'esta luta o nosso batalhão 9.º, que com muita valentia imitou aos bravos batalhões argentinos que primeiro desembarcaram.

« O fogo feito pelos Paraguayos era como de 1,600 a 2,000 homens; continuando forte o tiroteio foi sempre avançando a nossa gente, que era de quando em quando reforçada com a que ia desembarcando. Entrando a noite foi-se ouvindo mais distante os tiros, e já alguns de peça das nossas de campanha, que desembarcaram.

« Recebi uma requisição do general Paunero, que me dizia ter a gente muito fatigada, com bastantes feridos, e que, sendo nossa a victoria, era preciso que o auxiliasse com mais alguma força: ordenei que desembarcassem as duas companhias do 1.º de fuzileiros, com parte do 6.º que faltava, e seguiram ás 8 horas da noite para terra; indo com esta força o coronel Bruce, que tinha vindo como commandante da brigada.

« O general mandou-me dizer que a força podia desembarcar na Capitania.

« Consta-me até agora haver quasi 200 feridos, entre elles um tenente do 9.º batalhão chamado Herculano; muitos officiaes superiores e inferiores argentinos, os quaes se acham nos vapores *Pavon*, *Pampeiro* e *Araguary*. »

Até aqui é extrahido do diario do chefe de divisão Barroso; agora o que se segue contém particularidades que convém saber-se.

Correspondencia do *Jornal do Commercio*:

« O dia 25 de Março marcou um grande triumpho para as armas alliadas contra os Paraguayos. N'este dia cahio a cidade de Corrientes em poder dos Argentinos e Brasileiros. Coube ao nosso 9.º batalhão de infantaria sustentar a reputação dos soldados brasileiros, e elle coadjuvou efficazmente o general Paunero, que em um momento se vio quasi flanqueado por uma columna paraguaya.

« O tenente Herculano de Souza Magalhães e 4 soldados

ficaram feridos n'essa jornada gloriosa, em que 200 argentinos derramaram o seu sangue para reconquistar o territorio da patria.

« O 1.° tenente de artilharia Tiburcio Ferreira de Souza com duas peças que desembarcaram da esquadra, fez grande mal ao inimigo, e provocou a admiração dos alliados, que o elogiaram muito.

« Ao fogo da esquadra se deve terem os Paraguayos evacuado o quartel e outras casas com que se protegiam.

« O chefe Barroso e commandante Gomensoro foram incansaveis para auxiliar o bom exito d'esta importante operação militar. »

Outro correspondente para o mesmo jornal, diz o seguinte:

« Avançaram os vapores argentinos protegidos pelos de guerra brasileiros. Desembarcou uma companhia da legião militar, e desenvolveu a sua guerrilha contra uma força muito consideravel, como de 1,000 Paraguayos. Em seguida desceu outra companhia da 2.ª legião, e não podendo avançar pela resistencia que encontrou, desembarcou uma companhia do 3.° de linha, e resolutamente carregaram sobre o inimigo á bayoneta até o desalojar do posto que occupava.

« Os navios de guerra brasileiros com os tiros da sua artilharia cooperaram para a dispersão ou derrota dos Paraguayos. Depois, estando já em terra todas as forças, avançaram em diversas direcções as brasileiras de desembarque unidas com as argentinas e apossaram-se de toda a cidade.

« Cahiram em poder dos alliados muito armamento e mais de 200 prisioneiros. Calculam-se em 500 os mortos do inimigo, e tomou-se-lhe a bandeira de guerra.

« Os generaes Paunero e Barroso julgaram conveniente tornar a embarcar, porque se acreditava que forças consideraveis do inimigo viriam sobre a cidade; porém tendo achado grande cooperação na população nacional e estrangeira, julgava-se que demorariam o embarque, para colher todo o fructo da victoria.

« Nossa perda (dos Argentinos) são 150 homens fóra de combate; nas tropas brasileiras houve tambem perdas de consideração; tendo-se tornado notavel um tenente de artilharia volante, pelo estrago que fez no inimigo. (*)

« Constou por communicações que vieram de Montevidéo com data de 5 de Junho, que os alliados tinham abandonado a cidada de Corrientes no dia 30 de Maio, não se podendo sustentar pela approximação do exercito paraguayo.

« As tropas argentinas desceram o rio nos seus vapores, escoltados pela canhoneira *Itajahy*; Paunero desembarcou no ponto chamado Rincão de Ceballos, sem probabilidade de

(*) Tenente de artilharia Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, official merecimento que prestou muitos serviços n'esta campanha.

poder conservar-se alli. A esquadra brasileira embarcou a tropa e subio para as Tres-Bocas ; deixou no porto a canhoneira *Belmonte.*

« Por esta fórma, disse um correspondente de Montevidéo, não póde deixar de considerar-se esteril o ataque do dia 25, e é mesmo n'este sentido censurada a operação do general Paunero.

« O que é verdade é que a rapidez com que se dizia que o exercito argentino entraria em campanha, está por emquanto só nas palavras.

« E' lastimavel que o nosso governo não tivesse antes e melhor fixado o plano de operações do nosso exercito. Se em lugar de encaminhar para Montevidéo as tropas que desde Fevereiro estão aqui chegando, as tivesse dirigido logo para o Rio Grande, a formar o grande exercito de operações nas margens do Uruguay, como o general que devesse commandal-o ; agora estariamos em marcha, levando de vencida o exercito paraguayo pela provincia de Corrientes dentro, e apertal-o contra o Paraná, ou entre o mesmo exercito e a esquadra. Fôra uma soberba e brilhante operação, que em tres ou quatro mezes faria decidir a campanha victoriosamente Entretanto achamo-nos bem longe d'isto ! »

A combinação dos dous generaes (Paunero e Barroso) para tomarem a cidade de Corrientes com a pequena força que tinham, estando n'aquella provincia um exercito paraguayo de 16 a 18,000 homens, foi uma operação imprudente e inutil. O general Paunero, a quem se attribuio a iniciativa d'aquella empreza, pelo que fez, mostrou que não tinha pratica de guerra, e principios certos da sua theoria ; devia ter-se retirado e reunir-se á pouca tropa argentina que estava n'aquella provincia.

Não se devem tomar praças que não se possam conservar ; este é um dos preceitos da arte da guerra, porque esses pontos tomados servem de base a operações subsequentes ; mas o general argentino tomou á viva força uma praça que cinco dias depois abandonou, porque não a poude conservar pela approximação do exercito paraguayo. Quando o general argentino tivesse uma divisão de 4,000 homens, não se podia conservar, por não ser Corrientes uma praça fortificada.

Depois dos Argentinos e Brasileiros terem muitas perdas, vendo os seus chefes approximar-se o exercito paraguayo, abandonaram a cidade que tinham conquistado ; logo a sua conquista foi inutil.

Não se soube nem nunca se publicaram as instrucções que levou o chefe de divisão Barroso quando foi commandar a esquadra no Paraná, em Abril da 1865, pareceu que as teve amplas para o ataque á cidade de Corrientes, e depois restrictas nas operações que se seguiram.

Se a operação do general Paunero em atacar a cidade de Corrientes foi imprudente, prejudicial ás suas tropas e ás nossas e inutil pelos seus resultados, as operações da esquadra que o coadjuvou foram tambem superfluas; ficou fundeada no rio Paraná, isolada e pouco depois bloqueada pelas baterias que os Paraguayos estabeleceram na margem esquerda do rio.

Quaesquer que fossem as instrucções dadas pelo vice-almirante á 3.ª divisão naval que entrou no Paraná, ou as que depois deu ao chefe de divisão Barroso quando foi com outros navios augmentar aquella força, vio-se que nada preveniram sobre o que podia acontecer; e quem foi commandar aquella esquadra para fazer guerra ao Paraguay, foi muito condescendente em aceitar instrucções tão limitadas, o que se soube pelos movimentos que a esquadra fez sob seu commando; pelo menos assim se póde julgar.

Ficou exposta aos ataques que soffreu no Riachuelo em 11 de Junho, em Mercedes a 18 do mesmo mez, e em Cuevas a 12 de Agosto.

E' um axioma na arte da guerra, que o exercito que tem força maior do que o inimigo nunca o deixa na retaguarda: applicando este principio aos movimentos que fez a nossa esquadra, fica evidente que devia estacionar no Paraná, onde estivesse a força argentina para a auxiliar emquanto os Paraguayos occupassem a provincia de Corrientes, e não deixal-a onde fosse hostilisada pelo exercito inimigo, pois que em Buenos-Ayres o seu commandante em chefe devia saber qual era a posição do exercito paraguayo.

No lugar em que ficou a esquadra no Paraná, depois do abandono da cidade de Corrientes, privada de receber soccorros ou fornecimentos de qualquer qualidade, não servio de nada aquelle bloqueio, porque nem ao menos embaraçou as

communicações entre o exercito paraguayo e o seu paiz pelo Passo da Patria, pois que a entrada do Alto Paraná esteve sempre livre de bloqueio; conduziram muita artilharia e bagagens, e na sua retirada tiveram tempo de levar tudo, e mais do que trouxeram.

Na situação desvantajosa em que ficou a esquadra, sem porto que lhe servisse de abrigo e de base para suas operações, foi repentinamente atacada pela esquadra paraguaya no dia 11 de Junho ás 9 horas da manhã, com 8 vapores e 6 chalanas, cada uma d'estas com uma peça de 80.

Tal foi o resultado das instrucções que cumprio a esquadra brasileira fundeada no Paraná, ao mesmo tempo que os Paraguayos fortificavam a margem esquerda d'este rio.

COMBATE NAVAL DO RIACHUELO.

O vice-almirante brasileiro commandante em chefe da esquadra do Rio da Prata, mandou onze navios de guerra para o rio Paraná, sob o commando do chefe de divisão Francisco Manoel Barroso no mez de Abril de 1865; o vice-almirante ficou residindo em Buenos-Ayres.

Em todas as nações maritimas sempre se vio que os commandantes das esquadras, tanto em tempo de paz como de guerra e em paizes estrangeiros, nunca as desamparam, porque é essa sua obrigação; mas na nossa esquadra do Rio da Prata nos annos de 1864 até Fevereiro de 1866, esse artigo do regulamento naval de todas as nações maritimas, não teve execução.

Já vimos o que a esquadra brasileira fez no Paraná em Maio, agora vamos ver o que fez em Junho sob o commando do seu segundo commandante.

Escreveram de bordo da corveta *Belmonte*, para o *Jornal do Commercio*:

« O dia 11 de Junho de 1865 raiou luminoso a todos os horisontes, e nós perdiamos a esperança de que a esquadra paraguaya descesse a empenhar combate com os nossos vasos de guerra, que continuavam ancorados defronte de Corrientes, mais proximos á margem direita que á esquerda.

« Pelas 8 horas e meia da manhã as vigias de todos os navios gritavam:—Esquadra paraguaya pela prôa.

« Acabava de soar o momento sério de ostentarmos o nosso valor e dignidade nacional!

« Tocou-se a postos, guarnecemos a artilharia, e começamos a canhonear a esquadra inimiga a distancia de uma milha, pouco mais ou menos.

« Os ferros de nossos navios suspendiam á uma, fazendo e recebendo fogo: a esquadra paraguaya, composta de 8 vapores e 8 baterias fluctuantes, montando cada uma um canhão de 80, tomou-nos o flanco direito e occupou a boca do rio.

« O navio chefe, o *Amazonas*, trazendo a seu bordo o chefe de divisão Barroso, passou immediatamente á vanguarda; ordena os vasos em columna de ataque, á *Belmonte* que passe á frente, e travou-se n'esta occasião um combate renhido e sangrento. As conhoneiras que deviam seguir a *Belmonte* retardam o passo, e ella passou á vante a toda a força!

« Os navios paraguayos tinham tomado aquella posição, porque intelligenciados (necessariamente) com a terra, procuravam abrigar-se nos flancos de uma bateria de terra mascarada com arvoredos, e que de bordo não era possivel ver.

« A esquadra levou uma hora a passar e n'esse trajecto não soffremos e nem causamos grandes avarias; a distancia era grande, e isso era de esperar.

« Depois que a esquadra suspendeu e que fomos para junto das baterias traiçoeiras, o perigo tornou-se sublime, não obstante os sensiveis prejuizos e as perdas de vida de um punhado de valentes.

« A principio as balas, bombas, foguetes a congrève e granadas do inimigo, em resposta aos nossos tiros, crusavam por cima das vergas, mastaréos e cordame: depois as direcções foram abaixando, e começavam attingir borda e casco de nossos vasos; o commandante da *Belmonte* manda a meia força disparar uma banda com rodizios de 68 no inimigo; elle responde forte, e d'essa resposta resultou a morte ao bravo 2.º tenente da armada Julio Carlos Teixeira Pinto, um soldado do 1.º de artilharia e dous do corpo policial do Rio de Janeiro.

« A *Belmonte*, navio de nomeada, cheia de orgulho, occupando a vanguarda e a grande distancia dos outros, expoz-se só áquelle fogo mortifero, como para uma experiencia lutou com oito baterias flutuantes e uma bateria de terra, que se soccoria tambem do fogo de fuzilaria continuado! A *Belmonte* acreditava o pavilhão; de raros em raros intervallos a morte passeiava em nossas taboas; o chão do navio ficou escorregadio do sangue de nossos irmãos de armas. Eram os filhos de Santa Cruz que se sacrificavam nos altares da patria, com o maximo valor possivel!

« Nas horas em que mais imminente se antolhava o pe-

rigo, e que a morte era quasi uma certeza, eu levantava vivas a Sua Magestade Imperial á nação brasileira, á civilisação e ás liberdades patrias.

« Os officiaes da guarnição, a marinhagem, os soldados e todos correspondiam á saúdação de guerra! Depois o resto de nossos vasos atacou impetuosamente; o Barroso á frente na caixa da roda do *Amazonas*, a artilharia de prôa a postos, o a immediato Delfim Carlos de Carvalho no castello, fundiam contra os navios paraguayos, a metter-lhes a prôa á guiza de encouraçado; e quando muito proximo se achava, disparava os rodizios a varrer com metralha, e em seguida uma bicada.

« O *Amazonas* só por sua conta metteu tres navios inimigos a pique em menos de tres horas: os outros navios menores davam bandas inteiras ou para os navios, ou para as baterias de terra, ou perseguiam os que fugiam.

« A corveta *Parnahyba* foi cercada por tres vapores que lhe deitaram dentro um golpe de gente de abordagem, reinou um momento de confuzão, um official paraguayo dirigi-se á popa e ordena ao guarda marinha Greenhalgh que arreie o pavilhão brasileiro: Greenhalgh responde-lhe com um tiro e mata-o. Outro, porém, que se approximava degolou nessa occasião o guarda marinha com um furioso golpe de sabre.

« N'esse momento, em quanto a tolda da *Parnahyba* estava cheia de vandalos, Pedro Affonso, capitão do 9.º de infantaria, e tenente Feliciano Ignacio Maia batiam-se á espada, morreram ambos pelos golpes de sabre e machado; até que a guarnição de bordagem subisse as escotilhas, visto haver recebido ordem no começo do combate de descer á coberta, não só para deixar toda a liberdade á manobra da artilharia, como para não perder muita gente, (o que foi um erro)

« O *Amazonas* reconhece a imminencia do perigo em que está a *Parnahyba*, soccorre-a: n'essa mesma occasião a guarnição da corveta sobe as escotilhas, e leva a baioneta tudo quanto encontrou. O convés ficou coberto de mortos, que a guarnição lançou ao rio.

« As guarnições dos navios paraguayos e das baterias fluctuantes lançaram-se ao rio. Apezar de ordem contraria de alguns commandantes de nossos navios, foi impossivel durante alguns minutos impedir a guarnição de lhes fazer fogo.

« A's 5 horas e tres quartos da tarde quatro navios paraguayos estavam fóra de combate, ou a pique; quatro fugiram: seis baterias flutuantes (chatas) estavam em nosso poder; as duas restantes foram ao fundo. Recolhêmos muitos trophéos, bandeiras, prisioneiros, armamento, munições de guerra, algum dinheiro em papel.

« A corveta *Belmonte* quasi no fim do combate leva uma bomba nos paióes de prôa, que, matando os doentes que estavam na enfermaria, produzio o incendio. Quando come-

çava a tomar proporções exageradas, uma bala abrio um rombo ao lume d'agua, no lugar do incendio; o navio fez agua e alagou-se em pouco tempo, e o incendio extinguio-se. Alguns soldados doentes morreram afogados. Grande quantidade de polvora ficou inutilisada; a machina sem poder funccionar, e o navio encalha em um banco fóra do alcance da artilharia de terra, que nunca se calou. O commandante da corveta *Belmonte*, o 1.° tenente da armada Joaquim Francisco de Abreu, mostrou em todo o tempo do combate a maior bravura e sangue frio, mesmo nas occasiões em que as balas despedaçavam o passadiço em que se achava.

« Na conhoneira *Iguatemy* foi ferido em uma perna o seu commandante Coimbra, sem muito perigo, e o seu immediato, o 1.° tenente Pimentel, quando subia para substituil-o, perdeu a cabeça por uma balla de artilharia.

« Os Paraguayos têm na capital de Corrientes muita gente; estabeleceram uma bateria de 12 bocas de fogo com que protegeram os seus navios contra os nossos ataques. A corveta *Jequitinhonha*, um dos nossos maiores navios, commandada por Gomensoro, perdeu o pratico no combate e encalhou em um banco; d'ahi fazia o fogo que lhe era possivel, mas em pessima posição. O contigente de infanteria do 1.° batalhão repellio a abordagem duas vezes.

« Terminado o combate, a esquadra recolheu-se a uma enseada, deixando dous navios de guarda á corveta *Jequitinhonha*, e tratou de enterrar os mortos, que excedem de 50; pensar os feridos, que passam de 100, recolher alguns despojos das chatas tomadas, etc.

« O dia 12 passou-se assim, e no dia 13, pelas 2 horas e meia da tarde, a *Araguary*, que era uma das sentinellas do *Jequitinhonha*, descobrio em terra a situação de uma nova bateria, mascarada como a antiga; mas descobrio uma peça só: fez-lhe um tiro de 68, e não teve tempo de observar o effeito, por que 11 bocas de fogo aos flancos d'ella jogavam grossos projectis.

« A guarnição do *Jequitinhonha*, passou para os dous vapores que o guardavam; encravou-se a artilharia; tudo feito de baixo do fogo de terra. »

Para completar a descripção do combate naval do Riachuelo, transcrevemos a parte que deu o official general que estava commandando da nossa esquadra, fundeada perto da cidade de Corrientes.

PARTE OFFICIAL DO CHEFE DA DIVISÃO NAVAL DO PARANÁ, SOBRE O COMBATE DO DIA 11 DE JUNHO DE 1865.

« Bordo do vapor *Amazonas*, fundeado abaixo do Riachuelo, em Corrientes, 12 de Junho de 1865.

« Viva Sua Magestade o Imperador.

« Viva o Imperio do Brasil!

« Illm. e Exm. Sr. Almirante.—Não temos feito tudo, mas fizemos o que podemos. No dia 11 do corrente, domingo da Santissima Trindade, foram tomados pelas divisões sob meu commando 4 vapores de guerra paraguayos, e 6 canhoneiras flutuantes com rodisios de 80.

« Passo a expor a V. Ex., ainda que laconicamente, o contecido, pois fatigado como me acho, me é impossivel fazel-o de outra maneira.

« Eram 9 horas da manhã quando nos sentavamos a almoçar, deram parte de que descia um vapor, dous, tres, e assim successivamente até 8. Houve portanto chamada geral em toda a divisão, e chamou-se a postos.

« Desciam elles aguas abaixo com a corrente do rio, que não seria menos de 4 milhas, peló qual em menos de um quarto de hora passaram por frente de nós 8 vapores paraguayos, trasendo a reboque 6 chatas ou canhoneiras flutuantes. Fizemos-lhes as honras devidas, ás quaes de igual fórma responderam. Balas e metralhas de parte a parte era uma chuva, e chuva de respeito.

« Seguiram aguas abaixo e foram collocar-se perto do Riachuelo. Tratei então como chefe d'esta divisão, que me fôra confiada pelo Exm. Sr. vice-almirante Visconde de Tamandaré, de dar um dia de gloria á nação fazendo respeitar nossa bandeira.

« Tive de attender a mil circumstancias, o que difficilmente podia fazel-o com o nosso confuso plano de signaes.

« Julguei que a minha descida sobre elles com a esquadra seria mallograda, porque voltariam por detrás de duas ou tres ilhas que tem um canal com muita pouca agua, e pelo qual subiriam sem ao menos ficar um d'elles. Ficando parado nada faria; descendo elles subiriam por detraz das ilhas; uma d'estas resoluções devia no emtanto tomar.

« Resolvi ir aguas abaixo; a *Belmonte*, commandante Joaquim Francisco de Abreu, na frente, o que fez com galhardia, não seguindo-a logo os outros vapores porque ficaram atraz do *Amazonas*, pela boa marcha d'este vapor em que eu me achava. Elles nos esperavam; mas porque? Estavam debaixo das barrancas, que ha antes de chegar ao Riachuelo (descendo).

« Collocaram-se convenientemente as seis chatas com canhões de 80, e sobre as barrancas havia baterias pelo menos com 20 bocas de fogo. Provavelmente seriam os 22 canhões que antes disse a V. Ex. que tinham chegado a Corrientes. Estas 20 ou 22 peças apoiadas por mais de 1,000 homens de infantaria, faziam um fogo mortifero sobre nossos navios, ao qual correspondiam elles da melhor vontade.

« N'esta descida encalhou infelizmente o *Jequitinhonha*, no qual tinha a sua insignia o chefe Gomensoro. Devia eu

voltar immediatamente para de novo os combater, porém a estreiteza do canal não o permittia, sendo necessario descer muito para o fazer.

« Felizmente tinha eu a bordo o pratico Bernardino, que se póde chamar o chefe dos praticos, e é o mesmo que subio com a esquadra ha dez annos, e desde então está ao nosso serviço.

« Subi, e minha resolução foi acabar de uma vez com toda a esquadra paraguaya, o que teria conseguido se os 4 vapores paraguayos, que estavam mais para cima, não tivessem fugido.

« Puz a prôa sobre o primeiro, e o esmigalhei, ficando completamente inutilizado com agua aberta, e indo pouco depois a pique. Segui a mesma manobra com o segundo, que era o *Marquez de Olinda*, inutilisei-o; e depois ao terceiro, que era o *Salto*, o qual ficou no mesmo estado.

« Os quatro restantes, vendo a manobra que eu praticava, e que me dispunha a fazer-lhes o mesmo, trataram de fugir rio acima. Depois de destruido o terceiro vapor, puz a prôa em uma das canhoneiras fluctuantes, a qual com o choque e um tiro foi ao fundo.

« Exm. Sr. almirante, todas estas manobras eram feitas sob o fogo mais vivo, quer dos navios e chatas, quer das baterias de terra e fuzilaria de mil espingardas.

« Nossa intenção era destruir por esta fórma toda a esquadra paraguaya, antes que descesse ou subisse; porque necessariamente mais tarde ou mais cedo tinhamos de encalhar por ser n'aquella localidade meito estreito o canal.

« Finda esta tarefa pelas 4 horas da tarde, cuidei de tomar. as canhoneiras fluctuantes, que ao chegar-me a ellas eram abandonadas, pulando todos no rio e nadando para terra, que ficava a curta distancia.

« O vapor paraguayo *Paraguary*, de que ainda não fallei, recebeu um rombo no costado e caldeiras quando descia, de modo que foi encalhar n'uma ilha em frente e toda a tripolação pullou d'ella abandonando o navio. A *Belmonte* tinha recebido tres rombos abaixo da flôr d'agua, que vio-se obrigada a encalhar para não ir a pique.

« Encheu-se de agua até dous pés abaixo da coberta, perdendo-se todos os viveres, polvora e demais objectos. Tratei da melhor fórma de fazer tapar os rombos.

« Desgraçadamente o *Jequitinhonha* ficou encalhado onde a bateria de terra lhe fazia um vivo fogo, que era contestado. Ao pôr do sol elle diminuio, julgo que por se lhes terem acabado as munições. Ordenei á *Iguatemy* que fosse ajudal-o a safar. Ao *Ypiranga* que fosse collocar-se ao pé do vapor paraguayo: o *Amazonas* ficou ao pé da *Belmonte*, que estava cheia d'agua. A *Mearim* ia rebocar a *Parnahyba*, que tem o leme partido, para vir onde nós estavamos.

« Tudo assim disposto, veio o tenente Montes Bastos em

um escaler do *Jequitinhonha* dizer-me que o chefe Segundino precisava de mais de uma canhoneira, pois tendo pegado no *Ypiranga* para o ajudar, este tambem encalhou, e a *Iguatemy* só nada podia fazer.

« Ordenei então que fosse a *Mearim*, depois que de bordo tivesse sahido o medico Dr. Antunes, que tinha ido fazer amputações. A *Parnahyba* quando desciam quatro vapores paraguayos trataram de abordal-a ao mesmo tempo; seu commandante, o capitão-tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, como vinha aguas abaixo, pôz a prôa sobre o *Paraguary* disparando-lhe um dos rodizios, que o fez ir encalhar em frente á ilha.

« Os outros tres querendo um d'elles abordal-o pela prôa não o pôde conseguir pela resistencia que achou; entretanto os dous da pôpa puderam deitar-lhe trinta e tantos paraguayos, que, ficando sobre o convés, mataram os que ahi se achavam, entre elles o capitão do 9.º batalhão Pedro Affonso Ferreira, e o guarda marinha Greenhalgh, que com grande bravura e coragem defendiam a bandeira.

« Estes officiaes morreram no seu posto de honra. Avançaram então os reforços que esperavam, e na abordagem de prôa fizeram-se taes estragos, que os paraguayos que tinham saltado morreram todos, pagando assim a sua ousadia.

« Teve este navio 33 mortos, 28 feridos e 20 extraviados, que se suppõe terem cahido ao rio na defesa que fizeram.

« Temos em toda a esquadra, entre mortos e feridos, de 180 a 190 homens, d'estes 80 a 90 mortos, entre os quaes se contam officiaes, marinheiros e tropa.

« Que direi a V. Ex. dos commandantes? Que todos a meu vêr portaram-se bem, e me ajudaram mais ou menos como era de esperar. Qualquer distincção que faça terá de desgostar, pois entretido com o desejo de aniquilar toda a esquadra paraguaya não tinha tempo de olhar para cada um separadamente, porque muitas vezes até os perdia de vista. Mais tarde informarei a V. Ex. detalhadamente.

« Sei com evidencia por achar-se comigo e sempre a meu lado no posto de honra, sobre o passadiço do *Amazonas*, que é seu commandante, o capitão de fragata Theotonio Raymundo de Brito; portou-se com bravura e sangue frio, tomando sempre as disposições que o caso requeria. Todos os officiaes portaram-se como deviam. Entre estes o 1.º tenente José Antonio Lopes, encarregado da bateria de prôa, o vi portar-se com coragem e galhardia.

« O coronel João Guilherme Bruce, commandante da brigada, já conhecido pela sua bravura, me coadjuvou, fazendo dirigir a tropa aos lugares que mais convinha para offender ao inimigo.

« Não tenho ainda recebido as partes parciaes, as remetterei em a primeira occasião.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos.
« Illm. e Exm. Sr. vice-almirante Visconde de Tamandaré. —*Francisco Manoel Barroso da Silva*, commandante.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMBATE NAVAL DO RIACHUELO.

Na batalha de Ituzaingo, no dia 20 de Fevereiro de 1827, o exercito argentino escolheu a posição para esperar o brasileiro, que o foi atacar; no combate naval do Riachuelo, a esquadra paraguaya passou pela brasileira e foi esperal-a no lugar que lhe conveio, onde ficou protegida pela bateria que estava occulta.

Alli foi a esquadra brasileira atacal-a, sem saber da existencia d'aquella bateria.

A esquadra onde estava não blòqueava as Tres Bocas nem o Passo da Patria, por onde o inimigo tinha a communicação livre com o seu paiz; não podia, na posição em que se achava, hostilisar de modo algum o exercito paraguayo, que occupava metade da provincia de Corrientes; logo de nada servia estar no rio Paraná, sem ter um porto de abrigo para qualquer acontecimento.

Por consequencia a esquadra brasileira esperou pela paraguaya, que a foi aggredir sem que o commandante brasileiro soubesse que os navios paraguayos estavam promptos para descer o rio; foi por tanto uma sorpreza, que teria sido muito peior se tivesse tido lugar de noite, como tinham projectado, mas que um desarranjo na machina de um dos vapores embaraçou.

A esquadra paraguaya teve ordem para vir atacar a brasileira de noite, abordando os navios de sorpresa e deitando-lhes dentro gente que os tomasse; mas chegando ás 9 horas da manhã, foi tomar posição conveniente debaixo da bateria que estava occulta.

O governo paraguayo não confiou só nos seus 8 vapores; mandou mais 6 chatas, cada uma com uma peça de 80. Com esta força contava Lopes ou aprisionar ou destruir a esquadra brasileira, que estava parada á espera dos acontecimentos.

Independente do chefe brasileiro não saber da existencia

d'aquella bateria, parece-nos que não devia ter provocado o combate no lugar em que pararam os navios paraguayos, mas escolher outro onde pudesse manobrar livremente, e não na parte estreita do rio, como elle mesmo declara no seu officio, acima transcripto.

N'este lugar mais estreito do rio encalhou a corveta *Jequitinhonha*, pois constou que o commandante despresou advertencias do pratico, e assim se perdeu um bom navio de guerra, do qual os Paraguayos tiraram a artilharia, que servio depois contra o nosso exercito, porque o navio não foi queimado.

A abordagem que a corveta *Parnahyba* soffreu de dous vapores paraguayos, foi porque o commandante fez descer para a coberta parte da guarnição e a tropa destinada á defeza da tolda; assim mais de 100 Paraguayos apossaram-se facilmente de parte do convez do navio, que occuparam da pôpa ao mastro grande, não deixando subir a guarnição que estava na coberta.

De um tal systema de defeza resultou que os Paraguayos mataram a pouca gente que estava na tolda, e, entre esta o capitão Pedro Affonso Ferreira, commandante do destacamento do 9.º batalhão de infanteria que havia a bordo, bem como o guarda marinha Greenhalgh, que defendiam a bandeira.

A corveta *Parnahyba*, estava em poder dos Paraguayos quando felizmente chegou o vapor *Amazonas*, que pôz a prôa em cima do vapor paraguayo que estava na pôpa da corveta, e o meteu no fundo; então os Paraguayos fugiram atirando-se ao rio, e assim se retomou o navio. Se a tropa da infanteria estivesse guarnecendo as trincheiras, os Paraguayos não tinham saltado dentro, mas o commandante não julgou que podia ser abordado, como foi: sendo este acontecimento de noite, de manhã estava a corveta em Humaitá.

Se o vapor *Amazonas* não tivesse mettido no fuudo tres vapores e duas chatas paraguayas, a esquadra brasileira tinha sido em grande parte destruida. Foi muito prejudicial á esquadra aceitar o combate n'aquelle lugar, onde a bateria de terra fez-lhe grande estrago; mas, cumpre confessar, houve ainda

muito maior gloria para a marinha brasileira, pois venceu forças superiores ás suas.

Esté combate naval, primeiro da America do Sul, que teve lugar entre navios movidos a vapor, deu muitos resultados vantajosos á guerra que o Brasil principiava contra o Paraguay.

Convém declarar n'este lugar que, se as batalhas de Abukir e de Trafalgar deram muita gloria á marinha ingleza e ao almirante que as commandou, o combate naval do Ríachuelo não deu menos gloria á marinha brasileira e ao bravo e intrepido official general que o commandou com tanta galhardia.

N'este combate ficou firmada a reputação da marinha brasileira, e considerada igual á primeira marinha de guerra da Europa, porque todos os officiaes foram heróes. Na Europa admirou-se que officiaes novos, pertencentes a um paiz onde não tinha havido guerra maritima havia muitos annos, e por isso não acostumados aos combates, tivessem um comportamento tão brilhante, o que tanta honra faz á nação a que pertencem.

Com a destruição de parte da esquadra paraguaya, ficou enfraquecida a sua força naval, que não voltou a hostilisar os nossos navios em outro combate como aquelle.

Se a esquadra brasileira tivesse sido destruida, a paraguaya tinha vindo hostilisar todos os portos do Rio da Prata; sublevar os partidos contra o Brasil, que existem nas duas Republicas; anniquillar o nosso commercio e paralysar por muito tempo as nossas operações de guerra, pelo local em que estava o exercito brasileiro na margem do Uruguay.

Poucou dias depois do combate do Riachuelo, os Paraguays transportaram a artilharia que tinham no lugar do combate a um ponto mais abaixo, onde faz barra o arroio Empedrado. Ahi formaram uma forte bateria sobre a barranca, proxima a um banco, que obriga os navios a encostarem-se áquelle lado esquerdo, para passarem no canal.

Verificando isto, o chefe Barroso resolveu descer forçando a passagem, o que praticou com tanta coragem como fortuna; pois que, apezar do mortifero fogo da bateria de 68

e de uma força de infantaria de 1,000 homens, a esquadra passou este ponto, chamado Mercedes, a 18 de Junho, ás 11 horas da manhã, sem ter grande prejuizo, respondendo ao fogo de terra de modo a desmontar algumas peças.

Houve alguns mortos e feridos, e a sensivel perda do capitão tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, commandante da corveta *Beberibe*, ao qual estando no passadiço, uma bala de fuzil deu-lhe na cabeça.

A esquadra ficou fundeada proxima ao Rincão de Ceballos, 12 leguas abaixo de Corrientes.

Depois do combate do Riachuello e das passagens de Mercedes e de Cuevas, da qual trataremos posteriormente, não teve a marinha imperial occasião de continuar a mostrar seu valor em operações de guerra importantes; mas, esperemos o dia 15 de Agosto de 1867, no qual apparecerão os vencedores de Riachuelo diante das trincheiras de Curupaity; ahi principiaram uma nova campanha, na qual foram tantos os combates, quantos os dias de gloria para os officiaes da illustre marinha brasileira.

N'esta memoravel campanha do Paraguay, cuja historia escrevemos, convém que se saiba qual foi a opinião do governo imperial nos differentes periodos da guerra: como as administrações deram conta ao corpo legislativo do que fizeram e do que aconteceu.

Por esta razão vamos transcrever a parte do relatorio do ministerio da marinha de 1866, que diz respeito ao ataque do Riachuelo.

RELATORIO DO MINISTERIO DA MARINHA SOBRE O COMBATE DO RIACHUELO.

OPERAÇÕES NAVAES.

« De modo ultrajante e insolito provocados á luta pelo governo paraguayo, temos sido obrigados a desaffrontar-nos pela força. Entretanto a nossa politica era toda de paz e generosidade.

« A guerra approxima-se finalmente, ao almejado desenlace. Cabe-nos a gloria de resolver nas regiões da America

mais um grande problema concernente á liberdade e civilisação dos povos.

« O Paraguay beijará a mão que lhe quebra os grilhões do captiveiro; mas o sangue dos nossos bravos é infelizmente o preço da derrota de um despota, que se contrapõe a toda a politica generosa e nobre.

« Os bellos feitos da nossa marinha realçam pela approvação insuspeita das grandes potencias.

« O combate de Riachuelo, acto de bravura, ousadia e intelligencia de um chefe veneravel, e de alguns jovens commandantes, mereceu descripção minuciosa, e a critica profissional dos primeiros jornaes da Europa. Jámais se vira, desde o emprego do vapor nas evoluções navaes (e em theatro tão singular), esquadra contra esquadra disputando a victoria.

« Foi um facto nos annaes da marinha a vapor, que veio mostrar em grande, o magnifico quadro do desejado conflicto, que até então apenas se dera em pelejas parciaes, sem resolver definitivamente a questão. Tivemos a opportunidade de resolvel-a, aceitando o combate de muitos vapores. O exemplo dado serve hoje de thema a novas apreciações, e pretende-se que muite vale na arte da guerra.

« Não houve monitores n'este memoravel combate; mas o genio militar do nosso chefe supprio a deficiencia, fazendo, ariete do seu proprio navio, vapor de rodas, e de calado superior ao que convinha ao atrevimento das evoluções.

« As honras da jornada pertenceram ao *Amazonas*. Resoluto e impavido elle só acommetteu 4 vapores inimigos, e em quanto deixava o primeiro afundando-se, dava a cada um dos outros igual destino.

« Nem as chatas, nem as timiveis baterias da margem do rio puderam evitar tão funestas consequencias para a força naval que protegiam. Bem ao contrario, a não ser a noite, e a presteza com que debandavam os aggressores, sua derrota seria a mais completa possivel, ficando ainda em nosso poder os 4 vapores que recolheram-se a Humaitá.

« As chatas, que representaram papel tão distincto ultimamente no ataque do forte de Itapirú, porque occupavam perfeita posição offensiva, em Riachuelo tiveram uma sorte ingloria, sendo logo no principio da acção tomadas ou mettidas a pique.

« Faltava-lhes então a faculdade de evolução, indispensavel desde que a nossa esquadra lançou mão d'esse recurso para contrabalançar a superioridade do inimigo, e anniquillar, de um modo intelligente, os seus poderosos meios de ataque e defesa, nas baterias fluctuantes, e nas que se haviam emboscado em terra.

« Mal começara o combate, o vapor *Jequitinhonha* sahe fóra da linha e encalha, por motivos que estão submettidos a julgamento. Em seguida a *Parnahyba* passa da offensiva á

defensiva, não conseguindo repellir a bordagem sem o auxilio de outros navios da nossa esquadra; occurrencia que igualmente está affecta a um conselho de guerra.

« Diversos episodios se deram; a luta foi sangrenta; a victoria ennobreceu-se pela porfia e denodo com que foi defendido o pavilhão nacional.

« Nas suas atrevidas evoluções, dictadas pelo bravo chefe Barroso, e brilhantemente executadas pelo pratico Bernardino Gustavino, o *Amazonas* decide o pleito destruindo, protegendo, tomando parte em todas as peripecias do combate. Não tira com isso a nenhum outro navio o quinhão de gloria que effectivamente lhes coube, n'aquelle dia de honra para o paiz, e de renome para a marinha nacional.

« A historia discutirá a importancia d'essa victoria, que a não ser nossa, daria aos paraguayos o dominio do Rio da Prata, até que lenta e difficilmente obtivessemos a desfórra.

« Não entrarei n'essa averiguação que terá sido objecto de vossa esclarecida meditação. Desejo e devo unicamente pôr em relevo o grande merecimento dos nossos homens de guerra, que nas campanhas do Uruguay e Paraguay ligam seus nomes a combates decisivos, ou a bellos feitos d'armas, cuja narração nenhum brasileiro ignora.

« Antes de Riachuelo tivemos Paysandú e Corrientes, depois Cuevas, Mercedes e Itapirú, reconhecimentos de baterias e sondagens debaixo de fogo vivo, Estes são os feitos da marinha, partilhados quasi sempre pelo exercito, emulo digno de tão gloriosas façanhas. Temos a mais segura esperança de que os acontecimentos seguirão ainda o mesmo curso. Prenuncia-se muito em breve a destruição de Humaitá, a tomada de Assumpção, e o resgate de Matto Grosso. »

Isto diz no seu relatorio o ex-ministro da marinha Francisco de Paula da Silveira Lobo.

INSTRUCÇÕES QUE SE DEVIAM TER DADO ANTES.

A esquadra ficou duas vezes bloqueada e passou por baixo das baterias de Mercedes e Cuevas, estabelecidas na margem do rio Paraná. Instrucções previdentes e adequadas á natureza da guerra que se fazia em um rio estreito, cheio de bancos, de voltas, com corrente de mais ou menos velocidade, e cuja altura varia nas diversas estações do anno, tornando tudo isto difficil á navegação do Paraná, sobre tudo para os navios de maior callado; deviam ter sido dadas para a esquadra se conservar abaixo do ultimo ponto que em terra

occupasse o exercito paraguayo, para não ter ficado exposta e soffrido o fogo de terra.

O commandante da esquadra brasileira no rio Paraná devia ter instrucções para manobrar como entendesse e conforme as circumstancias exigissem, para ter evitado os desastres que os navios soffreram n'aquellas passagens; se não tinha instrucções n'este sentido devia ter deixado o commando a quem não precisasse receber instrucções e a quem de direito competia. As operações de guerra, de terra ou de mar, não se podem determinar de longe, todo o homem de mediana instrucção sabe isto, ainda que não seja militar, pelas razões que é inutil enumerar; quem preside e está presente aos acontecimentos, é que póde providenciar sobre o que é necessario fazer-se. Para este fim é que as nações ou seus governos mandam generaes habilitados com todos os poderes para elles mesmos dirigirem a campanha, e nunca delegarem os seus poderes em outros, pois que essas delegações levam comsigo restricções, que são prejudiciaes ao serviço. Todo o general de terra ou de mar que aceita um commando, deve ter consciencia de que é capaz de desempenhar a commissão para a qual é nomeado.

Depois da passagem de Mercedes, a 18 de Junho, a esquadra veio fundear no Chimboral, e ahi se conservou em completa inacção todo o mez de Julho.

« O chefe Barroso (diz a correspondencia de Buenos-Ayres de 12 de Julho) está descançado por ter reparado todas as avarias e estragos do combate, e haver-se-lhe juntado o vapor *Magé*, que suppre perfeitamente o *Jequitinhonha*. Diz mais que os Paraguayos metteram-se em quarteis de inverno, e não dão signal de vida. Preparavam elementos para uma nova investida, em que se sahirão tão bem como da primeira. »

Voltemos a nossa attenção para o exercito.

LIVRO QUINTO.

ACAMPAMENTO DO EXERCITO EM DAYMAN.

Estava o exercito acampado em Dayman, quando em 12 de Junho, escreveram para o *Jornal do Commercio* o seguinte:

« 4.º *batalhão de voluntarios.* — Os medicos Matheus de Andrade e Souza Fontes foram para a cidade do Salto, distante d'este lugar 3 a 4 leguas, estabelecer um hospital em uma casa que se alugou por 800$000 mensaes. O general Ozorio, que aqui chegou ante-hontem, partio no mesmo vapor para aquella cidade.

« Ninguem póde calcular as miserias, os horrores que se tem dado com os nossos soldados doentes! Em S. Francisco houve dia em que encontraram-se 18 cadaveres mettidos na lama, sendo atacados pelos porcos! Houve um grande temporal que alagou o campo de tal sorte que, os doentes ficaram deitados sobre a agua. E não se diga que não havia melhor lugar para ser o hospital collocado, tanto que mudou-se depois para o alto de uma coxilha, onde as aguas não enxarcavam.

« Os doentes pediam remedio, respondia-se-lhes: Não ha; pediam caldo, obtinham a mesma resposta; e muitas vezes lhes faltava a agua para beber! Tal era o máo estado de administração em que se achava aquelle hospital!

« Não accusamos ninguem, não apontamos o nome de ninguem como culpado; apenas referimos os factos taes quaes se deram, sem receio de sermos contestados; e senão que responda o exercito em peso sobre esse assumpto.

« Um capitão do corpo policial da Bahia, um alferes de

voluntarios da mesma provincia, outro alferes tambem de voluntarios, e ainda um alferes de linha jazem n'aquelles campos, victimas de nem um recurso que encontraram! Eram quatro officiaes que cheios de vida caminhavam para o Paraguay, mas quiz a fatalidade do nosso paiz que elles fossem victimas da imprevidencia, do desleixo e abandono em que se acharam!

« Sahimos de S. Francisco no 1.º do corrente, e sabemos que a mortalidade continua de 10 a 15 por dia.

« O exercito achava-se todo n'este ponto, á excepção de uns quatro centos homens que ficaram com os oito centos e tantos doentes em S. Francisco.

« O transporte foi mal feito, grande atropello se deu; a bagagem de tres corpos esteve separada de nós tres dias. Os vapores condusiram mais pessoal do que comportavam. Não se diga que havia urgencia, porque então perguntaremos, porque razão de Montevidéo não seguimos logo para aqui? O que fomos fazer vinte e tantos dias em S. Francisco? Que vantagem houve para o exercito? A não ser a grande mortalidade que ahi se deu, e a reconhecer isso como vantagem, não enchergamos outra.

« Tão facil era aos vapores largarem aqui as tropas, o rio está cheio a transbordar desde o principio do mez proximo passado. Ter-se-hia poupado as grandes despezas que se estão fazendo, principalmente com o *Uruguay* que, trazendo a bandeira argentina, é entretanto de um blanquilho que muito mal nos fez na guerra oriental. Paga-se 5$ e 6$ pelo transporte de cada official de S. Francisco ao Dayman, em que não se gasta um dia; por cada praça de pret 1$.

« Dizem que a 16 ou 17 virão o Tamandaré, Mitre e Flôres para conferenciarem com Osorio e Urquiza, sobre a juncção dos exercitos, afim de cahirmos já sobre os Paraguayos, que consta terem retomado Corrientes.

« Ante-hontem subio o vapor *Rio da Prata* condusindo forças argentinas, afim de desembarcal-as na Concordia. Consta que o *Taquary* e o *Maracanã* breve chegarão conduzindo igualmente tropa argentina para aquelle ponto. Porque não fomos nós logo para alli, nos mesmos vapores que nos trouxeram de S. Francisco? Para que mais este desembarque que nos trará sem duvida grande demora e grande difficuldade para embarcarmos, novos fretes de vapores e sobre tudo perda de tempo.

« Os Argentinos sahiram de Buenos-Ayres, e lá vão desembarcar já na Concordia, e nós sahimos ha um mez de Montevidéo, para andar-mos desembarcando e embarcando atropelladamente por estas margens, sem vantagem alguma, pelo contrario com perdas fabulosas de dinheiros publicos, conduzindo uma bagagem pesadissima, e adoecendo grande numero de nossos soldados. Quem não sabe o que é um desembarque

de tropa, e de uma bagagem e material como nós temos, não avalia por certo o que custa.

« Tudo é carregado ao hombro do soldado. Os acampamentos sempre distantes dos portos, fal-os andar grande extensão com estes enormes pezos, de sorte que humanamente não se póde exigir que elles façam exercicios. Lá se vão 3 e 4 dias perdidos, além dos que perderam na viagem. Lá apparece a chuva; em fim durante o tempo em que sahimos da cidade não temos tido mais do que oito ou dez dias de exercicios.

« Como dissemos, o exercito principiou a passar para o campo junto á Concordia no dia 24 de Junho, completou a sua passagem no dia 1 de Julho.

« N'este dia abrio-se o hospital, o que era da maior necessidade, e logo recebeu 260 doentes, e nos dias seguintes o o seu numero elevou-se a 760, ou mais, conforme o que diz um official que escreve d'aquelle acampamento a 9 de Julho.

« O serviço medico foi distribuido por sete enfermarias e cada uma d'ellas tem um medico; é tudo feito com muito zelo e humanidade, de modo que a todas as horas da noite, quando os enfermos gemen, apezar da geada, os medicos levantam-se com lanternas acezas e vão prestar-lhes os soccorros precisos.

« O movimento d'este hospital tem sido de 100 a 150 doentes diarios, e a mortalidade não chega a dez por cento, apezar do grande numero de bexigas e diarrhéas. O serviço medico dos corpos tem sido distribuido de tal modo que toca um medico para dous corpos, ou um por brigada. Esta medida tem a vantagem de encontrar qualquer praça do exercito no caso de precisar os soccorros medicos, pois que estes receitam para a botica do hospital, onde ha toda a promptidão no aviamento dos remedios pedidos. A botica está montada proxima ao hospital e servida por cinco pharmaceuticos.

« Além d'este hospital, ha outro no Salto que tem perto de mil doentes, com oito medicos, para poderem acudir á affluencia do trabalho; o numero de medicos é pequeno, porque depois de passarem visita nas enfermarias, vão passar visita nos corpos. » (*)

E' para sentir que se fizesse marchar um exercito atravez de paizes estrangeiros, composto pela maior parte de gente que não estava acostumada á influencia do clima do Rio da Prata, sem se lhe proporcionar em todos os lugares onde deviam parar, os commodos indispensaveis á conservação da saude dos soldados, para não morrerem aos centos, como

(*) *Jornal do Commercio* de 3 de Julho de 1865.

aconteceu no acampamento de S. Francisco, pela falta de tudo quanto é indispensavel em taes occasiões.

A publicação d'esta correspondencia do exercito, acampado no Dayman, fez com que o ex-ministro da guerra (Ferraz) mandasse um aviso ao general Osorio exigindo informação sobre o que diziam do exercito; mas nos documentos officiaes publicados por ordem do governo, não se acha a resposta que devia dar a este respeito o commandante do exercito, o que faz acreditar que foram exactas as informações que mandaram, e que por esta razão não convinha publical-as.

O aviso dizia o seguinte:

« 1.ª Directoria geral. — 1.ª Secção. — Rio de Janeiro. — Ministerio dos negocios da guerra, em 3 de Julho de 1865.

« Remetto a V. Ex. o incluso exemplar do *Jornal do Commercio* de hoje, em que se acha publicada uma correspondencia datada de 12 de Junho proximo findo, do acampamento de Dayman, na qual se fazem graves accusações ácerca de alguns pontos da administração do nosso exercito em operações, afim de que V. Ex. no caso de ser verdade o que diz o mesmo jornal, mande desde logo proceder contra os responsaveis por semelhantes factos; prestando de tudo minuciosas informações a esta secretaria de estado, com especialidade ácerca dos cadaveres que se diz foram encontrados na lama, sendo devorados pelos porcos, bem como sobre a parte relativa aos fornecimentos á tropa, em que se trata da falta de alguns viveres.

« Deus guarde a V. Ex. — *Angelo Muniz da Silva Ferraz.* — Sr. Manoel Luiz Osorio. » (*)

No exercito não havia quem tivesse culpa de não haver hospitaes, medicos, medicamentos, dietas, barrracas, etc., quem mandou o exercito devia mandar o que elle precisasse; logo não havia a quem responsabilisar.

Quando a França mandou fazer a guerra á Russia no Oriente, em 1854, como as suas tropas tinham de ser transportadas por mar até á Turquia, mandou o governo francez estabelecer hospitaes nos portos onde deviam chegar os navios que levavam a tropa; estabeleceram-se em Malta, Corffú, Gallipoli e Constantinopla; todos os transportes que chegavam a estes portos desembarcavam immediatamente todos os doentes

(*) Documentos mandados publicar pelo governo imperial relativos á invasão da provincia do Rio Grande: pag. 8.

que tinham abordo; estes, depois de restabelecidos, eram enviados para os seus corpos: com este serviço sanitario, tão bem organisado, o exercito francez não perdeu gente no seu trajecto de França para o Oriente; outra qualquer nação não tinha empregado tantos meios de cautela e de prevenção para conservar a saude de um exercito em viagem ou em marcha, como fez o governo da França, n'aquella campanha da Criméa.

O gabinete de 12 de Maio mais alguma cousa podia ter feito n'este sentido, quando mandou passar o exercito pelas provincias argentinas, em virtude do tratado do 1.º de Maio de 1865, para não acontecer o que dissemos sobre as molestias e mortalidade, pela falta de tratamento no acampamento de S. Francisco.

Se aquelle ministerio não fez tudo quanto devia fazer, não foi por falta de generaes e medicos instruidos, que, sendo consultados, podiam indicar-lhe os meios que devia empregar.

Além d'isto Banzancourt publicou a campanha da Criméa, em 1858; até 1864 tinha havido muito tempo para os membros dos dous ministerios d'aquelle anno terem-na consultado, antes de emprehenderem a guerra que acabou; para imitarem o governo francez em muitas disposições indispensaveis, antes de se principiar aquella campanha.

Não nos propomos nem é possivel tratarmos scientificamente d'estes objectos, de passagem dizemos o que occorre no momento de enumerar os factos, os quaes até aqui tem sido mais dignos de censura do que de elogios.

Esta falta de providencias no serviço sanitario do exercito brasileiro em quanto esteve nas provincias argentinas, e os males que d'aqui resultaram, foi tudo isto tambem consequencia do tratado do 1.º de Maio.

Diz Baudens, na sua obra da — *Guerra da Criméa*:

« Que os generaes do exercito francez deviam ouvir doze lições pelo menos de hygiene militar na escola de S. Cyr, afim de se não opporem ás medidas aconselhadas pelos medicos militares a favor dos soldados. »

Nos dizemos o mesmo a respeito dos menbros do gabinete de 31 de Agosto, que antes de emprehenderem a guerra que terminou, deviam ter estudado a hygiene militar, para saberem tomar as medidas necessarias a favor da saude dos soldados.

Cuidaram em mandar soldados em grande numero, mas para se fazer a guerra é necessario concerval-os, preserval-os das molestias quanto fôr possivel, com meios hygienicos muito urgentes onde ha grande accumulamento de gente, tanto no estado de molestia como no de saude.

Em meiado de Julho estavam reunidos ao exercito brasileiro na Concordia os contingentes que tinham sahido de Buenos-Ayres, o que tudo formava mais de 20,000 homens.

A 12 de Novembro de 1864, declarou-nos o Paraguay guerra pelo aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda*; em Julho de 1865, oito mezes depois, ainda o exercito brasileiro não estava prompto para entrar em campanha.

Convém transcrever a carta que o brigadeiro Osorio escreveu para Buenos-Ayres, contando as difficuldades que tinha encontrado para passar o exercito no rio Uruguay.

OFFICIO DO GENERAL OSORIO, SOBRE DIFFICULDADES NA MARCHA.

« Entre-Rios junto á Concordia, 4 de Julho de 1865.

« Exm. Sr. Conselheiro.—Ainda estou lutando na passagem das carretas, cavallos e bois no Uruguay, que está muito cheio, e se não fosse o vapor *Éra*, nem em um mez concluiria a passagem, porque os meios são improvisados e sem capacidade para o effeito: a luta que aqui temos ha de reproduzir-se no Paraná, se não se mandar ahi fabricar barcas a proposito para embarque e desembarque de animaes e artilharia.

« Hontem me chegaram dous batalhões, que trouxeram-me mais bexigas, eu no campo não tenho onde arrumar doentes d'essa classe; já vê V. Ex. qual será o fim d'esses infelizes; em marchando o exercito, que não tardará, atravessaremos o centro de uma campanha quasi deserta e que se póde considerar um charco n'este tempo.

« Não é conveniente que venham pelo Uruguay artigos de guerra que eu não tenha pedido, porque ficarão extraviados ou inuteis, sem que eu possa mandal-os conduzir, como de facto não posso.

« Quando se tratou da passagem d'este exercito para este ponto, se me disse que aqui haviam muitos bois, carretas e cavallos, porém ha 10 dias ainda não pude obter d'estes artigos, se não mui pouca cousa; o que me obriga a estar passando bois, carretas e cavallos no Uruguay, porque sem taes artigos não se póde conduzir munições, doentes e botica para um exercito d'estes: veja V. Ex. quanto me não custa tantas contrariedades, que só a força de vontade e trabalho de dia e de noite puderam superar, mas afinal é muito provavel que para acompanhar aos nossos alliados tenha de perder muitos homens enfermos, até mesmo abandonados; entretanto os sãos me parecem dispostos a tudo, felizmente.

« Sou de V. Ex., amigo e criado.—*Manoel Luiz Osorio.* »

Veja-se agora a correspondencia de Buenos-Ayres de 12 de Julho d'aquelle anno, sobre a demora do exercito, que diz o seguinte:

« Havendo oito ou dez mezes que o Imperio entrou em preparativos militares, que cada dia tomaram maiores proporções, o espirito publico deve sentir alguma impaciencia de ver apparecer feitos decisivos.

« E' isto mais de suppor quando a crença geral era que o Paraguay constituia um adversario immensamente fraco em relação ao Brasil, embora fosse proporcionalmente audaz. Emfim a lastimosa invasão de nossa provincia de Matto Grosso, e os mais attentados do Paraguay, feriram o orgulho do paiz, e lhe inspiraram ardente e febril desejo de desforço.

« Assim a idéa de que a guerra fosse feita com especial actividade se funda nas razões mais plausiveis, e quando os mezes decorrem sem a ver tomar esse caracter, está até certo ponto justificada a impaciencia do paiz. Se, todavia, dér um passo mais, e da impaciencia chegar ás queixas e ás censuras pelo que se antolha como excessiva lentidão, será menos sensato. Se accusar o nosso exercito e seu general, de apathia ou cousa semelhante, será injusto, será ingrato.

« O Paraguay, como paiz, comprehendendo sob esse termo o territorio, a população, o governo, e os recursos geraes d'elle, não póde comparar-se com o Brasil; quando muito approximar-se-hia a uma das nossas grandes provincias. Mas a guerra não se faz de paiz contra paiz, e sim de um poder militar contra outro poder militar, e n'esta especialidade, não tenhamos pejo de o reconhecer, o Paraguay nos podia bem affrontar ha um anno; excepção feita da parte naval.

« E' que de longa data, como hoje, ninguem o ignora, o governo paraguayo inverteu todos, ou quasi todos os recursos do seu paiz, em desenvolver os meios militares, melhorando-os quanto estava em suas mãos fazêl-o. Consintam-me chamar a attenção para esta segunda circumstancia, aliás verificada pelos factos.

« Não sómente o Paraguay accumulava em silencio meios poderosos de guerra, mas dava-lhes nova força pela organisação, e, póde dizer-se, pela adoptação dos planos que tinha em mente, — atacar por sorpreza, e defender-se com tenacidade.

« O Imperio que apresentava em exercito a expressão minguada de suas necessidades de policia militar interna e de fronteira, mal podia de momento erguêl-o á altura de vencer o Paraguay, por mais dolorosa e injusta que fosse a aggressão d'elle. Teve precisão de fazer meios de acção militar para depois fazer soldados, e ainda depois exercito.

« Que não se improvisam grandes forças militares, declararam a França, a Austria, a Prussia, e a Italia, consumindo o melhor da sua riqueza publica em manter um exercito poderoso, por prevenção; e confessam-o tambem a Inglaterra e a Allemanha.

« Ha mezes que vêm-se embarcar nas provincias, e, sobre tudo, no Rio de Janeiro, batalhões após batalhões de linha, guarda nacional e voluntarios, tudo para reunir-se ao exercito que já sitiára Montevidéo e a fizera capitular. Conclue-se d'ahi que devemos ter no Uruguay forças poderosas para atacar os Paraguayos, sobretudo reunindo-se ás dos Argentinos. Não vendo que assim acontece, increpa-se esta demora, accusam-se os generaes de inercia.

« Homens não são soldados, corpos improvisados de paisanos não são exercito, e tres ou quatro mezes é pouco tempo para fazer desapparecer a differença de uma cousa a outra.

« O general Osorio não tem poupado o seu tempo, não tem poupado as forças de seu improvisado exercito: o exercicio duas vezes cada dia, disse-se que levava centenas de doentes ao hospital, mas vigorisa e adestra os milhares restantes. Hoje temos um exercito de 16,000 a 18,000 homens capaz de entrar logo em batalha. O exercito brasileiro-argentino-oriental, deve ter hoje de 22 a 23,000 homens; acampa ainda em volta da Concordia.

« O que todos suppõem á vista dos indicios, é que o exercito paraguayo de Corrientes espera a approximação dos alliados, ou para apresentar batalha nas posições que tiver escolhido, ou retirar-se á linha do Paraná. »

A' estas reflexões, que ficam escriptas, sobre a organisação do exercito brasileiro, responde-se com o que está escripto no 1.º volume, em lugar de se mandar uma missão diplomatica a Montevidéo, devia-se organisar um exercito forte na fronteira do Rio Grande: o Brasil não tinha soffrido tantas affrontas.

Desde o principio de Julho que se achava na Concordia o Presidente Mitre e o exercito argentino, que não excedia

de 4,500 homens, bem como o general Flôres com a sua pequena divisão oriental de 2,500 homens; esperavam os generaes alliados o contingente de Entre-Rios.

O general Urquiza sahio do seu acampamento no dia 3 de Julho para ir á Concordia conferenciar com Mitre, que não quiz ir ao acampamento do Basualdo. Poucas horas depois de Urquiza ter sahido do seu campo, o exercito debandou-se a maior parte, e o commandante dispensou o resto.

Quiz-se ver neste acontecimento traição de Urquiza, pareceu que o partido do governo decahido de Aguirre, auxiliado pela desaffeição da população de Entre-Rios, contribuio para esta dispersão do contingente d'aquella provincia, assim como a presença de 2,000 Orientaes do partido blanco alli emigrados.

As noticias do exercito, datadas da Concordia de 10 de Julho, dizem que continuava nos exercicios diarios, mas o estado de salubridade não tinha melhorado; em todos os hospitaes, incluindo o de Montevidéo, havia 2,000 doentes.

MARCHA DO GENERAL FLÔRES PARA YATAY.

No dia 18 de Julho sahio do acampamento da Concordia o general Flôres com a divisão oriental de 2,500 homens, reforçada por uma brigada brasileira de dous batalhões de infantaria, o 5.º e 7.º, commandada pelo coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, uma bateria com 8 peças, o regimento de cavallaria argentina S. Martim, e um batalhão de voluntarios, commandado pelo coronel Fidelis Paes da Silva, organisado em Montevidéo, ao todo 4,500 homens; seguio pela margem direita do rio Uruguay, para bater a columna paraguaya que, tendo-se separado do exercito paraguayo quando este veio para S. Borja, desceu com o fim de penetrar no Estado Oriental pela fronteira de Missões. Do encontro do general Flores com os Paraguayos resultou a batalha de Yatay, da qual adiante tratamos.

O exercito brasileiro mudou o seu acampamento a 15 de Julho do Juquery para o norte do arroio Agui-Chico, atravessando a Concordia e passando em dous dias o rio Juque-

ry por uma ponte feita pelo tenente coronel José Carlos de Carvalho sobre barcos; foi o primeiro serviço que este habil official engenheiro prestou para o exercito poder marchar.

MOVIMENTO DA ESQUADRA.

No fim de Julho communicou do Paraná o chefe de divisão Barroso que, pelo abaixamento das aguas do rio, devia a esquadra descer até ao Rincão de Soto, que fica entre Goya e o rio Santa Luzia; a constante diminuição das aguas e terem os Paraguayos fortificado outro ponto da costa, abaixo do lugar em que estava a esquadra, aconselhava este passo.

D'esta communicação do chefe Barroso se deduz que a esquadra continuava a estar onde não devia permanecer.

A fortificação que os Paraguayos fizeram em Mercêdes para a bloquear, o damno que soffreu n'aquella passagem, devia ao menos ter servido de aviso para não se repetir outro caso igual; mas isso não aconteceu, como se verá.

O exercito de Robles occupava o norte da provincia de Corrientes, chegando as suas avançadas até Goya. O general Paunero estava com uma pequena divisão de pouco mais de 4,000 homens ao sul do rio Corrientes, abaixo de Goya 12 leguas.

A divisão do general Paunero, pela sua pouca força, apenas poude conter os Paraguayos na margem direita do rio Corrientes, emquanto o exercito alliado não se approximou, e tambem porque ao exercito inimigo não lhe conveio transpôr aquelle rio para o sul, pela difficuldade da sua passagem, não tendo pontes nem outros meios de transporte.

O exercito alliado estava acampado proximo ao Agui-Chico, na provincia de Entre-Rios, e ahi esperava alguns contingentes, que se lhe reuniram, e melhor estação para continuar a marchar.

Na Concordia organisou-se uma esquadrilha de 4 vaporos para subir o Uruguay com o vice-almirante brasileiro, tendo por fim apoiar as operações do general Flôres, que subio pela margem direita d'aquelle rio, para embaraçar a passagem do exercito paraguayo para o Rio Grande: ou o rio

Uruguay baixou muito ou por outra causa, aquelles pequenos vapores não subiram para preencher aquella commissão.

O Visconde de Tamandaré, depois de estar alguns dias na Concordia, voltou para Buenos-Ayres.

A correpondencia de Montevidéo de 30 de Julho diz:

« Que o plano do vice-almirante de montar o Salto Grande não se realizou, porque o rio baixou. Não obstante, permanece no Uruguay uma flotilha ao mando do capitão de fragata Lomba, prompta a fazer aquella operação. »

O general Urquiza foi ter uma conferencia com o general Mitre na Concordia. Este aproveitou a visita do seu collega para passar revista a todo o exercito alliado, que é descripta em todos os jornaes de Buenos-Ayres com as côres mais lisongeiras para nós. Eis como o correspondente da *Tribuna* narra este importante facto.

ESTADO DO EXERCITO NA CONCORDIA.

« O general Mitre seguido de todos os seus ajudantes e acompanhado do general Urquiza, dirigio-se ao campo ás 11 horas da manhã do dia 24 de Julho, e teve logo lugar a revista.

« Formaram do exercito brazileiro 31 batalhões de infantaria, 2,500 homens de cavallaria, 36 peças de artilharia, ao mando dos generaes Osorio e Sampaio. Todos os corpos, antes de entrarem em linha, fizeram evoluções variadas, em que manifestaram seu porte e disciplina.

« O total das forças de ambos os exercitos é de 41 batalhões de infantaria, 46 peças de artilharia, 2,500 homens de cavallaria, que fazem 22,000 homens; além d'esta força ha a divisão das tres armas, que foi com o general Flôres na jorça de 4,500 homens.

« Aqui falleceu o coronel Ferraz, excellente official de infantaria, que commandava uma brigada e fez muita falta ao exercito. »

NOTICIAS DA ESQUADRA.

« Esquadra Imperial em operações no Paraná.—Chimboral, 1.º de Agosto de 1865. Bordo da canhoneira *Belmonte*.

. . . .

« A 27 do proximo passado, *post tantos labores*, chegou aqui ao Chimboral o *Apa*: trouxe a seu bordo 300 e tantas praças do batalhão de voluntarios da Cachoeira. O pessoal d'este

corpo não é máo; o chefe Barroso distribuio essa força pelas corvetas *Magé* e *Beberibe*, por serem os maiores vasos logo depois do *Amazonas*.

. . . .

« A 27 do proximo passado a sentinella dos vãos da *Parnahyba* notou (a oculo) um movimento de tropas nas campinas que ficam adjacentes á barranca, e reconheceu que se pelejavam com as tres armas. Durou tres horas o certame, e depois alguma quantidade de fumo ondulou nos ares; com a dissipação vio-se que um pouco adiante d'aquelle lugar assestava-se um acampamento de barracas.

. . . .

« Nossas avarias estão reparadas, as guarnições passam regularmente; pelo *Apa* recebemos munições, tem-se pago o soldo de Abril e Maio, estamos promptos para operar. Já descançamos bastante, e é preciso termos que fazer.

« 2 de Agosto.—Chegaram de Bella Vista algumas golêtas com a noticia de que uma forte columna paraguaya invadira de novo a povoação. Uns diziam que os vandalos tinham ido á busca de mantimentos e gado, por nada haver em Corrientes para comer, outros affirmam que o fim principal d'esta segunda expedição era fortificar a barranca de *Cuevas*. Esta barranca ainda é segundo informam mais alta que a de *Mercêdes*, e portanto em boas condições para bem fuzilar o convez dos navios para quando passarem.

« O paquete *Espigador*, que devia chegar aqui no Chimboral hontem á noite, não o fez, o que prova que com effeito encontrou obstaculo na subida.

« Hoje pela manhã o Barroso estendeu-se com o Muratore, commandante do *Guarda Nacional*, vapor argentino que está comnosco, e em seguida fez signal chamando commandantes.

« As 5 1/2 horas de tarde assomou o *Espigador* no horisonte: os corações expandiram-se: fundeou e soubemos que de facto em Bella Vista tinham estado 4,000 Paraguayos, mas que tinham seguido caminho de Goya. Sua missão parece ser arrebanhar (roubar) gado e apanhar qualquer mantimento.

« Em Assumpção (dizem) ha extraordinaria mizeria.

« A esquadra parece que vai descer amanhã. Cerro a correspondencia, porque ignoro a hora da partida do paquete.

« Até outra vez. »

Soube-se na esquadra d'este movimento dos Paraguayos, mas ella ainda ficou fundeada onde estava, e só desceu quando a bateria que a pretendia bloquear estava prompta.

Não foi de certo o official general que n'aquelle lugar a commandava que teve culpa de se continuarem a commetter faltas d'esta natureza em operações de guerra, o que desacreditava a nossa marinha.

O *Jornal do Commercio* de 4 de Agosto de 1865, publicou uma correspondencia de Buenos-Ayres de 26 de Julho, que diz o seguinte:

« A nossa esquàdra temeu que a dissolução das forças de Entre-Rios, importando a deffecção do general Urquiza, a deixasse em situação embaraçosa, e desceu algumas leguas. Melhor informada depois, voltou para o seu anterior fundeadouro do Chimboral, onde permanece.

« Amparados pelas duas ou tres baterias que tem rio abaixo, estacionam em Corrientes 6 vapores paraguayos, todos pequenos e fracos, á excepção do *Taquary*, escapado do Riachuelo.

« O corpo do exercito argentino de vanguarda, ás ordens do general Paunero, recebe cada dia novos contingentes pelo Paraná, e breve deverá receber um de mil a dous mil homens, que formarão os de varias provincias centraes reunidos no Rosario, e ahi organisados pelo general D. Emilio Mitre (irmão do presidente). »

A correspondencia de Buenes-Ayres de 3 de Agosto publicada no *Jornal do Commercio* de 21 de Agosto, diz o seguinte:

. . . .

« O grande exercito paraguayo de Corrientes, depois de muitos dias de inacção, aliás aproveitados como adiante mostrarei, poz-se em rapida marcha com direcção a Bella Vista.

« Segundo noticias concordes, por canaes diversos, avança em força de 30,000 homens, em quatro columnas parallelas, com numerosa artilharia, o que não lhe impede fazer de 7 a 8 leguas por dia. Na ultima data suas avançadas estavam a uma e meia legua d'aquella villa.

. . . .

« Da nossa esquadra ha noticias que a dão sem novidade; como porém ella vem achar-se á retaguarda do exercito paraguayo, que desce pela margem do Paraná, suppõe-se que ella tambem descerá, para não ficar assediada pelos bancos e as baterias de terra.

« O tempo de *inacção*, em que um mez pareciam estar as forças paraguayas de Corrientes, empregaram-o em montar fortes baterias d'esde o Empedrado até Mercêdes, e que reunidas ás do Riachuelo apresentam como 80 peças de grosso calibre, bem dotadas de artilheiros, e apoiadas em forças de infantaria. Eis uma inacção que não foi esteril.... »

Pelo paquete inglez chegado a esta côrte no dia 3 de Setembro do Rio da Prata, vieram as seguinte noticias:

« A correspondencia de Buenos-Ayres de 26 de Agosto, contém o seguinte sobre a esquadra brasileira no Paraná:

« Se uma importante noticia communicava eu ha quatro

dias aos leitores do *Jornal do Commercio*, outra tenho hoje a transmittir-lhes que, sendo de menor vantagem positiva e immediata, é mais gloriosa, como é mais exclusiva das armas brasileiras. Pertence esse feito á esquadra.

« Longos dias tinha-se ella mantido fundeada na volta do Chimboral, algumas leguas acima de Bella Vista, apesar desse ponto ter cahido em poder dos inimigos. Talvez se na esquadra estivesse o Sr. vice-almirante, ou o Sr. chefe Barroso tivesse faculdades para operar como entendesse melhor, a esquadra tivesse descido antes, e a tempo de não soffrer o minimo contraste.

« E' certo, porém, que ella no dia 9 recebeu do Sr. vice-almirante ordem para se vir collocar abaixo da passagem de Cuêvas, que era possivel fortificassem os inimigos, por existirem ahi grandes barracas e ser estreito e tortuoso o canal do rio.

« No dia 10 sahio a esquadra do Chimboral, e a 12 indo passar aquelle ponto, verificou que n'elle haviam os inimigos construido fortes baterias e reunido 3 a 4,000 homens de infanteria, de modo que a passagem apresentava os maiores perigos.

« Nem assim hesitou o digno chefe o Sr. Barroso em cumprir a ordem que recebêra do Sr. vice-almirante, e investio a passagem com um denodo que seus officiaes, marinhagem e tropa comprehenderam e secundaram.

« Ao enfrentar a bateria receberam as canhoneiras o fogo de 40 peças de todos os calibres, algumas raiadas, bombas, granadas, foguetes á congrève, e finalmente, o fogo incessante de 2,000 homens de infantaria.

« Galhardamente respondiam os navios imperiaes a esse tremendo ataque e ajudados da corrente em 25 a 30 minutos transpunham o espaço dominado pelas baterias.

« Nenhum, porém, deixou de receber no seu casco grande numero de balas, algumas que abriram rombos, outras despedaçavam a mastreação e obras mortas, de modo que o Sr. Barroso, em carta ao vice-almirante, diz ter no material soffrido maior estrago que no combate do Riachuelo.

« E assim devia ser, pois o *Amazonas* recebeu 40 balas, o *Ypiranga* mais de 30, e as outras canhoneiras entre 15 e 25. Entretanto nenhum navio chegou a perigar, graças á serenidade com que seus commandantes e officiaes os dirigiam no meio d'aquelle volcão de projectis.

« E não póde deixar de descobrir-se n'essa circumstancia uma nova illustração para a marinha imperial. Nos combates como o de Riachuelo ostenta ella um enthusiasmo e ardimento inexcediveis; agora, envolvida em descommunal e inevitavel perigo, mostra-se serena, estoicamente brava, imperterrita.

« Louvor a ella!

« Se todavia grande foi o estrago no material, em pessoal, graças ás previsões do Sr. chefe Barroso, foram as perdas immensamente menores.

« Segundo a parte d'esse chefe, houve ao todo menos de 50 praças fóra de combate, sendo mortos o alferes do 14.° de voluntarios (Cachoeiranos) Marcellino Barbosa Leal, o guarda-marinha Joaquim Candido do Nascimento, e mais 17 praças de marinhagem e tropa. Feridos houve 29, não contando-se nenhum official.

« Essa perda é assim detalhada á vista das partes officiaes dos commandantes de navio:

Canhoneira	*Beberibe*	5	mortos e	9	feridos.
»	*Itajahy*	3	»	8	»
»	*Magé*	4	»	2	»
»	*Belmonte*	2	»	2	»
»	*Ypiranga*	1	»	7	»
»	*Mearim*	1	»		
Transporte	*Apa*	1	»		
»	*Peperiguaçu* . . .	1	»	1	»
Barca	*Quarahim*	1	»		
		19		29	

« Na *Ivahy* houve um official e 4 praças contuzas.

« Completando estas noticias junto uma carta-diario recebido da esquadra, e escripta por pessoa competente. Pareceu-me o melhor meio de satisfazer a avidez dos detalhes que um feito semelhante deve ahi produzir.

« Resta-me accrescentar que a esquadra chegando completa, se bem que estropeada, ao Rincão de Soto, ahi se conservará por emquanto, fazendo os reparos que lhe são indispensaveis e urgentes,

« Depois, e á medida que os Paraguayos se forem adiantando pela margem do Paraná, ella descerá, encontrando talvez novas baterias, até que o exercito alliado avançando por terra lhe permitta subir de novo, varrendo então com auxilio dos encouraçados essas improvisadas, se bem terriveis, defezas que os Paraguayos tem ido levantando sobre os rios..

. . . .

ESQUADRA BRASILEIRA NO PARANÁ.

« Carta-diario sobre o facto de Cuevas.

« Dia 9 de agosto.—Chegou hontem á noite o vapor *Esmeralda*, e regressou esta tarde. Correu a noticia de que o almirante mandára ordem para a esquadra descer para baixo de Cuevas. Os commandantes receberam-a de manhã para o dia seguinte.

« Dia 10.—A's 8 horas da manhã suspendeu toda a esquadra seguindo na frente a *Ivahy*, depois a *Itajahy*, logo atraz a *Beberibe*, em seguida *Amazonas* e assim os mais navios até o *Ypiranga*, que cerrava a linha. O *Guardia Nacional* (vapor argentino) vinha nas aguas do *Amazonas*. O *Apa* trazia aos costados o brigue transporte e a barca *Quarahim*, e a *Mearim* a chata do gado.

« A' 1 hora passamos por Bella Vista. Adiante como duas leguas avistou-se sobre a costa do Chaco uma palhoça com alguma gente, e uma bandeirinha branca; d'ahi partio uma pequena canôa com dous homens, que atracou ao *Amazonas*. Pouco depois fazia esse navio signal para fundear, o qual foi em seguida executado. As escunas que estavam comnosco no Chimboral acompanharam á vela a esquadra, e com ella fundearam, excepto uma que seguio sempre aguas abaixo.

« Dia 11.—A gente que se vira sobre o Chaco havia fugido de Bella Vista aterrorisada pela barbaridade e canibalismo exercidos pelos inimigos quando ahi entraram a segunda vez. As scenas horriveis que a decencia faz calar, de que foi victima a população da mesma provincia de Matto Grosso, vão se reproduzindo agora em Corrientes. Barrios, que manda hoje o exercito em operações n'essa provincia, é digno cunhado de Lopes!...

« Soube-se por uma mulher, que pôde escapar-se, ter na noite anterior o inimigo accumulado sobre Cuevas tropas, e 30 a 40 peças de artilharia, algumas de grosso calibre, para nos impedir a descida. Houve ordem para descer-mos no dia seguinte.

« Dia 12. — A's 9 horas suspendeu toda a esquadra trazendo cada vapor uma escuna ao costado de E B.

« A canhoneira *Ivahy*, que servia de testa da columna, emquanto alguns navios faziam a volta e entravam na linha, approximou-se á barranca e rompeu o fogo. O inimigo não querendo sem duvida dar a conhecer a sua força, respondeu lentamente. A esquadra então, que já se achava toda em linha, approximou-se, e ao signal do *Amazonas*, navio almirante, a *Ivahy* e a *Itajahy* investiram a barranca, seguidas de toda a esquadra.

« Então rompeu do inimigo um fogo de artilharia violentissimo e destruidor, que assemelhava-se a grandes descargas de fuzilaria, tal era a vivacidade e o estampido dos canhões. Nossa artilharia contestava energicamente esse fogo terrivel, quasi á queima roupa, e a nossa officicialidade e bravos artilheiros apresentavam essa presença de espirito, essa coragem heroica, de que já têm dado tantas provas.

« O inimigo escolhêra uma posição magnifica. Tinha realmente 36 ou 40 bocas de fogo, algumas de grosso calibre, e outras raiadas, além de 8 ou 10 estativas de foguetes a congrève e fuzilaria, tudo convenientemente disposto, e de

fórma tal que batiam os navios um por um, de prôa, de través e pela pôpa.

« De 20 a 30 minutos foi o tempo que esteve cada navio debaixo d'esse fogo terrivel ; entretanto ha navios que receberam 20 e 30 balas : isto quer dizer que levaram uma bala por minuto !

« Comtudo a esquadra foi muito feliz ; o dedo de Deos parece que nos tem sempre guiado nas mais criticas circumstancias !

« O *Ypiranga*, que cerrava a linha, teve por sua pouca marcha que receber quasi que isolado o fogo da barranca.

« Mais ou menos todos os navios tiveram avarias ; muitas balas vararam-lhes o costado e os mastros, e espatifaram as amuradas, trincheiras, e escaleres. Os que, porém, mais soffreram foram o *Ypiranga*, que tem balas ao lume d'agua, a mastreação varada, e a amurada muito arruinada, devendo-se á sua excellente construcção não ter ficado totalmente arruinado ; o *Amazonas*, que soffreu tambem na mastreação e no costado, indo uma bala á machina ; a *Itajahy*, que debaixo da barranca ia perdendo o governo, por ter recebido uma bala de 36 na cabeça do leme que esfaxeou-a, além de outra no costado que o varou, soffrendo tambem na mastreação ; o *Magé*, que tem balas ao lume d'agua, além de outras avarias ; e o *Guardia Nacional*, que teve dous rombos ao lume d'agua, tanto mais perigosos por ser um navio de ferro e mui franzinas as chapas.

« A bordo dos navios cahiram balas e bombas de calibres 9, 12, 18, 24, 32 ou 36, e raiadas de 12 e 24, metralha de lanterneta feita de cobre e balas de fuzil esphericas e ogivaes. Uma bomba rebentando junto ao leme do *Guardia Nacional* poz fóra de acção os quatro homens do leme, tomando então conta d'este o chefe Muratore.

« Felizmente o prejuizo do pessoal não está em relação com o que houve no material.

« Dos officiaes conta-se um do 14.° de voluntarios, morto abordo da *Magé* ; um aspirante morto a bordo da *Mearim*, um official contuso abordo da *Ivahy*, um guarda-marinha ferido abordo da *Itajahy*, dous guardas-marinhas mortos abordo do *Guardia Nacional* e um official ferido. Calcula-se fóra de combate em toda a esquadra entre mortos e feridos mais de 50 homens.

« Não posso deixar de mencionar uma circumstancia que occorreu quando a *Itajahy* teve a cabeça do leme despedaçado.

« O imperial marinheiro Francisco Pereira Barbosa, de 18 a 19 annos de idade, que governava a canhoneira com a maior presença de espirito, não demonstrou a mais leve impressão quando a bala chocou o leme, e nem vendo cahir junto de si tres de seus companheiros. Placido e firme no seu posto dir-se-hia que era a estatua do *Dever* animada pelo

fulgor da verdadeira coragem. Temos realmente marinheiros e soldados muito bravos.

« Tambem foi muito louvavel o procedimento do digno commandante da *Ivahy*, adiantando-se e indo provocar o fogo do inimigo. Não tendo tido até então occasião de trocar balas com os soldados do tyramno do Paraguay, o commandante da *Ivahy* estava ancioso por mostrar que em nada desmerecia dos seus dignos e bravos camaradas do Riachuelo e Mercêdes. Digno e louvavel empenho que caraterisa o sentimento d'esta mocidade arrojada, que já conta tantos factos gloriosos. (*)

« Passar barrancas fortificadas como a esquadra acaba de fazer, contestando o fogo com energia, e cada um occupando seu posto, é feito de heroismo e abnegação, que muitos não sabem ou não quererão apreciar....Aquelles, porém, que, n'estes momentos criticos só tem dado ouvidos ao sentimento do brio e ao cumprimento do dever, estão contentes de si, porque tem consciencia do que tem feito pelo paiz.

« A esquadra acha-se fundeada pouco abaixo do Rincon de Soto, e repara as avarias soffridas. »

PARTE OFFICIAL DO CHEFE DA ESQUADRA BRASILEIRA SOBRE A PASSAGEM DE CUEVAS.

« Commando da 1.ª divisão da esquadra do Brasil no Rio da Prata.—Bordo do vapor *Amazonas*, no Rincão do Soto, 13 de Agosto de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Em cumprimento das ordens de V. Ex. recebidas pelo vapor que chegou á esquadra na noite de 8 do corrente, tratei no outro dia de dispor tudo para descer no seguinte, 10, indo na incerteza de se ainda acharia agua no passo da Bella Vista. Felizmente tinha, devido á condição de ter melhorado, no entanto que os outros sendo melhores estavam com menos agua que aquelle.

« Depois de ter transposto estes passos, encontramos familias emigradas da Bella Vista, e obreiros do lado do Chaco, os quaes com instancia me pediram para que demorasse um dia afim de poderem embarcar as familias, e retirar bois e cavallos com que trabalhavam na conducção de madeiras do interior á margem do rio, evitando d'este modo soffrerem tropelias dos Paraguayos, que necessariamente os iriam perseguir. Achando rasoavel esta supplica, fundeei para me demorar tão sómente o dia 11, e seguirmos no dia 12.

« As informações que tive d'esta gente foram de que os

(*) Esta acção heroica de um official moço, foi praticada pelo 1.º tenente Guilherme José Pereira dos Santos. Bateu-se em Curuzú a 2 de Setembro de 1866; forçou as passagens de Curupaity e Humaitá commandando o encouraçado *Bahia*, e falleceu no Alto Paraná a 2 de Novembro de 1868 em naufragio da lancha a vapor *Pimentel*, sendo já capitão de mar e guerra.

Paraguayos estavam em Bella Vista, carregando em carretas o que saqueavam das lojas, e levando tudo para o Empedrado, ou Corrientes; e que só tinham 4 ou 5 peças de campanha; mas um outro que n'esse dia veio de Bella Vista contou-me que uma mulher lhe dissera que havia alguns dias tinham ido muitas peças para Cuevas, e que me vinha prevenir.

« Isto me resolveu a mandar um escaler por dentro de um arroio que vai sahir abaixo das baterias, por onde fiz seguir o vapor *Igurey* a observar o que havia. Regressando disse-me ter visto as peças collocadas á margem das barrancas e muita tropa. Fiquei por esta forma sciente de que era verdade o que a mulher me fizera saber..

« Tudo disposto como convinha, no dia 12 ás 9 e tres quartos suspendemos com algumas escunas mercantes a reboque, por ser o vento do lado do sul, e seguimos aguas abaixo. Com a demora de se dar volta pela estreiteza do canal me retardei, avançando por isso os da vanguarda levados pela corrente.

« As 10 horas rompeu fogo a canhoneira *Ivahy*, que ia na vanguarda, por se achar o inimigo ao alcance da sua grossa artilheria. Aproximando-nos todos fiz o signal de —navegar a toda força.— Começou o fogo de parte a parte emquanto a posição do navio permittia, occultando a gente para evitar desgraças que necessariamente soffreriam com a metralha e mosquetaria feita a cavalleiro, por espaço de 15 a 20 minutos, que levaria cada navio em passar toda linha das baterias, collocadas de distancia em distancia. Julgo que seria de 25 a 30 bocas de fogo, e a fuzilaria para mais de 2,000 homens.

« Pelas balas apanhadas a bordo d'este vapor, onde me achava, que só no casco recebeu mais de 40, haviam de calibre 6, 9, 12 e 32, e tambem raiadas, de que não se pode conhecer o calibre por apparececerem em fragmentos. Parece incrivel que os Paraguayos tenham transportado até estas alturas peças maiores que 9 e 12, não só pelo peso d'ellas, como das munições que são precisas.

« Sustentaram um fogo nutrido e tenaz, o qual era bem observado antes de se chegar a altura de o soffrer, pelo que praticavam com os que iam na frente.

« Felizmente não houve desgraça alguma a lamentar a bordo d'este vapor; apenas um soldado que estava na enfermaria soffreu uma pequena contusão.

« O mastro grande foi varado de lado a lado com bala creio que de 9; o de traquete tambem soffreu quasi o mesmo. As partes dadas pelos commandantes dos outros navios explicarão a V. Ex. as avarias por elles recebidas.

« Ha em toda a esquadra fóra de combate 41 praças, inclusive 13 mortos, entrando nestes o alferes Marcellino Barboza Leal, do 14.° batalhão de voluntarios da patria (Cachoeiranos,)

e o aspirante de marinha Joaquim Candido do Nascimento. Ha que notar, que uma boa parte dos feridos e mortos, o foram estando de cobertas abaixo.

« Consta-me que no vapor de guerra argentino *Guarda Nacional* onde se achava o chefe Muratore, tiveram um official e dous guardas marinhas feridos, dos quaes estes morreram depois; da marinhagem, dous mortos e quatro feridos. Soffreu tambem avaria no casco e apparelho. Passou este vapor com toda a bizarria, sem cessar de fazer fogo com a sua artilheria, correspondendo por esta forma ao que lhe faziam, com o que me deixou muito satisfeito.

« Os nossos navios todos elles passaram contestando ao fogo que das baterias lhes faziam, cumprindo por esta fórma com o seu dever.

« Com as partes dadas pelos commandantes, incluo a que se dignou enviar-me o Sr. chefe Muratore a respeito do navio em que tem o seu pavilhão.

« E' quanto tenho a dizer a V. Ex. recommendando a supplica que faz o commandante da canhoneira *Araguary*, a respeito do sentenciado José Maria Ferreira, do corpo de imperiaes marinheiros, que está cumprindo um anno de prisão.

« Deos Guarde a V. Ex. —*Francisco Manoel Barroso*, commandante da 1.ª divisão. »

REFLEXÕES SOBRE ESTES ACONTECIMENTOS.

Esta parte do chefe de divisão commandante da esquadra no rio Paraná, mostra os estragos materiaes e a perda de vidas que ella soffreu pela segunda vez que passou por baixo de baterias que os Paraguayos collocaram na margem d'aquelle rio, para a bloquear e destruir na sua passagem.

Já está demonstrado a falta que houve em conserval-a fundeada acima da Bella Vista, logo que os Paraguayos se approximaram áquella cidade, muito mais tendo havido o exemplo de Mercêdes, que parece não se pôde evitar por terem decorrido poucos dias depois do combate do Riachuelo, e estarem os navios a repararem as avarias para poderem navegar; em todo o caso a passagem de Mercêdes foi uma surpresa que a esquadra soffreu.

Por esta mesma parte do chefe Barroso vê-se que a esquadra não podia sahir do Chimboral, ao norte da Bella Vista, sem ordem do vice-almirante; que essa ordem foi recebida no dia 8 de Agosto á noite, quando já o exercito paraguayo

estava ao sul d'aquella cidade: portanto a permanencia da esquadra ao norte do porto da Bella Vista era sem utilidade alguma, porque não bloqueava o Passo da Patria ou a entrada do Alto Paraná, e não embaraçava a communicação do norte de Corrientes com o Paraguay, o que já dissemos. Quando o commandante da esquadra recebeu ordem para se retirar do Chimboral, ella já estava bloqueada pela bateria de Cuevas; é o que diz o dito chefe na sua parte.

Não pudemos saber se quando se expedio a ordem para a esquadra descer, já constava em Buenos-Ayres que existiam as baterias de Cuevas para a bater na sua passagem, mas ao menos devia saber-se que o exercito paraguayo estava ao sul de Bella Vista, e era bastante para se julgar da posição em que ficava a esquadra em relação ao exercito paraguayo.

Logo que a esquadra brasileira, pela morosidade dos seus movimentos ou por falta de instrucções do commando em chefe, não servio para embaraçar a passagem do exercito paraguayo para a provincia de Corrientes, tambem não era necessario ter ficado fundeada onde se deu o combate do Riachuelo.

Se tivesse estacionado na altura em que estavam as tropas argentinas, ou a esquadra paraguaya não tinha vindo atacal-a, ou alli teria sido completamente destruida, porque n'este caso não havia baterias em terra para offender os nossos navios, e, talvez, o rio sem baixos ou bancos, os navios tinham-se movido mais livremente; não tinha escapado um navio paraguayo nem um homem.

No Riachuelo as baterias de terra causaram estragos iguaes aos que poderiam causar dobrada força naval inimiga.

Taes foram os resultados de ficar a esquadra brasileira fundeada n'aquelle lugar sem ordem de mover-se, emquanto o exercito paraguayo marchava e occupava a provincia de Corrientes, deixando as suas communicações livres com o Paraguay.

Assim procedia o commandante de uma esquadra porque, parece á vista do seu comportamento, só tinha ordem de

se defender quando fosse atacado; d'este modo a sua acção era passiva, quando devia ser activa.

Ninguem conheceu isto, não se comprehendeu que a esquadra nem sempre tinha feito o que podia e devia, por inconveniencias do commando em chefe.

Quando a primeira divisão entrou no Paraná com oito navios, descuidou-se de ir bater os vapores paraguayos que estavam fundeados em Corrientes; talvez o seu commandante não tivesse ordem para o fazer.

Depois do combate do Riachuelo não houve a previdencia de livrar a esquadra do fogo das baterias de Cuevas. Foi para o Rincão do Soto reparar as avarias, curar os feridos e enterrar os mortos.

Ahi ficou muito tempo inactiva, e nem outra cousa podia fazer, a não se considerar bloqueando o rio Paraguay a 50 leguas abaixo da sua foz.

A exposição d'estes factos, mostra o máo emprego que teve a nossa força naval no Paraná, exposta ao fogo destruidor das baterias collocadas na margem esquerda d'este rio, onde soffreu immensos prejuizos, que se podiam ter evitado. Vamos terminar o que temos que dizer sobre este primeiro periodo das operações da esquadra brasileira no rio Paraná.

Além do que já dissemos, que as 8 canhoneiras deviam ter destruido os 5 vapores paraguayos quando estavam fundeados em Corrientes, em dias do mez de Abril, o que se tinha conseguido se a esquadra tivesse andado mais depressa, vejamos como se devia ter movido a nossa força naval estacionada no Rio da Prata.

A campanha do Estado Oriental terminou pelo convenio de 20 de Fevereiro de 1865. Todos os navios de guerra estavam promptos para entrar em operações se a praça de Montevidéo não se rendesse; como não houve hostilidades, deviam estar tambem promptos para outra qualquer commissão; mas só a 5 de Abril é que sahiram de Buenos-Ayres para o Paraná os 4 primeiros navios de guerra, commandados pelo capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro, aos quaes foram-se reunir mais 4 canhoneiras passados alguns

dias, levando estes navios o destino de bloquear o rio Paraguay nas Tres-Bocas, segundo constou n'aquella cidade.

Todos estes navios chegaram ao porto de Bella Vista a 2 de Maio, o que se verifica por um officio do commandante Gomensoro com data d'aquelle dia, já transcripto.

Gastaram estes navios 27 dias de viagem de Buenos-Ayres a Bella Vista, para o que bastavam 7 ou 8; esta demora não foi justificada, como convinha.

No dia 28 de Abril sahio de Buenos-Ayres o chefe de divisão Francisco Manoel Barroso com tres navios de guerra, incluindo o vapor *Amazonas*, e a 20 de Maio tomou o commando de toda a esquadra em Goya.

Tinha sido muito vantajoso que tivesse havido mais actividade, e que aquelles navios tivessem sahido todos reunidos algum tempo antes de 5 de Abril, para no fim de poucos dias estarem nas Tres Bocas e crusarem na entrada do Alto Paraná: d'este modo tinha-se bloqueado o rio Paraguay e o exercito inimigo não tinha passado para a provincia de Corrientes.

N'esta posição vantajosa, a esquadra brasileira não tinha só por fim defender a provincia de Corrientes, mas principalmente bloquear os portos e as costas da Republica do Paraguay.

Naturalmente tinha-se dado o combate naval nas Tres Bocas; n'este caso ficava o porto de Corrientes livre para abrigo da nossa esquadra, reparar avarias, refazer-se do que precisasse, estabelecer hospital, etc.; não tinha encontrado baterias sobre barrancas, tinha evitado os combates nas passagens por Mercêdes e Cuevas, e os prejuizos que elles causaram; portanto para ter-se feito a guerra com actividade, devia ter-se apresentado a esquadra brasileira a bloquear o rio Paraguay e o Passo da Patria logo que terminou a campanha do Estado Oriental.

Este era o emprego que devia ter tido a esquadra brasileira no Rio Paraná, fosse qual fosse o caminho que o exercito tivesse seguido.

A rapidez nas manobras de qualquer força militar, decide

muitas vezes a favor de quem as executa; a morosidade póde perder a campanha.

Emquanto a esquadra brasileira fica fundeada no Rincão do Soto reparando as grandes avarias que teve no ultimo combate de 12 de Agosto, vamos ver o que se passou na margem direita do Uruguay com uma divisão do exercito alliado, que então ainda se achava acampado ao norte da Concordia, e que foi sob o commando do general D. Venancio Flôres.

LIVRO SEXTO.

BATALHA DE YATAY.

No fim de Junho de 1865 constou no acampamento da Concordia que um exercito paraguayo tinha passado para a provincia do Rio Grande em S. Borja, descendo outra columna de 4,0C0 homens pela margem direita do rio Uruguay, para passar para o Estado Oriental.

Os generaes do exercito alliado resolveram que o general Flôres fosse encarregado de ir bater aquella divisão paraguaya, que marchava apoiada pelo exercito que, no territorio brasileiro, seguia com pequena distancia pela margem esquerda do Uruguay.

Em 18 de Julho sahio do acampamento da Concordia o general Flôres com uma divisão de 4,500 homens das tres armas, o que já dissemos. A esquadrilha de 4 vapores, na qual devia ir o vice-almirante brasileiro para no Alto Uruguay auxiliar aquella divisão, não pôde subir pela pouca agua que tinha o rio, e o vice-almirante deixou os navios no porto da Concordia, commandados pelo capitão de fragata Lomba, e voltou para Buenos-Ayres.

A marcha da divisão do general Flôres foi vagarosa pelos máos caminhos por onde passou, e pelos rios ou ribeirões que teve de atravessar; devia esperar a reunião do general Paunero, o qual vindo do centro da provincia de Corrientes

trazia numerosa artilharia e bagagens. A juncção só teve lugar no dia 13 de Agosto, no passo chamado de Sant'Anna, 7 leguas abaixo do passo dos Livres ou Restauração, que fica pouco abaixo da Uruguayana.

Vamos transcrever o que diz o correspondente de Buenos-Ayres, em 22 de Agosto :

« As forças reunidas n'aquelle ponto constavam dos seguintes corpos : Brasileiros, dous batalhões de linha e um de voluntarios ; Orientaes: os batalhões Florida, Vinte e Quatro de Abril e um de voluntarios, um esquadrão de artilharia com oito peças ; Argentinos : seis batalhões de linha, tres batalhões de guardas nacionaes, tres esquadrões de artilharia com 24 peças, um regimento de cavallaria de linha, e dous corpos de milicias correntinas ; 4,500 homens. Eram pois, mais de 9,000 soldados, porém soldados como não os ha melhores na America, porque dos tres exercitos achava-se ahi a flôr, e do argentino quasi tudo especialmente que tem em força de linha, sua excellente artilharia, e chefes conhecidos pela sua pericia e bravura.

« Não podia portanto haver receio de uma derrota, a menos de que o inimigo se revelasse com forças immensamente superiores. Ao contrario, todo o temor era de que elle tentasse escapar-se transpondo o Uruguay, unica fórma que lhe restava para o fazer. Mas assim não foi.

« As cavallarias correntinas ás ordens do general Madariaga observavam-o de perto; e de hora em hora o general Flôres era informado de seus movimentos.

« A columna paraguaya, que era a mesma vinda de S. Borja pela margem direita do Uruguay, occupava o povo — Passo dos Livres — em força de 3,500 homens, quasi todos de infantaria com 4 peças de artilharia.

« No dia 16, pareceu que essa força tentou sahir ao encontro da do general Flôres, mas não passou de uma demonstração. Fêl-o no emtanto com louvavel denodo, se melhor fosse a causa, na manhã do dia 17.

« Como até uma legua do Passo dos Livres adiantou-se, formando a sua linha de combate por detraz de alguns vallos, e amparando-se de arvores e tudo o mais que o terreno offerecia.

« O general Flôres dividio seu exercito em tres corpos (divisões), que formavam as alas e o centro, com distancias para desenvolver em linha, fêl-o adiantar em columnas parallelas, seguindo-se logo a batalha que foi rapida e decisiva.

« O major Uribúru, ajudante de ordens do general Paunero, que levou a noticia á Concordia ao general Mitre, descreveu a batalha do modo seguinte, o que foi publicado na *Nação Argentina*, pelo seu correspondente da Concordia,

« — O exercito compunha-se da seguinte fórma : os 4 batalhões de orientaes formaram duas brigadas ás ordens do coronel D. Leão de Palleja. O esquadrão de artilharia oriental commandado por Nicassio Borges ; a cavallaria oriental do commando do general D. Gregorio Soares. O exercito argentino com 6 batalhões de linha, as legiões militares, 3 batalhões de guardas nacionaes, 3 esquadrões de artilharia, o 1.º regimento de cavallaria de linha, a cavallaria de Corrientes commandada pelo general Madariaga, compunham 4 brigadas. Os dous batalhões do Imperio compunham uma brigada.

« No dia 16 marchando na direcção do Passo dos Livres formando a cabeça da columna a divisão oriental, e a brigada brasileira, adiantaram-se elles até o arroio Capiquisé, deixando como tres quartos de legua á retaguarda o exercito que commandava o general Paunero.

« O general Flôres recebeu aviso da vanguarda, que era formada pelas milicias de cavallaria do general Madariaga, de que o inimigo avançava sahindo-nos ao encontro, o que immediatamente communicou ao general Paunero, para que precipitasse a sua marcha e se lhe incorporasse, decidido como estava a dar a batalha no lugar em que se achava, isto é, além da Capiquisé. Um quarto de hora depois recebeu outro aviso de que o inimigo se retirava para o Passo dos Livres.

« N'essa noite tomaram-se todas as precauções para evitar alguma tentativa de sorpresa, que o inimigo desesperadamente quizesse fazer.

« No dia 17 ás 7 horas e meia da manhã poz-se em marcha o exercito com direcção ao Passo dos Livres, que ficava a duas leguas de Capiquisé; marchando em columnas parallelas com distancias para desenvolver em linha ; levando sempre na vanguarda a brigada de cavallaria do general Madariaga, reforçada com a do general Gregorio Soares.

« Havia-se marchado uma legua quando pela vanguarda foi communicado que o inimigo não estava na povoação, mas sim no Ombusito, que fica d'ella meia legua para o norte.

« Variando um pouco a direcção á esquerda, continuou a marcha na ordem anterior, e tendo-se andado como vinte quadras, soube-se que o inimigo, sentindo-nos approximar, preparava-se para resistir. N'esse momento nossa cavallaria da vanguarda veio occupar a nossa esquerda.

« O inimigo occulto além de um valle fundo do Ombusito, tomou suas posições, entrando em umas chacaras com arvoredo e cercadas de vallos com duas varas de largura e duas de profundidade, pondo seus caçadores nos primeiros vallos, e estendendo a sua linha no fundo do valle, tendo na frente e nos flancos os cercados dos vallos.

« O general Flôres deu ordem ao general Paunero para

tomar o commando da divisão argentina, augmentando-lhe a brigada brasileira; na mesma formação em que estava entrasse na linha de batalha, que elle ia estabelecer com a infantaria e artilharia oriental.

« Com essas tropas adiantou-se elle ainda duas quadras até descobrir a linha inimiga; para o seguir dispersou em guerrilhas as companhias de caçadores dos seus quatro batalhões, as quaes rechassaram as do inimigo, que se achavam no primeiro vallo.

« N'este momento, e ao estabelecer a linha de batalha, as forças inimigas que a executavam inclinaram-se para nossa direita, o que obrigou as tropas que deviam fórmar nossa linha a obliquar para a esquerda.

« Este movimento fizeram-o a marche-marche, fazendo despregar guerrilhas as companhias de caçadores de todos os batalhões; os corpos fizeram alto para entrar na linha de combate, em quanto os caçadores que tinham avançado até ao segundo vallo tiroteavam ao inimigo, que respondia com um nutrido fogo de batalhões.

« O esquadrão de artilhria ás ordens do general Borges vio-se embaraçado de avançar pelo primeiro vallo, e demorava-se em entrar em linha no momento preciso. Conhecendo isto, o general Paunero mandou o esquadrão de artilharia da 1.ª brigada, commandado pelo major Macdon avançar pela direita do esquadrão detido, evitando os vallos, e entrar na linha já então formada.

« O major Macdon avançou a todo o galope com as suas 8 peças, e entrando na linha, pelo ponto que lhe fôra ordenado, fez fogo sobre o inimigo a 500 passos de distancia. Este fogo e o dos caçadores fez o inimigo rodomoinhar.

« Nossa linha avançou, o esquadrão de artilharia da 2.ª brigada, ás ordens do commandante Nelson, apenas entrou em linha fez fogo sobre o inimigo á mesma distancia que o anterior, de modo que o fez pôr em retirada; mas ao querer effectual-a sua formação de batalhão converteu-se em uma massa informe, sem regularidade alguma para se lhe dar o nome de columna; n'essa massa estava envolta sua cavallaria, artilharia etc.

« Mais alguns tiros de peça tornaram decisiva a retirada do inimigo, porém não foi sem que perdessem o terreno palmo a palmo, e combatendo heroicamente. Nossas companhias de caçadores chegaram a tocal-os com as baionetas: todos os batalhões em columna avançaram, reforçando os caçadores até transpor os vallos, que obstavam a marcha regular das tropas. Nossa esquerda, que era a 2.ª divisão, não tendo inimigos na sua frente, fez conversão á direita, tomando com este movimento o flanco direito do inimigo, e cortando-lhe de 500 a 600 prisioneiros, entre elles o commandante em chefe das tropas inimigas, o major Duarte.

« A artilharia não fez mais fogo, porque nossa infantaria circulando quasi o inimigo fazia sobre elle um fogo vivissimo, que aliás era contestado por elle com igual vigor, apesar de ir perdendo terreno.

« Neste momento o 1.° regimento de cavallaria de linha deu-lhes uma carga soberba, porém não conseguio se não diminuir o numero de inimigos, tendo de retirar-se não só pelo fogo d'elles, mas tambem pelo de nossas infantarias. O regimento, escolta do general Flôres, tambem deu algumas cargas, mas com igual resultado que o 1.° de linha.

« O inimigo inclinou-se para a nossa esquerda, afim de passar o arroio Yatay, pelo unico passo praticavel; mas achou-se illudido em seu intento, porque as columnas de cavallaria dos generaes Madariaga e Soares lhe impediram, trancando-lhe a passagem.

« Entrando nos banhados (brejos), ficaram apertados em um rincão que fórma a confluencia do arroio Yatay com o rio Uruguay, e então o esquadrão de artilharia da 3.ª brigada, ás ordens do major Viejo Bueno, adiantando-se até poder fazer fogo sem ferir nossos infantes, disparou-lhe alguns tiros de metralha, que os obrigaram a retirar-se a nado uns no arroio Yatay e outros no Uruguay. Tambem muito influiram para isto os batalhões orientaes, pois penetraram nos brejos até onde puderam.

« D'ahi em diante a dispersão do inimigo foi completa. Do lado opposto do Yatay viam-se sahir completamente nús os que se tinham atirado n'esse arroio, e ordenava-se á cavallaria da esquerda, a mesma que lhes embaraçava o passo, tomal-os prisioneiros, de modo que é fóra de duvida que nenhum escapara. A cavallaria da direita perseguia aos que tinham tomado a margem do Uruguay.

« O combate, tendo principiado ás 11 horas, terminou ao meio dia e meia hora, isto até o momento da dispersão, ou hora em que acabou a peleja; e o facto de haver mais de 4,000 homens de cavallaria, sendo correntinos 1,500, faz acreditar que não escapara um só soldado inimigo para levar a noticia.

« Taes, tão prolixos são os detalhes que dá o intelligente major Uribúru, ao que ha de accrescentar que á sahida d'esse official do campo de batalha calcula em 800 ou mais o numero de inimigos mortos ou feridos, e em mais de 1,000 o dos prisioneiros, inclusive muitos officiaes e o commandante em chefe da força. Toda a artilharia, 4 peças, bagagens, etc., ficou em poder dos vencedores.—»

PARTES OFFICIAES D'ESTE COMBATE.

A parte que o general D. Venancio Flôres mandou no mesmo dia do campo do combate só dizia o seguinte:

« Exm. Sr. general D. Bartholomeu Mitre.
« Um triumpho completo acaba de obter o exercito alliado.
« Todos preencheram o seu dever no campo de batalha.
« Yatay, Agosto 17.—*Venancio Flôres.* »

O general Mitre mandou ao vice presidente da Republica Argentina, o officio seguinte:

« Quartel general, 19 de Agosto de 1865.

« Exm. Sr. Vice-Presidente da Republica Dr. D. Marcos Paz.—Meu estimado amigo.—Um triumpho completo corôou a vanguarda das armas alliadas sob o commando do Exm. Sr. general D. Venancio Flôres.

« A columna paraguaya que invadia nosso territorio pela margem direita do Uruguay foi completamente destruida.

« Envio em original a V. Ex. a parte escripta a lapis que do campo da batalha me escreveu o general Flôres.

« O combate principiou ás 11 e acabou ás 12 do dia, tomando parte n'elle só uma porção de nossas fôrças.

« Até essa hora em que continuava a perseguição, e se faziam presioneiros, ficavam no campo de batalha como 700 a 800 mortos do inimigo, mais de 1,000 prisioneiros, entre elles Duarte, o chefe da columna invasora, e toda a artilharia, podendo assegurar-se que todo o resto tem cahido prisioneiro, pois nesse sentido obrava com actividade e intelligencia o general Flôres.

« Igualmente junto a V. Ex. cópia da parte do general Paunero, escripta do campo da batalha, trasida pelo capitão Napoleão Uribúru, que me pedio para regressar immediatamente a seu campo, afim de tomar parte nas novas glorias que aguardam a seus companheiros.

« O portador da parte do general Flôres, que segue até essa cidade no vapor *Buenos-Ayres*, é D. Eduardo Flôres, filho do general que tem ordem de seguir até Montevidéo, levando esta fausta noticia.

« Segundo o general Flôres e o general Paunero, todos preencheram gloriosamente o seu dever, tendo-o a seu turno cumprido dignamente o seu os dous generaes, a quem havia eu encommendado a parte mais difficil d'esta operação, vencendo toda a classe de obstaculos, com especialidade o general D. Venancio Flôres, que a dirigio como general em chefe, levando debaixo de suas ordens as tres bandeiras das nações alliadas.

« O Estado Oriental, o Imperio do Brasil e a Republica Argentina felicitam-se por este glorioso triumpho de suas armas.

« Eu felicito a V. Ex. por tão brilhante resultado, que prepara o termo feliz da guerra a que fomos provocados.

« Opportunamente transmittirei officialmente ao governo os detalhes que alcançar sobre esse importante triumpho, espe-

rando que, entretanto, hão de ser apreciados dignamente por elle os nobres perigos, e os generosos esforços dos valentes chefes, officiaes e soldados que o alcançaram.

« Esperando ter brevemente a satisfação de annunciar a V. Ex. a derrota completa da columna paraguaya, que marcha pela esquerda do Uruguay, em cujo sentido tem-se combinado o que convém; despeço-me de V. Ex., dando-lhe um forte abraço de felicitação, o mesmo que aos outros companheiros.

« Muito seu sempre.—*Bartholomeu Mitre.*

« P. S.—Nossas perdas foram pequenas. »

PARTES OFFICIAES DO COMBATE DE YATAY (MARGEM DIREITA DO URUGUAY) NO DIA 17 DE AGOSTO.

» O Presidente da Republica e general em chefe do exercito alliado ao Exm. Sr. Vice-Presidente da Republica, coronel D. Marcos Paz.

« Quartel-general na Concordia, 21 de Agosto de 1865.

« Tenho a honra de juntar a esta a parte original que me dirigio o Exm. Sr. governador do Estado Oriental e general em chefe da vanguarda do exercito alliado, brigadeiro general D. Venancio Flôres, e o annexo do general D. Wencesláo Paunero, commandante em chefe do primeiro corpo do exercito argentino, pelos quaes o governo ficará sciente do completo triumpho alcançado sobre a columna paraguaya, que invadia nosso territorio pela margem direita do Uruguay, a qual foi completamente anniquilada, ficando toda ella no campo, morta ou prisioneira, com excepção apenas de dez homens para ir levar a noticia da sua derrota.

« Remetto igualmente a V. Ex. duas das quatro bandeiras tomadas ao inimigo no campo da batalha, trophéos gloriosos d'esta jornada, ficando n'este quartel general o chefe superior da columna inimiga, tomado prisioneiro no meio do fogo pelas tropas argentinas, a quem rendeu sua espada.

« Felicitando o povo oriental pela parte distincta que n'essa victoria coube a seu illustre chefe o Exm. Sr. general Flôres, assim como ás suas valentes tropas, e pela sua vez ao Imperio do Brasil e á Republica Argentina, cujos bizarros chefes, officiaes e soldados presentes no campo, cumpriram gloriosamente com o seu dever, felicito em geral ao povo argentino, por esta victoria commum ás nações alliadas, e em particular ao governo argentino pela parte notavel, que coube ás tropas nacionaes e a seu general D. Wencesláo Paunero, recommendando todos, sem excepção alguma, á sua consideração, pois todos igualmente são dignos d'ella, segundo as partes que me tem sido dirigidas.

« Deus guarde a V. Ex. — *Bartholomeu Mitre.*»

« Ao Exm. Sr. Presidente Bartholomeu Mitre, general em chefe dos exercitos alliados.

«Quartel general no Paço dos Livres, 18 de Agosto de 1865.

« Hontem ás 10 e meia horas da manhã, depois de marchas penosissimas para nossos benemeritos soldados de infantaria, pelas copiosas chuvas, de modo que os campos estavam alagados, chegamos á frente do exercito inimigo, que não baixava de tres mil, antes mais de que menos.

« Ficaram em poder do exercito de vanguarda 1;200 prisioneiros, e seu chefe Duarte, com 1,700 cadaveres de inimigos, quatro bandeiras, armamento, munições, oito carros com seus cavallos magros e mais de 300 feridos.

« O exercito de vanguarda terá tido 250 homens fóra de combate entre mortos e feridos.

« Não tem sido possivel, Exm. Sr., evitar o derramamento de sangue: os inimigos têm combatido como barbaros.

« Tal é o fanatismo e brutalidade que lhes tem incutido o despota Lopez, e os tyrannos seus antecessores. Não ha forças humanas que os façam render, e preferem a morte certa á rendição.

« O 1.° corpo do exercito argentino ás ordens do general Paunero; a brigada 12.ª do exercito brasileiro ás ordens do seu commandante o Sr. Joaquim R. Coelho Kelly; os Orientaes, e a divisão correntina commandada pelo general D. João Madariaga, todos os chefes, officiaes e soldados têm preenchido o seu dever, combatendo como bravos e indo muito além do que se lhes podia exigir como soldados.

« Portanto preenchendo um dever de justiça, e de distincção para os que combatem pela patria, eu os recommendo á consideração de V. Ex.

« Estes são, Exm. Sr., os pequenos trophéos que vos offerece o exercito da vanguarda que haveis confiado ás minhas ordens immediatas, e que me coube a honra de commandar em um dia de gloria para a patria e para os governos alliados.

« Preencho o ultimo dever como general do exercito da vanguarda, felicitando a V. Ex. e a todos os que compõem esse grande exercito, pela victoria de 17 do corrente nos campos de Yatay, a qual é de esperar será logo seguida de outras maiores.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos.—*Venancio Flôres.* »

OFFICIO DO TENENTE-CORONEL JOAQUIM RODRIGUES COELHO KELLY AO GENERAL MANOEL LUIZ OSORIO.

« Acampamento do commando da 12.ª brigada, junto á villa da Restauração, 18 de Agosto de 1865.

« Illm e Exm. Sr. — Hontem ás dez horas e um quarto da

manhã a vanguarda do exercito ao mando do Exm. Sr. general D. Venancio Flôres, do qual faz parte a brigada sob meu commando, entrou em acção contra a força paraguaya que occupava a Villa da Restauração, a qual se puzera fóra d'ella para receber o ataque; em numero de tres mil e tantos homens, sendo trezentos de cavallaria, segundo informações, e uma boca de fogo.

« Durante o combate renhido desde aquella hora até uma da tarde, tiveram os alliados a gloria de pôrem o inimigo em completa debandada, ficando nós outros senhores do campo, da villa, grande numero de armamento, carretame, a boca de fogo, quatro bandeiras e crescido numero de prisioneiros, entre elles o commandante da força, major Duarte; não sendo possivel até hoje avaliar-se o numero dos mortos, pois que ainda sahem partidas de clavineiros em perseguição dos que passaram a nado para o outro lado do arroio, deixando comtudo o inimigo no campo do combate um numero maior de mil homens mortos.

« Felicitando a V. Ex. por um tal feito d'armas, cumpre-me declarar que a brigada sob meu commando occupou dignamente e sustentou as posições que lhe foram ordenadas, e os commandantes dos corpos se conservaram com calma, valor e sangue frio durante a acção.

. . . .

« Temos a lamentar a perda de um soldado do 7.º batalhão de infantaria e de haverem sido feridos e contusos um tenente do 3.º corpo de voluntarios e 13 praças de pret dos corpos da brigada, como V. Ex. verá da relação junta; e da mais força alliada, 60 mortos e 150 feridos e contusos, entre elles o coronel Fidelis, ferido na coxa direita, e o coronel commandante do *Vinte e Quatro de Abril* em uma mão, bem como a morte do ajudante do mesmo batalhão.

« Os officiaes do estado-maior d'esta brigada permaneceram em seus lugares e cumpriram seus deveres; e o major de commissão, assistente do deputado do ajudante general, João Nepomuceno da Silva, muito me coadjuvou, fazendo com promptidão reunir aos corpos as praças que de momento ficaram na retaguarda pela difficuldade das passagens em vallas e banhados, e no centro da linha de fogo conheci seu sangue frio e valor no combate, e porisso o julgo digno das attenções de V. Ex.

« Deus guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. general Manoel Luiz Osorio, commandante em chefe do exercito.—*Joaquim Rodrigues Coelho Kelly*, tenente-coronel commandante. »

« Commando em chefe do 1.º corpo do exercito nacional.— Campo de batalha na costa do Yatay, 17 de Agosto de 1865.

« Ao Exm. Sr. governador provisorio do Estado Oriental do Uruguay, brigadeiro-general D. Venancio Flôres.

« O infra-escripto vai ter a honra de dar a V. Ex. conta da parte que no combate d'este dia tiveram a infantaria e a artilharia do exercito alliado, que ao approximar-se o inimigo V. Ex. mandou pôr ás ordens immediatas do infra-escripto.

« Tendo todas as forças commandadas pelo infra-escripto formado-se em columna de ataque, para verificar sobre o grosso do inimigo, marchei para elle n'essa ordem, quando sciente V. Ex. de que eram exactas as noticias que se lhe tinham dado de não excederem de 3,000 homens as forças paraguayas; foi servido dispôr que avançasse mais rapidamente a brigada de infantaria oriental, protegida por uma bateria, a qual realisando-se assim ao subir ao cume da coxilha que occultava o inimigo, foi recebida por todos os seus fogos que soffreu e contestou com o maior vigor até o fazer retroceder.

« Em taes momentos chegaram a marche-marche a divisão argentina e a brigada brasileira, cahindo em massa sobre a força contraria, que retrocedeu em desordem, porém fazendo fogo vivo, e dando cargas de cavallaria, sem se querer render, nem mesmo quando foi comprimida sobre o arroio Yatay, em consequencia da qual tiveram lugar as lamentaveis perdas de que o infra-escripto dará conhecimento a V. Ex. na parte circumstanciada.

« De seu lado o inimigo, com quanto n'este momento não possa o infra-escripto dar os detalhes necessarios, tem sido completamente aniquilado, ficando no campo mais de 1,000 mortos, todas as suas armas e mais petrechos; e como 1,500 prisioneiros, inclusive o chefe de toda a força, o de um batalhão, e quatro bandeiras, que se acham em poder das forças alliadas.

« Não póde o infra-escripto fazer menção especial de nenhum dos corpos, que tomaram parte n'esta curta porém energica peleja, porque assim como seus chefes e officiaes rivalisavam em ardor e enthusiasmo, como V. Ex. teve occasião de observar, bem como os mais incidentes do combate.

« Felicitando a V. Ex. por este novo triumpho das armas alliadas, é muito grato ao infra-escripto offerecer a V. Ex. as seguranças de sua maior consideração.—*Wencesláo Paunero.*»

PROCLAMAÇÃO.

« O governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay, general do exercito alliado em vanguarda.

« Soldados argentinos, brasileiros e orientaes.—Atravez de marchas forçadas e de incommodos de todo o genero, vencendo o rigor dos elementos, tendes chegado até as forças do aleivoso invasor, que ostentava suas legiões e devastavam o territorio de Corrientes.

« Hoje o aniquilasteis, dando uma tremenda lição aos tyrannos. Vossos esforços acham-se recompensados, vossa coragem e denodo tudo venceram; assim é que a mais completa victoria bafeja vossas frontes com gloria immortal.

« A divisão paraguaya em força de mais de 3,000 homens desappareceu diante de vossa presença, ficando prisioneiros mais de 1,000 soldados com o seu chefe, o major Duarte, e o resto morto ou ferido sobre o campo de batalha, pela ferocidade barbara e ignorante que os domina.

« Em nosso poder deixaram como trophéos de guerra quatro bandeiras, toda a sua bagagem, armamento e petrechos, e vós deveis ostental-os com orgulho, pois os tendes conquistado com vossa bravura e heroismo.

« Soldados! Os tyrannos vão desapparecer diante do exercito que combate pela liberdade e igualdade dos povos!

« O triumpho de Yatay é apenas o precursor de outros maiores, que vos abrirão as portas da Assumpção para remir esse povo irmão, dando-lhe patria, instituições e liberdade.

« Saúda-vos, vosso general e amigo—*Venancio Flôres.*

« Campo de batalha 17 de Agosto de 1865. »

Continua a correspondencia de Buenos-Ayres.

« A brigada brasileira foi reunida ás forças argentinas para formar a linha de batalha; em quanto os tres batalhões orientaes e o de voluntarios organisado em Montevidéo, avançavam em guerrilhas sobre as guerrilhas inimigas.

« Estas recuaram, a artilharia abalou a linha; mas a derrota sómente se pronunciou quando a divisão argentina e a brigada brasileira avançaram a passo de carga, e levaram as columnas inimigas á bayoneta até os brejos, sobre o arroio Yatay, e sobre o Uruguay.

« Reconheçamos o que é de justiça, tanto as tropas orientaes como as argentinas e brasileiras combateram com uma bravura superior a todo o elogio, e se em lugar de 4,000 homens houvesse alli 15,000 inimigos, teriam de igual sorte succumbido ao denodo dos soldados das tres nações.

« Tambem os Paraguayos brigaram com denodo. Seu chefe, o major Duarte, acudia aos pontos de maior perigo, proclamando ás tropas, e quando se vio cortado, com uma parte da sua infantaria, entregou a sua espada. Dous terços dos officiaes paraguayos morreram; e dos soldados mais de 1,700.

« Tal foi a batalha de Yatay, a primeira que as armas alliadas deram e ganharam contra o inimigo commum.»

CONSIDERAÇÕES SOBRE A BATALHA DE YATAY.

A batalha de Yatay ferida a 17 de Agosto de 1865, commandando o general D. Venancio Flôres as tropas argentinas,

brasileiras e orientaes, deve ficar consignada n'esta historia militar como um feito d'armas digno de honrosa recordação.

A batalha de Yatay foi a primeira acção que os exercitos alliados deram com vantagem assignalada, no principio da campanha contra o Paraguay.

Foi a primeira batalha campal projectada com acerto, e executada conforme as regras geraes da arte militar.

Foi uma notavel operação militar que illustrou as tropas que n'ella tomaram parte, não só pela sua acção immediata sobre o inimigo, como tambem pelos seus resultados; porque influio na sorte da columna paraguaya que descia pela margem esquerda do rio Uruguay, posto que esta columna que então, quando se deu a batalha de Yatay, ainda marchava desembaraçada, podia ter sido anniquilada em S. Borja, se na provincia do Rio Grande houvesse meios de fazer o que fez o general D. Venancio Flôres em Yatay.

O exercito ficou acampado no Passo dos Livres, onde a 23 chegou a esquadrilha brasileira.

Nos dias 23 e 24 de Agosto o general Flôres fez passar para a margem esquerda do Uruguay, territorio brasileiro, a infantaria e artilharia de seu exercito, em força de 6,000 homens, com 32 peças, com o fim de bater o exercito paraguayo que estava aquartelado na villa de Uruguayana.

Se o general Flôres tivesse podido operar no territorio brasileiro, o exercito paraguayo do Rio Grande tinha tido sorte igual á que teve o de Corrientes.

Emquanto o exercito alliado está acampado na provincia de Entre-Rios, á espera que se lhe encorporem as forças que tinham sahido para o Uruguay com o general Flôres, vejamos porque houve essa demora depois da batalha de Yatay: é preciso considerar a marcha da outra columna no territorio brasileiro, ou a invasão paraguaya na provincia do Rio Grande.

Relativamente á batalha de Yatay e sobre o merito do general Flôres, que nós consideramos, depois d'aquella batalha, o mais habil de todos os generaes hespanhóes que então havia nas provincias argentinas.

Diz o conselheiro Paranhos na sua defesa do convenio de 20 de Fevereiro, a pagina 77, o seguinte:

« O general Flôres fôra encarregado da importante empresa de procurar abater a columna paraguaya que acampava pela margem direita do Uruguay, e que d'alli cobria a entrada de Itapúa, servia de centro e dava protecção aos invasores da nossa fronteira.

« A ideia d'aquelle plano dos alliados não podia ser mais feliz, nem a sua execução confiada a espada mais valente, nem mais destra. A's suas reconhecidas qualidades de capitão intrepido, habil e activissimo, o general Flôres reunia um perfeito conhecimento do difficil terreno que ia atravessar, e d'aquelle em que se propunha forçar o recontro do inimigo. Não havia general brasileiro, podemos dizel-o sem desar para elles, que possuisse a topographia militar de Entre-Rios e Corrientes como o nosso alliado.

« Isto por um lado; por outro lado a má direcção, ou para melhor dizer, a falta quasi absoluta de direcção no comêço da campanha, tinha desviado quasi todo o exercito brasileiro do territorio patrio, para sugeital-o ao rigoroso inverno do Rio da Prata, muito antes de poder elle entrar em operações, quando composto em grande parte de gente collecticia, carecia de tempo para depurar-se e instruir-se.»

INVASÃO DO EXERCITO PARAGUAYO NA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL.

DOCUMEMTOS OFFICIAES, RELATIVOS, MANDADOS COLLIGIR PELO MINISTERIO DA GUERRA PARA SEREM PRESENTES AO CORPO LEGISLATIVO EM 1866.

Ordem do dia n. 5 do ministro da guerra na cidade de S. Gabriel a 3 de Setembro de 1865.

« Sua Ex. o Sr. ministro da guerra com viva satisfação communica ao exercito que junto á povoação da Restauração, na margem direita do Urugnay, ás 10 horas e meia da manhã do dia 17 do corrente (17 de Agosto) um brilhante feito de armas das forças alliadas ao mando do distincto general Flôres, Presidente da Republica Oriental, e do general argentino Paunero, deu em resultado a completa derrota dos Paraguayos, que d'aquella povoação se haviam apossado em numero de 4,000 pouco mais ou menos; e que, segundo participações recebidas, ao corpo de voluntarios n. 16, pertencente ao exercito imperial, e á brigada commandada pelo tenente-coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, composta dos 5.º e 7.º batalhões de linha, sob o commando o 1.º do major de infantaria Francisco Antonio de Souza Ca-

misão, e o 2.º do major tambem de infantaria Herculano Sanches da Silva Pedra, e do 3.º corpo de Voluntarios da Patria commandado pelo tenente-coronel José da Rocha Galvão, coube gloriosa parte n'aquelle feito, sustentando com denodo, brio e verdadeiro valor a arriscada posição que na linha de batalha lhe fôra confiada.

« Congratula-se S. Ex. em nome de Sua Magestade o Imperador, com o exercito por tão assignalado triumpho, que pôz fôra de combate perto de 3,000 dos nossos inimigos, perecendo d'estes mais de 1,000, ficando prisioneiros 1,200, entre os quaes se achava o major Duarte, commandante geral da força, e cahindo em poder das forças alliadas quatro bandeiras inimigas, cavalhadas, e oito carretas, sendo o prejuizo das forças alliadas limitado ao numero de 250 entre mortos e feridos, e entre os ultimos infelizmente se acha o coronel do 16.º de Voluntarios da Patria Fidelis Paes da Silva.

«Não póde por agora o governo imperial, por falta de circumstanciadas informações, formar um juizo seguro pelo qual se possa galardoar o merito dos officiaes e praças que mais se distinguiram, e pôr a coberto da miseria as viuvas e orphãos dos que perecêram na defesa de tão santa causa; por isso de novo recommenda S. Ex. a execução das ordens anteriores, afim de que dada qualquer acção, immediatamente os respectivos chefes das forças brasileiras remettam a este ministerio informações minuciosas, não só a respeito dos que praticaram acções de bravura, como relativamente ás viuvas e orphãos dos que fallecerem no combate.

. . . .

« No impedimento do ajudante-general, o coronel *Antonio Pedro de Alencastro.* »

ESTADO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE CONSIDERADA MILITARMENTE.

A provincia do Rio Grande do Sul devendo ser considerada como base das nossas operações militares contra o Esdo Oriental e o Parágua y, desde que principiaram as desintelligencias com o governo de Montevidéo, devia ter um presidente militar, que fosse ao mesmo tempo commandante das armas, para organisar as forças de linha e da guarda nacional destacada e com ellas formar uma divisão forte ou corpo de exercito capaz de defender as fronteiras.

Não se conheceu esta necessidade, e deixou-se na provincia um presidente paisano, o qual tendo muito desejo de

fazer armar a provincia e pôl-a em um verdadeiro estado de defeza, não o conseguio.

Não sendo possivel copiar n'esta historia todos os documentos officiaes que se publicaram sobre a invasão paraguaya no Rio Grande, e expôr miudamente qual era então o estado da provincia, faremos menção de alguns d'aquelles documentos que tem maior interesse pelos acontecimentos a que se referem.

Os officios que se seguem dão idéa do estado em que estava a fronteira de Jaguarão quando alli chegou Munhoz.

« Secretaria de estado dos negocios da guerra. — 2.ª directoria geral, 16 de Janeiro de 1865, na cidade de Jaguarãos

« Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de depositar nae mãos de V. Ex. os inclusos mappas dos corpos ns. 15 e 28 de guardas nacionaes destacados n'esta fronteira.

« Este ultimo corpo está completamente desarmado e desfardado, cujos artigos já foram requisitados em 2 do corrente mez, como se vê da inclusa cópia do respectivo pedido, e quanto ao outro corpo n. 15, faltam os objectos constantes tambem da inclusa nota: portanto me parece conveniente que pelo deposito de artigos bellicos da cidade do Rio Grande se fornecesse, com urgencia, os objectos que fosse possivel satisfazer-se a taes corpos, providenciando-se a remessa dos que faltarem, como V. Ex. em sua sabedoria entender mais acertado

« Por esta occasião devo mais ponderar a V. Ex, que, segundo verbalmente me communicou em Porto Alegre o coronel da guarda nacional José Ourives, na noite de 8 do corrente mez, deverá ser n'essa cidade fardada e armada a força que vier sob o commando do dito coronel, e a ser assim, já vê V. Ex. que o referido deposito, com mais jus, não satisfará taes exigencias pela limitada quantidade de armamento e fardamento que n'este existe para a guarda nacional, e isto me anima a pedir a V. Ex. a expedição de suas ordens a este respeito, afim de que esses corpos deixem de permanecer nos pontos onde estão, no estado em que actualmente se acham.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, presidente d'esta provincia.— *João Frederico Caldwell*, ajudante general. »

INFORMAÇÃO DO GENERAL CALDWELL AO PRESIDENTE DO RIO GRANDE.

« Secretaria de estado dos negocios da guerra.— 2.ª directoria geral em 23 de Janeiro de 1865, na cidade Bagé.

« Illm. e Exm. Sr.—Vou dar a V. Ex. como me cumpre, uma idéa do estado em que encontrei as fronteiras de Jaguarão e Bagé.

« Da de Jaguarão compõe-se a guarnição de 94 praças de infantaria, 200 do corpo de cavallaria n. 15, e de igual numero, pouco mais ou menos, do de n. 28, tudo de guardas nacionaes.

« Este corpo além de desfardado, está completamante desarmado, e áquelle faltam ainda algumas armas; do que dei de tudo conhecimento ao presidente d'esta provincia em offide 16 do corrente mez, sob n. 6, por cópia junto, e é de presumir que a esta hora, este tenha providenciado a desapparecer a desanimadora situação em que por semelhantes motivos estão as praças do dito corpo n. 28, mórmente agora que a mesma presidencia sabe que tanto essa fronteira, como esta, se acham ameaçadas de serem aggredidas por forças do governo oriental, as quaes, segundo consta, se approximam ás nossas fronteiras.

« Se quando o nosso exercito marchou para aquelle Estado, se tivesse logo organisado uma divisão forte de observação, como a boa razão aconselhava, sem duvida não existiria hoje o desanimo em que estão os habitantes d'estas duas fronteiras com estas noticias.

« Esta fronteira é actualmente a mais bem guarnecida pela força constante da inclusa nota, e assim mesmo necessita de mais corpos de cavallaria para guarnecer a grande extensão de trinta e tantas leguas, que tem sua linha desde Guabijú até Itaquatiá, terreno todo aberto.

« E' certo que o governo d'esta provincia tem chamado ao serviço de destacamento mais alguns corpos da guarda nacional do interior da mesma provincia, mas quando elles chegarão á fronteira?

« Por tanto me parece muito conveniente que para esta provincia viessem pelo menos dous batalhões de infantaria, para estacionarem nas cidades de Jaguarão e Rio Grande.

« São estas as ponderações que me occorrem offerecer a V. Ex. que se dignará tomal-as na consideração que merecerem, assegurando a V. Ex. que opportunamente darei conta do que encontrar nas fronteiras de Quarahym e Missões, para onde seguirei por estes dias.—*João Frederico Caldwell.* »

« Secretaria de estado dos negocios da guerra.—2.ª directoria geral, em 24 de Janeiro de 1865, na cidade de Bagé.

« Illm. e Exm. Sr.—A ser verdade que os Paraguayos invandiram o Estado de Corrientes, parece-me conveniente redobrar a nossa vigilancia e meios de repellir qualquer aggressão, e por isso julgo necessario chamar-se a destacamento maior força da guarda nacional, afim de organisar-se com presteza uma columna volante ás ordens de um chefe activo e emprehendedor.

« Submettendo á apreciação de V. Ex. estas idéas as tomará na consideração que merecerem.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, presidente d'esta provincia.—*João Frederico Caldwell.* »

Os meios que se empregaram para repellir os Paraguayos quando elles entraram na provincia a 10 de Junho, foram sem duvida differentes dos que lembra o officio acima.

Depois que o nosso pequeno exercito passou para o estado Oriental, a 2 de Dezembro de 1864, principiou o presidente a chamar os corpos da guarda nacional para o serviço de campanha, e para guarda e defeza das fronteiras de Quarahym e de Missões, cujo commando deu ao brigadeiro honorario David Canavarro; o que communicou ao governo imperial em officio de 14 de Janeiro de 1865.

Para mostrar quanto o presidente foi cuidadoso em defender a provincia seis mezes antes da invasão, basta transcrever aqui parte d'este officio acima citado.

Diz o presidente da provincia:

« Depois das providencias que em meus officios a V. Ex. de 21 do mez passado e 2 do corrente, communiquei haver dado, determinei o seguinte:

« Chamei a serviço de campanha o corpo n. 16 de cavallaria da guarda nacional do commando superior de Porto Alegre. Commanda este corpo o tenente-coronel José Joaquim da Silva, que me informam ser bom official.

« Deliberei organisar o corpo provisorio n. 14 com 403 praças, de 607 que era o plano dado para sua organisação. As 204 praças excedentes com mais 199 que chamei a serviço de outros corpos, formaram mais outro provisorio com a numeração de 24. Estes corpos pertencem ao commando superior de Santo Antonio da Patrulha e fazem parte da brigada do coronel José Ignacio da Silva Ourives.

« Para major assistente junto á dita brigada, nomeei o major do esquadrão da Conceição do Arroio, Antonio Marques da Rosa, e para ajudante de ordens nomeei capitão o o guarda nacional Manoel Alves de Paula.

« Na organisação d'esses corpos tem apparecido as difficuldades com que já estou muito affeito a lutar, provenientes das intrigas e divergencias locaes. Espero, porém, vencel-as, como felizmente tenho vencido as outras, e ultimamente estive com o coronel Ourives, que foi animado dos melhores desejos em ordem a vencer tudo; para com brevidade marcharem os corpos de sua brigada.

. . . .

« Os acontecimentos precipitam-se, tenho necessidade de expedir e tenho expedido medidas extraordinarias, e algumas d'estas precisam receber o sello da approvação do governo imperial, para terem toda a força de obrigar.

« Prende-se immediatamente a este assumpto a organisação da divisão que communiquei a V. Ex. haver deliberado crear para guarda e defesa das fronteiras de Quarahym e Missões, tendo nomeado para commandar a dita divisão o brigadeiro David Canavarro. »

Por este officio do presidente ao ministro da guerra, o qual contém outras providencias que deu para se armar a provincia em Janeiro de 1865, com receio de hostilidades do governo do Paraguay, as quaes não é preciso aqui relatar, mostra-se que elle não se descuidou um só dia de dar todas as providencias que estavam ao seu alcance e de mandar cumprir as ordens do governo imperial, e por isso descançava na guarda nacional e nos seus commandantes.

O brigadeiro Canavarro diz ao presidente em carta do 1.º de Janeiro de 1865 o seguinte :

« A execução das ordens de V. Ex. vão garantir as fronteiras contra invasão de 10,000 homens, assim o creio : e seria um complemento se o rio Uruguay fosse guarnecido por seis lanchões armados de rodisios, e guarnecidos com 20 homens cada um. Não temeriamos a juncção de Paraguayos, Entre-Rios e Corrientes. »

O brigadeiro Canavarro prometteu ao presidente ter na sua divisão 8,000 homens ; nunca aquelle commandante reunio 2,000; e a fronteira ficou exposta a ser invadida como aconteceu, estando com esta pequena força muitas leguas longe da villa de S. Borja.

Entre a correspondencia do brigadeiro David Canavarro, encontram-se dous documentos importantes.

« Commando da divisão destacada no Quarahym e Missões. —Quartel-general em S. Gregorio, 20 de Janeiro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Apresso-me em levar ao conhecimento de V. Ex. as participações inclusas por cópia, que acabo de receber.

« Temos numerosas forças do Paraguay sobre a fronteira argentina, transposta a qual, as teremos na margem direita do Uruguay, que falto de agua como está, dá passagem a váo em alguns pontos ; nada póde obstar, visto que não temos

guarnição maritima. Cumpre-nos, pois, preparar o recebimento na margem esquerda.

« Armamento e munições quanto antes para a guarda nacional, que acode ás armas voluntariamente, e com enthusiasmo.

« Os batalhões de linha que houver em Bagé e artilharia, quanto antes para esta fronteira, mais nada temos a temer; pelo contrario felicitações antecipadas pelo triumpho de nossas armas.

« Deus guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. general Lopo de Almeida Henriques Botelho e Mello, commandante das forças em guarnição na provincia.—*David Canavarro*, brigadeiro.

Carta do brigadeiro David Canavarro a S. Ex. o Sr. presidente da provincia, em 20 de Fevereiro de 1865.

« Com prazer dou conhecimento a V. Ex. das communicações inclusas por cópia. D'ellas se collige que os Paraguayos em numero de 10,000 mais ou menos, se encaminham a esta provincia, em direitura a S. Borja

« Com a chegada dos corpos, batalhões e artilharia, que fez V. Ex. marchar, e os existentes, temos com que fazer o recebimento a taes hospedes. Não nos incommodarão muitos dias, como já tenho dito, e affirmo a V. Ex. Não é menos satisfatoria a noticia sobre a intenção dos Correntinos, quando nos basta a sua neutralidade.

« Queira V. Ex. autorisar-me a admittir aqui as forças do nosso alliado Flôres e ao correspondente pagamento das etapes. Póde ser necessario que parte d'ellas, das que andam ao norte do Rio Negro, passem a esta provincia, dada a invasão.

« Em data de 10 do corrente me diz o general Lopo, que o batalhão 10.º e o corpo 26.º partiram a 15 de Bagé. V. Ex. conhece ser necessario activar a marcha dos corpos, que estão destinados a esta divisão.

« Muito convém que V. Ex. ordene que o pagamento da compra ou frete das carretas a que estou autorisado, se faça por qualquer das collectorias de Alegrete, Livramento, ou alfandega de Uruguayana. Com difficuldade e máo preço se obtem, sendo o pagamento em Bagé.

« Aqui tenho estado em organisação dos corpos, 21.º e 27.º sem armamento, exercicio, etc., á espera dos corpos, batalhões e artilharia, e mesmo a ver o destino da cavallaria inimiga de Munhoz. Os corpos tem falta de cornetas de toque, e eu lembro a V. Ex. a remessa d'este instrumento de absoluta necessidade.

Sempre de V. Ex. amigo, etc.—*David Canavarro.* »

Pelos officios do presidente com data de 30 e 31 de Janeiro de 1865 ao ministro da guerra, vê-se quanto a pro-

vincia estava desarmada, na presença dos acontecimentos que se passavam no Estado Oriental desde o anno anterior, as difficuldades com que o presidente lutou para conseguir alguma cousa.

Não faremos a transcripção completa de tódos os officios das autoridades e chefes militares d'aquella provincia, porque formariam um grande volume; apresentamos o extracto dos mais necessarios, para esclarecimento do objecto de que vamos tratar.

CORRESPONDENCIA OFFICIAL DOS CHEFES MILITARES DA PROVINCIA.

O capitão commandante da guarnição da Villa de Uruguayana, Joaquim Antonio Xavier do Valle, avisou ao brigadeiro David Canavarro, em 27 de Dezembro de 1864, que por cartas de Itaqui e S. Borja, constava que os Paraguayos tinham passado o Paraná com direcção aquella provincia.

O general Caldwell officia ao presidente em data de 24 de Janeiro, da cidade de Bagé, que lhe constava terem os Paraguayos invadido a provincia de Corrientes, que lhe parecia conveniente augmentar os meios de repellir qualquer aggressão; e por isso julgava necessario chamar-se a destacamento maior força da guarda nacional, afim de organisar-se, com presteza, uma columna volante ás ordens de um chefe activo e emprehendedor.

O presidente da provincia participou ao ministro da guerra a 1 de Fevereiro de 1865, que não havia armamento algum nos depositos da provincia.

Em 18 de Fevereiro officiou o presidente ao ministro da guerra, dizendo-lhe que tinha concordado com o Barão de Jacuhy, organisar uma divisão de tres brigadas, para a defeza da fronteira de Jaguarão. Emquanto se organisou esta divisão, tratou o seu commandante, o Barão de Jacuhy, de impôr ao presidente um fornecedor nomeado por elle. O presidente providenciou como convinha ao fornecimento da guarda nacional destacada.

A 5 de Março communica o dito barão ter recebido noticias officiaes da fronteira de Quarahym, de pretenderem os

Paraguayos invadir a provincia por S. Borja; mas que dava pouca importancia a essas noticias, por considerar-se com forças sufficientes para rechaçal-os.

Pelo aviso do ministerio da guerra de 8 de Março, se determinou ao presidente que devem ser tomadas, de accordo com o general commandante das armas, as medidas concernentes ao movimento de forças nas fronteiras, e de conformidade com as instrucções que devia receber.

No espaço de seis mezes, depois que o governo imperial declarou guerra ao do Paraguay, não hove na provincia do Rio Grande um general que organisasse um exercito para a defender da invasão annunciada com tanta antecedencia, apezar das ordens terminantes do ministerio da guerra, aqui transcriptas.

Estas ordens foram despresadas por quem as devia cumprir, o que se collige da ordem do dia do ministro da guerra (Ferraz), e do parecer das commissões de engenheiros adiante copiadas; do que resultou que quando os Paraguayos passaram o rio Uruguay, encontraram a resistencia que lhe oppôz o 1.° batalhão de voluntarios e 200 homens da guarda nacional.

O presidente participou ao ministro da guerra, em 18 de Março, os lugares para onde tinha mandado os corpos militares que existiam na provincia, e os que se iam organisando.

A 25 e 30 de Março faz identicas communicações, e declara ter tomado taes disposições de accordo com o commandante das armas.

Em 17 de Abril, officiou ao ministro da guerra, que foi avisado pelo ministro plenipotenciario do Brasil ter o Paraguay declarado guerra á Confederação Argentina; que, sendo invadida a provincia de Corrientes, as forças paraguayas de Itapua podem pretender atacar-nos pelas fronteiras de Missões; que deu parte ao brigadeiro Canavarro para estar prevenido; mas que não acredita que as forças paraguayas passem o Uruguay, porque hão de ser derrotadas.

Que determinou ao Barão de Jacuhy concentre todos os corpos da divisão de seu commando sobre a fronteira de Bagé

e ahi aguarde segunda ordem, deixando apenas um corpo de guarnição na fronteira de Jaguarão.

Por esta fórma ficará a 2.ª divisão em caminho para as fronteiras do norte; mas não foi esta a principal razão porque deliberei concentrar as forças sobre aquelle ponto das fronteiras.

Em carta de 17 de Abril, respondeu o presidente ao brigadeiro Canavarro, que não tem artilharia raiada para mandar substituir a que lá existe, e o autorisa a mandar fazer os carros que precisa para 8 bocas de fogo, conforme pede.

Diz ao mesmo brigadeiro, que as forças do seu commando e as da 2.ª divisão deverão operar de combinação e segundo um plano assentado, salvo emergencias importantes em que devemos fazer o que nos parecer melhor na occasião.

A carta que o brigadeiro Canavarro dirigio ao presidente da provincia a 16 de Abril, merece ser copiada, para se conhecer que qualidade de militar foi Canavarro.

« Ao receber esta já V. Ex. estará sciente da participação que recebi de Missões, quanto ao movimento das forças paraguayas e suas intenções sobre esta provincia.

« Não tenho duvida que esses 30,000 Paraguayos, desde que passarem o Uruguay, estão perdidos.

« O quadro por esta face é lisongeira; abertas mostra as portas da Assumpção. No reverso, porém, se mostra a destruição de nossas povoações, habitações, interesses, e, talvez de vidas do litoral.

« Emquanto não receber ordens terminantes a respeito e em quanto me couber o commando das forças em operações na linha do Uruguay, tenho resolvido empregar os meios de obstar a passagem do inimigo.

« Regulo na provincia, entre a 1.ª e a 2.ª divisão, cerca de 12,000 homens, inclusive o 1.° batalhão de voluntarios da côrte, que foi para Missões. Muito podemos fazer, nem tenho temor algum, salvo a destruição referida. No Estado Oriental temos igual numero, em quanto estão chegando batalhões do norte. Ha pois com que derrotar o inimigo, essa não é a duvida.

« Com tempo, rogo a V. Ex. que me dê as suas ordens para cumpril-as. Devo obstar a passagem dos Paraguayos? Ou devo consentir que elles passem ao nosso territorrio? Não me cabe tomar a responsabilidade de não impedir sem ordem official de V. Ex.

« Afim de obstar é preciso dividir as forças em diversos

pontos, visto que não se sabe qual será o escolhido, e n'este caso podia o nosso exercito destacar ao menos uma divisão, para reforçar onde convier. São medidas preventivas que se devem tomar, porém ainda direi que não creio na fallada invasão.—*David Canavarro.* »

Outra carta de Canavarro de 25 de Abril ao presidente, em que lhe diz que recebeu do coronel Fernandes a participação que remette por copia, e que dará conhecimento a S. Ex. da approximação dos paraguayos.

« Teremos o prazer de receber os visitantes (diz elle) como é devido ás boas intenções com que vêm, isto é, se não puderem ser repellidos, segundo tenho declarado a V. Ex. Se não fôr possivel evitar o unico mal da passagem nas povoações de S. Borja e Itaqui, é uma fortuna tel-os d'este lado do Uruguay, como tantas vezes tenho declarado. »

Um officio do presidente ao general Caldwell, commandante das armas, com data de Pelotas do 1.° de Maio, contém o seguinte:

« Por communicações officiaes recebidas hontem, consta que os Paraguayos tinham marchado de S. Carlos, que avaliam em 25,000 homens, com direcção á fronteira de S. Borja.

« O commandante da 1.ª divisão pretendia marchar no dia 25 do corrente com as forças que estão em Sant'Anna do Livramento, e tanto elle como o commandante da 1.ª brigada, coronel Fernandes, contam poder repellir qualquer tentativa de invasão.

« Transmittindo estas noticias a V. Ex., julgo dever ponderar-lhe a conveniencia de fazer marchar quanto antes o 5.° batalhão de voluntarios da patria para aquelle ponto da fronteira que V. Ex. julgar mais acertado. »

Em datas de 3 e 6 de Maio continuou o presidente a ordenar o movimento de corpos para guarnecer as fronteiras de Jaguarão, Bagé e Uruguayana. Recommenda ao commandante das armas toda a actividade que fôr preciso empregar para desbaratar essa força paraguaya, que occupa a margem esquerda do Paraná.

AVISO DO MINISTRO DA GUERRA.

O ministro da guerra Angelo Moniz da Silva Ferraz, em aviso de 20 de Maio, diz ao presidente do provincia:

« Que faça seguir para a fronteira de Missões ao general commandante das armas, e toda a força disponivel que hou-

ver na provincia; e que lhe parecem exagerados os receios de uma invasão do inimigo pelo lado do Jaguarão; e entretanto, se um golpe se verificar na fronteira de S. Borja, em consequencia de não ter o presidente tomado todas as providencias para a concentração de forças, que pondere qual a responsabilidade do governo e dos seus delegados. »

O presidente respondeu em data de 31 de Maio:

« Que já ha muito expedio suas terminantes ordens ao commandante das armas para reunirem-se ao exercito todos os officiaes do estado maior da 1.ª classe; e os arregimentados; que todas as forças existentes já estavam nas fronteiras do Uruguay ou em marcha; mandando collocar as brigadas em differentes lugares. »

Note-se que sendo o brigadeiro Canavarro commandante da fronteira do Uruguay, e o coronel Barão de Jacuhy commandante da fronteira de Bagé, pertencia a estes commandantes organisar as suas forças e collocal-as onde defendessem a provincia.

Diz ainda o presidente da provincia ao ministro da guerra:

« Que entre o coronel Barão de Jacuhy e o brigadeiro Canavarro não ha boas relações, que podem apparecer conflictos prejudiciaes ao serviço; que tambem não são boas as relações entre o Barão de Jacuhy e o general Ozorio; finalmente, declara que não tem receio de qualquer golpe de mão, salvo um descuido imperdoavel da parte dos chefes militares, ou assalto por forças muito numerosas, que seja impossivel toda a resistencia. »

Estas declarações, comparadas com os factos que se seguiram, mostram quanto era digno de censura o procedimento de alguns chefes militares.

Apezar das partes que remetteram da fronteira de S. Borja ao brigadeiro Canavarro da approximação do exercito paraguayo, os chefes militares ainda não acreditaram que isso tivesse lugar.

Estas são as partes.

Carta de Luiz Pedro José Guedes, de Santa Maria, com data de 30 de Abril, dirigida ao coronel Antonio Fernandes de Lima, dando-lhe conta da invasão do exercito paraguayo, que já tinha passado o Paraná para vir ao Brasil; qual a sua força e posição; bem como as atrocidades que praticavam com os Brasileiros, não os deixando passar para o seu paiz.

Officio do tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, com data de 8 de Maio, dirigido ao coronel Antonio Fernandes de Lima, commandante da 1.ª brigada, participa que os Paraguayos se approximam á costa do Uruguay, que n'aquelle dia acham-se 6 leguas distantes de S. Thomé, que a sua vanguarda regula por 800 homens: as autoridades do outro lado pedem-lhe soccorro, que elle tem vontade de passar com o seu esquadrão, que o não fez por não ter ordem.

O officio do coronel Antonio Fernandes de Lima, do Passo das Pedras, de 10 Maio, ao brigadeiro Canavarro, lhe confirma a approximação das forças inimigas; e n'elle communica-lhe que fica apromptando a sua brigada, para acudir a qualquer ponto da fronteira que seja atacado.

A carta do brigadeiro Canavarro ao presidente da provincia, de 13 de Maio, contém o seguinte:

« Hontem, recebi do coronel Fernandes as communicações inclusas por cópia, que dão conhecimento a V. Ex. da marcha dos Paraguayos de S. Carlos. Pelos calculos vamos ter sobre a fronteira 14,000 homens. Respondo ao coronel Fernandes que tome as cautelas precisas, sempre no sentido de obstar á passagem, e mesmo de passar além conforme as circumstancias....

« Noticias exactas são, que será preciso ir achar o inimigo além do Paraná, por que a marcha das forças brasileiras, que vão em progressivo crescimento, não terá obstaculos que não vença até Assumpção. Esta divisão está com mais de 8,000 homens e bem armados; são bastantes para repellir a 16,000 Paraguayos de nossa fronteira . »

E' notavel esta carta de Canavarro ao presidente da provincia pelas inexactidões que contém; veja-se o que diz, e o que fez quando os Paraguayos invadiram a provincia.

D'este modo Canavarro illudio sempre o presidente, mas este quando o conheceu já nada podia remediar.

O officio do presidente da provincia do 1.º de Junho de 1865 ao ex-ministro da guerra (Ferraz,) contém o seguinte:

« De Sant'Anna escreve-me no dia 13 do passado o brigadeiro Canavarro, e transmitte-me as communicações que recebeu de S. Borja com data de 10.

« Segundo essas communicações, que incluso envio a V. Ex., os Paraguayos de S. Carlos e S. Christovão movem-se talvez para sobre as fronteiras da provincia. Mas são noticias

a que dá pouco credito o coronel Fernandes, que as transmitte, e que o brigadeiro Canavarro recebeu tambem com pouca importancia.

« Entretanto diz elle que no dia 15 do passado marchava com o resto das forças da divisão, não o tendo feito ha mais tempo por não estarem ainda promptas as carretas de transporte. . . . .

. . . .

«Recebo neste momento as inclusas communicações da fronteira de S. Borja, com data de 13 do passado; por ellas verá V. Ex. que nenhuma novidade havia occorrido por aquella fronteira. »

« Quartel do commando da 1.ª brigada e fronteira de Missões, no Passo das Pedras, 10 de Maio de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.— N'este momento acabo de receber as communicações sobre o movimento dos Paraguayos, como melhor verá V. Ex. pela carta e officio que me dirigio o commissionado de S. Thomé D. Aristides Stifani, e cópia do officio que me dirigio o tenente coronel Manoel Coelho de Souza, commandante do 28 corpo provisorio.

« A' vista d'estas noticias deliberei mandar hoje um official ao outro lado do Uruguay, dirigido ao Sr. coronel Paiva, commandante d'aquella fronteira, afim do trazer-me uma noticia exacta de todos os movimentos do inimigo, e do resultado communicarei a V. Ex.

« —Illm. e Exm. Sr. general David Canavarro, commandante da 1.ª divisão.—*Antonio Fernandes de Lima*, coronel commandante. »

« Quartel do commando da 1.ª brigada e fronteira de Missões.—S. Borja, 13 de Maio de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. —A vista das participações que tive da approximação do exercito Paraguayo sobre a costa do Uruguay, no dia 11 do corrente marchei com a brigada do meu commando para este ponto, onde cheguei hontem cedo; com effeito já tinham havido algumas guerrilhas das forças correntinas com a vanguarda da força paraguaya; porém sendo esta muito superior em numero e bem armados, nada podiam fazer aquellas, porque estão quasi desarmadas.

« Pelo officio que transmitto a V. Ex. de um capitão que mandei a Corrientes descobrir a força dos inimigos, verá V. Ex. que os dous chefes correntinos, coroneis Paiva e Reguera, já se acham com uma força de 1,000 homens mais ou menos acampados nos Guays; e por elle tambem ficará orientado do numero presumivel das forças paraguayas, sendo certo que eu pessoalmente hoje avistei uma força além do Uruguay em frente ao Passo de S. Borja, que regulei em 600 a 800 homens, mais ou menos.

« Tenho convicção que esta força paraguaya não veio até esta altura, mais que por levantar os gados e mais animaes

d'aquella fronteira, porque d'este lado se tem visto arreiar um grande numero de animaes.

« Quasi toda a costa do Uruguay n'esta parte da fronteira esta vigiada pelos Paraguayos, que expulsaram os Correntinos e assenhorearam-se das fazendas de gados alli estabelecidas, quasi na totalidade pertencentes a Brasileiros.

« Até esta data não tentaram invadir nossa fronteira, nem creio que tentem, mas se por ventura o quizerem fazer opporei toda a resistencia possivel a repelil-os.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. general João Frederico Caldwell, commandante das armas d'esta provincia.— *Antonio Fernandes de Lima* »

E' para admirar que desde o principio de Maio, em que os Paraguayos appareceram na margem direita do Uruguay ameaçando a provincia do Rio Grande, até 10 de Junho, não houvesse tempo de se ter reunido e organisado as forças existentes e espalhadas na provincia, para bater os Paraguayos quando passaram o Uruguay.

Por aviso do ministerio da guerra de 3 de Junho de 1865, se recommenda ao presidente que concorra para haver entre os diversos commandantes e chefes de forças com o general em chefe o melhor accordo e harmonia.

Em occasião de guerra principalmente, não se devia tolerar que houvesse desharmonia entre o chefes militares da provincia; e, n'este caso, foi improficuo o aviso do ministerio da guerra de 3 de Junho de 1865, porque aquella desharmonia, de que fez menção o presidente, queria dizer que não se devia contar com a força armada para defeza da provincia, ameaçada da invasão paraguaya.

O governo imperial á vista da declaração do presidente, devia ter dado logo as providencias que o caso exigia, e não deixar ficar no commando os chefes que não obedeciam ás ordens do governo

O ex-ministro da guerra devia saber que, sem disciplina militar a força armada é inutil.

O general commandante das armas officiou ao presidente a 16 de Junho, do passo de Saycan, dando-lhe parte da entrada dos Paraguayos na provincia.

O presidente respondeu-lhe em data de 23, dizendo-lhe :

« Que está dando providencias para a marcha dos corpos, remessa de armamento, equipamento. »

Diz tambem ao general Caldwell :

« Que o commandante da 1.ª brigada pede cartuxos e espoletas. Sobre as operações militares não ouso dizer a V. Ex. cousa alguma. Não creio que o inimigo tente internar-se, nem o possa fazer, á vista das forças que alli temos, que, se não puderem batel-os por termos pouca infantaria, podem tirar-lhes todos os recursos, porque elles tem pouca cavallaria.»

Com esta desorganisação do serviço militar, que existia na provincia na presença da guerra o que fica demonstrado com a correspondencia official que aqui apresentamos, não era possivel embaraçar a invasão inimiga.

O presidente officiou ao general commandante das armas (Caldwell), em 3 de Julho, e lhe diz o seguinte:

« Lamento com V. Ex. este acontecimento da invasão de forças inimigas n'esta provincia, e lamento ainda mais por entender que elle foi devido principalmente á nimia facilidade dos chefes das nossas forças encarregados de impedil-a.

« As intenções do inimigo sobre as fronteiras do Uruguay eram ha muito annunciadas, e d'ellas estavam prevenidos os referidos chefes.

« Estavam concentradas sobre a mesma fronteira forças; que eu confiava serem bastantes para repellir qualquer invasão, e o punhado d'ellas que no passo de S. Borja fez resistencia improficua pela immensa desigualdade do numero, ainda, mais justifica a minha confiança.

« Entretanto a invasão foi effectuada com sorpresa, porque só d'ella teve noticia o commandante da 1.ª brigada quando o inimigo já operava a passagem do rio; e o grosso de nossas forças com infantaria e artilharia, que ha tanto tempo tem ordens e se preparava para marchar para os pontos ameaçados, no dia 3 do passado ainda estava nas pontas do Ibirocay, e no dia 12 ainda occupava o mesmo lugar! (1)

« Vejo pela cópia do officio do commandante da 1.ª divisão, que elle se dirigio ao general em chefe do nosso exercito de operações, requisitando-lhe com urgencia o reforço de infantaria para atacar o inimigo. Devo ponderar a V. Ex. que é bem possivel não poder ser prestado o auxilio requisitado.

« O nosso exercito não opera isoladamente, mas de combinação com o dos alliados, e é muito provavel que as combinações e planos ajustados sejam um embaraço para poder

(1) Commandadas por Canavarro.

o mesmo general destacar alguma parte das forças do exercito de seu commando, sem incorrer em grave responsabilidade. Talvez seja até o plano do inimigo, atacando-nos por esta provincia, provocar semelhante diversão.

O resto do officio são considerações sobre a necessidade de reunir os corpos espalhados; mas que elle general deliberasse livremente como entendesse mais conveniente.

Diz-lhe ainda o presidente:

« A noticia deve de produzir muito dolorosa impressão no governo imperial; e se com os recursos da provincia do Rio Grande do Sul, não se puder rechassar uma invasão de 8 a 10,000 homens paraguayos, perderemos muita força moral perante o estrangeiro. »

O coronel Antonio Fernandes de Lima tinha communicado ao brigadeiro Canavarro, em data de 27 de Maio do acampamento do Passo de Santa Luzia, que os Paraguayos appareceram de 300 a 400 defronte de S. Borja; e o brigadeiro Canavarro o participa ao general commandante das armas, em data de 3 de Junho do acampamento das pontas do Ibirocay.

Além de outras informações já citadas sobre a proximidade dos Paraguayos na margem do Uruguay, esta ultima era sufficiente para obrigar aos generaes Canavarro e Cardwell a fazerem alguma cousa em defesa da provincia.

O mesmo coronel Antonio Fernandes de Lima participou ao brigadeiro Canavarro, em 10 de Junho, e ao general Caldwell a 13, que os Paraguayos passaram o Uruguay no Passo de S. Borja, e que as tropas que se oppuzeram foram o 3.° batalhão de guarda nacional e o 1.° de voluntarios, os quaes no fim de algum tempo se retiraram em consequencia da grande força que os atacava. Vejamos a informação que o presidente deu ao governo imperial, em 9 de Julho de 1865:

OFFICIO DO PRESIDENTE AO MINISTRO DA GUERRA.

« Illm. e Exm. Sr.—Com profundo desgosto transmitto a V. Ex., com as cópias inclusas das communicações officiaes, as importantes noticias até este momento recebidas da fronteira do Uruguay e que alcançam apenas a 22 do mez findo, do Alegrete.

« No dia 10 foi a provincia invadida por uma força paraguaya, que calculam em 8 a 10,000 homens das tres armas. O inimigo transpôz o Uruguay, no Passo de S. Borja, encontrando ahi apenas a pequena resistencia que lhe podiam oppôr cerca de 200 homens das nossas forças, dos quaes 120 de infantaria e 70 a 80 de cavallaria.

« O 1.º batalhão de voluntarios da patria estava acampado duas e meia leguas de distancia de S. Borja, e quando o o seu commandante, tendo noticia da invasão, apressadamente pôde chegar áquella villa, já o inimigo estava do lado de cá, em um numero tão avultado, que temeraria lhe era qualquer resistencia. Assim mesmo tentou alguma cousa fazer; mas embalde, e teve logo de retirar-se para não ser anniquilado pela grande massa inimiga.

« As primeiras noticias da invasão muito vagas, chegaram á esta capital a 16, transmittidas pelo commandante superior de Santa Maria.

« No dia 24 recebi os officios do general commandante das armas, datado do Passo do Saycan a 15 e 16, transmittindo-me os que havia recebido do commandante da 1.ª brigada e da 1.ª divisão, e communicando-me haver sabido, por um individuo que alli tinha chegado, que a 1.ª brigada e o 1.º de voluntarios haviam sido destroçados.

« No dia 27 recebi as participações circumstanciadas transmittidas pelo commandante da 1.ª brigada.

« Dirigindo-me ao commandante das armas em data de 3 do corrente, não pude deixar de significar-lhe a minha opinião, que a invasão foi devida principalmente á nimia facilidade dos chefes encarregados da defesa da fronteira.

« Um acontecimento previsto e annunciado com tanta antecedencia, deu-se de sorpresa para o commandante da 1.ª brigada, e havendo apenas no ponto mais ameaçado cerca de 200 homens de nossas forças!

« Esta minha opinião é tambem a do general commandante das armas no seu officio de 22, transmittindo-me a participação do coronel commandante do 1.º de voluntarios.

« N'este officio o general commandante das armas assignal-a a circumstancia de só haverem apparecido no lugar do combate cerca de 200 homens da força da 1.ª brigada; quando segundo os mappas que me transmitte e que envio inclusos a V. Ex., o effectivo d'essas forças é de 2,423.

« O corenel commandante do 1.º de voluntarios informa que os corpos da 1.ª brigada estavam quasi todos licenciados e que elle achou-se no ataque quasi só com o batalhão do seu commando, o qual cumprio o seu dever na difficil posição em que se achou, tendo á sua frente um inimigo dez vezes superior em numero. »

Passa depois o presidente a dar parte das providencias que

deu, as quaes de nada serviram nem podiam servir ; continúa o seu officio assim:

« O brigadeiro Canavarro, desde o dia 3 do mez findo, acha-se acampado com o grosso das forças da divisão nas pontas de Ibirocay. No dia 12, quando recebeu as noticias da invasão ainda estava nas pontas Ibirocay, e até as ultimas noticias que tenho, e que são de Alegrete, conservava-se ainda no mesmo lugar.

. . . .

« Lamento, como todo o Brasileiro lamentará, o facto da invasão da provincia, que produzio um grande abalo em toda ella, e que necessariamente produzirá muito dolorosa impressão no governo imperial.

« Sei não ter uma opinião bastante autorisada para infundir a tranquillidade sobre as consequencias d'este acontecimento; mas confio que o inimigo ha de ser rechaçado, ou venha o reforço de infantaria, que foi requisitado, ou só com os recursos da provincia.

« No entretanto, pede a franqueza e lealdade que declare a V. Ex. como n'esta occasião declaro a S. Ex. o Sr. presidente do conselho, que uma dolorosa experiencia de 14 mezes de administração d'esta provincia, tem-me feito convencer que, na actualidade, o difficil e espinhoso cargo que tenho a honra de occupar deve ser exercido por quem possa reunir o supremo commando das forças militares.

« Illm. e Exm. Sr. Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—O presidente, *João Marcellino de Souza Gonzaga.* »

OFFICIO DO GENERAL COMMANDANTE DAS ARMAS DA PROVINCIA, DATADO DE ALEGRETE DE 22 DE JUNHO DE 1865.

« Illm. e Exm. Sr.— Em additamento ao meu officio de 18 do corrente e n. 199, vou depositar nas mãos de V. Ex. a cópia da parte que deu-me o coronel João Manoel Menna Barreto, sobre o combate que vio-se forçado a travar com os Paraguayos no dia 10 do corrente, não obstante a immensa differença de força; para assim poder dar tempo ás familias, que habitavam a villa de S. Borja, a retirarem-se sem ser deshonradas e injuriadas por essa horda de salteadores; como de tudo melhor V. Ex. se certificará com a leitura d'esse documento.

« Os mappas juntos mostram que a força da 1.ª brigada e fronteira de Missões é de 2,423 praças ; abatendo-se 373 que se acham em differentes destinos, restam 2,050, que deveriam tomar parte na acção; no entretanto que só compareceram no lugar do combate 200, sendo 130 de infantaria e 60 a 70 de cavallaria.

« Isto tem-me causado tal sorpresa e admiração que ainda não pude ajuizar o que tal originaria, maxime tendo o dito commandante me communicado que o inimigo se achava do outro lado do Uruguay, ao passo que não dava a menor providencia no sentido de obstar a passagem, e se não fosse o 1.ª corpo de voluntarios da patria, por certo teriam pisado n'este territorio sem soffrer fogo; pelo que vou mandar marchar o bravo coronel João Manoel Menna Barreto com uma brigada de cavallaria, para observar e impedir que o inimigo se interne pela provincia, até que se reuna toda a força aqui existente, para então batel-o. Do que occorrer irei dando conhecimento a V. Ex. como me cumpre.

« Illm. e Exm. Sr. João Marcellino de Souza Gonzaga, presidente da provincia.—*João Frederico Caldwell.* »

OFFICIO DO CORONEL JOÃO MANOEL MENNA BARRETO, COMMANDANTE DO 1.º CORPO DE VOLUNTARIOS DA PATRIA, AO TENENTE-GENERAL COMMANDANTE INTERINO DAS ARMAS.

« Campo do Famoso, em 13 de Junho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. a narração dos graves acontecimentos que assignalaram o dia 10 do corrente, e em que coube larga parte ao 1.º corpo de voluntarios da patria, que se acha a meu mando.

« Tendo fallecido no dia 9 do que rege o soldado da 1.ª companhia José Zacarias da Silva, achava-se o batalhão procedendo á sepultura no dia 10 pelas 7 horas da manhã, no Lageado, distante duas e meia leguas de S. Borja, quando constou por um viajante que os paraguayos se haviam approximado muito da margem direita do Uruguay, quiçá na intenção de tentarem a passagem para o nosso territorio. Mas como por diversas vezes tal noticia se havia espalhado, não lhe liguei muita importancia, até que recebi um chamado formal do tenente-coronel José Ferreira Guimarães, e do major Rodrigo, ambos commandantes de forças estacionadas em S. Borja.

« Ordenei immediatamente que se municiassem as praças do meu commando e determinei ao capitão Raymundo José de Souza que fizesse marchar o batalhão com toda a brevidade ao ponto ameaçado, indo eu pessoalmente tomar conhecimento das posições do inimigo.

« Faltam expressões para narrar devidamente a. V Ex. as scenas pungentes que em meu caminho encontrei: vi mulheres desoladas, crianças, velhos, doentes, em grupos percorrerem a estrada de S. Borja, desvairados pedindo-me soccorro contra as crueldades, que todos receiavam, do barbaro inimigo que acabava de invadir o nosso territorio.

« Tratei de consolar e animar esses infelizes que, expulsos

pelo terror de suas casas, tudo abandonavam, procurando apenas salvar as vidas e a honra de suas familias.

« Em breve achei-me em frente do inimigo, onde encontrei um grande desapontamento, pois que em lugar de dous corpos de infantaria, e um corpo de cavallaria, apenas topei com 125 a 180 homens mal armados e pessimamente equipados, sem munições, pertencentes ao corpo de infantaria montada, acompanhados de 60 a 70 praças de cavallaria.

« Sem demora mandei ordem ao capitão Raymundo que viesse a marche-marche: o que com effeito effectuou, apresentando á 1 hora da tarde o batalhão, que acudia enthusiasmado em soccorro de seus irmãos de S. Borja.

« Mandei formar grandes divisões, e com a bandeira fluctuante na frente, avancei ao toque da musica sobre o inimigo, com vivas enthusiasmados a Sua Magestade o Imperador e á nação brasileira.

« Das 60 ou 70 praças de cavallaria, unica que alli encontrei, tirei 32 praças, ás quaes ordenei que atacassem a alla direita da linha de atiradores do inimigo, que occupava em filas dobradas uma extensão de 800 a 850 braças, tendo no centro duas peças que me pareciam ser de calibre 6.

« Na ala esquerda, um quarto de legua distante d'esta linha, o inimigo tinha um batalhão, que começava a estender-se para flanquear pela esquerda a villa de S. Borja, e na retaguarda de sua artilharia marchavam em columnas contiguas cinco batalhões, em uma distancia de meia legua, em quanto que pela costa do Uruguay se movia uma força maior de seis mil homens.

« Um só golpe de vista bastou para convencer-me que, com as forças diminutas de que eu dispunha, apenas poderia por um golpe audaz salvar as vidas e a honra das familias que ainda se achavam na indefeza villa de S. Borja. Persisti pois no ataque.

« Tendo o major José Cardoso de Souza Doca, á testa dos 32 lanceiros, carregado sobre a ala direita do inimigo, conforme as minhas ordens, e deixando o capitão Cardoso Tico com 35 ou 40 praças de cavallaria para observar o meu flanco direito, avancei com o corpo de meu commando sobre o centro do inimigo, recebendo a uma distancia de 140 a 150 braças uma descarga de metralha, e o fogo de toda a linha inimiga, de que resultou a morte de 5 praças do meu batalhão, sem contar numerosos ferimentos.

« Os meus soldados paravam para dirigir sobre o inimigo um fogo bem nutrido e certeiro, achando-me eu na frente das minhas linhas.

« Esta luta desigual prolongou-se desde uma hora e meia da tarde ás duas e meia, tempo em que julgando preenchido o meu fim, mandei retirar o batalhão para o interior da villa, o que effectuou em perfeita ordem, depois de haver,

cansado de uma longa viagem, e exhausto de duas horas de marcha forçada, sustentando durante tres quartos de hora o fogo vivissimo de uma força dez vezes maior

« Encontrando ainda na villa de S. Borja algumas familias, ordenei ao capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende que, com sua companhia, occupasse a rua de S. João, mandando a 8.ª companhia, commandada pelo capitão Carlos Augusto da Cunha, tomar posição na rua Direita.

« Durante o fogo achavam-se sempre ao meu lado os alferes Nuno de Mello Vianna e Agostinho Ribeiro da Fonseca, assim como o particular sargento de brigada Manoel José de Castro, e 2.º sargento da 3.ª companhia Assumpção.

« E' digno tambem de todo o louvor o alferes porta estandarte Paulino Gomes Jardim; que provou ser official distincto e de coragem não vulgar.

« O capitão Raymundo José de Souza, militar acostumado á disciplina, durante todo o tempo animou os nossos soldados com o seu exemplo e com a sua voz. Igualmente não posso deixar de mencionar os nomes dos Srs. tenente-coronel José Ferreira Guimarães, major José Cardoso de Souza Doca, e capitão Cardoso Tico; pelos serviços prestados, não só antes como durante e depois do combate, assim como o do tenente José Joaquim Menna Barreto, que muito me coadjuvou na minha retirada.

« Louvo a todos os officiaes e em geral a todo o 1.º corpo de voluntarios, a quem coube a gloria de salvar com a sua presença a população de S. Borja, como poderá V. Ex. especialmente certificar-se pela copia junta da carta que me dirigio o Sr. conego Gay, vigario d'aquella infeliz povoação.

« Posso asseverar a V. Ex. que não ficou uma só familia em S. Borja, pois que á frente de meu batalhão se retiraram as que ainda alli existiam.

« Lamento a morte de 7 praças, cujos nomes opportunamente communicarei a V. Ex.; além disto tenho nove feridos que se acham a cargo do Sr. Dr. João Ignacio Botelho de Magalhães, cumprindo declarar que este medico assistio bravamente a todo o combate, e logo que se tornaram necessarios os seus serviços, arvorou um hospital de sangue no centro da villa.

« Depois de haver acommodado os precitados feridos, e recolhido as armas dos mortos, retirei-me em boa ordem para Santa Maria, cinco leguas distante da villa.

« Pelo que levo dito a V. Ex. sem custo comprehenderá a difficil posição em que me achei, e se não pude por mais tempo fazer parar o inimigo, resta-me a satisfação ter-lhe infundido tal respeito, que só no cabo de tres dias animou-se a penetrar na villa, e a saqueal-a, dando assim tempo a que se retirassem para longe todas as familias, todas as bagagens, e toda a cavalhada mansa existente n'aquellas immediações.

« Apezar de haver visto manobrar o inimigo com disciplina, não posso deixar de ponderar a V. Ex. que é temeroso á vista de qualquer rasgo audaz.

« Além do louvor que em geral tive de expender com o meu batalhão, tomo a liberdade de fazer a V. Ex. menção honrosa do capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende, dos alferes, ajudante João Clemente Vieira Souto, Antonio da Costa Guimarães, e do alferes secretario Antonio Paulo Pinto da Fontoura, que me pedio como especial favor poder estar perto de seus companheiros durante o fogo.

« Não nos foi dada a felicidade de repellir o inimigo audaz, que acabava de vilipendiar o solo sagrado de nossa patria, e nem se quer coube-nos a gloria de derrotar completamente as suas linhas avançadas e tomar-lhes a sua artilharia; o que todavia teria sido tão facil, se podesse dispôr de toda a cavallaria que julgava encontrar no ponto tão importante e tão ameaçado de S. Borja.

« Ainda hoje apenas disponho de 800 homens, contando com o meu batalhão, desgarrado no meio de uma campanha exposta a qualquer golpe de mão do inimigo, no meio de habitações desertas, e baldo de todos os recursos, em que nem sequer um cavallo se encontra, com quasi toda a minha officialidade a pé, que na occasião do encontro com o inimigo perdeu a sua cavalhada; espero porém, reunir-me amanhã ou depois ao Sr. coronel Fernandes, que me consta achar-se reunido á sua brigada, em grande parte licenciada.

« Do que vai exposto espero que V. Ex. formará uma idéa exacta das occurrencias do dia 10, e da situação espinhosa em que actualmente me acho.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. João Frederico Caldwell, tenente-general commandante das armas. — *João Manoel Menna Barreto*, coronel commandante.

PARTE DO TENENTE CORONEL SEZEFREDO ALVES COELHO DE MESQUITA AO BRIGADEIRO DAVID CANAVARRO.

« Campo volante do Rincão do Bittencourt, em 27 de Junho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — Participo a V. Ex, que hontem fiz juncção com a brigada do Sr. coronel Fernandes, estando elle envolvido em um combate com a vanguarda do exercito paraguayo.

« A minha brigada era composta de um batalhão de infantaria, e o regimento n. 27 de cavallaria. A 1.ª brigada já havia recebido algum choque e prejuizo.

« Com a minha chegada reforçamos o combate, achando-se o inimigo acoberto por um forte banhado e restinga que tinha á sua direita. Fiz carregar pela sua frente com dous

esquadrões de lanceiros dos corpos 19 e 26 com o 3.º batalhão de infantaria da guarda nacional de S. Borja, que estava sob meu commando. O batalhão carregou sobre o centro do quadrado inimigo, em quanto uma parte da 1.ª brigada os acossava pela retaguarda.

« O fogo do inimigo era intenso e vivissimo, mas a sua cavallaria, que ainda restava do primeiro encontro, foi toda dispersa e cortada, e os nossos lanceiros arrojaram-se sobre a infantaria d'elles, e lhes fizeram grande matança.

« N'este ponto ficaram 74 homens mortos do inimigo, conseguindo retirar-se sempre em boa ordem cerca de 100 homens, que a poucos passos ganharam o matto. A perda total do inimigo calcula-se em 150 mortos, ficando em nosso poder toda a cavalhada ensilhada, tanto da cavallaria como da infantaria, grande porção de cavalhada solta, e muito armamento, fardas bonets, e duas bandeiras, que constam de listras azues, brancas e vermelhas, de cima para baixo, e sobre fundo preto.

« As nossas perdas são de 151, entre mortos e feridos. Fiz seguir os meus feridos para o Alegrete, porque não temos nem medicos nem ambulancias.

« O coronel Fernandes continúa em perseguição do inimigo, e eu parei só para fazer esta. O exercito inimigo fica hoje pela estancia de S. João, e presumimos que sua marcha é sobre Itaqui. O seu numero é de 11,000 homens, e trazem 32 carretas; isto confirma um prisioneiro que fizemos, moço muito esperto. Do outro lado do Uruguay, em frente a Itaqui, acham-se 5,000 paraguayos.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. general David Canavarro, commandante da 1.ª divisão ligeira.—*Sezefredo Alves Coelho de Mesquita*, tenente-coronel. »

Pelas partes officiaes acima transcriptas, soube-se que os Paraguayos invadiram a provincia do Rio Grande no dia 10 de Junho; o commandante das armas estava a 22 d'aquelle mez em Alegrete, 30 leguas ao sul de S. Borja, d'onde officiou ao presidente com essa data; e o brigadeiro Canavarro com uma força de 2,000 homens ou pouco mais estava nas pontas do Ibirocay no dia 12 do dito mez, a 20 leguas de S. Borja, o que o presidente participa ao ministro da guerra em officio de 9 de Julho.

Foi d'este modo que estes dous chefes de forças cumpriram as ordens e as instrucções que tinham para embaraçar a invasão e bater os paraguayos, quando passassem o rio Uruguay.

O presidente da provincia, a quem competia fazer executar as ordens que tinha recebido do ministro da guerra, communicou-as aos chefes militares, que ficaram immoveis em lugares distantes, para não embaraçar a invasão paraguaya; a explicação d'estes factos resume-se no que diz o presidente ao ministro da guerra em officio de 9 de Julho, já acima citado:

« Que uma dolorosa experiencia de 14 mezes de administração d'esta provincia, tem-me feito convencer que, na actualidade, o difficil e espinhoso cargo que tenho a honra de occupar, deve ser exercido por quem possa reunir o supremo commando das forças militares. »

O presidente da provincia conheceu que, com todos os esforços que fez, não conseguio defendel-a da invasão paraguaya, porque os chefes militares não cumpriram as ordens que tinham recebido do governo imperial para este fim.

Apezar d'esta falta de execução de ordens, devemos declarar que nas circumstancias em que se achou a provincia do Rio Grande, o seu presidente fez tudo quanto era possivel fazer um administrador que não era militar.

LIVRO SETIMO.

CONTINUAÇÃO DOS DOCUMENTOS OFFICIAES.

No principio de Março de 1865, já o governo imperial sabia que o Paraguay tencionava mandar um exercito para a nossa fronteira do Uruguay, pois que as communicações de Canavarro de 20 de Janeiro e 20 de Fevereiro ao presidente da provincia, que acima ficaram transcriptas, e as de outros chefes militares da fronteira de S. Borja e de Missões, deviam ter chegado ao conhecimento do ministerio. Entretanto continuaram a accumularem-se tropas no Estado Oriental, como se fosse aquelle paiz de necessidade a baze das operações do nosso exercito; o governo imperial assim o entendeu depois de estar decidida a questão com o governo de Aguirre, e isto acontecia antes de se fazer o tratado de alliança; portanto senão estava determinado que o exercito brasileiro seguiria para as provincias argentinas, o ministerio tinha já assentado que, qualquer que fosse o seu destino, devia marchar de Montevidéo para a margem do Uruguay; é o que se deprehende dos officios abaixo transcriptos.

AVISOS DO MINISTERIO DA GUERRA.

« Ministerio dos negocios da guerra.—Rio de Janeiro, 8 de Março de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Em resposta ás suas confidenciaes numeros 5, 7 e 8, de 17 e 19 de Fevereiro ultimo, tenho de declarar a V. Ex. para seu conhecimento: 1.° que fico inteirado de quanto me diz em relação ao movimento de forças na provincia, em razão dos successos da fronteira com o Estado Oriental, como pelas noticias do Paraguay.

« Como ora parte para essa provincia o commandante das armas interino, a quem dou instrucções de que enviarei cópia a V. Ex., as futuras medidas devem ser em conformidade d'ellas e com accordo de V. Ex. e aquelle commandante de armas; 2.° que inteirado do resolvido por V. Ex. ácerca da remessa de cavalhada para Montevidéo, tenho de autorizar a V. Ex. para continuar a comprar cavallos na maior porção, e sendo bem examinados; estes cavallos não sahirão porém da provincia sem ordem do governo geral; 3.° que pelo paquete *Gerente* se remetteu já armamento para essa provincia, para onde tambem foi algum de Montevidéo, segundo me communicou o commandante em chefe da esquadra brasileira no Rio da Prata.

« Aproveito esta occasião para significar a V. Ex. que a nomeação de deputado do ajudante geral, ou quartel mestre general, para as divisões que se estão organisando, é illegal, pois que esses funccionarios militares só cabem aos corpos de exercito, devendo as divisões ter sómente assistentes.

« Para a organisação de forças cumpre, pois, que V. Ex., entendendo-se com o commandante das armas, se cinja ás instrucções referidas.

« Deus guarde a V. Ex.—*Visconde de Camamú.*—Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul. »

Ao general Manoel Luiz Ozorio:

« Ministerio dos negocios da guerra.—Rio de Janeiro, em 18 de Março de 1865.

« Devendo amanhã partir para o Rio da Prata nos paquetes a vapor *Cruzeiro do Sul* e *Paraná*, o 2.° corpo de voluntarios da patria, o 3.° batalhão de artilharia a pé, o 5.° batalhão de infantaria, assim o communico a V. Ex. para que faça reunir essa força ás do exercito sob seu commando.

« Por esta occasião tenho de significar a V. Ex. que se faz necessario que V. Ex. me informe se ha possibilidade de fornecer-se de viveres qualquer força nova que vá estacionar em ponto mais proximo do Salto, como Arroyo Negro ou Paysandú, donde é mais curta a marcha para a provincia de S. Pedro; e no caso affirmativo tome V. Ex. as necessarias providencias para que em um ou outro ponto se prepare o preciso de viveres para os corpos que formarem a proxima futura expedição.

« Deus guarde a V. Ex.—*Visconde de Camamú.*— Sr. Manoel Luiz Ozorio. »

Ao presidente do Rio Grande do Sul:

« Ministerio dos negocios da guerra.—Rio de Janeiro, em 6 de Abril de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Sua Magèstade o Imperador determina que V. Ex. dê as precisas ordens para que todas as forças das tres armas do exercito, existentes n'essa provincia, se dirijam para qualquer ponto na margem do Uruguay, onde havendo boas pastagens e matto, se possa estabelecer com vantagem um campo de instrucção sob a direcção do ajudante-general do exercito, commandante interino das armas d'essa provincia. O que communico a V. Ex. para sua execução.

« Deus guarde a V. Ex.—*Visconde de Camamú.*—Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul. »

Ao presidente do Rio Grande do Sul:

« Ministerio dos negocios da guerra.—Rio de Janeiro 2 de Maio de 1865. (*)

« Illm. e Exm. Sr.—Em consequencia do rompimento de hostilidades, de que V. Ex. já deve ter conhecimento. por parte da Republica do Paraguay contra a Confederação Argentina, constando achar-se ameaçada a provincia de Corrientes, é urgente que as forças existentes n'essa provincia se movam ahi para sua defeza, ou para obrar activamente segundo as circumstancias. Para qualquer dos fins faça V. Ex. marchar sem perda de tempo, para a Villa de Uruguayana, todos os corpos disponiveis.

« Dirigir-se-ha ao mesmo ponto o conselheiro ajudante-general, commandante das armas interino da provincia, para dar-á força a organisação tactica indispensavel.

« Para o serviço de artilharia dará V. Ex. as ordens mais terminantes de se reunirem á força todas as praças promptas do 1.º regimento d'esta arma, a principiar por officiaes que se acham em S. Gabriel e em varios outros pontos sobre diversos pretextos.

« Esta disposição é extensiva a todas as praças dos batalhões de infantaria, cujos chefes queixam-se, e verifica-se dos destinos dos mappas, de os terem desfalcados pela distracção de praças em serviço de secretaria, ordens, depositos, etc, fóra das fileiras.

« Organisada a força, seria muito conveniente que, transpondo o Uruguay, fosse occupar a Candelaria ; mas depende isto do seu numero e arranjo, do que V. Ex. tem o immediato conhecimento que falta ao governo ; conseguintemente resolverá V. Ex, n'esta parte, recommendando-lhe em geral :

« 1.º A verificação da certeza de atravessar a força a parte

(*) Já fizemos menção d'este aviso, mas julgamos necessario copial-o aqui por extenso.

de Corrientes que a separa d'aquelle ponto, sem encontro de força inimiga superior.

« 2.º A possibilidade de alli chegar a tempo de impedir que o inimigo passe o Paraná, com o fim de ameaçar a nossa fronteira.

« 3.º A possibilidade de tomar e manter a posição sem compromettimento.

« Sobre estas bases geraes, espera o governo imperial que V, Ex. proceda e obre, segundo os meios á sua disposição.

« Para que á força não faltem os pagamentos e fornecimentos indispensaveis, providenciará V. Ex. de modo que de momento a acompanhem, em numero adequado, officiaes de fazenda com dinheiro e autorisação de saques; ficando na intelligencia de que, para depois, vão ser expedidas pelo ministerio da fazenda ordens para o banco Mauá em Montevidéo ou no Rosario, assim como que o actual fornecedor ou outro, acompanhe tambem a força para fornecel-a.

« Scientifico finalmente a V. Ex. para seu governo, que além das ordens anteriormente expedidas por este ministerio para a marcha das nossas forças e seus depositos para Dayman e Paysandú, acaba o vice-almirante Visconde de Tamandaré de deprecar do commandante em chefe interino, o embarque de corpos com o mesmo destino afim de operar.

« Deus guarde a V. Ex.—*Visconde de Camamú.*— Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul. »

Ao presidente do Rio Grande do Sul :

« Ministerio dos negocios da guerra.—Rio de Janeiro, 22 de Maio de1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Acabo de receber a confidencial de V. Ex. de 13 do corrente, em vista da qual ficam prejudicadas algumas das ponderações que fiz a V. Ex. na minha confidencial de 20 do corrente. Parece-me todavia conveniente recommendar a V. Ex. a prompta marcha de toda a nossa força disponivel para a fronteira de Missões ou de Uruguayana, nos termos d'aquella dita confidencial.

« Deus guarde a V. Ex. — *Angelo Moniz da Silva Ferraz.*— Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul. »

O mesmo ministro, por aviso de 15 de Junho, ainda recommenda ao dito presidente o seguinte :

« Deverá outrosim V. Ex., providenciar afim de que nas fronteiras de Missões se reunam todas as forças disponiveis da provincia para com ellas compôr-se um exercito de reserva, cujo commando foi, por decreto de 10 do corrente, confiado ao marechal de campo Francisco Antonio da Silva Bittencourt.

« O general Caldwell continuará como commandante das

armas da provincia, não podendo porém, emquanto estiver n'esse serviço, continuar no exercicio de ajudante-general. »

Por este tempo dirigio o general Caldwell os officios que abaixo se vão lêr ao ministro da guerra Visconde de Camamú e ao presidente da provincia, sobre as providencias que julgava necessario dar logo, á vista das noticias que já constavam do Paragnay.

« Illm. e Exm. Sr. Visconde. — Em additamento á carta que tive a honra de dirigir a V. Ex. em 19 de Março ultimo, peço licença para depositar em suas mãos a cópia de uma que me endereçou David Canavarro em 23 do dito mez, parecendo-me mui judiciosas suas idéas concernentes aos negocios do Paraguay; e na verdade se V. Ex. não tiver soberanas ordens para que o exercito opère n'aquelle paiz na estação invernosa que se approxima, talvez seja conveniente tratar já de acantonar as tropas, principalmente as que ainda não estão aclimatadas para esta parte do Imperio.

« O 1.º batalhão de voluntarios da patria acha-se em Santo Amaro, á espera das carretas, para seguir para S. Borja; muito mal fardado vai este corpo, apenas com uma blusa de brim e outra de baeta de pessima qualidade de fazenda, sobre este objecto, aliás importante, officio ao ajudante-general, para ser levado ao conhecimento de V. Ex., para que se digne providenciar com brevidade. O 5.º da mesma denominação devia chegar a esta capital até 20 do corrente pouco mais ou menos, e creio que partirá tambem para S. Borja.

« Para invernar a cavalhada, já mandei pedir com urgencia informações ao coronel Fernandes, commandante das fronteiras de Missões, para indicar-me o campo mais apropriado, e talvez seja preciso autorisação para comprar sal; iguaes informações exigi do mesmo Canavarro, para apontar-me o campo para o indicado fim de invernar.

« A base das futuras operações de campanha necessariamente será sobre aquella fronteira de Missões. Penso que será indispensavel estabelecer um deposito de artigos bellicos em Alegrete ou mesmo em S. Borja.

« Quando á falta de fardamento consignada na dita carta, trato de remediar, se possivel fôr á curta esphera das minhas attribuições; bem assim ácerca dos estandartes que se reclama, porém ácerca de praças para o exercicio de cornetas, sou baldo d'esse recurso, só auxiliado pelos corpos de cavallaria que fazem parte do exercito no Estado Oriental do Uruguay, mas V. Ex. ordenará o que melhor entender a esse respeito, attendendo que a falta de cornetas ou clarins é assaz sensivel no exercicio da guerra.

« E' quanto n'esta occasião tem a informar a V. Ex. quem

é com subida consideração de V. Ex. amigo muito obrigado, criado e compadre, *João Frederico Caldwell.*

« Porto Alegre, 10 de Abril de 1865. »

« Illm. e Exm. Sr. tenente-general Caldwell. —M eu lembrado amigo e Sr.

. . . .

« Se o exercito já estivesse prompto, convinha até precipitar a sua marcha ao Paraguay; porém, da maneira porque vejo as cousas, sobretudo a demora que ainda póde haver na reunião e apromptamento de forças, não convém certamente. N'este caso acho mais prudente invernar, apromptar tudo o que fôr preciso para entrar no verão seguinte. O Paraguay é falto de gado vaccum e cavallar, devemos contar com o que levarmos e mandarmos buscar.

« Na estação invernosa não se póde fazer isto, porque os animaes ficam de tal sorte magros, que se não podem mover. Demais os caminhos que conduzem ao Paraguay são de muitos e extensos banhados, intransitaveis no inverno. Acho muito acertado fazer uma invernada de cavalhadas em Missões, onde ha campos bons, não faltando sal, e outra por cá, ou mesmo no Estado Oriental, se não puder ser em campo d'este lado, como parece, por estarem todos mais ou menos povoados. Não havendo o deposito de cavalhadas magras, segue-se o extravio.

« Continúa a ser summameute sensivel a falta de fardamento da divisão que commando, porque as pequenas remessas que vieram, nem chegara para cobrir as primeiras necessidades. Tambem não ha aqui um só estandarte remettido. Ha falta de cornetas e mesmo de quem as toque. Com as tropas nuas havemos de sahir fóra do paiz no inverno?

« Com subita estima e alta consideração, de V. Ex. affectuoso amigo, camarada e criado, *David Canavarro.*

« Livramento, 23, de Março de 1865. »

« Quartel do commando interino das armas da provincia de S. Pedro do Sul, em Porto-Alegre, 3 de Maio de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Hontem recebi o officio reservado de V. Ex. do 1.° do corrente, em que servio-se transmittir-me as importantes noticias que officialmente chegaram ao conhecimento de V. Ex., concernentes á invasão do exercito paraguayo na provincia de Corrientes, apoderando-se de sua capital, etc.

« Servio-se V. Ex. tambem orientar-me das ordens que havia expedido aos commandos das 1.ª e 2.ª divisões ligeiras, e da marcha do 5.° corpo de voluntarios da patria; cumpre-me, pois, participar a V. Ex. que de tudo fico sciente, e que parece-me seria mais conveniente que a dita 2.ª divisão marchasse para o municipio de Itaquy, mais proximo a S. Borja, porém esses movimentos serão levados a effeito, como forem aconselhados pelas operações do inimigo; quanto

á marcha do referido 5.º corpo, hontem mesmo se expediram as ordens necessarias.

« Como V. Ex. não póde estar n'esta capital por esta semana, sigo no dia 6 do corrente para Rio Pardo, no emtanto cabe-me ponderar que, nas attribuições que V. Ex. me concede para o transporte do citado corpo, devia tambem abranger a de poder este commando chamar a serviço de destacamento toda a guarda nacional que julgasse precisa, e ainda ordenar ás estações de fazenda para satisfazerem qualquer requisição minha para certas despezas; attribuições estas que esse respeitavel governo sempre me tem concedido nas circumstancias extraordinarias em que por mais de uma vez se tem achado a provincia; comtudo V. Ex. fará o que melhor entender.

« As reclamações de armamento e de fardamento para a guarda nacional são continuadas; e por isso hontem deprequei ao director do arsenal de guerra para mandar abastecer o deposito de Alegrete d'esses artigos.

« Aproveito a occasião para propôr a V. Ex. o capitão reformado do exercito Joaquim Thomaz Santos e Silva, para se encarregar do mesmo deposito, por julgar que esse estabelecimento militar vai ser muito importante.

« Sendo de grande transcendencia que V. Ex. tenha com a maior presteza conhecimento das occurrencias que se forem dando em Missões, de muita vantagem seria estabelecer-se postos militares entre Rio Pardo e Alegrete, e d'esta cidade a S. Borja; e se V. Ex. em sua sabedoria julgar não ser ocioso esta idéa, dará suas ordens aos commandantes superiores dos municipios respectivos, onde devem permanecer taes postos; ou outra qualquer providencia relativamente ao objecto que se tem em vista.

« Por achar-se prestes a partir para essa cidade o vapor de guerra *Fluminense*, deixo de fazer outras respeitosas observações, limitando-me em perguntar a V. Ex, qual o destino que terá o exercito de operações no Estado Oriental, ou se haverá algum plano de operações, combinado com a Confederação Argentina, na guerra em que se acha envolvido o Imperio.

« Depositando finalmente nas mãos de V. Ex. a inclusa copia da circular que em data do 1.º do corrente enderecei aos commandos superiores da guarda nacional da Cruz Alta, Passo Fundo e Santa Maria da Boca do Monte, dou conhecimento a V. Ex. de havel-os prevenido da tentativa de invasão dos paraguayos n'esta provincia, de autorisal-os a irem tratando de reunir a mesma guarda nacional, para entrar em operações, caso seja preciso; espero approvação d'este meu acto.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gon-

zaga, presidente d'esta provincia.—*João Frederico Caldwell*, tenente general graduado. »

« Quartel general do commando interino das armas da provincia de S. Pedro do Sul, na cidade de Porto-Alegre, 1 de Maio de 1865.

« Illms. Srs.—Previno a VV. SS. em consequencia de achar-se em Pelotas S. Ex. o Sr. Dr. presidente da provincia que acabo de ser informado pelo commando da 1.ª divisão ligeira que o exercito paraguayo tenta invadir esta provincia por Missões ; e assim, que deverá V. S. ir tratando de reunir a guarda nacional sob seu commando, para acudir áquelle ponto, caso seja preciso, visto ignorar-se a força com que aquelle exercito vem encetar suas operações por esta parte do Imperio.

« Deus guarde a V. Ex. — *João Frederico Caldwell.* — Illms. Srs. coroneis commandantes superiores da guarda nacional dos municipios da Cruz Alta, Passo-Fundo, e Santa Maria da Boca do Monte.»

« Quartel general do commando interino das armas da provincia de S. Pedro do Sul, na cidade de Porto Alegre, 6 de Maio de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Transmitto a V. Ex. para seu conhecimento, a inclusa copia do officio do commando da 1.ª brigada da 1.ª divisão ligeira, dando noticia dos movimentos dos paraguayos sobre a nossa fronteira ; a qual acabo de receber com o officio do commando da dita divisão n. 57 de 25 de Abril findo.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, presidente d'esta provincia. — *João Frederico Caldwell*, tenente-general. »

« Illm. e Exm. Sr.—N'este momento acabo de receber as communicações que em original envio a V. Ex.; consta-me mais que os paraguayos se dirigem a dous pontos d'esta fronteira, S. Borja e Itaqui, com uma força grande.

« A' vista dos movimentos que acima menciono, hoje sigo com a brigada do meu commando, a postar-me sobre a costa do rio Uruguay, no váo de Sant'Anna, quasi junto a barra do Bûtuhy, centro das duas villas de Itaqui e S. Borja, a observar os movimentos do inimigo, para com presteza acudir ao ponto sobre o qual elles tentem passar, e tambem faço passar além do Uruguay um official e duas praças a observar o movimento da força inimiga, para com precisão saber qual essa força, ou numero d'ella, e a que ponto se dirigem, e o que colher participarei a V. Ex.

« Os Paraguayos, como V. Ex. deve saber, tomaram a capital de Corrientes no dia 14 do corrente; ávista d'estas noticias, tomei a deliberação de mandar reunir não só todos os Brasileiros capazes de pegar em armas, como tambem

todos os Argentinos que por aqui existem, para ajudarem a defender a causa commum: se este passo que dei não merecer a approvação de V. Ex., se dignará dar as suas ordens a este respeito. Tive noticias que os Paraguayos já estão em S. Thomé, distantes de S. Borja como duas leguas mais ou menos, a ser exacto, estamos com o inimigo á frente, Esta fronteira reclama muita vigilancia; é a razão porque me apresso a fazer esta communicação a V. Ex., a quem Deus guarde.

« Quartel do commando da 1.ª brigada e fronteira de Missões, no Passo das Pedras, 20 de Abril de 1865.

« Illm e Exm. Sr. general David Canavarro, digno commandante da 1.ª divisão ligeira.—*Antonio Fernandes de Lima*, coronel commandante. »

« Quartel-general do commando interino das armas, em Rio Pardo, 8 de Maio de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Constando-me achar-se prompto a marchar o corpo 23 de guarda nacional com destino á Uruguayana, expedi n'esta data ordem ao respectivo commandante para ir com o mesmo corpo acampar junto ao passo do Jacuhy, e alli esperar a chegada do 5.º batalhão de voluntarios da patria, d'onde reunidos marcharam com direcção a S. Borja, por me parecer ser assim mais conveniente na presente crise.

« Tambem entendi de grande conveniencia ao serviço o entregar o commando d'esta força a um habil e mais graduado official, e para esse fim lembrei-me de convidar ao coronel da guarda nacional José Alves Valença, para tomar o commando d'ella, e leval-a áquelle ponto, e estou certo de que elle se prestará a este meu convite. Dando pois conhecimento a V. Ex. d'estas minhas disposições, espero a sua approvação.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, Presidente d'esta provincia.—*João Frederico Caldwell*, tenente-general. »

« Quartel-general do commando interino das armas, em Rio Pardo, 9 de Maio de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Com o officio do commandante da 1.ª divisão ligeira n. 65 de 29 de Abril ultimo, acabo de receber por cópia o que lhe dirigio o da 1.ª brigada da dita divisão, de 24 do mesmo mez sob n. 50, em que participa não se ter confirmado a noticia da marcha dos Paraguayos sobre a fronteira de Missões, o qual tambem por cópia incluo para conhecimento de V. Ex.

« Não sei qual a direcção que tomou a 2.ª divisão ligeira no cumprimento das ordens de V. Ex., mas á vista das participações do commandante da fronteira de Missões, me parece que se deve ter em vista poupar-se a cavalhada d'essa

divisão, e como V. Ex. n'essa cidade estará mais ao facto para onde se encaminha a dita divisão, se dignará de ordenar ao seu chefe o que a respeito melhor convier.

« Quanto á marcha do batalhão 5.º de voluntarios da patria, e do corpo da guarda nacional n. 23, não revoguei as disposições constantes do officio que tive a honra de endereçar a V. Ex. sob n. 123, em quanto outra cousa V. Ex. não determinar.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, Presidente d'esta provincia.—*João Frederico Caldwell*, tenente-general. »

« Illm. e Exm. Sr.—N'este momento acaba de chegar o official com as tres praças que tinha mandado ao outro lado do Uruguay, a trazerem uma noticia veridica dos Paraguayos, e trouxe-me um moço brasileiro que morava em S. Carlos junto do acampamento dos Paraguayos. e por elles fui informado que não ha força alguma em marcha para essa fronteira, d'aquella parte do Uruguay e me informa mais o referido moço brasileiro que a força do Paraguay que se acha d'este lado do Paraná acampada em S. Christovão a tres leguas distante de S. Carlos, poderá montar a 10,000 homens mais ou menos, composta quasi na sua totalidade de meninos e velhos, que quasi nem dentes tem.

« As noticias acima são veridicas, por que o official e praças que mandei ao outro lado do Uruguay são de toda a confiança. As forças paraguayas n'aquelle ponto me parecem para aparentar e nada mais. A' vista das noticias que submetto á consideração de V. Ex., hoje vou fazer voltar a brigada de meu commando ao acampamento primitivo, onde aguardo as ordens de V. Ex.

« Em Corrientes as reuniões estão fortissimas. N'esta fronteira tenho feito reunir os Argentinos, e d'aquelles que quizerem ir servir ao seu paiz, eu tenho feito entrega aos officiaes argentinos, e muitos querem ficar ao serviço do Imperio, e já tenho mnitos reunidos ao commandante das forças do outro lado.

« Tambem officiei pedindo-lhe que reunisse os Brasileiros, e que aquelles que quizessem vir m'os remettesse e os outros que quizessem servir lá o podiam fazer.

« Deus guarde a V. Ex.

« Quartel do commando da 1.ª brigada acampada no Passo do Butuhy, 24 de Abril de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. general David Canavarro, commandante da 1.ª divisão ligeira.— *Antonio Fernandes de Lima*, coronel commandante. »

REFLEXÕES SOBRE ESTAS DETERMINAÇÕES

Apesar de todas as ordens que deu o commandante das

armas aos commandantes de corpos, não se cumpriram os avisos do ministerio da guerra de 2 e de 20 de Maio de 1865, que mandaram organisar um exercito na fronteira para defeza da provincia.

Reflectindo-se sobre todas estas ordens do commandante das armas, expedidas de differentes lugares onde se achava, vê-se que não podiam servir de nada porque não era d'aquelle modo que se podia organisar um exercito, que exige a presença da autoridade militar no lugar da reunião.

O exercito para defeza da provincia devia estar prompto a 2 de Maio; com isto queremos mostrar que todas as providencias que se deram para este fim foram muito tarde, e assim mesmo não se executaram para prevenir a invasão.

O presidente como não era militar não podia ter as attribuições que competem a chefes militares, deu as suas ordens muito a tempo para a provincia ser defendida da invasão paraguaya, não podia ir passar revista aos corpos, como se fosse general das armas; mandou executar as ordens que recebeu do ministerio da guerra, senão foram cumpridas não podia dar outras providencias que fossem mais efficazes.

Duas circumstancias muito importantes notaram-se n'estas providencias do ex-ministro da guerra; a primeira foi a falta de um general que organisasse o exercito e o fizesse marchar para a fronteira; a segunda a demora em as dar, pois que declarando o aviso de 2 de Maio que o exercito depois de organisado fosse occupar a Candelaria na provincia de Corrientes, para embaraçar que os Paraguayos passassem do rio Paraná, já a esse tempo estava a vanguarda do exercito paraguayo em S. Carlos, povoação situada mais perto do Uruguay do que do Paraná.

Não se póde deixar de conhecer a desharmonia que houve nas partes que deram os diversos commandantes militares que estavam na fronteira, sobre a approximação do exercito paraguayo á margem do Uruguay, quanto á sua marcha e força, não combinando uns com outros, o que faz acreditar que aquelles commandantes militares não tinham informações exactas sobre o que se passava, ou não as procuravam obter

com certeza, dando pouca importancia á invasão que se approximava, visto que tinham a guarda nacional quasi toda licenciada, e assim ficaram até os Paraguayos passar o rio Uruguay; tudo isto aconteceu por não haver desde o principio do anno um centro que regulasse as operações militares, que organisasse um exercito com as forças dispersas que existiam na provincia, e esperar os Paraguayos na margem do rio ou ir atacal-os no territorio correntino, pois elles deram tempo para se fazer o que acabamos de indicar; passaram o rio quando quizeram.

« Quartel general do commando interino das armas, em marcha junto ao passo do Saycan, 16 de Junho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — Em additamento ao meu ultimo officio, cumpre-me declarar a V. Ex. que hontem á noite chegou aqui, vindo de S. Borja, José Guedes Luiz, e declara que os Paraguayos effectuaram a passagem do Uruguay no dia 10 do corrente, e que depois de rechassar a 1.ª brigada da 1. divisão, e o 1.º corpo de voluntarios da patria, apoderaram-se d'aquella villa, retirando-se as nossas forças para o Botuhy.

« A' vista d'este desgraçado successo, n'esta data expeço ordem ao Barão de Jacuhy que, deixando guarnecidas as fronteiras de Jaguarão e Bagé, marche para fazer juncção com a dita 1.ª brigada, para onde tambem sigo. Por esta occasião igualmente participo a V. Ex. que mando occupar a cidade do Alegrete pelo 5.º corpo de voluntarios da patria, e o corpo n. 23 da guarda nacional reunir-se á mesma brigada; e que os contingentes de linha que ainda estiverem em Bagé marchem para S. Gabriel; não obstante o que acabo de communicar a V. Ex. se não approvar o movimento do Barão de Jacuhy, dignar-se-ha dar-lhe as ordens que julgar convenientes.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, presidente d'esta provincia.—*João Frederico Caldwell*, tenente general graduado.»

Na verdade mui fracas foram as providencias que contém o officio acima transcrito com data de 16 de Junho, para embaraçar a invasão quando os Paraguayos já tinham passado seis dia antes o Uruguay; o que se devia ter feito dous mezes antes, principiava-se a fazer com este officio dirigido ao Barão de Jacuhy, que ainda então estava nas immediações de Bagé.

Entretanto na presença de uma guerra devastadora e cruel estava a provincia sem força organisada para a defender, pela desharmonia dos chefes militares, como o declarou o presidente em participação official.

O exercito paraguayo entrou no Rio Grande a 10 de Junho; a 29 de Julho mandou o ex-ministro da guerra Ferraz da cidade do Rio Pardo, onde tinha chegado, o officio que se segue ao Barão de Jacuhy, para o fazer marchar com a divisão que commandava e encorporar-se ás forças que já a esse tempo estava commandando o general das armas. Se tivesse havido desejo nos chefes militares de atacarem os Paraguayos, o Barão de Jacuhy não se tinha conservado immovel até receber o aviso que vai ver-se.

« Gabinete do ministerio da guerra. — Rio-Pardo em 29 de Julho de 1865.

« N'esta data chegou ao conhecimento do governo imperial, que V. S. achava-se em 22 do corrente ainda junto a Jaguary, muito distante das forças em operações ao mando do general João Frederico Caldwell.

« Uma tal demora, sendo prejudicial ao serviço publico, não póde deixar de causar desagradavel impressão ao mesmo governo, o que levo ao conhecimento de V. S., para que immediatamente siga com as forças do seu commando, afim de fazer juncção com as d'aquelle general; podendo incorporar á sua divisaõ o corpo provisorio commandado pelo tenente-coronel Antonio Cardoso Soares.

« Toda a demora d'essas forças torna-se injustificavel, e a presteza ou rapidez de sua marcha é de absoluta necessidade e exigida instantaneamente pela circumstancia de o inimigo estar avançando, e procurando effectuar a passagem do Ibicuhy, conforme as noticias officiaes que acabo de receber.

« Os seus officios com endereço ao presidente da provincia eu os recebi, e na primeira opportunidade dar-lhe-hei destino.

« Deus guarde a V. S. —*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*— Sr. Barão de Jacuhy. »

Este aviso, que a acabamos de transcrever, mostra o que já temos mencionado: a falta de força na administração militar da provincia, na presença de uma guerra devastadora dentro do paiz.

Pelo que se passava até então, as disposições que fizeram os chefes militares, era para os Paraguayos ficarem na pro-

vincia o tempo que quizessem; foi preciso que chegasse o ministro da guerra, para obrigar a mover-se um dos commandantes da força armada, que, como os outros, deixava o exercito paraguayo anniquillar o territorio por onde passava. Esta falta de execução das ordens recebidas pelos chefes militares, tambem depunham contra o ex-ministro que, ou ignorava o que se passava, ou não o podia remediar.

O ex-ministro da guerra foi ao Rio-Grande não só para activar as operações bellicas que se julgavam necessarias, ou que julgavam necessarias aquelles que estavam illudidos com o estado do exercito paraguayo, mas tambem para providenciar sobre as faltas que encontrasse no exercito que se estava reunindo n'aquella provincia: este facto deu-se, como se vê pelo officio que se segue:

OFFICIO DO MINISTERIO DA GUERRA DE 30 DE JULHO.

« Gabinete do ministro da guerra.—Rio-Pardo 30 de Julho de 1865.

« Illm. e Exm Sr.—Ha n'esta provincia muita falta de fardamento e de barracas, para as forças que tem de compôr o exercito em operações na fronteira; haja portanto V. Ex. ordenar que no arsenal de guerra da côrte se promptifiquem com muita urgencia, 15,000 barracas, 15,000 fardamentos, e alguns equipamentos para infantaria; d'estes objectos, os que forem ficando promptos, devem logo ser remettidos para esta provincia, com destino ao exercito em operações na fronteira.

« Outrosim digne-se V. Ex. ordenar que o pontão Level, que ahi ficou se aprompta ndo para o exercito em operações no Rio da Prata, seja tambem remettido para esta provincia, como já solicitei; encommendando outro para o exercito do general Ozorio; e que se chegarem os de gomma elastica já encommendados, venham tambem para aqui.

« Deus guarde a V. Ex. — *Angelo Moniz da Silva Ferraz.* — Sr. José Antonio Saraiva. »

Por este officio soube-se que o exercito que se estava reunido na fronteira do Rio Grande, tinha faltas muito sensiveis; não era possivel conservar-se em bom estado, sobretudo no inverno n'aquella provincia, com falta de fardamento e de barracas; o primeiro e o maior inconveniente que devia resultar de taes faltas era o grande numero de doentes que

appareceria, o que retardava a marcha e diminuia a força effectiva com que se contava para às operações da guerra.

E' por estas razões que nunca se principia uma campanha sem o exercito estar provido de tudo quanto é necessario.

Alguns corpos de infantaria atravessaram aquella provincia desde o Rio Pardo até Uruguayana, na distancia de 80 a 100 leguas, na força do inverno, alguns dias debaixo de chuva, em outros pisando agua e passando riachos sem pontes; penosa foi sem duvida a marcha para aquellas tropas na peior estação d'aquelle paiz, no que gastaram mais do um mez.

A falta de transportes, que não estavam promptos quando alguns batalhões marcharam, para conduzirem a bagagem, munições, etc., fez com que a tropa soffresse algumas privações durante a marcha.

Emfim, estava já o exercito proximo á margem do Uruguay, acampado onde devia ficar algum tempo, então o ex-ministro da guerra resolveu remediar estes males, mandando a Buenos-Ayres buscar dinheiro para pagar cinco mezes que se deviam ao exercito, e fornecel-o de alguns generos que houvesse na provincia; para dar estas providencias, expedio o ex-ministro o officio que se segue:

« Gabinete do ministro da guerra. — Acampamento em frente a Uruguayana, 12 de Setembro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — O estado de penuria em que se acha o exercito aqui acampado, e a provavel demora dos recursos de que posso dispôr n'esta provincia, attento o máo estado das estradas, a enchente dos rios, a falta ou incapacidade dos meios de transporte; obriga-me a lançar mão do unico meio que me resta n'estas circumstancias, em que vejo os hospitaes em estado deploravel, a tropa núa, e ha cinco mezes sem receber soldo, etc.; e vem a ser o de autorizar a V. Ex. a fazer quaesquer operações de credito, e remetter para este acampamento até a quantia de 500:000$000, e tudo que fôr necessario para remediar estes males; prevenindo-lhe de que ao general Ozorio officio para que me envie do Salto alguns artigos.

« E porque não me reste tempo para officiar já ao ministerio da fazenda esta resolução, V. Ex. lhe enviará por cópia.

« Deus guarde a V. Ex. — *Angelo Moniz da Silva Ferraz.* — Sr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa. »

Este officio mostra o estado em que estava o exercito na

provincia do Rio Grande, tudo causado por não se terem tomado providencias a tempo, para que nada lhe faltasse, foi necessario que o ex-ministro fosse ao acampamento para vêr o estado de penuria, como elle declara no officio acima, em que estava o exercito. Parece provavel que se não tivesse ido ao Rio Grande, não tinha tido conhecimento de taes faltas, nada se remediava com presteza e com perfeito conhecimento de tudo o que se passava.

O exercito, ou em marcha na provincia do Rio Grande, ou acampado na margem do Uruguay, soffreu privações por algum tempo, mas que se remediaram, porque a fazenda nacional dispendeu o dobro do que dispenderia se o exercito tivesse sido supprido como são fornecidos os exercitos em campanha, por um commissariado militar, e não por fornecedores contratados que são especuladores, que só têm em vista tirarem o maior lucro que podem.

O dinheiro fornecido por negociantes de Buenos-Ayres sobre quem o ex-ministro da guerra mandou sacar para o exercito em Uruguayana, deixou de necessidade lucros avultados a quem o forneceu; de modo que o exercito no Rio Grande deu muito dinheiro aos negociadores de Buenos-Ayres.

Todos estes factos, demonstrados por documentos officiaes que até aqui temos apresentado, justificam o que dissemos na introducção e o que temos dito em differentes lugares d'esta historia, sobre a direcção que se devia ter dado á guerra desde que terminou a questão oriental.

A campanha de Uruguayana, que assim a chamaremos, para dar um nome pomposo áquelle accumulamento de tropas na margem do Uruguay, tinha-se evitado se o exercito tivesse marchado de Montevidéo para a fronteira de Missões no fim de Fevereiro, para alli se organisar em força sufficiente, e fazer a campanha conforme dissemos em outro lugar.

Continuamos a narração das operações militares durante o trajecto do exercito paraguayo pela provincia do Rio Grande conforme as partes officiaes.

« Illm. e Exm. Sr.—E' sob a pressão da mais acerba dôr, que apresso-me a communicar a V. Ex. o que acaba de

passar-se ha pouco na divisão do brigadeiro Canavarro, a cuja frente me acho, pelas circumstancias afflictivas porque está passando esta provincia.

« Esta divisão, como V. Ex. sabe, é composta das tres armas, e forte de mais de 7,000 homens; e posto que á excepção de dous batalhões de infantaria do exercito, seja composta da guarda civica do paiz, tentei atacar o inimigo, que, segundo observações e probabilidades, não póde exceder de 6,000 combatentes das tres armas, preponderando consideravelmente a de infantaria.

« Isto mesmo já V. Ex., como é natural, saberá pelas minhas participações á presidencia da provincia, assim como que tenho visto frustradas as minhas tentativas a respeito por mais de uma vez; porém podendo succeder que V. Ex. ignore que tivemos occasião propria, em que me propuz a privar esta provincia dos seus barbaros invasores; remetto a V. Ex. a inclusa cópia da carta que dirigi ao Sr. Canavarro, cuja resposta contrariou-me extraordinariamente pela formal recusa que ella mereceu; e ainda mais por dizer o mesmo brigadeiro que estava desejoso de atacar o inimigo.

« Ao dar-se todos estes episodios acompanhados de algumas circumstancias, que por tediosas agora escuso-me de relatar a V. Ex., tinha todavia a grata esperança de poder em breve annunciar a V. Ex. a completa derrota dos vandalos, que profanam o sólo sagrado da nossa patria: hoje porém vejo obliterada do meu coração semelhante confiança, calculando V. Ex. o como me acho em completo desapontamento.

« O exercito paraguayo com passo ufano, marchava das pontas do Imbahá para a nossa florescente Villa da Uruguayana; não pude encaral-o: tentando um ultimo exforço, chamei á minha presença os commandantes, das divisões e brigadas, para concertar-mos o plano de atacar tão arrojado commettimento; todos, á excepção do Barão de Jacuhy, respondêram-me sem preambulos que achavam impossivel o podermos derrotar o inimigo, a menos que tivessemos mais 4,000 homens de infantaria! E o mais acerrimo n'esta opinião era o proprio brigadeiro Canavarro!

« Foi assim que de braços crusados, vi impassivel a Uruguayana em poder do inimigo. Ha dous dias passados li a carta de V. Ex. dirigida ao já citado brigadeiro, na qual lhe recommendára que não arriscasse uma batalha, sem todas as probabilidades de triumpho. A linguagem d'esta carta actuou tanto no meu espirito, que ainda me acho á frente d'esta força, em completa espectativa, e que hoje mesmo mandei reforçar a 2.ª divisão ao mando do bravo e habil Barão de Jacuhy.

« Todas estas considerações que faço a V. Ex. talvez não expliquem o meu pensamento, e por mais esta rasão mando á presença de V. Ex. o tenente coronel José Antonio Corrêa

da Camera, official sisudo e de inteira confiança, que, testemunha ocular, poderá bem dar informações a V. Ex. sobre o que vai omittido.

« Eu calculo que o receio que tem os chefes d'esta força em atacar o inimigo, é porque reconhecem n'elle muita disciplina: eu mesmo tenha visto manobrar esses vandalos com a regularidade que ensina a arte da guerra.

« Tenho dito bastante para que V. Ex. reconheça o estado de moralidade em que se acha esta força, e se não trato da parte material, é porque o nosso estado de cousas não permitte agora occupar a attenção de V. Ex., depois de tel-o feito sobre a honra nacional tão empenhada, como se acha presentemente.

« Finaliso aqui dizendo a V. Ex. que o inimigo acaba de passar o Ibicuhy, e mais tres rios, sendo dous a nado, soffrendo apenas as hostilidades de que já terá tido conhecimento.

« A cópia do officio que acompanhou o meu a V. Ex. dirigido em 24 de Julho findo, mostra com a franqueza e lealdade do meu caracter o porque tenho deixado de fazer-me obedecer com energia, como á primeira vista parecia mui razoavel.

« Deus guarde a V. Ex.

« Quartel-general do commando interino das armas da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, em frente a Uruguayana, 5 de Agosto de 1865.—Illm. e Exm. Sr. Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra.—*João Frederico Caldwell*, tenente-general graduado. »

O general Caldwell diz ao ex-ministro da guerra Ferraz, em 5 de Agosto, — que senão atacou os Paraguayos com a divisão do seu commando, foi porque o brigadeiro Canavarro e outros commandantes d'aquella divisão a isso se oppuzeram; que só o Barão de Jacuhy o acompanhava n'aquella empreza, que já declarou a razão porque deixou de fazer-se obedecer.

Todas estas razões não satisfazem, porque um general deve fazer-se obedecer, principalmente estando em campanha, onde é necessario que a disciplina militar seja mais severa.

Os commaudantes da guarda nacional da provincia, que a não tinham prompta para a sua defeza abusaram da sua autoridade e expuzeram as povoações á devastação dos Paraguayos: a guarda nacional da provincia deu sempre provas de muito patriotismo.

Quando se organisou o segundo corpo de exercito, quando a provincia deu novos contingentes para a campanha, a guarda nacional teve um procedimento brioso; vio-se por mais de

uma vez a promptidão com que a população da heroica e guerreira provincia do Rio Grande do Sul correu ás armas, formando legiões invenciveis para defender a honra nacional ultrajada; basta declarar que aquella provincia concorreu com mais de 20,000 homens para a guerra; portanto, se a guarda nacional não estava reunida, a culpa foi dos seus chefes.

Segue-se agora a informação que dá o coronel João Manoel Menna Barreto sobre a conducta do brigadeiro Canavarro. São factos muito importantes, que convém referir para se ter perfeito conhecimento da invasão paraguaya na provincia do Rio Grande.

« Illm. e Exm. Sr,— Vou ter a honra de responder ao officio de V. Ex. que acabo de receber, cobrindo copia do aviso confidencial de S. Ex. o Sr. ministro da guerra datado de 17 do mez passado, cujo aviso contém seis quisitos, aos quaes V. Ex. me ordena que preste a minha informação; o que vou faser.

« 1.º quisito.— Respondo; que V. Ex. comprehendendo desde logo a facilidade de hostilisar o inimigo quando este pensava passar o Rio Santa Maria, foi V. Ex. servido mandar-me ao brigadeiro Canavarro, para incontinente nomear uma força de cavallaria com artilheria montada, cujo commando V. Ex. confiava a mim, para que em uma noite, e mais algumas horas, me apresentasse no passo d'aquelle rio, afim de disputar a passagem do inimigo, em quanto que V. Ex. com o resto da força marchava em protecção. Esta bella manobra não pôde ser executada, porque aquelle brigadeiro se oppôz decididamente a ella, dizendo que toda a divisão chegava a tempo, por já tudo haver providenciado; foi assim que chegou a divisão depois do inimigo ter já effectuado sua passagem.

« Procedendo d'este modo se conservou sempre o Sr. Canavarro, a ponto do inimigo se apossar de Uruguayana sem ter soffrido a menor resistencia; subindo de ponto a pouca delicadesa daquelle brigadeiro, a ser com V. Ex. algumas veses inconveniente, o que V. Ex. desculpava, attendendo á sua falta de educação.

«Respondendo a esse quisito vou aqui relatar o que se deu na passagem do inimigo no Toro-passo; porque este facto explica perfeitamente o modo porque procedia aquelle commandante de divisão, na emergencia difficil porque passava a provincia.

« Havendo o inimigo passado este rio sómente a metade de sua força, V. Ex. pensou em atacal-o, porque, examinando perfeitamente as posições, conheceu as vantagens que

podia conseguir; e recordo-me que V. Ex. me disse: —agora sim; o brigadeiro Canavarro não duvidará em atacar a estes homens.

« V. Ex. n'este proposito mandou-me communicar-lhe o seu plano, o que fiz incontinente; e porque eu começasse a duvidar da boa fé de S. S., com elle me entendi, sem nada dizer do que V. Ex. me havia recommendado, e procurando dizer-lhe algumas palavras tendentes ao nosso estado de cousas, disse-lhe tambem que me parecia que o inimigo estava dividido completamente, e por isso o julgava no caso de soffrer um golpe nosso; tudo isto lhe disse e muitas outras cousas, mas nunca fallando no nome de V. Ex.

« Depois que consegui que ficasse aquelle brigadeiro convencido que V, Ex não pensava em atacar o inimigo, foi elle servido de emittir a sua opinião sobre o que se tratava, e foi assim que se expressou S. S. —Se eu fosse o Sr. commandante das armas, não perderia esta boa opportunidade de bater o inimigo.— Antes de acabar esta ultima phrase, disse eu: —Sr. brigadeiro, é isso mesmo que aqui me traz: o Exm. Sr. commandante das armas quer aproveitar esta boa opportunidade e atacar a esses barbaros, que tantos males nos tem causado. Conheci n'este momento que tinha feito passar por grande desapontamento ao Sr. brigadeiro, que, depois de um momento de pausa deu-me esta resposta.— Bem, Sr. coronel, diga ao Sr. general que eu já lá vou.

« Escusado é dizer o que se passou n'esta entrevista; V. Ex. bem ouvio a recusa formal que apresentou aquelle brigadeiro que, com a maior sem ceremonia, não só disse que não atacava, como disse mais que no caso de V. Ex. tomar sobre si essa responsabilidade, elle mesmo assim entregaria o commando de sua divisão a outro, porque não a queria ver sacrificada, nem a gente que commandava! Esta occurrencia falla bem alto; dispensa outro qualquer commentario a semelhante respeito.

« Respondo agora ao segundo quisito.—Nunca esta força n'aquelle trajecto teve menos de 4:500 homens, sendo 2,000 homens de infantaria, e eram 8 as bocas de fogo de calibre 9 que nos acompanharam. A qualidade da tropa não era boa, porque nunca podem ser bons soldados homens agarrados de repente para exercerem a difficultosa missão de defensores da patria. O inimigo não posso dizer com segurança qual o seu numero; ainda hoje não se póde assegurar qual seja elle; entretanto pelas observações que fiz mais de uma vez, não duvido de dizer que mesmo n'aquella occasião não eram mais de 5,000 homens, com 5 peças de artilharia, os barbaros invasores que tinhamos na nossa frente.

« Quanto ao gado que V. Ex. mandou ordem ao brigadeiro Canavarro para retiral-o, V. Ex. sabe bellamente que semelhante determinação não foi cumprida.

« Passo a responder ao terceiro quisito.—A villa da Uruguayana estava pessimamente fortificada, como provo pelo parecer que V. Ex. tem em seu poder assignado por mim e pelo capitão Sampaio na occasião em que V. Ex. nos mandou examinar aquelles trabalhos.

« A guarnição que havia na Uruguayana n'aquelle tempo, era de 200 homens, mais ou menos: porém sem a mais pequena apparencia de soldados, inclusive o seu proprio commandante; munição havia bastante, e bocas de fogo lembro-me de ter visto duas, que me consta terem sido aproveitadas pelos Paraguayos, logo que tomaram conta d'aquella infeliz povoação.

« Todos estes disparates que se veem (me disse o mesmo major Valle, commandante d'aquella guarnição), ter sido por ordem do Sr. Canavarro, que pelo que parece, estava munido de muitas autorisações.

« Era muito possivel a resistencia n'aquella guarnição, embora eu a considerasse perigosa, e o motivo porque assim penso é firmado no que passo a expôr.

« V. Ex. hade-se lembrar que houve um dia em que V. Ex. pensou em fazer o inimigo soffrer alguns tiros da nossa artilharia; e estando n'esta mesma occasião reunidos quasi todos os commandantes de brigadas, inclusive o da infantaria, o Sr. general Canavarro; dirigindo-se a todos teve a leviandade de apontar para o lugar onde V. Ex. tencionava assestar a artilharia, e dizer em altas vozes:

« — Alli está o cemiterio dos senhores. — Motivo porque V. Ex. andou incommodado mais de um dia.

« 4.° — Acho fóra de duvida que se podia receber por agua os recursos de que necessitassemos no caso de assedio.

« Respondo ao 5.° — Aquella villa foi evacuada no dia 5, e a ordem para isso foi ainda do brigadeiro Canavarro. As munições salvaram-se, desgraçadamente porém mais cousa nenhuma.

« Respondo finalmente ao 6.° periodo.—As mercadorias da alfandega não foram salvas, isto é, os generos que os fornecedores tinham alli em deposito; e a causa disso não póde ser outra se não o descuido do commandante da guarnição; não sei precisar a quantidade d'esses generos, porque não os vi, faço porém idéa haver grande quantidade, visto como já lá se vai um mez que os Paraguayos estam de posse d'aquella villa, e não consta ainda que elles tenham fome.

« Quanto aos commandantes de brigadas que assistiram aos conselhos que V. Ex. reunio, e que deram a sua opinião contra o ataque que V. Ex. pensou fazer em Toro-passo, creio que V. Ex. se recordará bem que apenas o coronel Valença comprehendeu a sua posição, e o que lhe cumpria dizer em tão solemne momento; foi assim que esse meu camarada satisfez a V. Ex. com sua resposta, na qual deixou ver al-

guns conhecimentos de tatica, pensando com V. Ex. na probabilidade de uma victoria segura, se por ventura tivesse lugar o ataque que V. Ex. tão judiciosamente concebeu.

« Creio ter satisfeito ao que V. Ex. me ordenou no officio acima citado.

« Deus guarde a V. Ex.

« Acampamento em frente a Uruguayana, 6 de Setembro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. tenente general João Frederico Caldwell.—*João Manoel Menna Barreto*, coronel. »

O coronel João Manoel Menna Barreto foi mandado pelo general das armas ao brigadeiro Canavarro, para este mandar uma força de cavallaria e artilharia que deveria ser commandada por aquelle coronel, para disputar a passagem ao exercito paraguayo no rio Santa Maria, marchando o general das armas com a força que tinha em protecção ao dito coronel.

O brigadeiro Canavarro oppôz-se a esta requisição, e decididamente não consentio que se fizesse aquella operação, conforme diz o coronel Menna Barreto na informação acima; allegando Canavarro, para desculpar-se ou para encobrir suas intenções, que toda a divisão chegava a tempo, por já tudo haver providenciado; foi assim que chegou a divisão depois do exercito paraguayo ter transposto o rio Santa Maria:

Procedendo d'este modo, o brigadeiro Canavarro foi o culpado dos Paraguayos entrarem em Uruguayana sem soffrerem grande resistencia das tropas que deviam estar sob o commando do general das armas.

Na passagem do Toro-passo, mandou o general das armas communicar o seu plano de ataque ao brigadeiro Canavarro, a resposta que este deu foi: — Bem, Sr. coronel, diga ao Sr. general que eu já lá vou:

Escusado é dizer o que se passou n'esta entrevista; (continua o coronel Menna Barreto); V. Ex. bem ouvio a recusa formal que apresentou aquelle brigadeiro, que, com a maior sem ceremonia, não só disse que não atacava, como disse mais, que no caso de V. Ex. tomar sobre si aquella responsabilidade, elle mesmo assim entregaria o commando da sua divisão a outro, porque não queria ver sacrificada a gente

que commandava ! Esta occurrencia falla bem alto; dispensa outro qualquer commentario a semelhante respeito.

E' bastante o que diz o coronel Menna Barreto na informação acima, para se confirmar o estado de pouca harmonia que havia entre os officiaes generaes que estavam na provincia, o que foi muito prejudicial ás povoações devastadas pelos Paraguayos.

A força que se reunio depois que os Paraguayos entraram na provincia, não foi menor de 4,500 homens, dos quaes eram 2,000 de infantaria, com 8 bocas de fogo de calibre 9. O commandante das armas mandou ordem ao brigadeiro Canavarro para retirar o gado; esta ordem não foi cumprida.

A narração d'estes acontecimentos justifica o que já dissemos em outro lugar, sobre a imprudencia que houve em confiar a Canavarro parte da força que devia defender a provincia, quando Canavarro era um homem inhabil como general,

Houve da parte do ministerio de 31 de Agosto, falta de habilidade na escolha dos officiaes generaes que deviam commandar as tropas n'aquella provincia; como não se acertou, aconteceu o que temos exposto. O comportamento militar de Canavarro fez acreditar que elle protegeu a invasão paraguay na provincia do Rio-Grande.

O commandante das armas não se collocou na posição que lhe competia, para se fazer obdecer pelos seus subordinados; competia-lhe organisar um corpo de exercito com as forças que havia espalhadas na provincia, e depois commandal-o, nada disto fez porque não foi obdecido. Não conseguindo que os chefes militares atacassem o exercito paraguayo, á excepção de dous commandantes de corpos da guarda nacional no dia 27 de Junho, a sua missão como general das armas estava acabada.

Quando um general, principalmente estando commandando em campanha, não é obedecido, perde a força moral e não póde continuar a commandar; mas no Rio Grande estes preceitos indispensaveis ao serviço e á disciplina militar não vigoraram; Canavarro não obedeceu ao commandante das armas, este

não o obrigou a cumprir as ordens que tinha recebido; é o que se deprehende da informação do coronel João Manoel Menna Barreto.

INFORMAÇÃO DO BARÃO DE JACUHY, SOBRE A INVASÃO PARAGUAYA NA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL.

O ex-ministro da guerra Angelo Moniz da Silva Ferraz, exigio que o coronel Barão de Jacuhy, commandante da segunda divisão que guarnecia a fronteira de Bagé, informasse o que lhe constava sobre a invasão paraguaya na provincia do Rio Grande; a estas ordens do ex-ministro da guerra, respondeu o Barão de Jacuhy o seguinte.

. . . .

« Declaro a V. Ex. com toda a solemnidade, e espero que V. Ex. se dignará levar ao alto conhecimento de S. Ex. o Sr. ministro da guerra, que a minha opinião sobre os seis quisitos do aviso confidencial, resume-se no seguinte:

« Se estivessem em S. Borja as forças que estacionavam na fronteira de Missões e as que se dirigiam de Sant'Anna do Livramento tambem para esta fronteira, com uma direcção intelligente e incansavel á sua frente, podia-se obstar a passagem do Uruguay á força paraguaya que invadio a provincia.

« A maior confiança reinava em S. Borja, quando o inimigo desde muito ameaçava a provincia: as familias foram apanhadas de sorpresa, e as propriedades entregues á rapina.

« Na passagem do Ibicuhy, do Toro-passo, do Imbaha, e antes de entrar o inimigo na Uruguayana, podiamos têl-os atacado, e para isto nos sobravam elementos, como V. Ex. sabe e levará sem duvida ao conhecimento de S. Ex. o Sr. ministro da guerra.

« V. Ex. sabe perfeitamente a opinião que manifestei em conselho sobre o ultimo ponto a que me refiro, e conhece tambem a influencia que destruio as nossas esperanças, e o nosso mutuo proposito de darmos um choque forte no inimigo, do qual talvez resultasse a sua total exterminação.

« Na Uruguayana foram destruidas pelas nossas forças as trincheiras que haviamos feito, e a villa entregue ao inimigo, completamente sortida de generos alimenticios, em abundancia, para mais de um mez, para a força de tres mil e tantos homens de infantaria, mil quinhentos e tantos de cavallaria, e o resto de artilharia, prefazendo tudo o total de cinco mil homens, maximo em que computo os inimigos

encerrados alli. Traziam além disso cinco bocas de fogo de calibre seis e quatro.

Nós tinhamos oito bocas de fogo de calibre nove, com a competente guarnição, dous mil e quinhentos homens de infantaria, quatro mil de cavallaria, e as posições mais vantajosas, com obstaculos naturaes para triplicar a nossa força á escolha e conveniencia de todos os entendidos autorisados que se deliberassem, sequer a atacar o inimigo.

« Durante todo o trajecto de S. Borja a Toro-passo não me consta que fossem tirados os recursos de gado e outros do inimigo, e de Toro-passo á Uruguayana, só se retiraram os que V. Ex. ordenou-me.

« Até a esquerda do Butuhy só soffreu no banhado do Padre uma força de quatrocentos a quinhentos inimigos pelo choque que lhe deu o coronel Fernandes. D'aqui para cá nenhum combate se engajou; quando em minha humilde opinião nos sobravam elementos, como já disse, para bater o inimigo no Ibicuhy, na passagem do passo de Santa Maria, na do Toro-passo, na do Imbaha, e na entrada da villa de Uruguayana.

« Se nós aqui nos intrincheirassemos com a infantaria e artilharia que tinhamos, com armas de superior alcance ás do inimigo, não entregariamos a villa, emquanto a nossa cavallaria por seu turno podia sitiar o inimigo, incommodando-o consideravelmente, não lhe dando um momento de repouso, tirando-lhes os recursos, etc., e elle ou se havia de retirar sem occupar a nossa povoação, dando-nos a possibilidade de atacal-o em campo raso, e não fortificado como está; desde que nos resolvessemos a fazel-o, principalmente se, como é natural, nos incutisse mais decisão o general Flôres com as forças alliadas; ou havia de sujeitar-se a soffrer fóra falta de mantimentos e de repouso, se a nossa cavallaria, como estou convencido, cumprisse com o seu dever, coadjuvada pela força entrincheirada. Nada disso se fez pelas razões que V. Ex. sabe.

« Nós não soffreriamos absolutamente por falta de alimentos, porque tinhamos o rio Uruguay livre á nossa valente esquadra, e livre tambem o territorio alliado desempedido sempre e mórmente pelo combate de 17 do mez passado.

« Declaro a V. Ex. que a entrega das nossas povoações e mórmente a ultima, sem sequer arrebatarem-se e destruirem-se os mantimentos que n'esta, assim como nas outras existiam, foi uma verdadeira calamidade nacional; quer em sentido estrategico e politico, quer no das conveniencias de moralisar a nossa força e alentar as esperanças abatidas da provincia.

« Deus guarde a V. Ex.

« Campo volante da 2.ª divisão ligeira, junto da villa de Uruguayana, 16 de Setembro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. tenente-general João Frederico Caldwell.
— *Barão de Jacuhy.* »

Diz o Barão de Jacuhy na informação acima que, se estivessem reunidas em S. Borja as forças que estacionavam na fronteira de Missões, e as que marchavam de Sant'Anna do Livramento, podia-se obstar a passagem do Uruguay á força paraguaya que invadio a provincia.

A maior confiança reinava em S. Borja, quando o inimigo desde muito tempo ameacava a provincia; as familias foram apanhadas de sorpresa, e as propriedades entregues á rapina.

Diz o Barão de Jacuhy que havia forças sufficientes para atacar o exercito paraguayo na passagem dos rios; o mesmo affirmaram as commissões de engenheiros, que foram mandadas examinar aquelles lugares e dar seu parecer.

Disse tambem, que se sabe perfeitamente a sua opinião para ter-se atacado os Paraguayos, e que se conhece igualmente a influencia que destruio as suas esperanças. Que quanto á força para atacar ao exercito inimigo, havia 2,500 homens de infantaria e 4,000 de cavallaria, as posições mais vantajosas para augmentar a força dos nossos soldados.

Desde S. Borja até Toro-passo não se tiraram os recursos de gado e outros ao inimigo. Em todo o caminho até Uruguayana, só uma força de 400 homens, a vanguarda paraguaya, soffreu o ataque que lhe deu o coronel Antonio Fernandes de Lima.

São estas as principaes informações que deu o Barão de Jacuhy ao commandante das armas para serem transmittidas ao ministerio da guerra.

Apezar d'este coronel da guarda nacional conhecer o modo como se devia ter atacado os Paraguayos nos diversos lugares por onde passaram, não veio ao seu encontro antes d'elles entrarem em Uruguayana; disse o que se devia ter feito, mas não o fez.

LIVRO OITAVO.

CONTINUAÇÃO DOS DOCUMENTOS OFFICIAES DA INVASÃO PARAGUAYA, NO RIO GRANDE.

Quando o exercito paraguayo, depois de 10 de Junho de 1865, marchava livremente no territorio brasileiro o commandante das armas officiou ao Barão de Jacuhy, do lugar denominado Saycan com data de 16 de Junho, avisando-o de que os Paraguayos tinham entrado em S. Borja, asseverando-lhe que tinham rechassado a 1.ª brigada da 1.ª divisão e o 1.º batalhão de voluntarios da patria, retirando-se esta força para o Botuhy.

« Em consequencia (diz o commandante das armas) haja V. Ex. de marchar com a divisão de seu commando, com toda a brevidade, para as immediações do mesmo Botuhy, deixando a precisa guarnição nas fronteiras de Jaguarão e Bagé, e ordenando que o contigente de linha existente n'esta ultima fronteira, siga para S. Gabriel. »

O mesmo commandante das armas officiou ao presidente da provincia, da villa de Alegrete a 24 de Junho de 1865, e diz o seguinte:

« Illm. e Exm. Sr.—Acabo de receber com officio do commando da 1.ª divisão ligeira, sob a data de hontem e n. 100, a cópia inclusa do que em 19 do corrente lhe dirigira o commando em chefe do exercito contra o Paraguay, por onde conhecerá V. Ex. que não posso contar mais com o reforço d'aquelle exercito, para bater a força inimiga que se acha já em marcha sobre Itaqui, e em consequencia de não poder

chegar a tempo a força sob o mando do general Flôres, n'esta data expeço ordem ao commando da dita divisão, para obstar a passagem do inimigo no rio Ibicuhy, para o que mando encorporar-se-lhe a 1.ª brigada da 2.ª divisão, e determino á força que se acha em marcha, composta dos corpos 5.º de voluntarios da patria e 23 de cavallaria de guarda nacional, que precipitem as suas marchas, para irem reforçar a que tem de alli operar, deixando de ordenar o mesmo ao corpo de voluntarios de n. 1, por ter aqui chegado hoje muito estropiado.

« Como a 1.ª brigada da 1.ª divisão ligeira acha-se d'ella separada, na ordem que expedi, deterninei que a passagem do rio serviria de signal para ella atacal-a pela retaguarda e toda a divisão pela frente, e assim penso que poderemos ter alguma vantagem, não obstante a desigualdade de numero: e caso não se realise com exito esta operação, então mandarei que as forças sitiem o inimigo, até que se reuna a 2.ª divisão ligeira, para então tomar outras providencias.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga presidente d'esta provincia.—*João Frederico Caldwell.* »

Este officio do commandante das armas datado do sitio do Saycan de 16 de Junho de 1865, dirigido ao Barão de Jacuhy, chamando para vir de Bagé, onde se achava com a sua divisão, atacar os Paraguayos que marchavam sobre o rio Itaquy, de nada servio; o Barão de Jacuhy moveu-se depois que recebeu o aviso de 29 de Julho, já transcripto; esta falta de cumprimento de ordens está assignalada em outros lugares d'esta historia.

Outro officio do mesmo commandante ao presidente da provincia da villa de Alegrete em data de 24 de Junho, communicando-lhe as disposições que ordenara para hostilisar os Paraguayos, mostra a intensão que tinha o referido general de bater os invasores da provincia; porém infelizmente suas ordens não foram executadas, nem o podiam ser, conservando-se elle tão distante de S. Borja, onde a sua presença tinha sido mais necessaria do que no Alegrete.

Se o commandante das armas esteve muitos dias longe do exercito paraguayo, tambem os outros chefes militares com o seu exemplo conservaram-se quietos, o brigadeiro David Canavarro na sua estancia de Ibirocay, e o Barão de Jacuhy com a sua brigada em Bagé: um coronel de guarda nacional com pouco mais de mil homens é que teve a resolução de

atacar a vanguarda do exercito paraguayo em marcha, sem esperar pelas ordens expedidas de Alegrete, o que relata o coronel Antonio Fernandes de Lima na parte que se segue.

OFFICIO DO COMMANDANTE DA 1.ª BRIGADA DA 1.ª DIVISÃO.

« Commando da 1.ª brigada, campo volante junto á fazenda de Braz Pinto, 27 de Junho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Estando de observação com a brigada do meu commando do exercito inimigo que se achava pelo rio Butuhy, nas fazendas dos tenentes Belizario Lopes da Silva e Francisco da Cunha Silveira, conforme já participei a V. Ex., fui avisado de que uma força paraguaya em numero de 460 a 500 homens de infantaria montada e alguns de cavallaria, tendo passado o rio Butuhy no passo de D. Anna Hyppolito, nos fundos dos campos de S. Donato, se dirigia pela estrada de Itaqui, tomando depois a direcção da estancia do Fortunato Assumpção, onde pousaram na noite de 25 a 26 do corrente.

« Na madrugada de hontem marchei com a brigada para atacar essa força inimiga, e dei aviso ao Sr. tenente-coronel Sezefredo, commandante da 4.ª brigada, para tambem vir com sua força: com effeito, ás 8 para as 9 horas da manhã avistei o inimigo, que já estava soffrendo fogo de um esquadrão de clavineiros que eu havia mandado adiante.

« Achava-se o inimigo collocado sobre a fralda de uma coxilha, junto de um banhado grande que tem perto da estancia de Fortunato Assumpçao, de cujos banhados nascem grandes capões de mattos: alli estendeu linha e esperou.

« Mandando carregar pelos corpos de cavallaria de minha brigada, fiz-lhe grande estrago, sendo já n'essa carga derrotada completamente a cavallaria inimiga; em seguida marchou o inimigo sempre em boa ordem pela costa do banhado; e mandando eu atacal-os pelos corpos de cavallaria, tomaram uma melhor posição, já dentro do banhado sobre a costa do matto; n'este momento chegou o tenente-coronel Sezefredo com a sua brigada, e, de accordo com elle, atacámos o inimigo mesmo dentro do banhado, de cuja carga resultou grande perda ao inimigo, pondo-o em completa retirada pelo grosso do banhado, agarrando em seguida o matto que estava proximo.

« N'este combate perdeu o inimigo de 150 a 200 homens mortos no campo; sendo de calcular que os fugidos a maior parte fossem feridos.

« A cavalhada que traziam foi toda tomada; dos nossos bravos perdemos 29 mortos no combate, sendo n'este numero os tenentes Israel da Silva Moraes e Leandro Rodrigues Fortes; e feridos 86, como tudo melhor verá V. Ex. pela

relação inclusa dos nomes, corpos a que pertencem os mortos e feridos.

. . . .

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. Exm. Sr. general João Frederico Caldwell, commandante das armas.—*Antonio Fernandes de Lima*, »

« Quartel general do commando das armas em Japejú, 23 de Julho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Cumpro o dever de participar a V. Ex. que desde o dia 19 do corrente acho-me distante do inimigo apenas uma legua, tendo ido pessoalmente n'esse dia com o meu estado maior fazer o reconhecimento do campo por elle occupado nas proximidades do passo de Santa Maria, no Ibicuhy, onde existia com uns 3,000 homens e algumas carretas de doentes, e munições; achando-se ainda o restante da força do outro lado do rio, soffrendo constantes guerrilhas da nossa, que alli estava, composta d'aquella brigada e da 4.ª

. . . .

« No reconhecimento que fiz planejei atacal-os de prompto, e para isso dirigi-me ao brigadeiro Canavarro, que de mim distava com toda a força como quatro ou cinco leguas, para precipitar as marchas, afim de não perdermos uma tão favoravel occasião, por haver opportunidade de hostilisal-os de frente e flancos; a estação que atravessamos deteve este meu plano, e foi causa (devido á falta de cavalhadas e boiada) que a columna só pudesse vencer essa distancia em tres dias de marcha, pois reunio-se-me no dia 21; firme no proposito de atacal-os, reuni em conselho o citado brigadeiro e os coroneis José Alves Valença e João Manoel Menna Barreto, e lhes declarei o meu plano; convicto de levar a V. Ex. a agradavel nova do completo exterminio d'essa horda, que entre nós só tem representado o miseravel papel de saqueadores.

« O brigadeiro já mencionado contrariou o meu plano, dizendo-me que era sua opinião hostilisal-os em marcha, por não confiar nas probabilidades da victoria, e receiar males incalculaveis, se por ventura fosse-mos infelizes; e que como aguardava a cada momento que se reunissem á columna as citadas brigadas, que assim seria reforçada com mais 1,500 homens, então nos achariamos nas condições de fazer-lhe frente; e como reconheço no meu velho camarada longa pratica e proficiencia na guerra da provincia, com elle concordei; póde V. Ex. contar que o inimigo será sempre vivamente acossado, e quem sabe se para logo batido, o que conto terá lugar tão depressa deixe elle as matas das margens do Ibicuhy.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. João Marcellino de Souza Gonzaga.—*João Frederico Caldwell*, commandante das armas. »

Por este officio do general Caldwell, de 23 de Julho de 1865, ao presidente da provincia, vê-se que elle quiz fazer algum movimento para atacar os Paraguayos na margem do rio Ibicuhy, que para esse fim dirigio-se ao brigadeiro Canavarro, afim de não perder uma tão favoravel occasião de hostilisal-os de frente e flancos; reunio em conselho o dito brigadeiro e os coroneis João Manoel Menna Barreto e José Alves Valença; diz que o dito brigadeiro contrariou o seu plano, dizendo que era sua opinião hostilisal-os em marcha, e que elle Caldwell reconhecendo no seu velho camarada longa pratica e proficiencia na guerra da provincia, com elle concordou.

E' digna de reparo esta opinião do commandante das armas na presença do exercito paraguayo, que marchava livremente á vista das tropas brasileiras, que se conservavam quietas depois do ataque que fizeram á sua vanguarda.

Os Paraguayos atravessaram os campos, passaram os rios a nado, queimaram povoações; os commandantes das tropas da provincia reuniram-se em conselho, discutiram se convinha atacar o exercito paraguayo quando elle foi occupar Uruguayana, como se isto pudesse ser objecto de duvida.

David Canavarro foi o unico official general empenhado em que se não atacasse o exercito paraguayo, quando estava na provincia. Este homem, que prestou bons serviços á sua causa desde 1838 até 1845, nunca passou de um guerrilheiro, ao qual não se podia dar importancia como militar: tal foi o papel que por alguns annos representou na guerra civil da provincia do Rio Grande do Sul.

Portanto, não se podia allegar ignorancia de quem era Canavarro, como militar, para se nomear commandante de uma parte da força armada da provincia, que a devia defender da invasão que se esperava.

O governo imperial julgou que os chefes militares existentes na provincia cumprissem as suas ordens, infelizmente isto não aconteceu, o que se publicou officialmente.

Os documentos que o governo imperial mandou publicar sobre a invasão do Rio Grande, provam evidentemente o

que acabamos de dizer, e por isso os incluimos n'esta historia dos acontecimentos deploraveis que tiveram lugar n'esta guerra que acabou.

Parece que o governo imperial mandou-os publicar, para á vista d'elles escrever-se a historia d'esta campanha, e servirem-lhe de provas veridicas e insuspeitas.

« Illm. e Exm. Sr. brigadeiro David Canavarro.— Acabo n'este momento (6 horas da tarde) de chegar do câmpo inimigo, onde descobri o melhor possivel para V. Ex. atacal-o de frente e flancos. Vi tambem grande parte da força ainda do outro lado do Ibicuhy, e os nossos esquadrões ameaçando-a. Veja, pois, V. Ex. o que resolve a respeito, e diga-me o que julga melhor. Creia V. Ex. que tão opportuna occasião não se proporcionará mais para levarmos de vencida aos nossos inimigos, que continuam queimando e devastando tudo.

« V. Ex. ha de lembrar-se do meu pensar, quando pretendi fazer adiantar uma columna composta das tres armas para se oppôr á passagem d'aquelles barbaros, quando logo se approximassem do Ibicuhy, e infelizmente V. Ex. contrariou esse meu plano, que vejo hoje seria magnifico, se por ventura se tivesse realisado.

« Perdeu V. Ex. de mais uma vez cobrir-se de louros, de livrar aos nossos patricios dos grandes prejuizos, que já começam a soffrer, e ao mesmo tempo de prestar ao paiz um serviço altamente importante.

« Permitta ainda que lhe diga que, se V. Ex. não atacar o inimigo amanhã cedo, perde outra eccasião de não só livrar o paiz dos barbaros invasores que assolam esta provincia, como tambem de adquirir mais um titulo ao reconhecimento dos Brasileiros.

« Perdão, se acha que fallo com demasiada franqueza: o considero na altura de um benemerito soldado, e desejo sobretudo que V. Ex. adquira ainda mais, se fôr possivel, a consideração do Imperador.

« Estas razões é que me levam a fazer-lhe as ponderações, que me suggeriram o golpe de vista de um seu velho camarada, que como sabe, tem gasto uma vida inteira no serviço militar.

« Com consideração e estima me assigno de V. Ex. camarada e amigo.—*João Frederico Caldwell.*

« Estancia no Adão, 23 de Julho de 1865. »

OFFICIO DO MINISTERIO DA GUERRA DE 30 DE JUNHO DE 1865.

Todos os documentos transcriptos até aqui e que annunciavam a approximação do exercito paraguayo á fronteira do

Uruguay, não bastaram para avisar ao governo imperial do que ia acontecer.

O ministerio de 12 de Maio ficou surprehendido com a noticia que teve do exercito paraguayo ter passado o rio Uruguay para a provincia do Rio Grande: em 30 de Junho mandou o ex-ministro da guerra Ferraz ao presidente o officio que se segue.

« Ministerio dos negocios da guerra.—Rio de Janeiro, em 30 de Junho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—São assustadoras as noticias que, a respeito da fronteira de S. Borja, correm n'esta côrte vindas do Rio da Prata, e segundo as quaes já deve a esta hora estar invadida essa provincia por forças paraguayas.

« Dá-se como certo que o general Canavarro não tem forças sufficientes, e que S. Borja fôra tomada; tendo perecido todo o 1.° batalhão de voluntarios na resistencia que oppuzera.

« Bem eu previa que a demora da marcha do Barão de Jacuhy pudera ser bem penosa ao governo imperial, e talvez bem funesta ao paiz. Por mais de uma vez, no curto espaço de minha administração, tenho recommendado e ordenado por um modo positivo e terminante, a concentração das forças do Barão de Jacuhy n'aquelle ponto, que se foi tomado como se diz, não o foi por sorpreza; era um ponto de ha muito ameaçado.

« V. Ex. não ignora que essa invasão, se com effeito se deu, é um facto lastimavel, não unicamente pela perda de vidas, pela desmoralisação que d'elle nos póde provir, ainda mais porque vem perturbar todo o plano de operações assentadas pelas forças alliadas, que contavam ser apoiadas por esse lado, e não haver necessidade de distrahir forças com o fim de sustental-o; e V. Ex. tambem não ignora os males que póde acarretar qualquer alteração em um plano de operações, que nunca é assentado se não depois de estudo e muitas combinações.

« Foi por isso que não deixei de chamar a attenção de V. Ex. dando a respeito da concentração de forças ordens bem terminantes; infelizmente não foram cumpridas, não havendo para isso, na opinião do governo imperial motivos sufficientes.

« Cumpre por tanto fazer-se hoje um esforço supremo: ou são falsas essas noticias, e precisamos acautelar-mo-nos, ou são verdadeiras, e devemos tratar de quanto antes livrar a provincia da invasão, que desviando as vistas e as forças do general Ozorio do seu fim e marcha, como acima deixo ponderado, póde produzir males tão sérios quanto graves.

« E' mister, pois, tudo envidar, e n'esta occasião além do armamento e munições de que póde dispor, segue uma brigada ao mando do coronel Joaquim José Gonçalves Fontes, e os vapores *Brasil*, *Jaguaribe* e *Falcão* que a transportam; regressarão á provincia de Santa Catharina, afim de buscar e conduzir para ahi novas forças, que á medida que forem chegando n'essa capital, deve V. Ex. fazel-as seguir sem perda de tempo, para a respectiva fronteira; ficando V. Ex. autorisado para contratar carretas, e os transportes necessarios para a condução de bagagem do proprio equipamento e armamento até onde for conveniente; estando prevenido de todos os meios necessarios para quando chegarem forças não haver ahi a menor demora.

« Deus guarde a V. Ex. — *Angelo Moniz da Silva Ferraz*.— Sr. João Marcellino de Souza Gonzaga.»

Está bem terminante a confissão que fez o ex-ministro da guerra Ferraz, quando disse no officio acima que, —as ordens do governo não foram cumpridas.— Diz ainda o ministro : « Dá-se como certo que general Canavarro não tem forças sufficientes. » Mas não sabia o governo imperial a razão porque Canavarro não tinha forças reunidas, não sabia o governo imperial que Canavarro era mais negociante do que militar, e não lhe convinha reunir a guarda nacional por um motivo, e não atacar os Paraguayos por outro: reunindo se a guarda nacional em grande força era preciso dispender dinheiro, atacar os Paraguayos era preciso ter intelligencia para o fazer.

A vista disto não admirou aquelles que estavam ao facto dos negocios militares da provincia, que o ministerio de 12 de Maio e particularmente o ex-ministro da guerra Ferraz, ficassem surprendidos com a noticia da invasão paraguaya.

O ministerio estava persuadido que a provincia do Rio Grande estava bem defendida em consequencia das ordens que tinha dado, e que os nomes dos chefes militares que alli commandavam a guarda nacional eram uma garantia sufficiente para o governo imperial ficar descançado.

Fica notado na ordem dos acontecimenfos d'esta guerra o seguinte:— Em quanto o Imperio conservou na margem do Uruguay um exercito de 16,000 homens, immovel por espaço de cinco mezes, destinado a ir fazer a guerra do Paraguay,

foi a provincia do Rio Grande invadida e devastada por um exercito Paraguayo de 5,000 homens mal armados e sem artilharia, desde 10 de Junho até 17 de Setembro de 1865, sem haver n'esse tempo força armada capaz de o anniquilar.

A historia imparcial exige que os factos sejam referidos com toda a veracidade, para não enganar-mos os vindouros.

O presidente da provincia communicou ao general das armas em officio dé 10 de Julho :

« O que diz V. Ex., e a parte do coronel Menna Barreto veio infelizmente corroborar o meu juizo já manifestado a V. Ex. no meu officio de 3 do corrente, de ser devida a invasão das forças inimigas n'esta provincia á nimia facilidade dos chefes encarregados de guardar as fronteiras. »

O presidente servio-se de termos muito delicados, para mostrar que conhecia os culpados de tão grave acontecimento.

Ao ministro da guerra communicou em officio de 13 de Julho o seguinte :

« Não sou profissional, mas a responsabilidade que pesa sobre esta presidencia, e as difficuldades que todos os dias parecem mais avultar, obrigam-me a meditar sobre a marcha das operações militares, e a envolver-me em assumptos que não estão dentro da esphera das minhas attribuições. Peço licença a V. Ex. para ponderar que eu não vejo nas operaçães militares a harmonia de planos, e a comprehensão de vistas que devia haver. »

Finalmente, com os documentos a cima transcriptos, chegamos ao ponto em que vamos resumir os factos emittidos até aqui.

Alguns mezes antes da invasão tinha o presidente dado as ordens precisas aos chefes militares para a organisação de forças para defender a provincia. O ministerio da guerra ordenou que todos os corpos disponiveis marchassem para a fronteira de Uruguayana, e que o commandante das armas os fosse organisar e commandar para oppôr-se á invasão paraguaya.

Todas as ordens que se deram com o fim de se reunir um exercito na fronteira, não se cumpriram ; as tropas estavam espalhadas pela provincia, a guarda nacional em destacamento licenciada, os dous batalhões de linha, 2.° e 10.°

estavam em Bagé um, em S. Gabriel o outro, a mais de 30 leguas de S. Borja.

Os chefes militares como estavam divergentes, presenciaram de muito longe a invasão; o commandante das armas estava na cidade da Cachoeira, David Canavarro em Ibirocay, o Barão de Jacuhy em Bagé; moveram-se depois que os Paraguayos tinham passado o Uruguay.

Em diversos documentos apresentados até aqui, tem-se mostrado que na provincia do Rio Grande havia alguma tropa de linha e guarda nacional destacada em sufficiente numero para formar uma divisão das tres armas para a defender; o documento que se segue da secretaria do governo da provincia, justifica o que temos mostrado.

« A Força dos corpos permanentes de cavallaria da guarda nacional chamados a destacamento para o serviço activo de campanha por actos da presidencia do Rio Grande do Sul, foi:

« Força dos corpos provisorios de cavallaria. . .	11,078
« Forças dos corpos permanentes de cavallaria e infantaria.	4,184
	15,262

« Esta força foi dividida em duas divisões: commandante da primeira, brigadeiro honorario David Canavarro. Commandante da segunda divisão, Coronel Barão de Jacuhy.

« Em cinco brigadas. Dous batalhões de linha, 2.º e 10.º Duas baterias com 8 bocas de fogo. Corpos da guarda nacional de cavallaria e infantaria 28.

« Secretaria do governo da provincia em Porto-Alegre, 13 de Junho de 1865. — O secretario, *Augusto Cesar de Padua Fleury*. »

A' vista d'este documento official é para lastimar que o commandante das armas não pudesse organisar um corpo de exercito

O parecer e a informação dos engenheiros sobre a possibilidade de defender a provincia da invasão paraguaya, em virtude da ordem do ministro da guerra, vê-se adiante.

OFFICIOS DO MINISTRO DA GUERRA.

« Gabinete do ministro em Caçapava, provincia do Rio Grande do Sul, em 16 de Agosto de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—De posse de seu officio reservado de

5 do corrente, hoje recebido, e em vista de quanto V. Ex. no mesmo expende, autoriso-o a demittir do commando, que está exercendo n'esse exercito, o brigadeiro honorario David Canavarro, cujo comportamento me parece injustificavel.

« Escuso recommendar a V. Ex. a maior prudencia e discripção no uso d'esta autorisação que deverá communicar ao tenente-general Barão de Porto Alegre, se elle já se achar empossado do commando do exercito.

« Corre que o inimigo tenta invadir a provincia pelo passo dos Garruchos; tenho necessidade de saber o que ha de exacto em semelhante boato, afim de prevenir os effeitos e males que podem resultar de sua realisação.

« Deus guarde a V. Ex.—*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*— Sr. João Frederico Caldwell. »

« Gabinete do ministro em Caçapava, provincia do Rio Grande do Sul, em 16 de Agosto de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Em vista do que acaba de expor-me o tenente-general João Frederico Caldwell, sobre o inexplicavel procedimento do brigadeiro David Canavarro, de que sem duvida informará a V. Ex., n'esta data autorisei áquelle tenente-general, e igual autorisação concedo a V. Ex. para demittir, se entender conveniente, do commando que exerce no exercito, não só o referido brigadeiro Canavarro, mas ainda quaesquer outros chefes ou officiaes cujo comportamento, tibio ou duvidoso, se torne um embaraço ou pareça prejudicar a marcha e exito das operações.

« Concedendo a V. Ex. tão importante autorisação escuso recommendar-lhe a maior discrição e prudencia no seu uzo.

« Prevaleço-me da opportunidade para reiterar os protestos de minha estima e consideração.

« Deus guarde a V. Ex.—*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*— Sr. Barão de Porto Alegre. »

« Gabinete do ministro da guerra, em Caçapava, 17 de Agosto de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Sirva-se V. Ex. expedir as convenientes ordens afim de que, quanto antes se faça uma syndicação do facto, que tanto ataca os brios d'esta provincia, e offende a dignidade e a honra nacional, de terem os Paraguayos, sãos e salvos, sem encontrar a menor resistencia na sua marcha de devastação, passado sem estorvos os rios, e se apossado da villa de Uruguayana, á vista de nossas forças que impassiveis se conservaram.

« A respeito do mesmo facto dirigi ao general João Frederico Caldwell os quesitos inclusos, devendo V. Ex. remettel-os aos diversos chefes das forças, de quem exigirá outros esclarecimentos que julgar necessarios.

« Haja outrosim V. Ex. ordenar que a commissão de engenheiros do exercito, cujo commando lhe está confiado,

proceda a uma minuciosa investigação, colha todos os dados, obtenha todos os esclarecimentos sobre a invasão d'esta provincia pelos Paraguayos, estude as datas, consulte a estatistica das forças, dos recursos nossos, os combine com os do inimigo, para reconhecer-se, se era ou não possivel obstar a invasão; consiga por intermedio de V Ex. todos os documentos, exigindo-nos das autoridades, afim de que possa ficar habilitada com os esclarecimentos necessarios para escrever a historia militar de todos estes acontecimentos.

« Deve a mesma commissão, quando houver possibilidade, proceder a rigoroso e minucioso exame sobre o facto a que acima me refiro, occupação dos Paraguayos; e o exacto reconhecimento, pelo qual se possa fazer um juizo seguro sobre a possibilidade de uma resistencia, quer na passagem dos rios, no trajecto que fez o inimigo, quer na sua entrada na villa de Uruguayana. (*) »

. . . .

PARECER DA PRIMEIRA COMMISSÃO DE ENGENHEIROS.

A primeira commissão de engenheiro dos capitães Sebastião de Souza e Mello, Francisco Xavier Lopes de Araujo, e do tenente Sebastião Antonio Rodrigues Braga, escreveram o relatorio que se segue, em virtude do aviso acima transcripto.

Illm. e Exm. Sr. . . . .

. . . .

« Para effectuar a passagem do rio Urugauy entre esses dous pontos acima mencionados, procurou o inimigo apoiar sua operação sobre algum matto e casas existentes na margem direita, que pudessem emboscar suas tropas; e sobre a margem esquerda escolheu um ponto, onde á época de seu movimento de 35 palmos pouco mais ou menos, deveria ella dominar o nivel das aguas.

« Dispondo de meios primitivos e muitos ingnificantes para vencer um rio caudaloso, que entre os dous pontos escolhidos apresentava uma largura de 300 braças, se muito vantajosa era ao invasor a fixação do lugar de partida, mais favoravel á resistencia, tambem não poderia ser aos defensorres a topographia do ponto que na margem esquerda elle demandava.

« Pelo commandamento consideravel da margem esquerda n'esse porto, e pelo declive rapido que ella ahi apresenta, tres bocas de fogo, quando muito, e 800 praças de infantaria teriam, senão derrotado, pelo menos feito perder ao inimigo uma parte consideravel de suas forças; e quando pelo revez soffrido elle não recuasse ante a resolução de invadir nosso sólo, por ahi tão protegido naturalmente, para a ultimar, ver-

(*) Os quisitos a que se refere o aviso acima, é inutil transcrevel-os.

se-hia forçado a esperar novos reforços, ou buscar algum outro ponto do rio onde a resistencia não pudesse, nem devesse ser tão efficaz. Esta opinião que o estudo da localidade suggere assume militarmente o caracter de asserção, quando comparamos o resultado que o inimigo obteve com os escassos recursos que possuia para effectuar essa passagem.

« Contando apenas com 19 canoas lotadas para 25 homens cada uma, sob o commando de coronel paraguayo Antonio de Estigarribia, a 10 Junho do corrente anno, passaram o Uruguay 8 batalhões de infantaria, 4 regimentos de cavallaria, 8 bocas de fogo de campanha e 30 carretas, das quaes 4 com munições de guerra.

« E ainda para difficultar a operação accresse que consideravel era o numero de animaes affectos ao serviço do exercito invasor: 800 bois e 4,000 cavallos atravessaram o rio n'esse mesmo dia.

« Caso os meios indicados para opposição á passagem do rio não pudessem ser realisados, de muito poderiam ser redusidos, e a resistencia ter igual resultado, se se compensasse essa falta pela creação, na margem esquerda, de alguma obra de fortificação passageira.

« Com tal disposição á resistencia, e pela presença de tropas em numero não muito consideravel, é permittido affirmar que o inimigo, ante o regimen das aguas que tinha junto a si, e as condições locaes da margem em que pretendia desembarcar, buscaria outro ponto do Uruguay, onde, admittida a sua passagem, haveria a nosso favor a grande consideração de ficar elle com a linha de retirada cortada por forças que deveriam ser convenientemente dispostas ao longo da margem esquerda do rio, desde esse ponto até ao porto de S. Borja.

« Por um concurso de circumstancias, que não nos é dado expender, o inimigo venceu no curto espaço de 12 horas, com uma força e material consideraveis, um dos mais caudalosos rios da America do Sul. Ganhou o territorio brasileiro no porto de S. Borja, e a 12 de Junho passou a occupar a villa do mesmo nome, e ahi começou a sua obra de pilhagem e destruição.

« A 2 de Julho, em direcção á sanga do Cambahy, desaguando no Uruguay a 300 braças, á montante da villa de Itaqui, realizou o inimigo uma d'essas operações que, á vista das circumstancias que a rodeavam, só ao successo que coroou sua arrojada decisão ante o porto de S. Borja, é possivel attribuir sua concepção.

» Com effeito, em sua marcha para o sul pelo territorio d'esta provincia, o exercito paraguayo achava-se n'esse dia a 10 leguas, pelo menos, ao norte de Itaqui, ameaçando essa villa. As forças paraguayas que acompanhavam a margem direita do Uruguay, não podiam contar com a cooperação das que se achavam em nosso territorio: o rio Uruguay apresen-

tando n'esse ponto uma largura proximamente igual á que tinha onde por ellas foi passado a 10 de Junho, e as condições topographicas das margens sendo as mesmas que as do porto de S. Borja, dirigir um ataque contra a villa de Itaqui, n'essa situação de isolamento na margem esquerda, era um dos actos mais temerarios que o inimigo poderia executar.

« Pelas 3 horas da tarde d'esse dia, 42 homens sob o commando de um sargento, atravessando o rio Uruguay embarcados em sete canôas, tocaram o territorio de Itaqui.

Dirigindo-se elles immediatamente á villa em duas horas, tempo que em nosso solo se demoraram, saquearam varias casas de subditos estrangeiros ahi residentes, e sem perda de um só homem, volveram ao seu acampamento na margem direita. Com um serviço de policia de fronteira bem organisado, se alguma força brasileira em numero muito limitado se achasse na villa de Itaqui, em taes condições, seria impossivel o desembarque.

« Para operar semelhante movimento, teria o inimigo dado muito maiores elementos de acção á sua força, e a data 6 de Julho, dia da entrada do coronel Estigarribia com o exercito sob seu commando na villa de Itaquy, não traduziria com tanta eloquencia esse acto de verdadeira temeridade que o inimigo, com uma não pequena indifferença, executou n'esse lugar.

« Dividida naturalmente para defensiva, é a zona occidental da provincia do Rio Grande do Sul. As bacias hydrographicas d'essa região, dando para escoamento das aguas tres grandes rios, o Uruguay e e seus dous affluentes, o Ibicuhy e Quarahim indicam, protegendo as situações, em que a garantia do territorio deve ser efficazmente disputada. Estes tres consideraveis cursos d'agua, correndo de norte a sul, o Uruguay estabelecendo o limite do Brasil com a Republica Argentina, n'essa parte de seu desenvolvimento ; outro, o Ibicuhy, desaguando no Uruguay, seguindo a direcção d'estes a oeste, na metade proximamente do desenvolvimento da fronteira occidental da provincia, e, finalmente, o Quarahim rio divisorio entre nosso territorio e Estado Oriental ; desenham dous grandes districtos militares da provincia, tendo por linha de divisão o rio Ibicuhy ; e d'elle estendendo-se para o norte e para o sul, até as suas fronteiras respectivas.

« Se por uma invasão do territorio da provincia, pelo lado do Uruguay, foi um d'esses districtos militares occupado pelo inimigo, á posse do outro depende toda da passagem do rio Ibicuhy, que determina o limite entre elles. E' no mallogro d'essa operação que se basêa, seja a destruição do exercito invasor, quer a occupação de parte; tão sómente, da zona fronteira por esse lado. O rio Ibicuhy, sendo, portanto, a chave da provincia, n'essas condições invadida, é para elle que toda a attenção deveria ser volvida.

« Tendo um corpo do exercito paraguayo invadido a provincia, pelo porto de S. Borja, e em sua marcha trazido o plano de ganhar o Estado Oriental, para ahi engrossar suas fileiras, seria á passagem do rio Ibicuhy que deveriamos oppôr a maior resistencia, e por ella caro fazer pagar ao inimigo seu arrojo e ignorancia de nossos meios de defeza.

« Espalhando a ruina por onde passava, e levando diante de si espavorida a população da provincia, por esse lado: senhor emfim do terreno que pisava, o inimigo para effectuar a passagem do Ibicuhy deveria procurar realisal-a lá onde, pelas communicações ordinarias, elle era vencido. Em direcção ao passo Santa Maria caminhou elle, portanto, e ahi começou a passagem.

« No lugar acima mencionado effectuou elle a passagem de um batalhão de infantaria e duas bocas de fogo; como, porém, os pontos de partida e chegada eram-lhe extremamente desvantajosos, o primeiro por não ter mattas que protegessem suas forças á chegada do rio, deixando assim a descoberto seus movimentos ás forças nossas que se achavam a uma pequena distancia da margem esquerda, e o segundo por ser protegido por uma matta, circumstancias todas favoraveis á defensiva; teve elle de renunciar á passagem n'este ponto, e demandar outro que mais lhe garantisse o successo de sua operação.

« Taes foram os embaraços que á marcha d'essa força ahi passada causou a matta ahi existente na margem esquerda, e atravez a qual corre uma sanga bastante profunda, que segundo informações ministradas por uma praça paraguaya, que ahi passou o rio, ella ficou dous dias isolada n'essa margem, e só depois d'esse praso é que foi reunir-se ao grosso da força que atravessou o rio em outro ponto.

« Talvez que animado por duas passagens de rio tão extraordinariamente felizes, e rendendo alguma justiça á força brasileira que se achava postada á margem esquerda, mandasse o inimigo esse batalhão de infantaria com duas bocas de fogo, para sobre a margem objectiva proteger seu movimento: essa póde ser a razão estrategica de semelhante operação, e então força é confessar, completamente satisfeitos foram seus designios; pois essa força em um isolamento absoluto teve a incrivel fortuna de ainda tornar a fazer parte util do exercito sob o commando do coronel Antonio de Estigarribia.

« Reconhecendo o inimigo as difficuldades com que tinha de lutar, para desenvolver suas forças na margem esquerda, atravessando o rio no passo Santa Maria, a 1,800 braças, pouco mais ou menos, á montante, no lugar denominado—Pontão do Ibirocay—effectuou elle a passagem do resto do seu exercito.

« N'esse lugar deveria o rio, no dia da passagem apresentar uma largura de 240 braças; a margem direita é prote-

gida por uma matta bastante espessa, e o ponto da margem esquerda que elle demandava. desguarnecido de arvores; circumstancias inteiramente contrarias ás com que contava no passo Santa Maria: a matta existente na margem direita estende-se a uma distancia proximamente de 700 braças, até encontrar o campo, e a margem esquerda consideravelmente dominada por uma collina que acompanha seu desenvolvimento.

« Se pois, para attingir a margem, ajudado de uma picada que no interior da matta abrio, tinha o inimigo as maiores garantias de successo por isso, que, não expunha n'esse ponto suas tropas ao fogo de nossa força; a elevação do terreno sobre a margem esquerda, e a falta absoluta do arvoredo ahi collocavam-o nas mais tristes condições para realisar a passagem, e com o material de que dispunha, 20 canôas, a resistencia um pouco viva que nossa força lhe fizesse, elle não effectuaria ainda a passagem do Ibicuhy n'essa paragem.

« Tomando o inimigo a sabia resolução de fazer passar as carretas, lá onde sem obstaculos chegassem ellas ao rio, escolheu para isso o ponto onde terminava a matta sobre a margem a 500 braças pouco mais ou menos d'aquelle em que a picada melhorada chegava ao rio; por essa disposição conseguio elle a passagem das carretas, de uma força superior a 6,000 homens, e 6 bocas de fogo, e de quantidade consideravel de animaes; ganhou a margem esquerda, e ahi tendo-se effectuado a reunião da força e artilharia passada no passo Santa Maria, vendo assim vencido esse terrivel obstaculo, senhor por tanto da zona da provincia, limitada pelo rio que acabava de passar e o Quarahim; marchou em direcção a Uruguayana, ahi intrincheirou-se, e a 18 do passado com a maior ignominia, pagou tão arrojados feitos.

« Demonstrada a importancia extrema que, do lado da defensiva, deveria ser ligada ao rio Ibicuhy, e admittindo no inimigo uma ideia fixa de continuar sua marcha em direcção ao sul, era junto a esse rio que os recursos de que dispunhamos deviam ser concentrados.

« Parecendo da parte do inimigo uma disposição á resistencia sem relação ao importante fim a que visava, embora seu embarque fosse garantido pela topographia do terreno, a configuração da margem que buscava era a mais vantajosa possivel á opposição por nosso lado, e se ahi occupando as alturas, houvesse postada uma força de 1,800 homens e 4 bocas de fogo com munições sufficientes, póde-se afoutamente affirmar que, da força paraguaya mui limitado seria o numero de praças que attingiria á margem esquerda.

« Se o material de que disposesse o inimigo para a passagem de rios, fosse aquelle que empregam paizes avançados na arte da guerra, não seria por certo a força indicada, a que bastaria á resistencia que deveria empregar, em vencer

um obstaculo d'essa naturesa, um exercito, cujo fim era ganhar terreno diante de si, e que tinha além d'isso sua retaguarda atacada; porém com os meios precarios de que dispunha o inimigo para essa operação, uma das mais importantes e arriscadas da guerra, a passagem do Ibicuhy, n'essas condições de terrenos e recursos, póde ser considerada como o acto o mais brilhante que o inimigo poderia praticar n'esta provincia.

« Esta é a exposição que temos a honra de submetter á consideração de V. Ex.

« Reunindo ao nosso trabalho uma planta das localidades principaes onde os factos expostos tiveram lugar, terminamos esperando que V. Ex. dignar-se-ha desculpar as faltas, que sem duvida n'elle se encontram.

« Deus guarde a V. Ex.

« Acampamento do exercito em operações, junto á villa de Uruguayana, 2 de Outubro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—*Sebastião de Souza Mello*, capitão de engenheiros.—*Francisco Xavier Lopes de Araujo*, capitão de engenheiros.—*Sebastião Antonio Rodrigues Braga*, 1.º tenente de engenheiros. »

PARECER DA SEGUNDA COMMISSÃO DE ENGENHEIROS.

Outra commissão de engenheiros foi mandada por aviso de 8 de Outubro de 1865, examinar os passos do Imbaha e Toro-passo, em que os Paraguayos passaram.

Depois da commissão fazer as diversas considerações sobre a natureza do terreno que se prestava á defensiva, continúa a expender a sua opinião do modo seguinte:

« E' de surprehender semelhante facto, sendo conhecido que o nosso exercito em guarnição sobre a fronteira dispunha de melhor artilharia, infantaria bastante em numero de 4 corpos, e o grande auxilio de muita cavallaria, forças mais que sufficientes na quantidade, em relação ás do inimigo, e com o recurso das vantagens do terreno, para inteiramente contrariar o seu ousado, e tão infelizmente realisado projecto.

« Sempre que fossem essas forças collocadas em posições tão escolhidas, e como lhes era bem possivel;— a artilharia na avenida estreita do passo, abrigando a infantaria, que podia ser estendida pela margem, encoberta pelo matto, não só protegendo aquella como aproveitando simultaneamente as suas armas; acredita a commissão que o inimigo teria de retroceder sem alcançar os resultados desejados.

« Por semelhante fórma delineada a defeza, e conforme os preceitos da arte mais conhecidos, não vacilla a commissão

repetir que seriam as consequencias da luta muito em abono da honra e da gloria de nossas tropas.

« Pensando assim a commissão, quer porém admittir que fossem infructiferos os esforços da resistencia e que, a despeito d'elles, pudesse o inimigo levar a effeito a realisação dos trabalhos referidos e a passagem do mesmo passo, figurando por tanto uma hypothese para estabelecer uma nova questão, que entende dever discutir.

« Ainda assim, causa assombro que não tivesse sido repellido muito energicamente, e com toda efficacia pelas nossas forças, protegidas pela posição do terreno, como temos em outro ponto descripto, facultando-lhes recursos tão superiores, que foram no entretanto inteiramente esterilisados.

« Seria questão apenas de sacrificios maiores, mas nunca de impossibilidade absoluta: e jámais póde justificar-se o abandono em que foi deixado o passo, e muito menos a collocação de nossas forças situadas ahi em uma coxilha, e successivamente occupando posições a observar impassivel todo o movimento do inimigo.

« Figurada na planta essa coxilha, sua inspecção só, basta para fazer conhecer sua importancia estrategica; e conseguintemente de que recursos incalculaveis para a luta em que se empenhassem as nossas forças áquem do rio, luta que obrigaria o inimigo a retroceder em desordem, e sem receio de errar diremos, em completa derrota.

« Basta para provar esta proposição, ponderar que as forças paraguayas, depois de haverem passado o passo do Toro-passo, ficaram collocadas em um rincão, formado pelo mesmo rio e pelo affluente que n'elle vem fazer juncção, circumdando um forte banhado que se estende em approximação ás coxilhas situadas á distancia de fuzil, e que o dominam.

« Accrescendo a taes recursos ainda o da natureza do solo d'aquellas, em muitos pontos cortados como são, de pedreiras de tal modo dispostas a substituirem os melhores espaldões, que se pudessem construir para abrigo defensivo e offensivo, não poderia a arte crear tão apropriados para multiplicar as forças materiaes disponiveis e permittir uma defeza bem activa e efficaz.

« Em conclusão, recapitulando a commissão as considerações que vem de expender, julga e pensa estar em perfeito acerto em tudo quanto fica referido.

« Que a passagem do passo de Toro-passo era disputavel com muito pequeno esforço pelas forças brasileiras, sendo mais que sufficientes as que se achavam á frente do inimigo, desde que tivessem sido dispostas, como acima fica explicado; disposição que não só prohibiria a construcção d'esses grosseiros parudões, como levaria o inimigo a tentar a realisação do plano que concebera, em qualquer outro ponto,

onde maiores difficuldades teria á vencer, sem que jámais conseguisse leval-o ávante áquem do mesmo rio.

« Que realisada que fosse, por qualquer circumstancia do acaso, ainda as nossas forças dispunham de recursos bem superiores para repellil-o; favorecidas como eram pelo terreno, que deveria abranger a zona das operações, sendo então possivel cortar-lhe a retirada, como teria lugar, se no plano de ataque fosse levada em consideração a conveniencia de não engajar todas as forças disponiveis, e destacar uma ligeira brigada que atravessando o rio em qualquer ponto acima, fosse aproveitada em semelhante opportunidade.

« Que finalmente o lamentavel successo de semelhante passagem, e suas consequencias até o passo do Imbaha, tem por causa unica a innacção de nossas forças, que não póde a commissão attribuir a outra origem se não ao erro por execesso de prudencia, ou a razões que lhe são desconhecidas e que não é do seu dever perscrutar.

« Tendo sido da attenção mais especial da commissão o exame sobre a passagem no passo do Toro-passo, relativamente ao que tem expendido, as considerações que julgou necessarias: deixa de o fazer igualmente em referencia á passagem no passo do Imbaha, porque lhe mereceu bem diminuta importancia, sendo mesmo de nenhum valor o trabalho que realisaram para levar a effeito, e que se reduz á collocação de algumas pedras sem ordem sobre a barranca da margem esquerda, onde é atoladiço o terreno unico e bem insignificante obstaculo que apresenta.

« E' esta a exposição que a commissão depois da observação propria, exame minucioso e informações que lhe foram facultadas, tem a honra de submetter á consideração de V. S. em desempenho do encargo que lhe fóra confiado.

« Deus guarde V. S.

« Acampamento do exercito em operações na villa da Uruguayana, 26 de Outubro de 1865.

« Illm. Sr. Dr. Rufino Enéas Gustavo Galvão, major de engenheiros, chefe da commissão de engenheiros do mesmo exercito. — *Sebastião de Souza Mello*, capitão de engenheiros. —*João Luiz de Andrade*, 1.° tenente. »

« Quartel general do commando interino das armas em Itapitocay, 16 de Agosto de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—No meu ultimo officio communiquei a V. Ex. que o inimigo estava exhausto de todos os recursos; por estes lados tem sido levantados todos os animaes cavallares e vaccuns, e convem que V. Ex. dê suas ordens para que outro tanto se faça pelas costas do Imbaha e Toro-passo, assim como do outro lado d'este arroio, se necessario for.

« Deus guarde a V. Ex.— *João Frederico Caldwell*, tenente-general graduado.

« Illm. e Exm. Sr. brigadeiro David Canavarro, commandante da 1.ª divisão. »

OFFICIO DO GENERAL CALDWELL AO MINISTRO DA GUERRA.

O commandante das armas Caldwell deu ao governo imperial os motivos porque não atacou o exercito paraguayo, porque o deixou passar no rio Ibicuhy, no officio seguinte:

« Illm. e Exm. Sr. — Apesar de não terem ainda chegado ás minhas mãos todas as informações que exigi para cumprimento das determinações expressas no aviso confidencial d'esse ministerio de 17 de Agosto, todavia para evitar demora, deposito nas mãos de V. Ex. em additamento ao meu officio de 7 de Outubro, em originaes, as dos commandantes da 1.ª divisão e das quatro brigadas, sobre as datas de 8, 26, 28 e 29 de Setembro e 3 de Outubro, tudo do corrente anno.

« Em todos estes documentos vê-se que os chefes concordaram que se não devia atacar o inimigo pela sua superioridade disciplinar, etc.

« Eu tambem concordei em não aceitar, nem offerecer uma batalha campal pelas razões expendidas; mas disputar a passagem do Ibicuhy, como bem demonstra o coronel João Manoel Menna Barreto, na sua informação, de que tratei no já citado officio de 7 de Outubro, seria sem duvida possivel, embora o inimigo tivesse já passado para a margem esquerda 2,000 homens mais ou menos: e segundo a minha fraca intelligencia, pelo reconhecimento que fiz das localidades que elle occupava nas duas margens d'esse rio, podia ser atacado de frente e flancos, porque na margem direita achavam-se as brigadas 1.ª e 4.ª cuja força excedia a 2,000 homens, e na esquerda a 2.ª 3.ª e 5.ª e a 1.ª da 2.ª divisão, contendo em seu todo mais de 4,500 praças, sem contar as oito bocas de fogo.

« Quando permitti ao commandante d'essa divisão que a infantaria deixasse as moxillas em Jiquicuá, foi no firme proposito de atacar o inimigo, aliás não as teriam deixado.

« Se os chefes a que me refiro, foram de opinião que se não disputasse a passagem do rio Ibicuhy, é evidente que outro tanto se deu em Toro-passo, onde em conselho na noite de 27 de Julho, pronunciaram-se contra minha idéa, declarando que resultariam graves consequencias, se arriscassemos um combate duvidoso, attendendo que a nossa força compunha-se de recrutas, etc., mas que elles chefes cumpririam qualquer ordem.

« Marchando o inimigo do Imbaha na direcção de Uruguayana sem que fosse hostilisado, apenas indo na vanguarda o corpo de cavallaria n. 17, sob o commando do tenente-coronel Bento Martins, e flanqueado com pequenas

guerrilhas, julguei desairoso aos brios e á honra nacional, que uma povoação brasileira fosse invadida impunemente pelas columnas inimigas; e por isso reuni mais uma vez o conselho, dando em resultado a maioria, que só o que se podia fazer era—aparentar—; depois de algumas observações, bem inconvenientes que se manifestaram n'essa occasião, ordenei que fossem as brigadas para o fim de—aparentar—e com o meu estado maior approximei-me aos invasores.

« Mandei d'ahi, pelo meu ajudante de ordens o capitão Francisco José dos Santos, ordem ao commandante da 1.ª divisão, para fazer avançar quatro bocas de fogo, mandou-me as oito, e quando chegaram ao lugar onde me achava, estavam os animaes completamente cansados e nem se quer as fez acompanhar por cavallaria ou infantaria, como lhe cumpria, para—aparentar—em harmonia com o que se tinha resolvido no predito conselho; n'esta desagradavel situação mandei contramarchar a artilharia.

« E' quanto presentemente tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. em cumprimento ao sobredito aviso confidencial de 17 de Agosto.

« Deus guarde a V. Ex.

« Quartel general em Porto Alegre, 3 de Novembro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra. —*João Frederico Caldwell*, tenente-general graduado. » (1)

Por aviso de 28 de Novembro de 1865, ordenou-se que o general Caldwell respondesse a certos quesitos sobre a invasão do Rio Grande; o dito tenente-general informou o seguinte:

INFORMAÇÃO DO GENERAL CALDWELL, SOBRE A INVASÃO DO RIO GRANDE.

« Illm. e Exm. Sr. — Em virtude das respeitaveis ordens expressas no aviso confidencial, que V. Ex. se dignou dirigir-me em 28 de Novembro ultimo, para que quanto antes eu responda aos quesitos exarados no outro aviso, tambem confidencial, de 17 de Agosto do corrente anno, vou cumprir essa determinação, principiando por ponderar que guardava todas as informações dos chefes, a que se refere o artigo final do ultimo aviso citado, para, assim habilitado, dar cumprimento ao que se me ordenou; no entretanto vou fazel-o pela maneira seguinte.

« Ao 1.º quesito respondo:—Que na noite de 18 de Julho, tendo recebido participação da vanguarda de que o inimigo tentava transpor o Ibicuhy para este lado, immediatamente mandei dar d'isso conhecimento ao commandante da 1.ª divisão, que

(1) Omittimos a parte do commandante da 1.ª divisão a que se refere o officio acima, por ser longa e inutil para os leitores.

se achava quatro leguas mais ou menos na minha retaguarda, isto é, em Jiquiquá.

« No dia seguinte o dito commandante mandou-me apresentar a 2.ª brigada de cavallaria da guarda nacional, ordeando-lhe de marchar toda a noite, afim de reforçar a vanguarda; succedeu porém, que o commandante d'esta se visse impossibilitado de cumprir semelhante ordem, por estar muito a pé, conforme representou-me; então ordenei-lhe que tratasse de procurar cavallos, onde quer que os houvesse, com tanto que ao sahir da lua se puzesse em marcha.

« Só depois de clarear o dia 20 foi que marchou a referida brigada, ponderando seu commandante, o coronel João Antonio da Silveira, que não pôde effectuar a marcha na hora determinada, por ter-se-lhe disparado a cavalhada.

« Fui com o meu estado-maior fazer o reconhecimento das localidades que occupavam os invasores nas duas margens do citado rio, e cheguei a convencer-me da probabilidade de atacal-os com vantagem. O que em seguida occorreu menciona o coronel João Manoel Menna Barreto em seu officio de 6 de Setembro, de que tratei no meu confidencial de 7 de Outubro; convindo, porém, notar o engano que se dá, quando elle se refere a Toro-passo, em vez de Passo Santa Maria.

. . . .

» Quanto ao 2.º — Que a força da 1.ª divisão ligeira do exercito imperial era aproximadamente de 7,000 homens, inclusive mais de 2,000 que compunham as brigadas 1.ª e 4.ª ao mando do coronel Fernandes, que se achavam na margem direita do Ibicuhy e na esquerda, incluindo-se tambem a 1.ª brigada da 2.ª divisão.

« O 1.ª divisão compunha-se de quatro batalhões de infantaria, sendo dous de linha e dous de voluntarios, ao todo 1,200 homens mais ou menos, (1) de 8 bocas de fogo de calibre 6, cuja guarnição era quasi toda de praças da guarda nacional, e de 3,000 e tantas praças de cavallaria da mesma guarda, sem contar o 3.º corpo provisorio que vinha de Quarahim reunir-se á divisão referida.

« A qualidade que distinguia essa tropa era, em geral, o pouco ou nenhum conhecimento do serviço militar, e alheia portanto á profissão das armas.

« A força inimiga calculava-se em 7,000 homens, pouco mais ou menos, (2) com 5 bocas de fogo, e compunha-se de cavallaria e infantaria montada; desenvolvia-se com destreza, e era habituada á disciplina.

« Depois da apresentação do Barão de Jacuhy, commandante da 2.ª divisão, foi esta formada da 1.ª brigada, que a

(1) Eram 1,600.

(2) Não chegavam a 5,000.

ella pertencia, e da 5.ª que ambas achavam-se na 1.ª divisão; esta estacionou na margem esquerda do Imbaha, e a outra na direita do Itapitocay, ponto que se presumia que da Uruguayana o inimigo a elle se dirigia; por este lado foram-lhe tirados todos os recursos, e para o outro expediram-se as convenientes ordens, como se vê da inclusa cópia do officio de 16 de Agosto proximo passado ao commando da referida 1.ª divisão; e, segundo dizem os das brigadas 2.ª e 3.ª em os seus de 26 e 28 de Setembro, de que tratei no meu já mencionado confidencial de 3 de Novembro, parece que pelas immediações do Imbaha diligenciou-se tambem para tirar-se-lhe os recursos.

« Ao 3.º—Que mal fortificada achava-se a villa de Uruguayana, como certifica o parecer dado pela commissão por quem mandei examinar esse trabalho, o qual enviei a V. Ex. em officio confidencial de 7 de Outubro.

« Sobre as bocas de fogo, de que dispunha tal fortificação, e sua guarnição, bem explicito é o capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle, no seu officio de 16 de Setembro, que a V. Ex. transmitti com o meu confidencial de 6 do referido mez de Outubro.

« Ao 4.º—Que, se a tempo tivesse chegado o general Flôres com o seu corpo de exercito, podia-se receber por agua ou por qualquer ponto mantimentos e mais recursos, visto não se poder então contar com os vapores de guerra, que só chegaram em frente á Uruguayana no dia 19 ou 20 de Agosto.

« Ao 5.º — Que a villa de Uruguayana foi evacuada na noite de 4 do dito mez de Agosto, por ordem do commando interino das armas, por não ser possivel guarnecel-a e sustental-a com tão pouca infantaria.

« Tanto as munições, como o material foram salvos, o que demonstra junto que acompanhou o citado officio de 10 de Setembro do referido ex-commandante da guarnição, menos os 2 canhões de ferro de que fez menção o mesmo officio.

« Ao 6.º — Que as poucas mercadorias que existiam na alfandega constam da relação que acompanhou ao meu já dito officio de 6 de Outubro; e quanto aos generos alimenticios que ahi se achavam em deposito, tanto o commandante da 2.ª brigada como o da guarnição, bem explicam o motivo porque ficaram em poder do inimigo.

« Finalmente, que por tres vezes reuni os officiaes em conselhos, que em geral compunham-se dos commandantes das divisões e brigadas; e seriam indubitalvelmente desnecessarios taes conselhos, se por ventura as tropas de que se compunha esse corpo de exercito fossem disciplinadas, morigeradas e aguerridas, como as que outr'ora tinha o Imperio; cabendo-me aqui observar que, no ultimo conselho que teve lugar na occasião em que o inimigo marchava para Uruguayana,

conforme citei no quinto periodo do meu já mencionado officio de 3 de Novembro, apezar de ser geral a opinião de que só o que se podia fazer era aparentar, mesmo assim, se a artilharia que mandei buscar tivesse chegado com a cavalhada em bom estado, podia-se ter hostilisado os invasores em sua marcha; mas, tendo chegado tarde ao lugar destinado já o inimigo achava-se fóra de seu alcance, mandei-a contramarchar.

« Deus guarde a V. Ex.

« Quartel-general em Porto-Alegre, 11 de Dezembro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra. — *João Frederico Caldwell*, tenente-general graduado. »

Pelo officio que acabamos de transcrever, chega-se ao conhecimento de que o commandante das armas não achou sufficiente a força que commandava de 7,000 homens, sendo 4 de infantaria e 3 de cavallaria com 8 bocas de fogo; diz que aquella tropa tinha pouco ou nenhum conhecimento do serviço militar, e portanto era alheia á profissão das armas. Tres vezes reunio em conselho os commandantes das divisões e brigadas para os consultar se convinha ou não atacar os Paraguayos.

Infelizmente os conselhos não deliberaram que se hostilisassem os Paraguayos, apezar das nossas tropas serem muito superiores em todas as armas, mas principalmente em cavallaria e artilharia; bastavam as 8 bocas de fogo para os destruir se a sua acção fosse bem empregada nas margens dos rios que elles atravessaram, ou em outras posições que fossem vantajosas áquella arma; isto se tinha feito na longa extensão de terreno que elles atravessaram desde S. Borja até Uruguayana.

Aquellas tropas não eram estranhas á profissão das armas, porque n'ellas existiam dous batalhões de linha, o 2.º e o 10.º, o 1.º de voluntarios e a brigada do coronel Fernandes, tendo-se já estes ultimos corpos batido com os Paraguayos, portanto não se deve attribuir áquellas tropas incapacidade militar quando já tinham dado provas do seu valor o 1.º batalhão de voluntarios em S. Borja, e a brigada do coronel Fernandes quando atacou a vanguarda do exercito paraguayo.

O resultado d'este apparato bellico foi que, em quanto se

reuniam os conselhos dos generaes, o exercito paraguayo atravessou vagorosa e pacificamente a provincia, passou o rio Ibicuhy e foi entrar na villa de Uruguayana, sem esperar pela deliberação que tomasse o dito conselho.

Como o brigadeiro David Canavarro teve parte muito importante em deixar effectuar a invasão paraguaya, o ex-ministro da gnerra Ferraz mandou, por aviso de 17 de Agosto, que respondesse aos quesitos que lhe ordenava, sobre aquella invasão.

A' este aviso, que foi dirigido ao commandante das armas respondeu Canavarro em uma longa exposição que fez do que se tinha passado desde a invasão em S. Borja, e que não merece ser transcripta, porque em toda a sua longa defeza não apresenta razões que convençam que elle não podia atacar ao exercito paraguayo; tudo quanto disse foi para encobrir o seu procedimento.

As informações dos engenheiros mostram a sua culpabilidade, e foi bastante para se conhecer que aquelle brigadeiro honorario da guarda nacional, homem inutil como militar, foi um dos culpados da devastação da provincia.

LIVRO NONO.

INVASÃO PARAGUAYA

NA FRONTEIRA BRASILEIRA DO URUGUAY, DESDE O SEU PRINCIPIO ATÉ O FIM: PELO CONEGO JOÃO PEDRO GAY, VIGARIO COLLADO DA FREGUEZIA DE S. BORJA (*).

PREFACIO.

« Para não ser victima dos ferozes invasores que no dia 10 de Junho de 1865 acommetteram a fronteira brasileira do Uruguay pelo passo de S. Borja, tive n'aquelle dia de retirar-me ao interior do municipio de S. Borja, onde me conservei até principios do mez de Setembro, seguindo então para o nosso exercito em operações n'esta provincia, em frente da villa da Uruguayana.

« Ahi presenciei no fausto dia 18 de Setembro, o grande feito que purificou esta fronteira das pisadas vergonhosas do inimigo.

« Em minha emigração e no exercito tomei notas do que vi, e das informações exactas que estava recebendo sobre os acontecimentos do theatro da guerra n'esta fronteira.

« Ao meu regresso n'esta villa de S. Borja, puz minhas notas a limpo, esmerando-me em narrar os factos com a maior exactidão. Assim formei este opusculo historico, que os Brasileiros amantes do seu paiz lerão com interesse. E' n'esta esperança que tenho o prazer de o offerecer ao publico, pedindo-lhe que não repare em sua imperfeição.

(*) Sendo esta descripção muita longa, suprimimos aquelles factos que já foram mencionados n'este volume, bem como o que fôr de interesse secundario. Foi publicada no *Jornal do Commercio*, em principio de 1867.

CAPITULO I.

Introducção.

« O general Francisco Solano Lopez, Presidente da Republica do Paraguay, vendo em meiados de 1864 travar a luta entre o Imperio do Brasil e o governo da Republica Oriental do Uruguay, estremeceu em sua cadeira de ferro, temendo que o Brasil, com quem não tinha contas justas, lh'a espedaçasse, derribando seu governo despotico logo que elle houvesse derrotado os blancos de Montevidéo, e em seu furor resolveu elle declarar guerra ao Brasil.

. . . .

« Pouco tempo depois que esta noticia chegou á villa de S. Borja, soube-se tambem que a guarnição paraguaya da villa da Encarnação (Itapua), povoação paraguaya mais proxima ás Missões brasileiras, tinha sido reforçada.

« Quasi ao mesmo tempo que tivemos noticia de que um exercito paraguayo tinha invadido nossa provincia de Matto Grosso, soubemos que uma parte das forças paraguayas estacionadas na villa da Encarnação, sobre a margem direita do rio Paraná, tinha passado para a margem esquerda d'este grande rio. Soube-se logo que ahi havia um grande deposito de madeiras de construcção, e que muita gente d'elles se occupava em construir canôas e carretas.

« Todos os habitantes das Missões brasileiras ficaram na persuasão de que os Paraguayos preparavam-se para transportar em carretas suas canôas sobre a margem do Rio Uruguay, afim de o passar e de invadir a provincia do Rio Grande do Sul por S. Borja, a chave do Imperio por esta fronteira. Desde então a população d'esta villa principiou a se assustar.

« Deu-se parte d'estes factos ao commandante superior da guarda nacional da comarca de S. Borja, e commandante da fronteira; deu-se parte ao general commandante da divisão encarregada de operar sobre o Uruguay, e portanto da defeza do territorio fronteiro; deu-se parte ao presidente da provincia.

. . . .

« Porém todas as providencias que se tomaram para guarnecer e defender a fronteira de S. Borja foram a de ordenar o presidente da provincia um recrutamento geral e extraordinario na comarca de S. Borja de todos os homens capazes de pegar em armas.

« Jámais houve recrutamento mais rigoroso, e com os homens que assim re reuniram se organisaram cinco corpos provisorios com a denominação ns. 10, 11, 22, 23 e 28, e uma secção de infantaria da guarda nacional que foi elevada

á cathegoria de batalhão denominado n. 3, sem contar o batalhão de reserva que tambem foi reunido.

« Estes corpos todos podiam dar um contingente total de 2,500 homens; numero que nunca se achou simultaneamente reunido, tanto por causa das numerosas partidas que continuamente estavam occupadas a recrutar, como por causa das licenças que o commandante superior e os commandantes dos corpos concediam frequentemente aos guardas nacionaes reunidos. Sem embargo houve occasião em que se achavam nos acampamentos como 2,000.

« O acampamento geral d'esta guarda nacional que formava a 1.ª brigada da divisão Canavarro, foi collocado no Passo das Pedras, a umas doze ou treze leguas ao sul da villa de S. Borja, e como duas ou tres leguas acima da villa de Itaqui. Ahi acamparam os corpos ns. 10, 11, 12 e 23. O corpo n. 28 acampou na barranca do Uruguay em S. Matheus, como a cinco leguas do norte de S. Borja, de que eram cortados pelo rio Camaquam e pela estiva. Só ficaram na villa duas companhias do batalhão da reserva, e no passo de S. Borja a secção de infantaria. Estas providencias eram pouco sufficientes para tranquillisar os animos dos missioneiros . . . .

. . . .

« As tropas brasileiras para evitar a invasão deviam pois acampar d'esde a villa de S. Borja até o antigo povo de S. Nicoláo, cujos terrenos são mui sadios e offerecem excellente proporção para esse fim.

« Foi escolhido para acampamento o Passo das Pedras, fóra do municipio de S. Borja, lugar insalubre, onde morreram de typho certo numero de soldados. Por outro lado a mór parte da 1.ª divisão ao mando do brigadeiro Canavarro, incumbido de guardar a fronteira de Missões, foi acampada a umas 50 leguas de S. Borja, em Sant'Anna do Livramento. Estas disposições deixaram sempre em inquietação os moradores da villa e do municipio de S. Borja.

« Com effeito, a 8 de Maio tivemos em S. Borja a noticia de que as forças paraguayas tinham passado o rio Aguapehy (limites do Paraguay) e tinham penetrado no departamento correntino de S. Thomé, e que a marchas forçadas ellas se dirigiam sobre o povo do mesmo nome.

« Os habitantes d'esta pequena povoação principiaram n'aquelle dia a emigrar, e a retirar seus interesses, o que continuaram a effectuar no dia seguinte, de sorte que quando de tarde, era o dia 9, os Paraguayos chegaram ao povo de S. Thomé, só encontraram n'elle cinco estrangeiros, tres mulheres velhas e mui poucas fazendas.

« Na mesma noite d'aquelle dia deu-se parte do occorrido ao commandante da nossa fronteira e da brigada, escreveu-se ao presidente da provincia. No dia 10 quasi todas as familias

de S. Borja abandonaram suas casas e emigraram pela campanha.

« O coronel Antonio Fernandes de Lima, commandante d'essa 1.ª brigada da divisão Canavarro, acudio a S. Borja com os quatro corpos que se achavam acampados no Passo das Pedras, deixando 100 homens de guarnição na villa de Itaqui.

« A brigada se approximou da villa precisamente no momento em que se davam uns tiros no passo do Proença no Uruguay, a uma legua de S. Borja, onde se espalhou a noticia de que os Paraguayos effectuavam sua passagem para este lado do rio. Para lá seguio um esquadrão de clavineiros sob as ordens do major Doca.

« Uma força paraguaya tinha chegado á barranca do passo do Proença do outro lado do Uruguay, e tinha trocado tiros com uma esquadra nossa collocada d'este lado. Ao apparecimento das forças de nossa brigada, os soldados paraguayos se retiraram.

« Então tambem se retiraram nossos clavineiros e os officiaes e mais soldados dos quatro corpos da brigada, dos corpos que se formaram sobre a coxilha, e assim estendidos e em boa ordem caminharam mais de uma legua sobre a sua vertente á vista dos Paraguayos, que se achavam nas vertentes das coxilhas da margem opposta do Uruguay; e nossos corpos foram acampar a cinco ou seis quadras do rio, quasi junto ao acampamento de nossa secção de infantaria. Este contingente dos quatro corpos era de perto de 1,500 homens; e segundo se soube depois os Paraguayos, que os viram desfilar, crearam bastante terror, se bem que n'aquella occasião nenhum corpo da brigada fosse perfeitamente armado.

« O corpo que tinha uma arma carecia de outra. Um corpo só tinha recebido fardamento, o mesmo que a secção de infantaria que tambem recebêra barracas. Todos os mais estavam com a roupa que os soldados levaram de suas casas. Varios soldados se achavam quasi nús, e outros cobriam-se com farrapos; ou porque fossem recrutados sem terem tempo de levar a sua roupa, ou porque por pobres não tivessem.

« Acontecia tambem que as poucas munições de guerra que foram distribuidas aos soldados, não serviam para as armas que levavam. A's vezes os cartuxos eram de maior dimensão que o cano das armas de fogo, e houve grande escassez de espoletas para as armas á Minié, que não chegaram com o armamento, e das quaes o commandante teve que mandar buscar posteriormente em Alegrete, e vieram em tão pequeno numero, que no dia 10 de Junho a nossa infantaria de S. Borja teve falta de espoletas e cartuxos no meio do combate.

« Não obstante os Paraguayos, que estavam diariamente em guerrilhas do outro lado do Uruguay com uma força correntina de 1,200 homens quasi desarmados, commandados pelo co-

ronel Paiva, crearam muito medo ás forças brasileiras, e disseram a alguns estrangeiros que tinham ficado em S. Thomé, como se soube ao depois, que não tinham nenhum receio dos Correntinos e que só tinham medo dos Brasileiros, e continuamente indagavam d'esses estrangeiros o numero das forças brasileiras em S. Borja, e procuravam saber noticias dos movimentos das forças do brigadeiro Canavarro.

« Não tardou muito sem que elles déssem provas do medo que tinham dos Brasileiros. No dia 17 de Maio o coronel Paiva pedio soccorro ao coronel Fernandes, offerecendo-lhe cavallos para as forças brasileiras que passassem em sua coadjuvação do outro lado do Uruguay,

« O coronel Fernandes a 18 de Maio fez marchar 500 homens, entre infantes, clavineiros e lanceiros, na direcção á barranca do rio para o passarem, indo elle mesmo á sua frente para os commandar. Esta passagem não se realisou, porque o coronel correntino não deu os cavallos que tinha offerecido.

« Eis o que narram que aconteceu, e que parece plausivel. —Os Paraguayos se achavam nos arrabaldes do povo de S. Thomé occupados a carnear e assar carne para o almoço, quando tiveram aviso de que forças brasileiras passavam o rio, no passo de S. Borja, para os ir atacar. Crearam um temor pavoroso; immediatamente abandonaram seus assados, e com precipitação tomaram o caminho do Paraguay, o que fez suppôr ao coronel Paiva que os Paraguayos se retiravam realmente, por cujo motivo recusou os cavallos ao coronel Fernandes, que laborando na mesma persuasão, tratou desde este dia de fazer retirar sua brigada de S. Borja para seu acampamento predilecto, supposto que bastante insalubre, do Passo das Pedras.

« Suppõe-se geralmente que, se n'aquella occassião o coronel Fernandes passasse o Uruguay com estes 500 homens e se reunisse com os 1,200 do coronel Paiva, elles tivessem destroçado a vanguarda do inimigo, que era mais ou menos de 1,500 homens, e tivessem feito desapparecer do departamento de S. Thomé estas forças, as unicas que então ahi se achavam. Além de que o Sr. coronel Fernandes teria podido depois fazer passar toda a sua brigada ao outro lado do Uruguay, obstando d'esta maneira a invasão das Missões brasileiras.

« Poderia tambem ter acontecido que esta força brasileira do outro lado do Uruguay fosse rechassada se logo ahi tivesse acudido o numeroso exercito paraguayo que depois veio invadir o territorio brasileiro por S. Borja; porém lhe ficava para sua salvação o recurso da retirada, e assim se aproveitariam mais interesses dos Brasileiros estabelecidos do outro lado do rio e sobretudo cavalhadas, que cahiram em poder do inimigo, e se dava tempo aos habitantes da villa de S. Borja de emigrar com alguns interesses.

« A vinda da brigada para S. Borja, assim como as palavras e as promessas do coronel Fernandes, e a esperança de que o brigadeiro Canavarro chegaria brevemente com as forças a seu mando, fizeram renascer a esperança nos habitantes de S. Borja, que tinham-se retirado da villa, onde regressaram todos para suas casas, salvo duas ou tres excepções.

« Porém apezar da enchente do arroio de Santa Luzia, cujas aguas cobriam completamente as maiores arvores de suas costas; apezar da enchente dos banhados, que se deviam passar para o despontar; apezar da crescente do rio Butuhy, o Sr. coronel Fernandes julgou que devia fazer marchar de S. Borja sua brigada para o Passo das Pedras.

« No dia 26 de Maio sahiram os corpos provisorios ns. 10, 11, 22 e 23. N'aquella occasião deu-se licença geralmente de 12 dias a um grande numero de officiaes e de praças de todos os corpos.

« Ficaram sómente em S. Borja a reserva com 30 praças, capazes de pegar em armas; no passo de S. Borja a secção de infantaria da guarda nacional com 100 praças mais ou menos, fóra os licenciados. O corpo provisorio n. 28 ficára sempre em S. Matheus, além do rio Camaquam.

« Apenas os quatro corpos acima citados tinham-se afastado uma legua da villa de S. Borja, como se da hora fixa da sua retirada os Paraguayos tivessem tido aviso, estes que desde alguns dias o coronel Paiva suppunha já no Paraguay, se apresentaram em grande numero nas coxilhas áquem de S. Thomé, tendo corrido com as forças correntinas do mesmo coronel, que se retirou para o sul do rio Aguapehy e não compareceu mais.

« Varios Paraguayos se approximaram então da barranca do Uruguay em frente ao passo de S. Borja. Ahi puxaram das espadas desafiando os Brasileiros que os observavam d'este lado do rio Deu-se parte da reapparição dos Paraguayos ao coronel Fernandes, que mandou fazer alto aos quatro corpos a duas leguas de S. Borja. Em quanto appareciam soldados paraguayos em frente de S. Borja, appareciam dous esquadrões d'elles em frente do passo do Proença.

« Estes esquadrões deram muitos tiros, que foram ouvidos por bom numero de officiaes e de soldados da nossa brigada.

. . . .

« Mas n'aquelle mesmo dia e no mesmo acampamento de Santa Barbara, o coronel Fernandes teve aviso de Itaqui de que uma força paraguaya como de 500 homens se achava sobre o rio Quahi, do outro lado do Uruguay, a dez leguas ao norte da referida villa, e se lhe pedia que acudisse em sua defeza. Não podendo fazer seguir os quatro corpos por causa da extraordinaria enchente do arroio Santa Luzia e do rio Butuhy, o coronel Fernandes no dia 27 fez marchar os corpos 10 e 23 que deram uma grande volta.

. . . .

« No dia 28 á testa dos corpos 11 e 12, o coronel Fernandes tomou a estrada real de Itaqui, passou o Santa Luzia a nado e com elles chegou sobre a margem direita do Butuhy. Ahi foi informado de que a villa de Itaqui não se achava em perigo, pois que a força que se divisára nos Quahis era a do coronel Paiva, que se retirava, e não força paraguaya.

« Em consequencia a 29 de Maio deu ordem para que regressasse para S. Borja o corpo 22 ao mando do tenente-coronel Nobrega, e seguio da melhor maneira que lhe foi possivel, visto o pessimo estado do caminho, com o corpo n. 11, para o Passo das Pedras, onde se reunio com os corpos ns. 10 e 23.

« Os Paraguayos. assustados pela projectada passagem para o outro lado do Uruguay, no dia 18, do coronel Fernandes com suas forças, tinham-se retirado a Tarairú, oito ou dez leguas ao norte do povo de S. Thomé, para se pôrem em segurança, e para procurar reforços n'um grande acampamento que ahi tinham formado, sem que os exploradores que quotidianamente se mandavam da brigada dessem relação d'esse acampamento, nem do numero das forças paraguayas. Estas, reconhecendo que os Brasileiros não tinham passado em sua perseguição, tinham avançado contra os Corrientinos do coronel Paiva, que puzeram em fuga, se detiveram alguns dias a distancia de S. Thomé, para enganar o coronel Fernandes, e quando souberam por seus exploradores ou por seus espiões que este com o grosso da sua brigada se tinha retirado de S. Borja, se mostraram com mais audacia e arrogancia sobre a margem direita do Uruguay.

. . . .

« Entretanto por aquelles dias o coronel Fernandes recebeu em Itaqui, além das declarações do desertor Ferreira, o aviso mandado do Herval Corrientino pelo Sr. Borges, de que 4,000 Paraguayos haviam caminhado da costa do rio Paraná, tomando a direcção da Tronqueira de Loreto, onde de certo se reunio o exercito que invadio a fronteira de S. Borja.

« Emfim, no dia 8 de Junho um Sr. capitão Mello, que ultimamente se tinha mudado de Sant'Anna do Livramento para o departamento de S. Thomé, disse ao coronel Fernandes que no dia 3 de Junho tinham sahido da Tronqueira de Loreto 4,800 soldados de infantaria paraguaya, 2,400 de cavallaria, 50 carretas, 6 ou 8 peças de artilharia e grande porção de canôas; que estas forças paraguayas vinham juntar-se com sua vanguarda, composta de 1,500 homens, que já se achavam em S. Thomé, para ahi passarem o rio Uruguay e cahirem sobre S. Borja de improviso.

. . . .

« Conforme asseguram, o coronel Fernandes não acreditou

na noticia, ou que havendo 30 leguas da Tronqueira de Loreto a S. Borja, e que marchando o exercito inimigo tres leguas por dia, só podia chegar a S. Borja no dia 13 de Junho; portanto não deu pressa em pôr em movimento os corpos da brigada do seu mando.

« A este erro de calculo ou á incredulidade do coronel Fernandes, se deve a entrega da villa de S. Borja ás forças paraguayas no dia 10 de Junho. Porque se o coronel Fernandes fizesse no dia 8 marchar sua brigada do Passo das Pedras para S. Borja, no dia 9, bem que de tarde, ella teria chegado. O mesmo teria sido do 1.º batalhão de voluntarios se tivesse sido avisado, pois elle acampou duas noites a duas ou tres leguas da villa.

« E' indubitavel, dizem muitos officiaes e entre elles o valente coronel João Manoel Menna Barreto, que estas forças reunidas eram mais que sufficientes para impedir a passagem do rio Uruguay ao inimigo no dia 10 de Junho no passo de S. Borja.

« Póde ser que se os Paraguayos tivessem avistado as forças da brigada acampadas em S. Borja, elles não tentassem ahi a passagem do rio Uruguay. Talvez elles a tentassem em outro ponto mais ao norte; n'este caso nossas forças se teriam achado em melhor posição para acudir ao lugar do perigo, e caso esta passagem se tivesse effectuado com mais demora e n'um sitio mais remoto, se dava mais tempo aos habitantes de S. Borja para se retirarem com alguns interesses e com mais seguridade.

« Porém para impedir esta passagem ao inimigo, achavamse em S. Borja no dia 10 de Junho de manhã o batalhão n. 3 de infantaria da guarda nacional, redusido pelas licenças a pouco mais de 100 praças; a reserva que conforme confessa o seu commandante tinha 50 praças, das quaes menos de 30 capazes de pegar em armas; e o corpo de cavallaria n. 22 redusido pelas licenças a menos de 230 praças, cujas forças davam um contingente de menos de 370 homens.

« Estes factos fallam por si sós, e não carecem de commentarios. Reflectindo no desamparo da policia, de forças, etc., em que se achava no dia 10 de Junho a villa de S. Borja e a sua fronteira, muitos homens chegaram a dizer que esta villa era de proposito entregue ao inimigo pelo governo brasileiro e por seus delegados. Mas repellindo esta idéa inverosimil, bem dizer-se poderia que não foi ao Imperio do Brasil que o Paraguay declarou guerra, mas a Matto Grosso e á villa de S. Borja. Se não digam, desde Novembro até Junho não se tem mandado nenhuma força para S. Borja, a porta do Rio Grande do Sul para os Paraguayos?

« Sete mezes depois da declaração da guerra estava ainda redusida aos proprios recursos do commando superior; faltava-lhe as tres quartas partes d'estes proprios recursos para

impedir a passagem do rio ao inimigo e para defender a villa, achando-se mais de metade da brigada no Passo das Pedras, junto a Itaqui, onde não apparecia o inimigo, e uma quarta parte a 4 ou 5 leguas ao norte de S. Borja, em S. Matheus, sem poder acudir ao lugar do perigo por causa da crescente do rio Camaquam!

« Que faziam nosso exercito e nossa esquadra no Rio da Prata desde 20 de Fevereiro? Onde estava o Barão de Jacuhy com sua divisão? Que fazia o brigadeiro Canavarro com as forças a seu mando em Sant'Anna do Livramento, quando sabia que a fronteira de S. Borja, tambem confiada á sua guarda, tinha o inimigo em frente desde 9 de Maio, havendo entre elle e nós apenas o rio Uruguay no meio? Onde se achava tão numerosa guarda nacional reunida na briosa provincia do Rio Grande do Sul, que não veio soccorrer sua irmã da fronteira de S. Borja, que, em grande maioria, tendo as armas nos hombros desde muitos mezes para mostrar sua sujeição á disciplina militar, teve que passar pelo dissabor de se deixar ficar no Passo das Pedras, sem poder proteger seus lares do municipio de S. Borja, defender o solo da patria, proteger e livrar do barbaro invasor suas velhas mães, suas esposas, suas irmãs e seus tenros filhos? »

CAPITULO II.

« Antes de entrar em materia não posso deixar de notar que devemos agradecer á Divina Providencia de que os Paraguayos fossem doptados de tanta estupidez, que não se lembrassem de effectuar sua passagem do rio Uruguay durante a noite do dia 9 para 10 de Junho (noite de lua cheia) em que fazia um magnifico luar, e de desembarcarem no ponto mesmo onde effectuaram seu desembarque no dia 10, e virem quasi sem ser presentidos cercar a villa de S. Borja.

« Pelas 8 horas da manhã do dia 10 de Junho de 1865 vio-se do passo de S. Borja e da villa, descerem de S. Thomé para o rio Uruguay grande numero de carretas e uma fileira de tropas paraguayas não interrompida sobre a superficie de legua e meia de comprimento, de S. Thomé ao Uruguay.

« Immediatamente o major Rodrigues Ramos, commandante da infantaria da guarda nacional estacionado no passo de S. Borja, deu parte do que se passava ao tenente-coronel José Ferreira Guimaraes, commandante da reserva, que estava acampado na villa, e este avisou ao coronel João Manoel Menna Barreto, commandante do 1.º batalhão de voluntarios, que estava acampado a duas leguas de S. Borja.

« O Sr. major Rodrigues tambem despachou officios para o coronel Fernandes, commandante da brigada no Passo das Pedras, e deu participação do que occorria ao tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, commandante do corpo provisorio

de cavallaria n. 22, que achando-se n'uma coxilha a distancia de uma legua, já tinha feito ensilhar os cavallos á sua força para marchar para o acampamento do Passo das Pedras, segundo ordem que tinha do commandante da brigada.

« Apenas as carretas paraguayas chegaram á barranca do Uruguay, os soldados lançaram canôas n'agua, e immediatamente em cada uma d'essas canôas (sui generis), espècie de jangada, embarcou um pelotão de soldados paraguayos. Logo que tiveram assim embarcados 400 homens, as canôas se dirigiram para o lado da fronteira do Brasil, um pouco acima do porto do passo de S. Borja.

« A infantaria do major Rodrigues Ramos os esperava e lhe fez varias descargas seguidas, que dizem mataram varios Paraguayos. Estes retrocederam então com as canôas para a orelha do rio do lado de Corrientes, e principiaram a remontal-o junto á costa, e quando chegaram a certa altura largaram as canôas para atravessar o rio, dirigindo-as a varios pontos da nossa costa para desembarcar.

« Esta manobra do inimigo obrigou o major Rodrigues a dividir seu pequeno batalhão em quatro companhias, que repartio pela costa do rio, para acudir a varios pontos de desembarque; mas apezar dos esforços que fizeram; sobre tudo as companhias commandadas pelo capitão Godinho, apezar da intrepidez de alguns officiaes, não puderam impedir o desembarque dos inimigos, que dispunha de forças mui superiores ás nossas em numero.

« Na mesma occasião desembarcaram pouco mais acima, outras forças paraguayas, que se crê tinham embarcado no porto de S. Thomé, quasi ao mesmo tempo que as primeiras no porto do Formigueiro, em frente do porto do passo de S. Borja.

« Um Paraguayo desertor disse depois que esta força era de 400 homens, que sahira de S. Thomé na noite de 9 para 10, que durante a mesma noite passou o Uruguay sem ser percebida pelas forças brasileiras, e que se escondêra de noite no matto. Declarou que os Paraguayos passaram em 20 canôas, em cada uma 20 homens, e em cada viagem passaram 400 homens.

« Desde que as forças paraguayas desembarcaram sobre o territorio brasileiro, foi impossivel ao pequeno batalhão de infantaria do major Rodrigues, disperso por companhias em varios pontos, de as conter. Bem a proposito chegou n'aquella occasião o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega com o corpo n. 22. Este mandou seus lanceiros, ao mando do alferes Joaquim Vieira, de protecção á campanhia da nossa infantaria, que se achava isolada e que batalhava com desespero contra um inimigo excessivamente superior em numero, e que a teria esmagado toda sem este soccorro. Em quanto parte da nossa infantaria se batia e escapava ao perigo imminente

que a ameaçou de perto, as canôas paraguayas traziam reforços aos que já tinham desembarcado.

« Ha meia legua do passo de S. Borja á entrada da villa. O inimigo formou uma fileira ou linha de atiradores de quatro filas de fundo, e pôz-se em marcha para o lado da villa. Em vão o tenente-coronel Tristão com a cavallaria e o major Doca com os lanceiros do corpo 22 lhe disparavam seus tiros sobre sua direita; os Paraguayos que se encontravam no lugar atacado por nossos bravos, paravam, morriam, mas o grosso de suas forças caminhavam sem cessar.

« Sómente de vez em quando sua fileira se abria para dar passagem aos tiros de algumas pequenas bocas de fogo que puchavam á mão; aproveitando a escuridão da fumaça dos tiros para as empurrar mais adiante. Elles não faziam maior caso e mesmo despresavam os tiros que nossa infantaria, já em parte montada, dirigia sobre sua ala esquerda.

« Houve então rasgos de heroismo da parte de alguns de nossos soldados; citarei só um.

« O guarda nacional Leocadio Francisco das Chagas, do corpo provisorio n. 28, achava-se n'esse dia em S. Borja, onde residia sua familia. Estava com licença; tomou suas armas e se dirigio para o lugar onde brigava a nossa infantaria. Por tres vezes sem ser mandado foi só, a disparada, unicamente com lança, investir a força paraguaya, e de cada vez matou um inimigo. Mas, embriagado por seu bom successo, voltou quarta vez á carga, contra o conselho de seus camaradas, e foi recebido por uma descarga geral do inimigo que estendeu morto este infeliz, que teria sido um bravo em exercito disciplinado. O inimigo tendo caminhado algumas quadras, e reconhecendo que as forças que lhe faziam frente eram insufficientes para lhe impedir a entrada da villa de S. Borja, quiz assegurar sua preza.

« Por isso destacou da força que se dirigia para a rua mais occidental da villa uma forte columna, que tomou a direcção dos terrenos sitos a leste d'ella, como querendo cercar S. Borja, para impedir a sahida das familias. Foi esta columna que mais apertou nossa infantaria, que teria completamente destroçado sem os soccorros que lhe deu o alferes Vieira com seus lanceiros. Esta columna parou e retrocedeu quando ouvio tocar a muzica do 1.º batalhão de voluntarios.

« Mui perto estava a columna inimiga da entrada da rua, menos de oito quadras, quando se lhe apresentou na frente o 1.º batalhão de voluntarios, que fez uma terrivel descarga sobre os Paraguayos. Estes surprehendidos por este apparecimento que não esperavam, pararam e recuaram, formaram quadrado; em quanto a columna que se dirigia para leste da villa retrogradava e ia-se collocar na retaguarda do quadrado. O fogo então tornou-se animado, os soldados da nossa

guarda nacional crearam novos brios á vista do auxilio que lhes chegava.

« A infantaria descarregava sobre o inimigo pela esquerda, os lanceiros e a cavallaria pela direita, e não ha duvida que se o 1.º batalhão de voluntarios fosse um corpo de veteranos aguerridos, se todos os soldados tivessem a intrepidez de seu valente commandante, com uma carga sobre o centro do inimigo tinha-o lançado no rio Uruguay. Infelizmente os soldados do 1.º batalhão de voluntarios acharam-se cançados, pois sem comer tinham andado duas leguas a marche-marche, com as moxillas, e quasi todos recrutas que pela primeira vez viam fogo: não se podia nem se devia esperar que este batalhão fizesse n'aquella occasião o que teria feito um batalhão descançado, veterano e aguerrido.

« Emquanto o 1.º batalhão de voluntarios fazia seu baptismo de sangue e merecia a gratidão eterna das familias de S. Borja, das quaes foi o salvador, vio-se dentro da villa um espectaculo que é impossivel descrever. A população estremecia de susto, só se ouviam gritos e lamentações pelas ruas, que estavam cheias de povo; homens, mulheres, senhoras com os cabellos soltos, com os filhos nos braços, procuravam fugir, e tomavam a direcção que julgavam opposta ao inimigo.

« N'esse labyrintho os membros da mesma familia chegaram a perder-se, mães que perderam seus filhos: este espectaculo commoveu o coronel João Manoel Menna Barreto, e o determinou a atacar os Paraguayos. Durante algumas horas em que fez frente ao inimigo com o 1.º batalhão, a villa de S. Borja ficou despovoada.

« Seus habitantes, alguns em carretas ou a cavallo, quasi todos a pé, se retiravam com a roupa que tinham no corpo, abandonando suas casas e tudo quanto ahi possuiam, julgando-se felizes de não cahir prisioneiros e de salvarem suas vidas.

« Se bem que os Paraguayos tivessem suspendido sua marcha, sua posição ficava de momento em momento mais favoravel, pois que as canôas lhes traziam maior numero de combatentes, n'aquelle dia desembarcaram 4,000 Paraguayos e alguma cavallaria. Não podendo nossas forças atacar e fazer frente a um inimigo tão superior em numero, o coronel João Manoel Menna Barreto aproveitou de um movimento retrogrado que insensivelmente tinha operado o 1.º batalhão de voluntarios sobre a entrada das ruas da villa, para fazer uma habil retirada.

« Elle guarneceu as bocas de todas as ruas do lado do norte, por onde se achava o inimigo, com piquetes de cavallaria e de infantaria montada, e fez entrar o 1.º batalhão de voluntarios e o resto das forças em boa ordem.

« De sua parte os Paraguayos ignoravam que o 1.º bata-

lhão se achava em S. Borja, o capitão paraguayo Lopez, que tinha dirigido as operações n'este dia, tocou a retirada quando soube que nossas forças se tinham recolhido dentro da villa, e foi formar o seu acampamento junto ao passo de S. Borja. Ahi formou uma junta de officiaes para deliberarem sobre o que lhes competia fazer.

« O resultado d'este conselho foi que era provavel que houvesse forças brasileiras consideraveis dentro de S. Borja; que era imprudente atacar com as forças que n'essa occasião tinha á sua disposição a villa, pois poderia morrer muita gente sua, que se devia esperar que todo o exercito estivesse d'este lado do Uruguay para atacar S. Borja.

« Felizmente para as familias foi util este conselho que prevaleceu, porque n'essa noite o coronel João Manoel Menna Barreto, bem informado das forças inimigas que tinham desembarcado, julgou que não podia sustentar-se em S. Borja, evacuou a villa sem ser percebido pelo inimigo e durante a noite ficou a tres leguas de distancia de S. Borja.

« O 1.º batalhão teve n'aquelle dia 6 mortos e 29 feridos. Dos corpos de guardas nacionaes houve 15 mortos e 35 feridos; total: 85 homens fóra de combate.

« Os Paraguayos tiveram mais de 100 mortos, e entre elles um official, e mais de 100 feridos. Ao valor e intrepidez do digno coronel Menna Barreto e ao seu batalhão, devo eu, devem as tres quartas partes dos habitantes de S. Borja, não cahirmos prisioneiros dos Paraguayos e massacrados por elles no dia 10. Possa Deus conceder a este benemerito coronel e ao 1.º batalhão de voluntarios, tantas felicidades como agradecidos lhes desejam os habitantes e o parocho da desgraçada villa de S. Borja.

« No dia 11 de Junho o coronel Menna Barreto e as familias que emigravam, ignorando a resolução do inimigo de esperar pelo desembarque de todo o seu exercito para entrar na villa de S. Borja, estavam na persuasão de que elles tinham entrado n'ella durante a ultima noite, e, temendo serem perseguidos pelos Paraguayos, trataram de se retirar o mais longe que podiam.

« O humano coronel Menna Barreto teve o cuidado de não deixar nenhuma familia á retaguarda, parando ás vezes para que ellas fossem adiante, afim de as proteger no caso de precisão. N'aquelle dia o Sr. coronel veio ficar no capão de Santa Maria, sobre a estrada de Porto-Alegre, a 7 leguas de S. Borja deixando de observação algumas leguas atraz o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega com o corpo 22 de cavallaria.

« Rodavam sobre a estrada mais de 300 carretas, além do grande numero de pessoas que iam a cavallo, e a multidão que ia apé.

« Emquanto, por descuido do governo brasileiro, por ne-

gligencia do presidente da provincia e por abandono do brigadeiro Canavarro e do coronel Fernandes, se davam estes tristes acontecimentos na fronteira de S. Borja, uma divisão da esquadra brasileira, ao mando do commandante Barroso, derrotou no dia 11 de Junho a esquadra paraguaya. Inutilisando com as pontas das espadas da nossa marinha a pagina negra da nossa historia, que no dia 10 de Junho de 1865 se escreveu em S. Borja.

« No dia 11 a villa de Itaqui principiou a despovoar-se com a noticia da passagem dos Paraguayos e occupação de S. Borja. Na tarde d'este mesmo dia 11 chegou o coronel Fernandes ao capão de Santa Maria, onde estava o tenente-coronel Tristão com o corpo 22, quasi só, com doze homens, tendo ficado a sua brigada no encantado Passo das Pedras. O coronel Fernandes declarou n'aquella occasião não ter forças sufficientes para bater o inimigo.

« Queixou-se do brigadeiro Canavarro, que desde tres mezes o estava logrando, promettendo-lhe sempre de lhe trazer forças, o que ainda não tinha realisado. Ao anoitecer do dia 12, o coronel Fernandes levou o corpo 22, dizendo que ia reunir toda a brigada no Passo do Butuhy, por suppor que o inimigo se dirigisse para o lado da villa de Itaqui, e que lhe ia fazer frente. Com a ida d'este corpo, que franqueou aos Paraguayos a estrada de Porto-Alegre, por onde seguia o 1.° batalhão e as familias que fugiam, se lhes tirou a protecção em que confiavam.

« Felizmente o major Severino Leite conseguio passar a nado o rio Camaquam com 60 homens do corpo 28 de cavallaria, e se collocou de observação sobre a mesma estrada, a algumas leguas da villa; mas apezar do valor reconhecido d'este official, pouca protecção pôde dar por tres dias, como veremos.

« A' vista d'este abandono, o commandante do 1.° batalhão, que tivera ordem de se conservar acampado nas pontas do rio Butuhy, receiando ser perseguido e alcançado por alguma numerosa força inimiga, fez marcha para o lado da cidade de Alegrete, levando a infantaria da guarda nacional e soldados da reserva, que se lhe reuniram. Estes foram reclamados pelo commandante da brigada, e o 1.° batalhão seguio só para o Alegrete, onde tomou o seu commando o tenente-coronel Carlos Bethbezé de Oliveira Nery.

« No dia 16 de madrugada a vanguarda paraguaya que marchava em duas columnas, seguindo uma a estrada geral e a outra um atalho, quasi que surprendeu o esquadrão de clavineiros do major Severino Leite, que estava acampado entre as duas estradas que seguia o inimigo, Mas sendo isto descoberto, o major Severino fez marchar com precipitação a sua gente na frente dos Paraguayos; foi no mesmo dia dispontar o rio Butuhy, franqueando ao inimigo a estrada

de S. Francisco de Assis, e de cima da Serra, que tinham seguido as familias, sem que ficasse n'ellas nem um soldado para as avisar da marcha que emprehenderam os Paraguayos.

« Logo que o esquadrão principiou a sua retirada, o grosso da vanguarda paraguaya, que o avistava do lugar onde tinha ficado acampada, pôz-se tambem em movimento. Esta deixou a estrada geral que até então tinha seguido, á esquerda, e aquelle á direita, e ambos seguiram na direcção da casa do tenente João Leal Famoso, junto da qual fizeram a sua juncção as duas forças da vanguarda paraguaya; e depois, retrocedendo, passaram por um passo mui exquesito, que só um bom vaqueano podia saber, chamado Pulador.

« Era tempo que os nossos perseguidores retrogradassem, porque se elles fossem mais um dia ávante pelo caminho de cima da Serra, elles alcançariam muitas familias e carretas que ainda não tinham subido a Serrinha de Iguayraça, e que só se achavam a distancia de tres a quatro leguas da vanguarda paraguaya. O 1.° batalhão de voluntarios já tinha tomado a estrada que conduz a Alegrete e se achava a duas leguas da vanguarda paraguaya, e, para não ser alcançado, accelerou a marcha.

« Os Paraguayos estrangularam os rebanhos de ovelhas, e de cabras, os porcos que encontravam, destruiam as habitações, quebravam os moveis, incendiavam a casas, e conduziam a cavalhada e o gado de que precisavam; degolavam o gado só com o fim de fazer mal; inutilisavam mantimentos que encontravam e que não queriam conduzir. As mais ricas estancias de que parece já tinham noticia, foram as primeiras destruidas, como a de Pedro Antonio Pereira de Escobar e outras.

« E' para admirar que o coronel Fernandes com a sua brigada ignorasse a posição dos Paraguayos na estancia de Escobar. No dia 21 de Junho a vanguarda paraguaya, que não excedia 500 homens, dirigio-se a S. Borja, atravessando o banhado que se acha como a uma legua ao sul da villa, onde chegou de tarde.

« Conduzio para os arrabaldes de S. Borja a immensa tropa de cavallos e de gado, que tinham engrossado consideravelmente á proporção que esta força marchava. Seu projecto era fazer passar todos esses animaes para o outro lado do rio Uruguay afim de os fazer seguir para o Paraguay. Porém como não encontrassem mais em S. Borja o exercito paraguayo, que no dia 19 tinha marchado com direcção a Itaqui, os Paraguayos que compunham a vanguarda largaram todos os animaes que tinham, com excepção das vaccas, que reservaram para si e para alguns moradores da villa.

« Não querendo a vanguarda paraguaya seguir o mesmo caminho que tinha tomado o seu exercito para ir a Itaqui,

onde sabia não encontraria nada para saquear, porque já teria o seu exercito feito tudo, o commandante da vanguarda seguio outro caminho para Itaqui.

« Por este outro caminho foi a vanguarda paraguaya roubando e queimando as propriedades, destruindo tudo quanto encontrava, e talvez com a intenção de sorprender pela retaguarda a brigada do coronel Fernandes, que se achava perto, e que ignorava a existencia d'esta força paraguaya destacada do corpo do exercito que ella observava; quando a dita vanguarda inimiga foi descoberta a 25 de Junho pelo tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, commandante do corpo de cavallaria n. 28.

CAPITULO IV. (*)

Encontro da vanguarda paraguaya pelo corpo n. 28, a 25 de Junho de 1865.

« O tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, commandante do corpo provisorio de cavallaria n. 28, achava-se a 10 de Junho acampado em S. Matheus, sobre a margem esquerda do Uruguay, e a uma legua do rio Camaquam. Tinha sido cortado das outras forças da brigada pela enchente do rio e pela passagem do inimigo no nosso territorio.

« N'estas circumstancias tratou de fazer recolher os destacamentos do seu corpo, que faziam as guardas dos passos do rio Uruguay, desde a foz do Camaquam até Cerro Pellado, além do Juhy Grande. Despontando depois o rio Camaquam, veio reunindo pelas estancias a cavalhada abandonada, juntando assim mais de 20,000 cavallos que conduzia, procurando fazer juncção com a brigada do coronel Fernandes, que lhe mandára ordem de se lhe reunir quanto antes, dizendo ao commandante do corpo n. 28 que podia vir com toda segurança pelo Rincão da Cruz, pois que toda a esquerda do inimigo era flanqueada pela brigada. Sem o menor cuidado o tenente-coronel Manoel Coelho de Souza penetrou no Rincão da Cruz, persuadido que a brigada do coronel Fernandes resguardava a sua direita; indo elle adiante do seu corpo, um visinho de nome Ladisláo veio avisar ao capitão mandante de que uma força inimiga consideravel de 500 homens achava-se perto.

« Nem o capitão nem o tenente-coronel quizeram acreditar a noticia; mas insistindo o visinho Ladisláo, o tenente-coronel mandou um official com um piquete á descoberta, que logo regressaram perseguidos pelos Paraguayos, em numero de 400 a 500. N'aquella occasião o corpo de n. 28 não tinha em linha mais de 100 homens, achando-se fóra com os clavineiros o major Severino Leite, desde o dia 10, em que

(*) O 3.º foi supprimido.

foi mandado pelo commandante para proteger as forças e familias que se retiraram de S. Borja. Além d'isso esse corpo achava-se muito mal armado, havendo soldados que só tinham espada, outros só pistola, alguns só tinham lança. Nunca recebeu fardamento nem soldo, tendo de soffrer os rigores da estação, alguns mui mal vestidos, outros quasi nús.

« Este corpo vio-se obrigado a bater em retirada; alguns officiaes e oito atiradores conseguiram fazer frente ao inimigo, sustentarem o fogo em quanto o corpo se retirou precipitadamente, e só parou proximo a Itú.

« Nos dias 23 e 24 de Junho acampou a brigada nas immediações da estancia denominada do Padre; no dia 25, depois de tocar a furrieis para receber carne, deu-se ordem de pegar cavallos e de montar. E' notavel julgar-se a brigada em perfeita segurança onde ia pernoitar, sem medida alguma de precaução, porque o coronel seu commandante estava persuadido que o inimigo se achava sobre o passo do Butuhy, e sem saber que existia separada d'aquelle exercito uma força consideravel.

« A brigada n'aquelle momento se encontrava entre duas forças inimigas consideraveis, ignorando a existencia de uma d'ellas, que n'aquella mesma noite talvez a tivesse sorprehendido, se o commandante não tivesse sido avisado pelo tenente-coronel Manoel Coelho de Souza. Este, tendo encontrado a vanguarda paraguaya perto das Tres Figueiras, despachou um cabo para dar aviso d'esse encontro ao coronel Fernandes.

« Uma vez a cavallo, a brigada marchou como um quarto de legua; ahi parou e estendeu em linha de batalha. Tendo estado algumas horas n'essa posição, esperando o tenente-coronel Sezefredo com a 4.ª brigada, que já se achava d'este lado do rio Ibicuhy, segundo participação que recebeu o commandante da 1.ª brigada; mas, como o inimigo não comparecesse, a 1.ª brigada teve ordem de retroceder: ella fez alto perto do lugar d'onde tinha sahido.

« Pouco depois da meia noite do dia 26 moveu-se de novo toda a brigada, mandando o coronel Fernandes ordem ao tenente-coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, que se achava a alguma distancia, de se pôr em marcha com a 4.ª brigada. A 1.ª brigada, ao mando immediato do coronel Fernandes, marchou até á frente da casa de Manoel de Souza, onde parou. Ao fim de meia hora principiou-se a ouvir os tiros de uma guerrilha, que o major Doca com os clavineiros do corpo provisorio de cavallaria n. 22, com os quaes tendo ido reconhecer o inimigo, tinha engajado com elle um tiroteio. Ahi deu-se ordem de emmallar os ponches e carregar as armas.

« Ao amanhecer a brigada marchou para o lado do inimigo, que se achava em uma planicie na vertente de uma coxilha

alta, tendo em sua retaguarda um banhado, á sua direita uma baixada, e um pouco além um matto espesso que atravessa em linha recta o banhado, que é medonho á proporção que se approxima o matto.

« A 1.ª brigada, que commandava o coronel Fernandes, compunha-se n'aquella occasião dos corpos provisorios ns. 10, 11, 22 e 23, e do 5.º do Passo Fundo. Estava tambem debaixo das suas ordens a 4.ª brigada ao mando do tenente-coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, composta dos corpos ns. 19 e 26 de cavallaria, e do batalhão de infantaria de S. Borja. Porém a 4.ª brigada por se achar acampada mais longe do inimigo, só chegou ao lugar do conflicto depois que a 1.ª brigada tinha dado o primeiro combate.

« Logo que os corpos que iam na frente da 1.ª brigada avistaram o inimigo, o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, julgando de um golpe de vista a posição dos dous belligerantes, fez observar aos seus officiaes que era necessario não dar a conhecer ao inimigo todas as nossas forças, que se deviam occultar. N'esse momento se apresentou ao coronel Fernandes o major Doca.

« O coronel mandou avançar toda a 1.ª brigada sobre uma altura, onde todas as suas forças eram vistas pelo inimigo, este tomou posição na costa do banhado, estendendo ahi uma linha de batalha com cavallaria na direita.

« O coronel Fernandes mandou o corpo 23 e os clavineiros do 22, o primeiro ao mando tenente-coronel Feliciano de Oliveira Prestes, e os clavineiros do major Doca, atacar a direita do inimigo; o corpo 11 ao mando do major Nunes teve ordem de atacar o centro; o corpo 10, ao mando do tenente-coronel José da Luz Cunha, teve ordem de se collocar na frente da ala esquerda do inimigo para o atacar; o corpo 22 ao mando do tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, ficou de protecção aos corpos 10 e 11, e o 5.º de protecção ao 23.

« Dado o signal pelo coronel Fernandes, que se conservou sempre na altura durante a acção, e depois de ter dado vivas a Sua Magestade o Imperador, etc., esses corpos cumpriram em geral o seu dever. O corpo provisorio n. 23 e os clavineiros lançaram-se sobre a linha paraguaya direita que romperam, destruiram quasi inteiramente a sua cavallaria, que fugio pela retaguarda.

« O corpo n. 10, que conseguio collocar-se na retaguarda da ala esquerda do inimigo, perseguio e alcançou quasi todos os fugitivos. Depois de uma hora de luta, retiraram-se os nossos corpos, sustentando guerrilhas com o inimigo. Perdemos o tenente Israel do corpo 11, o tenente Leandro dos clavineiros, o capitão João de Oliveira Prestes do 23.

« N'essa occasião chegou ao campo de batalha a 4.ª brigada ao mando do tenente-coronel Sezefredo, e os belligerantes suspenderam as hostilidades. N'este intervallo de sus-

pensão, a ala esquerda e o centro do inimigo abandonaram a sua posição, e dobraram sobre o campo que occupavam na direita, formando quadrado; desceu para a margem do banhado.

« O coronel Fernandes mandou então todos os corpos da 1.ª e 4.ª brigadas atacar o inimigo. A infantaria rompeu o fogo, fazendo algumas descargas, que deixaram claros nas fileiras inimigas. Os Paraguayos não esperando mais salvação bateram-se com valor, e logo que se viram perdidos retiraram-se pelo centro do banhado, onde não podia chegar a nossa cavallaria, para o lado opposto á nossa posição. A este tempo avisaram ao coronel Fernandes que uma força paraguaya consideravel vinha em soccorro da sua vanguarda, o que não era exacto; elle mandou tocar a retirada. O resto da força paraguaya, sahindo do banhado internou-se pelo matto e desappareceu.

« N'este combate tivemos 29 mortos, entre estes dous officiaes; 80 feridos, entre estes 3 officiaes; alguns dias depois falleceram 10 feridos. Os Paraguayos deixaram no campo 130 mortos e mais de 200 feridos, que foram morrer mais longe.

CAPITULO VI. (*)

Approximação do inimigo a Itaqui.—Saque da mesma villa, e sua retirada.

« Depois de sua derrota no dia 26, sem tratar de sepultar seus mortos, a vanguarda paraguaya procurou fazer juncção com o corpo de seu exercito que se achava na visinhança do Passo Real do rio Butuhy. Depois de ter passado este rio e tendo encorporado os restos da sua vanguarda, destacou uma força consideravel para ir procurar o campo de batalha, que não encontrou.

« Em seguida a força inimiga dirigio-se para o Passo das Pedras, sendo sempre observada pelo coronel Fernandes, que esperava que o general Canavarro se viesse juntar a elle com sua divisão e com a artilharia de que dispunha, para anniquilarem uma vez o inimigo, quasi todo de infantaria, e que elle não podia atacar sem artilharia e com pouca infantaria.

« Do Passo das Pedras o exercito paraguayo se dirigio em mui pequenas marchas sobre a coxilha por onde passa a estrada geral que vai da Cruz e dos Hervaes para a villa de Itaqui. Ahi durante alguns dias de chuva e de frio, descuidando-se da boiada das carretas que acompanhavam o exercito, o major Doca lhes arrebatou 118 bois no dia 2 de Junho. O coronel Fernandes conservou-se observando o exercito paraguayo pelos lados do rio Ibicuhy, persuadidos os officiaes da brigada de

(*) Suprimimos o 5.º

que era escusado atacar o exercito paraguayo em quanto não chegassem reforços de infantaria e artilharia. A esta columna, que descia pelo nosso territorio, acompanhava outra que descia pela margem direita do Uruguay, á qual mandavam todo o gado e cavalhada que apanhavam.

« A 7 de Junho o exercito paraguayo entrou na villa de Itaqui, ha muito abandonada pelas familias; só alguns estrangeiros ahi tinham ficado. Os paraguayos roubaram esta villa como a de S. Borja; mas acharam menos que roubar em Itaqui, porque as familias tiveram tempo de retirar seus bens. Os Paraguayos fizeram passar ao outro lado do rio tudo que roubaram em Itaqui aos nacionaes e estrangeiros; para elles os Portuguezes eram Brasileiros; tudo foi remettido para o Paraguay; por S. Thomé passaram quatorze carretas, sete carregadas de fazendas roubadas e sete com doentes; este comboi foi escoltado por 50 soldados.

« Consummada a obra do saque da villa, o exercito paraguayo retirou-se a 18 e 19 de Julho, tomando a direcção de Uruguayana. Devia atravessar o rio Ibicuhy, sete leguas ao sul de Itaqui: em pouco dias venceu esta distancia e se achou sobre o Passo de Santa Maria, proximo á barra d'este rio no Uruguay.

« A brigada do coronel Fernandes flanqueava o inimigo pela esquerda e seguiram pela retaguarda. Durante tres dias a guarda nacional de Missões sustentou guerrilhas contra o exercito invasor. Dizem que o commandante da 1.ª brigada recebêra ordem do general da sua divisão de não atacar o inimigo; portanto a mesma brigada teve de ser espectadora passiva da passagem do exercito paraguayo no Passo de Santa Maria, no Ibicuhy; e esta passagem se achou effectuada no dia 23 de Julho, sem que se désse um tiro da margem opposta do Ibicuhy para o impedir.

« As familias em seu retiro viam aggravarem-se cada dia mais os trabalhos e as miserias da imigração.

« Acampadas na borda dos mattos, estavam soffrendo cada vez mais frio e fome: porém nutriam a esperança de poderem brevemente regressar para suas casas.

« Poucos dias depois da invasão paraguaya em S. Borja, dava-se por certo que o brigadeiro Canavarro já estava em marcha, que a brigada do coronel João Antonio da Silveira já tinha passado o Ibicuhy, e que o commandante da divisão não tardaria a chegar com a infantaria e artilharia; e que em S. Borja o inimigo ia ser derrotado. Acreditou-se tambem que o general Caldwell, sahido do Rio Pardo a 7 de Maio para S. Borja, não tardaria a chegar, para expellir os inimigos do nosso territorio.

« Cidadãos que mereciam credito vindos da cidade de Bagé asseguravam que o Barão de Jacuhy tinha sahido d'aquella cidade, havia mez e meio, com a sua divisão para S. Borja.

Outros davam noticia de forças brasileiras vindas do Estado Oriental. Estas noticias em globo, e mesmo cada uma de per si, infundiram animo e esperança entre as familias da fronteira. Ellas esperavam que o inimigo fosse completamente batido: 1.° na villa de S. Borja; 2.° no Passo do Rio Butuy; 3.° no Passo das Pedras; 4.° no Passo de Santa Maria no rio Ibicuhy.

« Tendo-se propagado a noticia de que o inimigo tinha feito a passagem do rio Ibicuhy sem que se désse um tiro para lhe impedir a passagem, em um ponto tão apropriado para o bater, o desanimo e a desconfiança se apoderou dos habitantes da fronteiras do Uruguay.

« E, com effeito, nunca o governo tratou esta fronteira com mais descuido do que agora, precisamente na circumstancia em que ella é ameaçada e depois invadida por um inimigo salvagem e barbaro.

« Logo depois da conquista das sete Missões Orientaes do Uruguay, o governo considerou a fronteira do Uruguay como da maior importancia, e mandou para a commandar officiaes de linha de reconhecida bravura e intelligencia, como foram o marechal Francisco das Chagas Santos e outros, e S. Borja foi sempre a parada de alguns batalhões de linha; sempre n'ella houve algumas peças de artilharia, chegando até a decretar que a villa de S. Borja fosse a parada do 8.° batalhão de caçadores, e a deixar n'ella parte do regimento n. 25 de cavallaria miliciana; se bem que insufficientes, como observa em seus annaes o Visconde de S. Leopoldo, para guardar a extensa barreira do Uruguay.

« Quando o governo do Brasil se preparou para a gloriosa expedição que teve em resultado a pacificação da Republica Oriental do Uruguay e expulsão do tyranno de Buenos-Ayres, além da guarda nacional d'esta comarca, estacionou na villa de S. Borja uma brigada de tropa de linha ao mando do coronel Feleciano Antonio Falcão; isso foi em fins de 1850 e principios de 1851.

« Em tempo de paz, quando esta fronteira nada itnha a receiar do inimigo, o governo mandou a S. Borja pelos annos de 1854, 1855 e 1856, etc., uma secção de artilharia ao mando do tenente Manoel da Gama Coelho Lobo d'Eça; uma ala de infantaria ao mando do capitão Salustiano Jeronymo dos Reis; o 2.° regimento de cavallaria de linha; e o Sr. brigadeiro Manoel Luiz Osorio commandou alguns annos a fronteira de S. Borja.

« Em fins de 1857 e principios de 1858, quando estava imminente um rompimento entre o Imperio do Brasil e o Paraguay, o governo brasileiro mandou para a villa de S. Borja uma brigada de tropa de linha commandada pelo coronel Sampaio, além da guarda nacional da comarca que ahi se achava destacada. N'aquella occasião uma divisão de 6,000

homens, commandada pelo marechal Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, foi enviada pelo governo ás margens do Ibicuhy, em estado de entrar immediatamente em operações.

« Quasi pelo mesmo tempo o governo do Imperio, reconhecendo a necessidade de ter uma esquadrilha no rio Uruguay, mandou organisar uma para segurança d'esta fronteira; porém o mesmo governo a mandou desarmar quasi ao mesmo tempo, em que mais necessidade havia d'ella.

« A importancia que deram á fronteira de S. Borja e do Uruguay os governos anteriores, contrasta de uma maneira notavel com o descuido do governo (actual) para com ella na guerra actual com o Paraguay. Desde 30 de Agosto de 1864 que o despota que governa o Paraguay atirou a luva á face do Brasil.

« Desde então os empregados da fronteira de S. Borja e do Uruguay e os particulares, participaram ás autoridades superiores, aos generaes, ao presidente da provincia, os preparativos que se fizeram no Paraguay para invadir o nosso territorio. Participaram o numero das forças do inimigo, que construiram canôas, que tem carretas promptas para transportar estas canôas á margem do rio Uruguay; deu-se-lhe parte da marcha do inimigo; a imprensa de toda a provincia repete os mesmos avisos e estimula o governo.

« A unica medida que o governo tomou foi mandar reunir com atropellação a guarda nacional da comarca de Missões, sem ao menos cuidar de lhe mandar armas e fardamento ; e pensa ter por esta fórma posto em salvaguarda a fronteira.

« Em 40 dias depois da invasão do territorio do Imperio pelo inimigo, em 70 depois da chegada do inimigo na barranca do rio Uruguay, em frente de S. Borja, não teve tempo o brigadeiro Canavarro de se mover com sua divisão, com sua boa artilharia, das pontas de Ibirocay para a margem do rio Ibicuhy, a disputar ao inimigo a passagem !

« Que faziam o mesmo brigadeiro e o general Caldwell do outro lado do Passo de Santa Maria, que não fizeram dar um tiro aos soldados da sua divisão, ao ponto de ouvirem os nossos, que se achavam emboscados no matto, os paraguayos gritarem : Vamos a Uruguayana, porque o Sr. Canavarro nos deu licença para ir.

« Esta estupenda passagem do inimigo no rio Ibicuhy ; o abandono em que o brigadeiro Canavarro deixou o coronel Fernandes, antes e depois da invasão paraguaya ; o descuido do governo da provincia de não mandar approximar de S. Borja durante este tempo, tropas brasileiras, sob o pretexto de uma informação erronea, de que o clima de S. Borja é pestifero, o que é completamente desmentido pela experiencia ; emfim, a morosidade com que as divisões do exercito brasileiro tem-se movido sem se approximarem até agora do

theatro da guerra, tem feito nascer em muitos habitantes idéas tenebrosas contra a sua segurança

« Mas, felizmente, poucos dias depois que o exercito inimigo se achava sobre a margem esquerda do rio Ibicuhy, espalhou-se a grata noticia da vinda de Sua Magestade a esta provincia do Rio Grande do Sul.

« A 19 de Julho o inclito monarcha brasileiro era recebido com uma alegria enthusiastica na capital da provincia, onde confiava a adminisrração da provincia e o commando das armas ao general Visconde da Boa-Vista; e o tenente general Barão de Porto Alegre foi tomar o commando do exercito em operações n'esta provincia.

« Com a chegada do grande chefe desappareceu a fatal inercia que nos tolhia; tudo está em movimento, o facho do enthusiasmo aclarou todos os recantos de nossa provincia.

CAPITULO VII.

Approximação do inimigo a Uruguayana.—Entrada na villa, saque e deterioração

« A facilidade com que os Paraguayos effectuaram sua passagem no rio Ibicuhy, fez-lhes crear nova coragem. Elles consagraram o dia 24 de Julho, na coxilha de Japejú, á alegria, festejando quanto lhes era permittido em sua posição, o dia de S. Francisco Solano, cujo nome tem o seu grande marischal. Ninguem os inquietou em seu descanso e em seus divertimentos, porque sómente umas pequenas forças commandadas pelo tenente-coronel Trindade, pertencentes á 1.ª divisão, tinham-se approximado, como para os reconhecer.

« O brigadeiro Canavarro á frente da sua divisão tinha tomado posição áquem do rio Toro-passo, á esquerda da estrada real que segue para Uruguayana, contentando-se em arrebanhar alguma cavalhada e gado manso dos moradores mais vizinhos da estrada. Porém o inimigo encontrou muitos recursos de toda a sorte de animaes nos campos que talára, nos rincões da costa do Uruguay; e aproveitou os animaes mansos retirados por nossas forças, porque elles fugiam continuamente e procuravam suas querencias, onde os Paraguayos os aproveitavam, porque não encontraram obstaculo nenhum em seguirem a estrada real, apoderando-se de tudo o que encontravam á sua direita e esquerda; e continuando em sua tarefa de destruição, queimando todas as casas que se achavam em sua passagem.

« O coronel Fernandes teve ordem de ir ao acampamento do brigadeiro Canavarro, em quanto a 1.ª e 4.ª brigadas principiavam sua passagem do rio Ibicuhy no mesmo Passo de Santa Maria; e em seu regresso estas duas brigadas acabaram de effectuar sua passagem. O que feito ellas flanquearam

sempre o inimigo. A divisão paraguaya conitnuou sua marcha pela estrada real, caminhando e parando quando bem lhe parecia, e fazendo o que queria.

« Quando o inimigo marchava, o brigadeiro Canavarro marchava tambem na sua vanguarda, porém a distancia na esquerda da estrada real; e o coronel Fernandes com as 1.ª e 4.ª brigadas seguia em sua retaguarda. Assim se passou o banhado de S. Marcos, e assim se effectuou a marcha até ao rio Toro-passo. Então o brigadeiro Canavarro adiantou-se do inimigo e passou este rio no Passo Real, ficando os Paraguayos d'este lado do mesmo passo, que dista como duas luguas da fóz d'este rio no Uruguay.

« O inimigo ahi fez alto varios dias, e suppoz-se que elle tinha receio de ser atacado na passagem do Toro-passo, que é fundo. Occupou-se, sem ser inquietado, em formar uma especie de ponte na passagem do dito rio, entretanto enviou parte da sua gente ao fundo do rincão, sobre o rioUruguay; de certo para ver se conseguia restabelecer novas communicações com sua columna expedicionaria do outro lado do rio, cujas communicações acabavam do ser cortadas pela chegada do nosso vapor *Uruguay*, que tinha chegado armado em guerra, e que, collocado no meio do rio, impedia todo o transito de canôas.

« O chefe do exercito invasor mandou collocar uma bateria de algumas peças sobre a margem do Uruguay, e bastante força para fazer fogo ao vapor, que, zombando dos tiros do inimigo, não cessou de lhe atirar em quanto elle se conservou n'aquella posição, e lhe inutilisou uma peça de artilhria. Não podendo ser bem succedido em seu intento, o inimigo tratou de passar o rio Toro-passo, o que sem novidade realisou em sua ponte.

« Emquanto isso se passava, o coronel Fernandes com a 1.ª e 4.ª brigadas ia despontar o Toro-passo pelo passo do Cemiterio, e ia-se reunir á 1.ª divisão na costa do arroio Imbaha, um pouco acima do Passo Real do mesmo arroio. O inimigo ficou pacifico possuidor do rincão, entre Toro-passo e Imbaha, desde a estrada real até o Uruguay, onde queimou, destruio todas as casas, agarrou todos os gados, e passou além do Imbaha pelo Passo Real quando lhe approuve.

« Por ordem do brigadeiro Canavarro a villa de Uruguayana tinha sido fortificada como para soffrer um sitio. Se ella não tinha sido cercada totalmente de fortificações, tinham-se feito cercos de parede de tijolo, de taboas e varios fossos. N'ella tinham armazenado grandes provisões de viveres, com o mesmo fim de sustentar um sitio. O general Canavarro tinha dado sua palavra aos habitantes da villa de Uruguayana, que os Paraguayos não haviam de entrar n'aquella villa, e em consequencia as casas de commercio e a alfandega estavam cheias de fazendas e generos; os particulares não tinham quasi retirado seus interesses.

« Mas quando o inimigo se achou no arroio Imbaha, como a duas leguas de Uruguayana, o brigadeiro Canavarro, que nunca tinha ido visitar as fortificações e que talvez não as mandára dirigir por pessoas competentemente habilitadas, lembrou-se de as mandar examinar por uma commissão de homens profissionaes. Esta commissão cumprio o seu mandato no dia 3 de Agosto, e segundo se julga não as achou boas; em consequencia S. Ex. mandou no dia 4 inutilisar parte d'ellas, e foi só então que o commercio e os moradores de Uruguayana comprehenderam que a sua villa ia ser entregue ao inimigo, como já tinham sido as de Itaqui e S. Borja. Porém, não havia barcos no porto nem carretas na villa; força foi, pois, aos moradores de tratar de se escapar da melhor fórma que podiam abandonando seus interesses.

« Sem embargo no acampamento do exercito brasileiro, que se achava sobre a margem do arroio Saúce, entre Uruguayana e o arroio Imbaha, haviam então, além do brigadeiro Canavarro, o coronel Barão de Jacuhy e o tenente-general João Frederico Caldwell, que, como commandante das armas da provincia, era commandante em chefe do exercito brasileiro. Todos esperavam que este general em chefe, intelligente e veterano, mandasse atacar o inimigo sobre a margem esquerda do arroio Imbaha, no momento em que elle se punha em marcha para entrar em Uruguayana.

« O general em chefe chegou a mandar estender a linha do nosso exercito para fazer o ataque; porém exigindo d'elle o brigadeiro Canavarro ordem por escripto de atacar, e não podendo S. Ex. se prestar a esta exigencia de um subordinado, formou-se uma questão, que a marcha do inimigo veio resolver a favor do brigadeiro Canavarro, pois elle já se achava tão approximado da villa, que já nosso exercito não podia fazer suas manobras de ataque.

« Sem embargo o corpo do tenente-coronel Bento Martins e mais algumas forças nossas se collocaram em frente da vanguarda paraguaya, entre o arroio Saúce e a villa de Uruguayana. O general em chefe e o Barão de Jacuhy foram tomar posição na esquerda, mui proximo á estrada real, que seguia o inimigo, e mandaram pedir algumas peças de artilharia ao brigadeiro Canavarro, que tinha oito, para ao menos inquietar os Paraguayos em sua entrada na villa. Asseguram que Canavarro mandou quatro peças sem artilheiros e sem munições! A obra da entrega de Uruguayana estava consummada.

« O tenente-coronel Bento Martins, indo sempre na vanguarda do inimigo, entrou pelo lado do norte, e atraz d'elle entraram os Paraguayos, e com tanta velocidade que dentro da villa ainda agarraram alguns soldados do tenente-coronel Bento Martins, que, atravessando a villa, sahio logo d'ella pelo lado do sul. Seus pobres soldados, que foram agarra-

dos pelos Paraguayos, foram por elles conduzidos a uma coxilha fóra da villa, nas vizinhanças do cemiterio, onde acamparam, e ahi degollados á vista do brigadeiro Canavarro e de todo o nosso exercito. Isso se passava a 5 de Agosto de 1865.

« Os Paraguayos encontraram em Uruguayana mui poucas familias, e essas eram todas estrangeiras. Não tiveram com ellas maior respeito do que com as familias que encontraram em S. Borja e em Itaqui. Primeiro saquearam as casas dos ausentes, tanto brasileiras como estrangeiras; tanto particulares como edificios publicos e casas de commercio. E durante o apertado sitio a que foram reduzidos, quando lhes faltaram os recursos nas casas dos ausentes, os foram procurar onde os achavam. E, finalmente, quando, poucos dias antes de sua rendição, consentiram que sahissem da villa as poucas familias que tinham ficado dentro, afim de lhes poupar as desgraças de um bombardeio, os Paraguayos se apoderaram de todos os seus mantimentos, de todos os seus interesses, levando com bem poucas excepções sua obra de destruição a todas as casas. Como o inimigo se demorou mais tempo em Uruguayana, a sua obra de destruição foi mais completa; alli encontraram mais abundancia e mais riqueza. Como o inimigo occupou a villa desde 5 de Agosto até 18 de Setembro, teve tempo de inutilizar quasi todos os bens moveis; e para se fortificar, construir lanchas para fugir e para ter lenha para o fogo, destruio grande numero de predios.

CAPITULO VIII.

Estado de nossas forças.—Batalha de 17 de Agosto na Restauração.— Chegada do general Barão de Porto-Alegre.

« Em quanto o inimigo vaqueava na Uruguayana, onde achou grande quantidade de fazendas, mantimentos e bebidas, o exercito brasileiro acampado na coxilha, como cercando a villa, soffria de fome, de frio e de nudez; chegando a desgraça de alguns nossos soldados não terem mais do que um couro fresco para se cobrirem.

« Em quanto o nosso exercito passava por estas miserias na frente do inimigo, deu-se a batalha de Yatay, da qual já tratamos.

Depois do successo do dia 17 de Agosto foi mais apertado o cerco de Uruguayana, e os chefes do exercito alliado mandaram, por um tenente aprisionado no dia 17, intimação ao chefe paraguayo para que se rendesse. Entretanto no dia 19 de Agosto o inimigo, que se achava em Uruguayana, moveu-se até meia legua da villa. Esta marcha deu lugar a que a gente do tenente-coronel Bento Martins entrasse por

algum tempo na villa. Porém a divisão Canavarro se poz na frente do inimigo, que não se animou a passar por meio d'ella e voltou outra vez para Uruguayana. A 20 de Agosto de noite chegou ao exercito o tenente-general Barão de Porto Alegre, e tomou o commando. A 21 ao meio dia chegou á proximidade de Uruguayana a esquadrilha de quatro vapores e alguns lanchões, com o corpo de zuavos bahianos e 1,500 praças de linha. O general Flôres passou toda a sua divisão para o territorio brasileiro nos dias 21 a 23 do Agosto. Então o exercito alliado em frente a Uruguayana excedia a 20,000 homens das tres armas, com 40 peças de artilharia.

« A' vista da inferioridade numerica do inimigo, nutriam-se algumas esperanças de que elle capitulasse, evitando-se assim a effusão de sangue e poupando-se a villa. Tendo o commandante Estigarribia deixado perceber sua predilecção em tratar com o general Flôres, este lhe enviou o coronel D. Nicassio Borges, munido de instrucções convenientes e honrosas para um ajuste, de combinação com os chefes alliados. Em consequencia do que n'aquelles dias constou a noticia de que o exercito paraguayo tinha deposto as armas, e se tinha entregado á discripção. Estas primeiras negociações de paz entaboladas pelo general Flôres, foram improficuas; não tanto pela tenacidade de Estigarribia como pela vontade de ferro do padre Duarte. Entretanto os chefes do exercito alliado não estavam em inacção.

« A 29 de Agosto o general Flôres fez sahir uma forte columna de cavallaria de 1,200 homens, seguindo o rio Aguapehy para descobrir o campo das Missões Argentinas até Itapua; o commando d'essa força foi confiado ao general D. Henrique de Castro. A 30 de Agosto foi tomada pelas forças do general Flôres uma partida paraguaya de seis homens e um official, o qual declarou que ia a Humaitá pedir reforço em nome de Estigarribia, porque a sua posição era muito grave. Na mesma noite fugio um official paraguayo com 50 soldados para o general Flôres, dizendo que se tinham acabado os mantimentos, que só tinham carne de cavallo.

« O general Barão de Porto-Alegre, o almirante Tamandaré, os generaes Flôres e Paunero, resolveram em conselho mandar fazer uma ultima intimação ao inimigo, impondo-lhe condições honrosas e compromettendo-se a deixar livres com as honras da guerra o chefe Estigarribia, seu estado maior e os officiaes, ficando prisioneiros de guerra toda a tropa, petrechos e munições existentes em Uruguayana. O padre Duarte influio contra a acceitação d'esta proposta; então o Barão de Porto-Alegre e os officiaes generaes do exercito resolveram atacar o inimigo no dia 7 de Setembro, anniversario da independencia.»

« A chegada do general Mitre ao exercito alliado teve lugar

quasi ao mesmo tempo que chegou o ministro da guerra Ferraz. E' de suppôr que a vinda d'este influisse para o general em chefe demorar o ataque contra o inimigo até á chegada de Sua Magestade o Imperador. Isto teve lugar com toda a sua comitiva ao acampamento do exercito no dia 11 de Setembro de 1865. »

LIVRO DECIMO.

CONTINUAÇÃO DA INVASÃO PARAGUAYA NO RIO GRANDE.

CAPITULO IX.

Chegada de Sua Magestade o Imperador ao exercito alliado.—Seu effeito.—Rendição do exercito inimigo a 18 de Setembro de 1865.—*Proclamação de Sua Magestade o Imperador.—Ordens do dia dos Exms. Srs. ministro da guerra e general em chefe.—Decreto de* 20 *de Setembro de* 1865.—*Recepção do ministro inglez em audiencia imperial a* 23 *de Setembro de* 1865.

« A chegada de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II ao exercito, em cuja frente na coxilha mais proxima ao inimigo Sua Magestade mandou levantar sua tenda, produzio n'elle um effeito incalculavel, e talvez superior ao que se tinha previsto e que se acha bem descripto em uma correspondencia que transcrevo aqui do *Echo do Sul* n. 201. (*)

. . . .

« Immensa foi a alegria de nossas tropas ao ver Sua Magestade o Imperador á sua frente, e o seu enthusiasmo subio ao mais alto ponto.

« Sua Magestade o Imperador procurou informar-se por seus proprios olhos do estado de nosso exercito, examinou seu fardamento, seu armamento, inteirou-se das comidas que se davam aos soldados, visitou os hospitaes de campanha, deu providencias para tornar melhor o estado de salubridade assás deteriorado pelos frios, pela humidade e sobretudo pelos restos de muitos milhares de animaes cavallares que tinham succumbido de frio e de trabalho, e que se achavam espalhados pelo acampamento e por algumas leguas do seu contorno. Sua Mages-

(*) Supprimimos esta correspondencia.

tade o Imperador era incansavel. Desde o amanhecer até o anoitecer nossos soldados viam Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, ora a pé, ora a cavallo, acompanhado de SS. AA. Imperiaes, os Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe, de seus ajudantes de campo, etc., percorrer o acampamento, fallar com os soldados, attendêl-os, consolar os enfermos, fazer-lhes dar os soccorros corporaes e espirituaes de que precisavam. Emfim Sua Magestade era o verdadeiro pai dos soldados, que como tal o idolatravam.

« Não sómente nossos chefes e generaes, mas tambem os chefes e generaes dos alliados, sobretudo o general Flôres, presidente da Republica Oriental do Uruguay, e o general Mitre, presidente da Confederação Argentina, lhe tributavam as mais delicadas attenções de respeito e veneração; homenagens tanto mais honrosas para o Sr. D. Pedro II, que não lhe eram dadas por causa do explendor do throno, e sim merecidas pelas eximias qualidades que todos divisam em sua augusta pessoa.

« Emquanto a presença do adorado monarcha brasileiro infundia um ardor enthusiastico em nosso exercito, e dava um novo incentivo á intrepidez de nossos valentes alliados, ella fazia perder ao inimigo encerrada em Uruguayana toda a esperança de subtrahir-se ao merecido castigo. Ao menos é de presumir assim, pois que alguns dias depois da chegada de Sua Magestade o Imperador ao exercito e tres dias antes de se entregárem tratou de fugir. Para esse fim tinha elle preparado, trabalhando dia e noite, umas cento e tantas canôas ou lanchas chatas, que podiam cada uma conter cincoenta e tantos homens. Seu projecto era, aproveitando a escuridão da noite, embarcar n'essas canôas, ás 8 horas, todos os soldados que n'ellas coubessem, degollar aquelles que não podiam levar, pôr o comboi em marcha pela costa do rio Uruguay, procurando escapar á vigilancia dos dous unicos vapores que tinhamos então em Uruguayana e que estavam fundeados ao meio do rio..

. . . .

« Porém a miseria a que estavam redusidos os soldados paraguayos em Uruguayana era extrema. Elles tinham ao principio gasto com prodigalidade, e mesmo inutilisado, por malvados, os grandes recursos de viveres que ahi encontraram, pensando demorar-se menos tempo n'aquella villa, e em consequencia os comestiveis lhes tinham faltado.

. . . .

« Um soldado que conseguio poder desertar na tarde do dia 15 de Setembro se apresentou no corpo da guarda nacional do tenente-coronel Bento Martins, a quem contou os soffrimentos de seus patricios dentro da villa, concluindo por lhe declarar que n'aquella noite, ás 8 horas, elles iam effectuar sua fuga embarcados, etc.

. . . .

« Percebendo o inimigo que seu plano de fuga era descoberto, não tentou realisal-o nem n'aquella noite nem nas subsequentes. Porém os Srs. Barão de Porto-Alegre e Visconde de Tamandaré continuaram a tomar as mais sérias precauções para obstar a fuga.

No dia 16 de Setembro Sua Magestade o Imperador dignou-se passar revista ao nosso exercito, e correu o boato de que o inimigo seria atacado no dia seguinte. Mas, se bem que n'aquella manhã nosso exercito se formasse na coxilha, não se realisou o ataque. Foi no dia 17 que, reunindo o conselho privado, deliberou Sua Magestade o Imperador atacar no dia seguinte.

No dia 18 de Setembro de 1865, designado para o ataque dos Paraguayos entrincheirados na villa de Uruguayana, conforme as ordens do general em chefe o Sr. Barão de Porto-Alegre, ás 6 horas da manhã se achavam formadas em uma coxilha á margem esquerda do Imbaha todas as forças do exercito imperial, tendo a nossa infantaria o numero de 4,000 praças, incluindo 2,000 homens de cavallaria, armados como infantaria, que marchou em columnas contiguas em 5 brigadas, acompanhando a artilharia com 40 bocas de fogo e 4 estativas em direcção á villa. Sua Magestade o Imperador, o principe Conde d'Eu, o ministro da guerra, o general em chefe, os ajudantes de campo de Sua Magestade e comitiva occupavam a frente da força.

O Sr. Visconde de Tamandaré acompanhado do principe Duque de Saxe, se achavam então a bordo da esquadrilha, composta de seis vapores e de varios lanchões e chatas. Elles não tardaram muito em se reunir á comitiva imperial.

Antes de marchar com as forças o general em chefe, Barão de Porto-Alegre, dirigira-lhes a seguinte proclamação:

—« Camaradas! Approxima-se o momento em que os vandalos que tem levado o incendio e a desolação aos habitantes inermes de uma e outra margem do Uruguay deverão expiar seus nefandos crime .

« —Ahi os tendes á vossa frente entrincheirados no ambito que offerece o recinto da villa de Uruguayana, que com barbaro prazer tem quasi de todo arruinado.

« —O nosso adorado monarcha nos honra com sua augusta presença, em companhia dos augustos principes seus genros, e do ministro da guerra.

« —Tendes por companheiros n'esta luta de honra os valorosos soldados das nações alliadas, e para testemunhas de vossos feitos os chefes das mesmas nações, que commigo vos guiarão na marcha gloriosa que vamos emprehender.

« —Camaradas! Demos ao nosso inimigo uma lição assim de valor como de civilisação e humanidade. Offereçamos-lhe ainda uma vez, antes de principiar-mos o combate, algumas

horas para reflectirem, e ao mundo inteiro uma prova de que no nosso justo resentimento nos quitamos de suas atrocidades por actos dignos de um povo livre. Viva Sua Magestade o Imperador! Viva a nação brasileira! Vivam as nações alliadas! — *Barão de Porto Alegre.*—»

« A divisão oriental, que se achava acampada na esquerda, ao mando do general Flôres, e a argentina, que se achava no centro, commandada pelo general Paunero, tendo ambas á sua frente o general Mitre, tambem em columnas continguas e na ordem em que se achavam, seguiram na mesma direcção de Uruguayana.

. . . .

« Nada tão grandiosamente bello (como fez observar algumas vezes o tenente-general Cabral, um dos ajudantes de Sua Magestade) como o espectaculo que offerecia então o exercito alliado, composto de vinte e tantos mil homens, formados em um semi-circulo de mais de legua de comprimento e de mais de meia legua de largura, approximando-se pelas coxilhas, pelas vertentes, por toda a parte, das fortificações que circulavam Uruguayana.

« Tendo chegado á distancia de tiro da praça, o ministro da guerra, o general em chefe, o Visconde de Tamandaré, fizeram respeitosas observações a Sua Magestade o Imperador, que estava sempre na linha junto d'elles, de não expôr seus dias, tão preciosos para todo o Brasil. Sua Magestade respondeu ás mesmas observações que occupava a posição digna de si.

. . . .

« O Sr. D. Pedro II dizia :—Se eu estivesse dentro da praça atirava agora balas para fóra.

« Ao meio dia menos 11 minutos já a praça se achava investida inteiramente, e toda a força disposta em ordem de ataque. Occupava o exercito brasileiro a direita da linha a distancia de tiro de fuzil ordinario das trincheiras do inimigo, ficando entre as mesmas trincheiras e o cemiterio, que fica por fóra da villa; a divisão argentina occupou o centro e a oriental a esquerda. Collocou-se toda a cavallaria á esquerda da linha e á retaguarda, na posição conveniente de protegêl-a....

. . . .

« Ao meio-dia o tenente-general Barão de Porto-Alegre em nome dos chefes alliados dirigio ao inimigo a seguinte intimação :

«—A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o mando de V S. deverá por certo têl-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios retêm os exercitos alliados em operações n'esta provincia ante o ponto do territorio que V. S. occupa.

« —Estes sentimentos, que nos animam e que sempre nos

dominaram, qualquer que seja o resultado da guerra a que fomos levados pelo vosso governo, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de cousas deve ter um paradeiro, e, em nome do nosso Imperador e dos chefes alliados, annuncio a V. S. que, dentro do praso de duas horas, nossas operações vão começar.

« — Toda a proposição que V. S. fizer que não seja a de renderem-se as forças do seu commando sem condições não será aceita, visto que V. S. repellio as mais honrosas que lhe foram pelas forças alliadas offerecidas. Qualquer que seja pois, a sua resolução, deve V. S. esperar da nossa generosidade o tratamento consenfaneo com as regras admittidas pelas nações civilisadas.

« — Deus guarde a V. S.

« — Acampamento junto aos muros de Uruguayana, 18 de Setembro de 1865. — *Barão de Porto-Alegre.* — Ao Sr. tenente-coronel Antonio de Estigarribia, commandante da divisão paraguaya. — »

. . . .

« Porém assim não aconteceu, porque, findo o prazo de meia hora que se tinha concedido, foi entregue ao general em chefe a seguinte resposta á sua intimação, que logo entregou a Sua Magestade o Imperador:

« — O commandante em chefe da divisão paraguaya offerece render a guarnição da praça de Uruguayana, sob as seguintes condições:

« — 1.ª O commandante da força paraguaya entregará a divisão do seu commando, desde sargento inclusive, guardando os exercitos alliados para com elles todas as regalias que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

« — 2.ª Os chefes, officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto onde queiram dirigir-se, devendo o exercito alliado mantê-los e vesti-los emquanto durar a presente guerra; se escolherem algum lugar que não seja o Paraguay, devendo ser por sua conta se preferirem o mesmo lugar.

« — 3.ª Os chefes e officiaes orientaes que estão n'esta guarnição ao serviço do Paraguay, ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se-lhes todas as considerações a que tenham direito.

« — Feito em Urugnayana, em 18 de Setembro de 1865.— *Antonio Estigarribia.*—»

« — Logo que o general em chefe recebêra esta resposta, mandára convocar os chefes alliados, que chegaram junto a Sua Magestade o Imperador, no momento em que comparecia em sua augusta presença o capitão paraguayo Baptista Ibanha.

. . . .

« Assentou-se que, aceitas as condições 1.ª e 3.ª, sem restricções, se declarasse ao inimigo que os officiaes da praça não

podiam sahir com armas, e por generosidade se lhes concedia o escolherem livremente qualquer lugar que não pertencesse ao Paraguay.

« O Exm. Sr. ministro da guerra offereceu-se para ir pessoalmente levar esta declaração ao commandante da praça e entender-se com elle, o que fez dirigindo-se logo á mesma .

. . . .

« Tendo passado as trincheiras e penetrado na praça, o Exm. Sr. ministro fez a declaração ao commandante Estigarribia, que a pedio por escripto, e S. Ex. a escreveu nos seguintes termos :

«—Os generaes alliados concedem e admittem a 1.ª e 3.ª condições sem restricção alguma. Quanto á 2.ª admittem-a com as seguintes restricções :

« — Os officiaes de qualquer cathegoria se renderão, não podendo sahir da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residencia qualquer lugar que não pertença ao territorio do Paraguay.

« — Uruguayana, 18 de Setembro de 1865, ás 2 1/2 horas da tarde. —Pelos chefes alliados, o ministro da guerra do Imperio do Brasil, *Angelo Moniz da Silva Ferraz.*—»

« O tenente-coronel Estigarribia pedio ainda meia hora para ouvir os seus officiaes, o que lhe foi concedido.

. . . .

« Expirado, porém, o prazo de meia hora que se lhe tinha concedido, elle respondeu pelo seguinte modo:

« —Commando em chefe da divisão paraguaya, sitio da Uruguayana, 18 de Setembro de 1865.

« — O abaixo assignado aceita as proposições de V. Ex. e deseja unicamente que seja Sua Magestade o Imperador do Brasil o melhor garante de tal convenio.

« — A elle e a V. Ex .me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, attendendo ás prescripções contidas por V. Ex.

« — O abaixo assignado espera que V. Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e entrega da guarnição.

« — Deus guarde a V. Ex.—*Antonio Estigarribia.*— »

« Immediatamente S. Ex. declarando que estipulava a garantia em nome dos chefes alliados, mandou participar ao general em chefe, afim de dar todas as providencias necessarias para a evacuação da praça; feito o que começou o inimigo a entregar suas armas. Uma das bandeiras dos vencidos, apresentada ao Imperador, foi por Sua Magestade offerecida ao general D. Bartholomeu Mitre.

« A outra o foi igualmente ao general D. Venancio Flôres.

. . . .

« Ficaram em nosso poder mais de 5,000 prisioneiros praças de pret, que foram no dia seguinte repartidos entre os

tres alliados, e 59 officiaes, sendo no outro dia os Paraguayos entregues ao 11.° batalhão de linha e os Orientaes com o commandante da vanguarda confiados ao Exm. Sr. Barão de Jacuhy; 6 bocas de fogo, 540 espadas com talins, 850 lanças, 34 clavinas, 110 pistolas, 3,690 espingardas de adarme 17, 3,700 cinturões com patronas, 231,000 cartuxos, 7 bandeiras, 19 carretas, 1 carretilha e outros objectos.

. . . .

« No outro dia (19 de Setembro) o Exm. Sr. ministro da guerra publicou a ordem do dia de que faço o seguinte extracto:

«— Gabinete do ministro da guerra.—Uruguayana, 19 de Setembro de 1865.—Ordem do dia n. 8.

«— Em nome de Sua Magestade o Imperador, S. Ex. o Sr. ministro da guerra com jubilo felicita o exercito pelo grandioso feito do dia de hontem. (S. Ex. faz a narração do que se passou)...

«— Mandando dar publicidade a tão grandioso triumpho, tem a satisfação o mesmo Exm. Sr. de declarar que Sua Magestade o Imperador e seus augustos genros os Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe, acompanhados de S. Ex., e de seus ajudantes de campo e comitiva, assistiram sempre a todos os actos e movimentos, occupando a frente das forças imperiaes.

«—Para conhecimento do exercito e de ordem de S. Ex. tambem se publicam os seguintes avisos.— »

«— Uruguayana, 19 de Setembro de 1865.

«— Tenho a satisfação de louvar em nome de Sua Magestade o Imperador, o modo porque as forças ao mando de V. Ex. se comportaram durante a jornada de 18 do corrente. O enthusiasmo com que marcharam á frente do inimigo, a precisão dos movimentos e pericia com que occuparam as posições que lhe foram assignaladas, são dignos dos maiores encomios.

«—Se, em virtude do prompto rendimento da praça, não puderam pôr em relevo seu valor, a satisfação e alvoroto que se devisavam em seus semblantes, sua attitude bellicosa auguravam um feliz exito, e se este não se obteve por força de combate, a gloria para as armas alliadas não foi somenos, porque as vantagens colhidas pelo rendimento sem effusão de sangue, deverão por certo pelo seu effeito moral acarretar aos exercitos alliados grandes bens.

«— Não devo finalisar este sem ao mesmo passo louvar a V. Ex. em nome do mesmo augusto senhor a pericia com que dirigio as operações preparatorias para o combate.

«— Deus guarde a V. Ex.—*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*

« A' S. Ex. o Sr. tenente-general Barão de Porto-Alegre.—»

«—Uruguayana, gabinete do ministro da guerra, 19 de Setembro de 1865.

«— A atitude e enthusiasmo que a brigada que V. S.

commanda demonstrou na jornada de 18 do corrente mez são dignos de elogios, o que tenho a mais viva satisfação de declarar-lhe em nome de Sua Magestade o Imperador, que o testemunhou.

« — Deus guarde a V. S.—*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*— Sr. tenente-coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelli.— No impedimento do ajudante general, o coronel *Antonio Pedro de Alencastro.*—»

« O Sr. general em chefe publicou tambem a ordem do dia que se segue.

«—Quartel general do commando em chefe do exercito em operações n'esta provincia, na villa da Uruguayana, 19 de Setembro de 1865.—Ordem do dia n. 13.

« — Soldados do Imperio Brasileiro em operações n'esta provincia ! Guerreiros do exercito alliado no Rio Grande do Sul! Companheiros na vindicta da honra nacional das tres primeiras potencias sul-americanas. A divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, á vossa presença depôz as armas sem disparar um só tiro.

« — A' frente de vossas armas, ante o vulto augusto de Sua Magestade o Imperador, em presença do Exm. ministro da guerra, dos augustos principes e da côrte, vistes desfilar hontem desarmados, ás 4 horas da tarde, sete regimentos de infantaria, e um corpo de cavallaria do exercito paraguayo !

« — Vossos fuzis e vossas lanças estavam descançados. Vossos canhões não annunciavam um combate de sangue, quando os hymnos da triplice alliança proclamavam a explendida victoria da civilisação contra o vandalismo.

« — Soldados da liberdade, em nome do Imperador o general em chefe do exercito imperial vos sauda e vos conjura a que respeiteis a desgraça do inimigo vencido.

« — O general em chefe agradece a dedicação de cada um de vós, assim como o enthusiasmo de todos, esperando poder ainda uma vez orgulhar-se de haver-se achado á vossa frente.—*Barão de Porto Alegre.*—»

« No dia 20 Sua Magestade o Imperador expedio o seguinte decreto :

«—Querendo commemorar o rendimento da divisão do exercito da Republica do Paraguay que occupava a villa da Uruguayana, hei por bem conceder a todos os officiaes, soldados, magistrados, empregados e pessoas da minha comitiva que assistiram e tomaram parte no referido feito, o uso de uma medalha conforme o desenho e instrucções que com este baixam assignados por Angelo Moniz da Silva Ferraz, senador do Imperio, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, que assim o tenha entendido e faça executar.

« — Palacio da villa de Uruguayana, 20 de Setembro de 1865, 44.º da Independencia e do Imperio.

« — Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.—*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*—»

« A 21 de Setembro de manhã Sua Magestade o Imperador mandou celebrar em uma capella improvisada junto á sua imperial tenda, uma missa e entoar um *Te-Deum* em acção de graças pela victoria do dia 18.

« Assistiram com Sua Magestade os principes Conde d'Eu e Duque de Saxe, seus ajudantes, os Exms. Srs. ministro da guerra, general em chefe, Visconde de Tamandaré, os chefes alliados com suas comitivas e alguns corpos de nossas tropas. Sua Magestade convidou em seguida os generaes Mitre e Flôres, seu estado-maior, todos os generaes, etc., a almoçar em sua tenda, reinando a maior cordialidade entre todos. Os officiaes do estado-maior do general Mitre, apezar de convidados, recusaram de se sentar á mesa, dizendo que entre elles ninguem podia se sentar á mesa do chefe da nação.

« A 23 de Setembro de 1865, o Imperio do Brasil conseguio uma victoria não menos explendida e importante do que a do dia 18. Sua Magestade recebeu em audiencia imperial, em sua tenda, junto á villa de Uruguayana, o ministro de Sua Magestade a Rainha da Grã-Bretanha.

. . . .

CAPITULO X.

Passagem das tropas alliadas do outro lado do rio Uruguay.— Sua Magestade o Imperador em Uruguayana.— Viagem de Sua Magestade o Imperador a Itaqui e S. Borja.—Regresso das familias para as villas de Uruguayana, Itaqui e S. Borja.—Conclusão.

« Depois da capitulação da divisão paraguaya em Uruguayana, principiaram no dia 19 de Setembro a passar d'aquella villa para a Restauração, nos vapores e lanchões da nossa esquadrilha, as forças ao mando do general Flôres.

« Em seguida passaram tambem as forças argentinas ao mando do general Paunero, que se juntaram n'aquella povoação á *Legião Paraguaya Liberal*, ao mando do coronel Hurburo, e dos Srs. Machain, que ahi tinham ficado.

. . . .

« Concluida a passagem do Uruguay, o general Mitre seguio com seu piquete a reunir-se ao grande exercito alliado, que se achava nas visinhanças do Mandaçoby-Chico, e o general Paunero com sua divisão foi tomar posição na frente do grande exercito paraguayo sobre o rio Corrientes. O general Flôres com suas forças devia tomar a mesma direcção poucos dias depois.

. . . .

« Querendo se informar por si mesmo dos estragos feitos

pelo inimigo nas villas de S. Borja e de Itaqui, Sua Magestade o Imperador no dia 25 de Setembro de manhã embarcou a bordo do vapor *Onze de Junho*, que tinha as insignias do Exm. Sr. almirante Visconde de Tamandaré, com o fim de seguir para Itaqui e S. Borja.

. . . .

« A's 10 horas da manhã o *Onze de Junho* se pôz em marcha.

. . . .

« Pelas 7 horas da tarde do mesmo dia 25 o vapor fundeou no porto da villa de Itaqui.

. . . .

« No dia 26 de manhã, apezar da chuva que cahia, Sua Magestade o Imperador desembarcou, acompanhado dos Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe, dos Exms. Visconde de Tamandaré e tenente-general Cabral, ajudante de campo de Sua Magestade e demais comitiva, não podendo desembarcar por estar meio incommodado o Exm. Marquez de Caxias.

. . . .

« Pelas 6 horas da manhã do dia 27 o vapor *Onze de Junho* sahia de Itaqui levando a bordo Sua Magestade o Imperador e comitiva.

. . . .

« Eram 3 1/2 horas da tarde quando o *Onze de Junho* fundeou no porto do passo de S. Borja, onde esperavam pelo Imperador a officialidade do corpo provisorio da guarda nacional n. 10, estacionado desde dez ou doze dias em S. Borja, e alguns habitantes.

. . . .

« A's 4 1/2 horas Sua Magestade o Imperador e comitiva desembarcaram.

. . . .

« No dia 28 de Setembro de 1865, Sua Magestade o Imperador desembarcou ás 6 horas da manhã com Suas Altezas Imperiaes os principes Conde d'Eu e Duque de Saxe, os Exms. Visconde de Tamandaré, ajudante tenente-general Cabral, conselheiros Beaupaire Rohan, de Lamare, Dr. Meirelles e comitiva, ficando a bordo o Exm. Marquez de Caxias por continuar incommodado. Sua Magestade e comitiva montaram a cavallo (preparados os cavallos pelo tenente-coronel Luz) e tomaram o caminho da villa de S. Borja, distante mais de meia legua do passo, sendo Sua Magestade acompanhado pelo tenente-coronel Luz, a officialidade do corpo n. 10, do Dr. Lacerda e de varios outros cidadãos.

« No trajecto Sua Magestade se fez mostrar o caminho que seguiram os Paraguayos para virem a S. Borjá, e examinou alguns instantes o campo em que elles se encontraram com o 1.º batalhão de voluntarios da patria, e a guarda nacional que no dia 10 de Junho se achava em S. Borja, em cujo

campo estavam levantadas umas dez cruzes pequenas em cima das sepulturas dos bravos que ahi succumbiram.

« Poucos foram os cidadãos que foram encontrar Sua Magestade ao entrar na villa, se bem que todos os moradores d'ella fossem n'aquelle momento avisados pelos repiques dos velhos sinos dos Padres da Companhia da chegada do seu idolatrado Imperador. A villa estava ainda quasi deserta, poucos homens tinham regressado da emigração, e familias quasi n'enhuma.

. . . .

« Porém montou immediatamente a cavallo e regressou ao passo de S. Borja, attendendo em toda parte ás pessoas que sollicitavam a graça de lhe fallar, mandando dar soccorros a algumas.

. . . .

« A's 2 1/2 horas da tarde o *Onze de Junho* suspendia os ferros e Sua Magestade regressava para Uruguayana.

. . . .

« Foi sómente depois d'esta viagem de Sua Magestade o Imperador, que as familias das villas do littoral do Uruguay, saqueadas pelo inimigo, julgaram poder regressar com segurança para seus lares.

. . . .

« Tenho concluido a narração da invasão do inimigo paraguayo na fronteira do Uruguay, que durou 100 dias, desde 10 de Junho, em que a divisão paraguaya passou o rio Urugnay e pisou em nosso territorio, e que só se findou a 18 de Setembro com sua capitulação.

« Invasão summamente prejudicial ás villas de S. Borja, Itaqui e Uruguayana, e em geral a todos os habitantes da fronteira do Uruguay, que em grande parte ficaram reduzidos á miseria.

« Invasão, devo dizer, vergonhosa para o paiz, que, dispondo de recursos consideraveis de toda a qualidade, não sómente para impedir a invasão, mas para esmagar o Paraguay inteiro e dez republicas como a intitulada Republica do Paraguay, pela indolencia e pelo descuido deixou chegar as cousas ao ponto que que temos visto n'este memorial. Não é sufficiente que o governo repare os prejuizos cauzados e faça indemnisar os damnos que soffreram os habitantes, deve tambem tratar de prevenir as desgraças de igual genero que poderão sobrevir para o futuro. (1)

« O Exm. ministro da guerra em data de 27 de Setembro, ordenou ao general em chefe do exercito em operações

(1) Agora não é militar que falla, é um padre que conhece os erros da administração militar em occasião de guerra; ora quando um homem de profissão opposta á sciencia militar assim se exprime, o que devem dizer aquelles que estão instruidos na sciencia e administração militar, na politica internacional e na arte da guerra?

n'esta provincia, de nomear uma commissão de engenheiros para colher todas as informações que possam esclarecer os factos relativos á invasão da divisão paraguaya pelo nosso territorio e submetteu a conselho de guerra os chefes a quem o governo tinha confiado a guarda e defesa do mesmo territorio. Necessariamente esta commissão, que está funccionando, hade ministrar ao governo os esclarecimentos precisos sobre os factos consumados, e lhe indicar os meios com que elles teriam sido prevenidos.

« Que o governo lance mão d'esses meios para se precaver para o futuro. O estabelecimento de colonias militares em alguns pontos do littoral do Uruguay, nas visinhanças das povoações existentes, além de fomentar seu augmento, serviria em parte de barreira aos inimigos do Imperio. Eu escrevi ha quatro annos, na ultima pagina de minha Historia da Republica Jesuitica do Paraguay. «— Se se estabelecessem sobre a margem esquerda do Uruguay tres ou quatro colonias, ao norte de S. Borja, desde a foz do rio Camaquam até a do arroio Commandahy.... a provincia do Rio Grande do Sul e o Imperio do Brasil teriam n'esta fronteira (em poucos annos) uma povoação compacta, rica e activa, que os guardaria e defenderia contra qualquer tentativa de um inimigo visinho. A seguridade e a fortuna particular e publica cresceriam extraordinariamente.—»

« Em todo o caso, o governo deve estar persuadido de que a fronteira de S. Borja é de grande importancia, que ella foi tida por tal desde a conquista das Missões Orientaes do Uruguay, como attesta o nobre Visconde de S. Leopoldo em seus *Annaes da Provincia de S. Pedro*, segunda edição pag. 268.

« Ella é a porta de entrada para o Paraguay na provincia do Rio Grande do Sul, como desgraçadamente tem provado a invasão d'este anno. Além d'isso ella confina com a provincia argentina de Corrientes, de que só é separada pelo rio Uruguay; deve, pois, cuidar de a ter sempre em estado conveniente de defeza.— FIM. »

Vejamos agora alguns acontecimentos interessantes occorridos antes da rendição da tropa paraguaya sitiada na Uruguayana.

A victoria alcançada pela expedição do general Flôres sobre a força que occupava o Passo dos Livres, deixou completamente limpa de inimigos a margem direita do Uruguay, e as tropas d'esse general livres para, transferindo-se á margem esquerda, unir-se ás forças brasileiras e hostilizar a columna que desde o dia 5 de Agosto occupava a Uruguayana.

O general Flôres parecendo querer todavia poupar as suas

forças o incommodo de transpôr o Uruguay, que ahi tem 2,500 braças de largura, dirigio ao tenente-coronel Estigarribia, chefe da columna paraguaya, uma intimação para que se rendesse. Era datada do dia 19, porém não ha conhecimento do seu conteudo, pois, segundo foi declarado, não se deixou cópia d'ella.

Não se póde deixar de reconhecer que o general Flôres era incompetente para dirigir de uma intimação a forças inimigas que occupavam uma cidade brasileira.

Estigarribia recebeu o officio do general Flôres pelo tenente paraguayo Zorrilha, que cahira prisioneiro em Yatahy.

A resposta já se demorava um dia inteiro e começava-se a não contar com ella, quando reappareceu o tenente Zorrilha trazendo uma resposta séria e polida, mas negativa.

O general Flôres, longe de exasperar-se, patenteou benevolencia ao chefe paraguayo, e declarou que tudo faria por salvar-lhe a vida no momento de o vencer.

Mas ao mesmo tempo resolveu transferir-se com seu exercito á margem esquerda do Uruguay, territorio brasileiro.

A esse tempo, dia 20 de Agosto á noite, chegava defronte da Uruguayana o general Barão de Porto-Alegre, commandante em chefe do exercito do Rio Grande, e tomava o commando das forças brasileiras que ahi operavam, e que eram as do brigadeiro Canavarro, Barão de Jacuhy e coronel Antonio Fernandes Lima.

No outro dia, 21 pela manhã, tambem chegaram a Uruguayana os vapores de guerra brasileiros *Tramandahy* e *Taquary*, com duas chatas, tudo commandado pelo capitão de fragata Lomba.

A passagem das tropas do general Flôres principiou no dia 21 e durou até o dia 29, occupando toda a esquadrilha brasileira que tinha chegado a Uruguayana, ficando apenas na margem direita um batalhão de infantaria e as forças de cavallaria.

Desde o dia 29 de Agosto eram de 18,000 homens, com pouca differença, as forças em frente da Uruguayana.

De facto, o general Flôres tinha passado mais de 8,000 homens, sendo quasi tudo infantaria e artilharia, e as forças rio-grandenses não eram menos de 10,000 homens das tres armas, se bem dous terços fossem de cavallaria.

O general Flôres ao pisar o territorio da nossa provincia do Rio Grande, dirigio á sua divisão a seguinte proclamação:

« Soldados do exercito de vanguarda! — Já estamos no territorio imperial, unidos ás legiões dos valentes rio-grandenses, que vos esperam anciosos para novamente combater os escravos do despota paraguayo, que fechados na rica villa da Uruguayana se divertem em incendiar os seus melhores edificios, sem ter animo de dar um passo para diante, e alli mesmo em poucos dias ficarão sepultados sob as ruinas da villa.

« Desde já me antecipo a saudar-vos como vencedores e triumphantes da praça da Uruguayana, porque perante vossas baionetas e vosso arrojo não ha inimigo que resista.—*Venancio Flôres.* »

Aqui transcrevemos agora um boletim official do exercito em operações na fronteira do Uruguay, tal como o encontrámos nos jornaes:

« Dia 22.—Ao entrar do sol do dia 20 do corrente (Agosto), chegou S. Ex. o Sr. Barão de Porto Alegre, general em chefe do exercito ao campo em frente á Uruguayana, encontrando as duas divisões, á frente das quaes se achava o Exm. Sr. general Caldwell, na qualidade de commandante interino das armas na provincia, em marcha, a tomarem posição para mais proximo da cidade, d'onde se tinham retirado para carnear; ficando as guardas avançadas de observação ao inimigo que está em sitio.

« S. Ex. tomou hontem posse do commando que lhe foi confiado, e d'isso deu conhecimento ao exercito com a publicação da ordem do dia n. 1.

« Foi informado de que os tres mil e tantos Paraguayos que se achavam no norte da Uruguayana, servindo de protecção á columna que invadio esta parte do Imperio, foram no dia 17 do mez que corre completamente derrotados por uma força de 9,000 homens dos exercitos alliados, ao mando do bravo D. Venancio Flôres, á meia legua acima do Povo dos Livres, depois de hora e meia de combate, principiando ás 7 horas da manhã, no qual perecêram mil e tantos, aprisionaram-se mil e duzentos, sendo d'estes trezentos feridos, tomaram-se quatro bandeiras, porção de armamento, munições e oito carretas; no numero dos prisioneiros se acha o major Duarte, commandante da força.

« Seguio uma partida em perseguição dos extraviados e fugidos, e consta que já se aprisionaram de 100 para cima.

« Os prejuizos das forças alliadas foi de 250 entre mortos e feridos, e entre os ultimos se acha o coronel brasileiro Fidelis Paes da Silva, que commandava o batalhão de voluntarios estrangeiros.

« Os generaes Flôres e Caldwell no dia 20 dirigiram notas de intimação ao coronel Antonio Estigarribia, para render-se com a força ao seu mando, sob garantia de conservação das vidas, e o trato correspondente a prisioneiros de guerra; servio de parlamentario um tenente paraguayo prisioneiro no combate depois de ferido, voltando duas horas depois com a contestação, na qual se lia: — Que em nenhuma das instrucções dadas pelo Presidente da Republica prescrevia o render-se ao inimigo; e que ao contrario tinha ordem de pelejar até succumbir em defeza dos sagrados direitos da patria e da integridade das Republicas do Prata; e por conseguinte não aceitava proposição de nenhuma classe.—

« Os vapores *Taquary* e *Tramandahy*, com duas chatas ao mando do capitão de fragata Lomba, chegaram no dia 21 pela manhã e depois do meio dia principiaram a empregar-se no transporte da infantaria e artilharia do general Flôres, ajudados pelo que já existia no rio.

« Pouco depois das 4 horas da tarde d'esse dia dirigio-se S. Ex. o Sr. general com seu estado maior á barranca do Uruguay, onde estava desembarcando a tropa, para comprimentar e conferenciar com o general já citado, o que não teve lugar em consequencia de achar-se elle ainda na Restauração assistindo ao embarque de sua gente, da qual ficaram no mesmo dia d'este lado mais de 1,000 homens de infantaria e 32 boccas de fogo, que devem cooperar para o ataque do exercito paraguayo existente na Uruguayana.

« A's 7 horas da manhã de 22, S. Ex., acompanhado do Exm. Sr. general Caldwel e seu estado-maior, encaminhou-se para as proximidades da cidade, afim de escolher as posições em que devia mandar assentar a artilharia para o ataque, e determinou ao major Rufino Enéas Gustavo Galvão, chefe da commissão de engenheiros, que fizesse o devido reconhecimento.

« Na distancia de 700 braças verificou o referido major que o maior numero dos Paraguayos achava-se concentrado na cidade, trabalhando com ardor em fortifical-a, principalmente pela parte de N.E., outros occupavam-se em demolir as casas elevadas e incendiar os ranchos de palha que existem nas proximidades da povoação; e finalmente, adiantando-se das nossas vedetas até proximo ás do inimigo, não foi por este embaraçado no serviço de que fôra encarregado.

« Em seu regresso teve S. Ex. o Sr. general sciencia de que

o grosso do exercito inimigo ao mando do general Robles achava-se nove leguas além do rio Corrientes, e d'este lado, no passo do mesmo rio, o commandado pelo general oriental Hornos, tendo uma força de observação do outro lado, e que nenhum dos dous exercitos podia mover-se por estarem ambos quasi que inteiramente faltos de cavallos.

« Dia 23. — A's 9 horas da manhã d'esse dia veio o Exm. Sr. general D. Venancio Flôres acompanhado de seu estado maior, comprimentar o Exm. Sr. general commandante em chefe.

« A força paraguaya situada na Uruguayana continúa a fortificar-se; os vapores e chatas surtas nas aguas do Uruguay empregaram-se até depois das 11 horas da noite d'esse dia no transporte das infantarias d'aquelle general, ficando a brigada do exercito imperial, composta dos batalhões 5.°, 7.° e 3.° corpo de voluntarios da patria, d'este lado, assim como os batalhões orientaes, e quatro boccas de fogo com as respectivas guarnições.

« Dia 24.—As 7 1/2 horas do dia foi S. Ex. retribuir o cumprimento do Exm. general Flôres, e presenciou o empenho empregado na passagem da força da Restauração para este lado onde existia já no momento em que S. Ex. retirou-se (11 horas do dia) toda a infantaria e dez peças de artilharia, havendo presumpção de concluir-se hoje a passagem, caso acalmasse o vento sul que tem reinado com intensidade.

« Dirigio-se S. Ex. á brigada de infantaria ao mando do tenente-coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelli, ahi mandou tocar a officiaes e depois de reunidos estes, declarou-lhes que tinha-os mandado chamar com o duplo fim de conhecel-os e felicital-os pelo brilhante comportamento que tiveram no combate do dia 17; que prestes iam ter outra occasião de distinguirem-se, por seu costumado afan e enthusiasmo, na acção que tinha de travar-se com essa horda, que com o nome de exercito invadio esta provincia, e que tarde ia conhecer quão arrojada foi essa empreza. Seguio depois a percorrer o campo da 1.ª divisão ligeira acompanhado pelos Exms. generaes Goyo Soares e Canavarro.

« Hoje ás 6 horas do dia mudou de acampamento a 2.ª divisão ligeira.

« Continua-se com toda a actividade a providenciar sobre o ataque.

« Quartel-general em frente á Uruguayana, 24 de Agosto de 1865.— *Alexandre Gomes de Argollo Ferrão*, coronel deputado do ajudante-general. »

A 2 de Setembro os generaes do exercito alliado sitiador dirigiram ao commandante da força paraguaya sitiada, uma intimação para que se rendesse com a força que commanda-

va. Acompanhava esta intimação a base de um convenio que estabelecia as condições para a rendição.

Sendo mui longos esses dous documentos, bem como a resposta que deu aos generaes sitiadores o chefe Estigarribia, extractamos do primeiro e do ultimo sómente os topicos mais essenciaes, que julgamos serem os seguintes:

« Quartel-general em frente á Uruguayana, 2 de setembro de 1865.

« Ao Sr. commandante em chefe do exercito paraguayo em operações sobre a costa do Uruguay, coronel D. Antonio Estigarribia.

« Os abaixo assignados, representantes do exercito alliado da vanguarda, cumprem um alto dever dirigindo-se a V. Ex. com o fim que esta nota exprime, esperando confiadamente que, para que elle se consiga, prestará V. Ex. a cooperação que sua posição e dever lhe impõem.

« Antes de romper as hostilidades, para que estamos preparados, sobre a povoação da Uruguayana, occupada por forças sob o seu commando, não teriamos satisfeito as prescripções mais sagradas da civilisação e humanidade se não lhe patenteassemos o nosso sincero desejo de cortar as grandes e inuteis desgraças que occasionaria a resolução em que V. Ex. até agora se tem permanecido, de sustentar-se n'essa praça.

. . . .

. . . .

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos. — *Venancio Flôres.* — *Visconde de Tamandaré.* — *Barão de Porto-Alegre.* — *Wenceslão Paunero.* »

Resposta do chefe paraguayo:

« Viva a Republica do Paraguay!

« O commandante em chefe da divisão em operações sobre o rio Uruguay.

« Acampamento na Uruguayana, 5 de Setembro de 1865.

« Aos senhores representantes do exercito alliado da vanguarda.

« O abaixo assignado, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, cumpre o dever de responder á nota que VV. EExs. lhe dirigiram com data de 2 do corrente, acompanhando as bases de um accordo.

. . . .

. . . .

« Se a sorte nos prepara um tumulo n'esta villa da Uruguayana, nossos concidadãos conservarão a lembrança dos Paraguayos que morrerem pelejando pela causa da patria, e

emquanto viverem não entregaram ao inimigo a sagrada insignia da liberdade da sua nação.

« Deus guarde a VV. EExs. muitos annos. — *Antonio Estigarribia.* »

Os generaes das forças sitiadoras da columna paraguaya existente na Uruguayana, entre os quaes contavam-se Flôres e Paunero, reuniram-se em conselho no mesmo dia 2 de Setembro, em que dirigiram a Estigarribia a intimação que mencionamos, conselho a que tambem assistio o Visconde de Tamandaré, commandante da esquadra brasileira em operações no rio Paraná.

A discussão versou sobre a fórma e opportunidade de atacar a praça sitiada, e tornou-se animadissima.

Os generaes Flôres e Paunero queriam que o ataque fosse immediato; os generaes brasileiros, pelo contrario, entendiam que se devia esperar as forças brasileiras que vinham do littoral e de Porto Alegre, que em 3 ou 4 dias poderiam estar presentes.

Não chegaram a um accordo, e o Visconde de Tamandaré, receiando maior desharmonia, resolveu appellar para a decisão do general Mitre, que elle iria pessoalmente buscar á Concordia, bem como mais alguns batalhões do exercito alliado ahi acampado.

Com effeito, no dia 4 appareceu na Concordia o Visconde de Tamandaré, que foi embarcado até o porto da Federação, d'onde seguio por terra ao quartel-general de Mitre acompanhado sómente de um de seus ajudantes de ordens, o 1.° tenente Silveira da Motta.

Depois de conferenciar com o vice-almirante, o general Mitre deu ordem para transportar-se artilharia ao acampamento alliado em frente a Uruguayana, e a seus ajudantes deu a de estarem promptos para partirem com elle na manhã do dia seguinte para o mesmo ponto.

Com igual destino tambem mandou marchar tres batalhões um argentino e dous brasileiros, sendo estes um de linha commandado pelo tenente-coronel Lopes e o 4.º de voluntarios da patria commandado pelo Dr. Pinheiro Guimarães.

Cartas do campo sitiador disseram que a demora em atacar-se a Uruguayana provinha de desaccordo entre os generaes

dos diversos paizes sobre quem devia commandar em chefe, e até constou que entre o general Flôres e Visconde de Tamandaré suscitára-se grave desintelligencia sobre o commando das forças em operações em nosso territorio, e que para resolver esta importante questão fôra este solicitar a presença de Mitre.

Admira que o general Flôres tivesse a pretenção de querer ser o commandante em chefe n'aquella circumstancia, pois todos sabem que era dotado de um caracter recto e cavalheiroso, e tinha solicitado espontaneamente, em 20 de Outubro do anno anterior, a alliança com as forças do Imperio, porque, collocado á frente da revolução oriental, considerou necessario tornar communs os esforços, para chegar-se á solução das difficuldades internas da Republica e das suscitadas com o governo do Imperio, compromettendo-se a attender, logo que fosse governo legal da Republica ás reclamações do governo imperial, contidas nas notas da missão especial confiada ao conselheiro Saraiva.

Demais o tratado de triplice alliança, apezar das suas pouco vantajosas estipulações em relação a nós, garantia o commando em chefe, quando as operações da guerra tivèssem lugar em territorio brasileiro, a um general tambem brasileiro.

E' possivel que esta competencia de commando apparecesse na ordem moral, mas materialmente não se devia ter dado, pois, além de outras muitas razões, que são sem duvida conhecidas, o tratado de alliança do 1.º de Maio, como dissemos, não obstante as clausulas prejudiciaes ao Imperio, estabelecia que o commando em chefe pertenceria ao general em cujo territorio as operações se desenvolvessem.

Pareceria que era para provar áquelle general que não havia dezar em sujeitar-se ao commando do Barão de Porto Alegre, que o general Mitre, sem fazer questão de sua posição tambem de chefe de um Estado, partia para Uruguayana acompanhando o vice-almirante brasileiro, e, deixando o grande exercito alliado sob o commando do marechal Osorio, embora estivesse presente n'elle o general Gelly y Obes, chefe do seu estado maior e ministro da guerra da

Republica, fosse tomar em Uruguayana o commando só da divisão argentina.

Assim, porém, não aconteceu, pois, apenas chegando á Uruguayana, assumio o commando em chefe das forças sitiadoras da praça, que devia saber não lhe competia de fórma alguma, pois o ex-presidente da Confederação Argentina é um homem intelligente, perspicaz e instruido.

Felizmente occorreu uma circumstancia que acabou todas estas divergencias, e poupou ao paiz o dezar de ver o seu exercito, em operações no seu proprio territorio, commandado por um general estrangeiro.

A inacção do exercito alliado acampado em frente a Uruguayana, já tão forte e superior ao paraguayo, sem dar um tiro, sem principiar as operações contra a praça, explicou-se nas cidades do Rio da Prata como resultado da rivalidade que existia entre os generaes sobre o commando em chefe; abaixo mostramos, com o aviso de 27 de Setembro d'esse mesmo anno, do que resultou esta inacção.

O general Flôres, que era amigo do Brasil, desejava realmente acabar com o sitio de Uruguayana, como já tinha anniquilado, na margem direita do Uruguay, a columna do major Duarte; mas, não podendo commandar em chefe, como não podia, permaneceu na mesma immobilidade em que estava o exercito alliado, não por vontade do mesmo general, que n'essa situação se achava fóra do seu elemento e actividade, mas porque a elle se oppunha a maioria.

Todavia tinhamos elementos mais que sufficientes para tomar a praça de assalto, mesmo que não fosse a nossa infantaria consideravelmente superior á do inimigo, porém a nossa artilharia de terra e do rio era superior a tudo, e cedendo a palavra por alguns dias ao canhão, o chefe Estigarribia havia de ter promptamente reconhecido que esses novos argumentos eram mais convincentes do que as intimações exaradas nas notas que lhe tinham sido passadas na intenção de fazel-o capitular.

Ainda mais; não haveria de certo grande effusão de sangue causada por um ataque vigoroso, porquanto as circums-

tancias dos sitiados já eram desesperadas e não podiam receber auxilio algum; o exercito paraguayo, que então occupava parte da provincia de Corrientes, não podia vir soccorrel-os, e se viesse ficaria irremessivelmente perdido, como já estava o de Uruguayana e como o que foi derrotado em Yatay.

No dia 6 de Setembro expedio o general Flôres a seguinte ordem do dia á sua divisão:

« Acampamento em frente á Uruguayana, 6 de Setembro de 1865.

« 1.º Amanhã 7, é o anniversario da Independencia do Brasil. Como alliados e amigos do Brasil e do povo brasileiro, a bateria do exercito oriental dará uma salva de 21 tiros á 1 hora da tarde, arvorando as bandeiras brasileira, argentina e oriental, occupando a primeira o centro.

« 2.º Por ordem do general em chefe do exercito oriental e da vanguarda, o chefe de estado-maior, segundo chefe do mesmo, passará ao quartel-general do Exm. Sr. Barão de Porto-Alegre, general em chefe do exercito do Rio Grande, para felicitar a S. Ex. pelo anniversario da independencia do povo brasileiro e pela prosperidade de seu digno monarcha.

3.º Amanhã não terão exercicio os corpos que formam o exercito da vanguarda, os quaes permanecerão com bandeiras desenroladas na hora da mostra. »

Apezar do arreganho militar da resposta dada em 5 de Setembro á intimação dos generaes alliados, a 8 do mesmo mez o coronel Estigarribia pedio aos referidos generaes, que em nome da humanidade permittissem a sahida da praça ás familias n'ella encerradas; e considerou-se este passo como de bom agouro, esperando-se que os Paraguayos acabassem por entregar-se sem derramamento de sangue.

De facto era já tão grande a nossa superioridade em numero de soldados, em armas e em todos os elementos de guerra, que pouco tempo poderia mediar entre o primeiro tiro e a tomada da praça.

Foram portadores d'esta nota o coronel Itusbusu e commandante Decoud, officiaes da *Legião Paraguaya Liberal*—, organisada em Buenos-Ayres no principio d'esse anno, e que estava então acampada na Restauração.

Estes dous Paraguayos penetraram n'esse dia na praça sitiada, onde foram bem acolhidos por Estigarribia e seus officiaes.

O coronel Itusbusu fez ver a Estigarribia e a seus commandados sua precaria posição, ameaçados por um exercito de 20,000 homens e 40 bocas de fogo; invocou a lembrança da patria, para a qual se abriam as portas da liberdade, assegurando-lhes que os alliados e a legião paraguaya combatiam a barbara dictadura de Lopes, e não o povo paraguayo.

Estigarribia abraçou o coronel seu compatriota, prometteu responder e manifestou-lhe que entre elles haviam *diversas opiniões*. Esta declaração era significativa.

Se nossa artilharia já occupasse posição conveniente a pequena distancia da praça, todas essas opiniões se teriam promptamente convertido em uma só.

No dia 10 d'esse mez chegou a Uruguayana o vapor de guerra nacional *Onze de Junho* conduzindo a seu bordo o vice-almirante Visconde de Tamandaré e o general Mitre! Como dissemos, apenas o general Mitre esteve defronte da Uruguayana, tomou o commando em chefe de todas as tropas alliadas que cercavam a praça; porém esta autoridade modificou-se um dia depois com a feliz circumstancia a que já alludimos, e que foi a presença de Sua Magestade o Imperador no theatro da guerra.

No mesmo dia que Mitre chegou ao campo do exercito alliado, tambem ahi chegou o ministro da guerra do Imperio, conselheiro Ferraz, que annunciou para a manhã do dia seguinte a chegada de Sua Magestade o Imperador.

Na manhã do dia 30 de Junho entrou n'este porto, procedente do Rio da Prata, o transporte de guerra *Oyapock*, que era portador da noticia de dous importantissimos acontecimentos: a fausta nova do memoravel combate naval do Riachuelo e o desagradavel facto succedido na provincia de S. Pedro do Sul no dia anterior ao da brilhante victoria alcançada nas aguas do Paraná pela nossa gloriosa armada. Uma divisão do exercito paraguayo, de mais de 5,000 homens, invadira o Rio Grande pela fronteira de S. Borja no dia 10 de Junho.

Immediatamente Sua Magestade o Imperador tomou a patriotica resolução de partir para a provincia do Rio Grande

do Sul, afim de activar com o prestigio da sua presença, com o seu exemplo, a defeza d'aquella heroica provincia.

Sua Magestade deixou esta côrte no dia 10 de Julho, seguindo viagem no vapor *Santa Maria*, e chegou á cidade do Rio Grande a 16 d'esse mez. Acompanharam Sua Magestade os principes seus genros, o ministro da guerra, ajudantes de campo, e outras pessoas distinctas.

No mesmo dia da chegada do Imperador á provincia do Rio Grande, foi publicada a seguinte proclamação :

« Viva a nação Brasileira.

« Rio-Grandenses! — Sem a menor provocação, é por ordem do governo do Paraguay invadido segunda vez o territorio de nossa patria. Seja vosso unico pensamento o vingardes tamanha affronta, e todos nos ufanaremos cada vez mais do brio e denodo dos Brasileiros.

« A rapidez das communicações entre a capital do Imperio e a vossa provincia permitte a mim e a meus genros, meus novos filhos, presenciar vossos nobres feitos.

« Rio-Grandenses! Fallo-vos como pai que zela a honra da familia brasileira, estou certo de que procedereis como irmãos, que se amam ainda mais quando qualquer d'elles soffre.

« Palacio do Rio-Grande, 16 de Julho de 1865.—D. PEDRO II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.»

Este importante documento foi enviado para todos os pontos da provincia acompanhado pela seguinte circular:

« Illm. Sr. — Envio a V. S. a inclusa proclamação que Sua Magestade o Imperador dirige aos Rio-Grandenses, para que V. S. lhe dê a maior publicidade.

« As circumstancias são tão graves, que nenhum Brasileiro se póde escusar ao serviço de guerra, e esta é sobremodo justa para que ninguem se possa negar á sua sustentação.

« Sigamos o exemplo que nos dá o noso inclyto monarcha; não hesitemos, reunidos em roda d'elle marchemos a vingar a honra nacional.

« Para os que estiverem armados, o ponto de reunião é o campo onde se acharem reunidas as forças em operações sobre as fronteiras de S. Borja, Uruguayana e Quarahim; para os desarmados S. Gabriel, para onde o Imperador vai seguir.

« Eu espero que o meu amigo n'este momento dará mais uma prova de patriotismo, reunindo toda a gente que puder e pondo-se immediatamente em marcha para S. Gabriel ou Missões,

« Cidade do Rio Grande do Sul, em 17 de Julho de 1865. —De V. S.—*A. M. da Silva Ferraz.* »

No dia 18, ás 10 horas da manhã, Sua Magestade e sua comitiva embarcaram no *Santa Maria* para Porto Alegre, onde chegaram no dia 19 ás 10 horas da manhã.

No dia 20 tomou posse da presidencia da provincia e do commando da armas o Visconde da Boa Vista, em substituição do Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, que pedira e obtivera sua exoneração.

A's 4 horas e 5 minutos da tarde do dia 28 de Julho deixavam Sua Magestade e sua comitiva a capital do Rio Grande e embacaram no vapor *Tupy* que os devia transportar á cidade do Rio Prado, situada na margem esquerda do rio Jacuhy, e onde a comitiva imperial chegou ás 5 horas da manhã do dia 29.

Agora passamos a extractar trechos das cartas enviadas a esta côrte por pessoa da comitiva do Imperador, nas quaes é narrada a campanha imperial iniciada por Sua Magestade na cidade do Rio Pardo, onde principiou a viagem por terra.

VIAGEM DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

(*Continuação.*)

« Cidade da Cachoeira, 4 de Agosto de 1865.

« Quando no sino da matriz da cidade do Rio Pardo, soava a primeira badalada annunciando aos fieis ser o meio do dia 31 do mez passado, já se achavam montados a cavallo e em trajes de viagem usados n'esta provincia, Sua Magestade Imperial e Sua Alteza e toda a comitiva, para deixarmos aquella cidade e seguirmos caminho da campanha.

. . . .

« Dez minutos depois do meio dia deixavamos a cidade e transpunhamos o Rio Pardo por meio da ponte de madeira ahi existente, e já um pouco arruinada, e entravamos na campanha, seguindo o rumo EO.

. . . .

« A 1 hora menos vinte minutos encontramos tropa acampada, era um contingente do batalhão n. 3, que antes de nós partira da cidade com destino ao exercito em operações.

. . . .

« As 5 3/4 acampámos no lugar denominado Cruz Alta, perto de Lima. Ahi encontramos acampados o corpo policial da côrte e uma das alas do batalhão de voluntarios n. 24. O tempo conservou-se sempre nublado, e pouco depois de

acampados sobreveio-nos a noite, que difficultou muito o armarem-se as barracas.

« As de Sua Magestade Imperial e da comitiva tardaram, em consequencia de virem em uma carreta; por isso passaram Sua Magestade e Sua Alteza toda a noite mal acommodados em carretilhas; os demais arranjaram-se como puderam.

« O transporte que conduzia a comida soffreu um transtorno, e Sua Magestade e Sua Alteza tiveram como refeição um pedaço de pão, e sómente ás 9 horas da noite comeram um churrasco.

« Soffria resignado Sua Magestade esses contratempos, e sublime exemplo dava aos seus subditos comendo o pão do sacrificio, que fazia por amor de seu povo.

« Sua Magestade pouco depois de parar foi com Sua Alteza ver o como se tinham acommodado todos da comitiva, e visitou, percorrendo, o acampamento do seu piquete, retirando-se depois á carretilha, que teve as honras de paço durante essa noite.

. . . .

« As 6 horas do dia 1.° do corrente o som do clarim annunciava-nos a marcha, e preparavamo-nos para a viagem, levantando logo o acampamento.

« A's 7 horas e 20 minutos já seguiamos viagem no rumo sempre EO.

« A's 8 horas menos um quarto encontrámos já em marcha o corpo policial da côrte e a ala do batalhão n. 24 de voluntarios, que immediatamente se formaram em linha e fizeram a devida continencia ao Imperador.

. . . .

« A's 9 horas encontrámos tambem em marcha o 4.° batalhão, que logo se postou em linha para fazer a continencia ao Imperador.

« Um quarto de hora depois correu a vir encontrar-se com Sua Magestade um proprio do Barão de Porto Alegre, entregando-lhe um officio cobrindo um boletim de S. Gabriel, noticiando terem os saqueadores paraguayos já transposto o Passo Santa Maria no Ibicuhy, em cujas margens estavam acampados. Sua Magestade Imperial, cercado por toda a comitiva, dignou-se ler em voz alta o boletim que semelhante noticia dava.

« A's 10 horas e um quarto paramos, para sestear, no lugar denominado — Timotheo. N'esse campo almoçamos e descançamos da marcha, de mais de duas leguas, que haviamos feito.

« A' uma hora tocou-se a levantar acampamento, e á 1 1/2, tomavamos a direcção que encapotado por densas nuvens seguia o sol. Caminhavamos para O. affrontando a grande tormenta que por esse lado se preparava.

« Desfez-se a tormenta por meio de grossa e copiosa chuva que nos açoutou constantemente de frente até o fim da viagem.

« A's 2 1/4 encontramos já acampado o 4.° batalhão de artilharia. A's 3 horas e dez minutos atravessamos por uma bem acabada ponte de alvenaria o rio Botucarahy, que despeja suas aguas no Jacuhy.

« A' 4 1/4 horas, a uma legua da cidade da Cachoeira, na estancia da Ilha, encontramos um proprio com officios do general Caldwell.

» Ahi se achavam á espera de Sua Magestade Imperial a camara municipal e varias autoridades da cidade da Cachoeira,

. . . .

« A's 5 1/2 horas da tarde transpunhamos o limiar da cidade, denominada da Cachoeira em consequencia das catadupas que nas suas proximidades aformoseam e tornam altivo o rio Jacuhy, cuja margem esquerda domina ella da coxilha em que está edificada.

. . . .

« No dia seguinte, 2 do corrente, muito cedo Sua Magestade, acompanhado por Sua Alteza, por seus ajudantes de campo e veador de Lamare, e ajudante do mordomo Pinto Mello, percorreu a cidade, indo primeiramente á igreja fazer oração. Dirigio-se depois e examinou minuciosamente a enfermaria militar, casa da camara, cadêa e theatrinho.

« A' tarde foi ao acampamento do seu piquete percorrendo todas as ruas e demorando-se em uma ou outra barraca, dirigio-se depois ao deposito de artigos bellicos, e examinou minuciosamente tudo, indagando dos meios mais promptos para o transporte dos objectos para a campanha.

« A's 10 horas do dia 3 Sua Magestade, acompanhado como sempre pelo seu augusto genro, ministro da guerra, ajudante de campo, veador de Lamare, e ajudante do mordomo Pinto Mello, seguio á cavallo para o acampamento da brigada do coronel Fontes, e ahi chegou faltando um quarto para as 11 horas ; passou revista á mesma brigada, que já o esperava em linha á frente do acampamento, depois do que, com a sua comitiva collocou-se no lugar de honra, e ahi assistio a algumas manobras. Dirigia a ala direita da brigada o Marquez de Caxias, e a esquerda o general Cabral e ordenou que a brigada estivesse formada no dia seguinte, pois que desejava assistir a um exercicio feito por ella.

« Ao retirar-se despontou em uma coxilha proxima o corpo policial da côrte, para elle dirigio-se logo Sua Magestade. Esse galhardo corpo, apezar do cansaço da marcha, com firmeza e ligeireza collocou-se em linha, fez a continencia ao Imperador, que passando-lhe revista retirou-se para á cidade, onde foi á margem do rio examinar a artilharia raiada remettida da côrte.

. . . .

« Não posso terminar sem mencionar uma circumstancia que se deu na marcha e nos causou agradavel emoção. No acampamento da Cruz Alta, onde mal acommodados ficaram todos, tiritava de frio junto da carretilha imperial o criado particular que alli repousava ao ar, guardando zelosa e cuidadosamente seu augusto amo, que presentindo-o, levantou-se, e não se acommodou sem ter primeiramente procurado bom e seguro abrigo para seu fiel servidor.

« A Magestade Imperial descendo n'esta occasião ergueu-se á altura do verdadeiro soberano.

. . . .

« 7 de Agosto.

« Ainda aqui nos conservamos anciosos por noticias da côrte; já tardam.

« A cidade é insipida; tem, porém, mais movimento que a do Rio Pardo; é o centro onde todos os viajantes da campanha que se dirigem a Porto Alegre param, descansam e se refazem dos recursos necessarios quando regressam.

« Anima-a hoje e muito a presença de Sua Magestade Imperial, que não cessa de percorrel-a constantemente, visitando os estabelecimentos publicos, e especialmente a enfermaria militar, onde ainda no dia 4 ás 8 horas da noite, acompanhado por seus dois ajudantes de campo, apresentou-se inesperadamente a visitar os enfermos, dispensando-lhes palavras consoladoras, e recommendando aos encarregados toda a caridade e solicitude para com elles.

. . . .

« N'este mesmo dia 4 Sua Magestade, acompanhado pelo principe, seus ajudantes de campo, veador Delmare, e pelo ajudante do mordomo Pinto Mello, dirigio-se a cavallo ao acampamento da brigada Fontes, onde chegou ás 11 horas menos um quatro, tendo montado a cavallo ás 10.

« A brigada, composta dos batalhões de voluntarios ns. 19 e 24, do 4.° batalhão de artilharia a pé e do corpo policial da côrte, já se achava formada em frente do acampamento. e ao chegar Sua Magestade, feita a devida continencia, principiou logo o exercicio, sendo as ordens para as diversas evoluções transmittidas peles dous generaes ajudantes de campo.

. . . .

« Durou o exercicio até o meio-dia, e terminou pela marcha em revista que a brigada fez, passando em frente ao Imperador.

« Em seguida Sua Magestade percorreu o acampamento de cada corpo, e visitou a enfermaria volante, e, com essa solicitude admirada por todos, informou-se do estado dos enfermos, e recolheu-se á 1 1/2 hora á cidade.

« Comquanto fria estivesse a manhã do dia 5, sahio Sua Magestade, acompanhado por Sua Alteza e pelo seu ajudante

de campo Cabral, e dirigio-se á margem do rio, onde assistio e activou o desembarque de artigos bellicos e de munições que de Porto Alegre chegaram com destino ao exercito em operações na fronteira de Missões, regressando ao paço ás 9 horas menos um quarto.

« Depois do almoço ás 10 horas, já se achava montado, e acompanhado por Sua Alteza, pelo ministro da guerra, generaes ajudantes de campo, veador Delamare e judante do mordomo, ainda se dirigio ao acampamento e percorreu cada um dos campos, visitou a enfermaria militar e despedio-se d'essa briosa brigada, que ás 2 horas da tarde levantou acampamento e seguio caminho que vai ter ao campo da gloria, onde lhe esperam virentes louros.

. . . .

« No dia de hontem Sua Magestade e sua comitiva assistiram na matriz, ás 10 horas, ao santo sacrificio do cordeiro de Deus.

» A's 6 horas da tarde sobreveio grande temporal de SO. acompanhado de chuva e de trovões.

« Appareceu hoje bello e sereno o dia, soprando intenso o *minuano*, obrigando a temperatura a descer immediatamente a 44.° Fahr; é porém um frio tão agradavel quanto saudavel.

« A' 1 hora da tarde proseguira a expedição imperial na sua marcha, com destino a Caçapava.

. . . .

« Caçapava, 15 de Agosto de 1865.

« A' 1 hora da tarde do dia 7 do corrente, deixaram a cidade da Cachoeira Sua Magestade Imperial, Sua Alteza, o ministro da guerra e as respectivas comitivas.

. . . .

« Seguindo sempre para O, chegamos ás 3 1/4 á margem esquerda do Passo de S. Lourenço, no magestoso rio Jacuhy, e que dista da Cachoeira duas leguas. Ahi estava acampada a brigada do coronel Fontes, e paramos tambem, por isso que as carretas e a cavalhada do piquete de Sua Magestade não podiam facilmente passar para o outro lado do rio.

. . . .

« Sua Magestade, Sua Alteza e toda comitiva, ás 4 horas da tarde passaram o rio e foram acampar na margem opposta, tendo ficado acampado na margem esquerda com sua comitiva o ministro da guerra, afim de activar todo o serviço da passagem.

« Bello espectaculo presenciou a aurora do dia 8.

. . . .

« No Paço de S. Lourenço tem o rio 80 braças de largura e de 5 a 6 de profundidade.

« Procedeu-se logo á passagem das praças do piquete im-

perial, das carretilhas e mais vehiculos, por meio das barcaças, demorado por isso foi esse serviço. . . . .

. . . .

« Na margem direita, apezar do frio, Sua Magestade Imperial acompanhado de Sua Alteza e do seu ajudante de campo general Cabral, estavam em pé na barranca a activar com sua prestigiosa presença o serviço da passagem.

. . . .

Apezar da falta de recursos, transpoz-se tanto o pessoal como todo o material, e ao meio dia levantava-se acampamento e proseguiamos na nossa marcha, ao rumo geral de SO, fóra um ou outro desvio para o S.

« A primeira legua de marcha fizemos quasi toda por immundos pantanos, por immensos banhados, onde em muitos lugares nadavam os cavallos.

« A's 3 horas da tarde acampamos junto a um capão na estancia de João Thomaz, que pressuroso veio beijar a mão de Sua Magestade, comprimentar Sua Alteza e offerecer-lhes um mais abrigado pouso na casa de sua residencia, offerecimento que Sua Magestade, agradecendo, não aceitou. O Imperador por sua magnanimidade quer sempre compartilhar os incommodos porque passam seus subditos, com elles acampando ao rigor do tempo.

. . . .

« Sereno e radiante amanheceu o dia 9, que, revestido com as galas da natureza, annunciava-se festivo para o acampamento. Sua Alteza o Sr. Duque de Saxe, cuja distincta affabilidade encanta e modos attenciosos captiva, celebrava o seu vigesimo anniversario natalicio no meio de larguissimas campinas, ao lado de seu augusto sogro, e cercado por um punhado de subditos que o respeitam e amam.

« A's 7 horas da manhã marcava o thermometro Fahr. 36.º; ás 9 suspendemos acampamento, e seguimos viagem com o rumo de SO.

« Ao meio dia sesteamos junto a um capão sombrio. Meia hora depois proseguiamos a marcha, que se fez sem a menor novidade até o Capão Grande, onde acampamos ás 2 horas da tarde.

. . . .

« A's 9 horas da manhã do dia 10 suspendemos acampamento, e a essa mesma hora recebemos noticias do theatro de operações por meio de um boletim impresso em Alegrete, que annunciava ter sido no exercito alliado com grande enthusiasmo recebida a noticia da chegada de Sua Magestade á provincia.

. . . .

« Seguimos viagem ao rumo NS., e ás 11 horas e 25 minutos paramos no lugar denominado Durasnal, junto á casa de Joaquim Leandro Ferreira.

. . . .

« Ao meio-dia seguimos a marcha, sempre no rumo NS.

« Duas horas depois acampamos á margem direita de um arroio ramal do Irapoá, no lugar denominado Lageado.

. . . .

« As' 7 horas da manhã do dia 11 o thermometro do Fahr. desceu a 32.°; uma hora depois fomos sorprehendidos com a agradavel noticia de se achar Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu na cidade da Cachoeira, em caminho, para se encontrar com seu augusto sogro.

« A's 9 horas levantou-se acampamento e puzemo-nos em marcha, ao rumo de NS. Tres quartos de hora depois transpunhamos o rio Irapoá, e seguimos então o rumo SO. Parámos ás 10 horas junto á casa do juiz de paz Francisco Antonio da Costa.

« Um quarto de hora depois proseguiamos a viagem.

. . . .

« Ao meio-dia, seguindo a mesma direcção, subimos uma coxilha, de cujo cimo vimos apparecer ao S. a villa de Caçapava.

Vinte minutos depois do meio dia tomamos para o S., na direcção da villa, onde entramos á 1 hora da tarde.

. . . .

« O resto do dia foi destinado ao descanso.

« Nos dias seguintes, 12 e 13, Sua Magestade e Sua Alteza constantemente percorreram a villa visitando a cadêa, casa da camara e a enfermaria militar, creada provisoriamente para receber as praças doentes do piquete imperial, e ouvindo missa no segundo dia.

. . . .

« Assistiram hoje á missa da Assumpção, Sua Magestade e Sua Alteza, o ministro da guerra e comitiva. Ao sahir da igreja soubemos achar-se Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu a uma legua distante da villa.

« Immediatamente Sua Magestade, Sua Alteza e mais pessoas montaram a cavallo e foram ao encontro do principe, encontro que, tendo lugar a um quarto de legua da villa, foi o mais tocante possivel. Sua Magestade e Sua Alteza o Sr. Duque de Saxe abraçaram affectuosamente o augusto recem-chegado.

. . . .

« S. Gabriel, 3 de Setembro de 1865.

« No dia 24 de Agosto deixamos a villa de Caçapava e seguimos para esta cidade.

. . . .

« Seguimos sempre o rumo S. e ás 3 horas acampamos no lugar denominado Tapéra de Rodrigues Chaves.

« Ahi passou-se horrorosa noite: ás 10 horas sobreveio temivel tempestade, vento rijo de SO, chuva a cantaros, re-

lampagos amiudados, medonhos e continuados trovões, tudo dava proporções immensas aos tormentos da noite. Algumas barracas voaram, outras mal abrigavam da tormenta, o frio era intenso, todos tiritavam. Muitos cavallos do piquete de Sua Magestade amanheceram mortos, algumas praças ficaram algidas, e a muito custo recuperaram o calor e a vida.

« O dia 25 ainda amanheceu tormentoso, e tormentoso continuou. O vento soprava sempre forte, a chuva era abundante e grossa, e o frio enregelava os membros. Não obstante deu ordem Sua Magestade para se levantar acampamênto.

. . . .

« Com effeito, ás 10 1/2 horas da manhã, contra a opinião do seu ministro e de seus ajudantes de campo, pôz-se em marcha acompanhado pelos principes, ministro da guerra e comitiva imperial.

« Foram constantemente durante a marcha açoutados pelo temporal que vinha de SO., e era este o rumo que seguiam, ás 3 horas acampou-se junto a um ramal do rio Santa Barbara, perto da casa de uma pobre mulher de nome Maria Joaquina de Toledo.

« Ahi falharam todos os recursos; por terem cançado seus bois, outras por quebrarem suas rodas, não puderam as carretas que conduziam a comida e as barracas alcançar o acampamento, ficaram a grande distancia.

« Continuava a chover fortemente; inteiramente molhados o Imperador, principes e comitiva, por unico recurso recolheram-se ao albergue da infeliz Toledo, que, não conhecendo seus augustos hospedes, disse-lhes que nunca vira tanta gente; nada tinha a lhes offerecer senão agua, e por abrigo o triste tecto da sua casa.

. . . .

« Aos tormentos da intemperie augmentaram-se os d a fome; não havia comida: o Imperador, principes e comitiva por unica refeição tomaram um pouco de pão com queijo duro, e assim passaram 24 horas!

. . . .

« No dia 26 continuou a chuva; as carretas demoradas á retaguarda, algumas praças doentes, bois cançados e falta de cavalhada, foram circumstancias que n'esse dia impediram a marcha.

« Comquanto o ministro da guerra tivesse dado algumas providencias a remediar os inconvenientes da vespera, foram fracos com tudo os recursos obtidos e por isso pequena foi a marcha do dia 27. As 9 1/2 horas da manhã levantou-se acampamento, despedindo-se Sua Magestade e Suas Altezas e comitiva da bôa Toledo, a quem Sua Magestade, por suas proprias mãos, entregou 200$000.

. . . .

« Uma hora depois da marcha transpunha-mos o passo do arroio de Santa Barbara, e ás 10 3/4 acampavamos.

. . . .

« Comquanto amanhecesse bello o dia 28, receiamos da noite.

. . . .

« As 9 horas da manhã d'esse mesmo dia levantou-se acampamento e seguimos viagem ao rumo de NO.

. . . .

« A's 2 horas da tarde formou-se para O. um temporal, que começou logo a desfazer-se em chuva.

. . . .

« O Imperador, principes e comitiva foram além do Cambahy, e acamparam as 4 horas, recolhendo-se a uma pobre casa de uma mulher; tambem ahi passaram mal, encontraram poucos recursos.

« No dia seguinte, 29, as 10 horas da manhã, seguiram viagem, mandando Sua Magestade pelo seu mordomo entregar 100$000 á pobre mulher a quem coube a honra de os hospedar.

« A chuva continuava, a marcha foi pequena, ás 11 horas recolheram-se á casa do tenente José Marinheiro.

. . . .

« N'esse lugar recebeu Sua Magestade uma carta do general Flôres, em que lhe communicava haver nomeado uma commissão para o felicitar. . . . .

« A's 6 horas da tarde annunciou-se a chegada da embaixada.

. . . .

« No dia 30 suspendemos acampamento ás 8 horas da manhã; o dia amanheceu bellissimo e com a temperatura de 38.° Seguimos viagem ao rumo de NO, ás 11 1/2 atravessámos por uma arruinada ponte de madeira o rio Salso, e perto do meio dia parámos um pouco além do arroio.

. . . .

« As 2 horas da tarde suspendemos de novo o acampamento.

« Seguimos sempre o rumo SO.; ás 4 e 20' atravessámos o arroio das Cannas, e ás 5 e 25' o Mudador, e tomamos então o rumo O.; meia hora depois chegavamos ao soberbo rio Vaccacahy, em cuja margem esquerda se eleva a cidade de S. Gabriel.

. . . .

« A passagem do rio fez-se com facilidade em uma boa barcaça.

. . . .

« Como sempre activo e solicito, o Imperador logo cedo no dia 1.°, acompanhado pelos principes e seu ajudante de campo Cabral, visitou o deposito de artigos bellicos, o quartel de artilharia, hospital de caridade, cadêa civil e camara muni-

cipal, e o mesmo tem feito nos dias seguintes. Visitou tambem o bravo de Paysandú, o distincto Barão de S. Gabriel, que geme hoje no leito da dôr, victima de uma molestia pulmonar, aggravada pelas fadigas da ultima campanha.

. . . .

« Sua Magestade ouvio missa hoje ás 6 horas da manhã, e ao meio dia segue para Uruguayana, passando por Alegrete.

. . . .

« Esquecia-me dizer que hontem ao meio dia fez sua entrada solemne n'esta cidade a brigada do coronel Fontes. Sua Magestade, Suas Altezas e ministro da guerra, ajudante de campo Cabral, e mais comitiva, assistiram á passagem da tropa no Vaccacahy, dando o ministro da guerra todas as providencias para que com facilidade se transportassem a força, bagagem e doentes. Sua Magestade coadjuvou mesmo alguns doentes a passarem.

. . . .

« Acampamento na margem esquerda do Uruguay junto á cidade da Uruguayana, 17 de Setembro de 1865.

« Sereno corria o dia 3 de Setembro. . . . .

. . . .

« O Imperador acompanhado pelos principes, sua comitiva, pelo commandante da guarnição, e officiaes do exercito e da guarda nacional, e por grande numero de pessoas distinctas, deixava a cidade de S. Gabriel com destino á de Alegrete.

. . . .

« O ex-deputado Borges Fortes acompanhou Sua Magestade á estancia de sua mãi, D. Emmerenciana Borges Fortes, cinco leguas distante da cidade de S. Gabriel, onde a comitiva imperial chegou ás 5 horas da tarde.

. . . .

« No dia seguinte, 4 de Setembro, depois de almoçar em casa da mesma senhora, retirou-se Sua Magestade e toda sua comitiva ás 9 horas da manhã.

. . . .

« Proseguia-se a marcha sem o menor inconveniente ; depois de uma legua de caminho avistou-se o campo onde se deu a batalha do Rosario.

. . . .

« Sua Magestade e toda a comitiva para esse lugar se dirigiram e silenciosos oraram pelo illustre martyr e pelos que alli se acham sepultados victimas da incuria do...

. . . .

« Seguia a comitiva imperial o rumo NO., salvo os desvios, quasi sempre para o N., e ás 5 horas menos um quarto acampou no lugar denominado Ambrosio, na margem esquerda do rio Santa Maria, que vai desaguar no rio Uruguay, perto do qual toma o nome de Ibicuhy, e que corre de E. para O.

. . . .

« A's 9 horas da manhã do dia 5, levantou-se acampamento e seguio-se viagem depois de com alguma difficuldade se transpôr em uma balsa o rio no Passo do Rosario, atravessando a cavalhada a nado, e a 1 1/2 da tarde passando o banhado da Divisa acampou a comitiva imperial, tendo seguido sempre o rumo NO.

. . . .

« No dia seguinte, 6, levantava-se acampamento e seguia-se viagem ao rumo N, e logo depois ao de NO, ás 2 horas menos um quarto transpunha-se o rio Saican, e ás 3 horas e 20' acampava a comitiva imperial.

. . . .

« Radiante e bella appareceu a aurora gloriosa do dia 7 de Setembro, todos nós a saudámos com verdadeiro jubilo. A's 8 horas menos cinco minutos suspendia acampamento e seguia viagem a comitiva imperial ao rumo NO, parando para sestear e almoçar ás 11 horas menos cinco minutos junto ao arroio Itaperi, e á 1 hora da tarde proseguia sua marcha e chegava ás 4 horas da tarde á estancia da viuva D. Maria Ornellas, onde acampou, não tendo Sua Magestade aceitado o offerecimento que a mesma senhora lhe fez de sua casa para pouso. N'esse dia fez sete leguas a comitiva imperial. Ahi Sua Magestade recebeu noticias importantes do exercito que aconselhavam prestesa na sua marcha; ahi teve tambem a participação official do ataque de Cuevas.

« A's 7 horas da manhã do dia 8, já todos d'essa comitiva se achavam a caminho da cidade de Alegrete.

. . . .

A's 3 horas da tarde pisavam Sua Magestade e Suas Altezas o solo da cidade de Alegrete.

. . . .

« Depois de haver descançado um pouco, e comquanto tivesse n'esse dia caminhado sete leguas, Sua Magestade, acompanhado pelos principes e pela sua comitiva, percorreu a cidade, examinando minuciosamente o quartel, o deposito de artigos bellicos e enfermaria militar, onde visitou cada um dos doentes, animando-os com palavras consoladoras, e mandando por seu mordomo dar esmolas a alguns dos mais necessitados.

. . . .

« A's 9 horas da manhã do dia seguinte já a comitiva imperial se achava a caminho da cidade de Uruguayana, ponto objectivo da expedição gloriosa do Imperador, e que lhe prepara a pagina mais brilhante da historia do seu reinado. Seguindo sempre o rumo NO., e depois de haver caminhado cinco leguas acampava no lugar denominado Inhanduhy, tendo-se antes atravessado o arroio da mesma denominação.

« A's 6 1/2 horas da manhã do dia 10 levantou-se acampamento.

. . . .

« Seguindo o rumo O., ás 10 1/2 chegou-se á margem do Ibirocay, onde a comitiva imperial sesteou e almoçou, pondo-se em marcha ás 11 1/4. Transpôz o arroio Toro-Passo ás 5 horas da tarde, ahi mudaram-se os animaes e proseguio-se a marcha, passando-se ás 9 horas menos 20 minutos da noite na Casa Branca, onde o Imperador, os principes e comitiva pernoitaram. Havia-se caminhado durante o dia 15 leguas.

« No dia 11 pelas 6 horas da manhã estava levantado o acampamento, e, seguindo rumo O., procurava a comitiva imperial o acampamento do exercito em operações, onde fez sua solemne entrada ás 9 horas da manhã.

« Ao encontro de Sua Magestade foi o ministro da guerra, acompanhado do Barão de Porto Alegre e respectivos estados-maiores.

. . . .

. . . .

« No dia em que Sua Magestade fez sua entrada n'este acampamento foram ao seu encontro e á grande distancia os generaes Mitre e Flôres, e Visconde de Tamandaré.

« N'esse encontro os tres chefes das nações alliadas com muita affectuosidade apertaram as mãos.

. . . .

« Antes de descansar de tão penosa marcha foi o primeiro cuidado de Sua Magestade ao entrar no acampamento visitar os hospitaes, onde existem grande numero de doentes, em consequencia de uma febre que tem reinado com o caracter typhoide: a estação invernosa, a falta de pasto, tem concorrido para a mortalidade dos animaes; milhares dos seus cadaveres juncam todo o campo; por mais esforços que se tenham feito para cineral-os ou enterral-os, não tem sido possivel consumil-os todos; d'ahi vem essa febre, que, comquanto benigna, tem atacado os soldados, e por isso cheias estão as enfermarias.

« O ministro assim que chegou ao acampamento deu as necessarias providencias para melhorar as condições hygienicas e sanitarias, e muito se tem conseguido: em poucos dias tem sensivelmente declinado o mal. Sua Magestade e Suas Altezas, o ministro e comitiva, estão acampados no centro do exercito, junto ao quartel-general, com o inimigo á frente, a uma distancia, de menos de legua, e que da villa da Uruguayana domina quasi todo o nosso campo.

. . . .

« No mesmo dia em que Sua Magestade chegou ao acampamenso, foi á tarde, acompanhado pelos principes, Visconde de Tamandaré, seus ajudantes de campo e mais comitiva, percorrer os nossos cordões e fazer um reconhecimento da po-

sição occupada pelo inimigo: e na mesma occasião fazia identico reconhecimento pelo lado do rio a bordo do vapor *Taquary* o ministro da guerra, os generaes Mitre e Barão de Porto Alegre.

. . . .

« No dia 12 não houve novidade: Sua Magestade e Suas Altezas percorreram varios acampamentos.

. . . .

« A's 3 horas da manhã do dia 13, grande tormenta acompanhada de horrendos trovões successivos e desfazendo-se em grossa chuva annunciava borrascoso dia.

« A's 9 horas da manhã Sua Magestade e Suas Altezas acompanhados do ministro da guerra, general Barão de Porto Alegre e comitiva, montaram a cavallo e seguiram com direcção ao rio Uruguay. Continuava á chuva sem interrupção, e proseguiamos o nosso caminho; ao passar pelo acampaento do general Flôres, veio este ao encontro de Sua Magestade e acompanhou-o.

« A's 10 horas da manhã chegamos á margem esquerda do magestoso e soberbo Uruguay, onde Sua Magestade foi recebido pelo almirante Visconde de Tamandaré, e se dirigiram todos em um escaler para bordo do vapor de guerra nacional *Onze de Junho*, onde se acha hospedado o general Mitre.

« Ahi teve lugar uma conferencia entre os tres chefes das nações alliadas, a que assistio o ministro da guerra.

. . . .

« Sua Magestade, Suas Altezas, generaes Mitre, Flôres, Barão de Porto Alegre e comitiva, passaram-se para bordo do vapor *Taquary*, e dirigiram-se rio abaixo a fazer um reconhecimento, não só das posições como das fortificações da cidade de Uruguayana, passando o vapor a mui pequena distancia. Feito o que, no fim de duas horas regressava Sua Magestade ao vapor *Onze de Junho*, e ahi esperou pelo ministro da guerra, que, acompanhado pelo seu official de gabinete, capitão Amaral, e por um ajudante de ordens do general Mitre, se dirigira á villa correntina da Restauração, que fica na margem direita do Uruguay.

« N'esta cidade visitou o ministro, examinando minuciosamente, as enfermarias estabelecidas para o tratamento dos feridos, quer amigos, quer inimigos, na batalha de Yatay; na dos Paraguayos, confessaram-se estes gratos pelo tratamento e consolação que no leito da dôr lhes davam os medicos brasileiros, patenteando seu contentamento pela honrosa visita que acabam de receber.

. . . .

« Não sei como tem sido possivel ao tyranno do Paraguay educar um povo n'essa ignorancia, unicamente para seus interesses.

« Vieram mal fardados, com pessimo armamento, sem equipamento, que é substituido por guascas; e n'este estado se

acham na cidade de Uruguayana, que entrincheiraram a seu modo, cercando-a por um fosso e um fraco parapeito. Acham-se completamente sitiados por agua e por terra.

« Pelo rio fazem o cerco os vapores de guerra *Taquary*, *Tramandahy*, *União*, *Onze de Junho*, *Uruguay* e duas chatas. O rio corre de NE. a SE.

« Faz o sitio por terra, pelo lado de E. a 1.ª divisão commandada por Canavarro com quatro brigadas de infantaria e de cavallaria; pelo lado do S. a 2.ª divisão do Barão de Jacuhy composta de quatro brigadas de cavallaria; pelo N. estendem-se as duas divisões alliadas, uma do general Flôres, que contém uma brigada nossa de infantaria, e uma 2.ª do general Paunero, acampadas na margem esquerda do rio Imbaha á retaguarda da divisão Canavarro. Todo o exercito sitiante contém 40 bocas de fogo, 30 das forças alliadas e 10 nossas, e a marinha tem 12, de grosso calibre.

« O inimigo acha-se reduzido a tristes circumstancias, estão com poucos alimentos, já comem carne de cavallo cansado: morrem diariamente cinco a seis. São estas as informações fornecidas por alguns transfugas paraguayos, que famintos têm corrido a se apresentar ás nossas forças.

. . . .

« No dia 15 Sua Magestade Imperial, acompanhado dos principes, do ministro, dos seus ajudantes de campo, dos generaes alliados e da sua comitiva, passou revista ás divisões argentina e oriental; e no dia 16 foi por Sua Magestade Imperial revistada a 1.ª divisão brasileira commandada pelo general Canavarro. A' meia noite passou-se um paraguayo avisando-nos estar o inimigo se preparando para se evadir protegido pela escuridão da noite. Deu-se logo ordem para alarmar-se todo o exercito, tomaram-se todas as medidas de precaução, e todos passamos a noite nos nossos postos ao rigor do frio, que era excessivo, marcando o thermometro de 40 a 44 Fahr.

« Soube-se hoje ao amanhecer que, comquanto o inimigo estivesse toda a noite em continuo trabalho, não fez comtudo o menor movimento. Esta circumstancia apressou o ataque, e amanhã 18 marcha o exercito ás 6 horas da manhã afim de apertar o investimento, intimar pela ultima vez, e se ainda, apezar do prazo que se lhe der para se render, o inimigo continuar na sua louca pertinacia, romperá o fogo de artilharia por todos os lados, quer de terra quer do rio.

. . . .

« Uruguayana, 19 de Setembro de 1865.

« Como Cesar póde o Imperador dizer: *veni vidi et vici*.

« A sua presença no exercito imperial conciliou os espiritos, animou e enthusiasmou as tropas, que com garbo e ardendo no fogo do patriotismo marchavam hontem ás 7 horas da manhã para o ataque do inimigo que se havia en-

trincheirado na cidade de Uruguayana, e ás 4 horas tarde, de armas ao hombro, presenciava o espectaculo de desfilarem por entre ellas os vandalos humilhados, cabisbaixos e amaldiçoando o tyranno que os sujeitou a tão tristes condições. Maltrapilhos, pareciam um exercito de mendigos; carregados com as presas do seu saque assemelhavam-se os Paraguayos a uma horda de salteadores, que, depois do seu assalto á propriedade alheia, se retiravam aos seus reconditos esconderijos.

. . . .

« Sublime e bello era o espectaculo das tropas da civilisação, marchando em columnas contiguas pelas immensas campinas, a tomarem posição em frente das trincheiras do canibalismo. Todas com verdadeiro enthusiasmo e garbosas desejavam ardentemente combater, e se collocaram em linha de batalha á distancia de fuzil ordinario, ficando á direita o exercito imperial, no centro a divisão argentina, e na esquerda a oriental. Toda a cavallaria ficou na esquerda, e á retaguarda em distancia conveniente para proteger a linha.

. . . .

« Sua Magestade o Imperador, o principe Conde d'Eu, o ministro da guerra e seu estado maior, general em chefe Barão de Porto Alegre, generaes ajudantes de campo e comitiva imperial, postaram-se na linha.

« Sua Alteza o Sr. Duque de Saxe, acompanhado pelo chefe de divisão de Lamare foram para bordo do vapor de guerra *Onze de Junho*, para d'alli assistir ao combate pela parte do rio, vindo depois collocar-se ao lado do Imperador, quando soube que o inimigo se queria render, e veio assistir a procissão de ignominia que fez o inimigo ao evacuar a praça, que deixou em miserrimo estado.

. . . .

« Uruguayana, 23 de Setembro de 1865.

« Na missiva anterior dei-lhe noticias circumstanciadas da brilhante jornada do dia 18 do corrente, que terminou por um glorioso triumpho para a tão nobre quanto santa causa da civilisação.

. . . .

« Cabe-me hoje ainda uma ventura, tenho de noticiar-lhe que no acampamento militar brasileiro, ás portas da villa de Uruguayana, o Brasil e a Inglaterra deram-se as mãos, conciliaram-se, e felizmente acham-se restabelecidas as relações que entorpeciam a marcha dos interesses communs, sem quebra da dignidade de nenhuma das duas nações.

. . . .

« Hontem, pelas quatro horas da tarde, aqui chegou Sir Eduardo Thornton, acompanhado pelo secretario da missão especial do Imperio junto ás Republicas do Prata, Jarbas Moniz Barreto, tendo vindo por terra da Concordia, incumbido por

Sua Magestade a Rainha de Inglaterra de uma missão especial junto á pessoa do Imperador do Brasil; procurou logo o ministro da guerra, tendo antes lhe enviado a carta em que annunciava sua missão, e esperando que Sua Magestade Imperial lhe marcasse dia e hora para apresentar sua credencial. O ministro immediatamente dirigio-se ao acampamento imperial, e voltou com a resposta, que Sua Magestade se dignara marcar o dia de hoje, ao meio dia, para a recepção do plenipotenciario.

. . . .

« A's 11 1/2 o ministro inglez, de grande uniforme, desembarcou, pois, hospedado pelo nosso almirante o bravo Visconde de Tamandaré, achava-se a bordo do vapor *Onze de Junho*, e acompanhado pelo nosso ministro da guerra, em um carro que se pôde arranjar, seguio para o acampamento, distante um quarto de legua d'esta villa.

. . . .

« O ministro inglez chegado ao acampamento descansou em uma barraca para isso preparada de ante-mão, e o ministro da guerra destacou-se para dar parte a Sua Magestade da chegada do illustre hospede. Veio logo o ajudante de campo de Sua Magestade o Imperador o general Cabral buscar o plenipotenciario, e o introduzio na tenda imperial, onde Sua Magestade o Imperador de grande uniforme e com a grã-cruz do Cruzeiro o aguardava: ao lado de Sua Magestade estavam os augustos principes, e formavam parede os grandes do Imperio que aqui se acham.

« Introduzido com as formalidades do estylo, pronunciou o ministro inglez o seguinte discurso:

« — Senhor.— Tenho a honra de depositar nas mãos de Vossa Magestade Imperial a carta pela qual Sua Magestade a Rainha de Inglaterra dignou-se acreditar-me como seu enviado em missão especial junto de Vossa Magestade Imperial e supplico a Vossa Magestade Imperial se digne acolher com a sua reconhecida benevolencia as seguranças de sincera amisade, e as expressões que me conferiram Sua Magestade a Rainha e o meu governo.

« — Estou encarregado de exprimir a Vossa Magestade Imperial o sentimento com que Sua Magestade a Rainha vio as circumstancias que acompanharam a suspensão das relações de amisade entre as côrtes do Brasil e Inglaterra, e de declarar que o governo de Sua Magestade nega da maneira a mais solemne toda a intenção de offender a dignidade do Imperio do Brasil; e que Sua Magestade aceita completamente e sem reserva a decisão de Sua Magestade o Rei dos Belgas; e será feliz em nomear um ministro para o Brasil, logo que Vossa Magestade Imperial estiver prompto a renovar as relações diplomaticas.

« — Creio ter fielmente interpretado os sentimentos de Sua

Magestade e do seu governo, e estou convencido que Vossa Magestade Imperial terá a bondade de aceital-os com o mesmo espirito de conciliação que os dictou.— »

« A que Sua Magestade Imperial respondeu pelo seguinte modo:

« — Vejo com sincera satisfação renovadas as relações diplomaticas entre o governo do Brasil e da Grã-Bretanha.

« — A circumstancia de tão feliz acontecimento realisar-se onde o Brasil e seus leaes e valentes alliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defeza do direito augmenta meu prazer, e prova que a politica do Brasil continuará a ser inspirada pelo espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações.

« — Assim, com esta satisfação, renovam-se as relações amistosas do Brasil com a Inglaterra, que mostrou-se verdadeiramente grande reconhecendo o nosso direito.— »

« A musica de bordo do vapor *Onze de Junho* tocou o hymno inglez, as outras o hymno nacional, e notava-se no semblante de todos o maior contentamento.

« O ministro inglez retirou-se com as mesmas formalidades, acompanhado pelo ministro da guerra.

. . . .

« Dias antes, n'essa mesma tenda, festejava-se o triumpho que obteve o exercito restaurando e libertando esta provincia do inimigo invasor. Ornada, porém estava ella por outro modo. No dia 21 via-se n'ella erguido um ligeiro altar, sobre o qual o Senhor Crucificado, o Redemptor do mundo, com os braços abertos, parecia abrigar todo o exercito, que pelas 10 horas da manhã alli prostrava-se para ouvir o santo sacrificio da missa, que em acção de graças mandou o Imperador celebrar.

« Sua Magestade, Suas Altezas, o ministro, generaes Mitre, Flôres e Paunero, Visconde de Tamandaré, Barão de Porto Alegre, e as comitivas tambem assistiram.

. . . .

« A's quatro horas da tarde foi servido um esplendido jantar n'essa mesma tenda; jantar esse offerecido por Sua Magestade o Imperador aos chefes dos exercitos alliados: antes de sentar-se á mesa Sua Magestade offereceu aos distinctos generaes Mitre e Flôres a grã-cruz do Cruzeiro.

. . . .

« Proclamação de Sua Magestade o Imperador ao exercito.

«—Soldados! O territorio d'esta provincia acha-se livre, graças á simples attitude das forças brasileiras e alliadas.

«—Os invasores renderam-se, mas não está terminada a nossa tarefa; a honra e dignidade nacional não foram de todo vingadas, parte da provincia de Mato Grosso e do territorio da Confederação Argentina, jazem ainda em poder de nosso inimigo.

«—Avante, pois, que a Divina Providencia e a justiça da causa que defendemos coroarão nossos esforços.

«—Viva a nação brasileira.

«—Uruguayana, 19 de Setembro de 1865.—D. PEDRO II, Imderador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.—*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*—»

Sua Magestade o Imperador, Suas Altezas e toda a comitiva imperial deixaram Uruguyana ás 10 horas da manhã do dia 4 de Outubro, e depois de visitarem as cidades de Alegrete, Sant'Anna do Livramento, Bagé, Jaguarão, Pelotas, Porto-Alegre, Rio Grande e a capital da provincia de Santa Catharina, regressaram a esta côrte e entraram a nossa barra a 1 hora da tarde do dia 9 de Novembro de 1865, após uma ausencia de quatro mezes, que foram todos consagrados á uma obra digna do Defensor Perpetuo do Brasil e da dedicação que tem mostrado o patriotico monarcha brasileiro, pois elle teve a gloria de vencer com generosidade as hordas paraguayas que dous mezes mancharam com sua presença o solo rio-grandense. O triumpho do Imperador não custou nem uma gota de sangue.

A viagem de Sua Magestade foi tão forçada e feita debaixo de tempo tão rispido, que os proprios soldados rio-grandenses que iam com Sua Magestade mal resistiam. O Imperador reconhecia a necessidade urgentissima de chegar a Uruguayana a tempo de dirigir as operações. Os grandes sacrificios que fizeram, as verdadeiras privações que o Imperador e os principes soffreram, a ponto de passarem 24 horas sem tomar alimento, são factos que o paiz sabe e que jámais os olvidará.

Devemos ao Imperador agradecimento pelos esforços que fez para chegar a Uruguayana com a opportunidade que chegou.

No mesmo dia 25 de Setembro em que o Imperador subia para S. Borja, o general Mitre transpunha o Uruguay; tambem n'esse dia principiou a passagem do exercito da vanguarda para o territorio de Corrientes.

Na frente ia o general Flôres com as forças orientaes, que constavam de quatro batalhões de infantaria com 600 praças

cada um, outro de artilharia com 300 e 1,500 homens de cavallaria. Com elle ia tambem uma brigada brasileira.

No centro marchavam as tropas argentinas do general Paunero com sua artilharia, apresentando um total de 5,000 homens.

Finalmente formava a retaguarda uma divisão brasileira composta dos batalhões 1.º e 4.º de voluntarios, e 2.º, 6.º, 10 e 12 de linha, commandada pelo brigadeiro Joaquim José Gonçalves Fontes.

A brigada que ia com o general Flôres compunha-se dos batalhões 5.º e 7.º de linha.

Assim formavam todas estas forças um total de mais de 12,000 homens, contando-se com a cavallaria que havia ficado na Restauração.

O general Mitre ia commandando em chefe este corpo de exercito, até que fez juncção com o grande exercito alliado que, ás ordens do general Osorio, tinha deixado o acampamento da Concordia e marchava para Mercedes, povoado da provincia de Entre-Rios, 25 leguas distante do Passo dos Livres.

O ministro da guerra antes de sahir de Uruguayana, mandou publicar em ordem do dia do exercito, o seguinte aviso, que contém a descripção da invasão do exercito paraguayo na provincia, bem como o comportamento de alguns chefes militares, a quem estava entregue a sua guarda; pelo que ordenou que respondessem a conselho de guerra.

« Gabinete do ministro da guerra.—Uruguayana, 27 de Setembro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — A invasão da provincia do Rio-Grande do Sul, por forças da Republica do Paraguay, era um facto previsto e de ha muito esperado.

« A reunião de maior numero de tropas, logo depois da invasão de Matto Grosso; na villa da Encarnação, povoação paraguaya mais proxima do nosso territorio de Missões; a noticia igualmente conhecida de que grande parte d'essas forças, havia transposto o rio Paraná, em cuja margem esquerda se demoraram construindo canôas e carretas; foram indicios mais que bastantes para alarmar as povoações da nossa fronteira por aquelle lado, que desde então começaram a chamar para ellas as attenções das autoridades, dirigindo-se já ao commandante superior da guarda nacional de S.

Borja, já ao commandante da mesma fronteira, já ao commandante da divisão incumbido da defeza d'esta, já finalmente ao presidente da provincia.

« A imprensa provincial denunciava, entre outros factos, a frequente entrada de consideraveis piquetes paraguayos pelo departamento correntino de S. Thomé, sob pretexto de perseguição de desordeiros, mas realmente para observar e colher informações ácerca do que se passava na nossa fronteira, e a occupação do povo de S. Carlos, nas pontas do Arapehy, por uma forte guarnição paraguaya.

« Inteirada d'essas occurrencias, mandou a presidencia organisar nos municipios ameaçados varios corpos provisorios da guarda nacional, cujo effectivo poderia attingir a 2,500 praças, mas que jámais se achou reunido, quer pela distracção, quer pelas licenças concedidas frequentemente aos guardas nacionaes, seja pelos respectivos commandantes, seja pelo commandante superior.

« Para acampamento geral d'esta força foi escolhido o Passo das Pedras, doze ou treze leguas de S. Borja e duas ou tres de Itaqui.

« A 8 de Maio divulgou-se em S. Borja a noticia de que um exercito, ao mando do general Robles, passando o Arapehy, invadira o departamento correntino de S. Thomé, derigindo-se a marchas forçadas sobre o povo do mesmo nome. Esta nova, redobrando os receios e aprehensões da população de S. Borja, determinou a maior parte das familias a emigrar para a campanha, abandonando as suas casas e interesses.

« Communicação d'esse acontecimento foi dirigida á presidencia da provincia, ao commandante da fronteira, e ao da brigada que immediatamente acudio á dita villa com quatro corpos acampados no Passo das Pedras, deixando apenas uma guarda de 100 homens em Itaqui.

« Convidado pelo coronel Paiva, que commandava as forças argentinas no territorio correntino; fez o coronel Fernandes avançar para a barranca do rio no dia 18, cerca de 500 homens para reunidos áquelle official, baterem os Paraguayos. Amedrontados por semelhante movimento, abandonaram estes o campo e puzeram-se em retirada.

« Persuadido o coronel Fernandes, assim como o coronel Paiva de que o inimigo se recolhia ao seu paiz, tratou desde então de retirar-se com a sua brigada de S. Borja, passando-se ao acampamento do Passo das Pedras.

« Entretanto é crença geral, que se o coronel brasileiro houvesse com os seus 500 infantes transposto o Uruguay, e feito juncção com as forças argentinas, cujo computo se eleva a 1,200 homens, teriam facilmente desbaratado a vanguarda paraguaya, pouco mais ou menos de 1,500 praças, fazendo desaparecer de S. Thomé a unica força inimiga alli existente.

« A presença da brigada Fernandes, a annunciada vinda do general Canavarro com a sua divisão, a palavra d'aquelle coronel que a todos mostrava impossibilidade da temida invasão, deram alento e fizeram renascer a confiança entre os habitantes de S. Borja, que salvo duas ou tres excepções, começaram a regressar a suas casas.

« No dia 26 do já citado mez, contra toda a expectação, não obstante a enchente do rio e banhados, apezar das difficuldades da marcha, abandonou de novo S. Borja o coronel Fernandes, encaminhando-se com a sua brigada para o Passo das Pedras; e n'essa mesma época licenciaram-se por doze dias um grande numero de officiaes e praças de pret.

« Mal se teriam as forças afastado cerca de uma legua, quando os Paraguayos, dir-se-hia que avisados da hora exacta da partida, se apresentaram de novo em grande numero áquem de S. Thomé, e adiantando-se alguns de entre elles, vinham sobre a barranca do Uruguay, em frente ao passo de S. Borja, desafiar e provocar os brasileiros, que os observavam da margem opposta. Informado immediatamente o coronel Fernandes da reapparição do inimigo, mandou fazer alto á força de seu commando a duas leguas da villa.

« Recebendo no mesmo dia participação o referido coronel, de que uma partida de cerca de 500 paraguayos, se achava sobre o rio Quaraim, do outro lado do Uruguay, e 10 leguas mais ou menos da villa de Itaqui, para alli se dirigio. Imformado porém em caminho de que semelhante noticia era infundada, mandou retroceder para S. Borja o corpo 22, e foi com os outros acampar no Passo das Pedras.

« Antes de passar adiante, cumpre narrar aqui alguns factos que precederam a invasão. Nos ultimos dias do mez de Maio, tres ou quatro esquadrões paraguayos desceram a pé de S. Thomé, e durante um dia inteiro exploraram com o maior cuidado e empenho os mattos que ornam o Uruguay. Dous dias depois appareceu em S. Borja um desertor do campo inimigo, que interrogado pelo parocho d'aquella villa no dia 4 de Junho, declarou o seguinte:

« —Que a força paraguaya então existente em S. Thomé chegaria a 2,000 homens, que segundo as conversações que ouvia, essa expedicção tinha por fim invadir S. Borja; que trasiam ordem de saquear, onde esperavam achar muitas fazendas e grandes riquezas. Que para isso sómente aguardavam a chegada de mais 10,000 homens de tropa, e de canôas afim de transporem o Uruguay no passo d'aquelle nome.

« —Que tomada e saqueada a referida villa, iriam fazer o mesmo a Itaqui e Uruguayana. Aconselhado o desertor pelo referido parocho, para que fosse fazer iguaes revelações ao coronel Fernandes, respondeu que se tinha apresentado já ao tenente-coronel José Ferreira Guimarães, commandante do batalhão de reserva, a cujas ordens estava.—

« Essas declarações foram pelo vigario communicadas a alguns officiaes, entre os quaes merece especial menção o major Vasco José Guimarães assistente do ajudante do general na brigada Fernandes, e ha certeza de que foram transmittidas a este pelo tenente-coronel Ferreira Guimarães.

« Pelo mesmo tempo o coronel Fernandes recebeu em Itaqui, além das revelações do desertor, um aviso mandado do Ebra correntino F. Borges, de que 4,000 paraguayos caminhavam da costa do Paraná em direcção á Tronqueira do Loreto. Ainda mais, no dia 8 de Junho um capitão de nome Mello, que tendo-se mudado de Sant'Anna do Livramento para o departamento de S. Thomé, cahio alli em poder dos Paraguayos, e conseguira evadir-se, apresentou-se ao coronel, participando-lhe o seguinte:

« —Que durante a sua prisão no acampamento inimigo adquirira certeza de que no dia 3 do citado mez, haviam partido da Tronqueira do Loreto 4,800 infantes e 2,400 cavalleiros, com 50 carretas, 6 ou 8 bocas de fogo, e um crescido numero de canôas, afim de juntar-se á vanguarda do mesmo exercito, que já estacionava em S. Thomé, e cahir de improviso sobre o inimigo em S. Borja.—

« Entretanto não obstante tantos indicios, desprezadas todas estas informações e avisos nenhumas disposições se tomaram para defeza do ponto ameaçado; as forças conservaram-se nas mesmas posições, e para fazer frente ao inimigo apenas existiam em S. Borja, na manhã do dia 10 de Junho 370 soldados de diversos corpos, e isto quando fôra facil ao coronel Fernandes mover-se com a sua brigada no dia 8, e avisar ao commandante do 1.° batalhão de voluntarios acampado duas ou tres leguas da villa.

« Se todas essas forças se apresentassem disputando o passo do rio aos invasores, ou não teriam estes logrado o seu intento, ou a misera população de S. Borja, disporia de mais tempo e segurança, para effectuar sua retirada. O inimigo estava cabalmente inteirado de quanto se passava, e do total abandono em que se achava S. Borja.

« Seus espiões entravam e sahiam livremente, graças ao desleixo com que era feito o serviço da policia, que nem ao menos inquiria noticias que frequentemente traziam a essa villa certos individuos do departamento de S. Thomé.

« A tal ponto cresceu a audacia dos espiões paraguayos, que na noite de 8 para 9 de Junho fizeram signal de que a occasião era opportuna para o ataque, lançando fogo a uma casa de propriedade do marcineiro Francisco Gay.

« Foi assim que pelas 10 horas da manhã do dia 10 de Junho, as forças invasoras acompanhadas de grande numero de carretas e artilharia arriscaram a passagem do rio, que effectuaram em poucas horas, apenas incommodados pela

resistencia que lhes oppunha a pequena força brasileira existente na localidade,

« Então começou a hora de desordem e desolação, as familias as abandonaram em tropel o povoado procurando na fuga a salvação. O inimigo enganado pela inesperada resistencia que lhe fizéra aquella força, por momento á sua marcha invasora, e graças á sua indicisão, puderam os infelizes fugitivos ganhar a dianteira a seus perseguidores.

« O coronel Menna Barreto commandante do 1.° batalhão de voluntarios da patria, deixando em observação algumas leguas atraz o tenente-coronel Tristão Alvarenga com o corpo 22, marchava na retaguarda do comboio dos emigrantes, composto de mais de 300 carretas, fóra grande numero de pessoas a cavallo e as que iam apé, protegendo e cobrindo-lhe a retirada.

« No dia 11, divulgada a catastrophe, despovoava-se a villa de Itaqui abandonando-a seus habitantes, apavorados da sórte de S. Borja. Ainda na tarde d'esse mesmo dia quasi só, e tendo deixado no Passo das Pedras a sua brigada, chegara o coronel Fernandes ao acampamento do tenente-coronel Tristão, no capão de Santa Maria, onde como se disse, havia o coronel Menna Barreto collocado a força do tenente-coronel Tristão; e ao anoitecer do dia 12 retirava-se do Passo do Botuhy; levando o corpo 22 pela necessidade, segundo allegava, de fazer frente ao inimigo se acaso elle tomasse o caminho de Itaqui.

« Franqueada com a retirada d'esse corpo a estrada de Porto-Alegre para caminharem, o 1.° batalhão de voluntarios da patria, e as familias emigrantes ; julgou o coronel Menna Barreto arriscada a sua prisão, e receiando ser perseguido e alcançado por forças superiores, tomou a resolução de seguir para os lados do Alegrete ; e assim viram os miseros fugitivos agravar-se ainda mais sua sorte pelo abandono da unica protecção em qne confiavam.

« Invadida a villa de S. Borja e desapontados os chefes paraguayos, pela auzencia dos habitantes, ordenaram os mesmos chefes que a vanguarda do seu exercito, composta de 1,500 homens, seguisse ao alcance dos fugitivos.

« A marcha d'esta columna illuminada pelas incendiadas propriedades, foi uma serie não interrompida de roubos, e de devastações executadas com a maior tranquilidade e vagar, sem que a brigada do coronel Fernandes désse fé da sua sahida, e demora na estancia que saquearam.

« De volta d'esta excursão partio essa columna de novo de S. Borja no dia 22 de Junho, procurando incorporar-se ao grosso do exercito, que no dia 19 havia marchado com direcção ao Itaqui, e tomou o caminho da estancia de Fortunato d'Assumpção ; provavelmente na intenção de surprehender a retaguarda da brigada do coronel Fernandes, que se

achava perto e totalmente ignorava a existencia d'essa força destacada do exercito que observava.

« Felizmente foi a referida força presentida pelo tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, que á frente do corpo 28 de seu commando penetrara pelo Rincão da Cruz no intuito de incorporar-se á brigada d'aquelle coronel da qual fazia parte.

« Vem a proposito observar que, receiando o sobredito tenente coronel algum encontro com o inimigo, antes de atravessar pelo referido Rincão, officiara ao commandante da brigada, inquerindo d'elle se poderia ou não emprehender com segurança semelhante marcha; ao que lhe respondeu que nenhum risco havia em seguir tal caminho, porquanto toda a esquerda inimiga era franqueada pela brigada.

« Avançava pois o tenente coronel Manoel Coelho confiado que a sua direita se achava coberta, quando teve aviso da approximação do inimigo, dando logo com um troço de 200 a 400 homens. Dispondo apenas de pouco mais de 100 praças, e estas mesmas quasi nuas e muito mal armadas, vio-se o tenente coronel Coelho constrangido a retirar-se seguido de muito perto pelos Paraguayos, que lhe gritavam, —chiqueiro ovelhas.

« Despachou o tenente-coronel um proprio dando aviso ao coronel Fernandes, que na maior tranquillidade se achava acampado nas immediações da estancia denominada do Padre, julgando-se em perfeita segurança n'aquelle sitio onde ia pernoitar sem tomar medida alguma de precaução.

« Ao amanhecer do dia 26 de Junho, avistou-se a brigada com o inimigo que se achava acampado em um baixo na vertente da coxilha, tendo pela retaguarda um banhado, á direita uma baixada e pouco além um matto espesso que atravessava em linha recta o banhado.

« Logo que os corpos da frente da brigada descobriram o inimigo, o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, dirigio-se ao commandante da brigada dizendo-lhe, que convinha não dar a conhecer ao inimigo toda a força d'esta, e sim destacar uma guerrilha que procurasse attrahir sobre a coxilha os Paraguayos que então se calculavam de 400 a 800 homens, e alli seriam facilmente cerrados, batidos e aprisionados pela brigada, que contava mais de tres mil combatentes.

« Menospresadas taes reflexões, postou-se toda a brigada em uma altura em que, observando o inimigo, procurou tirar vantagens da difficuldade do terreno, estendendo-se na costa do banhado; travou-se o combate que terminou favoravelmente para nós, retirando-se parte da infantaria paraguaya para o centro do banhado, d'onde mais tarde ganhou o matto e n'elle se internou; e depois d'esta derrota procurou a vanguarda paraguaya fazer junção com o exercito, que se achava nas visinhanças do Butuhy.

« Transposto esse rio, prosseguio o inimigo lentamente em sua marcha até ao Passo das Pedras, incendiando e saqueando quan o encontrava em seu trajecto, e sempre observado pelo coronel Fernandes, que ancioso esperava o brigadeiro Canavarro com sua divisão, e a artilharia de que este dispunha, para tentar um golpe decisivo.

« No Passo das Pedras encaminhou-se a columna invasora fazendo pequenas marchas, para a coxilha por onde passa a estrada geral que vai da Cruz Alta e do Herval para a villa de Itaqui.

« Entretanto sempre vigiando os movimentos do inimigo, conservava-se o coronel Fernandes pelo lado do Ibicuhy, de sua estancia da Lagôa e pelo Rincão da Cruz.

« No dia 7 de Julho fez o exercito paraguayo a sua entrada na villa de Itaqui, que saqueou e devastou pela mesma fórma que o tinha feito em S. Borja. Consummada a obra de destruição, evacuou a villa de Itaqui, nos dias 18 e 19 d'aquelle mez, e seguio para Uruguayana, costeando o rio Uruguay pela margem esquerda.

« No dia 23 tinha passado o caudaloso rio Ibicuhy no Passo Santa Maria, sem que um só tiro lhe fosse disparado da margem opposta.

« A brigada que flanqueava o inimigo pela esquerda foi passiva espectadora da sua passagem em Santa Maria; dizendo que o não hostilisava por haver recebido ordem do commandante da divisão de não atacar.

« Em 40 dias, que tantos eram decorridos desde a invasão de S. Borja, tinha o exercito paraguayo se apossado de duas povoações brasileiras, e ameaçava uma terceira.

« Tinha talado uma vasta extensão do nosso territorio, levando por toda a parte o incendio, o saque e a deshonra! E' facto talvez unico nos annaes militares; tinha feito ainda isso vencendo distancias consideraveis e desfiladeiros, atravessando emfim tres rios caudalosos sem a menor opposição ou hostilidade de nossas forças.

« Em 40 dias ou antes 70, porque tantos decorreram depois da apparição do inimigo na barranca do Uruguay em frente de S. Borja; as forças ao mando do general Canavarro não se moveram das pontas do Ibirocay, e apezar da referida divisão contar mais de 7,000 homens das tres armas, e oito bocas de fogo, o inimigo varou tranquillamente o Passo Santa Maria, no Ibicuhy, sem se lhe oppôr resistencia alguma. Transposto o Ibicuhy, continuou a columna invasora desassombradamente a sua marcha e varou o passo de Toro-passo.

« Sempre seguida da brigada brasileira, entrou na villa da Uruguayana sem queimar uma escorva, a qual pouco tempo antes o mesmo general Canavarro mandava fortificar e collocar em pé capaz de offerecer tenaz resistencia ao inimigo, e

que mudando depois de conceito, entregara á vandalica devastação dos Paraguayos; provida de recursos, deixando atopetados de generos os armazens da alfandega, e casas particulares, aos Paraguayos.

« Os factos acima relatados são de natureza tal, que incitam e infundem serias accusações contra o comportamento dos chefes, a quem estava confiada a honrosa tarefa de defender esta parte do Imperio e a dignidade nacional. As accusações contra taes chefes se repetem de boca em boca, e se elles não se apressam a voluntariamente justificarem-se pelo cadinho competente, força é que o governo lhes forneça de prompto o meio que a legislação offerece fazel-o, porque nem os interesses proprios nem os interesses geraes do exercito devem soffrer semelhantes accusações, ou suspeita que os desmoralisam e lhes tiram toda a força e confiança de seus subordinados e companheiros de armas.

« Pela ordem do dia n. 35 de 19 do corrente mez e anno, do commando da 1.ª divisão ligeira, o brigadeiro honorario David Canavarro, cujo estylo não póde deixar de ser por V. Ex. censurado em ordem do dia; cujo desenvolvimento e materia são inteiramente fóra da competencia dos commandantes de divisão: o mesmo brigadeiro honorario se jacta que todas as occurrencias até ao termo do rendimento e submissão do inimigo são o effeito de um plano combinado entre elle, os chefes alliados e o general Osorio; como se coubesse no possivel haver algum plano salutar que deixasse livre o inimigo, para marchar sem resistencia ou incommodo a devastar o territorio de uma nação, no extremo perimetro que percorreram as forças paraguayas.

« Essa ordem do dia, por cópia junta, ainda é uma forte razão para que se exija a justificação de semelhante procedimento ou inacção, já porque se elle foi effeito de um plano, é justo que seus executores sejam recompensados, já porque se não o foi, e sim resultado de erros e incurias, ou de qualquer outra causa possivel, sejam devidamente castigados.

« N'estes termos, o governo Imperial julga indispensavel que se sujeitem a um conselho de investigação todos os officiaes constantes da relação inclusa, e depois qualquer que seja o parecer ou decisão, a conselho de guerra; o brigadeiro David Canavarro, coronel commandante superior Antonio Fernandes de Lima, e capitão de artilharia Antonio Xavier do Valle; devendo o conselho de investigação investigar sobre os pontos constantes dos quesitos annexos.

« E para que seus trabalhos sejam coroados de feliz exicto, autoriso-o a exigir quaesquer documentos que disserem respeito ao assumpto de sua investigação, de quaesquer autoridades civis ou militares, assim do presidente, commandante das armas d'esta provincia, como do marechal Manoel Luiz

Osorio, da secretaria da guerra, e do ex-commandante das armas, o general João Frederico Caldwell.

« Mande V. Ex. por engenheiros fazer um reconhecimento minucioso de todas as principaes posições occupadas pelo inimigo, e passos dos rios pelo mesmo inimigo atravessados, afim de que se conheça quaes as suas vantagens e inconvenientes, em relação tanto á topographia como á estrategia; devendo estes trabalhos serem remettidos ao presidente do conselho de investigação. Inclusos achará V. Ex. os documentos e papeis que devem ser presentes ao referido conselho.

« Deus guarde a V. Ex.— *Angelo Moniz da Silva Ferraz.*

« A S. Ex. o Sr. general Barão de Porto-Alegre, commandante em chefe do exercito n'esta provincia.

« Mande mais V. Ex. declarar que acham-se nomeados para o conselho de investigação respectivo, os Exms. Srs. marechal Francisco Antonio da Silva Bittancourt, brigadeiros José Luiz Menna Barreto e José Gomes Portinho.

« E pois ordena S. Ex. que os Srs. brigadeiro honorario David Canavarro e coronel commandante superior Antonio Fernandes de Lima, sejão interinamente substituidos nos commandos que exercem de divisão e brigada; o primeiro pelo Sr. coronel João Antonio da Silveira, e o segundo pelo Sr. coronel José da Silva Ourives; podendo retirarem-se para suas casas a aguardarem a reunião dos membros do referido conselho, que funccionará na villa de S. Borja. Quanto ao Sr. capitão Joaquim Antonio do Valle, lhe é igualmente permettida a espera na villa de Uruguayana. »

REFLEXÕES SOBRE ESTE AVISO.

Este aviso do ex-ministro da guerra Ferraz, publicado em Uruguayana, que contém a discripção da invasão paraguaya no Rio Grande, mostra as faltas dos commandantes militares d'aquella provincia, no cumprimento das ordens da presidencia, e do governo imperial.

Havia na provincia e proximo ao lugar do desembarque, força mais qne sufficiente para embaraçar a invasão, ou para destruir o inimigo na sua passagem em qualquer dos rios que atravessou. Se todas estas forças estivessem reunidas e se apresentassem disputando o passo do rio aos invasores, (diz o aviso acima), ou não teriam estes logrado o seu intento ou a misera população de S. Borja disporia de mais tempo e segurança para effectuar a sua retirada.

O parecer das commissões de engenheiros mostrou o quanto tinha sido facil embaraçar a invasão paraguaya na passagem dos rios, devido isso á topographia dos lugares por onde passaram; e á vista da sua opinião conheceu-se tambem que a força que existia na provincia se estivesse reunida tinha sido bastante para destroçar o pequeno e mal armado exercito paraguayo.

Depois de estarem os Paraguayos em marcha para Uruguayana, é que se reuniram os chefes militares com algumas tropas e os foram acompanhando pelo seu flanco esquerdo até elles entrarem n'aquella villa, que já tinha sido abandonada pelas autoridades e parte da população, mas ficando viveres com que os Paraguayos se alimentaram por muitos dias.

Na discripção que fazemos da invasão paraguaya na provincia do Rio Grande do Sul, sendo uma parte muito importante d'esta guerra que está felizmente concluida, não pudemos deixar de mencionar factos muito salientes que aconteceram por occasião do cerco e rendição da villa de Uruguayana, e que estão consignados em documentos officiaes; assim não se póde deixar de declarar que, para vencer os 5,000 soldados paraguayos que entraram na villa de Uruguayana, e onde ficaram sem meios de subsistencia, não tendo munições, artilharia nem cavallaria, com pessimo armamento, não contando com outros meios de defeza nem esperando soccorros; não eram precisos 20,000 homens das tres armas e muita artilharia para aniquillar soldados que estavam nas criticas circunstancias que acabámos de indicar.

A' vista d'esta precaria situação dos Paraguayos dentro d'aquella praça, defendidos com trincheiras de tijolo e taboas, bastavam doze tiros de canhão para os fazer render á discripção; visto que estavam extenuados de fome, de molestias e de miseria; desejavam fugir porque se julgavam perdidos.

Convém tambem declarar n'este lugar que as tropas paraguayas que invadiram o Rio Grande, não eram compostas de soldados aguerridos como se mostraram os que nós combatemos durante cinco annos no seu territorio.

Constou authenticamente que o general D. Venancio Flôres foi de opinião que aos Paraguayos se intimasse rendição sem condições; e, no caso contrario, que se désse o ataque immediatamente, allegando o caracter barbaro do inimigo e a necessidade de não se perder tempo; tinha sido a melhor resolução a tomar-se e era assim que se devia ter procedido com aquelles inimigos.

O general Flôres que poucos dias antes tinha exterminado em Yatay a columna paraguaya ao mando do major Duarte, quiz fazer outro tanto aos Paraguayos encerrados em Uruguayana; porém, os nossos generaes, mais humanos para com os nossos inimigos do que o general alliado, esperaram que elles se quizessem entregar.

Militarmente fallando muito tinhamos ainda que dizer sobre a invasão da provincia e a rendição de Uruguayana; mas considerações de ordem elevada o embaraçam, e por isso vamos terminar com o pouco que resta a expender relativamente a este assumpto. (*)

A rendição da praça de Montevidéo feita na presença de um pequeno exercito de 6,000 homens, não foi uma operação militar, foi uma operação diplomatica necessaria e obrigada pela presença da força de terra e de mar.

A nossa posição bellica no Estado Oriental, ainda então com poucas forças, e a circumstancia de ser Montevidéo uma cidade commercial na qual a nossa artilharia destruiria a propriedade particular dos neutros, obrigaram o plenipotenciario brasileiro a fazer pela diplomacia o que a força armada não devia então executar sem grande compromettimento para o Imperio: alli a diplomacia valeu um grande exercito; não mostramos fraqueza, antes resolução de realizar o ataque logo que o nosso ministro o ordenasse.

A rendição da villa de Uruguayana não foi uma operação militar importante, como pareceu de longe; foi uma operação militar obrigada por um exercito numeroso ao qual os Para-

(*) A constituição diz que não póde entrar tropa estrangeira no territorio brasileiro sem licença da assembléa geral; entretanto passaram argentinas e orientaes, sem essa licença.

guayos não estavam em circumstancias de resistir, e por esta razão devia terminar pela rendição.

Portanto a maior gloria que resultou ás armas brasileiras, foi renderem-se os Paraguayos sem haver derramamento de sangue.

Aqui terminamos a descripção da invasão paraguaya no Rio Grande do Sul, conforme os documentos que se publicaram a este respeito, parecendo-nos ser este o modo mais exacto de se ter perfeito conhecimento d'estes acontecimentos desde o principio da historia que apresentamos.

LIVRO DECIMO PRIMEIRO.

RELATORIO DO MINISTERIO DA GUERRA DE 1866.

O relatorio que o ex-ministro da guerra Angelo Moniz da Silva Ferraz apresentou á Assembléa geral em 1866, diz: — que em geral o exito da guerra depende muito do seu feliz começo.—

Esta maxima, que devia ser sabida e nunca esquecida por todos os governos, tambem devia estar na lembrança do ministerio que principiou a campanha contra o Estado Oriental em 1864.

Vê-se confirmado n'este relatorio, abaixo transcripto, o que já dissemos na introducção: que depois do Brasil estar prompto para operar, é que devia mandar o enviado a Montevidéo, e, terminada a campanha do Estado Oriental, recolher-se o exercito ao Rio Grande, para marchar depois contra o Paraguay, deixando na fronteira uma reserva sufficiente para defender a provincia e observar o que se passava na campanha do Estado Oriental e em Entre-Rios, onde se tinham reunido todos os individuos do partido blanco, por saberem que n'aquella provincia encontravam grande apoio na população e no seu governador Urquiza, que foi sempre protector d'aquella gente.

Se tivessem feito a campanha oriental como dissemos, ou

de outro modo, não tinha havido os inconvenientes apontados n'este relatorio; os inconvientes que nós julgamos attendiveis foram: a invasão do Rio Grande e os receios de sublevação nos paizes visinhos do Rio Grande, què podiam os sublevados vir atacar a nossa fronteira, como o fez Munhoz.

O relatorio do ex-ministro Ferraz contém o seguinte, em relação á guerra:

« A invasão da provincia argentina de Corrientes e da provincia do Rio Grande do Sul e os receios de um levantamento na campanha da Republica do Uruguay e em differentes outros pontos dos territorios visinhos, retardaram o movimento dos exercitos alliados e mudaram o plano das operações, devendo a marcha operar-se sobre a parte de Corrientes occupada pelo inimigo, onde se esperava dar uma batalha decisiva.

« O rendimento de Uruguayana aplainando as difficuldades que se oppunham á realização d'esse novo plano, as forças alliadas encetaram sua marcha, que foi sobremodo penosa, attento o rigor da estação e a penuria de cavalhada e meios de transporte.

« O 1.º corpo de exercito contava, quando passou o Macoretá 11,844 praças promptas, além de 4,046 que se achavam destacadas na esquadra e no exercito alliado da vanguarda. A' medida que as forças alliadas avançavam por direcções diversas, para se encontrarem nas immediações de Mercêdes, as forças paraguayas retrogradaram a marchas forçadas, abandonando a linha que haviam formado atraz do rio Santa Luzia, cujos passos vigiavam, como se quizessem oppôr grande resistencia.

« Tão precipitada foi essa retirada, que nos ultimos dias do mez de Outubro de 1865, só havia no territorio de Corrientes, junto ao Passo da Patria, uma pequena columna. Por todo o caminho foram deixando corpos insepultos, degolando os animaes que não podiam levar por diante, queimando grande numero de carretas que tinham; emfim devastando toda a facha de terreno que percorreram, com o fim de interpôr entre elles e as forças alliadas um grande deserto.

« Para se concentrarem sobre o Passo da Patria, abandonaram ao mesmo tempo os pontos de apoio de seus flancos, Bella-Vista e S. Roque; sendo sempre observados de perto pelas milicias correntinas, commandadas pelo distincto general argentino Caceres, cujas avançadas entraram na cidade de Corrientes no dia 22 de Outubro.

« O primitivo plano de operações, em consequencia da retirada do inimigo, foi de novo adoptado. Vogava uma opinião que tinha muitos defensores, de que não era necessario enviar-se mais força alguma para o sul. Julguei, porém,

necessario accumular sobre Corrientes, ou sobre um ponto que fosse mais idoneo, toda a força de que se pudesse dispôr, para reunir-se ao 1.º corpo de exercito.

« Assim, pois, as tropas que existiam no Salto, na capital da provincia do Rio Grande do Sul, em numero de 2,000 praças as que se achavam em Santa Catharina em numero de 1,700, as que encontrei na côrte, e as que se puderam reunir nas differentes provincias, fiz partir com a maior brevidade para o referido destino.

« Era mister collocar este corpo n'um pé respeitavel, para cortar quaesquer difficuldades futúras e para fazer face a qualquer eventualidade. Por demais actuava sobre meu espirito o receio da invasão do cholera, que nos prenderia as mãos e nos prohibiria as remessas de tropas.

« Estas providencias elevaram o 1.º corpo de exercito de 10,255 praças que era em o 1.º de Maio, a 33,078, como se vê do ultimo mappa, que se acha annexo. Semelhante reforço baldo de instrucção, era mister que a recebesse no lugar do seu deposito. A instrucção não se adquire de momento.

« Por outro lado era indispensavel que a nossa esquadra recebesse os reforços que esperava e que as aguas do Rio Paraná crescessem : para que nossas operações começassem : tudo se preparava para a occasião conveniente ; e os factos posteriores provaram que não foi perdido o tempo, e que essa demora, tão censurada por muitos e condemnada pela impaciencia de todos, habilitou-nos para os bons resultados que temos colhido, e no futuro colheremos, porquanto é maxima, que não deve ser esquecida, que em geral o exito da guerra depende muito do seu feliz começo.

« O 1.º corpo do exercito que se achava a 10 de Fevereiro d'este anno acampado na Lagoa-Brava, mudou seu acampamento para Tala-Corá poucos dias depois; e no 1.º de Abril se achava sobre a margem esquerda do Paraná junto ao Passo da Patria.

« Depois do rendimento da villa de Uruguayana, seguiram das forças que tomaram parte no seu sitio e das que se lhe reuniram, afim de incorporar-se ao 1.º corpo corpo de exercito, os batalhões de linha ns. 2, 10 e 22, e os de voluntarios ns. 1, 4, 19, 23, 25, 31 e 33 ; formando duas divisões de infantaria, além de uma brigada de cavallaria, e ficando assim reduzidas as mesmas forças a 4,015 praças.

« Posteriormente se lhe foram incorporando outras que se achavam em marcha, chegando a elevar a 16,888 praças promptas.

« A missão d'este corpo de exercito era de simples observação, devendo pela sua posição cobrir as nossas fronteiras de qualquer nova invasão, conforme foi combinado entre os generaes das nações alliadas depois do rendimento de Uruguayana.

« A' medida que as forças de Entre-Rios se debandaram, receios houve de algum movimento combinado entre as forças dispersas e as orientaes do partido blanco. Em consequencia d'isto providencias foram tomadas para a defesa de nossas fronteiras; e sua guarnição compôz-se de duas brigadas e mais corpos que se destacaram para as de Bagé, Quarahim, Uruguayana, Itaqui e S. Borja, orçando em 8,498 praças as guarnições de todas as fronteiras. »

Com a collocação das nossas tropas nas provincias argentinas, conforme declara o ministro da guerra n'este relatorio, acima transcripto, pareceu ao governo imperial que tudo ia bem para vencer o Paraguay.

Nem o governo imperial nem os generaes que mandou para aquella campanha conheciam o terreno onde deviam ter lugar as primeiras operações de guerra. Não podia o governo calcular os embaraços que um exercito numeroso encontraria em um paiz que, além das difficuldades materiaes do terreno, não acharia os recursos precisos para a sua sustentação ou alimentação, bem como para a sua mobilidade.

Todas estas difficuldades imprevistas acompanharam o nosso exercito quando atravessou as provincias de Entre-Rios e de Corrientes, e no Paraguay; os pantanos, as lagôas, e os rios sem pontes, e as epidemias mortiferas, foram a primeira campanha que os soldados brasileiros venceram antes de avistar o exercito paraguayo; campanha que principiou na margem do rio S. Francisco e terminou no Aquidaban; campanha que occasionou tres vezes mais mortalidade do que as balas do inimigo.

A correspondencia official do general Osorio, adiante transcripta, dirigida ao ministro da guerra, contém o que acabamos de dizer sobre a marcha de nosso exercito; na estação invernosa, pelos terrenos inhospitos d'aquellas regiões.

E' notavel que mesmo depois de estar o nosso exereito nos confins do Estado Oriental, prompto para passar para Entre-Rios, os homens que dirigiam esta campanha ainda não tinham idéas fixas ou plano assentado sobre o que deviam fazer, e menos dos meios para vencer as difficuldades que encontrariam.

No principio de Julho de 1865 ainda os generaes alliados não tinham resolvido todo o plano de operações, conforme

diz o ministro brasileiro no seu officio de 6 de Julho d'aquelle anno, dirigido ao ministro dos negocios estrangeiros (José Antonio Saraiva), adiante transcripto; mas esperava que entre 17 a 20 os tres generaes o fizesem, porque se achavam no ponto mais estrategico para repellir o movimento do inimigo, qualquer que fosse.

OFFICIO DO MINISTRO BRASILEIRO AO GOVERNO IMPERIAL.

« Missão especial do Brasil. — Montevidéo, 6 de Julho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Parece que chegamos ao momento desejado pelo governo imperial e pela nação brasileira. Está decidido que se fará juncção das forças alliadas na Concordia, ponto mais fronteiro ao Salto.

« O Sr. almirante vai hoje para Buenos-Ayres entender-se com o general Mitre, e d'alli seguirá para o acampamento do general Osorio. Mandará do Uruguay os nossos vapores disponiveis, afim de transportarem de Montevidéo o contingente oriental, e de Buenos-Ayres o general Mitre e mais 6,000 Argentinos. Depois que aqui cheguei recebi todas as inclusas cartas do Sr. Elisalde, escriptas de accordo com o general Mitre.

« Nada poderá aclarar mais a situação aos olhos do Sr. ministro da guerra do que semelhante correspondencia. Digne-se, pois, V. Ex. communicar-lh'a, porque não tenho tempo de mandar-lhe cópias.

« E' de crér que entre 17 a 20 os tres generaes resolvam todo o plano de operações, achando-se no ponto mais estrategico para repellir o movimento do inimigo, qualquer que este seja. Faço seguir o *Paraense* para levar ao governo imperial tão importantes noticias.

« Naturalmente a esta hora o general Ozorio já terá passado toda a nossa força para o Salto, que, como já disse, está emfrente da Concordia. Naturalmente sim, porque tem retido no Uruguay os transportes, e sabe-se que aquelle rio recebeu grande volume de aguas favorecendo assim a mencionada operação.

« Transportadas as forças para a Concordia e deliberado alli o plano definitivo, o Sr. almirante seguirá, com alguns vasos e reforço de tropa de desembarque para Corrientes pelo Paraná, e de Corrientes para cima, operando no duplo sentido de impedir que desçam reforços do Paraguay, até mesmo pelos passos fronteiros ás Missões Argentinas, e cortar a retirada ás forças que já desceram e vão ser aniquilladas pelos exercitos combinados.

« Da carta do general Mitre verá o governo imperial que

elle não nutre hoje a apprehensão debaixo da qual redigi o meu officio n. 13 de 26 de Maio. Todavia ainda pensa que na provincia de Corrientes a invasão paraguaya nos apresenta emfrente de 16 a 22,000 homens, pelo lado do Paraná; e pelo do Uruguay 10 a 15,000 homens, ou um total de 36 a 37,000 combatentes de todas as armas.

« Se como é de prever a triplice alliança esmagar estas forças, o Paraguay póde considerar-se rendido, sem grande esforço mais. Os exercitos alliados e a marinha brasileira hão de encontrar pouco embaraço para invadil-o. (*) Talvez a marinha só, tendo então á sua frente o intrepido vencedor de Paysandú, e auxiliado pelas tropas de desembarque brasileiras, possa terminar a campanha, logo que seja certa a ruina do inimigo pelo lado de Corrientes.

« Renovo a V. Ex. a segurança de minha perfeita estima e profundo respeito.

« A S. Ex. o Sr. consileiro José Antonio Saraiva.—*Francisco Octaviano de Almeida Rosa.* »

RESUMO DA CORRESPONDENCIA A QUE SE REFERE O OFFICIO DA MISSÃO ESPECIAL DE 6 DE JULHO DE 1865.

« Cada dia se torna mais urgente a necessidade de combinarem-se operações definitivas, ou pelo menos inteirarem-se os diversos chefes do que cada um intenta praticar, afim de pautarem o seu procedimento de accordo e em harmonia com taes intenções.

« Nas conferencias até então havidas entre os chefes das forças alliadas, apenas concordaram em pontos capitaes, sem que possa dizer-se que se hajam assentado operações definitivas.

« O theatro da guerra é difinitivamente Corrientes: o inimigo invade dividido em duas columnas, pelo Uruguay e pelo Paraná.

« A invasão do Uruguay parece que não excede de 10,000 homens, e basta para contel-a o exercito do Rio Grande, ainda no caso improvavel de que o inimigo projectasse executar duas invasões a tão grande distancia uma da outra.

« O mais provavel, segundo os ultimos movimentos feitos pelo exercito paraguayo, é que elle procure reconcentrar-se na columna principal de invasão, que marcha pela costa do rio Paraná, forte de 15 a 16,000 homens, e que póde ser promptamente reforçada, pela mesma via do Paraná com 5 ou 6,000 homens expedidos da Assumpção.

« Não deve portanto ficar a menor duvida, de que em Corrientes se tem de decidir a campanha; não parecendo presumivel que as hostilidades do inimigo possam dirigir-se

(*) Que profecias tão bem calculadas.

a qualquer outro ponto dos territorios alliados. Sobre esta base devem ser planejadas as futuras operações.

« Attendendo a tudo quanto fica exposto, tem resolvido S. Ex. o Sr. general Mitre, concentrar sobre a linha do rio Corrientes diversos contingentes do exercito argentino, reunindo em face do inimigo uma força de 23,000 homens, com a qual lhe fará frente, se elle avançar ; procurará tirar toda a vantagem se elle retroceder ; e em todo o caso impedirá a reconcentração dos seus elementos no territorio de Corrientes, onde o mesmo general prevê o verdadeiro perigo.

« Em tal situação o exercito do Rio Grande deve reconcentrar-se sobre o Alto Uruguay, não só para cobrir o territorio brasileiro, mas ainda para operar sobre o flanco e retaguarda da columna invasora, para o que bastam e são de sobra as forças que alli se acham em armas, as quaes podem além d'isso obrar de combinação com a columna correntina de observação, que ao mando do coronel Paiva está em S. Thomé.

« Quanto ás tropas brasileiras que sahiram de Montevidéo, e ás que vão chegando do Rio de Janeiro, parece que convém dirigil-as para a Concordia, afim de operarem de combinação. D'est'arte melhor defenderão o territorio de sua nação, concorrendo ao mesmo tempo a formar um exercito de 40,000 homens, que podem com segurança de um só golpe terminar a campanha. »

« Missão especial do Brasil.—Buenos-Ayres, 8 de Julho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Tenho presentes diversas cartas do general Osorio, e algumas communicações do general Mitre, que me foram transmittidas pelo Sr. ministro de estrangeiros Dr. Elizalde. Com esses elementos vou dar a V. Ex. idéa da actual situação da guerra.

Depois de dizer alguma cousa da invasão de S. Borja e de Corrientes, continua :

« O pensamento do general Mitre é que se concentrem todas as forças alliadas em um grande exercito e caia este sobre o centro da linha inimiga, para depois se poder operar mais desembaraçadamente.

« Canavarro insta por soccorros e quer defender o passo do Ibicuhy. Tratava-se de fazer subir o general Flôres com alguns batalhões em pequenos barcos, até Uruguayana. Esperava-se sómente pelo Visconde de Tamandaré, o qual tendo sido muito contrariado na sua viagem, só chegará á Concordia na tarde do dia, data das ultimas noticias.

. . . .

« Chamo a attenção de V. Ex. para a necessidade de termos no Rio Grande um bom general, que alli desenvolva e dirija a defesa da provincia. Deve ter actividade para ir por

si mesmo inspeccionar a fronteira e organisar todos os elementos de guerra. Sobre tudo é necessario que não esteja eivado do espirito de partido, e não vá especular com as circumstancias deploraveis em que nos encontramos.

« Muito lutou o general Osorio com o transporte da gente e da bagagem para a Concordia. Poucos meios encontrou no Uruguay. Teve de improvisar tudo. Se não fôra o vapor *Era*, de pequeno calado, nem em um mez se concluiria a passagem.

« O general Osorio pede que não lhe mandem pelo Uruguay artigos de guerra que não tenha pedido, porque naturalmente se hão de inutilisar com as difficuldades de transporte, pelo interior do territorio argentino. (1)

« Ao entregar-se aos commandantes dos vapores os fardos ou caixões, podia-se no arsenal dar-se-lhes uma nota que deviam ficar em deposito a bordo da *Nitheroy* no porto de Buenos-Ayres, e dos que deviam seguir logo para o Uruguay. Com este officio remetto a V. Ex. os officios e cartas que o general Ozorio me tem ultimamente dirigido. Renovo a V. Ex. meus protestos de estima e consideração.

« A S. Ex. o Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz. —*Francisco Octaviano de Almeida Rosa.* »

OFFICIOS DO BRIGADEIRO COMMANDANTE DO EXERCITO, MANOEL LUIZ OZORIO, AO MINISTRO BRASILEIRO EM BUENOS-AYRES.

« Entre-Rios junto á Concordia, 29 de Junho de 1865.

« Exm. Sr. conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa.—Em 25 corrente me escreve o general Canavarro, das pontas de Ibirocay, dizendo que a columna inimiga que invadio S. Borja passou o Butuhy, perto da barra e segue para Itaqui; e que pelo outro lado do rio Uruguay, outra columna vinha em marcha em combinação com a d'este lado; diz o general Canavarro estava disposto a bater a força que ia pelo nosso territorio, a pezar da desproporção na qualidade das armas; mas que preferia isto a ver impassivel a desvastação que o inimigo faz por onde passa.

« V. Ex. sabe que estamos reunindo o exercito aqui, e que a distancia e a estação não premittem desprender forças que lá cheguem a tempo. O general em chefe do exercito alliado crê, e eu, assim tambem o general Flôres, que o inimigo não se entranhe para o Rio Grande, mas que venha fazer juncção de seu exercito sobre o Passo dos Livres, para procurar-nos, e aliás ainda não estamos promptos para marchar, apezar da actividade e trabalho em vencermos os obstaculos; o mais notavel é que as forças do Rio Grande, commandadas pelo

(1) O plenipotenciario não devia esperar outra cousa depois de concluido o tratado de alliança.

coronel Ourives e Barão de Jacuhy, ainda não estavam reunidas a Canavarro, e este pensa que eu disponho de muitas e boas infantarias, aliás em quasi sua totalidade de recrutas, que nunca viram o fogo e que n'esta estação não chegariam lá em um mez, tanto pela distancia como pelos rios que teriam a passar. Eu pensei marchar pela esquerda do Uruguay com todo o exercito, mas os generaes Flôres e Mitre com razão entendem que devemos ir ao centro do inimigo e obrigal-o a reconcentrar-se, obrigando-o a retirar as suas alas.

« Sou de V. Ex.—*Manoel Luiz Ozorio.* »

« — Quartel general do commando em chefe do exercito de operações em Juquery, 5 de Julho de 1865.

« Illm. e Exm. Sr.—Regressa para Buenos-Ayres o consul geral Pereira Pinto, que explicará a V. Ex. o estado d'este exercito, o dos alliados e operações que tem havido pela costa do Alto Uruguay entre as forças commandadas pelo general David Canavarro e a columna paraguaya que passou um S. Borja e vem com direcção a Itaqui, e talvez á Uruguayana visto como tres mil homens vinham pela margem direita do Uruguay e já estavam no antigo povo da Cruz.

« Segundo communicações que o general Mitre teve hontem, o exercito que o inimigo tinha em Corrientes e que se havia retirado ao Empredado, tornou a avançar para o sul e estava em S. Lourenço.

« Junto cópia da parte que relata o combate da 1.ª e 4.ª brigadas da divisão ligeira com a vanguarda paraguaya, no nosso territorio, e não posso mandar a V. Ex. cópia da parte do coronel Fernandes Lima, porque esta noite a mandei ao general Mitre, e ainda não me foi devolvida; este general considera de grande importancia a reunião do exercito alliado n'este ponto, e sua marcha, quando seja possivel, sobre o centro da linha inimiga.

« O general Canavarro insta por uma força de infantaria d'este exercito, que o ajude, porque tem falta d'esta arma; porém consultando ao general em chefe a respeito, precente que se não quer desprender de forças brasileiras e propõe que o general Flôres com alguns batalhões faça esta expedicção em navios que, aproveitando a cheia do rio, cheguem até Uruguayana: n'este estado esperamos anciosos a vinda do Sr. Tamandaré, se é que vem, ou então dizer-nos que não vem, porque o commandante da Uruguayana, cumprindo as ordens do general Canavarro trata de armar, ou já o fez, dous lanchões, um pequeno e fraco vapor que alli existe, e está de observação para os lados de Itaqui.

« Eu ainda luto com as difficuldades que me offerece a passagem do Uruguay, e a não ser o pequeno vapor *Era*, nem esperanças teria de concluir esta operação, aliás tardia; pois entendo que as vistas do inimigo são não entranhar-se

para o Rio Grande, porém sim dispôr de todo o seu exercito contra o alliado, entre o Paraná e o Uruguay.

« Dando eu sciencia ao general em chefe de quanto tem occorrido com as nossas forças em Missões, elle me indicou que o general Canavarro, reunindo todos os elementos de força de que pudesse dispôr, hostilizasse o inimigo sem arriscar um combate decisivo, e assim, lhe declarei: fica por tanto entendido que a provincia do Rio Grande deve correr ás armas em massa, e que é preciso alli um general capaz de desenvolver-se segundo as occurrencias, isto é, quanto aos meios em geral, porque nenhum outro disporá melhor das operações que o mesmo general Canavarro.

« Pelo que fica dito, V. Ex. ficará entendendo que os poucos soldados velhos e os recrutas que compõem este exercito são a base das operações subsequentes, e n'este sentido é o meu comportamento.

« Lastimo não poder voar á parte do territorio de minha patria invadida pelos barbaros; porém entendo que devo primeiro que tudo sustentar os compromissos nacionaes da alliança, e o centro de onde devem partir a garantia das operações.

« A falta de tempo faz-me pedir que dê ao nosso governo sciencia d'estes acontecimentos: se ainda ahi estiver o Sr. Tamandaré, V. Ex. se dignará tambem communicar-lhe tudo quanto venho de tratar.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto ás Republicas do Prata.— *Manoel Luiz Ozorio*, brigadeiro. »

CONTINUAÇÃO DA MARCHA DO EXERCITO NA PROVINCIA DE CORRIENTES.

Pelos officios que se acabam de ler, vê-se que os generaes argentino e oriental, resolveram reunir o exercito na Concordia, na provincia de Entre-Rios, para depois marchar para a de Corrientes, onde o general Mitre projectava que fosse o terreno das operações, para o que tencionava guarnecer a margem esquerda do rio Corrientes. Assim devia acontecer para livrar primeiro a provincia de Corrientes dos Paraguayos, do que o territorio brasileiro.

Em 6 de Outubro foi encontrada a brigada de infantaria, commandada pelo coronel Argolo, entre Alegrete e Uruguayana, composta dos batalhões 19, 24 e 31, que a marchas forçadas procurava a margem do Uruguay, para o atravessar e ir-se unir ao exercito do general Ozorio.

Podia se ter poupado esta marcha de 80 leguas áquella brigada, indo embarcada até ao porto da Concordia, no Uruguay, provincia de Entre-Rios, e não ter desembarcado no Rio-Grande.

Uma correspondencia de Buenos-Ayres diz o seguinte:

« Em Outubro de 1865 o exercito alliado atravessou a provincia de Corrientes, e a 16 d'este mez acampou o general Paunero 7 leguas ao sul de Mercêdes, povoação de 200 casas, a maior parte de palha, no centro d'aquella provincia.

« O general Flôres, que commandava o exercito da vanguarda, tendo sahido de Uruguayana a 24 de Setembro, seguio com marcha vagarosa, em rasão da sua numerosa artilharia, bagagens e de difficil váo os rios e arroios que atravessou, de 9 a 12 de Outubro passou o rio Mirinhay, que foi o maior embaraço na sua marcha até ao rio Corrientes, por ser fundo e ter 120 varas de largura.

« A força d'este corpo da vanguarda approximava-se a 10,000 homens, onde havia 6 batalhões brasileiros e 4 orientaes, alguma cavallaria e 24 peças de artilharia.

« O primeiro corpo do exercito argentino commandado pelo general Paunero seguia o da vanguarda com a differença de dous dias de marcha atraz; a este corpo ião unidos 4 batalhões brasileiros, formando uma brigada de pouco mais de 2,000 homens; o general Mitre com o seu quartel-general seguia esta columna.

« Seguia-se depois o corpo principal do exercito brasileiro, do commando do general Ozorio, e na retaguarda d'este o segundo corpo do argentino, do commando do general Gelly. Calculou-se que o numero das forças alliadas reunidas nas immediações de Mercêdes em 30,000 homens, sendo 20,000 brasileiros. »

Uma carta do exercito dirigida á *Nação Argentina*, contou o modo porque o exercito passou os rios.

A passagem fez-se sobre balsas, formadas de canôas e pipas vazias, por cima das quaes correu-se um pavimento. Uma corda de couro que atravessava o rio puchava a balsa com rapidez de uma extremidade, ou de uma margem á outra.

O exercito alliado demorou-se alguns dias nas immediações de Mercêdes, para dar descanso aos cavallos e organisar melhor alguns corpos e brigadas, e deixar passar o máo tempo, que então havia, o que embaraçava a marcha do exercito e a conducção das bagagens. De Mercêdes ao Empedrado, onde se achava o exercito paraguayo, ha 40 leguas, á cidade de

Corrientes ha 55, e ao Passo da Patria, na margem do Paraná, 66; tanto teve o nosso exercito que andar até avistar o inimigo.

Para ir do Uruguay (Passo dos Livres) a Mercêdes, que são 25 leguas, gastou o exercito do general Flôres 20 dias, o que mostra as difficuldades que encontraram no caminho.

Na proximidade do exercito paraguayo existiram sempre alguns corpos de milicias correntinas, que o foram hostilisando como puderam; mas a sua má organisação, a falta de armamento, de fardamento, de cavallos, etc., não lhe permittio hostilisar com efficacia o inimigo.

O general Urquiza, que devia concorrer com o contingente da provincia de Entre-Rios, para se incorporar ao exercito alliado, não o fez pela deserção da cavallaria, e depois não quiz ou não pôde reunir corpo algum de infantaria; não se contou mais com os promettimentos e sinceridade de Urquiza; elle era um alliado duvidoso.

As operações do exercito alliado na provincia de Corrientes limitaram-se a marchar contra o inimigo, que se retirava, com uma distancia de 30 leguas, para a margem do Paraná.

Consideremos agora o exercito paraguayo na provincia de Corrientes, conforme as informações e reflexões que fez o correspondente de Buenos-Ayres para o *Jornal do Commercio*, em data de 26 de Outubro de 1865.

RETIRADA DO EXERCITO PARAGUAYO DA PROVINCIA DE CORRIENTES.

« Acreditou-se por algum tempo em Buenos-Ayres, onde chegavam primeiro as noticias do exercito, que o exercito paraguayo não se retirava e que vinha ao encontro dos alliados, e como estes apressavam as suas marchas, esperava-se que em poucos dias teria lugar uma batalha. Foi tudo illusão. Bem longe do exercito paraguayo avançar contra os alliados, pôz-se em retirada precipitada, pelo abandono de muitas cousas que desejariam levar, mas que deixaram estragadas.

« A retirada do exercito paraguayo de Corrientes era um plano de ante-mão adoptado por Lopez, apenas avançassem as forças alliadas, ou é filho da perda das suas forças do Uruguay?

« Tudo faz crêr que Lopez tinha a intenção de sustentar os primeiros choques das forças alliadas, na provincia de Cor-

rientes, o que além do mais lhe permittia alimentar suas tropas, vestil-as, etc., á custa do territorio para elle inimigo.

« Uma prova de que assim pensava Lopez, descobrem-a todos no facto d'elle ter fortificado os passos do rio Santa Luzia, no de formar a poderosa bateria de Mercêdes e Cuevas, e ainda no de não haver internado no Paraguay a grande porção de gados que se acharam reunidos no terreno de Missões, e estão já em poder dos alliados.

« De facto não se comprehende que Lopez fizesse trazer a braços tanta e tão pezada artilharia para agora tornal-a a levar. Do mesmo modo teria sido uma inepcia fazer seus soldados abrir vallas e levantar cercas no rio Santa Luzia, para ainda a meio acabar, deixar o seu accesso livre ao inimigo. Por ultimo não deve ter sido para os fazer melhorar de campo, que 30,000 bois foram levados para a fronteira do Paraná, e agora entregues reunidos á pequena força inimiga que lá appareceu.

« Lopez projectava fazer de Corrientes o theatro da guerra deixando entretanto incolume seu proprio paiz : foram as decepções primeiro, e logo os contrastes do Uruguay que lhe impuzeram a mudança de plano.

« Fallando de decepções é claro que me refiro a Entre-Rios e Estado Oriental. Com bons ou com máos fundamentos Lopez esperava que n'esses paizes surgissem alliados á sua causa, talvez uma reacção geral e insuffocavel ; enganou-se da maneira mais completa, e quer no paiz oriental, quer na provincia argentina, se a sua causa encontra sympathias, nem são geraes, nem tem caracter de acção : não passam de adhesões de *charla*, como aqui se diz.

« Quando á influencia dos desastres de Yatay e Uruguayana, é ella incontestavel; hoje que se conhece quanto esforço Lopez teve de empregar para organisar esse corpo de exercito, que com tanta facilidade os alliados lhe eliminaram.

« Um facto, quando menos parecerá a todos incontestavel, e é que supprimido o corpo de exercito de Estigarribia, Lopez não tinha mais elementos com que defender toda a zona de Corrientes entre Aguapey e Uruguay, o seu proprio territorio das Missões, e nem ainda a linha do Paraná nos pontos tão vulneraveis de Itapúa, ilha do Apipé, etc.

« E como deixar o inimigo avançar desassombradamente por um flanco até collocar-se-lhe quasi á retaguarda ? O general oriental Castro em Itapúa.

« Olhando á sua direita vio isto ; á sua esquerda via a esquadra imperial forçando dia mais dia, e com auxilio de encouraçados, quantas baterias elle fizesse; e logo penetrando pelo Paraná tomar-lhe, e mais, positivamente, a retaguarda, cortar-lhe talvez as communicações com o seu paiz.

« Perdidos os flancos, ameaçada a retaguarda e tendo contra o seu centro um exercito muito mais numeroso que o seu e com incalculavel superioridade em armamentos, dis-

ciplina e enthusiasmo, Lopez não podia deixar de passar por louco varrido se tentasse esperar os alliados não só onde se achava seu exercito, mas em qualquer ponto da provincia de Corrientes. A sua retirada era pois infallivel, e é quasi ridicula a estranheza, a especie de decepção que por aqui parece ter ella causado.

« Embora se julgue o inimigo imprudente e tresloucado, não devem fundar-se calculos em seus crescentes desatinos, e no entanto outra cousa não fizeram, no meu entender, os que suppuzeram o termo da guerra immediato, partindo da idéa que Lopez daria a batalha em Corrientes.

« Concluo de tudo isto que não houve, não podia haver decepção na retirada das forças paraguayas de Corrientes para o seu paiz, porque era o mais natural e sensato: o contrario é que deveria surprehender. E pois se alguem se julga illudido em sua espectativa, queixe-se da propria ingenuidade, d'ella sómente.

« Tendo até aqui feito uma ligeira apreciação do aspecto geral da campanha, passo a apreciar os factos occorrentes.

« Ignora-se o dia fixo em que o exercito paraguayo iniciou o seu movimento em retirada, pois parece que durante alguns dias illudio as milicias correntinas, que de perto o observavam, com operações simuladas; presume-se tambem que algumas forças se destacavam para arrebanhar os gados, e assim difficultar ás forças alliadas a sua alimentação, quando ahi chegassem.

« Calcula-se entretanto que a retirada principiou logo que, recebida por Lopes a noticia da rendição da Uruguayana, elle pôde expedir as ordens convenientes, desde Humaytá, onde permanece.

« Como a linha do exercito paraguayo era o rio Santa Luzia, que forma angulo bastante agudo com o Paraná, desde Cuevas até S. Roque, é claro que o levantamento das baterias e a retirada do exercito podiam fazer-se simultaneamente, formando quasi uma só operação, e por isso mesmo mais rapida.

« Está verificado que, exceptuadas umas seis peças de grosso calibre e sem os apparelhos para ser puchadas por terra, que os paraguayos embarcaram em dous vapores, o resto da artilharia de Cuevas foi reunida ao exercito, onde á falta de animaes as arrastam os soldados, na lotação de 20 homens por peça.

« Abandonando ao mesmo tempo as povoações de Bella-Vista á sua esquerda e de S. Roque á sua direita, o exercito paraguayo teve bom cuidado de praticar um saque absoluto, carregando centos de carretas de quanto julgava utilisavel, destruindo o resto e praticando os mais desaforados excessos contra a população que ahi ficara.

« Nem só isso, todo o territorio que vão abandonando, é

convertido systematicamente em um ermo; gado, cavallos, carros, qualquer especie de roupa ou de viveres, tudo arrebatam; o que não levam destroem, um carro que se quebra queimão-no, etc. ; lançam fogo ás casas, aos curraes: põem os gados a pastar nas cearas.

« O que a historia conta das invasões dos Hunos ou dos Sarracenos, é pouco ao pé do que os Paraguayos praticam em sua retirada de Corrientes.

« Elles vão depressa, porque receiam alguma surpreza; porém são pouco ou nada incommodados por hostilidades de qualquer natureza. As milicias correntinas, que mais proximas ficam a elles, e que de tanta dedicação e constancia tem dado provas, acham-se impossilibitadas de perseguir o inimigo de perto por não terem cavallos, e necessitarem receber seu sustento de gado trazido de longe.

« D'est'arte os paraguayos tiram um resultado immediato da devastação que deixam após de si, impossibilitam a perseguição activa; porém o maior mal resultará depois, e facilmente se descobre na seguinte regra de proporção : se as milicias correntinas, que são 3 ou 4,000, acostumadas a passar o dia com um churrasco e até sem elle, bebendo só mate, são obrigadas a demorar as suas operações por falta de gado para alimentar-se, além de outros generos, calcule-se o que vai acontecer a um exercito de 30 ou de 32,000 homens, cuja alimentação tem por unica garantia o contracto dos fornecedores.

« As ultimas noticias davam o exercito paraguayo no dia 12 de Outubro junto ao arroio Gonçales, a uma legua do povo do Empedrado, e a 13 de Corrientes. Como de Santa Luzia ha 30 leguas, é esse o terreno desandado pelas forças de Lopez, e talvez mais, posto que as avançadas venham algumas leguas áquem.

« Apezar de achar-se tão pronunciada a retirada dos paraguayos, ha ainda, como já disse, quem julgue que o plano d'elles póde ser o de fortificarem-se na cidade de Corrientes.

« O territorio correntino que os Paraguayos dominam, é menos da quarta parte do que occupavam ha um mez: a cidade de Corrientes é tão difficil de deffender, que jámais um poder qualquer quiz alli resistir: nas mesmas convulções e reacções civis, o primeiro cuidado de quem estava na capital era sahir a encontrar o inimigo fóra d'ella; como imaginar que os Paraguayos vão lá encurralar-se ?

« Não ; fóra de toda a duvida elles retiraram-se para o seu paiz, quando menos para a linha do Paraná no Passo da Patria. Se antes de lá chegarem entrarem na capital de Corrientes, será apenas para fazer d'essa povoação a preza do saque, da destruição, talvez de um incendio total. Lopez, que é homem de grande idéas, póde bem suppôr que Corrientes deve ser para os alliados o que Moscow foi para Napoleão, e proceder de accordo com semelhante creança.

« Para terminar com o exercito paraguayo, basta dizer que quem o commandava quando invadio Corrientes era o general Robles; este foi depois preso para Humaita, foi substituido por Resquin, que obedece immediatamente a Barrios, cunhado de Lopez, seu ministro da guerra, e o vencedor do forte de Coimbra. »

POSIÇÃO DA ESQUADRA NO RIO PARANÁ.

Emquanto o exercito alliado marcha pela provincia de Corrientes em procura do paraguayo, que lhe foge, vejamos qual era a posição da esquadra fundeada no rio Paraná.

« A esquadra depois de estar fundeada dous mezes no Rincão do Soto, a concertar como poude os rombos e as avarias recibidas na passagem de Cuevas, subio este mez de Outubro até Bella-Vista, e continuará a subir até onde lhe fôr possivel tendo agua o rio. (Continúa a dar estas informações o mesmo correspondente de Buenos-Ayres). Julgà-se que poderá chegar ao Empedrado, a Riachuelo e Corrientes se a enchente que se annuncia crescer.

« Das baterias paraguayas não consta que exista peça alguma ainda montada, porém como levam as peças comsigo, facil lhes será formal-as onde lhes convier. Diz o commandante da esquadra, o chefe Barroso, que emquanto os exercitos de terra não avançarem parallelamente com a esquadra, o concurso d'esta não póde ser muito efficaz, pois não tem ella força de desembarque com que possa tomar qualquer posição ao inimigo. (*)

« No fim de Outubro recebeu-se em Buenos-Ayres a noticia de que o exercito paraguayo tinha com effeito passado o Paraná para a margem direita, ficando d'este lado sómente com 3,000 homens, acampados sobre o Passo da Patria, mas promptos a transporem o rio quando alguma força alliada se approximar.

« Quanto á cidade de Corrientes (continúa o mesmo correspondente), não soffreu o que se temia, nada soffreu comparando com Bella-Vista, S. Roque, e outras povoações correntinas. Fosse por falta de tempo, ou porque a presença do ministro Berges e da junta, que era formada de Correntinos, a contivesse, o que está verificado, é que a guarnição retirou-se sem praticar excessos, embarcando-se em o mesmo vapor com o mencionado Berges e mais autoridades que haviam servido com elle.

(*) Disse o commandante da esquadra, o chefe Barroso, que emquanto o exercito de terra não avançar com a esquadra, esta de pouco lhe servirá. Nós dizemos que no rio Paraná a esquadra devia ter avançado com o exercito de terra. Se se tivesse entendido d'este modo o concurso que ella podia prestar quando entrou no Paraná em Abril de 1865, tinham-se evitado os reveses que soffreu quando possou por baixo das baterias de Mercêdes e Cuevas.

« N'essa occasião levaram para Humaitá alguns cidadãos correntinos de alguma representação social. Este facto e o terror permanente que existia na população não foram os unicos males que soffreu a capital de Corrientes.

ENTRADA DA VANGUARDA DOS ALLIADOS E DA ESQUADRA EM CORRIENTES.

« Desde 14 de Abril que, com a interrupção dos dias 25 a 30 de Maio, alli dominaram os paraguayos, todo o movimento commercial cessou; as familias viam-se privadas de recursos, por não ousar os chefes sahir á rua com receio de conflitos com soldados que passeiavam sempre de espadas desembainhadas.

« Não é necessario dizer para fazer comprehender o regosijo e enthusiasmo com que em Corrientes se recebeu a pequena força pertencente aos exercitos alliados que alli penetrou, e que com a presença de nossa esquadra tomou definitivamente conta d'aquella cidade. Cumpre explicar bem estes factos.

« O general Caceres, que commanda a vanguarda das milicias correntinas, pedio a protecção do Sr. Barroso para tomar posse de Corrientes; e de facto a nossa esquadra pozse logo a caminho rio acima, preparada para forçar o passo de qualquer bateria que os paraguayos conservassem sobre o Paraná. A esquadra subio sem embaraço algum até ao porto da capital.

« Desde a ante-vespera tinha entrado n'aquella cidade uma pequena força correntina, que aquelle general mandara em exploração e que sabendo não haver guarnição paraguaya na cidade penetrou n'ella, conservando-se sob as armas.

« A sua presença era já um principio de segurança para a população de Corrientes; mas foi quando vio a esquadra em seu porto, que ella se considerou remida. Assim as sotéas, as margens do rio, tudo estava coberto de homens e senhoras, que levantavam vivas e saudavam com os lenços. Deixando a pobre cidade de Corrientes exultar de jubilo por se vêr livre de seis mezes da dominação paraguaya, consignemos outra noticia que é de bastante alcance.

« O general Castro (Oriental) levou a sua conquista dos dominios paraguayos, áquem do rio Paraná, até á mesma Tronqueira do Loreto, celebre povoação estrategica desde tempo immemorial. Não ha ainda a parte official d'esse feito mas elle é confirmado pelas noticias de hoje, 3 de Novembro, chegadas tanto de Corrientes como dos exercitos alliados que se acham em Mercêdes. Agora reflexionemos.

« Depois de uma dupla invasão dos territorios argentino e brasileiro, Lopez ficou reduzido a concentrar-se no seu paiz para com menos desvantagem vêr se se defende dos poderosos inimigos que atrahio.

« Desattentado com o desastre tão completo de suas forças do Uruguay, pusilanime agora tanto qnanto era hontem audaz, nem aguarda que as forças alliadas se aproximem para motivar a sua retirada, nem realisou essa retirada, guardando a boa ordem, com as apparencias de uma operação.

« Ainda os alliados estavam a 65 leguas de distancia de Corrientes, isto é, a 40 ou mais dias de marcha.

« As noticias do exercito alliado chegam a 25 de Outubro; achava-se acampado nas immediações de Mercêdes, onde devia ficar por alguns dias. Além de ser isso indispensavel para deixar descansar os cavallos e bois, o tempo que tem corrido, quasi sempre chuvoso, impossibilitou a marcha por alguns dias. Só o rio Corrientes é um grande embaraço, e os exercitos não vão bem munidos de meios para atravessar os rios; o que levou o exercito brasileiro era muito insufficiente para aquelle fim.

« No dia 4 de Novembro de 1865 principiou o exercito alliado a mover-se das immediações de Mercêdes, na direcção do norte. O máo estado dos cavallos e do terreno, e as difficuldades que havia de prover a alimentação, fazia com que as marchas fossem vagarosas.

« No dia 3 do corrente combinou-se entre o general Caceres (Correntino) e o chefe Barroso uma operação sobre o Passo da Patria, onde estava a força paraguaya de 4 batalhões de infantaria e um regimento de cavallaria. O general Caceres, indo por terra, soube que na noite de 2 para 3 toda a força inimiga tinha passado o rio; a vanguarda correntina acampou no mesmo ponto que no dia anterior haviam occupado os Paraguayos. Da sua parte a esquadra nada fez, porque tambem chegou tarde.

« Na manhã do dia 4 uma expedição composta das canhoneiras *Belmonte*, com a insignia do chefe Alvim, *Araguary*, *Itajahy Ivahy* e *Mearim*, vapor argentino *Libertad* e o pequeno aviso *Victoria*, partio do porto de Corrientes, e navegando com as precauções convenientes chegou até ás Tres-Bocas, mas d'aqui não poude ir mais longe. Voltou no mesmo dia e veio fundear em Corrientes.

« Quando os Paraguayos estavam a toda a pressa a desmanchar as baterias de Cuevas, onde tinham dous vapores, estava a esquadra brasileira fundeada no Rincão do Soto; parecia que tinha sido boa a occasião para ir surprender o resto da esquadrilha de Lopez; talvez não houvesse agua para a esquadra brasileira lá chegar, ou que o chefe Barroso não tivesse ordens para procurar o inimigo.

« A este respeito disse a *Tribuna* de Buenos-Ayres :

«—Sem a menor duvida não poderia apresentar-se uma occasião mais favoravel, pois indo a esquadra no momento em que se achavam em tal operação, ou se teria impedido o embarque das peças, ou se teriam tomado os vapores. De

certo que as instrucções do chefe brasileiro, que se mostrou tão corajoso decidindo um combate com o seu denodo, são bem limitadas; limitação que sempre tem causado a ruina dos exercitos, quando do centro de um gabinete, se quer dirigir operações a muitas leguas de distancia.—»

« A' chegada de S. Ex., o vice-almirante (continúa o correspondente de Buenos-Ayres) dizia-se que elle em oito dias partiria para o Paraná; agora falla-se em quinze, e não garanto eu que não se dê uma nova duplicação de prazo.

« Os varios, numerosos e prolixos objectos que o bravo chefe da nossa esquadra tem chamado á sua direcção immediata e pessoal, absorvem-lhe o tempo por tal fórma, que elle decide uma viagem para d'ahi ha trez dias e vem a realizal-a um mez depois, como aconteceu na sua partida para o Uruguay. Faça Deus que não succeda o mesmo com a do Paraná. »

Pelo que está escripto até aqui, vê-se que a esquadra esteve algum tempo no rio Paraná em inacção, exposta ás balas paraguayas, soffrendo as suas guarnições algumas vezes privações de alimentação, e ceifadas pelas molestias.

Os varios, numerosos e prolixos objectos que o chefe chamou á sua direcção, segundo o refere a correspondencia acima, deviam e podiam ser tratados por officiaes superiores, escolhidos para aquelles variados serviços em terra.

Nunca se vio nas campanhas maritimas que os commandantes das esquadras estivessem ausentes dos navios que deviam entrar em operações; se Nelson assim tivesse procedido quando commandou a esquadra ingleza no Mediterraneo, na guerra contra a França no principio d'este seculo, não tinha havido a batalha naval de Abukir, onde a esquadra franceza foi destruidá estando fundeada, nem tão pouco a de Trafalgal, defronte de Cadiz, a 5 de Outubro de 1805.

Fazemos estas citações, não com o fim de recordar factos que sabem todos os que tem lido a historia das guerras maritimas, mas porque vem a proposito fallar do que fizeram outras marinhas de guerra, depois dos feitos illustres e gloriosos que praticou a marinha de guerra brasileira no rio Paraguay; operações de mais importancia e de mais difficuldades do que foram as batalhas navaes de Abukir e de Trafalgar, o que mostraremos no lugar competente; por isso a armada brasileira adquirio uma gloria que é immortal.

Pelos factos que se passaram com os movimentos e operações da esquadra brasileira no rio Paraná, adquirio-se o conhecimento de que o official general que a commandou até Março de 1866, não tinha ordens ou instrucções para operar como entendesse ou como fosse necessario ; d'aqui resultaram : as passagens de Mercêdes e Cuevas ; embarcarem os Paraguayos a artilharia que tinham em bateria n'este ultimo ponto, estando a esquadra poucas leguas abaixo ; passar o exercito paraguayo no Passo da Patria sem ser embaraçado pelos nossos navios de guerra.

Estes acontecimentos, que parecem de pouca importancia influiram muito para não se hostilisar o exercito paraguayo como convinha, pois com o bloqueio do Alto Paraná o exercito inimigo tinha ficado retido no norte da provincia de Corrientes, e seria em grande parte destruido se o general em chefe argentino combinasse em proceder-se a essa operação.

Tinha sido mais vantajoso se a nossa esquadra tivesse aniquillado completamente a marinha paraguaya no combate do Riachuelo ; porém mais tarde ella o fez, quando os poucos navios que restaram viram-se obrigados a fugirem e a encalharem nos rios, onde se inutilisaram.

A falta de um commandante em chefe na esquada brasileira nos primeiros dous annos da campanha, que estivesse a seu bordo para dirigir os seus movimentos com acerto, foi muito prejudicial ás operações de guerra que se fizeram n'aquelle tempo, e tambem ás suas guarnições. (*)

Continúa o correspondente de Buenos-Ayres para o *Jornal do Commercio* :

« Nas immediações de Mercêdes conservaram-se por alguns dias, e em completa inação, as forças alliadas. Era necessario este descanço, e impunha-o a copiosa chuva, que aturou muitos dias e converteu os campos em um immenso lago.

« O terreno de Corrientes, como quasi todos os das provincias argentinas, é uma extensa campina, com poucos rios ou ribeirões que dêem facil esgoto ás aguas pluviaes. Esta

(*) Significa a inutilidade da força armada valente e aguerrida, prompta para os combates. Foi a segunda vez que no rio Paraná se observou este caso, sendo a primeira em 1855.

circumstancia do solo explica assaz o alagamento dos campos e justifica tambem a supposição de que muitos dias serão necessarios para as estradas tornarem-se transitaveis ao exercito.

« Sem embargo outra cousa fazem saber as ultimas noticias até 4. As tropas começaram a marcha, e na margem do rio Corrientes achou-se prompto o material necessario para a passagem.

« Um exercito que marcha e que continuará a marchar por um ou dous mezes antes de chegar ao inimigo, tem muitos pontos que considerar, numerosos incidentes que descrever, e um estudo politico militar quasi a todas as horas. No exercito brasileiro não houve quem fizesse esse serviço; quem escrevesse um diario militar dos acontecimentos que occorressem.

« O exercito argentino teve os correspondentes de todos os jornaes de Buenos-Ayres; occupavam-se, como é natural, quasi exclusivamente das forças argentinas. Das brasileiras fizeram menção apenas, e uma ou outra vez algum cortez elogio.

« O corpo oriental teve no coronel Leon Palleja um optimo correspondente, escrevendo para um jornal de Montevidéo tudo o que observava.

« No exercito brasileiro não houve ninguem encarregado pelo governo.

« Tristeza e desanimo deve causar a esses 22,000 Brasileiros que lá vão por paiz estrangeiro soffrendo, e soffrendo muito, vêr que na sua patria se ignora qual é a sua vida, quaes as fadigas que supportam, quaes as privações que os flagellam, quaes tambem os exemplos de moralidade que dão, os actos de dedicação que praticam: qual a figura que fazem entre os alliados.

« O governo imperial pensando patrioticamente em muitas cousas, não pensou em satisfazer esta necessidade moral, politica, historica, e deixa que tendo o Imperio o triplo dos elementos que qualquer de seus alliados, seu exercito fique obscurecido e quasi nullificado entre o brilho que Argentinos e Orientaes dão aqui e transmittem para a Europa. O perigo d'esta falta póde ser maior do que se pensa, deixando ficar na tradicção factos erroneos e de bastante alcance. Eis um exemplo pequeno.

« Quando o general Mitre foi a Uruguayana, entregou o commando em chefe dos exercitos alliados ao marechal Ozorio. Este facto jámais foi publicado por nenhum dos jornaes orientaes ou argentinos, que ao contrario deixavam perceber estar o commando em chefe com o general Gelly y Obes.

« Necessariamente isto é, o que os ministros europeus aqui hão de ter communicado aos seus governos; eis como fica consignada não só na imprensa, mas nos archivos diplomaticos, uma circumstancia que não nos é muito lisongeira;

qual a de um marechal de campo brasileiro ficasse sob as ordens de um coronel-maior argentino, que é o posto do Sr. Gelly y Obes. A provincia de Entre-Rios não mandou o contingente de tropa para a guerra, ou pelo espirito da sua população, ou tambem do seu chefe Urquiza.

« Logo que o tempo melhorou, o exercito alliado marchou das immediações de Mercêdes; a 6 e 7 de Novembro principiou a passar o Rio Correntes. »

A divisão do general Barão de Porto Alegre, de pouco mais de 4,000 homens, achava-se nos primeiros dias de Novembro na povoação do Passo dos Livres, defronte de Uruguayana, esperando completar a sua organisação em pessoal, cavalhada, armamento, etc., e sem saber que destino teria.

No dia 16 de Novembro continuou a marcha o exercito alliado ao norte do rio Correntes, na direcção do Rincão de Soto, naturalmente para se approximar ao Paraná, e por ser bom lugar para acampamento por se encontrar ahi pasto, agua e lenha.

Calculou-se que o exercito brasileiro, d'esde que sahio de Montevidéo em Abril até chegar a Mercêdes na provincia de Correntes, em Outubro de 1865, teve quasi 5,000 baixas em mortos nos hospitaes do exercito e doentes mandados para Buenos-Ayres e Montevidéo Isto está de accordo com o que dissemos da mortalidade do exercito na margem do rio de S. Francisco.

Com seis mezes de campanha já tinhamos tido perdas tão sensiveis, só pelas molestias; e, na verdade era já desanimador o estado das cousas, pois se ignorava o que poderia acontecer em uma campanha que principiava, acompanhada de tantas difficuldades e incertezas.

— Se com seis mezes de marchas vagarosas e em acampamentos, temos perdido cinco mil homens, quantos teremos perdido no fim de um anno, ou de dous, ou quando tivermos combates ?—

Isto diziam officiaes do nosso exercito ainda em Mercêdes.

MOVIMENTOS DA ESQUADRA.

O correspondente da esquadra communicou o seguinte em 17 de Novembro :

« No dia 13 pelas 7 horas da manhã subimos pela quarta vez até ás baterias do Passo da Patria. Os navios que compuseram a expedição foram a *Belmonte*, *Araguary*, *Mearim*, *Itajahy*, *Ivahy* e o vapor argentino *Libertad*. Desta vez o Barroso commandou a divisão, estabelecendo-se na *Belmonte*, acompanhado pelo coronel Bruce.

« Não encontramos os vapores inimigos, nem divisámos movimentos de tropas nas margens: junto á guarda do Cerrito estavam tres soldados de cavallaria, que desappareceram quando a esquadra se approximou.

« A 20 de Novembro o exercito alliado estava já na margem esquerda do rio Batel, ainda 50 leguas ao sul da cidade de Corrientes; por este mesmo tempo navegavam vapores brasileiros pelo Paraná com direcção ao porto d'aquella cidade, condusindo 5,000 homens de infantaria brasileira: n'aquelle ponto se aquartelaram e esperaram que chegasse o exercito. O general argentino Hornos ficou 4 leguas abaixo do Empedrado; e o general Paunero pouco abaixo com o 1.° corpo do exercito argentino.

« No dia 7 de Dezembro o exercito brasileiro chegou ao Empedrado, que fica 9 leguas ao sul da cidade de Corrientes, na margem do Paraná. O exercito argentino ficou n'esse dia no Rincão do Soto, pouco abaixo da Bella-Vista, e o general Flôres com 4,000 homens, sendo metade brasileiros, marchava na direcção da Tronqueira do Loreto. D'este modo o exercito imperial estava então mais adiantado, tencionando marchar para as immediações da cidade de Corrientes, onde ficou algum tempo.

CHEGADA DO EXERCITO AO RIO RIACHUELO.

No dia 11 de Dezembro, as 11 horas da manhã acampou o exercito imperial na margem esquerda do pequeno rio chamado Riachuelo, cujo nome ficará registrado nos annaes maritimos brasileiros, proximo ao lugar onde os Paraguayos assestaram as suas baterias para destruir a nossa esquadra.

Na marcha do exercito através da provincia de Corrientes, grandes e importantes foram os serviços prestados pela commissão de engenheiros, da qual era chefe o tenente-coronel Dr. José Carlos de Carvalho.

As passagens do Mocoretá, Corrientes, Santa Luzia e Empedrado, rios de alguma importancia, realizaram-se com todas as commodidades e presteza possiveis; os botes de borracha, as pontes improvisadas pelo Dr. Carvalho, causaram admiração aos nossos alliados, que, utilisando-se d'elles pela pri-

meira vez, dignaram-se elogiar este serviço do exercito brasileiro nos seus jornaes de Buenos-Ayres.

« O estado sanitario do exercito não é máo (diz um correspondente que escreveu a 11 de Dezembro), apezar do calor ser excessivo, e depois de 26 de Novembro raro é o dia que morre um official, os quaes já ha muito estavam doentes: no dia 5 de Dezembro falleceu junto ao rio S. Lourenço o chefe de saude do exercito, tenente-coronel Dr. José Sergio Ferreira, cuja perda foi muito sensivel. Estamos a duas leguas e meia ao sul de Corrientes, e hoje não se poude passar o rio Riachuelo porque repentinamente encheu, sendo necessario construir uma ponte. »

Na ordem dos acontecimentos que vamos escrevendo, convém n'este lugar expender o que se passou em Montevidéo, em dias de Dezembro de 1865, com a tropa que conduzio da côrte o vapor *Lamego*, o qual, pelo seu muito callado, não podendo entrar no Paraná, desembarcou n'aquella cidade a gente que tinha a bordo: este e outros inconvenientes que occorreram, mostram tambem a desvantagem que houve em levar o nosso exercito pelas provincias argentinas, na campanha contra o Paraguay.

COMPORTAMENTO DO GOVERNO ORIENTAL, PARA COM OS SOLDADOS BRASILEIROS

Diz o correspondente de Montevidéo a 20 de Dezembro d'aquelle anno.

« No dia 18 do corrente ás 9 horas da manhã desembarcou a tropa que veio no vapor *Lamego*, porque este navio não podia subir o Paraná. Não achou um quartel nem uma barraca para accommodar-se!

« Todo o dia 19 passou na praia de Ramires, debaixo de um sol abrasador, não tendo nem sequer lugar para guardar o armamento, que cada praça trouxe comsigo.

« O sol hontem queimava, e o agasalho da gente é o mesmo que o de ante-hontem, sentada no campo nú, sem barracas, sem uma parede ao menos para ter sombra. Alli passou dias e alli dormio.

« Parece incrivel que isto succedesse com os soldados brasileiros, quando o governo imperial não poupa despezas nem esforços para suavisar-lhes os incommodos da campanha. Nunca vi succeder isto em Montevidéo!

« O delegado militar queixou-se de tudo e de todos, e nada conseguio; encontrou as maiores difficuldades para obter um quartel, que outr'ora o governo provisorio se apressava sempre em pôr á nossa disposição.

« Não convém de fórma alguma que desembarque um só homem n'esta cidade. Deve toda a tropa que não puder subir o Paraná logo, ir acampar na Hiqueritas, onde já esteve a brigada bahiana, que é uma posição magnifica, saudavel, á beira do rio, com agua dôce em abundancia.

« Finalmente no dia 20 embarcaram no vapor argentino *Uruguay* 400 homens de cavallaria do Rio Grande, que aqui se achavam, com destino ao Salto, para d'alli seguirem para S. Borja a incorporarem-se ao exercito do Barão de Porto Alegre.

« Com esse embarque vagou um quartel, e foram accommodados os guardas nacionaes que se achavam expostos ao sol, experimentando o calor de 86.°, chuva e humidade á noite; recolheram-se ao quartel no dia 21. »

Um anno antes o exercito brasileiro combatia o partido blanco para subir ao poder o governo que teve o comportamento que acabamos de vêr. São costumes hespanhóes da America do Sul.

Diz um correspondente para o *Jornal do Commercio*, em 21 de Dezembro:

« Realmente Montevidéo é o unico paiz do mundo em que um alliado soffre tantos vexames e insultos.»

Continúa ainda o correspondente.

« D'este modo os nossos inimigos causam-nos pelas mãos dos nossos amigos e pela influencia d'elles um grande e irreparavel mal, porque as victimas que succumbem são outros tantos soldados de menos para derrubar o tyranno do Paraguay, cuja permanencia no poder é a unica esperança que lhes resta de assumir o governo no Estado Oriental.

« Comprehende-se bem que elles nos calumniem, nos roubem, nos ridicularisem e nos matem; mas pasma que o governo oriental pela sua indifferença, ou por querer pactuar com a opinião artificial que elles crearam, se torne complice d'elles, e nos accumule difficuldades por sobre difficuldades.

« Apezar das difficuldades encontradas em Montevidéo, como porto de escala dos vapores que conduziam tropa brasileira para reforçar o nosso exercito, que já então se achava na margem do Riachuelo, forçoso foi continuar a seguir o mesmo caminho, pois que outro não havia tão facil para a cidade de Corrientes. »

OFFICIO DO MARECHAL OSORIO, SOBRE A MARCHA DO EXERCITO BRASILEIRO.

D'aquelle lugar dirigio o general Ozorio, o seguinte officio ao governo imperial:

« Commando em chefe do exercito imperial em operacões contra o Paraguay. —Quartel general no Riachuelo, 15 de Dezembro de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. —Já em officio de 13 do corrente informei a V. Ex. que além da marcha de concentração pelos exercitos alliados, feita para as immediaçõos de Mercêdes, nada de maior importancia occorreu até o fim de Outubro, do meiado de cujo mez em diante soffremos consideraveis temporaes, que muitos prejuizos causaram ao material do exercito.

« Logo que o tempo o permiitio marchamos para o rio Corrientes, afim de transpol-o, o que se effectuou nos dias 12 a 15 de Novembro, no passo do Luseiro, abaixo do passo Novo, onde passaram os alliados.

« O general Flôres com o exercito da vanguarda, depois de passar o rio Corrientes, seguio por entre aquelle rio e o Batel, em direcção a Yaguaretecorá, por onde lhe seria mais facil obter cavallos e bois, de que muito carecia, para descer pela costa do Paraná até as proximidades do Passo da Patria: estou hoje informado que tem soffrido grandes transtornos pelos máos caminhos e grandes banhados que tem encontrado.

« O exercito imperial, continuando a sua marcha para este ponto, passou o rio Batel nos dias 18 e 20 de Novembro, e o S. Luzia nos dias 24 a 27 do mesmo mez.

« Do rio Corrientes mandei uma partida á capital com communicações ao Sr. general Barroso, chefe das forças navaes do Imperio, com quem desde então tenho estado em communicação; e do arroyo Pelado, no dia 30, fiz adiantarse o chefe da commissão de engenheiros, afim de examinar com a precisa antecedencia lugares proprios para acampamentos, nas proximidades do rio Paraná, e da costa d'esse rio nas immediações do Passo da Patria; pois é provavel que por alli tenha de ser feita a passagem dos exercitos alliados.

« Não foi feita a marcha do exercito sem difficuldades. Além da natureza physica do terreno, encharcado em sua maior parte, o que tambem contribuio para retardar-nos a marcha, tivemos grande perda de boiada e cavalhada, mortos de peste, em consequencia dos excessivos calores que tem feito e que muito sentem os animaes vindos do sul de Corrientes, e da grande quantidade de sevandijas dos campos; os cavallos soffrem ainda em razão da má qualidade do arreiamento que se distribue ás praças de cavallaria e artilharia.

« Assim é que tenho sempre comprado, e continuo a comprar tanto bois como cavallos para supprir as faltas que se vão dando.

« A pedido do general Mitre mando-lhe hoje auxilio de bois, afim de que possa passar os immensos banhados formados, desde Peguajó, pelas chuvas torrenciaes do dia 10 do

corrente, as quaes tambem fizeram encher o Riachuelo, o que tem impedido a minha passagem, que só hoje pude começar, graças aos recursos de canoas e taboas que mandei vir de Corrientes.

« As chuvas e outros tropeços encontrados não impediram porém, as providencias para que fosse, como foi mesmo em marcha, fardada a divisão que vem da Uruguayana, e que está a duas marchas do grosso do exercito, á qual mandei tudo quanto era preciso para mobilisal-a e fazel-a sahir da Restauração, onde estava; cavallos, bois, carretas, abarracamento, etc.; nada faltou, só lhe falta pagar os vencimentos atrasados, o que se fará logo que se effectue sua juncção ao exercito.

« A' capital de Corrientes tem já chegado dous mil homens, pouco mais ou menos, dos que vem pelo Paraná, incluindo n'esse numero os que estavam no Salto, empregados nos hospitaes, e os que tiveram alta.

« Informado de que ha no Paraná encalhados 14 vapores com tropa, officiei ao Sr. general Barroso, pedindo-lhe que fretasse vapores de pouco calado d'agua, e grande capacidade, afim de irem buscar a tropa existente a bordo dos encalhados, d'onde é urgente tiral-a para impedir ou retardar ao menos o desenvolvimento que a estação favorecia, de alguma epidemia.

« Das que já desembarcaram mandei marchar para aqui o batalhão provisorio do tenente-coronel Novaes, e as praças que haviam ficado doentes nos hospitaes, afim de distribuil-as pelos seus corpos.

« Uma séria difficuldade vim encontrar em Corrientes; refiro-me á falta de casas para hospitaes e depositos: de combinação com o Sr. Barroso trato de removel-a, do modo por que o podemos fazer, isto é, mandando construir barracões de madeira para supprir a falta das casas.

« As recommendações de V. Ex. para a instrucção das tropas novas, para a dissolução dos corpos que por sua pequena força são mais pesados que uteis ao serviço, e completando-se com as suas praças outros corpos, emfim, serão cumpridas.

« Não será de certo por falta de trabalho e de boa vontade d'este commando que apparecerá difficuldades ao governo, o serviço é feito tambem como é possivel, as providencias para que não appareçam ou se destruam obstaculos não se fazem esperar.

« Quanto á operações futuras, nada posso por agora dizer a V. Ex. Só depois de conferencias entre os generaes alliados e o Sr. Visconde de Tamandaré, que ainda não chegou a Corrientes, se saberá de positivo o que se fará.

« Logo que acabe de passar o Riachuelo, seguirei para as proximidades do Passo da Patria; e cabe aqui dizer a V. Ex.

que se a passagem houver de effectuar-se no referido Passo, selo-ha á viva força; que só poderemos effectual-a com auxilio e sob a protecção da esquadra, pois que o exercito não tem as embarcações de que precisa para tão importante como difficil e arriscada operação.

« O general Flôres vem descendo o Paraná para as immediações do Passo da Patria: já está abaixo do Caocaté. A cavallaria correntina está sobre aquelle Passo. O exercito inimigo tambem sobre o Passo, na margem direita do rio.

« Deus guarde a. V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—*Manoel Luiz Osorio*, marechal de campo.»

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MARCHA DO EXERCITO.

O exercito brasileiro principiou a mover-se das immediações de Montevidéo no fim de Abril de 1865, chegou a Riachuelo, no norte da provincia de Corrientes e perto da cidade d'este nome, a 15 de Dezembro, como se vê do officio acima transcripto. De Montevidéo á margem do rio Uruguay, ao Salto e á Concordia, foi o exercito embarcado.

No fim de Junho principiou a passar para a provincia argentina de Entre-Rios, e para chegar ao lugar em que estava a 15 de Dezembro gastou cinco mezes e meio.

Do porto da Concordia á cidade de Corrientes, ou ao lugar chamado Lagôa Brava, onde depois ficou acampado o nosso exercito, ha mais de 100 leguas; todo este espaço, andou o exercito vencendo difficuldades provenientes da natureza physica do terreno, como diz o general Ozorio no officio acima, e de outras causas que occorreram, que o dito general menciona.

Os campos das provincias do Rio Grande, Paraná e S. Paulo não tinham offerecido aquellas difficuldades, e tinha o exercito andado menos.

Hoje é que podemos bem julgar do trabalho que houve em conduzir um exercito numeroso, com muita bagagem, atravez d'aquelles paizes, que não se prestam para tal fim; terrenos que então eram desconhecidos aos nossos generaes, os quaes não podiam prevenir os perigos que cada dia os esperava.

Ainda a campanha contra o Paraguay não tinha principiado, quando o exercito brasileiro havia marchado mais

de 100 leguas, desde a Concordia, na margem do Uruguay, até á margem esquerda do Alto Paraná; foi a primeira campanha feita d'este modo na America do Sul, isto é, atravessar um exercito tão numeroso, aquelles territorios, perdendo sempre gente na sua marcha.

Depois da campanha da Russia, em 1812, na qual Napoleão I voltando de Moskow no inverno, deixou metade do seu exercito enterrado no gelo, julgamos que ainda outro exercito não perdeu tanta gente em marcha, como o exercito brasileiro quando atravessou as provincias argentinas no inverno de 1865; em um outro paiz as causas foram semelhantes: na Russia foi a marcha do exercito francez por cima do gelo e a falta de alimentação que destruiram os Francezes; nas margens do Rio da Prata foi o frio, as molestias mortiferas e a falta de soccorros em marchas tão prolongadas, o que diminuio o pessoal do exercito brasileiro.

Napoleão I perdeu a campanha da Russia por começal-a no principio do inverno; o exercito brasileiro perdeu tanta gente porque foi passar n'aquelles paizes no rigor do inverno, sendo a maior parte dos seus soldados naturaes das provincias do Norte, pelo que deviam soffrer muito com a mudança de clima no centro d'America do Sul.

Apezar de todas as privações e das molestias que acommetteram ao exercito brasileiro, elle continuou na sua longa e penosa marcha supportando todas as contrariedades; entretanto vamos vêr o que se passou no rio Paraná com o parlamentario enviado por Lopez.

LIVRO DECIMO SEGUNDO.

VAPOR PARAGUAYO PARLAMENTARIO.

No dia 23 de Novembro estava a esquadra brasileira, de nove navios, fundeada no porto de Corrientes ; o exercito alliado achava-se a 20 leguas ao sul d'aquelle ponto.

Pouco depois do meio dia appareceu, descendo de Humaitá, o vapor de guerra paraguayo *Piragurá*, o qual içou bandeira branca. O commandante mandou a canhoneira *Ivahy* e pouco depois a *Araguary* e o vapor argentino *Libertad*, encontrar aquelle vapor inimigo.

Como este encalhasse, a *Ivahy* recebeu a seu bordo a guarnição do *Piragurá* e o commandante, que, dizendo vir como parlamentario e não dando provas d'isso, entregou a sua espada a pedido do commandante da nossa canhoneira, e foi recebido como prisioneiro de guerra.

Desencalhado o vapor paraguayo, seguio a canhoneira *Ivahy* até proximo da esquadra ; ahi entregou o commandante paraguayo um officio que trouxe para o general Mitre. Seguio na manhã seguinte, 24, para Humaitá, levando bandeira branca no mastro de prôa.

Este vapor paraguayo tinha 27 homens de guarnição, um official que era o commandante e não tinha artilharia.

No mesmo dia 23 remetteu o commandante da nossa esquadra este officio ao general Mitre, e no dia 28 subio para

Humaitá uma canhoneira Italiana condusindo a reboque um escaler argentino, que foi encarregado de entregar a resposta do general Mitre, á primeira guarda avançada paraguaya que encontrasse na margem do rio,

Qualquer que fosse o objecto que Lopez propuzesse ao general Mitre, este não devia responder sem consultar aos generaes alliados, não só por civilidade, mas por direito internacional era de sua obrigação fazel-o; não podia elle só resolver negocios que necessariamente deviam interessar ás tres nações alliadas que faziam guerra ao governo do Paraguay.

Mitre por estar investido com o cargo de general em chefe dos exercitos alliados e ser Presidente de uma republica, entendeu que elle só podia responder á nota do governo paraguayo. Este procedimento, pouco reflectido, não estava de accôrdo com o direito internacional.

As folhas do Rio da Prata publicaram depois a nota, com data de 20 Novembro, que Lopez dirigio ao commandante dos exercitos alliados, e a resposta que este lhe deu.

A nota de Lopez não continha senão falsidades imputadas por elle aos exercitos alliados, e o que elle accusou foi justamente o que fizeram os soldados paraguayos por todos os lugares por onde passaram, na provincia argentina e nas brasileiras; e posto que a resposta que lhe deu Mitre foi destruindo e mostrando a falsidade de todas as suas accusações, uma vez que ellas envolviam os exercitos de tres nações que se achavam juntas, deviam os chefes do brasileiro e do oriental terem parte n'esta resposta e assignal-a.

De certo não foram consultados, e só tiveram conhecimento d'estas communicações depois de enviada a resposta, á vista do que diz no fim a dita nota, que é o seguinte:

« Esta é a unica resposta que posso dar a V. Ex., sem prejuiso da resolução que á vista de sua nota tomem os governos da triplice alliança, a quem a communico hoje, juntando cópia da resposta. »

Por este final da nota do general Mitre ao Presidente Lopez, com data de 25 de Novembro, vio-se que os generaes

dos outros dous exercitos alliados não tiveram conhecimento official d'este facto, pois que não fallou n'elles.

Mitre respondeu a Lopez como general em chefe dos exercitos alliados,—considerou-se o unico representante dos soldados de tres nações, o unico general a quem competia pugnar pelos seus direitos; declarou que ia mandar cópia da sua nota aos governos alliados, quando devia declarar que aquella resposta estava de accôrdo com os sentimentos dos outros dous generaes alliados.

Se as accusações de Lopez fossem só dirigidas ao exercito argentino, podia n'este caso o general Mitre proceder assim e encarregar-se da resposta como o unico representante d'aquelle exercito, e depois, por defferencia, communicar tudo aos outros generaes e governos alliados; mas logo que as accusações foram dirigidas aos tres exercitos, deviam os outros dous generaes serem consultados e todos tres responderem: o general Mitre considerou os exercitos alliados como um só, do qual era elle o unico commandante. Foi falta de attenção não communicar officialmente aos outros generaes commandantes uma nota diplomatica que diz respeito á guerra, como nos parece que era de sua obrigação.

DIVERSOS ACONTECIMENTOS.

No dia 22 de Dezembro estava o exercito brasileiro acampado proximo á Lagôa Brava, em distancia de tres leguas do Passo da Patria, margem esquerda do Alto Paraná.

Antes do general Ozorio passar o Riachuelo com o seu exercito, mandou pedir licença ao chefe da esquadra, Barroso, para o fazer, por recordarem aquellas aguas a grande batalha naval de 11 de Junho d'aquelle anno, na qual foi elle heróe.

O exercito argentino passou tambem este rio e foi acampar uma legua á retaguarda do exercito brasileiro. O general Venancio Flôres, vencendo um terreno escabroso e cheio de embaraços, no que gastou muitos dias de marcha, chegou quasi ao mesmo tempo com a sua divisão proximo ao Passo da Patria.

Diz um correspondente do exercito o seguinte: — Todos fazem elogio ao exercito do general Ozorio. forte de 22,000 homens.

Por aquelle tempo chegaram á cidade de Corrientes mais de 5,000 homens, os quaes poucos dias depois foram-se reunir ao exercito, e com outros contingentes que chegaram logo depois, o exercito, em Janeiro de 1866, excedia a 30,000 homens, bem fardados, armados e municiados. Um exercito n'estas circumstancias, que em outro paiz teria marchado immediatamente contra o inimigo, o exercito brasileiro no norte da provincia de Corrientes não o fez, porque foi necessario ficar alli acampado pelos motivos que se seguem.

Quando o nosso exercito chegou á Lagôa-Brava, a 22 de Dezembro, existia fundeada no porto de Corrientes a esquadra brasileira, mas não havia embarcações proprias para o transporte ou passagem do exercito, como se o fim da campanha fosse n'aquelle lugar.

O exercito alliado devendo continuar a marcha, ficou parado na margem esquerda do Alto Paraná quatro mezes, porque não se aprомptaram com antecedencia as embarcações proprias para aquelle fim

Em quanto o exercito atravessou as provincias argentinas tinha havido muito tempo para se construirem as chalanas para a cavallaria e artilharia e todo o mais material preciso para aquelle fim; os agentes do governo imperial de certo não se lembraram de o providenciar.

O tenente-coronel Dr. José Carlos de Carvalho, chefe da commissão de engenheiros, muito habil e intelligente official, que já tinha prestado uteis serviços na passagem dos rios nas provincias argentinas foi mandado pelo general Ozorio fazer construir em Corrientes as embarcações que elle entendesse necessarias, e a Buenos-Ayres comprar outras.

Não se póde esconder, ainda que quizessemos, falta tão grave como é esta que apontamos, e que comprometteu até certo ponto os destinos futuros da campanha. Porquanto, com a demora do exercito alliado na proximidade do Paraguay, tendo Lopez a certeza que o iam atacar, teve muito tempo

para se fortificar e para mandar que suas tropas viessem atacar os alliados nas suas posições ao norte da provincia de Corrientes. Os delegados do governo imperial no Rio da Prata, é que foram os causadores da demora do exercito no norte d'aquella provincia por quatro mezes, pelos motivos que ficam ditos.

SURPRESA DOS PARAGUAYOS AOS ARGENTINOS.

Uma correspondencia de Corrientes informa o seguinte:

« O general argentino Caceres commandava os corpos de milicias correntinas, cuja força não excedia de 4,000 homens; tinham servido estes corpos como de guarda avançada ao exercito alliado desde que elle entrou na provincia de Corrientes.

« Estes corpos tinham acompanhado de longe a retirada do exercito paraguayo, sem nunca empenhar acção, porque, além da sua pouca força, não tinham armamento regular, não tinham artilharia e faltava-lhes munições; ainda depois do exercito paraguayo passar o Paraná, Caceres ficou muito longe da margem d'aquelle rio.

« A 6 de Janeiro participou Caceres ao general em chefe que uma força de 800 paraguayos com tres peças de artilharia tinham passado para o territorio correntino, algumas leguas acima do Passo da Patria. porém que se tinham retirado apenas sentiram as forças da vanguarda. Esta passagem dos paraguayos foi com o fim de levarem o gado que pudessem arrebanhar.

« A passagem dos paraguayos era-lhes facil porque o seu exercito estava acampado a menos de uma legua da margem do Paraná, na direcção do Passo da Patria.

« Os paraguayos animados com a demora na passagem do exercito alliado e fiando-se nos descuidos dos correntinos, vieram nos dias 12, 15 e 17 atacal-os na margem esquerda do Paraná.

« No dia 12 de Janeiro de 1866 vieram sobre a Passo da Patria doze canôas paraguayas com 150 a 200 homens, e depois de sustentarem com as avançadas de cavallaria um tiroteio de duas horas, os Correntinos fingiram fugir, dando assim lugar a que desembarcassem as guarnições das canôas e viessem mais para o interior; foram então carregados pela cavallaria correntina, que os obrigou a embarcar precipitadamente deixando dous mortos.

« No dia 15 appareceram quinze canôas com mais de 250 homens; esta tentativa teve o mesmo resultado, fugindo pouco tempo depois de terem desembarcado.

« No dia 17 vieram em muito maior numero: excediam a

20 canôas com 600 homens e um lanchão com uma estativa de foguetes á congrève. As avançadas sustentaram um tiroteio por seis horas, porém aquelles puderam desembarcar, porque era debil a resistencia que ellas podiam offerecer, pois apenas constavam de 250 a 300 homens de cavallaria.

« O resultado foi que os Correntinos tiveram oito mortos e doze ou quinze feridos, e pouco mais ou menos igual numero da parte dos Paraguayos. Os jornaes de Buenos-Ayres disseram que os Paraguayos levaram as cabeças de alguns Correntinos que tinham aprisionado. »

Este facto de desembarcarem os Paraguayos impunemente, em tão pequeno numero, para acommetter as avançadas de um exercito de 40,000 homens, revella grande descuido do general em chefe, pois era elle quem se achava mais proximo da margem do rio com o exercito argentino, tendo comsigo os generaes Caceres e Hornos, que nada fizeram.

Aqui se principiou a conhecer qual era a habilidade militar do general em chefe dos exercitos alliados, que não se moveu para aniquillar os inimigos que o vieram desafiar quasi no seu acampamento.

O Presidente da Republica Argentina era militar mas não general, o que principiou a mostrar n'estes primeiros encontros entre Argentinos e Paraguayos; a surpresa que estes lhe fizeram no dia 31 de Janeiro, que Mitre não soube prevenir nem, remediar, confirma o que dizemos.

Da correspondencia de Buenos-Ayres, de 10 de Fevereiro de 1866, extractamos o seguinte:

« Se, como n'estes paizes, domina no Imperio a idéa de que apenas resta da guerra contra o Paraguay um desfecho breve e pouco custoso, a noticia que vai ser agora recebida causará no Rio de Janeiro, como causou em Buenos-Ayres, uma afflictiva surpresa.

« Houve já no Passo da Patria um primeiro encontro das forças argentinas contra as do Paraguay; mas além de não ser provocado por aquellas, o resultado foi muito pouco vantajoso para ellas. Digamos em primeiro lugar que não é bem conhecido o plano do general Mitre na collocação das forças alliadas sobre o rio Paraná.

« Ainda mesmo não suppondo que esse general pretenda obstar a uma nova passagem dos Paraguayos ao territorio correntino e só observar-lhes os movimentos, ainda n'esse caso parece que a estrategia requeria certa firmeza nas posições occupadas por meio de maior numero de tropas, e fa-

cil concurso de todas as que fossem necessarias para dominar absolutamente o inimigo.

« Tambem presumo que por todos os recursos da guerra, inclusive espias ou bombeiros, devia exercer-se tão constante vigilancia que não pudesse elle mover um homem para áquem do Paraná sem ser presentido.

« Todavia ha muitas razões para acreditar que diariamente passavam e repassavam o Paraná forças paraguayas, sem que se determinasse seu numero, seu objecto e as posições que tomavam. Era pois até certo ponto de prever o que agora succedeu, e constitue a noticia a que acima me referi.

« No dia 30 de Janeiro achava-se o general Hornos com alguma força correntina, toda de cavallaria, situado proximo á margem do Paraná e fóra da matta que borda esse rio. Deve crêr se que elle estava descuidado, pois a sua força manteve apenas com o inimigo um tiroteio, sendo obrigada a retirar-se por verificar que a acommettia uma columna paraguaya muito superior em numero e em armas á que elle tinha ás suas ordens.

« Informado disto, o general Mitre fez marchar em direcção ao Passo da Patria a 2.ª divisão de Buenos-Ayres, composta dos batalhões 2.º, 3.º 4.º e 5.º da guarda nacional d'esta capital, com duas peças de artilharia, tudo sob o commando do coronel Conesa.

« No dia 31 essa divisão, deixando o seu acampamento, foi occupar o que até ahi conservara o general Hornos. No mesmo dia ás 11 horas da manhã sendo presentido o inimigo, a divisão, que contava 2,000 homens, dispôz-se para recebel-o tomando posição como a mil metros de distancia de um arroio chamado Peguajó; o inimigo estava áquem d'esse arroio.

« Deu principio á peleja o tiroteio de alguma cavallaria do goneral Hornos, até que os batalhões de Buenos-Ayres, marchando de frente sobre os Paraguayos, obrigaram-os a passar além de Peguajó. Ahi, porém, o inimigo, protegido pela matta, resistio com tenacidade, causando grandes estragos aos Argentinos.

« Não se póde fazer uma idéa exacta d'este acontecimento (diz um correspondente de Montevidéo). A correspondencia official está cheia de contradicções que facilmente se conhecem. A informação mais exacta do combate de 31 de Janeiro, é a que se segue, escripta por um official que assistio ao combate, da qual se conclue que foi uma sorpresa que soffreram os Argentinos

« — No dia 30 mudamos de campo e viemos estabelecer-nos no do general Hornos. (Continúa o dito correspondente).

« — No dia 31 ás 11 horas da manhã nos despertou o toque de chamada; immediatamente se formou a divisão e se pôz

em marcha em direcção á vanguarda, para onde ordenava que fossemos o general Hornos.

« — Nossa mudança de campo tinha sido calculada com este objecto, afim de que se os Paraguayos volvessem a passar em grande numero, como o fizeram nos dias anteriores, pudessemos acudir á força alli estacionada e substituir a cavallaria de serviço, que se veria obrigada a retirar-se. Assim foi com effeito.

« — Immediatamente nos puzemos em movimento, e uma hora depois chegamos a umas oito quadras do arroio Peguajó, onde se emboscou toda a divisão e duas peças de artilharia ao mando do capitão Carcova, esperando que os Paraguayos, que se guerrilhavam com a cavallaria, passassem este arroio.

« — Logo que isto se verificou, o coronel Conesa formou a linha por batalhões em massa, cerrando a direita o 2.º e a esquerda o 5.º, collocando as duas peças no centro. O 5.º não estava perfeitamente em linha, mas formaria martello com ella, deixando variar á direita e entrar n'ella logo que o 4.º desfillasse.

« — Este batalhão recebeu a ordem de marchar, e o fez desprendendo uma companhia em guerrilha ao mando do capitão Crecero, desfilando em seguida e fazendo outro tanto o 2.º e o 3.º, indo este em columna.

« — Segundo a ordem recebida, o 5.º foi pôr-se em movimento n'este momento; porém por desgraça foi aqui quando uma bala inimiga alcançou ao seu chefe, cujo sangue foi o primeiro que se derramou n'este dia. O major do corpo tomou o commando e cumprio a ordem recebida. Os batalhões 2.º, 3.º e 4.º seguiam de frente sobre os Paraguayos, distinguindo-se o 4.º pelo nutrido fogo que fazia.

« — Os Paraguayos não resistiram ao ataque, e se puzeram em retirada, fazendo fogo de fuzil e de foguetes a congrève. Repassaram o Peguajó, e desgraçadamente n'este momento em que deviam ter sido sabreados pela cavallaria, não houve um só chefe d'esta arma que quizesse imitar o exemplo do 1.º regimento de cavallaria argentina no combate de Yatay.

« — Assim, quando os tres batalhões chegaram ao arroio já os Paraguayos o haviam passado, estabelecendo-se sobre um monte immediato, onde pretenderam refazer-se e disputar o passo a nossos batalhões, sobre os quaes lançavam foguetes e um vivo fogo de fuzilaria; porém nossos infantes tomaram a posição á viva força e volveram a pôr em fuga aos Paraguayos, que se refugiaram em outro monte immediato, porque é de advertir que o campo da luta offerece todas as vantagens aos que o adoptem para a defensiva, porque é um terreno cortado por verdadeiras parallelas, formadas de bosques expessos e de lamaçaes em que um homem se enterra até a cintura.

« — Emquanto os tres batalhões da direita levavam esta mar-

cha victoriosa, assignalando o caminho com numerosos mortos paraguayos, á custa de algumas perdas, entre as quaes foi de notar a do porta-bandeira do 4.º, que cahio ferido e que deu lugar a que o alferes do mesmo corpo, José M. Pizarro o substituisse; o 5.º, que marchava pela esquerda, e cuja apparição por este lado cooperou a que os Paraguayos não se refizessem do outro lado do Peguajó; porque vendo que lhes flanqueava a sua linha, mudaram a direcção do fogo dos foguetes, e desenvolveram suas guerrilhas do lado direito, deixando-se flanquear pelo 4.º, que aproveitou este momento para vadeiar o arroio; o 5.º seguio na direcção que levava, e separando-se foi cahir no Passo da Patria, flanqueando completamente as fortes reservas paraguayas que se achavam alli, e que serviam de apoio ás forças avançadas que defendiam a linha do ultimo monte; o que lhes era tanto mais facil quanto que uma frente, em uma grande extensão, a cobria um lodaçal, que impedia approximar-se a ella.

« — Chegando alli, o 5.º precedido por uma companhia de caçadores desenvolvida em guerrilhas ao mando do 1.º tenente José Antonio Lagos, rompeu o fogo sobre os Paraguayos, que tiveram que desguarnecer a sua frente, e dirigir todos os seus meios de ataque para rechaçar o que recebiam pelo flanco, e assim foi que não só responderam com igual fogo, como atiraram successivos foguetes sobre o 5.º.

« — Para que a situação d'este batalhão que se encontrava isolado em um extremo da linha fosse mais critica, quasi logo se achou sem munições e teve de diminuir o fogo.

« — Os Paraguayos julgaram no momento alcançar um triumpho, e no meio de alaridos se dirigiram para carregar o 5.º Porém este batalhão formado em columna, se lançou sobre elles ao mesmo tempo que uma guerrilha ao mando de tenente Lagos avivava seus fogos: a isto se reunio o 4.º o successivamente o 2.º, retiravam de sua frente os inimigos que lhes cerravam o passo ao ultimo monte, fizeram volver o 1.º á companhia de granadeiros, ao mando do capitão Bartle, e o 2.º uma companhia ao mando do mesmo commandante Martinez, chefe da 2.ª brigada.

« — Os Paraguayos contiveram seu avanço, e o 5.º, satisfeito de rechaçar sua carga voltou á sua posição, porquanto não estava em força para carregar só ao inimigo que se offerecia á sua frente. Porém não obstante isto, repete d'ahi a pouco uma segunda carga, e os Paraguayos foram refugiar-se em um pequeno monte que ha sobre o embarque, de cujo lugar, occultos entre as arvores, começaram a fuzilar o 5.º que se achava a peito descoberto; para igualar a luta este batalhão se occultou atraz do monte, e gastou alli todas as suas munições, até que recebeu com as outras forças que estavam

atraz do monte a ordem de procurar a retaguarda e organisar-se.

« — As duas peças que tinham seguido os movimentos dos batalhões da direita e que tinham trabalhado com vantagem, gastando suas ultimas munições sobre o passo, no momento em que o 5.º, o 4.º e o 2.º faziam fogo sobre o monte em que se refugiaram os Paraguayos, circumstancia desgraçada, que, com a falta de acção da cavallaria, veio a deixar todo o peso da jornada á infantaria, perdendo as immensas vantagens da combinação regular das tres armas. Concluido o ultimo combate, nossas forças descançaram como uma hora.

« — O Passo da Patria é um descampado que tem como 3 quadras de comprido (300 varas) e com a largura de 80 varas para O, que diminue até 60 para E, na extremidade está o desembarque rodeado de montes. Para atacar este ponto, nossos soldados tinham que atravessar o bosque immediato por um bom espaço de tempo a descoberto dos inimigos.

« — Apezar de tudo, a ordem de carregar o monte chegou, os tres batalhões por esse costado e o 5.º pela esquerda, assim se effectuou; os Paraguayos foram levados á bayoneta até onde intentaram tomar pé, refugiaram-se no interior do monte, e d'alli continuaram um fogo mortifero.

« — Nossos batalhões consumiram materialmente o ultimo cartuxo: foi este um combate sangrento e desigual, que fez a mais alta honra á brigada que não se deixou flanquear. Por fim, vencido o inimigo por todas as partes, atirando-se á agua, tomadas as munições, deu-se ordem de retirada, e todos os batalhões a executaram sem que ninguem os molestasse.

« — Tal foi a jornada de 31 de Janeiro, em que a 2.ª divisão de Buenos-Ayres se cobrio de gloria.

« — Nossas perdas são 89 mórtos entre officiaes e soldados, e 200 feridos e contuzos; o inimigo teve mais de 300 mortos, e feridos viram-se retirar 5 grandes canôas.

« — Tomaram-se muitas armas, e encontraram-se muitos officiaes mortos, o que prova que a força batida era de consideração.

« — Esta desgraça ao menos tem o seu lado util. Indica aos nossos generaes e aos nossos soldados que não devem despresar o inimigo, a quem ninguem póde negar valor e audacia. — »

A imprensa do Rio da Prata accusou fortemente a esquadra brasileira, que estava fundeada em Corrientes, de ser a causa dos argentinos soffrerem aquella surpreza; esta accusação foi até certo ponto injusta, por que ella recebia ordens do seu almirante que estava em Buenos-Ayres.

Outro correspondente de Buenos-Ayres informa o seguinte sobre e ataque de 31 de Janeiro:

« Escassearam as munições aos corpos argentinos, a ponto de que as duas peças de artilharia terem de cessar o fogo no meio da jornada; ainda assim elles foram levando por diante o inimigo, até coagil-o a abrigar-se no mais espesso da matta que borda o Paraná. D'ahi desceram os Paraguayos á margem do rio, para refazer-se ao abrigo de uma bateria collocada n'uma ilha fronteira.

« As forças argentinas tomaram posição no Passo da Patria, onde foram mais tarde reforçadas por outra divisão do general Rivas. Mas isto foi depois de 31 de Janeiro.

« Do que precede deduz-se, que a jornada de Peguajó não teve desfecho.

« Se as forças argentinas comprovaram ainda uma vez a inexcedivel bravura e a pericia de seus chefes, se conseguiram desalojar das suas posições um inimigo muito superior em numero, se emfim conseguiram apossar-se de muitas canôas, chatas, porção de armamentos, etc., é certo que os Paraguayos não foram definitivamente derrotados. Ha mesmo quem sustente que as suas perdas em homens não foram maiores que as dos argentinos.

« Estes tiveram mortos o commandante Serrano e o major Marques do 5.º batalhão, gravemente feridos os tenentes-coroneis Martinez, de Hoz e Heen, e contuzo o coronel Conesa.

« Tendo a força argentina, que continuava occupando o Passo da Patria, recebido novos reforços, nada mais tentaram os Paraguayos contra ella, que tambem conservaram força na margem esquerda do rio, mas mais acima, em numero consideravel.

« Resta-me dizer que um só soldado brasileiro não tomou parte no combate de Peguajó, se bem conste que o marechal Ozorio offereceu ao general Mitre fazer marchar algumas brigadas, o que este agradeceu.

« Chegando a Buenos-Ayres a noticia d'este feito d'armas tal mais ou menos como o deixo referido, facil é de suppor-se o desgosto que devia causar.

« Porém uma circumstancia particular deu-lhe o caracter de uma calamidade, e foi a de que pertencendo a esta capital os batalhões que entraram na peleja, eram como que individualmente conhecidos todos os que nellas cahiram mortos ou feridos.

« Ainda alcançando uma victoria completissima, Buenos-Ayres choraria o sangue de seus filhos; imagine-se quanto a não deplorará vendo-o quasi esterilmente vertido.

« Em grande parte as censuras alcançam ao general Mitre, e o *Nacional*, fazendo-se echo d'ellas, accusa-o de impericia,

por não prevenir o ataque do inimigo, ou não mandar atacal-o com forças maiores. Accusa-o ainda de outras circumstancias, como faltarem as munições, etc. (*)

« Ha, porem, uma censura mais geral, mais pronunciada, e é a que se faz á esquadra brasileira por conservar-se no porto de Corrientes, deixando que os Paraguayos com algumas duzias de canôas dominem o Paraná, passem e repassem as forças que lhes apraz.

« Não é só este aqui o sentimento unanime da imprensa, que se revela em todos os gráos, desde a diatribe da *America* e do *Pueblo* até a pallida defeza do *Nacional*, e o silencio da *Nação Argentina*, mas é ainda o que exprime a população em todas as herarchias sociaes. Facil é calcular o que com tal disposição soffreremos aqui os Brasileiros em nosso amor proprio.

« Devo ponderar que as censuras á immobilidade da esquadra dirigem-se, especialmente ao Sr. vice-almirante Tamandaré, a quem todos accusam, em termos mais ou menos positivos, de demorar-se aqui, quando em Corrientes é que sua presença era necessaria; — a esquadra dizem, não tem ordens para operar sem S. Ex., e S. Ex. lá não vai.—Sobre este thema cada jornal apresenta suas opiniões, que nem todas são bem reflectidas. »

Concluiremos o que temos que dizer sobre a passagem dos Paraguayos no Paraná, com o que diz a correspondencia da cidade de Corrientes, interessante a muitos respeitos, e da qual vamos transcrever o que julgamos necessario a esta historia.

« Corrientes, 2 de Fevereiro de 1866.—Na guerra parar é recuar; na guerra é preciso marchar sempre. Eu que conheço de perto o espirito intelligente e activo do illustrado Sr. conselheiro Ferraz, nosso acual ministro da guerra, comprehendo quantas torturas terá elle passado ao contemplar o marasmo em que se acha a guerra depois da rendição de Uruguayana.

« Já lá decorreram quatro mezes e meio, e ainda nos achamos em respeito ao Paraguay, como nos achavamos então. Quero dizer ainda não pudemos atravessar o Passo da Patria, posto que se ache o Paraná completamente cheio, pois que os dous mezes de maior enchente estão se passando.

« Mas como se ha de atravessar o Passo da Patria, se ninguem tinha pensado na construcção das chalanas ou canôas proprias! Ao passo que não atravessam os exercitos alliados, estão atravessando, para insultar-nos e degolar-nos, os Paraguayos.

(*) O que temos mostrado em outros lugares desta historia, sobre a inhabilidade do general em chefe, está confirmado pela imprensa do Rio da Prata, como acima se vê.

. . . .

« Na época da enchente do Paraná, que era o que se esperava para subir a esquadra, ficam os exercitos, que se obrigou a marchar a toda a pressa, estacionados na Lagôa Brava e Ensenadita, á espera de meios de atravessar o rio.

Entretanto lá se vão os mezes de verão, começará o inverno, e as condições topographicas d'esses lugares em que estão acampados os exercitos, se converterão nos matadouros do Dayman e S. Francisco, que tão dolorosa lição tinham dado ao exercito brasileiro, que vio ahi morrer na lama das lagôas uma porção immensa de soldados, desapparecer um batalhão inteiro, como foi o do Pará, lindo e esbelto corpo de valentes soldados. (*)

« O facto d'essa demora tem produzido grande desgosto nos exercitos, tanto mais quanto a imprensa corrientina em artigos editoriaes tem feito reflexões, as quaes são pungentes á dignidade do Brasil, posto que sejam dirigidas ao governo argentino, cuja demora accusa.

« O *Nacionalista* de 26 de Janeiro publicou um artigo — A dilação da guerra,—no qual, passando uma revista retrospectiva sobre as lutas em que Argentinos e Orientaes se tem batido com as nações estrangeiras, fundando-se em factos historicos, até na recordação da guerra com o Brasil (1827), termina com estas palavras:—Por honra das nossos glorias occultemos tanta inercia. Apressemos as operações da guerra sem recordar mais, que os preparativos de tres nações em perto de um anno não foram bastantes para invadir o Paraguay.—

« Em todo o caso, se o Brasil tivesse mandado suas tropas em maior numero pelo territorio brasileiro, além dos bons resultados, que podem ser deduzidos das reflexões já por mim feitas em uma das passadas correspondencias, nos teriamos poupado a patentear a olhos estranhos a demora de nossas operações. »

. . . .

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FERIDOS DOS COMBATES DE JANEIRO DE 1866.

« Corrientes 7 de Fevereiro de 1866.—Hontem e hoje pela manhã visitei os dous hospitaes, onde me demorei algumas horas. Conversei com alguns feridos, officiaes e soldados.

« A pezar da reserva que guardam sobre as causas d'aquelle acontecimento, colhi provas de que houve imprevidencia no ataque de 31 de Janeiro.

« Entraram nos dous hospitaes hontem 189 feridos, sendo em grande parte officiaes. Foram ao todo mortos e feridos da divisão de Buenos-Ayres, pelo que ahi me contaram, 390.

(*) Foi mais um resultado da alliança, que obrigou a fazer-se a guerra pelos provincias argentinas.

« Ha algumas feridas bem graves. O que notei na physionomia de officiaes e de soldados, foi uma nobre resignação, uma calma e satisfação no soffrimento, que é um bello titulo de honra para o soldado argentino. O martyrio em causas como essas é santo. O curativo foi feito com muita regularidade. As casas dos hospitaes são bem arejadas.

« Pela observação que fiz dos orificios das feridas e da direcção das cutiladas, tirei uma conclusão que justifica as idéas que acima ficam escriptas, isto é, a retirada das forças argentinas sob o commando de Aguirre e Leyes.

« Grande numero de feridas tinham a abertura de entrada na parte posterior do corpo, golpes de sabre e cutiladas na parte posterior da cabeça.

« Posto que não possam ser acceitas absolutamente as experiencias feitas debaixo da direcção de Dupuytren por Paillard, e repetidas em 1848 por Hugnier; posto que a comparação estabelecida pelo mesmo Dupuytren, entre os effeitos physicos dos projectis lançados sobre os corpos inertes, e seus effeitos sobre os corpos vivos não deva ser tomada como uma verdade scientifica; todavia a inspecção rigorosa das aberturas de entrada e de sahida de um projetil, póde servir de esclarecer grande numero de questões, já não direi de cirurgia militar, que isso é sabido pelos profissionaes, mas sim do valor dos combatentes, da maneira porque se deu o combate se o ferido recebeu o projectil a pé firme ou correndo, se por detraz foi ferido, se por diante, etc. Póde-se dizer, sem medo de errar, que as aberturas de entrada e de sahida de uma bala, são o corpo de delicto da coragem do soldado e da pericia do general, ***servatis servandis***. Esses juizos podem apoiar-se sobre bases como estas.

« A abertura de entrada é menor que a abertura de sahida, quando a bala encontra, á medida que caminha, tecidos mais densos, como restos de aponevróses, tendões, ou ossos acarretados no trajecto d'ella; quando a bala perde a fórma primitiva em sua carreira na espessura das partes; quando deformada no trajecto aério, penetra a bala apresentando uma superficie de diametro menos consideravel que o diametro debaixo de que se apresenta para sahir; emfim, quando a bala entra perpendicularmente nas partes e sahe em uma direcção obliqua a seu plano.

« E', ao contrario, a abertura de entrada maior que a da sahida, quando a bala penetra obliquamente e sahe perpendicularmente ás partes; quando a bala é atirada de perto ou á queima-roupa; quando o projectil arrasta comsigo a bucha ou porções de vestidos, e os abandona nas partes; quando os tecidos vivos são mais densos do lado da entrada do que do lado da sahida; quando a bala resvala sobre aponevroses ou sobre ossos; emfim, quando a bala em sua entrada se apresenta debaixo de uma superficie maior que em sua sahida.

« Diante d'esses principios da sciencia se póde, com as devidas cautelas, dizer se o tiro foi recebido pelas costas ou pela frente, em pé ou fugindo. Assim, pelo exame dos muito feridos, não tenho duvida em crêr que houve uma surpresa no acampamento argentino, que na confusão feriram-se com as proprias armas.

« Isso não quer dizer que pretendo embaçar o brilho da gloria e valor argentino; ao contrario, já acima lhe teci os devidos encomios diante da resignação e calma que observei nos curativos dos feridos, diante da attitude de satisfação que todos aquelles semblantes conservavam.

« Não pretendo se não entrar na indagação da verdade. A imprevidencia em um exercito é um crime. Já de ha muito o dissera Camões.

Eu não louvarei ao capitão que diga: eu não cuidei.

« A raça argentina, oriunda da raça hespanhola, tem os mesmos defeitos dos filhos da Hespanha. A imparcialidade com que julgam as cousas, a vaidade de si proprios, o valor cavalheiresco dos homens da idade média, que deu origem ao heróe de Cervantes; a ignorancia de certos assumptos que devem ser estudados. »

. . . .

A' vista do que fica transcripto vê-se que, pelo primeiro encontro do exercito alliado com o do Paraguay, conheceu-se que aquelle estava muito mal commandado; a imprensa argentina o denunciou, mas no Rio de Janeiro isto não foi julgado assim, sendo o Imperio a principal parte interessada n'aquella campanha pelo maior numero de suas tropas.

« Na fórma do costume não faltaram accusações ao exercito brasileiro (diz o *Jornal do Commercio* de 23 de Fevereiro), quando se culpa houve em deixar tão desguarnecido o Passo da Patria e tão impune a protervia paraguaya, só póde ella ser attribuida ao general em chefe.

« O procedimento do nosso exercito n'esta occasião ficou assaz justificado com as seguintes linhas do *Ferro Carril* do Rozario:

« — Com data de 2 do corrente escreve o chefe Barroso, e fallando do combate do Passo da Patria depois de assegurar que é impossivel averiguar a verdade do occorrido, tantas e tão variadas são as versões que alli circulavam, accrescenta: A este respeito mando-lhe a communicação que recebi do general Ozorio, com data de hontem 1.º ás 5 horas da tarde.

« — Eis aqui o extracto da parte:

« — Hontem houve um forte tiroteio entre forças argentinas e paraguayas no Passo da Patria. Os Paraguayos estavam protegidos pelos bosques e escabrosidades do terreno, e a força argentina em terrenos alagadiços e descobertos.

« — Houve bastantes mortos de uma e outra parte, e os Paraguayos deixaram seis prisioneiros.

« — Escrevi a Mitre a este respeito, e elle respondeu-me que não me inquietasse com tiros, que se alguma cousa séria occorresse me avisaria. Não obstante, hoje mesmo tenho ouvido que o fogo continúa, e ainda não tive aviso algum, apezar de ter alli um official com uma partida.— »

Soube-se que o general Hornos não deu importancia aos avisos que lhe fizeram as sentinellas, de que os inimigos se approximavam.

O exercito alliado continuou a ficar acampado á espera de chegar a occasião de passar o Paraná; e que os generaes por si não o podiam fazer porque lhes faltava os meios de passagem ; embora a esquadra alliada estivesse em Corrientes com 12 navios e alguns transportes, não havia o material mais necessario.

A este respeito diz o correspondente de Corrientes :

« O que nos sorprende é vêr que triste imprevidencia não calculou a necessidade de apromptar as chalanas para a passagem no Passo da Patria, agora que, estando bem cheio o Paraná, toda a esquadra poderia entrar, afim de proteger as operações de guerra n'aquelle ponto. Não se sabe pois o que pensar a respeito de tal facto. »

Por este tempo publicou a *Tribuna*, de Buenos-Ayres, um artigo, queixando-se de não estar a esquadra brasileira debaixo do mando do general Mitre, posto que fosse talvez a unica cousa boa que declarou e se incluio no tratado de aliança.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESQUADRA.

Não podemos deixar de transcrever o que se publicou na dita *Tribuna* sobre o comportamento do seu chefe, o que tudo se acha no *Jornal do Commercio* de 25 de Fevereiro de 1866 ; como foram factos publicos, convém fazer menção d'elles, porque fazem parte d'esta historia. Diz a *Tribuna*, de Buenos-Ayres :

« Ausente d'essa esquadra durante todo o tempo que estamos em guerra com o Paraguay, o Sr. Visconde permaneceu sempre a 200 leguas distante dos acontecimentos, e esta desgraçada ausencia deixou escapar as opportunidades mais propicias de alcançar triumphos que teriam poupado já, e pou-

pariam no futuro, muito sangue precioso ao Imperio e á Republica.

« Ausente da sua esquadra o almirante no espaço de dez mezes, e seu segundo chefe com ordens de não emprehender operações de genero algum, pois assim o diz a sua conducta em todo esse periodo, nenhuma outra cousa tem feito a esquadra imperial se não marchar na retaguarda das operações paraguayas.

« Bateu-se no Riachuelo porque os Paraguayos atacaram-a. Disparou sua artilharia nas Cuevas porque os Paraguayos hostilisaram-a. (*)

« Fóra do alcance do inimigo, voltou a esquardra a subir o Paraná á proporção que o inimigo se afastava.

« Quasi á sua vista embarcou-se a artilharia de Cuevas, fez-se o evacuamento de Bella Vista e a passagem de todo o exercito inimigo em tres dias.

« E, por ultimo, a tres horas de marcha do seu ancoradouro em Corrientes, passam as suas divisões ao campo dos alliados por um rio de meia legua de largura e batem-se dous dias sem que vinte navios do Imperio, que estão ouvindo o estrondo do combate, se approximem, afim de cortar a retaguarda do inimigo, trocando suas balas com as das baterias da margem opposta.

« O Brasil esperava outra cousa de sua esquadra, e outra cousa esperava tambem a Republica Argentina.

« Mais do que o Brasil nenhum povo ha correspondido á guerra com tanto enthusiasmo, com tamanha abnegação e sacrificios. Os homens e os dinheiros do povo brasileiro tem trasbordado nas aras da sua patria: e o seu proprio imperador fez-se o primeiro de seus soldados. Tem todos disputado em abnegação e sacrificio.

« Na esquadra existe este mesmo espirito pela honra e dignidade do Imperio; e entretanto a esquadra não tem correspondido ás esperanças de todos e ao ardor de seus chefes e tripolações, se não quando os Paraguayos a tem collocado entre a espada e a parede.

« Uma esquadra que tem ordem de não fazer operações de genero algum e de não bater-se senão quando provocada pelo inimigo, é uma esquadra em guerra que nada differe de uma esquadra neutra; pois que a ordem de fazer fogo se a atacarem é a que tem todo o navio de guerra, que não é outra cousa mais do que a senha da defeza propria!

REFLEXÕES SOBRE O COMBATE DE 31 DE JANEIRO.

O exercito argentino occupando a vanguarda no acampa-

(*) A esquadra foi hostilisada em Cuevas; se depois de descer de Mercêdos fosse estacionar em lugar onde os Paraguayos não dominassem o rio, não tinha sido offendida! Quantas reflexões este facto suggere!

mento da margem esquerda do rio Paraná, era a quem competia a guarda do campo.

O general em chefe argentino sabia que o exercito paraguayo acampava a meia legua da outra margem do rio, e, ou receiasse ou não ser atacado, devia ter tomado as medidas de segurança necessarias em todas as campanhas, o que fazem os generaes que sabem commandar, e estas cautelas ainda são maiores quando o exercito está na proximidade do inimigo.

O general argentino não fez o que devia para cobrir o exercito que commandava, deixou a margem do rio, que ficava a uma legua da sua frente, guarnecida por destacamentos de milicias de cavallaria correntina, mal armados, sem protecção alguma, os quaes só podiam servir para policiar aquelle lugar, mas nunca para defendel-o de um ataque de força regular.

Eis aqui a primeira falta do commando em chefe, e muito sensivel. Os Paraguayos vieram primeiro em pequena força como para explorar o campo argentino, conhecer a sua posição e a disposição das suas avançadas, isto foi no dia 6 de Janeiro, voltando sem serem encommodados; nos dias 12, 15 e 17 vieram em maior força, tiroteavam com as milicias correntinas sem empenharem combate, as milicias retiravam-se para o interior com alguma perda.

No dia 30 de Janeiro teve o general em chefe aviso de que uma legua acima do seu acampamento tinha passado grande força do exercito paraguayo; foi então que Mitre se resolveu a mandar aquelles quatro batalhões de milicias de infantaria para irem ao encontro dos Paraguayos, força insufficiente como se vio acima, tanto pelo seu numero como pela falta de cavallaria e de artilharia: o resultado do primeiro combate na margem do Paraná foi ficarem quasi aniquillados os batalhões de Buenos-Ayres, porque o seu general em chefe não soube dirigir aquella primeira operação de guerra contra o exercito paraguayo; tão pouco não procurou prevenir aquella surpreza, á vista das explorações feitas pelos Paraguayos com toda a segurança nos dias anteriores, na proximidade de um exercito de 40,000 homens.

Quando no principio do combate os Paraguayos se retiraram e repassaram o rio Peguajó, que tinham na retaguarda, não houve uma força de cavallaria que os carregasse; além d'isto as duas pequenas peças de artilharia que acompanharam a tropa argentina, além de não serem sufficientes pelo seu numero, pararam os fogos por falta de munições; o 5.° batalhaõ defendeu-se á baioneta tambem pela falta de munições, depois de marchar sem protecção longe dos outros corpos, que se deviam ter conservado mais unidos para se defenderem da força paraguaya mais consideravel; a tropa argentina não teve artilharia e cavallaria para empregar estas armas quando fosse necessario; resultou d'estas faltas ficar o 5.° batalhão isolado e quasi aniquillado por não ter força que o protegesse.

Quando os Paraguayos se retiraram e embarcaram, tambem não houve cavallaria que os seguisse para os hostilizar; foram passar o rio Paraná no mesmo lugar por onde tinham vindo. Erros estrategicos indesculpaveis.

N'aquellas posições em que se conservaram por tanto tempo os dous exercitos, quando um general habil tivesse deixado passar os Paraguayos para a provincia de Corrientes, teria manobrado de modo que toda a força paraguaya de dous mil homens tinha ficado no territorio correntino.

Nos acontecimentos que acabamos de mencionar, admiramos a *habilidade* do general argentino que se encarregou de ir fazer a guerra do Paraguay, sem conhecer a sua pouca aptidão para ser general; deixou massacrar os seus compatriotas, quando os devia defender para poupar tantas vidas que succumbiram por causa da sua imprevidencia.

A' vista do que se passou no dia 31 de Janeiro de 1866, na margem do Paraná, poude-se logo julgar o que aconteceria quando os dous exercitos estivessem em frente um do outro; os factos mostraram depois, que foi acertado o que dissemos no 3.° livro d'este volume, do governo imperial entregar o seu exercito a um general estrangeiro, e que as operações da campanha que ia principiar seriam desgraçadas sob aquelle commando em chefe.

A surpreza do dia 31 de Janeiro, isto é, o combate d'aquelle dia, mostrou a audacia dos Paraguayos e o pouco que elles temiam o exercito argentino e o seu commandante em chefe; os factos subsequentes verificaram que os soldados paraguayos não eram para despresar, mas a falta de acção que se manifestou em um exercito invasor, ficando parado quando devia marchar contra o inimigo; a falta de previdencia do commandante em chefe, de conhecimentos estrategicos e de pratica de guerra, de tudo foi resultado as batalhas de 2 e 24 de Maio, e 22 de Setembro de 1866.

Estes desgraçados acontecimentos dos primeiros dous annos da campanha do Paraguay, foram previstos por todos àquelles homens que estavam no caso de julgar do que podia resultar de entregar-se o exercito a um homem que, sendo estrangeiro, e só por isso incompetente para o commandar, á vista da constituição politica do Imperio, accréscia mais o motivo de não ser general de confiança.

No dia 10 de Fevereiro publicou-se uma parte official do general Hornos e uma ordem do dia do general commandante em chefe, a qual dizia que:—uma força paraguaya de 2,000 homens apresentou-se na margem esquerda do rio Paraná; o general Hornos a fez atacar pela cavallaria correntina, que sustentou com o inimigo o fogo por cinco horas, o que causou-lhe perdas consideraveis, sendo a sua diminuta, conforme diz na sua parte. —

Depois dos successos referidos, foi collocar-se no Passo da Patria e suas immediações uma divisão de infantaria, para defender aquelle ponto de novas aggressões. Esta força foi metade brasileira e metade argentina; a brasileira constou da brigada commandada pelo brigadeiro Antonio de Sampaio; alguma artilharia e cavallaria correntina augmentaram esta força.

No dia 11 de Fevereiro mudou de acampamento o exercito imperial por necessidade hygienica, e foi collocar-se mais tres leguas adiante.

No fim de Fevereiro de 1866, tinha o exercito alliado alli reunidos 40,000 homens das tres armas, com o material suffi-

ciente para principiar a campanha, mas esperava os meios para poder passar o rio.

O exercito brasileiro esteve parado 4 mezes na margem do Paraná, unicamente á espera que se apromptasse o material, que devia estar prompto para a sua passagem logo que alli chegou; além da despeza que fez n'este tempo e que se podia ter poupado, deu tempo a que os Paraguayos passassem o rio as vezes que quizeram, e a Lopez para cuidar nos seus meios de defeza; assim continuou a marcha do exercito com desvantagem para o Brasil.

Em menos de dous mezes se aprompton em Varna e em Constantinopla o material necessario para a passagem dos exercitos alliados para a Criméa na força de 68,000 homens, conduzindo muita artilharia e alguma cavallaria, bagagens, etc.

Em Corrientes para preparar embarcações que transportassem de uma vez 8,000 homens, 8 peças de artilharia e 50 animaes, foi necessario quatro mezes.

O governo imperial devia ter sido informado do que se passava a este respeito, mas não constou que tivesse estranhado aos seus agentes no Rio da Prata uma falta de tal natureza, que paralisou as operações da guerra por muito tempo; pareceu conformar-se com estes acontecimentos como se fossem muito naturaes.

No mez de Fevereiro tinha o exercito brasileiro 1,600 doentes nos hospitaes, o que não era muito em um exercito de 32,000 homens e em um clima doentio, ao qual não estavam habituados os nossos soldados. A maior parte dos doentes eram de febres gastricas, intermittentes e dysenterias; aqui falleceu o coronel José Alves Valença, da cavallaria da guarda nacional do Rio Grande.

A esquadra brasileira estava fundeada em Corrientes, quasi que em completa inacção, deixando livre á navegação paraguaya o rio Paraná, do Passo da Patria para cima, onde os Paraguayos passavam de um lado para o outro em um pequeno vapor e algumas chalanas, estando fundeadas no porto acima mencionado as canhoneiras de menos callado, as quaes podiam cruzar nos lugares onde o rio se prestasse aos seus movimentos; isto não se fez.

Entretanto sabia-se que os Paraguayos tinham os meios materiaes para effectuarem a passagem com facilidade. Constava que o chefe da divisão que commandava a esquadra não tinha instrucções do vice-almirante para fazer operações de guerra, porque elle achava-se em Buenos-Ayres, onde sua presença não era tão necessaria como a bordo da esquadra.

LIVRO DECIMO TERCEIRO.

OPERAÇÕES DA ESQUADRA NO PASSO DA PATRIA.

O vice-almirante brasileiro chegou a Corrientes a 21 de Fevereiro de 1866 e tomou o commando da esquadra. Ficou a nossa força naval no Paraná composta de 22 vasos de guerra com 102 peças de artilharia, entre os quaes 4 encouraçados e alguns navios de transporte. Estes navios desde que entraram no Paraná tiveram a bordo uma brigada de infantaria para augmentar a força da guarnição, a qual desembarcou antes do exercito passar para o Paraguay.

Havia onze mezes que a 3.ª divisão da esquadra brasileira tinha entrado no Paraná quando o seu commandante em chefe, que a não tinha commandado até então, deu ordem de partida.

Faremos a discripção dos seus movimentos conforme o escreveu um correspondente da esquadra. (*)

« No dia 17 de Março ás 8 horas da manhã partio para as Tres-Bocas a 2.ª divisão ao mando do capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues. Esta divisão compunha-se dos navios :

« *Barroso* com insignia de chefe, *Araguary*, *Ivahy*, *Iguatemy* e *Brasil*.

(*) Veja-se o *Jornal do Commercio* de 5 de Abril de 1866.

« A's 9 horas seguio a 3.ª divisão commandada pelo capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim e na ordem seguinte:

« *Beberibe*, com a insignia do chefe, *Mearim*, *Tamandaré*, *Ypiranga* e *Parnahyba*.

« Uma immensidade de povo apinhado nas barrancas assistia a esta grandiosa scena, e acompanhava com seus votos o triumpho das armas alliadas. Ao lado d'estes navios seguia o transporte *Cysne*, levando S. Ex. o Sr. conselheiro Octaviano, e o aviso a vapor *Lyndoia*.

« A's 2 horas da tarde subio a 1.ª divisão sob o mando directo do Visconde de Tamandaré, que levava em sua companhia seu segundo, o Barão do Amazonas.

« Esta divisão compunha-se do *Apa*, com insignia do vice-almirante, *Onze de Junho* com o chefe de saude e medicos, *Bahia*, e *Princeza* com tropas de desembarque.

« A's 2 horas da tarde fundearam as duas primeiras em Sant'Anna, e ás 4 horas esta se achava reunida no mesmo ponto.

« Duas horas depois de fundear a esquadra appareceu a 5 milhas de distancia, em frente á fortaleza de Itapirú, e por detraz de um pontal d'arêa, um pequeno vapor inimigo, que parecia expial-a, no que occupou-se até anoitecer.

« Logo que amanheceu destacou o almirante o chefe Alvim no *Tamandaré*, a vêr se o podia surprender. Este, porém, chegou até meia milha de distancia do forte, e não o vio mais.

« O forte Itapirú estavá cheio de gente, talvez curiosa por vêr o primeiro encouraçado que sulcava aquellas aguas. Içaram n'elle um galhardete azul, outro encarnado, que seria um signal convencionado, e não fizeram a menor hostilidade.

« No dia 19 incorporaram-se á esquadra a *Araguary*, *Iguassú* e *Henrique Martins*, e ainda ficaram no porto de Corrientes, *Amazonas*, *Magé*, *Belmonte*, *Maracanã*, *Itajahy*, *Igurey* e muitos transportes.

« No dia 20 a esquadra devia subir, quando cahio um temporal de sudoeste, com forte chuva e cerração, que nada deixava vêr.

« No dia anterior o mesmo vapor paraguayo tornou á apparecer, depois que não vio mais o *Tamandaré*, e fez tres tiros sobre os soldados argentinos que estavam apinhados na costa, observando os movimentos da esquadra. Apezar de serem de metralha a ninguem feriram.

« No dia 21 continuou a esquadra sua navegação, e estendeu uma linha desde as Tres-Bocas até a altura do forte de Itapirú, no Passo da Patria, ficando o vapor *Apa*, em que se acha o almirante, em face d'esta fortaleza, e o encouraçado *Barroso*, em que está o chefe Rodrigues, na cauda da linha, em frente ás Tres Bocas.

« No mesmo dia 21 seguiram os vapores *Tamandaré*, *Araguary* e *Henrique Martins* sob as ordens do chefe Alvim, para reconhecerem os passos do Alto Paraná até Itati.

« Na canhoneira *Araguary* ia a commissão encarregada de levantar o plano hydrographico do reconhecimento.

« Esta commissão se compunha do 1.º tenente Silveira da Motta, secretario do almirante, do 1.º tenente Hoonholtz, commandante da *Araguary*, e do 1.º tenente Cunha Couto, commandante do *Iguassú*,

« Estes navios seguiram até a ponta de Toledo, duas leguas e meia acima do Passo da Patria, executando a commissão o serviço de que fôra incumbida.

« Encontraram muitas canôas cheias de soldados paraguayos, que se refugiavam nos arroios apenas os avistavam.

« Viram além d'isso entre a ilha grande do Passo da Patria e o forte de Itapirú, um vapor e duas chatas com peças de 68.

« Quando esta divisão voltava do seu trabalho varou a *Araguary* sobre uma pedra que fica entre a ilha Curará e a margem esquerda do rio. Este desagradavel successo obrigou-a a ficar alli toda a noite, sem ter sido entretanto hostilisada.

« N'este lugar embarcou-se o secretario Silveira da Motta e desceu em um escaler para dar parte do occorrido ao almirante que estava d'ahi a 3 leguas.

« A's 2 horas da manhã do dia 22 uma bateria volante collocada nas Tres Bocas rompeu fogo sobre o *Barroso* e lhe fez 14 tiros, que não acertaram. O *Barroso* não respondeu.

« A's 6 horas da manhã do mesmo dia seguio a canhoneira *Mearim* e o *Voluntario da Patria* para ajudar, a safar a *Araguary*. N'aquelle ia o 1.º tenente Motta e n'este o 1.º tenente Tamborim, officiaes do estado maior do almirante.

« Estes navios foram saudados ao subir com 19 tiros, que não acertaram nem tiveram resposta. Quando elles chegaram já a *Araguary* estava a nado, bem como o *Tamandaré*, que tinha pegado um pouco. Fazia, porém, aquella muita agua, e teve que ir para Corrientes com as bombas na mão.

« O Alto Paraná é um rio difficil de navegar, não só pelo pequeno fundo, como por ser elle eriçado de pedras e bancos, e haver correnteza forte.

« Quando todos estes navios desciam, o forte Itapirú esperdiçou mais oito balas. Se proseguem os artilheiros paraguayos n'esta marcha, gastam as munições sem nos offender.

« No dia 22 pela manhã chegou a bordo do *Apa* o general Mitre, e n'elle permaneceu todo o dia e toda a noite. Pouco depois atracaram tambem os generaes Ozorio, Flôres, Hornos, Palleja e Netto, e todos almoçaram com o Visconde, e depois se occuparam em tratar dos assumptos da guerra.

« Parece que ficou deliberado que no dia 25 de Março a

esquadra arrasaria as fortificações inimigas, e que o exercito se aproveitaria do ensejo para transpôr o rio.

« Todo o material necessario para a passagem está prompto é já reunido no Passo da Patria, occupando-se em rebocal-o varios transportes. Assegura-se que cada vez póde desembarcar 1,000 homens, e que em 24 horas todo o exercito pisará o territorio inimigo.

« No dia 23 já estava na margem do rio uma divisão argentina, e no dia seguinte alli estaria todo o exercito alliado que conta mais de 40,000 homens.

« Nossa esquadra segundo me asseguram, está guarnecida com 3,510 praças e monta 102 peças de 140, 120, 70, 68 e 32, grande parte raiadas.

« No dia 23 ouvio-se de madrugada e nossos navios que estavam no Passo da Patria um fogo vivissimo na direcção de Humaitá, cuja causa ninguem pôde explicar, e tem dado lugar a um milhão de conjecturas.

« Os navios de guerra argentinos não subiram, porque o almirante brasileiro os dispensou, sem duvida porque não são proprios para bater fortificações e poderiam *atrapalhar* em vez de *ajudar*, em occasião de combate, indo algum a pique, e obrigando a prestar soccorro.

« Do reconhecimento feito no Passo da Patria já se adquirio certeza de que alli não ha *torpedos*; existirão tambem no passo de Humaitá? E' duvidoso.»

. . . .

Tendo transcripto esta correspondencia narrando as primeiras operações da esquadra no Passo da Patria, não devemos deixar tambem de transcrever parte da correspondencia de Buenos-Ayres de 12 de Abril, publicada no *Jornal do Commercio* de 20 do mesmo mez, em cuja correspondencia estão relatadas as referidas operações por testemunha occular, com uma minuciosidade e exactidão que a torna duplamente interessante.

« Buenos-Ayres, 12 de Abril de 1866.

. . . .

. . . .

« A minha ultima carta, com data de 23 do passado, escripta do Passo da Patria, depois de referir a situação e boa disposição de nossas forças terrestres e navaes, dava a realizar-se no mesmo dia uma operação de bastante transcendencia, qual a do reconhecimento do rio Paraná, praticado por uma divisão da esquadra imperial, e assistindo a elle, além do Sr. vice-almirante, o Sr. conselheiro Octaviano e o Sr. general Mitre com seu quartel-general.

. . . .

« Pouco depois das 11 horas da manhã a expedição se pôz a caminho, indo na frente o proprio vapor *Cysne*, que n'esse momento apresentava um aspecto completamente militar.

« A tolda de ré estava cheia de officiaes, sendo o Sr. vice-almirante com seu estado-maior, e o Sr. Mitre com o d'elle; destacando no meio de tantas fardas os singelos trajos á paisana do conselheiro Octaviano, e mais pessoas de sua comitiva.

« O resto do navio achava-se occupado por um destacamento de cento e tantas praças de voluntarios allemães, gente escolhida para defender o *Cysne*, no caso que contra elle os Paraguayos tentassem uma abordagem.

« Faziam parte da expedição o encouraçado *Tamandaré*, a corveta *Beberibe* e a pequena canhoneira *Henrique Martins*.

« Ao passar o *Cysne* defronte do forte de Itapirú começou este a fazer-lhe fogo com sua artilharia. Seis balas de grosso calibre cahiram a diversas distancias do vapor, mas nenhuma o alcançou, devido talvez á rapidez com que elle marchava.

« Como immediatamente depois viessem os navios de guerra que subiam por outro canal, interpôr-se entre o *Cysne* e o forte, este dirigio contra elles alguns tiros, mas sem offendel-os e sem que os vasos respondessem ao fogo.

. . . .

« Tendo sido n'essa occasião, e com auxilio de bons oculos trazidos pelo vice-almirante, reconhecido o forte de Itapirú, darei aqui uma ligeira descripção d'elle e suas immediações.

« O forte, que parece ser de construcção antiga, está edificado sobre uma ponta da peninsula que alli formam o rio e uma especie de enseada muito entrante.

« O forte consiste em um quadrado de muralhas de pedras bastante grossas e elevadas, e que têm como 100 metros por face. Na frente para o rio tem a muralha 5 canhoneiras, onde se descobrem outras tantas peças de artilharia de campanha. Uma haste com a bandeira paraguaya e que tambem serve para signaes telegraphicos, completa o *aspecto militar* d'essa fortificação.

« Aquillo, porém, que não lhe deu a arte, teve em parte da natureza.

« A barranca em que o forte está edificado tem como trinta pés de elevação, descobrindo-se só uma especie de rampa para subir a elle pelo seu lado direito. Do lado esquerdo fica a enseada, que o forte cobre em parte e protege de perto, descobrindo-se a distancia um pequeno arroio, ou riacho, que vai até ao acampamento paraguayo.

« A margem do rio á diretta do forte é toda baixa, alagadiça e coberta de matto. A que corre á esquerda d'elle fica coberta por uma ilha que corre parallela com ella na extensão de uma legua, e se denomina Ilha de Sant'Anna.

« Entre esta ilha e o forte ha um pequeno ilhote de pedras, e em frente de ambos, a 300 braças de distancia, uma outra ilha pequena, parte de arêa e parte coberta de fraca vegetação. E' esta a ilha que o tenente-coronel Carvalho occupou posteriormente com forças brasileiras.

« Dada esta ligeira noticia sobre o forte de Itapirú e suas immediações, continuarei o que ia dizendo sobre a expedição rio-acima.

« Transposta essa desagradavel passagem do forte, a expedição principiou a navegar sem o menor tropeço as aguas do bello rio Paraná.

« E' de facto um bello rio esse que a suspicacia dos governantes paraguayos por uma parte, e por outra a pouca actividade da provincia de Corrientes, tem conservado em inteiro desaproveitamento.

« Margens altas e abundosas de matto, pouca multiplicidade de ilhas, raros baixios, e pelo contrario uma profundidade geral de 2 1/2 a 3 braças, além de um curso largo e pouco tortuoso, tudo isto fórma do Paraná uma magnifica arteria fluvial n'aquellas silenciosas regiões.

« Não deve d'ahi concluir-se que o Paraná não offereça tropeços á navegação. Se as ilhas que elle tem não são numerosas, ha ilhotes e restingas de pedra, que estando algumas á flôr d'agua, se tornarão perigosas não sendo bem determinada sua posição.

« O canal é fundo e largo, que é quanto póde exigir-se em rios de terceira ordem como aquelle. As difficuldades que se antolhavam na sua navegação provinham sobre tudo de não haver um só pratico do seu canal, de modo que era preciso ir como ás apalpadellas.

« A expedição subio 22 milhas rio acima, chegando a tres quartos de legua de Itati, povoação correntina ha dous mezes invadida pelos Paraguayos, e que hoje está completamente abandonada.

« Preenchido o fim da expedição, que era conhecer se nas immediações do Passo da Patria haveria outro ponto que se prestasse á passagem do exercito, o que não se verificou, todos os navios regressaram aguas abaixo.

« Foi n'esse mesmo dia que pela primeira vez trovejou o canhão brasileiro nas margens do Paraguay, como foi n'esse dia que principiou a guerra de chatas, que devia logo multiplicar seus episodios.

« De facto, até então tinha o forte feito fogo sobre os navios brasileiros, sem que estes lhe respondessem.

« Despeitados com isso, e levados pelo espirito ardiloso, que fórma a estrategia de Lopez, trouxeram os Paraguayos uma das embarcações que aqui se denominam chatas, com uma peça de 68, e collocaram-a sob os fogos da artilharia de Itapirú, mas de modo que suas balas alcançassem os navios da

esquadra que formavam a vanguarda, e tambem o *Cysne* e os tres vasos que tinham acompanhado na digressão ao Paraná, quando á tarde tivessem de regressar. Um pequeno vapor rebocava a chata.

« Como é de presumir que o maior numero dos leitores não tenha tido occasião de vêr uma chata, ao passo que esta especie de barco parece destinado a um papel importante na guerra actual, darei uma ligeira idéa d'ellas.

« A chata é uma lancha excessivamente grande, pois chega a ter 120 pés de comprimento. Como seu nome indica, tem pouco pontal, de fórma que só levantam dous palmos acima d'agua. Todas as chatas são de uma construcção excessivamente forte, e o convéz, que vai de pôpa á prôa, tem igual solidez. No meio d'esse convéz ha um grande buraco ou escotilha, que é onde se colloca a peça, a qual fica sómente superior á coberta da chata quanto é necessario para poder fazer fogo desembaraçadamente. A guarnição carrega a peça quasi sem descobrir-se, e logo occulta-se, de todo no que póde chamar-se porão da chata.

« Sem grande hyperbole póde dizer-se que a chata é um monitor de madeira, porém madeira quasi tão forte como o ferro, pela sua qualidade e pela grossura das peças. A circumstancia de ser tão raza e de esconder a sua guarnição, e a peça de grande calibre de que sempre uza, tornam uma chata pouco vulneravel, em quanto suas balas, correndo rectas ao nivel d'agua, offendem bastante qualquer vaso de guerra.

« Vendo, como ia eu dizendo, uma chata rebocada por um pequeno vapor collocar-se ao alcance de nossa esquadra, e atirando balas de 68, que ameaçavam causar-lhe damno, os encouraçados *Brasil* e *Bahia* fizeram-lhe fogo com suas peças de grosso calibre. O fogo, conforme as ordens expedidas, era lento, e a modo de exercicio ao alvo. A distancia era de 800 a 900 braças.

« Aos poucos tiros, o *Brasil* acertou uma bala na chata e tal estrago causou-lhe que o vapor levou-a logo para a enseada ao abrigo do forte de Itapirú. Mais tarde uma outra chata veio collocar-se no mesmo ponto.

« Vendo n'essa occasião que os navios da expedição se approximavam, e o *Cysne*, que é um pequeno e fragil vapor, correria risco de ser mettido á pique se uma ou duas balas de 68 o atravessassem, o vice-almirante mandou os outros tres navios cobrirem-o, fazendo alguns tiros contra a chata e o vapor que a rebocava. Estes fugiram logo para a sua guarida da enseada.

« Esses factos insignificantes em si mesmos, fizeram, todavia, conhecer ás guarnições da esquadra que o momento dos combates ia chegar, e, pois, romperam em vivas ao vice-almirante ao passar SE. defronte d'aquelles dous encouraçados.

« O dia 24 trouxe novas scenas como as da vespera. Desde pela manhã os Paraguayos rebocaram uma chata a meio rio, e fizeram 20 tiros sobre a esquadra. Não offenderam navio algum, porém, como á tarde voltassem elles, o vice-almirante mandou que certos vasos fizessem sobre a chata exercicio ao alvo. Não sendo muito commodo para ella o papel que a obrigavam a desempenhar, e recebendo o mesmo vapor paraguayo uma bala na prôa, fugiram ambos e não appareceram ahi mais.

« No dia seguinte a tentativa foi renovada e em maior escala.

« Pelas 2 horas da tarde achavam-se reunidos a bordo do *Apa*, navio chefe, além do Sr. vice-almirante e seu estado maior, o conselheiro Octaviano com os empregados da missão, o Sr. Barão do Amazonas e todos os chefes das divisões da esquadra. O Sr. Visconde de Tamandaré offerecia-lhes um jantar em honra ao anniversario do juramento da Constituição.

« Os Paraguayos trouxeram á sirga e pela margem direita do rio uma chata, que situaram defronte do *Apa*, e a distancia que as balas de 68 o alcançassem facilmente.

« O fogo da chata principiou logo e com tão exclusiva e boa pontaria sobre o *Apa* que umas balas cahiam-lhe ao costado, jorrando agua no navio, outras passavam a duas braças por cima. da tolda, e uma, penetrando no casco, foi fazer grandes destroços no paiol dos mantimentos.

« Nada tinha de agradavel e menos de seguro a posição das pessoas que se achavam no *Apa*.

. . . .

« Duas horas ou mais levaram os Paraguayos a fazer fogo contra o *Apa*, até que o vice-almirante mandou o encouraçado *Tamandaré*, commandante Mariz e Barros, e a bombardeira *Henrique Martins*, commandante Jeronymo Francisco Gonçalves e os dous vasos sob as ordens do chefe Alvim, tomar a chata ou destruil-a, batendo ao mesmo tempo o forte de Itapirú, se elle quizesse defendel-a com seus fogos.

« Os dous vasos brasileiros approximaram-se á chata quando o fundo do rio permittia, o que visto pelos Paraguayos que a tripolavam saltaram na praia onde tinham encalhado a chata, amarrando-a em terra com duas grossas correntes.

« O *Tamandaré* avançou logo para o forte, que tinha principiado a atirar-lhe com peças de grosso calibre, mas que não tardaram em emmudecer.

« Voltou depois para perto da chata, e o chefe Alvim que, a seu bordo, deu ordem para que os escaleres com suas guarnições armados e alguma força de desembarque em cada um d'elles se dirigissem á chata.

« Os Paraguayos só esperavam esse momento, e descobrindo uma força de infantaria de 800 a 1,000 homens, que tinham

occulta no matto da margem do rio, romperam contra nossos escaleres um fogo vivissimo.

« Tiveram elles porém, bella e opportuna resposta, pois do *Tamandaré* e do *Henriques Martins* rompeu sobre a linha de infantaria paraguaya um fogo de metralha que causou horrivel estrago, correndo os Paraguayos a abrigar-se em um vallo de ante-mão preparado ou atirando-se ao chão.

« Os escaleres e suas guarnições nada tinham soffrido porque, sendo chegada a noite e não podendo de terra precisar-se bem a situação d'elles, os Paraguayos faziam fogo muito por alto ou muito por baixo.

« Chegaram os escaleres quasi ao costado da chata, mas para a desencalhar e mais pàra cortar duas correntes sob o fogo de 800 espingardas, era sacrificar muita gente com minima vantagem: o chefe Alvim, segundo ordens que recebeu do vice-almirante, mandou retirar os escaleres, e que á bala de canhão se desfizesse a chata.

« O *Tamandaré* assim o praticou em quanto o *Henrique Martins*, cujo pequeno callado lhe premittia chegar-se a poucas braças da costa, continuava sobre os Paraguayos um fogo nutrido de metralha e fuzilaria.

« O 1.° tenente Gonçalves, que o commandava, mostrou n'essa occasião muito sangue frio e intrepidez. De pé no passadiço do seu vapor, e com a bosina na mão, duas horas esteve sob uma chuva de balas, e, caprichos da guerra ?— não teve uma contuzão.

« Das 4 horas da tarde ás 8 1/2 da noite não se interrompeu o fogo de artilharia e de infantaria, e, como pela distancia e obscuridão da noite era impossivel conhecer de que lado se pronunciavam maiores vantagens, era geral o desejo de saber noticias. O pequeno vapor *Lindoya* ia e vinha com frequencia, levando a seu bordo o bravo 1.° tenente Silveira da Motta, ajudande de ordens do vice-almirante.

« Na esquadra não havia talvez um homem que não ardesse no desejo de ir tomar parte na peleja. Assim foi grande a alegria que se apossou da tripolação do *Apa* quando se mandaram embarcar 20 homens para reforçar o *Henrique Martins*. Todos queriam ser dos 20 escolhidos.

« Por essa occasião deu-se um facto que merece ser mencionado.

« O capitão do 22.° de voluntarios da patria (Maranhão) Francisco Sabino Freitas dos Reis, que se acha empregado na missão brasileira, pedio ao Sr. Conselheiro Octaviano licença para ir com as 20 praças ao lugar do combate, e lá foi, tomando parte n'elle com muita bravura até findar o mesmo combate.

« Quanto aos officiaes e guarnições do *Tamandaré*, *Henrique Martins* e *Lindoya*, não era possivel excedel-os em bravura.

O chefe Alvim dava o exemplo com a intrepidez que o fará breve um de nossos generaes da armada.

« O heroico Mariz e Barros era o mais audaz no perigo, e a sua face rubra de ardimento bellico, dominando o estrepito do combate com a imperiosa e unica voz de — fogo — assemelhavam-o ao heróe de alguma legenda tytanica.

« O já mencionado 1.º tenente Gonçalves, commandante do *Henrique Martins*; o commandante do *Lindoya*, Antonio Joaquim: o 1.º tenente Silveira da Motta, o pratico Etchbarne, que tem honras de 2.º tenente por factos anteriores de bravura, todos elles e os mais officiaes dos tres navios mostraram n'esse prologo dos combates que ahi chegam, de quanto são capazes nossas marinhas, todos elles não satisfeitos com descobrir-se as balas inimigas nos seus navios, iam já nos escaleres e sob a fuzilaria inimiga apossar-se da chata paraguaya, quando tiveram a ordem positiva para retirar-se abandonando-a.

« Apagados os fogos de Itapirú, destruida a chata, e a infantaria paraguaya, fugindo em desordem e dizimada pela metralha, não havia mais inimigo que combater, e pois os vasos brasileiros se recolheram ao seu fundeadouro. Ao passarem perto do navio chefe as tripolações romperam em vivas ao vice-almirante, que respondeu com vivas ao Imperador.

« Deu-se durante o combate a circumstancia de que algumas bombas do *Tamandaré*, cahindo no acampamento da infantaria paraguaya, que fica perto da costa, o incendiaram, estendendo-se rapidamente o fogo por todo elle, segundo podia julgar-se pelo espaço que as chammas abrangiam.

« Tal foi o pequeno mas animado combate do dia 25 de Março, o primeiro da nossa esquadra nas margens do Paraguay; e, se é exacto que da nossa parte não houve perdas consideraveis, não o é que igual cousa succedesse ao inimigo.

« A precipitação com que se vio fugir para o matto ou atirar-se ao chão, a interrumpção de seus fogos por vezes, e até a circumstancia de não apresentarem nunca mais uma força de infantaria nem para defender as chatas, mostra que os Paraguayos levaram uma lição bem dura.

« Mas elles estavam empesinados com suas chatas. No dia seguinte trouxeram outra, collocaram-a no mesmo lugar da vespera, e fazendo fogo contra o *Apa* conseguiram metter n'esse vapor tres balas das quaes só resultou o ferimento de uma praça e ligeiros estragos no navio.

« Como na vespera, mandaram os encouraçados *Tamandaré* e *Brasil* bombardear a chata.

« O *Tamandaré* fez de perto muitos tiros contra o forte, que não lhe respondeu, talvez por ter ainda desmontadas as peças que usara na vespera. Depois voltou para a chata, cuja tripolação aos primeiros tiros do *Brasil* a abandonou, fugindo desattentada para o matto.

« Tendo-se approximado o *Tamandaré*, lançou contra a chata algumas bombas, até que uma, cuja pontaria o mesmo commandante Barros havia feito, acertou no deposito de munições, que, fazendo explosão, atirou a chata pelos ares e a peça de artilharia no rio. Algum homem que provavelmente tivesse ficado occulto a bordo teria um fim desastroso.

« Era evidente que, emquanto tivessem chatas, os Paraguayos voltariam a incommodar a esquadra; mas no dia 27 não ousaram elles trazel-a fóra da enseada de Itapirú, senão que ahi mesmo a collocaram, encoberta com uma ponta de pedras, de fórma que apenas chegava a perceber-se a parte superior d'ella.

« N'esse dia, porém, mais do que hostilisar a esquadra, a chata e o forte pretendiam embaraçar na sua passagem dous vapores argentinos e o brasileiro *Henrique Martins*, que tinham feito uma nova digressão pelo Paraná acima afim do general Flôres realizar a exploração do passo de Itati.

« Entretanto o *Tamandaré* e o *Bahia* foram enviados contra o forte e a chata, e desde as 10 horas da manhã até as 4 da tarde ouvio-se pausado, mas nunca interrompido, o fogo de canhão de uma e outra parte.

« Na posição em que estava a chata, era ella pouco vulneravel; em compensação o forte era fulminado, e pela poeira e destroços que subiam ao ar calculava-se o estrago que as balas e bombas lhe causavam.

« A' hora indicada (4 da tarde) o *Tamandaré*, cuja guarnição devia estar fatigadissima, até porque reinava um calor intoleravel, começou a retirar-se, andando para traz, porque o canal estreito não lhe permittia dar volta.

« Estava já a bastante distancia do forte e da chata, quando uma bala do forte alcançou o vapor e penetrando por uma portinhola ou abertura da frente da casamata, foi causar d'entro d'ella um doloroso estrago.

« A bala ao entrar arrancara e convertera em projectis as correntes que defendiam a portinhóla, e a propria bala, dando e rebotando de uma parede a outra da casamata, como que se multiplicou infinitamente.

« Das 50 a 60 pessoas que havia na casamata 34 foram feridas ou mortas.

« Por desgraça alli se achavam todos os officiaes e empregados do navio, exceptuando o medico, Dr. Castro Rabello, que descera a levar um ferido á camara.

« Ainda não se tinham verificado os estragos da primeira bala, quando outra penetrou tambem na casamata e os veio augmentar.

« Em officiaes nenhum tinha ficado de pé! Reunidos todos, ao que parece, perto do commandante, foram como elle victimas do desastre.

« Mortos e terrivelmente desfigurados ficaram o immediato

do vapor, 1.° tenente Francisco Antonio de Vassimon, o commissario Carlos Accioli de Vasconcellos, o escrivão Augusto de Barros Alpoim, e 10 praças da guarnição (13 mortos immediatamente).

« Mortalmente feridos foram o bravo commandante Antonio Carlos Mariz e Barros, o 1.° tenente José Ignacio da Silveira e tres ou quatro praças mais. (seis que falleceram depois).

« Ficaram ainda feridos, porém com menos gravidade, os 2.os tenentes José Victor de Lamare e Dionysio Manhães Barreto, com mais onze praças da guarnição.

« Foi este official, unico que podia ter-se em pé, quem tomou o commando do *Tamandaré* e com bastante serenidade o trouxe ao seu fundeadouro no meio da esquadra.

« Aos signaes que elle fez para o navio chefe de que o commandante estava ferido e varios officiaes mortos, o vice-almirante mandou um dos seus escaleres com quatro medicos ao encontro do *Tamandaré*, elle proprio para lá se dirigio apressadamente.

« Era horrendo o espectaculo que apresentava a casamata do encouraçado ao chegar ahi o vice-almirante; o sangue a alagava e destroços de corpos humanos alastravam-a. (*)

« O intrepido Barros, a quem para logo dirigio o vice-almirante, e que jazia sustentado por duas praças, pois a segunda bala lhe arrancára a perna direita abaixo do joelho, recebendo-o rindo e apertando a mão a seu carinhoso chefe, o qual á sua vez escondia no intimo do peito a dôr que sentia vendo quasi moribundo esse official, a quem amava a par de seus filhos.

« O 1.° tenente Silveira, cujo corpo a bala destroçára, arrancando-lhe uma perna e um braço, ainda vivia; mas, sentindo que ia morrer, apertou tambem a mão de seu chefe, e com a maior calma despedio-se d'elle e de seus camaradas. Depois beijando uma imagem sagrada, pronunciou a palavra *adeus!* e.... expirou. Os outros feridos mostravam-se não menos serenos e corajosos.

« O vice-almirante fez que puzessem em sua canôa com todo o cuidado o commandante Barros, e foi com elle ao *Onze de Junho*, que serve de hospital de sangue na esquadra.

. . . .

« E' occioso ponderar o desgosto que causou na esquadra o desastre do *Tamandaré*, e muito mais quando não se podia ver n'elle mais do que uma fatal casualidade.

(*) No combate de Trafalgar correu sangue pelos escouvens da náo ingleza *Victoria*; isto não causou admiração, sabendo-se que tinha 800 homens de guarnição e que o combate durou mais de 4 horas estando as náos a pequena distancia e fazendo fogo as tres baterias com 40 ou 50 peças de cada lado porque algumas das náos hespanholas tambem tinham 100 peças: o que se admirou foi que, duas balas posessem fóra de combate a 34 homens no espaço de poucos minutos.

« Aos homens da arte naval pertence dizer se não é um grande defeito em um navio encouraçado deixar a possibilidade de entrarem balas na casamata, onde cada uma d'ellas póde fazer tão terrivel damno e até não deixar um só homem de pé.

« Mas está averiguado que as duas balas ao entrarem no *Tamandaré*, este achava-se a tal distancia do forte e da chata que era muito difficil descobrir-se as aberturas da casamata.

« Foi, portanto, um acaso, um funesto acaso, o que trouxe á esquadra tão sensiveis perdas.

« Eu mesmo, escrevendo a minha carta anterior, escrevia estas palavras, que agora apparecem tristemente profecticas: —O tenente Barros se fará matar no primeiro combate;— nunca teria imaginado que isso acontecesse por ter penetrado uma bala na casamata; referia-me á circumstancia, que me era conhecida, de ter álcançado do vice-almirante a promessa de que lhe daria em Humaitá o posto do maior perigo e o encargo de cortar as correntes.

« Para não voltar sobre este afflictivo episodio, direi desde já que o commandante Barros sómente sobreviveu algumas horas á sua ferida. Acompanhado por varios medicos da esquadra, dous d'elles especialmente encarregados do seu tratamento, foi no *Onze de Junho* levado para Corrientes; mas o diagnostico era máo, com poucas esperanças de bom resultado foi que combinaram na amputação da perna acima do joelho.

« Trouxeram o chloroformio, o que visto pelo doente sorrio-se, dizendo que isso era bom para as mulheres: —Dêm-me um charuto aceso, accrescentou, e cortem.—

« De facto levou fumando, sem dar um gemido, todo o tempo que durou a amputação.

« Elle sempre acreditou que succumbia, e assim o exprimio, até nas referencias que fazia ao facto de sua preterição. A' meia noite, porém, sentio que a morte se lhe approximava, e o manifestou com toda a calma e firmeza de animo. Deu ao Dr. Carlos Frederico recados para sua familia, repetindo esta phrase: — Mande dizer a meu pai que eu sempre soube respeitar seu nome. — Depois.... adormeceu para sempre.

« Esta morte, que lembra as de D. Fuas Roupinho e de Bayard, a do não menos intrepido 1.º tenente Silveira, e a resignação com que os mesmos marinheiros morriam, dão a medida do que o Brasil póde esperar de seus filhos!—*Morte de Espartanos*,—as chamou um nobre jornal argentino, e, de facto, menor elogio não lhe cabe.

« Que a dôr dos pais, esposas e filhos d'esses bravos seja mitigada pela certeza de que elles morreram como heróes, e que os proprios e os extranhos dão á sua intrepidez o merecido tributo de admiração!

« Barros foi sepultado em Corrientes, Vassimon e os outros na margem esquerda do Paraná, defronte do Passo da Patria. Cada um dos officiaes foi coberto com a bandeira brasileira, e uma modesta cruz assignala seu jazigo, até que a nação os faça levar ao solo da patria, que tanto amavam e por quem morreram.

« Na noite de 27 foi a guarnição do *Tamandaré* reorganisada, nomeando-se commandante d'elle o 1.° tenente Elisiario José Barbosa, que commandava a *Mearim*.

« No dia 28 ainda os Paraguayos amanheceram com uma nova chata, collocada defronte do *Apa*. Como as balas cahiam perto não só d'elle mas do *Cysne*, do *Princeza*, onde entrou uma, e de outros transportes, o vice-almirante deu ordem para que todos fossem fundear mais longe. Só ficou o *Apa* na sua primitiva posição e de alvo ao inimigo. O bravo almirante entendeu que assim convinha á dignidade do seu pavilhão.

« Mandaram-se, porém, os encouraçados *Barroso* e *Brasil* bater a chata e o forte, o que fizeram por espaço de duas horas, até fazer calar os fogos do segundo. A chata tomára uma posição em que se julgava mais segura, quando uma bomba do *Brasil* a alcançou, matando ou ferindo gravemente o que parecia ser official e mais praças: as outras pularam em terra.

« Da nossa parte tivemos tambem algumas perdas. No *Brasil* foram mortos dous homens e feridos tres.

« No *Barroso* uma bala quebrou-se contra a portinhola, e um dos cascos foi ferir gravemente na fronte e braço direito ao 2.° commandante, 1.° tenente Fiusa. Transportado logo a Corrientes sob os cuidados do Dr. Carvalho Filho, que se offereceu para tal fim, no seguinte dia e hoje mesmo o seu estado não dá todas as esperanças de podêl-o salvar. Quando menos ficará com grave defeito no braço. Direi occasionalmente que é hoje considerado fóra de todo o perigo o 2.° tenente José Victor de Lamare. Entrou em convalescença.

« Tambem no *Brasil* foi ferido por um estilhaço nas costas o chefe Alvim, mas o ferimento é tão leve que não o obrigou a deixar o seu posto.

« Sendo de todo destruida a chata que os Paraguayos haviam trazido n'esse dia, cessou o apparecimento d'ellas, ficando assim encerrada a primeira pagina dos cambates parciaes da nossa esquadra nos rios do Paraguay.

« Ao descrever com tanta prolixilidade as scenas de que fui testemunha, quiz habilitar o leitor para julgar o que é um combate d'esse genero. Que elles hão de repetir-se ninguem o duvida, e, pois, o que hoje digo servirá para que se julguem outros recontros posteriores, salvos apenas os incidentes.

« Continuarei agora mencionando ligeiramente o que se passou nos dias successivos.

« A 29 nada houve.

« No dia 30, á 1 hora da madrugada, uma chata paraguaya, vindo, ao que se suppõe, de Humaitá com 30 a 40 homens a bordo, pretendeu passar da boca do Paraguay para o forte de Itapirú, Presentida, porém, pelos escaleres da 2.ª divisão, que bloqueia com muita vigilancia a boca d'esse rio, foi accommettida e aprisionada. A bordo d'ella acharam-se todos os preparativos para montar uma pêça de 68.

« N'esse dia encalhou o *Brasil*, sendo necessario inauditos esforços para o tirar 12 horas depois.

« Está verificado o grande prestimo do *Bahia*. Nos dias 28 e 29 tocaram-o 39 balas de calibre 68, que se não deixaram inteiro o menor objecto da tolda, inclusive os moitões não fizeram mossa na couraça. E' um bello encouraçado o *Bahia*.

« No dia 31 de março e 1.º de Abril não occorreu novidade.

« No dia 2 trataram os Paraguayos de fazer montar a ponta E. do Itapirú por uma chata, talvez para repetir as scenas anteriores. Mas, como já então achava-se montada na margem corrientina do Passo da Patria uma bateria do exercito brasileiro, com peças raiadas de 12 e sob a direcção do habil tenente-coronel Carvalho, ella fulminou a chata, obrigando a retirar-se.

« N'esse dia os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e as canhoneiras *Henrique Martins* e *Chuy* tomaram posição acima do forte de Itapirú. A chata que ao amparo d'este fez alguns tiros, acertou uma bala no transporte brasileiro *Duque de Saxe*.

« No dia 3 realisou-se uma vantajosa operação, e foi a de sondar-se o canal da ponta E. da ilha, em frente ao acampamento paraguayo, verificando-se, com grande prazer do vice-almirante e da esquadra, que não tem esse canal menos de 12 pés de profundidade. Isto assegura a nossos navios uma magnifica posição para bombardear o inimigo.

« No dia 4, cahindo um forte temporal de SO, causou em poucas horas quasi incrivel descenço de 30.º no thermometro, de modo que do calor excessivo passou a temperatura a ser intensamente fria.

« Houve n'esse dia um passado paraguayo, cujas informações se não são importantes, são curiosas. Lopez prometteu uma medalha aos soldados que conseguissem aprisionar um dos encouraçados brasileiros. Um regimento de cavallaria, estimulado pela promessa, está disposto a realisar a façanha !

« No dia 5 subio o Paraná uma expedição composta dos vapores, *Itajahy Henrique Martins e Greenhalgh*, e dos argentinos *Chacabuco* e *Buenos-Ayres*. A expedição que foi ás ordens do chefe Alvim chegou a Itati e devia subir tres leguas mais acima, até o passo chamado das Linguas.

« No dia 6, amanhecendo occupada por forças brasileiras a

ilha visinha a Itapirú, operação de que adiante fallarei, os encouraçados *Tamandaré* e *Bahia*, e a canhoneira *Mearim* bombardearàm o forte de Itapirú, que não tardará a ficar em escombros.

« Taes são até á ultima data (6 do corrente ao meio dia) as operações de nossa esquadra, e n'ellas resaltam os caracteres que hão de sempre apresentar na encetada campanha, isto é, intrepidez opposta á realidade paraguaya, e ao mesmo tempo a maior ordem e concerto nas operações. Sem comprometter um só vaso, sem perder um escaler, e apènas com desastre inteiramente casual acontecido no *Tamandaré* tem-se realisado a difficilima tarefa de sondar o rio a tiro de espingarda das fortificações paraguayas, estudar suas margens, fulminar todos os meios de guerra descobertos pelo inimigo, deteriorar seus acampamentos e causar-lhe graves perdas em homens.

« Louvores, pois, ao bravo e intelligente almirante, e essa denodada officialidade, justo orgulho do Brasil e por ultimo ás guarnições de todos os navios, tão valentes como disciplinadas !

« Se algum pezar póde restar-nos é que a guerra actual não seja uma guerra mais nobre e mais alta do que a de chatas, escondidas entre rochas e fortes que escondem a bandeira quando os vasos brasileiros se lhes põem em frente.

« A ninguem, todavia, é dado escolher inimigos ; e o Brasil teve de aceitar no grosseiro mas ardiloso Paraguayo um que a nobreza de seus sentimentos teria sempre rejeitado. Por isso não cuida de vencêl-o, porém de esmagal-o. Guarda-se todo para Humaitá. »

Terminando esta transcripção das operações navaes no Passo da Patria, não devemos deixar de tambem extractar da correspondencia de Montevidéo de 14 de Abril do mencionado anno, uma carta de D. Victor Varella (Oriental) e um artigo da *Nacion Argentina*, para assim demonstrar á heroica officialidade da marinha de guerra brasileira quanto desejamos fazer patentes de modo cathegorico e insuspeito os seus reaes merecimentos e relevantes serviços prestados na ardua e longa campanha do Paraguay, que acaba de concluir-se com tão completo triumpho para as armas alliadas.

Distinctos escriptores apparecerão sem duvida tratando com consummada proficiencia da historia d'esta guerra; porém nenhum será mais exacto e imparcial nas suas narrações, nem terá maior desejo de fazer inteira justiça aos nossos bravos compatriotas do exercito e armada, que tanto se dis-

tinguiram na campanha do Paraguay e illustraram o nome brasileiro.

CORRESPONDENCIA DO JORNAL DO COMMERCIO.

« Montevidéo 14 de Abril de 1866.

. . . .

« Entre outras tocantes manifestações de pezar cito uma carta de D. Victor Varella a seu irmão, na qual, depois de muitos elogios, se leêm as sentidas linhas que se seguem:

«— Amigo pessoal de Barros, eu me associo de todo o coração ao sentimento de amargura e de pezar que sua morte ha causado no exercito e nas esquadras alliadas, e ao pedir-te que consignes esta humilde recordação nas columnas da *Tribuna*, desejo que os que o sobrevivam na patria para choral-o, ao receber a noticia do seu triste fim, recebam ao mesmo tempo o unico consolo que em taes casos nos envia Deus: o de saber que o heróe teve em praia estrangeira quem o admire e quem o chore.—

« A *Nacion Argentina* em um artigo que tem por titulo a — Intrepidez dos marinheiros brasileiros —, diz o seguinte, cuja transcripção me parece de interesse, porque demonstra o effeito que causou em Buenos-Ayres o sinistro do *Tamandaré*.

« — Testemunhas oculares nos referem os seguintes factos que demonstram até onde chega a intrepidez dos officiaes e guarnições da esquadra brasileira.

« — Diariamente se vêm os escaleres da esquadra sondando com a maior serenidade ao alcance da artilharia paraguaya, e até chegando a pôr-se a tiro de fuzil d'ella.

« — Os ajudantes de ordens do Sr. vice-almirante, Silveira da Motta, Carneiro da Rocha e Tamborim, cruzavam, de dia e de noite, debaixo da artilharia e fuzilaria inimiga, para levar as ordens de seu chefe, offerecendo-se para as commissões mais perigosas.

« — Na tarde do dia 25 os officiaes viram-se obrigados a constranger as guarnições para se abrigarem nas casamatas contra a fuzilaria paraguaya.

« — O 1.° tenente Gonçalves, que commanda o *Henrique Martins*, manteve-se mais de duas horas sobre o passadiço de seu vapor e debaixo do fogo continuo dos Paraguayos.

« — Porém, eis aqui factos ainda mais gloriosos, factos homericos de valor e serenidade sob a pressão da dôr e em presença da morte!

« — O commandante Barros, grande alma, nobre coração, não lançou um gemido em seu largo soffrimento.

« — Estendido sobre uma padiola, com metade da perna

sómente e coberto de sangue, sorria aos amigos que se lhe approximavam.

« — Quando os medicos lhe iam amputar a perna repellio o chloroformio que lhe queriam dar, dizendo: —Deixem isto para mulheres, a mim dêm-me um cigarro.—

« — Deram-lhe com effeito; e todo o tempo que durou a amputação esteve fumando, sem lançar um grito, sem pro nunciar um ai!

« — Depois, conhecendo que ia expirar, se dirigio a um dos medicos, dizendo-lhe:—Mande dizer a meu pai, que sempre honrei seu nome. — Pareceu que adormecia, e já não existia!

« — E' assim que vós, valente Vassimou, heroico Silveira, intrepido Barros, respondeis morrendo como Espartanos, aos que calumniam a vossa patria e negam o valor de seus filhos! —

« O sacrificio d'estes martyres, com effeito produzio uma completa mudança na opinião publica, e geralmente se admira a coragem de nossos dignos officiaes, entre os quaes muito se distinguio tambem o 1.° tenente Manoel Ricardo da Cunha Couto, que de dia e de noite vive a sondar o rio para levantar-lhe a planta.

. . . .

« Os Brasileiros e seus chefes eram os culpados de tudo; não se moviam, nada faziam, entretanto que os alliados se achavam promptos..

« Sóbe o almirante; lá está á testa da esquadra ha mez e meio, porque ainda não se invadio o Paraguay?

« Porque o exercito argentino não está prompto. Faltam-lhe viveres para emprehender uma operação tão seria, faltam-lhe cavallos para montar a cavallaria, faltam-lhe bois para mover a artilharia. Não sou eu quem o diz; são as correspondencias vindas do proprio exercito argentino, como se vai ver:

«— Crêr que a contenda se dicidirá promptamente é fazer-se victima de uma illusão. A verdade antes de tudo: o exercito argentino não tem cavallos, não tem gado para manter-se. Tanto é assim que n'estes dous dias se esteve a meia ração, e ainda hontem faltou. Estes dous elementos são indispensaveis e em grande numero porque a invasão que vai effectuar-se não é uma operação commum, é uma empresa gigantesca, um facto fecundo em difficuldades. Não succede assim ao exercito brasileiro que possue em profusão tudo quanto póde necessitar.

« — Todos, e eu tambem, temos proferido amargas queixas contra os Brasileiros, pois os julgavamos autores de nossa inacção e immobilidade; porém não. Temos sido injustos. Nossa estadia fatigante, nossos immensos soffrimentos no inolvidavel campo da Ensenada, não eram os Brasileiros, eram sim nossa carencia de recursos: — sem cavallos marchamos

a pé, não contamos com cem cabeças para poder dar alimento ao soldado argentino, mais paciente que o primeiro soldado do mundo, e tão paciente como valente.—

« Por fim a verdade vai apparecendo, e se nos começa a fazer justiça.

« Entretanto não tem sido perdido este tempo. Nossa esquadra o tem aproveitado para levantar plantas e sondar debaixo de fogo, e hoje conhece o rio que tem de operar, do qual não havia um só pratico na Confederação Argentina. Ao menos nunca nos foi offerecido, embora os procurassemos.

« D'este reconhecimento trabalhoso se deprehende que até o Itati, no nivel actual do rio, podem navegar nossos navios que demandarem até 12 pés, e todos estão n'estas condições.

« Abaixo de Corrientes os *passos* tem menos agua que ha um mez. Mas no dia 3 começou o rio novamente a crescer, e até o dia 11 crescia com força, como nos diz hoje o paquete do Paraná. »

Importantissimas reflexões podiamos fazer, depois do que fica transcripto acima, sobre as operações navaes da nossa esquadra no Passo da Patria em Março de 1866; porém, a descriçpão que apparecerá no terceiro volume, dos combates executados pela distincta armada nacional desde Agosto do anno seguinte, nos dispensa d'este trabalho n'este lugar; porque as operações praticadas pela esquadra na margem direita do Passo da Patria, não as julgamos comparaveis aos subsequentes e brilhantes feitos da mesma esquadra no rio Paraguay desde o dia 15 de Agosto de 1867 até o fim da guerra, combates e feitos que ennobrecem tanto aos que os praticaram como ao paiz a que pertencem.

Para se saber que a marinha de guerra brasileira tinha adquirido um nome brilhante distincto entre as outras marinhas de guerra das nações da Europa, não foi preciso esperar narração das operações que tiveram lugar defronte de Humaitá, porque esse nome illustre tinha-o já adquirido nos combates de Riachuelo, de Mercêdes e de Cuevas; desde então vio-se o que a nação podia esperar da sua força naval, e confiando n'estes precedentes deu o governo imperial novo impulso á guerra feita em um rio guarnecido de artilharia, além dos embaraços naturaes; os esforços da marinha de guerra, dirigida por outro chefe, conquistou um nome immortal como veremos no terceiro volume.

Tendo mostrado quaes foram as operações da esquadra brasileira no Passo da Patria em Março de 1866, emquanto o nosso exercito esteve acampado na margem esquerda d'aquelle lugar, vamos transcrever as partes que deu o vice-almirante ao governo imperial.

« Commando em chefe da força naval do Brasil no Rio da Prata.—Bordo do vapor *Apa* em frente ao forte paraguayo de Itapirú, 22 de Março de 1866.

« Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de communicar a V. Ex. que me acho desde o dia 20 do corrente com a esquadra do meu commando em chefe nas embocaduras dos rios Paraguay e Alto Paraná, na formatura seguinte; a 1.ª e a 3.ª divisões formadas em linha desde as Tres-Bocas até á altura do forte de Itapirú, ficando este vapor na testa da linha, e a 2.ª divisão na embocadura do Paraguay, tambem em linha, cuja testa é o encouraçado *Barroso*.

« D'este modo estão interceptadas todas as communicações do inimigo entre estes dous rios, o que diminue consideravelmente os recursos de que elle dispunha anteriormente para hostilisar-nos.

« No dia 21 partiram d'aqui os vapores *Tamandaré*, *Araguary* e *Henrique Martins*, commandados pelo capitão de mar e guerra Alvim, com instrucções para reconhecer os passos do Alto Paraná comprehendidos desde este ponto até o Itati, afim de escolher-se o lugar mais favoravel de effectuar-se a passagem do exercito.

» A bordo da canhoneira *Araguary* foi a commissão encarregada de apresentar-me o plano hydrographico do reconhecimento, composta do 1.º tenente Arthur Silveira da Motta, meu secretario e ajudante de ordens; do 1.º tenente Hoonholtz, commandante d'esta canhoneira, e do 1.º tenente Manoel Ricardo da Cunha Couto, commandante do patacho *Iguassú*.

« Seguiram os referidos navios até á ponta de Toledo, duas e meia leguas acima do Passo da Patria, sondando todos os canaes e determinando as posições do grande numero de bancos e pedras, que o tornam tanto mais difficil á navegação do rio pela falta quasi absoluta de praticos d'estas paragens.

« Estes navios encontraram grande numero de chalanas paraguayas cheias de soldados, que se refugiavam nos arroios apenas os avistavam. Um vapor paraguayo conserva-se no canal entre a ilha grande do Passo da Patria, o acampamento do exercito inimigo e o forte de Itapirú, junto ao qual tambem estão collocadas duas chatas com peças de grande calibre.

« No dia 21 mesmo, ás 5 horas da tarde, quando regres-

sava aquella divisão, encalhou a canhoneira *Araguary* sobre uma pedra que se acha entre a ilha do Curajá e a margem esquerda. A consequencia d'este sinistro foi ficarem os tres navios durante todo o dia n'aquelle ponto, onde era de esperar que fossem atacados durante a noite, o que, porém, não realizou-se.

« A's 2 horas da madrugada do dia 22 uma bateria volante collocadas nas Tres-Bocas fez 14 tiros de bala contra o *Barroso*, no qual, porém, nenhum tocou.

« A's 6 horas da manhã fiz subir a canhoneira *Mearim* e o pequeno vapor *Voluntario da Patria*, do exercito, afim de empregarem todos os esforços para desencalharem a *Araguary*. O forte de Itapirú, que já no dia 21 havia atirado algumas balas contra os tres primeiros navios que subiram, sem conseguir tocal-os, fez 18 tiros juntamente com as chatas contra a *Mearim* sem tambem tirar resultado algum.

« Quando esta canhoneira chegou á ilha do Toledo, já encontrou a *Araguary* desencalhada, fazendo, porém duas e meia pollegadas d'agua por hora. O *Tamandaré*, que tambem na manhã do dia 22 tocou em outra pedra, nenhuma avaria soffreu.

« Tendo parado a crescente do Paraná, resolvi não expôr esta divisão a ficar inactiva e exposta acima de passos de agua escassa, e mandei-a tomar a formatura em que se achava anteriormente na esquadra, ficando prompta para apoiar qualquer ponto da linha que fôr por ventura atacado durante a noite.

« Creio que na formatura em que está a esquadra, os navios se apoiam mutuamente de modo que nenhum poderá cahir nas mãos do inimigo, se tentar algum golpe de abordagem singular durante a noite. Mas se isto acontecer, apezar de todas as providencias que tenho dado para evitar sorprezas do inimigo, o navio que fôr tomado de abordagem será retomado immediatamente, custe o que custar, para que a esquadra não soffra o ultrage de vêr um dos seus navios levado pelo inimigo.

« Hoje se reuniram aqui abordo os generaes Mitre, Flôres e Ozorio, por ser o dia marcado para fazermos o reconhecimento, do qual deve resultar a escolha do passo em que se effectuará a passagem do exercito.

« O encalhamento do *Tamandaré* e da *Araguary*, porém, obstou a que isto se realizasse hoje, ficando adiado para amanhã.

« Muitas condições deve satisfazer o ponto que se escolher para a passagem do exercito, das quaes porém a principal é a de poder-se d'este ponto marchar de modo que se possa contornar o grosso das forças inimigas acampadas a duas leguas do Passo da Patria.

« No dia 24 conto que estará feito por mim e pelo gene-

ral Mitre o reconhecimento de todos os passos até o Itati. Da possibilidade ou não de fazer-se a passagem do exercito n'este ultimo ponto, depende o momento em que deve começar a arrazar as fortificações da margem direita do Paraná, e da esquerda do Paraguay, e a hostilisar o inimigo por todos os meios de que disponho.

« Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro Francisco de Paula da Silveira Lobo, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha.— *Visconde de Tamandaré.* »

N'esta parte do vice-almirante, que acabámos de transcrever, diz elle muito succintamente que uma bateria collocada nas Tres-Bocas fez 14 tiros de bala contra o *Barroso*, no qual nenhum tocou; que o forte de Itapirú fez 18 tiros juntamente com as chatas contra a *Mearim*, sem tambem tirar resultado algum.

Não declara na sua parte qual foi a resposta que deu a estas provocações; pelo que parece que não respondeu como devia.

Não havia nada mais natural do que mandar fazer fogo immediatamente até destruir as baterias que o hostilisavam, pois que commandando uma força consideravel devia-o fazer e não ficar mero espectador do que presenciava.

Nunca se vio em operações de guerra soffrer um exercito o fogo do contrario e ficar immovel. E' um dos factos inexplicaveis d'esta guerra que acabou, e que pertence ao começo das operações navaes no Passo da Patria em Março de 1866.

PARTE OFFICIAL.

« Commando em chefe da força naval do Brasil.—Bordo do vapor *Apa*, em frente ao forte de Itapirú, no rio Paraná, 29 de Março de 1866.

« Illm. e Exm. Sr.—Vou ter a honra de relatar a V. Ex. os factos que se tem dado n'esta esquadra desde o dia 22 do corrente, cujas graves consequencias foram previstas por mim em minhas anteriores communicações a V. Ex., quando apresentei as razões porque não tomava a posição em que me acho presentemente, sem contar com todos os meios de effectuar-se a immediata passagem do exercito para a margem inimiga.

« A demora que tem havido em decidir-se o ponto por onde se deve realizar esta operação, tem permittido ao ini-

migo aproveitar-se dos recursos de que dispõe em seu territorio para hostilisar a esquadra constantemente.

« Os obstaculos que se encontram na navegação do Alto Paraná, que se augmentam ainda pela falta de praticos d'este rio, não são menos prejudiciaes aos navios, do que as hostilidades do inimigo, Já a canhoneira *Araguary* foi retirada d'esta esquadra, inutilisada pelas avarias que soffrêra quando encalhada no dia 21 do corrente, como communiquei a V. Ex.

« Em confidencial de 22 do corrente participei a V. Ex. que havia subido uma divisão para explorar o rio Paraná até a Itati. Como, porém, as aguas continuassem a baixar, mandei ordem áquella divisão para vir encorporar-se á esquadra. Quando vinha a 3.ª divisão rio abaixo, foi hostilisada pelo forte de Itapirú, não soffrendo porém damno algum.

« No dia 23 fui com o general Mitre fazer o reconhecimento dos differentes passos do rio. A 3.ª divisão acompanhava o vapor *Cysne*, em que ia-mos em companhia do Sr. conselheiro Francisco Octaviano. O forte de Itapirú atirou-nos algumas balas, que felizmente não offenderam navio algum. Chegámos n'este reconhecimento até o passo de Jaguary, d'onde regressamos ás 4 horas da tarde, sendo tambem hostilisados na volta pela dita fortaleza.

« No mesmo dia um vapor paraguayo, com um chata armada de um rodisio de 68 a reboque, montou a ponta do Itapirú e veio collocar-se na margem do rio e na perpendicular da *Beberibe*, para a qual fez muitos tiros, que felizmente não acertaram; a *Beberibe* respondeu ao fogo da chata, obrigando-a a retirar-se.

« Duas horas depois d'isto, voltou o vapor a tomar a mesma posição com outra chata, e continuaram a atirar sobre a esquadra até o pôr do sol. O *Tamandaré* ficou durante a noite encalhado em frente ao forte de Itapirú, conseguindo-se com muita difficuldade desencalhal-o no dia seguinte.

« Dia 24 de Março.—O vapor paraguayo com a mesma chata tomou a posição do dia antecedente e fez muitos tiros sobre a esquadra, conseguindo acertar uma bala no *Brasil* acima da portinhola de vante a bombordo. Esta bala fez-se em pedaços, mas produzio uma depressão de mais de pollegada na chapa em que bateu, e abalou o madeiramento interior. Dei ordem a alguns dos nossos navios a atirarem sobre o vapor, e assim a chata foi obrigada a retirar-se.

« Dia 25.—A's 3 da tarde uma chata montou a ponta de Itapirú por meio de espias, e collocou-se na margem do rio, quasi na perpendicular d'este navio, para o qual atirou 14 balas, acertando apenas uma. Seguiram immediatamente o *Tamandaré* com o chefe Alvim e o vapor *Henrique Martins* sobre a chata, que foi logo abandonada.

« Largaram tres escaleres para passar reboque á chata, os quaes foram repellidos por forte fuzilaria occulta no bosque

vizinho da margem. Esta fuzilaria foi respondida por fogo de metralha dos dous navios, continuando-se a atirar com bala rasa e bomba sobre a chata, afim de destruil-a completamente.

« Depois de anoitecer, o bravo 1.º tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros fez uma segunda tentativa de abordar a chata, mas então juntou-se á fuzilaria do matto, vivo fogo de artilharia e de foguetes a congrève do forte; e tão arrojada empreza foi frustrada como era de esperar.

« O capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim dirigio este fogo, que durou 4 horas e 30 minutos, e no qual só tivemos um homem ferido, sendo de suppôr que o inimigo soffreu muitas perdas, procedidas pelo vivo fogo de metralha nutrido pelo *Henrique Martins* a pequena distancia da praia.

« Este vapor recebeu duas balas de artilharia que produziram apenas avarias superficiaes. Os nossos officiaes e marinheiros bateram-se com bravura durante as 4 horas e 30 minutos de fogo que sustentaram.

« Dia 26. — A's 2 horas da tarde uma outra chata paraguaya veio tomar a posição do dia antecedente, e ás 2 horas e 30 minutos começou a atirar sobre este vapor, no qual acertaram 3 balas de 68, sendo 2 na caixa da roda e uma quasi na linha d'agua.

« Mandei avançar sobre a chata os encouraçados *Tamandaré*, *Bahia* e *Barroso*. O segundo d'estes recebeu depressão de uma pollegada, outra que atravessou o castello de prôa, e a terceira no mastro de traquete, que o inutilisou, levando metade de sua grossura. Aos primeiros tiros dos encouraçados, a chata foi abandonada. Continuando a atirar sobre ella o *Tamandaré*, determinou uma explosão na polvora que ella continha fazendo-a em pedaços.

« Dia 27.—O general Flôres, desejando reconhecer o passo de Itati, pedio-me a protecção de um dos vasos da esquadra para acompanhar os dous vapores argentinos, que pelo seu pequeno calado e boa marcha, o mesmo general escolheu para aquella exploração. Mandei o vapor *Henrique Martins* com a commissão hydrographica, que fez o reconhecimento do rio até o ponto do Itati.

« De volta o general Flôres declarou que achava o passo do Itati muito desvantajoso para a passagem das forças, pelo que me parece que ella tem de effectuar-se aqui mesmo no Passo da Patria, apezar de todos os obstaculos que temos diante de nós.

« Pouco depois do meio dia veio a chata paraguaya collocar-se sobre a ponta de Itapirú com o casco encoberto pelas pedras, e começou a atirar sobre este vapor, acertando-lhe uma bala de 68. Approximaram-se da chata para fazel-a calar os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré*. Continuou a

chata a fazer fogo sobre os encouraçados, resultando entrarem duas balas na casamata do *Tamandaré*, que puzeram 34 homens fóra de combate, sendo 10 mortos e 24 feridos, na maior parte gravemente.

« O paiz tem a deplorar a perda do bravo e denodado 1.° tenente Antonio Carlos Mariz e Barros, do qual se esperavam os melhores serviços n'esta guerra, e dos seus distinctos officiaes os 1.° tenentes Francisco Antonio de Vassimon e José Ignacio da Silveira, o commissario Carlos Accioli de Vasconcellos e o escrivão Augusto de Andrade Alpoim.

« Os 2.os tenentes Dionysio Manhães Barreto e José Victor de Lamare, e o guarda-marinha Francisco de Paula Mascarenhas, foram tambem feridos. D'estes o primeiro tomou o commando do navio e transmittio-me a parte que a este inclúo por cópia, acompanhada da relação nominal dos mortos e feridos.

« O commandante Barros teve o joelho esmagado por um estilhaço de bala; pelo que soffreu a amputação da côxa, succumbindo como um heróe depois d'esta dolorosa operação. Os officiaes mortos succumbiram quasi que instantaneamente. O chefe Alvim, que se achava no encouraçado *Bahia*, foi contuso levemente.

« Em consequencia d'estes sinistros o *Tamandaré* retirou-se do fogo, e os feridos foram recebidos a bordo do *Onze de Junho*, que serve de hospital de sangue, e n'este mesmo vapor transportados para Corrientes.

« Dia 28.—Ao romper do dia, uma outra chata começou a atirar sobre os encouraçados e sobre os navios da 1.a divisão, acertando duas balas no *Princeza de Joinville*, uma no transporte *Riachuelo* e outra na *Parnahyba*.

« O *Bahia* seguio a tomar posição perto do forte e d'ahi logo nos primeiros tiros quebrou o canhão paraguayo.

» O encouraçado *Barroso*, que tambem fôra distruir a chata, teve seis feridos graves, dos quaes um foi o distincto 1.° tenente Luiz Barbalho Muniz Fiuza, todos feridos dentro da casamata.

« O *Brasil* teve um imperial-marinheiro morto e outro ferido, que se achavam fóra da casamata por terem ido largar a ancora.

« O *Barroso* ficou com a chaminé das fornalhas quasi completamente cortada, e com uma peça raiada de 120 inutilisada por uma bala que bateu-lhe na boca.

« Por falta de tempo não remetto a V. Ex. cópias das partes que tenho recebido dos commandantes das divisões e dos navios que tem sido empregados nas commissões acima referidas.

« Dia 29. — A *Belmonte* foi occupar uma posição d'onde experimentou o alcance das bombas de 68 sobre o forte de Itapirú.

« Dia 30.—A's 2 horas da madrugada os navios da 2.a divi-

são, que se acha fundeada na boca do Paraguay, tomaram uma chata que descia d'este rio pela margem esquerda com o fim de passar para o Itapirú. O inimigo tem perdido, portanto, tres chatas e um canhão de 68 que ficou partido em duas partes por bala do *Bahia*.

« Peço desculpa a V. Ex. por officiar-lhe em fórma de diario, o que fiz no intuito de ser minucioso, aproveitando o pouco tempo de que disponho. Juntamente encontrará V. Ex. as descripções das avarias feitas no *Bahia* e no *Barroso* pelas balas inimigas, tendo este recebido mais de 20 balas e aquelle 39, todas de calibre 68.

« Aproveito a opportunidade para retirar a V. Ex. os protestos de minha mais elevada consideração e respeito.

« Illm. e Exm. Sr. conselheiro Francisco de Paula da Silveira Lobo, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha.—*Visconde de Tamandaré.* » (*)

Terminando a transcripção das partes que mandou o commandante da esquadra brasileira ao governo imperial, sobre as operações navaes no Passo da Patria, não vemos nada de notavel senão a perda de gente que tivemos no ataque ao forte de Itapirú; e porisso nada devemos dizer sobre aquelles acontecimentos.

(*) Estes officios foram publicados no *Jornal do Commercio* de 21 e 25 de Abril de 1866.

LIVRO DECIMO QUARTO.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE A FORMAÇÃO DO EXERCITO E SUA ORGANISAÇÃO COMPLETA ANTES DE PRINCIPIAR A CAMPANHA DO PARAGUAY.

Quando nos recordamos de que em 1864, antes da desintelligencia com o governo de Montevidéo, o Brasil não tinha exercito e só corpos destacados em pequena força, e que em Abril de 1866 tinha no norte da provincia de Corrientes um exercito de 33,000 homens, de cuja descripção nos vamos occupar, é necessario dizer a quem se deve esta transformação rapida do nosso armamento, que se operou para fazermos a guerra ao Paraguay.

Creou-se um exercito numeroso e o maior que se tem visto na America do Sul pela influencia do decreto de 7 de Janeiro de 1865, que determinou a formação dos batalhões de voluntarios da patria para servirem em quanto durasse a guerra. Em todo o Imperio manifestou-se grande enthusiasmo e patriotismo na população, e o desejo de desaffrontar a honra nacional offendida, milhares de homens correram de todas as partes para se alistarem nos batalhões de voluntarios que se organisaram em todas as provincias.

A' medida que os corpos se aprromptaram marcharam para esta côrte, e d'aqui seguiram a incorporarem-se ao exercito; marcharam batalhões de homens armados sem instrucção mi-

litar, mas foram-se exercitar no manejo das armas na margem do Uruguay, em quanto esperavam a hora da partida para a campanha.

Ao digno marechal Manoel Luiz Ozorio, commandante do exercito, foi que coube o trabalho de fazer d'aquelles homens bons soldados, e conseguio crear em poucos mezes um exercito aguerrido e disciplinado, que soube commandar com rara pericia, do que já fizemos menção no livro segundo. Grande satisfação teria tido o bravo general Ozorio se serviços importantes que fez na margem do Uruguay, os tivesse prestado na provincia do Rio Grande; mas não devemos recordar o que já foi mencionado.

O exercito não poderia ser elevado á força a que chegou só com o recrutamento forçado; nunca se poderia ter mandado para o Paraguay 80,000 homens, ainda que mais de 5,000 não chegaram a pisar o territorio d'aquella Republica. Portanto foi ao decreto de 7 de Janeiro que devemos o exercito com que vencemos o Paraguay. Assim como temos censurado as faltas dos ministerios que dirigiram a guerra, tambem declaramos os serviços que prestaram.

Outra providencia que tambem deu a tempo, o mesmo ministerio, e que contribuio tanto como o exercito para vencermos a campanha, foi mandar construir navios encouraçados, alguns n'esta côrte e outros na Europa. Sem estes vasos de guerra não tinhamos bombardeado e destruido as baterias do rio Paraguay, passado Humaitá e auxiliado o exercito em todos os seus movimentos. Por tanto estas duas providencias do ministerio de 31 de Agosto, é que fizeram com que ficassemos triumphantes; e isto fica mencionado n'esta historia, para que conste quando o Brasil adquirio estas machinas de guerra. (*)

Assim como fallamos nos soldados voluntarios deviamos tambem fazer menção dos officiaes voluntarios; mas reservamos este objecto para quando tratarmos das operações do

(*) Convém declarar que o primeiro encouraçado que pussuimos, a corveta *Brasil*, foi mandada construir em Marselha em 1863 pelo ex-ministro da marinha Joaquim Raymundo de Lamare. N'esta côrte fizeram-se o *Barroso*, *Tamandaré*, *Rio de Janeiro*, e seis monitores.

exercito; depois da descripção dos combates, mostraremos como alguns homens de outras profissões se dedicaram ao serviço das armas de um modo tão distincto, e qual foi o seu heroismo no meio das batalhas.

O conselheiro Pinto Lima, ministro da marinha do gabinete de 31 de Agosto, convocou, a 12 de Janeiro de 1865, os officiaes generaes da armada para darem o seu parecer por escripto sobre a qualidade e numero de navios de que se devia compôr a nossa força naval destinada a ir fazer a guerra contra o governo do Paraguay.

Na qualidade dos navios se incluio a marinha encouraçada apropriada a navegar no rio Paraguay e propria para combater e destruir as fortificações levantadas na margem esquerda d'aquelle rio, e que tinham sido construidas para embaraçar a passagem da navegação para Matto-Grosso.

Nos projectos da campanha do Paraguay devia-se incluir o plano das operações navaes que se fariam n'aquelle paiz; mas o parecer sobre estes objectos que deram os ditos officiaes generaes da armada não se publicou, tão pouco nunca se soube se o governo imperial, ou o ex-ministro da marinha Pinto Lima, teve tenção de seguir a sua opinião. O que se póde affirmar é, que qualquer que fosse a intenção de aproveitar ou não as idéas d'aquelles officiaes generaes, o tratado de alliança nullificou tudo quanto aquelle ministro tivesse intenção de fazer, embora a esquadra brasileira não ficasse debaixo do commando do general em chefe argentino.

O tratado de alliança, feito na secretaria de relações exteriores da Republica Argentina, foi a lei que regulou as operações da guerra que o Brasil aceitou do Paraguay. O conselheiro Pinto Lima tinha de certo boas idéas sobre o modo de dirigir as operações navaes quando consultou os generaes da armada; mas os acontecimentos posteriores o impediram de pôr em execução os seus bons projectos.

Prova-se que as suas idéas eram boas porque, quando ainda não estava acabada a questão com Montevidéo, elle tratou de mandar construir navios encouraçados para vence-

rem as baterias de Humaitá ; esta providencia em relação a nossa marinha de guerra, foi de muito proveito ás operações que se fizeram desde o principio do anno de 1866, pois que sem a marinha encouraçada não tinhamos destruido as fortificações do rio Paraguay, onde havia mais de 200 peças de grosso calibre.

Portanto deve-se reconhecer este serviço do conselheiro Pinto Lima como muito importante nas circumstancias em que nos achavamos. Não devemos deixar de lembrar que aquelle ex-ministro, convocando os generaes da armada para darem o seu parecer, mostrou a consideração que lhe merecia a corporacão da qual era chefe, afastando-se assim da rotina de outros ministros que, não sendo militares, mas paisanos, decidiram questões em que só os profissionaes deviam ter parte. N'este Imperio nem sempre se escolhem os homens pelas suas habilitações para os empregos, mas pelo partido politico a que pertencem; seguindo este principio, o conselheiro Pinto Lima podia consultar os homens que quizesse, mas não o fez ; como não era professional não quiz resolver problemas alheios á sua profissão, e procedeu acertadamente com o comportamento que teve. A marinha encouraçada foi um poderoso auxiliar do exercito para vencermos a campanha, que felizmente terminou.

E' necessario conserval-a e augmental-a ; ella será a defeza das nossas fronteiras do Sul e da provincia de Matto-Grosso, talvez em poucos annos.

ESTADO DO EXERCITO BRASILEIRO.

Sobre a situação do exercito brasileiro na margem do Paraná no fim de Março de 1866, vamos copiar a correspondencia de Buenos-Ayres de 12 de Abril d'aquelle anno, para o *Correio Mercantil.*

« Foi longa a espera, não ha negal-o. Um anno inteiro tem-se gasto em promptificar a esquadra e o exercito de operações ; mas esse tempo, que parece excessivo, encurta-se considerando de perto os meios de força accumulados nas aguas do Paraná e sobre a sua margem esquerda.

« Quando se recorda que em 20 de Fevereiro de 1827, e

depois de tres annos de guerra, o Imperio não tinha para oppôr ao inimigo, que dominava metade da provincia do Rio Grande, senão 6,000 homens. (*)

« Quando se recorda tambem que os republicanos do Rio Grande, que nunca reuniram acima de 3,000 homens, se mantiveram nove annos contra as forças que todo o Imperio chegou a mandar para alli.

« Quando, dizia eu, esses dous factos historicos se recordam, e vê-se agora que para uma guerra longiqua, e no espaço de 13 mezes, tem-se feito inteiramente de novo um exercito de 35,000 homens sobre o Paraná, e outro de 4,000 sobre o Uruguay, chega-se forçosamente á conclusão de que immenso tem sido nos ultimos 20 annos o augmento do poder do Brasil.

« Eu me proponho dar aqui uma descripção do exercito tal que baste para formar d'elle uma apreciação exacta.

« As forças sob o commando do marechal Osorio attingem o numero exactissimo de 33,078 homens, não incluindo os 2,000 ou 3,000 chegados recentemente, ou que vão ainda subindo o Paraná. Na America do Sul sómente o Imperio poderia reunir tão forte poder militar; e reunil-o onde? A 300 leguas do oceano, nas condições de um bom exercito europeu. Descendo á analyse d'essa crescida força, acha-se proporcionada em armas ao que a arte da guerra exige, do que tambem a America do Sul não tinha tido exemplo.

« Nos 33,000 homens, 3,200 pertencem á artilharia, 4,800 á cavallaria, e os 25,000 restantes á infantaria. Ninguem ignora hoje que a qualidade dos armamentos no exercito imperial pouco tem que invejar aos mais perfeitos da Europa; porém é sobretudo na artilharia que essa circumstancia se revela.

« O maior numero de peças de calibre 12 La Hitte, e só a especialidade de alguns corpos e a previdencia de operações muito rapidas sobre o territorio inimigo, fez com que se mantivesse certo numero de peças de menor calibre.

« Quanto á organisação do exercito não póde desconhecer-se que a inexperiencia de commando em chefe em que se achava o marechal Osorio, e tendo de fazer seu primeiro ensaio com forças tão crescidas, alguns defeitos devia fazer apparecer. Não se devia razoavelmente acreditar que o exercito adquirisse sob sua direcção e em alguns mezes, a disciplina e instrucção necessarias, se o general em chefe tivesse que principiar formando os generaes de divisão, logo os commandantes de brigada, e, emfim, os chefes dos batalhões. Mas a sua boa estrella poupou-lhe tão arduo encargo.

« Se o Brasil não tinha exercito, tinha em numero crescido officiaes superiores formados na boa escola militar e nas ultimas guerras, e comprovados em muitos campos de

(*) Exercito commandado pelo Marquez de Barbacena na batalha de Ituzaingo.

batalha. Assim, e sahindo a tempo a promoção de muitos d'elles a postos superiores, todas as divisões tiveram á sua frente brigadeiros ainda moços, as brigadas coroneis na flôr da idade, e os corpos commandantes moços cheios de enthusiasmo.

« E' longa de mais a relação de todos os seus chefes militares, para que eu possa transcrevel-a aqui; darei, pois, sómente os commandantes das divisões.

« A força geral de artilharia é commandada pelo brigadeiro José da Victoria Soares de Andréa, em substituição do brigadeiro Mello, cuja recente morte foi e é ainda tão deplorada.

« As divisões do exercito são seis; d'ellas quatro de infantaria, sob a indicação de 1.ª 3.ª 4.ª e 6.ª, commandadas pelos brigadeiros Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Antonio de Sampaio, Guilherme Xavier de Souza, e Victorino José Carneiro Monteiro. As duas divisões de cavallaria, 2.ª e 5.ª, são commandadas pelos brigadeiros Candido Augusto Sanches da Silva Brandão e José Joaquim de Andrade Neves.

«Uma brigada ligeira de voluntarios de cavallaria tem por commandante o brigadeiro Antonio de Sousa Netto. Outra brigada de infantaria destacada na esquadra commandada pelo brigadeiro João Guilherme de Bruce.

« O exercito conta 19 brigadas, que formam 1 regimento e 5 batalhões de artilharia, 18 regimentos ou corpos de cavallaria e 40 batalhões de infantaria, além de um contingente de voluntarios allemães.

Finalmente todos estes corpos prefazem o numero de 33,078 homens, sendo 2,164 officiaes e 30,914 praças de pret. Não seria exacto dizer que todos os corpos tem na respectiva arma instrucção igual; porém nenhum carece da indispensavel para desenvolver-se no campo de batalha, e tanto que os batalhões mais modernos, os chegados como recrutas ha dous mezes, juntam a um perfeito manejo da arma, bastante precisão nas manobras essenciaes.

« O exercito está uniformisado com esmero, mas não com luxo; e quer nos transportes, quer nos depositos de Corrientes, ha uma reserva de fardamento e equipamento talvez excessiva. Facto identico se dá nas munições.

« Ha para fabricar de prompto em Corrientes todas as que faltassem, um bom estabelecimento pyrothechnico, montado e dirigido por engenheiros brasileiros. O que ha no exercito de censnra são os carros muito pesados, e a cavalhada magra.

« Comquanto não estivesse decidido entre os generaes qual o ponto por onde conviria realizar a passagem, considerou-se acertado portanto que o exercito brasileiro como o argentino viessem acampar sobre a propria margem do rio Paraná.

« As divisões brasileiras tomaram posição do Passo da Patria para baixo, deixando entre ellas e a margem do rio a estreita zona de matto que o borda. A divisão Paunero, do exercito argentino, occupa a esquerda do nosso exercito, tendo quasi a sua retaguarda a divisão que commanda o general Emilio Mitre. O general Flôres com as forças que tem comsigo, das quaes metade são brasileiras, sitiou-se mais rio acima,

« Depois de quatro mezes de espera, esse movimento geral para a frente considerou-se indicativo de que a passagem se effectuaria pelo Passo da Patria e sem demora, porque todo o material para os dous exercitos transporem o rio alli estava prompto.

« Não tendo os generaes chegado a um accordo para transpor-se o rio Paraná, subio no dia 5 de abril uma expedição sob as ordens do chefe Alvim, das canhoneiras *Itajahy, Henrique Martins e Greenhalgh* e os dous vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos-Ayres*; a bordo de um d'estes ia o general Hornos, encarregado de explorar com alguma tropa de desembarque os melhores passos no rio.

« Emquanto os generaes põem-se de accordo, o Sr. vice-almirante vai fazendo a esquadra tomar posições que dominem o forte de Itapirú, e até o acampamento paraguayo. Ultimamente a 3.ª divisão da esquadra foi collocar-se da parte de cima d'esses pontos, e ameaça bombardeal-os. »

OCCUPAÇÃO DA ILHA DE ITAPIRU.

Uma outra operação realisou-se; foi do tenente-coronel de engenheiros Dr. José Carlos de Carvalho não só a idéa primaria, mas todo o plano da occupação da ilha de Itapirú, que fica a 300 braças da costa paraguaya e do forte que lhe dá o nome. Seguiremos a informação que dá o *Jornal do Commercio* de 2 de Maio de 1866.

« Proposta e demonstrada a conveniencia de semelhante operação ao marechal Osorio e ao vice-almirante, elles resolveram autorisal-a, deixando á indicação do mesmo Dr. Carvalho os meios de que carecesse para a levar effeito.

« Houve uma operação prévia, que foi collocar defronte de Itapirú, margem corrientina do Passo da Patria, uma bateria de 12 peças raiadas, que na manhã de 28 de Março lançou suas primeiras balas.

« No dia 29 á 1 1/2 da madrugada o tenente-coronel Carvalho com os outros membros da commissão de engenheiros e 80 praças do 3.º batalhão de infantaria desembarcou pela primeira vez na ilha, afim de fazer o seu reconhecimento estrategico. Essa pequena força estendeu-se em atiradores,

explorando a ilha, onde não appareceu inimigo algum. Os engenheiros tomavam entretanto suas notas e determinavam o ponto para a collocação da bateria.

« A occupação da ilha devia ser immediata, porém o general Osorio hesitou em ordenal-a, ou antes suspendeu ordem já dada, por entender que podia ella produzir uma batalha geral, e o exercito argentino aguardava ainda o supprimento de viveres para operar contra o inimigo. (*)

« Recebendo a ordem de sobrestar na operação, o tenente-coronel Carvalho cumprio-a, mas esforçou-se muito em fazel-a revogar, por entender que a demora podia ser prejudicial e até funesta.

« De facto é comesinho na arte da guerra que um reconhecimento, como o que se fez na ilha, indica sempre a intenção de occupar a posição reconhecida, e a não serem muito inhabeis os Paraguayos, se se lhes deixasse tempo, tomariam medidas para obstar a occupação; de modo que o que era facil agora, mais tarde seria de uma grande e talvez insupperavel difficuldade.

« Ou porque o tenente-coronel Carvalho chegasse a persuadir o general Osorio d'esta verdade, ou porque houvesse cessado o inconveniente que existia, o exacto é que renovaram-se as ordens para occupar a ilha, encarregando-se certo numero de vasos da esquadra de proteger essa operação.

« Na noite de 5 para 6 de Abril foram embarcados e transportados á ilha 6 peças La Hitte de 12, commandadas pelo capitão Moura; 4 morteiros de 0.m22, commandados pelo capitão Tiburcio, ambos do 1.º batalhão de artilharia: o 7.º batalhão de voluntarios da patria com 400 praças, commandado pelo tenente-coronel Francisco Joaquim Pinto Pacca, o 14.º de infantaria de linha, com igual força, commandado pelo major José Martini, e 100 praças do batalhão de engenheiros; toda a força foi sob o commando do tenente-coronel João Carlos de Willagran Cabrita. A parte technica da operação foi a cargo do tenente-coronel Dr. Carvalho.

« Os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré*, e as canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalgh* protegeram o transporte d'essa força e seu material, indo tomar posição o mais perto da ilha que lhes era possivel.

« Apenas desembarcada a força, formaram-se as duas baterias, uma de canhões e outra de morteiros, dando a frente ao forte de Itapirú e á costa paraguaya que se estende á esquerda d'elle, e cobrio-se toda a força de infantaria com trincheira provisoria.

« Ao amanhecer do dia 6 a bateria da ilha arvorou a bandeira imperial, rompendo contra o forte de Itapirú um vivo fogo de todos seus canhões e morteiros. Desde esse momento

(*) Parece que o general Osorio conheceu que aquella operação era inutil, e tinha razão se assim pensava,

pisou o exercito imperial terra paraguaya, que não desoccupará mais até haver vingado todas as provocações e attentados do governo d'esse paiz.

« Ao fogo não interrompido da bateria, respondeu o forte com as duas unicas peças que lhe restavam, sendo mais tarde acompanhado por outras de calibre 68, collocadas por detraz d'elle, ou em chatas. As balas e bombas da ilha foram redusindo a escombros o forte, e causando perdas consideraveis a qualquer força paraguaya que ousava descobrir-se. Ao mesmo tempo que a bateria, os encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e a canhoneira *Mearim* bombardeavam o forte. Todo o dia durou o fogo de artilharia de um e outro lado, sem que o do inimigo causasse á guarnição da ilha o menor prejuizo.

« A tarde como regressassem da expedição acima de Ytati os vapores brasileiros e argentinos, ao passarem a ilha de Sant'Anna os Paraguayos descobriram uma bateria de canhões e foguetes a congrève, que ahi tinham, fazendo sobre aquelles vasos alguns tiros, dos quaes um acertou na *Greenhalgh*, mas sem causar-lhe maior damno.

« No dia 7 continuou o bombardeamento do forte pela bateria da ilha e pelos vasos da esquadra. O inimigo respondeu tenazmente com balas rasas e bombas, das quaes uma ferio dous soldados de infantaria e matou outros dous.

« No dia 8 continuou a bateria da ilha a bombardear o forte, cujas muralhas cahiram em ruinas sem que n'ellas ousasse apparecer inimigo algum. Com peças assestadas em terra é que respondiam ao canhoneio da ilha e dos vasos brasileiros. A's 4 horas da tarde cahio pela terceira vez o mastro da bandeira, partido por uma bala da ilha.

« No dia 9 foram substituidas as canhoneiras que apoiavam a ilha pela *Itajahy* e *Belmonte*, continuando em seu posto o encouraçado *Tamandaré*. A que pedio para não ser substituida foi a guarnição da ilha.

« Havia dous dias que não tinha senão ligeiros momentos de descanso, occupada de dia em bater as posições inimigas e á noute em abrir fossos e reforçar as trincheiras, porque a previdencia dos seus habeis chefes lhes fazia contar com algum forte assalto dos Paraguayos. Prostrada de insomnia e de fadiga a guarnição da ilha, pedio que a deixassem alli ficar até alcançar uma victoria do inimigo. »

ATAQUE DOS PARAGUAYOS Á ILHA DE ITAPIRU.

« Era a noute de 9 para 10 de Abril bastante fria. Uma nevoa densa envolvia a ilha de Itapirú, cobrindo toda a face do Paraná e suas margens. A guarnição da ilha com as suas vedetas destribuidas, nem assim podia tomar o menor descanso, pois á noute a nevoa, a visinhança do inimigo e a ser a ilha abordavel por todos os pontos, quadruplicavam as probabilidades de uma surpeza.

« A's 3 horas e meia da manhã muitas canôas carregadas de gente, remando tão manso que foram antes vistos do que ouvidos, approximaram-se da ilha. Aos gritos de quem vem, e ás armas, que as sentinellas ergueram quasi ao mesmo tempo, os Paraguayos responderam:—viva D. Pedro II, viva o Imperador do Brasil!

« A resposta de nossas sentinellas foi descarrégar as armas sobre elles. O primeiro desembarque dos Paraguayos foi pelo lado N. da ilha, aportando ahi 12 a 15 canôas com 400 homens. Commandava-os o capitão João Romero.

« O 7.º batalhão de voluntarios, sob as ordens do tenente-coronel Pacca, fez sobre elles uma mortifera descarga, deixando-os avançar para as trincheiras por ter na mesma occasião de attender ao desembarque de outra força igual pelo NO. da ilha.

« O major José Martini, de cuja intrepidez ainda se conserva a lembrança nas provincias do Rio-Grande e de S. Paulo, foi com o denodado 14.º de linha ao encontro do inimigo, que cobria já então um terço da superficie da ilha, e fez sobre elle um fogo vivissimo que devia causar-lhe enormes perdas.

« Permanecendo uma parte de nossas forças na trincheira, deixaram approximar-se a columna paraguaya até tocar o fosso. Ahi a fuzilaram, cahindo centos de inimigos a beira do fosso e dentro.

« Succedendo que as ultimas forças paraguayas que iam desembarcando se mantivessem occultas na macéga da margem, fazendo fogo deitadas, o tenente-coronel Cabrita, sob a indicação do Dr. Carvalho, fez abrir uma portinhola do lado direito da bateria e d'ella disparar dous tiros de metralha, que pôz o inimigo em completa desordem.

« N'esse momento o tenente-coronel Cabrita, inspirando-se da sua conhecida audacia, ordenou ao batalhão de engenheiros, que fazendo uma descarga geral sobre o inimigo, o seguisse fóra da trincheira para o carregar a arma branca. Os engenheiros, unidos aos dous batalhões de infantaria, cahiram sobre o inimigo com irresistivel bravura.

« Sendo difficil armar os sabre-baionetas nos mosquetões de que essa força estava armada, o tenente-coronel Cabrita ordenára que a carga fosse á machadinha, arma de que tambem estão munidos. Contra os Paraguayos, que trasiam as baionetas caladas em suas espingardas e refles, atiraram-se os nossos soldados de engenheiros e renovaram um combate digno dos seculos XV e XVI.

« Quando os Paraguayos viram os soldados acommettel-os corpo a corpo, deixaram-se possuir de terror e quizeram fugir. Era tarde; onde escapavam da machadinha iam alcançal-os as baionetas do 7.º de voluntarios e do 14.º de linha.

« Ao amanhecer do dia o espaço todo da ilha, entre a ba-

teria e a margem do rio, estava cheio de cadaveres paraguayos. Viam-se elles ora alinhados como a morte os encontrou, ora em grupos de quatro ou cinco, e o seu numero se augmentou com os que as balas alcançaram antes de chegarem ás canôas.

« A' essa hora o tenente-coronel Carvalho penetrou á frente de alguns homens nos juncos da margem N. da ilha, para descobri alguns inimigos que ahi estivessem occultos; apresentou-se-lhe um homem alto, mal vestido, descalço, acompanhado de 4 no mesmo estado, e lhe disse que era o capitão Romero, commandante dos primeiros 400 que tinham desembarcado, pedindo a protecção do Brasil para si e os outros. D'esta fórma o tenente-coronel Carvalho, a quem se deve a occupação da ilha e com ella o ensejo de nossa esplendida victoria, foi quem teve occasião de fazer prisioneiro o chefe inimigo que primeiro acommettera a ilha. E' que a casualidade é assim, muitas vezes justa e providencial. Voltemos agora os olhos para outro ponto a que a scena se transporta, e em que novas glorias colhe o nome brasileiro.

« Ao amanhecer do dia dirigiram-se ainda algumas canôas carregadas de gente paraguaya em auxilio dos que haviam desembarcado na ilha, e que durante o combate tinham feito signaes com foguetes do ar, sem duvida pedindo essa protecção. Mas a esse tempo já as canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalgh*, tendo dado volta á roda da ilha, sahiram-lhes na frente, e lançaram sobre ellas e sobre as que fugiram um fogo de metralha. O forte e uma chata com peça de 68 faziam fogo sobre as duas canhoneiras, que, pouco importando-se com elle, continuáram em sua obra de exterminio sobro o inimigo.

« Perseguindo e mettendo a pique as canôas que carregadas de gente fugiam da ilha, a *Henrique Martins* foi passar a tiro de revolver do forte, e chegou a distancia de 4 a 5 braças da costa paraguaya. O inimigo descobrindo então uma bateria de seis peças, que ahi occultava no matto, fez contra a *Henrique Martins* uma descarga, tocando as balas o casco da canhoneira, das quaes tres penetraram. Nem assim retirou-se esse intrepido navio, Achilles da nossa esquadra, como não hesito em chamal-o.

« A seu commandante, o 1.º tenente Jeronymo Francisco Gonçalves, já antes lhe davam um lugar entre os bravos, mas no dia 10 de Abril levantou-o a esquadra á altura dos seus melhores campeões. A's 7 horas da manhã o combate estava de todo acabado.

« A *Henrique Martins* foi encalhar para tapar os rombos. Ao correr das aguas viram-se as canôas paraguayas, umas despedaçadas, outras inteiras, mas vasias de homens. Mortos e feridos tinham ficado quasi todos na ilha, ou tambem eram levados pela agua ao costado dos nossos navios. De

um d'elles contaram-se 34 corpos, segundo o disse um jornal argentino. Mas o quadro horrendo era na propria ilha. Contavam-se 650 corpos de inimigos, e é bem de crêr que entre elles houvessem muitos officiaes. Houve tambem 69 prisioneiros, incluindo o capitão Romêro.

« Em armamento o que se recolheu excede ainda ao numero de mortos; contaram-se 600 espingardas e 200 refles, o que faz acreditar que muitos soldados paraguayos, abandonando as armas, fugiram a nado, o que poucos conseguiram. De munições e mais objectos militares a quantidade recolhida correspondeu ao armamento.

« A força brasileira teve 49 mortos e 100 feridos; entre os mortos foi o cadete do 1.º batalhão de artilharia Antonio Joaquim Rodrigues Torres, de uma familia bem conhecida d'essa côrte; tão joven e tão valente, foi victima da sua bravura. Da força inimiga de 1,200 homens não escaparam 300. A imprensa do Rio da Prata applaudio com enthusiasmo esta victoria. A *Nação Argentina* disse: — Os Brasileiros combateram com a coragem de leões e com a pericia dos melhores soldados.—

« O heróe da defesa da ilha de Itapirú, o tenente-coronel João Carlos de Willagran Cabrita, e com elle outros distinctos officiaes, morreram casual e fatalmente seis horas depois do combate. Foi com o major Luiz Fernandes de Sampaio para uma chata que estava atracada á ilha do lado do sul, para escrever a parte do combate. Uma bala atirada do forte de Itapirú acertou n'essa chata, e arrancando estilhaços, feriram no rosto ao tenente-coronel Cabrita. Curada a ferida, continuou a escrever, quando uma bomba fez explosão na chata e matou o tenente-coronel Cabrita e o major Sampaio; (*) ferio mortalmente ao alferes Carlos Luiz Woolf e o tenente Francisco Antonio Carneiro da Cunha. »

Não podemos completar melhor esta noticia, do que transcrevendo as seguintes partes officiaes que encontramos nas folhas do Rio da Prata.

ORDEM DO DIA.

« Quartel general.—Passo da Patria, 11 de Abril de 1866.

« O general em chefe dos exercitos alliados.

« Recommenda-se á consideração dos exercitos alliados do Imperio do Brasil, do Estado Oriental e da Republica Argentina, o procedimento brilhante e valoroso da guarnição da ilha, da bateria fronteira a Itapirú, na madrugada do dia de hontem.

(*) Consta que estes dous officiaes foram ao Paraguay em 1850 ensinar exercicio de artilharia e de infantaria ás tropas d'aquella republica, por requisição do seu governo; ao que o governo imperial de boa vontade annuio. Receberam o premio dos seus serviços.

« Esta guarnição, composta em sua totalidade de forças do exercito brasileiro, do batalhão 7.° de voluntarios e do 14.° de linha, soldados novos em sua maior parte, de 100 engenheiros e os artilheiros do serviço das peças, rechaçou triumphantemente e com o maior vigor e denodo, fazendo uma sortida, ao ataque que lhe deu o inimigo na madrugada de 10, em numero superior, obrigando-o a deixar no campo cerca de dous terços de seus soldados mortos, e precipitando o restó nas aguas do Paraná, onde a maior parte encontrou a morte sob o fogo dos canhões da esquadra brasileira, que tão efficaz e dignamente contribuio para o complemento d'este triumpho.

« Oitocentas espingardas do inimigo, deixadas no campo ao lado de 650 cadaveres, assim como 200 afogados, 30 canôas, grande somma de artigos de guerra e 300 prisioneiros, entre elles o chefe da expedição, são os trophéos d'esta victoria, tão gloriosa para o exercito brasileiro, e cuja gloria reflecte em honra das armas alliadas.

« Honra e gloria aos valentes da ilha fronteira a Itapirú.

« Honra e gloria ao infeliz tenente-coronel Cabrita, que dirigio com tanta pericia quanta energia este brilhante feito d'armas e succumbio em seu posto, escrevendo a parte de sua victoria: bem como ao major Sampaio, que o acompanhou em seus perigos e em sua gloriosa morte.— *Mitre.* »

OFFICIO DO GENERAL OSORIO A MITRE.

« Commando em chefe do exercito imperial em operações contra o Paraguay.—Quartel-general no Passo da Patria, 11 de Abril de 1866.

« Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de remetter a V. Ex. para os fins convenientes, cópia dos apontamentos deixados pelo finado tenente-coronel João Carlos Willagran Cabrita, que commandou a guarnição na ilha de Itapirú desde a sua occupação pelas forças d'este exercito, que repelliram o ataque dos Paraguayos na madrugada de hontem.

« Devo accrescentar que aquella guarnição compunha-se do 7.° batalhão de voluntarios, um contingente do batalhão de engenheiros, o 14.° de linha e um dito do 1.° batalhão de artilharia de linha; ao todo cerca de 900 homens, inclusive officiaes.

« O comportamento da referida guarnição satisfez-me.

« Uma desgraça tira-nos grande parte da satisfação que tivemos com este triumpho; refiro-me á morte do mencionado tenente-coronel Cabrita e do major de estado-maior de artilharia Luiz Fernandes de Sampaio; e aos graves ferimentos do alferes Carlos Luiz Woolf e tenente Francisco Antonio Carneiro da Cunha, ambos officiaes do batalhão de engenheiros;

estas mortes foram causadas por uma bomba inimiga que cahio e fez explosão na chata em que o tenente-coronel redigia a parte do combate, seis horas depois d'este.

« O tenente-coronel Cabrita avaliava em 1,200 homens o numero dos que atacaram a ilha; d'estes deixou o inimigo 640 mortos visiveis, 46 prisioneiros feridos e 16 sem o ser, tendo sido apanhados pela esquadra outros mortos e feridos em canôas que abandonadas desciam o rio.

« Conta-se entre os prisioneiros o capitão João Malêo Romêro, que com os outros foi entregue a bordo da esquadra. Segundo declarou o capitão Romêro, a infantaria inimiga, que desembarcou na ilha, era escolhida de diversos batalhões paraguayos; e outro prisioneiro de cavallaria declarou que tambem desembarcaram 186 praças d'esta arma armados de espada.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. general D. Bartholomeu Mitre, general em chefe dos exercitos alliados.—*Manoel Luiz Osorio*, marechal de campo. »

Parte do combate que teve lugar no dia 10 de Abril de 1866, segundo as notas do tenente-coronel Cabrita, commandante da guarnição da ilha.

« Illm. e Exm. Sr.—Não tenho ainda tempo de dar uma minuciosa parte dos differentes episodios que precederam o combate, que muito honra e abrilhanta os fóros da dignidade nacional.

« Direi simplesmente que eram 4 horas da madrugada de hoje quando foi a ilha atacada pelo inimigo com força superior a 1,200 homens, como se verificou, a qual favorecida pela noite, fez alli um desembarque e procurou envolver nossa linha fortificada, fazendo avançar forças consideraveis pelos flancos.

« A luta durou até ao raiar do dia, que foi só quando o inimigo deixou-se convencer de que era infructifero qualquer esfórço, não obstante as numerosas canôas que, cheias de tropa, para reforçar os combatentes atravessavam o canal que separa a ilha do forte inimigo.

« Ao passo que desembarcava, o inimigo escondia-se, lançando-se por entre o matagal, que matiza a ilha e d'alli fazia-nos vivo fogo.

« Vendo eu que d'este modo nossa fuzilaria não tirava grande vantagem, não podendo acertar as pontarias, fui forçado a mandar a carga á baionota, que o repellio d'alli com grande estrago para elle. Por outro lado vendo a possibilidade de fazer uzo da metralha, visto que o inimigo se conservava em distancia, como que esperando reforço, para avançar com mais segurança, mandei abrir logo uma canhoneira no angulo direito da bateria da direita, e com a primeira peça respectiva disparando-se dous tiros, cujo effeito mani-

festou-se immediatamente pela quasi cessação da fuzilaria inimiga.

« Ao amanhecer tentaram fugir alguns dos invasores, que foram depois aprisionados pelos navios da esquadra; e estava o campo de batalha coberto de cadaveres, e na praia canôas abandonadas e outras desciam levadas pela corrente do rio, com os cadaveres dos que haviam sido mortos dentro d'ellas. Contamos d'estes no campo 640, além dos que morrendo na agua foram levados pela corrente, sem contar os feridos e prisioneiros, cujo numero ainda não posso precisar.

« Tomamos até ao presente mais de 700 espingardas com as correspondentes munições e grande numero de espadas, esperando que o numero suba a muito mais, pois a cada momento se estão encontrando mortos e armamento na macéga da ilha. Entre os prisioneiros que se entregaram, acha-se o capitão Romêro, que commandava os 400 homens que tentaram invadir o flanco direito, tendo sido morto no começo da acção e chefe da força que atacava o flanco esquerdo.

« Nossa força, como V. Ex. sabe, compunha-se do 14.º batalhão de infantaria, guarnição dos canhões do 1.º batalhão de artilharia a pé, contingente do batalhão de engenheiros e o 7.º de voluntarios, montando tudo a mais de 900 praças, inclusive os officiaes. Tivemos fóra de combate 149 homens, distribuidos pela fórma seguinte: batalhão de engenheiros, 5 soldados mortos e 1 sargento ferido; bateria de morteiros, 2 soldados mortos e 4 feridos; 1.ª bateria do 1.º batalhão de artilharia a pé, o 2.º cadete da 3.ª companhia Antonio Joaquim Rodrigues Torres, morto, que muito se distinguio, ferido um soldado; 14.º batalhão de infantaria, mortos 2 sargentos, 3 cadetes, 23 cabos e soldados, feridos o major José da Cunha Moreira Alves, 1 capitão, 2 alferes, 3 sargentos, 2 furrieis, 2 cadetes, 46 cabos e soldados; 7.º batalhão de voluntarios, mortos 12 cabos e soldados, feridos 1 capitão, 1 tenente e 36 cabos e soldados.

« Espero occasião opportuna para dar a V. Ex. noticia minuciosa da brilhante maneira porque portou-se nossa tropa: entretanto apresso-me desde já a felicitar a V. Ex. por este assignalado triumpho que muito honra as armas alliadas.

« Deus guarde a V. Ex.

« Ilha em frente a Itapirú, 10 de Abril de 1866.

« Illm. e Exm. Sr. Marechal Manoel Luiz Ozorio. Conforme — O capitão *Antonio Germano de Andrade Pinto.*

PROCLAMAÇÃO DO GENERAL OSORIO AO EXERCITO BRASILEIRO.

« Soldados do exercito imperial. — A margem do rio que tendes á vista é o termo das vossas fadigas e dos sacrificios

da nação brasileira. Chegou a hora da expiação para esse inimigo cruel, que devastou os nossos campos indefesos e commetteu tantos actos de ferocidade contra populações inermes.

« O ingrato a quem o Brasil encheu de beneficios verá agora que não nos impunha pela importancia dos seus recursos: já e muito tarde vai conhecer que a politica generosa do governo imperial em relação ao Paraguay, era inspirada pela magnanimidade dos seus principios e pela nobreza do caracter brasileiro.

« Soldados e compatriotas! Tenho presenciado a vossa serenidade no meio das privações, a vossa constancia nos soffrimentos. Tendes dado o mais bello exemplo de dedicação á patria, a cujo chamado acudistes enthusiasticamente, vindo dos mais longiquos pontos de todas as provincias do Imperio a reunir-vos aqui em torno do pavilhão nacional. Aproveito este momento solemne para agradecer-vos em nome do Brasil e do governo de Sua Magestade o Imperador.

« Soldados, é facil a missão de commandar homens livres; basta mostrar-lhes o caminho do dever.

« O nosso caminho está alli em frente. Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o Paraguay desarmado ou pacifico, devem ser cousa sagrada para um exercito composto de homens de honra e de coração.

« Ainda mais uma vez mostremos ao mundo que as legiões brasileiras no Rio da Prata, só combatem o despotismo e fraternisam com os povos. Avante, soldados.

« Viva a nossa Santa Religião! Viva a Nação Brasileira! Viva Sua Magestade o Imperador! Vivão os exercitos alliados! »

O primeiro projecto dos generaes foi passar o exercito alliado no Passo da Patria, pois que mais para cima isso não podia ter lugar, em razão do rio não ter fundo sufficiente para os navios da esquadra, que deviam auxiliar e proteger aquelle desembarque. Teria sido uma operação muito util e teria depois excellente resultado a occupação d'aquella ilha, se fosse necessaria para alli passar o exercito alliado para o Paraguay, ao menos uma parte d'elle, para dividir as forças inimigas.

Quem propôz esta occupação foi o tenente-coronel de engenheiros Dr. José Carlos de Carvalho, como já dissemos, e que a fez fortificar em dous dias de um modo tão efficaz que as trincheiras serviram para abrigar a guarnição e repellir o ataque de 1,200 Paraguayos quando a vieram retomar.

Conhecendo os Paraguayos a importancia d'aquella posição

militar adquirida em nossa vantagem, tentaram conquistal-a na manhã de 10 de Abril, em cujo ataque foram inteiramente derrotados, perdendo quasi toda a sua gente, que excedia 1,200 homens. Além da derrota que o Paraguayos soffreram da guarnição da ilha, quando clareou o dia e quizeram retirar-se, a canhoneira *Henrique Martins,* collocada entre a ilha e o forte de Itapirú, fez n'elles um estrago extraordinario; ao mesmo tempo a corveta encouraçada *Brasil* atirava para o dito forte de Itapirú. D'este modo terminou o ataque dos Paraguayos á ilha occupada pela tropa brasileira. Depois resolveram os generaes desembarcar o exercito em outro lugar, menos arriscado e de mais facil realisação.

DIARIO DAS OPERAÇÕES DA ESQUADRA.

« Dia 13 de Abril.—Continúa o bombardeamento do Itapirú pelas baterias da ilha e pelo *Tamandaré.* Uma bala de 68 do Itapirú inutilisou uma das peças de 12 raiadas da ilha.

« Dia 14.—Parou a crescente do Paraná. Continúa a ilha a bombardear o Itapirú, onde duas peças de grosso calibre estão ainda assestadas e respondem ao bombardeamento dos navios.

« Dia 15.—A's 8 horas começou o Itapirú a atirar sobre a ilha, que respondeu-lhe com o bombardeamento durante todo o dia. A's 5 horas da tarde subio o Paraguay o capitão-tenente Mamede Simões da Silva com os vapores *Magé*, *Ivahy* e *Araguay*, afim de reconhecer o ponto mais conveniente para fazer-se o desembarque do nosso exercito. Regressou da bôca do Atajo, tendo achado que o melhor ponto de desembarque era a barranca da margem esquerda da embocadura do rio Paraguay.

« Ao pôr do sol fez o almirante signal chamando os commandantes, os quaes, reunidos a bordo do *Apa*, receberam as instrucções para o desembarque do nosso exercito na margem inimiga, que devia effectuar-se no dia seguinte. Ao escurecer approximaram-se das pontes em que deviam embarcar as tropas, os vapores que as deviam transportar.

« Dia 16.—Ao romper o dia tomaram os navios da esquadra as posições seguintes :

« A 2.ª divisão, sob as ordens do capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues, composta do *Barroso*, *Belmonte*, *Itajahy* e *Henrique Martins*, destinada a bombardear o acampamento do inimigo, fundeou pouco acima da ilha da bateria, por

haver encalhado o *Barroso*. O *Tamandaré* achava-se proximo a esta divisão, e tinham ordem de bombardear o Itapirú.

« A 3.ª divisão, sob as ordens do capitão-tenente Mamede Simões da Silva, com os vapores *Magé*, *Beberibe*, *Ivahy*, *Araguay* e *Iguatemy*, subio o rio Paraguay e conservou-se junto á margem esquerda d'este rio, em frente ao exercito para proteger o desembarque das tropas. A 1.ª divisão, composta dos encouraçados *Brasil* e *Bahia* e das canhoneiras *Parnahyba*, *Mearim*, *Ypiranga*, *Greenhalgh* e *Chuy*, fundeou em linha parallelamente ao Itapirú e a distancia de 50 braças na margem esquerda do rio.

« Como a 2.ª divisão não pôde occupar a posição que lhe tinha sido marcada entre a ilha de Sant'Anna e o acampamento inimigo, começou a 1.ª divisão e a ilha o bombardeamento do Itapirú ás 8 horas da manhã. »

Transcreveremos da correspondencia de Buenos-Ayres, de 28 de Abril de 1866, o que contém da passagem do nosso exercito de Corrientes para o Paraguay, no dia 16 d'aquelle mez.

« Pretendem os jornaes argentinos que foi do general Mitre a inspiração de escolher-se o rio Paraguay para se effectuar o desembarque. Eu tenho motivos para saber que é exacto ter lembrado na conferencia que houve no dia 9 o passo de Carucati, no rio Paraguay, uma legua abaixo do Humaitá, mais de tres leguas acima do ponto onde se veio verificar.

« O combate da ilha e seu brilhante resultado parecia ter fixado na conferencia do dia 10 as idéas de todos os generaes, no sentido de que a passagem fosse no mesmo Passo da Patria; e foi só em consequencia de uma ligeira exploração feita pelo tenente-coronel Carvalho no rio Paraguay, a bordo de uma das nossas canhoneiras, que de novo se resolveu dar a preferencia áquelle rio.

« Tenho motivos para saber que no plano de desembarque adoptado, e tão felizmente succedido, teve muita influencia o mesmo tenente-coronel Carvalho. A base d'esse plano foi simular a passagem do exercito no Passo da Patria, emquanto se fazia o desembarque no rio Paraguay, meia legua acima da sua embocadura.

« Os generaes de divisão, commandantes de brigada e de corpos, e essa joven officialidade dos tres exercitos, davam e executavam com verdadeiro enthusiasmo as ordens que o serviço exigia. Quanto á tropa parecia que a chamavam para grande festa, tanta era a sua alegria.

« Taes eram as disposições com que se realisou o embarque. Na manhã do dia 15 expediram-se as ordens, quer a esquadra, quer aos exercitos. A's 3 horas da tarde achavam-

se situados ao longo da costa correntina e proximos ás pontes onde devia effetuar-se o embarque das tropas imperiaes, os numerosos transportes construidos pela commissão de engenheiros, e os vapores brasileiros que deviam rebocal-os collocaram-se em frente d'elles. Em algumas das maiores balsas embarcaram-se as peças de artilharia.

« N'esse momento uma especie de agitação dominava no porto do Passo da Patria; mas agitação methodica e solemne, que principiava no *Apa*, navio chefe, e se transmittia aos extremos d'essa nomerosa frota. Sobre a margem do rio via-se o tenente-coronel Carvalho e os dez officiaes da commissão de engenheiros, prevenir tudo para a facilidade do embarque, segurança das tropas a bordo dos transportes, etc.

« Penetrando nos acampamentos do exercito, a mesma agitação methodica se mostrava; e era um quadro grandioso esse que apresentavam 40,000 homens arrumando-se para o desembarque em territorio inimigo, o que importava dizer—para uma batalha ao saltar em terra. O marechal Ozorio se reproduzia onde quer que sua presença era necessaria.

« A's 5 horas da tarde uma expedição de tres canhoneiras foi ao rio Paraguay escolher posição acima da fóz. A's 11 horas da noite começou o embarque das tropas brasileiras nos transportes de modo que ao amanhecer do dia 16 viram-se os vapores e transportes apinhados de tropas. Nos grandes pontões embarcou a artilharia, e em uma barca especial certo numero de cavallos arreiados. As forças brasileiras que se achavam embarcadas eram a 1.ª e 3.ª divisão assim compostas:

« A 1.ª divisão, commandada pelo brigadeiro Argollo Ferrão, constava de duas brigadas; a 7.ª, commandanda pelo coronel Jacintho Machado Bittencourt; 10.ª, commandada pelo coronel Carlos Resin.

« A 3.ª divisão, commandada pelo brigadeiro Antonio de Sampaio, com duas brigadas; a 5.ª, commandada pelo coronel André Alves Leite de Oliveira Bello; 8.ª, commandada pelo coronel D. José Balthasar da Silveira.

« A 7.ª brigada compunha-se do 1.º batalhão de infantaria, 13.º dito, do 6.º, 9.º e 11.º de voluntarios, 2 companhias de zuavos.

« A 10.ª brigada compunha-se do 2.º batalhão de infantaria, 2.º e 26.º de voluntarios: a força da 1.ª divisão 4,676 homens.

« 3.ª divisão: 5.ª brigada, 4.º, 6,º e 12.º batalhões de infantaria; 4.º e 46.º de voluntarios. A 8.ª brigada, 8.º e 16.º batalhões de infantaria, e 10.º de voluntarios; sua força de 4,606 homens.

« Toda força que embarcou foi sob o commando immediato do general Ozorio, e preparada para um dia de batalha.

« Os chefes e officiaes trajavam os melhores uniformes; a tropa deixou as moxillas.

PASSAGEM DE DUAS DIVISÕES DO EXERCITO BRASILEIRO PARA O PARAGUAY.

« A's 7 e meia da manhã a esquadra brasileira, de 17 vasos, alem de duas chatas, formou uma extensa linha desde a bôca do Paraguay até acima de Itapirú: corveta *Magé*, canhoneiras *Ivahy*, *Iguatemy*, *Ypiranga*, *Araguay*, *Greenhalgh*, *Chuy*; encouraçado *Brasil*, dito *Bahia*, corveta *Parnahyba*, canhoneira *Mearim*, duas chatas com peças de 68, encouraçado *Tamandaré*, dito, *Barroso*, corveta *Belmonte*, canhoneiras *Itajahy*, e *Henrique Martins*.

« A formação da nossa grande linha de navios ao correr da costa paraguaya, tinha por objecto proteger os transportes que levavam as tropas de desembarque, e que sem essa providencia podiam ser hostilisados pelo inimigo em extensão de tres milhas.

« Logo que a linha naval se achou formada, os oito transportes brasileiros a vapor rebocando os pontões, chatas, balsas e mais embarcações em que ia embarcada a nossa tropa, puzeram-se em marça, servindo-lhe de guia uma canhoneira. Eram 8 horas e meia da manhã.

« Sendo um segredo dos generaes o ponto e o plano do desembarque, e sendo geral a supposição, de que este teria lugar no mesmo passo de Itapirú, ella pareceu confirmar-se ao vêr a direcção que a frota dos transportes tomára a principio, isto é, a perpendicular de uma margem á outra.

« Não tardou em verificar-se o contrario. Apenas chegada ao canal que corre mais proximo á costa paraguaya, a frota dirigio-se aguas abaixo a entrar pela primeira bôca do rio Paraguay e subio meia legua.

« Emquanto estas operações se realisavam, o forte de Itapirú tinha principiado a fazer tiros contra a bateria da ilha, que respondeu-lhe com fogo tão vivo a suffocar o do forte.

DESEMBARQUE DO EXERCITO.

« A's 9 horas ouvio-se fogo de infantaria na margem do Paraguay, onde a força brasileira fazia o desembarque. Ao mesmo tempo as canhoneiras no rio Paraná romperam sobre a costa inimiga o fogo de bombas e metralha, ao qual responderam de terra com alguns tiros de artilharia e descargas de infantaria. Era um bello quadro o que á vista se apresentava então.

« Na margem esquerda do rio Paraguay, onde se fazia o desembarque, um combate que parecia tornar-se mais sério; depois no espaço de quasi duas milhas, a linha de navios brasileiros dominando a costa. Em seguida a bateria da ilha continuando seu duello de onze dias com Itapirú. e, emfim, na extrema do lado do Paraná, as tres canhoneiras batendo a

costa, onde grande força inimiga parecia estar postada. Isto prolongava-se por espaço maior de 4 milhas; e tudo que ahi jogava, os 20 vapores de guerra, os 8 transportes, o material immenso de desembarque, a guarnição da ilha, os 100 canhões da esquadra, e os 16 a 17,000 homens que, ou combatiam já, ou estavam prestes a isso, com outros tantos que sobre a margem corrientina esperavam o momento de embarcar; tudo era nosso, tudo era brasileiro.

« Eis um facto que a historia deve consignar: — A passagem de nosso exercito, ou a primeira invasão do territorio paraguayo fez-se com meios exclusivamente brasileiros.— Nossos alliados cedendo-nos lealmente esta primazia, estavam todos na margem corrientina, prestes a acompanhar-nos, mas limitados por emquanto a serem testemunhas do que as forças brasileiras de mar e de terra faziam.

« O ponto escolhido era aquelle onde os transportes fundearam, quero dizer, na margem esquerda do rio Paraguay, meia legua acima da sua bôca.

« Essa margem do rio é baixa e de arêa. As primeiras tropas saltaram em terra sem que o inimigo se deixasse ver. Sendo o terreno inteiramente desconhecido, o general Osorio tomou a resolução de exploral-o por si mesmo, e só acompanhado de seus ajudantes de ordens e 12 homens de seu piquete, todos a cavallo, adiantou-se pelo territorio inimigo. Apenas tinha avançado cem passos quando temeu haver soffrido uma decepção, porque o terreno apresentava um extenso brejo, só em um ponto vadeavel, e mesmo ahi a agua chegava aos encontros dos cavallos. Com difficuldade foi avançando escoltado pelos 12 homens, indo a alguma distancia uma pequena força de infantaria, e muito mais longe uma ala do 2.° batalhão de infantaria.

« Houve alguma cousa de feliz n'esse desembarque, feito sobre um terreno não explorado, e póde considerar-se louca temeridade a do nosso general em ir fazer com tão pequena força uma descoberta sobre territorio inimigo.

« Estando as tropas a saltar na praia, tambem não houve tempo a perder para descobrir o caminho a tomar, e indo o general evitava-se qualquer delonga.

« Uma força paraguaya de tres batalhões de infantaria, alguma artilharia e cavallaria, que suppõe-se vinha obstar ao desembarque de nossas forças, sahio á frente do general Osorio e obrigou o seu piquete a formar em guerrilha para poder retirar-se, ou dar tempo a que lhe chegasse o auxilio da infantaria.

« Por fortuna aos primeiros tiros a pequena força de infantaria acudio como voando e fortificou a guerrilha de cavallaria. Não tardou logo em chegar uma ala do 2.° batalhão de voluntarios, cujo commandante teve nas participações do general Osorio uma menção honrosa.

PRIMEIRO COMBATE.

« A força brasileira embora ainda em grande desproporção com a do inimigo, avançou sobre elle, fazendo uma carga á baioneta contra a infantaria paraguaya. O inimigo então retrocedeu, mas não sem deixar 41 mortos e 5 feridos, levando sem duvida os mais. Da força brasileira houve 3 mortos e 10 feridos, sendo n'este numero 1 official subalterno.

« Não foi pequena vantagem que no primeiro encontro, e tendo em frente um inimigo tão superior em numero, a força brasileira alcançasse aquella victoria; porém o grande resultado d'aquelle encontro foi realisar-se a exploração do terreno, descobrindo-se uma estrada do porto de desembarque até um terreno alto e firme, continuando a mesma estrada até o forte de Itapirú.

« Desassombradamente pôde então adiantar-se não só a infantaria como a artilharia, como tres quartos de legua, até um sitio commodo e seguro para as duas divisões acamparem, e ahi esperar maior numero de forças, que se contava fazer passar n'esse mesmo dia.

« A's duas horas da tarde uma grande tormenta veio do Sul. Durou tres horas, findas as quaes continuou o fogo que tinha parado de fuzilaria e artilharia. Depois da perseguição feita pela infantaria brasileira, um corpo de cavallaria paraguaya carregou contra uma guarda de infantaria brasileira collocada á frente da artilharia. Fazendo-lhe um vivo fogo de espingarda, e depois carregando-o á baioneta, levou o inimigo de vencida até obrigal-o a metter-se no matto.

« Comquanto estivessem já embarcadas em seus transportes e navios de guerra as forças argentinas do 1.º corpo de seu exercito, e uma brigada de infantaria oriental, a tormenta impedio que atravessassem o rio antes das 4 horas e meia da tarde.

« A essa hora puzeram-se em marcha os vapores argentinos com o general Flôres e um corpo de 4,500 a 5,000 homens, com bastante artilharia: a qualidade d'aquella tropa, quasi toda veterana, com bons officiaes, como o coronel Rivas e outros, dava-lhe o aspecto de uma legião européa.

« Depois das 5 horas da tarde aportou á frota argentina onde de manhã tinha aportado a brasileira, sendo os generaes Flôres e Paunero os primeiros que desembarcaram; seguio-se uma parte da força, obrigando a hora avançada do dia a ficar o resto a bordo.

« Com a força desembarcada o general Flôres procurou approximar-se ás do general Osorio, mas não lh'o permittio o terreno, porque, além de ser pessimo, a chuva o havia tornado intransitavel: pôz-se em communicação com elle, acampando com a sua força no ponto até ende lhe foi possivel chegar.

« Por tal fórma correndo os successos resultou: 1.º que as forças brasileiras desembarcaram sós no territorio paraguayo, 2.º que tambem sós passaram a noite, a poucas milhas do grande exercito inimigo. E' evidente que conhecido o caracter astucioso do inimigo, exigia a mais activa vigilancia do general Osorio em cobrir o seu campo para evitar alguma surpresa.

« E, de facto, não foram em vão as cautelas que elle tomou, pois ás 8 horas tentou o inimigo sorprender as guardas avançadas, sendo repellido com alguma perda. »

SEGUNDO COMBATE.

« Na madrugada do dia 17 teve lugar o segundo combate entre as forças invasoras, exclusivamente brasileiras, e as do Paraguay. (*) O inimigo apresentou-se em força como de 3,000 homens das tres armas, sendo quatro grandes batalhões de infantaria, quatro peças de artilharia e dous esquadrões de cavallaria.

« O general Osòrio mandou os batalhões 1.º e 13.º de linha, ás ordens do coronel Jacintho Machado Bittencourt, tomar de flanco a columna inimiga, que teve de dar-lhe a sua frente, cobrindo o seu flanco direito com as 4 peças de artilharia. Mandou o 10.º de voluntarios, commandante tenente coronel Joaquim Mauricio Ferreira, atacar o inimigo sobre esse flanco, o que trouxe a perturbação ás fileiras paraguayas. Os tres batalhões brasileiros carregaram á bayoneta e os puzeram em debandada, conseguindo tomar-lhe duas peças de artilharia, uma bandeira, muito armamento e cavallos arreiados. Esta ultima circumstancia exige uma explicação.

« Os dous esquadrões de cavallaria vendo os batalhões brasileiros avançar á baioneta, apearam-se e os accommetteram de espada na mão. O resultado foi grande numero d'esses desditados cahirem atravessados pelas baionetas dos nossos soldados, e o resto fugir de envolta com a infantaria, augmentando a desordem e a confusão em que ella já estava. As perdas do inimigo calcularam-se em 400 homens mortos e 50 feridos; do nosso lado houve 240 homens fóra do combate, d'estes 40 mortos. Da artilharia inimiga tomaram-se duas peças, que se conheceu serem de fundição portugueza. Essa derrota do inimigo foi ainda de grande effeito material e moral. Material porque abria ao nosso exercito o caminho até ao forte de Itapirú, e moral porque o inimigo inspirava aos soldados brasileiros a maior confiança em si mesmos. Em quanto as forças de terra operavam assim contra o inimigo, a esquadra prestava-lhes valiosa coadjuvação, »

(*) O correspondente considerou este o primeiro combate, quando era o segundo.

TOMADA DO FORTE DE ITAPIRU.

« Diversas canhoneiras e os encouraçados approximaram-se ao forte, e a *Henrique Martins* e *Greenhalgh*, entrando na enseada de Itapirú, romperam sobre a costa, onde havia uma grande força de infantaria e artilharia inimiga, fogo de bala e metralha. O forte arreou a sua bandeira ás 9 horas da manhã.

« A força que formava a guarnição da ilha foi então reunir-se ás divisões que o general Osorio tinha alli, passando tambem n'esse dia o maior numero das que tinham ficado na margem correntina; desembarcaram proximo ao forte de Itapirú. N'esse mesmo dia a bandeira imperial tremulou sobre as ruinas do forte de Itapirú, levantada pelo tenente-coronel Carvalho.

« Nos dias 20, 21 e 22, continuou a passagem do grande material dos exercitos alliados, conservando estes as posições que haviam tomado em frente ao campo inimigo, e sem que nenhum combate occorresse. Apenas as avançadas tiroteavam-se durante o dia, e a esquadra lançava algumas bombas sobre o acampamento inimigo.

« Na noite de 20 de Abril, houve um conflicto entre dous batalhões brasileiros que, estando de avançada, se desconheceram na obscuridade da noite e fizeram fogo um contra o outro. Apezar dos esforços empregados pelos chefes e officiaes para patentear o erro, o fogo durou bastante tempo, cahindo 39 homens, dos quaes 9 mortos.

« Preparando-se os alliados para atacar o acampamento de Lopez, reconheceram todos suas posições, contando com 60 peças de artilharia que defendiam suas trincheiras. Na manhã de 22 esse grande acampamento de Lopez appareceu em chammas, tendo-se durante a noite retirado as forças que até a vespera ahi appareciam.

« A brigada de cavallaria do brigadeiro Netto, penetrou logo n'esse acampamento, onde nada achou que vallesse apena recolher. »

Deixemos os exercitos alliados acampados no territorio do Paraguay, na proximidade do forte de Itapirú, e vamos transcrever parte do que diz um correspondente do exercito em data de 19 de Abril.

« Embarcaram com a 3.ª divisão do exercito os 1.^{os} cirurgiões de commissão Dr. Firmino José Doria, chefe interino d'esta secção; 2.º cirurgião Dr. José Rufino de Noronha; 2.º cirurgião Raymundo Caetano da Cunha; alferes pharmaceutico João José Doria; capellão tenente padre João Cyrillo de Lima; o alferes de zuavos Angelo Benedicto dos Martyres, 6 enfermeiros e 12 serventes zuavos.

« De 16 até 17 á noite receberam-se em uma palhoça, que

os referidos medicos escolheram pâra accommodar os doentes, 262 feridos, os quaes receberam com toda a dedicação, zelo e humanidade todos os soccorros medicos e cirurgicos que lhes eram indispensaveis. As balas foram extrahidas, todos os ferimentos foram pensados e as fracturas foram tratadas, collocando-se apparelhos.

« Toda a noite de 16 para 17, os medicos, capellão, pharmaceutico, enfermeiros e serventes, passaram em vigilia com as roupas molhadas, por terem acompanhado por meio de pantanos e debaixo de chuva as divisões em fogo, em tratamento dos feridos. A's 11 horas do dia 17 compareceram o cirurgião-mór de brigada Dr. Polycarpo, e mais tres medicos e alguns pharmaceuticos; todos mostraram tanto zelo, que ás 7 horas da noite de 17 todos os 262 feridos achavam-se curados e postos em leitos de capim secco bem preparados.

« Dos doentes gravemente feridos morreram poucos momentos depois: Brasileiros 12, Paraguayos 4. Todos os mais foram transportados em vapores, uns para o hospital de sangue por reclamarem operações que se não podiam fazer no campo, outros para o hospital sedentario de Corrientes, onde vão ser tratados.

« O hospital de sangue acha-se a cargo do illustrado conselheiro Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.

« Na fortaleza de Itapirú deixou o inimigo uma peça de 80 desmontada assentada sobre um apparelho de madeira bastante rija, que fazia rotação para todos os lados; esta peça dizem ter pertencido ao *Jequitinhonha*, e fez-nos muitos estragos. Na parte oriental da mesma fortaleza, proximo ao angulo anterior, havia outra peça tambem de 80, que encontramos desmontada e encravada.

« O inimigo, tendo-se refugiado no Passo da Patria, na fortaleza de Sant'Anna, foi hontem e hoje batido por artilharia da esquadra, que tem feito muitos estragos n'aquella fortificação.

« O tenente-coronel Carvalho, chefe do corpo de engenheiros e a commissão de que faz elle parte, tem sido incansaveis em offerecer ao exercito seus importantes serviços.

« Sabemos agora que os Paraguayos retiraram-se da fortificação para ponto fóra do alcance da artilharia do rio. Hoje construem-se pontes a toda a pressa para a passagem do exercito amanhã. Os exercitos argentino e oriental já realisaram a sua passagem, e marcham de accôrdo comnosco sobre o inimigo. »

Seguem-se os documentos officiaes sobre o desembarque do exercito brasileiro no Paraguay, e primeiros combates nos dias 16 e 17 de Abril de 1866.

« Illm. e Exm. Sr. Brigadeiro general D. Bartholomeu

Mitre. Campo em frente do forte de Itapirú, em 17 de Abril de 1866.

« Tendo hontem ás 9 horas da manhã desembarcado, segundo estava disposto, no territorio inimigo, cerca de meia legua acima da embocadura do rio Paraguay, effectuei o conveniente reconhecimento, que dirigi em pessoa, acompanhado de 12 homens de cavallaria; encontrei um profundo e atoladiço banhado, unicamente vadeavel por um desfiladeiro que dava passagem com agua pelo peito dos cavallos.

« Ahi travou o meu piquete uma guerrilha com o inimigo, que se oppôz, sendo o piquete immediatamente sustentado por uma pequena força de infantaria, que mandei seguir-me ao desembarcar. Foi necessario grande esforço para que essas guerrilhas, mui diminutas em numero, pudessem conter o inimigo, que nos aggredia com força das tres armas e em numero avultado, figurando tres batalhões de infantaria, duas peças de artilharia ligeira e cavallaria, que apparecia e desapparecia no bosque; mas reforçadas as guerrilhas com uma ala do 2.º batalhão de voluntarios muito bem commandada, batalhão esse a que pertencia a guerrilha de infantaria, facil foi pôr aos Paraguayos em completa derrota, até á posição que actualmente occupo, em espesso bosque abaixo de Itapirú.

« Por ser tarde estabeleci o acampamento das duas divisões e oito peças de artilharia, que compunham a expedição sob o meu commando, em bom campo, com vantajosas posições, e onde póde estabelecer-se todo o exercito, no caso de continuar a chuva que cahe com abundancia desde hontem ás 2 horas da tarde.

« Desde o desembarque até este ponto ha uma boa estrada de rodagem, que provavelmente segue para Itapirú. Quando cessou a perseguição que fizemos ao inimigo, o qual embrenhava-se nos bosques que tenho em frente, voltou subitamente á carga um corpo de cavallaria paraguaya contra um piquete do 12 de linha que estava em frente da artilharia; com uma descarga e uma carga de baioneta do piquete, voltou a cavallaria paraguaya para os seus montes, deixando alguns mortos.

« Tomamos ao inimigo 5 prisioneiros feridos e 41 mortos, tendo a minha força até hontem á noite 3 mortos e 10 feridos, incluso um official subalterno. No decurso da noite precedente foram mortos dous Paraguayos e ferido gravemente um dos que ficaram escondidos nos grandes paues que ha n'este campo, e que protegidos pela noite faziam fogo sobre as sentinellas. A's 8 horas da noite atacaram-me a primeira linha de vedetas, foram rechaçados, voltando ao paul donde tinham sahido, e causando apenas leves ferimentos em tres praças do 1.º batalhão de linha, que formava a dita linha.

« Ao anoitecer veio ver-me o Sr. general Flôres, com quem

desde logo me puz de accordo sobre ulteriores movimentos. — *Osorio.*

« P. S.— O inimigo apresentou-se hoje forte e combate vivamente. »

«— Exm. Sr. general D. Bartholomeu Mitre.—O Sr. marechal Osorio destingue-se com as forças brasileiras combatendo como heróes. Hoje tomaram ao inimigo duas peças e uma bandeira. Já estamos com todas as forças reunidas. O general Paunero vai fallar-lhe em nome do general Osorio e no meu, para combinar o ataque de Itapirú. Receba as minhas felicitações pelo triumpho das armas alliadas. Mande-nos munições e alguns viveres para o primeiro corpo argentino. Hoje poderão vir as forças que fôr possivel enviar durante o dia, apezar de que considero sufficiente a que ha.—*Venancio Flôres.*

« Campo 17 de Abril de 1866.

« P. S.—O melhor desembarque é em frente d'este campo, não obstante ser a praia um pouco larga. »

« Quartel general do commando em chefe do exercito imperial ao norte de Itapirú, Abril 18 de 1866.

« Illm. e Exm. Sr.—Depois da minha primeira parte datada de hontem ás 8 e meia horas da manhã, quando começava o terceiro ataque do inimigo, occorreu o seguinte.

« O inimigo foi outra vez vencido, deixando no campo uma bandeira e mais de 400 mortos, muitos gravemente feridos, alguns prisioneiros, duas peças de artilharia, porção de armamento de toda a sorte, e muitos cavallos ensilhados.

« O inimigo trouxe este combate a um terreno muito estreito, quatro batalhões, tres peças de artilharia e dous esquadrões de cavallaria. Dispuz dous batalhões pela margem do Paraná, flanqueando o inimigo pela esquerda; tendo este que attender ao fogo dos meus dous batalhões, nos deu o flanco direito, que haviam coberto com sua artilharia, o que reconhecendo mandei atacal-os pelo referido flanco direito por outro batalhão, e tornando-se geral o choque, a fuga do inimigo, como fica exposto foi o résultado.

« Nossas tropas portaram-se com bizarria, e temos a lamentar a perda de alguns bravos e uns 180 feridos. A pressa com que faço esta communicação a V. Ex. não me dá lugar para mais pormenores, e para fazêl-a com a conveniente regularidade. Accrescentarei que os Srs. generaes Flôres e Paunero, havendo desembarcado na noite de 16 do corrente com as forças orientaes e argentinas que commandam, chegaram hontem á posição que eu occupava, de onde observaram a operação que fica relatada. Felicito a V. Ex. por este successo.

« Esta manhã chegaram as nossas forças ao norte de Itapirú, a avançada até á ponte do ultimo riacho que nos separa do acampamento inimigo, havendo este abandonado nas ruinas do forte de Itapirú duas peças de artilharia de calibre 68

de primeira classe; e effectuado a retirada com tanta precipitação que deixou intactas as pontes de communicação d'este lado do riacho, duas carretas e porção de munição.

« Deus guarde a V. Ex.

« Illm. e Exm. Sr. brigadeiro general D. Bratholomeu Mitre, digno commandante do exercito alliado em operações contra o Paraguay.—*Manoel Luiz Osorio*, marechal de campo. »

«— O general em chefe do exercito oriental.—Itapirú, 18 de Abril de 1866.

« Ao Exm. Sr. brigadeiro-general D. Bartholomeu Mitre, general em chefe dos exercitos alliados.

« Cumprindo as disposições adoptadas, puz-me em marcha em direcção ao mesmo ponto onde havia desembarcado a primeira expedição invasora do territorio inimigo ás ordens do Exm. Sr. marechal Osorio, cerca de meia legua acima das Tres-Bocas, no rio Paraguay; chegando ao referido ponto ás 5 horas da trade do mesmo dia, immediatamente ordenei o desembarque das forças ás minhas ordens, que se compunham do 1.º corpo do exercito argentino e de uma divisão de infantaria pertencente ao exercito oriental.

« Tanto pela hora adiantada como por outras difficuldades que offerecia o estado do rio e o mesmo ponto do desembarque, em consequencia da copiosa chuva que cahio, tive de suspender esta operação depois de ter saltado em terra uma parte da referida força, com a qual me puz em marcha, procurando incorporar-me ao Exm. Sr. marechal Osorio, atravessando para esse fim todo o espaço que d'elle me separava, e que é todo um continuo e profundo banhado, conseguindo pôr-me em communicação e accordo com o mesmo Exm. Sr. general n'essa noite.

« Na manhã de hontem o Sr. general Paunero, de conformidade com as instrucções que lhe havia dado, continuou o desembarque do resto da força ás minhas ordens, sem desastre algum, imcorporando-se logo a mim.

« Reunida assim toda esta expedição de combinação com a 1.ª do Sr. marechal Osorio, temos seguido avançando até este ponto, tendo antes tido lugar, na manhã de hontem, o ataque ás forças brasileiras por parte de outras paraguayas, de que terá informado a V. Ex. o dito Sr. marechal, assim como do seu brilhante resultado para as armas alliadas.

« Felicito a V. Ex. pelo exito feliz que teve o plano combinado para a invasão do territorio inimigo, realisado com tanta perda e desmoralisação para este, como gloria e honra para os exercitos alliados.

« Deus guarde a V. Ex.—*Venancio Flôres* »

« O general em chefe do exercito alliado.—Quartel-general nas ruinas do Itapirú, 19 de Abril de 1866.

« Ao Exm. Sr. vice-presidente da Republica Argentina D. Marcos Paz.

« Tenho a honra de remetter a V. Ex, o boletim n. 2 do exercito alliado, contendo as partes que noticiam a invasão do territorio inimigo pelo Passo da Patria, pelas forças do exercito alliado: cujo feliz e glorioso acontecimento succedeu no dia 16 do corrente: assim como dos combates sustentados por essas mesmas forças contra outras do inimigo, que se oppuzeram á passagem no acto de effectuar-se o desembarque, e outras que se apresentaram a meio caminho de Itapirú; tendo-se em ambos os encontros conduzido as ditas forças, na sua totalidade brasileiras e ás ordens do Sr. marechal Osorio, com toda a honra e bizarria, derrotando o inimigo e causando-lhe sensiveis perdas em mortos, feridos e prisioneiros, e arrancando-lhe como trophéo uma bandeira paraguaya e duas peças de artilharia. Felicito a V. Ex. por estes importantes feitos de tanta transcendencia para os ulteriores da campanha, e que tanto honram os governos e povos alliados.

Deus guarde a V. Ex.—*Bartholomeu Mitre.* »

« Quartel general do commando em chefe do 1.° corpo do exercito em operações. — Acampamento na Republica do Paraguay, junto ao Passo da Patria, 25 de Abril de 1866.— Ordem do dia n. 152.

« S. Ex. o Sr. general em chefe, congratulando-se com o exercito de seu commando pelo feliz successo da operação que nos deu a posse das posições que occupava o inimigo n'esta margem do Paraná e conseguintemente a' passagem franca dos exercitos alliados para o territorio paraguayo; manda fazer publico ao mesmo exercito as partes especiaes dos corpos das duas divisões que compuzeram a expedição, os quaes tiveram occasião de se encontrar em combate com o inimigo, afim de que chegue ao conhecimento de todos o modo porque foi apreciado o comportamento d'aquelles que se distinguiram.

« S. Ex. não acredita que os dignos commandantes, a quem coube a gloria de levar seus commandados a combate, deixem de ser rigorosamente justos na relação dos factos e nas informações sobre os seus autores; comtudo se por qualquer omissão ou engano alguma das mesmas informações fôr incompleta ou menos justa, permitte que os prejudicados reclamem pessoalmente a S. Ex.

« Outrosim, dirigindo S. Ex. em pessoa as operações e não permittindo a estreiteza e condições especiaes do terreno por onde foi atacada a força inimiga, que as duas divisões ou suas brigadas se desenvolvessem com todos seus elementos, o mesmo Exm. Sr. julga do seu dever dar directamente conhecimento ao exercito do procedimento dos officiaes e praças que, ou por pertencerem a corpos especiaes, ou por exercerem funcções do estado maior, não podem ser contemplados nas partes dos commandantes dos corpos, que abaixo vão publicadas.

« Os Srs. brigadeiros Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, chefe do estado maior, Antonio de Sampaio, Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, commandantes da 3.ª e 1.ª divisão; os Srs. coroneis Jacintho Machado Bittencourt, commandante da 7.ª brigada e que commandou a força da vanguarda no ataque da manhã do dia 17; Carlos Resin commandante da 10.ª brigada; André Alves Leite de Oliveira Bello, da 5.ª; e D. José Balthazar da Silveira, da 8.ª, não desmentiram o conceito de que gosam, guardando seus respectivos postos com serenidade, activando e dirigindo cada um em sua parte o movimento das fracções de forças do seu respectivo commando, á medida que as circumstancias do terreno o permittiam, ou que a necessidade se apresentava de reforços n'este ou n'aquelle ponto.

« Os officiaes que compunham o estado maior de cada um d'estes generaes e commandantes de brigada não deixaram de desenvolver a actividade precisa e exigivel, quando a qualquer d'elles cabia a vez de transmittir ordens ou guiar forças.

« Os Srs. commandantes dos corpos que tomaram parte nos combates parciaes e geral dos dias 16 e 17 do corrente até chegarmos a tomar posse do forte de Itapirú e suas visinhanças, são especialmente felicitados por S. Ex. pelo sangue frio, valor e actividade que patentearam. O Sr. major Manoel Deodoro da Fonseca, commandante do 2.º de voluntarios, dirigindo com denodo a vanguarda, composta das fracções de differentes corpos que já haviam desembarcado no momento em que o piquete de S. Ex. se achava em luta com o inimigo no desfiladeiro do banhado, avançando intrepidamente em apoio do mesmo piquete e obrigando o inimigo a bater-se em retirada, prestou relevantissimo serviço na protecção do desembarque da nossa força. Os Srs. tenentes-coroneis Domingos José da Costa Pereira, commandante do 12.º batalhão de infantaria; Joaquim Mauricio Ferreira, do 10.º corpo de voluntarios; Francisco Antonio de Souza Camisão, do 8.º batalhão de infantaria; Salustiano Jeronymo dos Reis, do 2.º da mesma arma; majores Francisco Frederico Figueira de Mello, commandante do 26.º corpo de voluntarios; Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, commandrnte do 1.º batalhão de infantaria; Augusto Cesar da Silva, commandante do 13.º da mesma; João de Souza Fagundes, commandante do 16.º da mesma arma; e Innocencio Cavalcanti de Albuquerque, commandante do 11.º corpo de voluntarios, cujos corpos tiveram occasião de entrar em fogo no dia 16 e principalmente no dia 17, mostraram-se dignos da confiança que até ao presente tem mericido de S. Ex.

O Sr. tenente-coronel Emilio Luiz Mallet, commandante do 1.º regimento de artilharia a cavallo, que dirigia as oito bocas de fogo que acompanhavam a expedição, confirmou os

seus precedentes, desenvolvendo a actividade, bravura e energia que ha muito lhe são conhecidas.

O Sr. tenente-coronel José Carlos de Carvalho, chefe da commisssão de engenheiros, que acompanhou o Sr. general em chefe no dia 16, mostrou-se activo e zeloso em coadjuval-o n'aquillo para que podia concorrer.

« Não tendo sido possivel embarcar todos os animaes dos ajudantes d'ordens e mais officiaes em serviço junto a S. Ex., bem a seu pezar ficaram do outro lado alguns d'estes; esta desagradavel occurrencia, porém, fez com que os que o acompanhavam mais desenvolvessem a sua actividade, como para preencherem a falta de seus camaradas que não puderam passar.

« O Sr. tenente-coronel João Simplicio Ferreira, empregado junto a S. Ex., cuja bravura já ha muito é conhecida, fez excessos de energia; o Sr. tenente Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, commandante do piquete de S. Ex., o mesmo que no ataque da ilha fez-se admirar dos seus camaradas pelo valor e energia que desenvolveu, não foi menos admiravel combatendo com a pequena força de cavallaria que primeiro teve de fazer frente ao inimigo, continuando depois a exercer com a mesma energia as funcções de ajudante de ordens; os Srs. tenente-coronel Candido Antonio Figueiró; capitães do 3.º regimento de cavallaria ligeira Izidoro Fernandes de Oliveira, e do 1.º corpo da brigada ligeira Luiz Alves Pereira, que n'esta occasião fizeram parte do estado maior de S. Ex., ajudantes de campo, tenente Manoel Jacinto Ozorio e alferes Manoel Luiz Ozorio, portaram-se muito dignamente, nada deixando a desejar no cumprimento de seus deveres.

S. Ex. elogiando a intrepidez e serenidade do Sr. capitão Luiz Costa, commandante dos poucos atiradores a cavallo da brigada ligeira que n'aquella occasião formavam o seu piquete, lamenta profundamente que tivesse a infelicidade de ser baleado gravemente no combate da manhã de 17.

« Os mais officiaes inferiores e soldados que compunham o piquete de S. Ex. cumpriram o seu dever.

« Plenamente satisfeito do comportamento dos poucos batalhões que têm tido occasião de medir-se com o inimigo, S. Ex. reconhece com prazer que, além do brio natural que anima e enche de valor o soldado brasileiro no combate, não tem sido perdidos os esforços empregados em sua disciplina e instrucção, e que os differentes chefes bem tem correspondido á confiança que lhe tem merecido.

« S. Ex. O Sr. general em chefe entende que faltaria a um dever sagrado se n'esta occasião e perante o exercito de seu commando deixasse de manifestar-se grato aos nossos bravos irmãos de marinha e ao seu digno chefe pelo muito que concorreram para o feliz exito da nossa expedição, coadju-

vando o transporte das tropas para este lado, já metralhando o inimigo e desconcertando-o em súa retirada, já finalmente bombardeando o seu decantado acampamento entrincheirado no Passo da Patria, sendo só á ella devido o desalojamento precipitado do grosso de suas forças, que, guardadas em suas trincheiras, julgavam poder-nos impedir o passo para o Humaitá. »

Com esta ordem do dia do marechal Manoel Luiz Osorio, publicaram-se as partes dos commandantes dos corpos dadas ao mesmo general do que occorreu em cada corpo no dia do desembarque do exercito e nos seguintes; as quaes por serem muito extensas não as incluimos aqui, e tambem porque pouco interessam aos leitores.

O correspondente do exercito communicou com data de 25 de Abril, algumas particularidades interessantes, que convém mencionar.

« A passagem do rio no dia 16, ou antes o desembarque no territorio paraguayo, pois a largura do rio é de mais de 400 braças, foi feita n'aquelle dia na margem do Paraguay, na peninsula formada por aquelle rio e o Paraná. Ahi desembarcaram as duas divisões brasileiras, 1.ª expedição; devendo ter desembarcado na margem do Paraná, nas visinhanças do forte de Itapirú, a 2.ª expedição um pouco depois, protegida pela esquadra, plano sabiamente combinado que, distrahindo as fòrças inimigas, nos teria dado mais prompta e mais completa victoria, sem lamentar-mos a perda de tantos bravos.

« Infelizmente o máo fado antes a falta de intelligencia pensadora, transtornou estes planos da guerra, e a 2.ª expedição, apezar de embarcada desde o amanhecer do dia 16, ficou no meio do rio até anoitecer, porque houve quando menos se esperava, uma ordem para não continuarem então os vapores o rumo para a costa de Itapirú. Na vida militar a razão humana se aniquilla sob a massa de ferro da *ordem superior*. A obediencia, que reconheço ser uma alta qualidade de regularisação do serviço, seria uma virtude na guerra utilissima, se todos os chefes tivessem tino e sciencia da tactica militar: não obstante é dever. (*)

« Os inimigos concentraram-se sobre os nossos 8,474 homens (que a tanto orçavam, como já disse, os primeiros desembarcados) todas as suas forças de cavallaria, de artilharia e de infantaria que se achavam em Itapirú e no Passo da Patria, que d'aquella fortaleza não dista mais de uma legua.

(*) Em muitos lugares encontram os leitores factos que justificam o que temos dito sobre a má direcção que se deu á guerra desde o principio.

« O porto do nosso dasembarque ficava, pois, a uma legua de Itapirú e a duas do Passo da Patria. Nos combates travados na tarde de 16 e na manhã de 17, nos quaes os nossos fizeram prodigios de valor, levando o inimigo de vencida e em retirada tivemos mortos 64, sendo 2 capitães; feridos 287 sendo 15 oficiaes; extraviados 5; total fóra do combate 356.

. . . .

« Essas mesmas perdas seriam muito menores se o plano de distrahir as forças inimigas se tivesse realisado; a esquadra indo bombardeando toda a costa desde a peninsula até o Passo da Patria, desembarcando a 2.ª expedição na visinhança do forte de Itapirú, como a razão e a tactica militar o estavam exigindo, e como fôra o accôrdo tomado com a audiencia da commissão de engenheiros, ao que ouvi eu dizer.

« O que é certo, é, que quando presentiram os inimigos o nosso desembarque na peninsula, não só affluiram para aquelle ponto as forças de Itapirú, mas tambem as do Passo da Patria. Eu vi de longe a nuvem immensa de pó que se levantou na direcção da estrada do Passo da Patria para Itapirú, a qual é parallela ao rio. Essa nuvem de poeira é o documento da velocidade e do numero dos inimigos que d'ahi marcharam para o lugar da acção no dia 16.

« O combate de 17 é outra prova, pois o boletim official da parte do general Osorio diz que nossas forças foram acommettidas pelas tres armas do inimigo.

« Durante o dia 17 os Paraguayos, que tinham calado a bateria do forte ás 8 horas da manhã e arriado sua bandeira, dispuzeram com vagar a fuga ou retirada para o Passo da Patria, o que effectuaram na madrugada de 18 com vagar, destruindo as pontes que havia sobre os arroios e alagadiços.

« Poderiam as nossas forças ter feito grande numero de prisioneiros se tivessem desembarcado os soldados de cavallaria, que não tinham entrado em nenhuma das expedições. Chegadas na manhã de 18 as nossas forças ao forte de Itapirú, de cujo estado já dei noticia, ahi acampamos, á espera da passagem do resto do exercito e da construcção de nossas pontes, para marcharmos sobre o Passo da Patria, onde o inimigo se encontrava com intuito de esperar-nos ahi.

« E' realmente o Passo da Patria um magnifico ponto estrategico. Em uma collina, banhada pelo lado meridional pelo rio Paraná, e por leste por immenso alagadiço ou lagôa que contorna aquella povoação, e trincheiras pelo lado septentrional e por oeste em grande parte, era um ponto estrategico, cuja posse nos custaria milhares de vida se o inimigo ahi permanecesse fortificado como se achava.

« A nossa commissão de engenheiros, solicita e trabalha-

dora como se tem mostrado sempre, procurou desde o dia 18 fazer os necessarios reconhecimentos, expondo-se aos maiores perigos, tendo chegado até a tiro de revolver das trincheiras inimigas, audacia que ia custando a vida a dous de seus membros, os Drs. Carvalho e José Simeão, sobre quem dispararam os inimigos alguns tiros, ao descortinarem na floresta esses dous engenheiros. Continuava a commissão em seus trabalhos, tendo já feito construir tres pontes, sendo duas estivas propriamente, e dispunham-se a construir a ultima no lugar em que o alagadiço mais se estreita e se aprofunda. Como esse ponto fica em frente do angulo e da face occidental das baterias, era arriscadissima a construcção da ponte, pois os inimigos fariam sobre os trabalhadores um fogo vivo que seria todo aproveitado.

« Entre os obstaculos que um exercito póde encontrar em sua marcha, os mais frequentes são ordinariamente os que provém das aguas. Infelizmente o Brasil tem sido obrigado a vencer todos esses obstaculos, pois a guerra que estamos fazendo desde 1864 é em planicies cheias de banhados, de alagadiços, de lagôas, de rios, das planicies, emfim, onde existe a grande bacia d'agua doce que se chama o Prata. Os rios e lagôas que tinhamos passado até agora não estavam diante das bocas de fogo do inimigo.

« O Paraná, que passamos no dia 16, e a lagôa, que deviamos passar depois, eram fortificações naturaes favoraveis ao exercito inimigo. Já estava passado o rio, já estavamos no territorio do Paraguay; mas a lagôa estava agora em frente ao ponto mais fortificado do inimigo, debaixo de suas baterias. A commissão de engenheiros entendeu muito bem que convinha levantar trincheiras para proteger o trabalho da ponte, que ia ser feita no lugar mais estreito do alagadiço, cuja distancia era de 80 braças pouco mais ou menos. Na madrugada de 23, estavam já levantadas as trincheiras, e assentadas sete peças de 6 raiadas. Ao amanhecer devia começar o trabalho da ponte. Na vespera, em uma exploração em que eu acompanhei os engenheiros, vi os inimigos em grande actividade nas suas trincheiras; fingiam preparar-se para uma resistencia forte.

. . . .

« Eram esses trabalhos e actividade apenas um estratagema. Pelas 4 e meia horas vimos uma chama vasta, immensa, envolta em columnas de fumo espesso, envolver toda a povoação e fortificações inimigas. Era o espectro da destruição e do exterminio a apertar com seus braços de fogo as casas da cidadella, e estortegando-as aniquilal-as. Era a esphynge da morte lambendo com as linguas em labareda essas fileiras de choupanas, arruadas, bem construidas, com os recursos de que dispõe esta china guarany, e reduzindo-as a cinzas.

« Os inimigos tinham fugido. Nossas forças já desembarcadas, que eram de infantaria pela maior parte, pois a cavallaria ainda estava do outro lado (provincia de Corrientes), não pôde perseguil-os a tempo. Todavia, uma porção da cavallaria de Flôres foi-lhe no encalço. Não sei o que fez, pois o immenso alagadiço devia impedir-lhe a marcha até o Passo da Patria, e nossas pontes não estavam ainda concluidas. Felizmente hoje pela manhã passei para o lugar d'onde lhe escrevo e vi irem-se terminando as duas ultimas pontes, uma, a mais importante, sobre mais de 60 chalanas, e outra de esteios e terra.

« A sciencia do engenheiro tinha vencido os obstaculos, e sobre a ponte fluctuante desfilavam esses milhares de homens com a maior segurança. Vinha em frente a cavallaria de Flôres, seguia-se a nossa cavallaria (brigada ligeira) sob o commando do general Netto, e depois a cavallaria de Mitre. Após vinha a artilharia, puchadas as carretas por animaes. » (*)

Terminamos este segundo volume com os primeiros combates no territorio do Paraguay pelas tropas brasileiras sob o commando do marechal Osorio.

A primeira invasão dos Paraguayos foi no territorio brasileiro; as primeiras tropas que entraram no Paraguay foram as brasileiras: parece que o acaso determinou que a nação primitivamente offendida fosse que devia de preferencia procurar desaggravar-se.

Nos combates de 16 e 17 de Abril mostrou o general Osorio a sua pericia militar fazendo bater os Paraguayos, que se retiraram com perdas sensiveis, empregando o general brasileiro pouca força do exercito para o conseguir.

Se estes serviços foram já importantes, maiores prestou aquelle distincto general nos combates de 2 e de 24 de Maio, quando a impericia, a imprevidencia e o descuido deixaram que os Paraguayos viessem sorprehender o exercito alliado nos seus acampamentos. Vamos occupar-nos d'estes acontecimentos no 3.º volume, bem como da campanha feita pelo general Marquez de Caxias.

FIM DO 2.º VOLUME

(*) Extrahido do *Jornal do Commercio* do 1.º de Junho de 1866.